
"Thea Guanzon's talent is limitless. . . . Mark my words: lives will be changed by the Hurricane Wars trilogy."
—ALI HAZELWOOD, #1 New York Times bestselling author
THIS SHATTERED TEMPEST
A HURRICANE WARS NOVEL
THEA GUANZON
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

AVISO

Esta tradução foi realizada de fã para fã, tratando-se de uma obra sem previsão de lançamento no território nacional. Não mantemos acervo e não compactuamos com qualquer método de comercialização. O lucro obtido por terceiros ocorre sem o apoio ou parceria do grupo Tradução EPUB. O uso deste material destina-se exclusivamente ao consumo privado, nos termos da Lei nº 9.610/98.

Siga nosso grupo no Telegram


TRADUÇÃO EPUB
Cada página abre
um novo mundo.

Sinopse

A conclusão aguardada da trilogia *New York Times* best-seller Hurricane Wars finalmente chega — e enquanto os ventos da guerra varrem Lir, Talasyn e Alaric devem confrontar a verdade de seus corações e decidir se o dever ou o desejo os guiará adiante.

Quando a tempestade engolir o mundo, quem restará de pé?

Ao longo de seu casamento político, Alaric e Talasyn lutaram para resistir à atração inegável entre eles, mesmo enquanto as tensões crescentes os forçavam a lados opostos de uma guerra iminente. De mãos dadas, eles derrotaram a ameaça cataclísmica da Escuridão Sem Lua — e começaram a ter esperança em um futuro juntos.

Essa esperança é despedaçada quando um ataque devastador desencadeia uma série de eventos que os separa mais uma vez. Agora, enquanto duas nações rivais se preparam para um confronto final e decisivo, o Mestre da Legião Forjada nas Sombras e a última Tecelã da Luz lutam para encontrar o caminho de volta um para o outro. Mas as chances são...

Data de lançamento: 15/10/2026

THIS SHATTERED TEMPEST

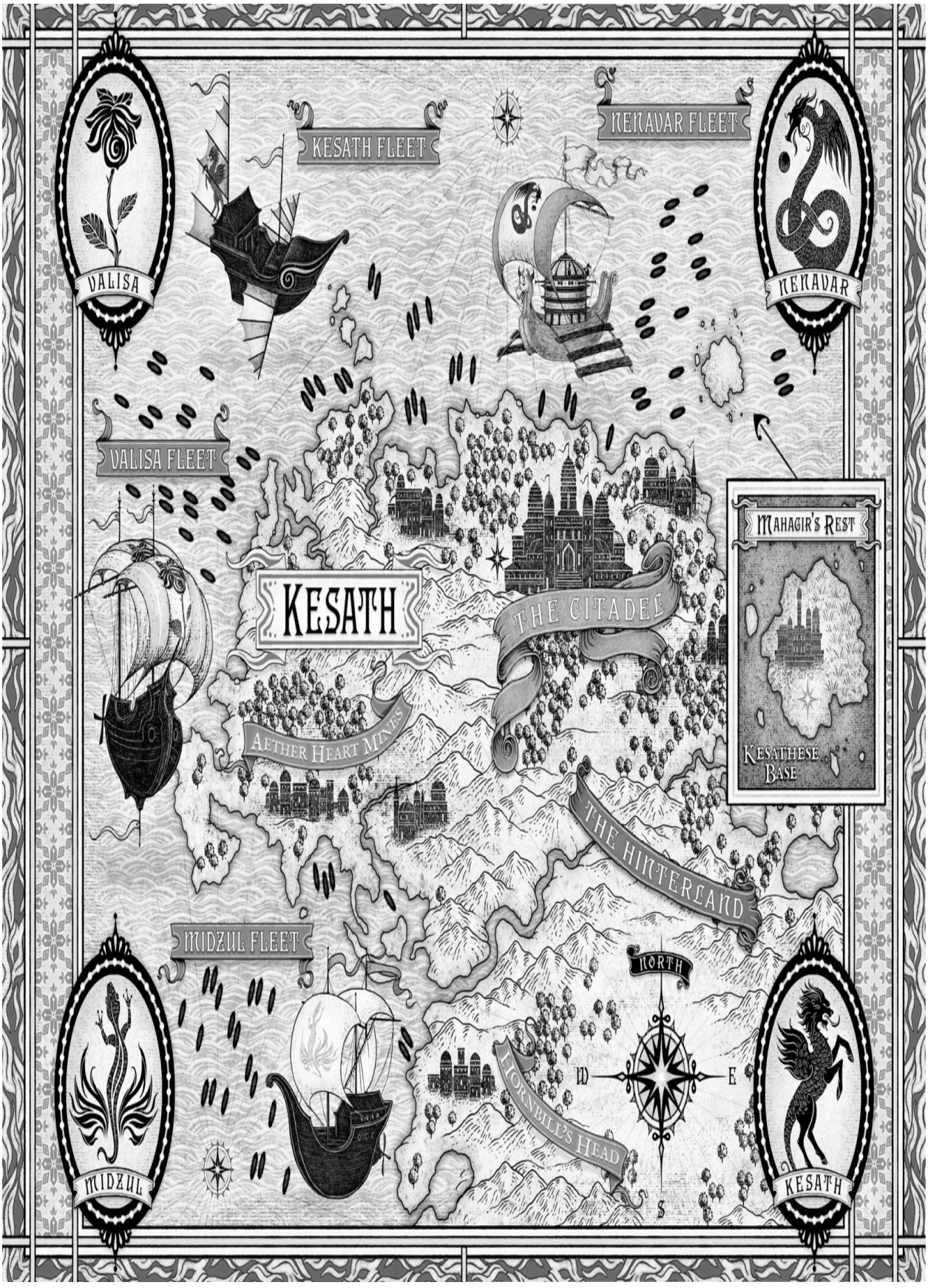
A HURRICANE WARS NOVEL

THEA GUANZON



HARPER Voyager
An Imprint of HarperCollins*Publishers*

Mapa


KESATH FLEET
KENAVAR FLEET
VALISA
KENAVAR
VALISA FLEET
KESATH
THE CITADEL
MAHAGIR'S REST
KESATHESE BASE
AETHER HEART MINES
THE HINTERLAND
MIDZUL FLEET
NORTH
W
E
S
HORNBILL'S HEAD
MIDZUL
KESATH

Nota aos Leitores

Este ebook contém os seguintes recursos de acessibilidade que, se suportados pelo seu dispositivo, podem ser acessados por meio das configurações do seu e-reader/acessibilidade:

- Alteração do tamanho da fonte e do espaçamento entre linhas
- Alteração das cores do plano de fundo e da fonte
- Alteração da fonte
- Alteração do alinhamento do texto
- Conversão de texto em fala
- Números de página extraídos da seguinte edição impressa: ISBN 9780063277359

Epígrafe

Para os tagarelas, os descalços, os destemidos:
"Não conseguimos manter os bordéis, mas ficamos com a dor."
—Lydia W., setembro de 2025

Sumário

1. *Capa*
2. *Folha de Rosto*
3. *Mapa*
4. *Nota aos Leitores*
5. *Epígrafe*
6.

7. Parte I
    1. Capítulo Um
    2. Capítulo Dois
    3. Capítulo Três
    4. Capítulo Quatro
    5. Capítulo Cinco
    6. Capítulo Seis
    7. Capítulo Sete
    8. Capítulo Oito
    9. Capítulo Nove
    10. Capítulo Dez
    11. Capítulo Onze
    12. Capítulo Doze
    13. Capítulo Treze
    14. Capítulo Quatorze
8. Parte II
    1. Capítulo Quinze
    2. Capítulo Dezesseis
    3. Capítulo Dezessete
    4. Capítulo Dezoito
    5. Capítulo Dezenove
    6. Capítulo Vinte
    7. Capítulo Vinte e Um

8. Capítulo Vinte e Dois
9. Capítulo Vinte e Três
10. Capítulo Vinte e Quatro
11. Capítulo Vinte e Cinco
12. Capítulo Vinte e Seis
13. Capítulo Vinte e Sete
14. Capítulo Vinte e Oito
15. Capítulo Vinte e Nove
16. Capítulo Trinta
17. Capítulo Trinta e Um

9. Parte III
    1. Capítulo Trinta e Dois
    2. Capítulo Trinta e Três
    3. Capítulo Trinta e Quatro
    4. Capítulo Trinta e Cinco
    5. Capítulo Trinta e Seis
    6. Capítulo Trinta e Sete
    7. Capítulo Trinta e Oito
    8. Capítulo Trinta e Nove
10. Parte IV
    1. Capítulo Quarenta
    2. Capítulo Quarenta e Um
    3. Capítulo Quarenta e Dois
    4. Capítulo Quarenta e Três
    5. Capítulo Quarenta e Quatro
    6. Capítulo Quarenta e Cinco
    7. Capítulo Quarenta e Seis
    8. Capítulo Quarenta e Sete
    9. Capítulo Quarenta e Oito
    10. Capítulo Quarenta e Nove
    11. Capítulo Cinquenta
    12. Capítulo Cinquenta e Um
    13. Capítulo Cinquenta e Dois
    14. Capítulo Cinquenta e Três
    15. Capítulo Cinquenta e Quatro
    16. Capítulo Cinquenta e Cinco
11. Epílogo

12. *Agradecimentos*

13. *Sobre a Autora*
14. *Livros de Thea Guanzon*
15. *Copyright*
16. *Sobre a Editora*

Parte I

Capítulo Um

Inflexível. No controle. Era assim que ele sempre vivera, como sempre lutara. Entre as fileiras da Legião Forjada nas Sombras, ninguém mantinha a calma de forma tão absoluta no auge do combate — ataques desferidos com precisão fria, a estratégia ressoando por trás de cada golpe poderoso.

Então *ela* viera até ele, e ele mudara e se desestruturara, e agora havia uma parte dele que só conseguia observar através dos olhos do pai enquanto um assassino caía e ele se voltava violentamente para o próximo, lutando como um louco, com o rosto rubro e imprudente. Todas as tentativas de se acalmar — qualquer tendência que pudesse ter de calcular — haviam desaparecido há muito tempo. Abafadas pelo instinto bruto e clamoroso de matar todos aqueles que ameaçassem ferir sua esposa.

Cacos de vidro estendiam-se pelo chão de mármore do salão de baile em filetes iluminados pelo luar, intercalados com móveis tombados, cortinas caídas e pétalas de rosa esmagadas. O rastro cintilante serpenteava de um corpo morto ao outro, conectando-os como se fossem estrelas inertes em alguma constelação macabra e terrena.

Alguns dos cadáveres vestiam mantos elegantes, seus olhos cegos encarando o vazio por trás de máscaras ornamentadas e incrustadas de joias. Outros trajavam a armadura dos soldados de Iantas. O restante usava os elmos rudes e as túnicas de couro da horda de assassinos que descera sobre o castelo, interrompendo as festividades realizadas para celebrar o triunfo do Imperador da Noite e da Lachis'ka nenavarense sobre a Escuridão Sem Lua. Uma festa da mais alta ordem, destinada a honrar a vida arrancada das mandíbulas do Devorador de Mundos... agora em ruínas, entregue à podridão.

Em meio a toda essa devastação, uma foice de guerra — forjada com redemoinhos de magia das sombras colhidos das correntes prateadas do éter — cantava nas mãos de quem a empunhava, estalando e gutural. A lâmina em forma de crescente cortou o ar em um arco letal, e o último assassino desabou com um grito, juntando-se aos seus companheiros desgraçados no mar imóvel de vidro e rosas aos pés de Alaric Ossinast.

Mas Alaric não percebeu que ele era o último. Normalmente, ele teria reservado um tempo para avaliar o campo de batalha em busca de qualquer oponente que ainda estivesse de pé; naquela noite, porém, ele fora reduzido aos seus impulsos mais primitivos. Ele golpeou ao menor lampejo de movimento,

sua foice de guerra transmutando-se em uma faca de arremesso, que ele lançou na direção da figura vestida de preto que se aproximava.

"Maldição, Vossa Majestade!"

O grito irado de Sevraim perfurou a névoa da sede de sangue de Alaric. O legionário estendeu o braço, e um escudo cor de tinta materializou-se em sua mão. A faca de arremesso enterrou-se nele em vez de colidir com sua garganta, e então tanto o escudo quanto a arma desapareceram.

Alaric não se deu ao trabalho de pedir desculpas. Seu olhar já escaneava o salão de baile em busca de Talasyn. A única coisa em sua mente era que precisava conduzi-la a algum lugar seguro e protegido o mais rápido possível.

Ele viu um pequeno contingente de soldados do castelo fazendo um inventário solene dos mortos. Viu membros da guarda real de Talasyn, que lutaram ao seu lado, embainhando lentamente suas armas, olhando ao redor com alarme ao chegarem à mesma conclusão que ele.

Talasyn estava... em lugar nenhum.

Não.

A fratura começou no fundo do estômago de Alaric. Ela subiu até seu peito e fluiu para todo o resto, empurrada por suas veias pelas batidas vacilantes de seu coração, tornando-se mais larga e lancinante até que todo o seu ser ficasse dormente. Rachado ao meio, com a única esperança de reparo dependendo do momento em que uma garota em verde e ouro, com olhos como fogo, emergisse da escuridão.

Esse momento jamais chegou.

Ela não está aqui.

Alaric recusava-se a acreditar no que seus olhos lhe diziam. Ele explodiu em movimento, vasculhando cada centímetro do vasto salão, chutando pilhas de escombros. Era o medo, gélido e lancinante, que o impedia de inspecionar os corpos no chão com muita proximidade. Mas certamente ela não poderia estar entre eles. Ela estivera se defendendo mais do que suficientemente na última vez que ele a vira, com a Lightweave resplandecendo forte e pura enquanto ela derrubava seus inimigos.

Ele jamais deveria ter desviado o olhar dela. Nem por um segundo.

Deveria ter se acorrentado ao lado dela, quer ela gostasse ou não.

A possibilidade de que Talasyn pudesse nunca mais desaprovar nada do que ele fizesse era perturbadora demais para ser contemplada. Alaric continuou procurando, plenamente consciente de que, para todos os outros, devia parecer um idiota que esperava que a esposa surgisse de trás de uma das mesas tombadas a qualquer instante. Ele só parou quando o som de novos passos enviou uma esperança selvagem reverberando por seu coração, e ele se virou para as portas

do salão de baile com um aperto na garganta, com um desespero para acreditar—

"Pelos ancestrais, eu ainda tenho o jeito!" Elagbi entrou a passos largos, radiante, vindo do triunfo de ter assumido o comando de uma nave e destruído, sozinho, qualquer dispositivo que tivesse sido colocado na varanda para ampliar o alcance do campo de nulificação dos sarimans. "Os timoneiros de hoje em dia poderiam aprender uma coisa ou outra com este velh..."

Ele deixou a frase morrer ao notar a ausência da filha. Os Lachis-dalo se reuniram ao redor do príncipe do Domínio, conferindo com ele em tons baixos e urgentes, e logo ele soltou um grito angustiado que ecoou pelo salão de baile.

Alaric mal percebia qualquer um deles, todas aquelas pessoas que não eram Talasyn. Havia uma névoa se instalando em sua mente, uma guerra entre a fúria fútil e a descrença veemente. Isso apagava todo o resto, tanto que ele não notara que Nalam Gao, a kaptan da guarda real de Talasyn, se afastara do grupo até ficar bem à sua frente.

"Imperador Alaric—"

"*Onde ela está?*" ele rugiu.

O maxilar quadrado de Gao se contraiu. "Ordenei que equipes de busca fossem enviadas imediatamente. Vamos vasculhar o castelo, os terrenos, a ilha inteira. Interrogaremos a todos. Enquanto isso, o senhor precisa de um curandeiro para tratar seu ferimento."

"O que eu *preciso*"—cada sílaba tremia de raiva, a besta terrível dentro dele uivando—“é encontrar *minha esposa*!"

Sevraim aproximou-se apressado. "Eu cuido disso", disse a Gao calmamente.

A kaptan ficou mais do que feliz em se ausentar. Alaric fez menção de segui-la. Ele queria detê-la — queria exigir que ela respondesse por ter perdido o rastro da Lachis’ka que jurara proteger — mas foi forçado a parar por Sevraim, que bloqueava seu caminho, inclinando a cabeça em uma demonstração de preocupação descarada.

"Você está gritando", disse o legionário. "Você nunca grita." Alaric lançou-lhe um olhar furioso, e Sevraim rapidamente acrescentou: "Você também está sangrando".

Alaric olhou para baixo. No meio do lado direito da túnica formal que o alfaiate Belrok havia bordado com tanto esmero, havia um rasgo vertical irregular, vertendo sangue sobre a seda verde e os fios dourados. Só então ele registrou a sensação ardente em suas costelas. Só então se lembrou de que Gao mencionara algo sobre um ferimento momentos atrás.

"Isso não importa", disse Alaric bruscamente. Não era como se suas entranhas estivessem saltando para fora. "Vamos nos juntar à busca".

"Depois que um curandeiro cuide de você", insistiu Sevraim, bloqueando seu caminho novamente quando Alaric tentou avançar.

Os olhos de Alaric brilharam em prata, sua magia emergindo à superfície. "Se você não sair da frente, Sevraim, eu passarei *por cima* de você".

Uma mão aristocrática pousou firmemente em seu ombro. Alaric girou, afastando-se de Sevraim, transferindo seu olhar virulento para o sogro.

Um homem de constituição esguia, no final dos seus quarenta anos, o Príncipe Elagbi sempre fora a imagem da frivolidade bucólica e da boa saúde, navegando pela vida com um interesse aguçado por seus prazeres mais refinados e nenhum interesse algum por seu lado mais bruto. Esta noite, porém, ele parecia ter envelhecido décadas nos minutos desde que soube que sua única filha estava desaparecida; havia linhas profundas nos cantos da boca, sulcos na testa e um olhar assombrado em seus olhos escuros. Havia uma qualidade frágil, quase translúcida em sua estrutura curvada — a de uma bétula que resistira a monções demais.

Apesar disso, seu aperto no ombro de Alaric era forte. Firmador.

"Você não terá utilidade alguma para minha filha se a ferida infeccionar", disse ele com rispidez. "Nós *iremos* encontrá-la. Mas você precisa se acalmar." Quando a fúria de Alaric não deu sinais de diminuir, o príncipe continuou em um tom mais suave. "Por favor, Vossa Majestade. Por Talasyn. Pense em como ela ficará irritada se você cometer um erro por não estar pensando com clareza. Ou se você morrer por causa desse corte insignificante".

"Não tenho medo de deixá-la irritada", rebateu Alaric.

Os lábios de Elagbi deram um espasmo lamentável. "Quem me diga. Vá com o curandeiro agora, bom rapaz. Deixaremos a situação nas mãos competentes da Kaptan Gao até que você esteja autorizado a assumir o comando".

Mesmo em meio à raiva negra que o dominava, Alaric teve de admitir que Elagbi tinha uma lógica frustrante. Talvez ele não tivesse ficado *completamente* louco. Era um pequeno consolo. Enquanto seguia o sogro para fora do salão de baile, Alaric refletiu com selvageria que, se fosse para alguém ter medo, Talasyn deveria ter medo *dele*. Pelos deuses, ele ia torcer o pescoço dela por fazê-lo passar por isso.

Depois de torcer o pescoço de todos que permitiram que isso acontecesse.

Meia hora depois, Alaric estava sentado, sem camisa, na beira de uma cama da enfermaria, com bandagens enroladas em sua cintura. Sua fúria não havia diminuído nem um pouco. Mas agora, ela estava tingida de desespero.

O primeiro relatório de progresso acabara de chegar, cortesia de Sevraim, que entregara a armadura de Alaric junto com as más notícias. O castelo fora

vasculhado minuciosamente de cima a baixo. Onde quer que Talasyn estivesse, não era ali.

Teria sido melhor — não muito, mas marginalmente, ao menos — se não houvesse plateia para testemunhar a maneira como o coração de Alaric se estilhaçou com as palavras de Sevraim. Infelizmente, a enfermaria estava cheia. A dama de companhia de Talasyn, Jie, e Niamha, a Daya de Catanduc, que outrora entregara a Alaric a proposta de casamento com a herdeira de Nenavar, estavam em camas próximas, cobertas de hematomas e escoriações. Vários outros nobres estavam com feridas sendo suturadas ou ossos sendo recolocados após a debandada em pânico. Mas a maioria das camas estava ocupada por soldados de Iantas, cujos ferimentos eram muito mais graves; a maioria estava consumida pelos efeitos do veneno que aniquilara as defesas do castelo; alguns não se moviam mais e tinham lençóis brancos cobrindo totalmente seus corpos, significando que já haviam partido para buscar a sombra dos bosques de salgueiros de Adapa, o Colhedor.

Não, não os salgueiros, Alaric corrigiu a si mesmo, distante. Os nenavarenos não tinham deuses; acreditavam que, ao morrerem, suas almas subiam aos céus, rumo aos navios de seus ancestrais, que navegavam pelo Céu Acima do Céu.

No estado em que se encontrava, ele não dava a mínima para nenhum dos soldados, estivessem eles envenenados, navegando em embarcações fantasmagóricas ou qualquer outra coisa. Talvez isso fizesse dele o bastardo que Talasyn sempre o acusava de ser, mas, no que lhe dizia respeito, todos haviam falhado em seu dever de manter sua esposa segura.

Ele havia falhado.

Ele daria qualquer coisa para que Talasyn atravessasse aquela porta naquele exato momento e o acusasse de ser todo tipo de coisa.

Sevraim silenciara, com o olhar fixo no lado direito do rosto de Alaric. Alaric descartara sua máscara de fantasia durante a batalha e, ali na ala, esfregara os pigmentos cintilantes que Belrok o forçara a usar. Era a primeira vez que Sevraim via a cicatriz pura que o sopro do Devorador de Mundos deixara na pele de Alaric, o padrão negro como fumaça que se expandia de sua têmpora até a bochecha.

Mas Sevraim era prudente demais para comentar sobre aquilo. "Ileis também desapareceu", disse ele.

Alaric estava tão absorto em pensamentos sobre Talasyn que sua mente se recusou a processar as palavras. "O quê?"

"Ileis", Sevraim repetiu pacientemente. "A legionária? Mais ou menos desta altura?" Ele nivelou a mão ao próprio pescoço. "Cabelos escuros, olhos

castanhos, indiscriminadamente assassina?" Percebendo claramente que Alaric estava prestes a lhe dar um soco, ele adotou uma expressão mais sombria. "Estávamos convocando a tripulação para o seu navio quando a luta começou." Parecia absurdo para Alaric que ele estivesse prestes a zarpar para o Continente segundos antes do ataque. Como aquele pesadelo acordado pudera começar com algo tão rotineiro? "Fui ao salão de baile para ajudar, enquanto Ileis disse que daria uma saída rápida pelos fundos, caso mais hostis se aproximassem do castelo pelo sul. Eu mesmo vasculhei os arredores agora pouco. Não havia sinais de luta, mas... também não havia sinal de Ileis."

"Ela vai aparecer", afirmou Alaric secamente. A alternativa era impensável. "Mesmo que tenha sido subjugada — mesmo que houvesse gaiolas de sariman envolvidas — se alguém sabe como sobreviver, é a Ileis."

"Acho que o mesmo vale para a Lightweaver", aventurou Sevraim. "Ela também ficará bem, Vossa Majestade."

Uma corrente grave e oculta passou entre os dois homens. Alaric teve a sensação terrivelmente inquietante de que Sevraim finalmente compreendera algo que ele mesmo não estava pronto para enfrentar. E não era apenas Sevraim — do outro lado da sala, Jie e Niamha encaravam Alaric como se nunca o tivessem visto antes. Na verdade, elas o encaravam daquele jeito desde o momento em que ele invadira a enfermaria e ordenara furiosamente que a curandeira fosse rápida em seu trabalho para que ele pudesse liderar a busca por Talasyn.

A curandeira terminara de curtir a ferida dele pouco antes de Sevraim chegar. Não havia mais tempo a perder. Alaric levantou-se num salto, soltando um grunhido com a dor que disparou por seu flanco sensível, e Sevraim fechou as cortinas ao redor da cama para lhe dar certa privacidade enquanto ele se trocava.

Enquanto Alaric vestia sua armadura, tirada do baú que Sevraim carregara escada abaixo, os sons da enfermaria o envolveram. O tilintar de instrumentos de metal, o roçar de lençóis. As conversas murmuradas em nenavarense entre os curandeiros e seus pacientes, o xingamento gritado ocasionalmente — ora em tom altivo, ora com o sotaque mais rude de um soldado. Nobre ou plebeu, a carne de todos é cortada da mesma forma, pensou ele sardonicamente. Todos haviam sido pegos desprevenidos por aquele ataque. E, assim que Alaric descobrisse quem estava por trás disso, os céus choveriam sangue. Ele convocaria seu navio-tempestade do porto de Sedek-We, e seus canhões de relâmpagos incinerariam todos aqueles que ousaram tirar sua esposa dele. E sua magia das sombras despedaçaria o que sobrasse deles.

Alaric acabara de colocar sua máscara quando ouviu a porta se abrir e

várias pessoas entrarem apressadas na ala, falando todas ao mesmo tempo. Acima da confusão, surgiu o nome de Niamha, pronunciado por uma voz que era familiar demais.

A fúria percorreu seu corpo novamente, alimentada por uma dose potente de suspeita. Ele afastou as cortinas e avançou contra Surakwel Mantes, o nobre do Domínio que fora contra o tratado entre Kesath e Nenavar desde o início. Aquele que convenientemente desaparecera do baile de máscaras antes do ataque começar.

Surakwel inspecionava Niamha enquanto ela estava sentada, apoiada em travesseiros, com os dedos tocando suavemente a pele ao redor de um hematoma em seu braço superior. Ele falava com ela com uma nota evidente de tensão, seus olhos castanho-noz semicerrados. Então, aqueles olhos desviaram-se dela e arregalaram-se ao ver o Imperador da Noite avançando em sua direção em trajes completos de batalha.

Niamha saltou da cama. "Vossa Majestade, sei o que está pensando, mas não há possibilidade alguma de que Lorde Surakwel tenha tido qualquer participação nisso". Era a voz mais sincera que a astuta e sofisticada Daya Langsoune de Catanduc já tivera, com os restos de um penteado anteriormente impecável pendendo ao redor de seu rosto de traços finos em mechas desgrenhadas de um preto azeviche. Surakwel empurrou-a para trás de si com um xingamento abafado, mas ela continuou implorando a Alaric por cima do ombro dele. "Ele pode ter visões radicais, mas jamais cometeria traição. Jamais faria nada para prejudicar a Lachis’ka ou sua família".

"A menos que elas apoiem uma aliança que ele detesta", cuspiu Alaric, "tanto que ele tentou me matar cinco meses atrás".

Surakwel eriçou-se como se estivesse pronto para retribuir golpe por golpe, mas Niamha agarrou seu braço. "Tudo bem, então", disse ela a Alaric. "Ele jamais faria nada para me *prejudicar*. Eu juro. Pelo coração suspenso de minha mãe".

Sua certeza absoluta era suficiente para fazer qualquer um hesitar, assim como a maneira com que Surakwel permanecia protetoramente à frente dela, protegendo-a da ira de Alaric.

Na opinião de Alaric, a estimada Daya Langsoune poderia conseguir alguém muito melhor do que Surakwel Mantes. Foi uma opinião que se solidificou quando o jovem lorde lançou-lhe um olhar furioso.

"Saí cedo do baile de máscaras porque ficou claro que você não me queria lá", disse Surakwel, cada sílaba seca e cortante. "No caminho para casa, passei por uma taverna em Vasiyas, e ainda estava lá quando alguns nobres fantasiados e bastante perturbados chegaram, clamando por bebidas para acalmar os nervos

porque algum tipo de furor havia estourado em Iantas. Eu nem sabia que a Lachis’ka estava desaparecida até que meu navio aportasse aqui, há alguns minutos. E agora, se Sua Majestade julgar adequado cessar com as provocações, acredito que o Kaptan Gao tenha algo a lhe dizer."

Com um movimento brusco e tenso de cabeça, Surakwel indicou Gao, que, junto ao Príncipe Elagbi, havia entrado na enfermaria com ele e observava a troca com um fascínio horrorizado.

"O que é?", latiu Alaric.

Gao cerrou os lábios. Os nenavarenses não estavam acostumados com homens arrogantes fazendo exigências. "A tripulação de sua chalupa nos alertou agora mesmo, Imperador Alaric. Eles receberam uma sequência de coordenadas pela aetherwave — do coracle da Senhora Ileis, apontando para as Terras da Seda. Não havia mensagem anexa."

Não era necessário. Alaric sabia como Ileis trabalhava — rápida e eficientemente. Ela não era de tolerar idiotas. Ele encontrou o olhar de Sevraim, o sangue em suas veias já pulsando com uma antecipação vingativa. "Ela seguiu quem quer que tenha levado Talasyn."

Sevraim assentiu, com os olhos brilhando.

"As Terras da Seda", repetiu Niamha. "É o domínio do Rajan Wempuq."

"Wempuq está morto", disse Alaric secamente. "Os assassinos o mataram a tiros."

Elagbi estremeceu. Alaric percebeu tarde demais que deveria ter dado a notícia funesta com mais delicadeza, já que Wempuq fora um dos amigos próximos do príncipe. Para seu crédito, porém, Elagbi inclinou a cabeça em pesar por apenas um momento, retornando então à crise imediata com determinação sombria.

"Nesse caso", disse ele, "o controle das Terras da Seda passou agora para a filha dele, Oryal."

"Oh!", guinchou Jie de sua cama na enfermaria. Todos se viraram para olhá-la, e as bochechas da dama de companhia ficaram tão escarlates quanto o corte em seu lábio inferior. "Eu esqueci completamente. A Daya Langsoune e eu fomos separadas da Senhora Oryal quando fugimos do salão de baile, mas eu a vi correr para onde a luta estava acontecendo. Para... para onde a Lachis’ka estava."

Surakwel franziu a testa. "Se a Senhora Oryal estiver por trás do desaparecimento de Sua Graça, como ela poderia ter subjugado uma Lightweaver? Talvez ela tivesse outra gaiola de sariman... Espera!", exclamou ao notar que Alaric já caminhava para a porta, com Sevraim logo atrás. "Temos que ser estratégicos quanto a isso. As Terras da Seda ficam na ilha de Irrawad, cujos

nobres não são grandes amigos da coroa..."

"Então me encontre lá quando terminar de ser estratégico", retrucou Alaric. Ele interrompeu o passo para olhar os outros ocupantes da enfermaria — os soldados e os convidados do baile cativos em suas camas, hipnotizados pela cena, sendo atendidos por curandeiros que tentavam desesperadamente não ficar boquiabertos também — e depois olhou para Gao. "Não sabemos com quem Oryal está aliada. Ninguém sai desta ala até que a Night Empress seja encontrada."

Talasyn detestaria ser referida dessa forma, mas o Domínio precisava do lembrete de que Kesath tinha um interesse vital no bem-estar de Alunsina Ivralis. Se a consorte de seu governante fosse prejudicada de qualquer maneira dentro das fronteiras nenavarenses, o Império da Noite revidaria dez vezes mais.

Para ameaças veladas, aquilo foi eficaz. Gao empalideceu ligeiramente. "Entendido", disse ela. "A maioria dos soldados de Iantas está indisposta, mas alguns da guarda real permanecerão aqui com instruções rigorosas de não deixar ninguém fora de vista. Os demais, inclusive eu, acompanharão Sua Majestade até Irrawad. Solicitarei reforços do Teto do Céu pelo caminho, se o Zahiya-lachis permitir."

Niamha limpou a garganta. "Não acredito que o Zahiya-lachis permitirá", disse ela delicadamente. "Enviar tropas para as Terras da Seda com base em uma série de coordenadas... os lordes e damas de Irrawad verão isso como um ato de agressão, e teremos outra guerra civil em nossas mãos. Deveríamos perguntar à Rainha Urduja o que deve ser feito..."

Ela deixou a frase incompleta enquanto Alaric saía furioso da sala.

Através da espessa névoa de sua fúria sombria, Alaric percebia vagamente que havia pessoas correndo atrás dele pelos corredores de granito de Iantas. Ele não dedicava nem um átomo de atenção a nenhuma delas; queria apenas estar com Talasyn. Agora, agora. A distância até a plataforma onde ficavam os navios aéreos parecia interminável, e colocar um pé diante do outro era uma tarefa laboriosa e sem fim à vista. Agüente firme, gritava cada um de seus pensamentos em uma tentativa fútil de ser ouvido por ela. Agüente firme até que eu chegue aí.

“Você *precisa* impedi-lo”, Niamha implorava a alguém em um tom urgente. “Sua Majestade não tem jurisdição em Nenavar. Ele não deveria fazer nada até que a Rainha Urduja seja informada. Ela enviará emissários às Terras da Seda, e isso poderá ser resolvido diplomaticamente—”

“Minha senhora”, veio a resposta de Sevraim, seu tom agradável impregnado de inúmeras arestas cortantes, “estou mordendo a língua desde o primeiro dia daquelas negociações de casamento porque recebi ordens para ser gentil, mas confesso que estou bastante farto de toda essa politicagem”. Alaric

soltou um escárnio sem humor, mas não se virou. “Se o Imperador da Noite acabar sendo incapaz de salvar a esposa porque você quis discutir o assunto em comitê primeiro, é melhor que eu garanta que já esteja na metade do caminho para a borda de Lir até lá. Porque algo me diz que”—Alaric escancarou as portas frontais do castelo, banhando as palavras seguintes de Sevraim em brisas oceânicas e luz estelar—“se Alunsina Ivralis morrer hoje, o Domínio de Nenavar vai *queimar*. E não haverá sobreviventes”.

Capítulo Dois

Talasyn oscilava entre a consciência e o esquecimento, sua mente lambendo as margens de alguma realidade abstrata antes de recuar novamente, da mesma forma que a maré azul do Eversea fluía e refluxava contra as areias de Iantas, que ela passara a chamar de lar. Fragmentos de coisas surgiam ocasionalmente da penumbra — o zumbido dos corações de éter de um navio voador, uma pontada de dor em seu crânio, o brilho de brasas, um solavanco brusco em seus pulsos, a borda de uma cortina de damasco — mas tudo escapava rapidamente de seu alcance assim que ela tentava se agarrar.

Ela sonhou. Ou... parecia um sonho. Estava planando sobre milhas e milhas de selva, da mesma forma que Iyaram planara sobre o mundo nas espirais brancas de Bakun. As árvores brilhavam tanto que, a princípio, ela pensou que fossem tecidas em ouro, mas descobriu que estavam embebidas na radiância dos Cortadores de Luz. Dezenas deles, descarregando simultaneamente, pilares flamejantes sustentando um céu em tons pastel.

Então ela estava em uma casa comunitária cavernosa, aquecida por fogueiras de cozinha e corpos movendo-se de um lado para o outro. As figuras não pareciam perceber que ela estava lá e seus rostos estavam borrados, como se ela as visse — estivesse separada delas — por paredes de vidro translúcido. O nascer do sol filtrava-se pelas frestas do teto de cipó de rotã em colunas cerosas de ouro rosa, como inúmeras imitações internas e esguias dos pontos de nexo do Lightweave. Talasyn deu um passo para dentro de uma delas, com o coração na garganta, ansiando por algo. Ansiando, talvez, que a aurora transbordasse em seu ser e a tornasse inteira novamente.

Uma das figuras caminhou diretamente à frente de Talasyn e então parou. Olhou fixamente para ela. O vidro pareceu afinar naquele momento e Talasyn conseguiu distinguir uma estrutura robusta, longos cabelos castanhos e olhos castanhos surpreendentemente alertas, que queimavam com o poder desenfreado do Lightweave. Seu pulso acelerou com uma estranha familiaridade, como se estivesse ouvindo uma canção outrora amada cujas letras havia esquecido.

A figura balançou a cabeça e murmurou para si mesma em uma língua que soava como um galope rítmico, como o passo de cascos de cavalo. Talasyn captou apenas uma palavra. Um nome.

"Hanan."

O sonho — ou a visão, ou fosse o que fosse — estilhaçou-se antes que

Talasyn pudesse responder. A casa comunal, as fogueiras e as figuras desapareceram, e ela se viu em algum lugar escuro, crepitante e *intermediário*, um lugar que também começava a sofrer erosão, a rachar pelas costuras.

Houve então o baque surdo de madeira contra madeira e o chocalhar de porcelana, e Talasyn foi rudemente jogada de volta ao mundo real, com as pálpebras pesadas subindo com dificuldade.

Ela estava em um chalé de caça — um ambiente amplo de cômodo único com uma lareira crepitante, o piso de mogno polido até brilhar e as paredes repletas de cabeças de cervo em placas e lanças montadas. A julgar pelas névoas prateadas acumuladas contra as janelas, ela estava nas montanhas. E a julgar pela folhagem vermelho-profundo que espreitava através das referidas névoas, como manchas de fogo mesmo na meia-luz de um amanhecer incompleto, ela estava nas Terras da Seda.

Você e seu consorte devem *visitar as Terras da Seda, Lachis'ka. As árvores de fogo estão exibindo suas cores de monção agora. Seria minha honra recebê-los.*

O olhar de Talasyn recaiu sobre a mulher que, não há tanto tempo, havia extendido o convite com tanta doçura em um jardim de hibiscos. A mesma mulher que a havia nocauteado após a batalha no baile de máscaras, que lhe roubara a magia com algum tipo de soro.

Oryal. De olhos frios e cabelos castanhos, sentada decorosamente no chão diante de Talasyn enquanto se ocupava com uma bandeja de chá — a origem do barulho que despertara Talasyn.

Mas ela não era mais simplesmente a Lady Oryal. Seu pai estava morto, e ela herdara as Terras da Seda. Talasyn vasculhou seu cérebro letárgico em busca do nome da casa da mãe de Oryal. Parecia importante, de alguma forma, demonstrar que conhecia a etiqueta do Domínio tão bem quanto qualquer outra pessoa. Que conhecia as regras do jogo.

"Daya Ferasai." O título saiu fraco e estrangulado, as cordas vocais de Talasyn ainda tensionadas pela paralisia temporária a que todo o seu corpo fora submetido.

"Exatamente", murmurou Oryal enquanto servia a si mesma uma xícara de chá de lótus pálido e perfumado. Ela ainda trajava seu vestido de baile rosa-rosáceo, mas lavara os pigmentos derretidos e os rastros de lágrimas do rosto.

Era difícil respirar. O soro e o raio haviam deixado um efeito plúmbeo. Os braços de Talasyn doíam e ela mal conseguia movê-los; ao olhar para si mesma, viu que seus pulsos estavam forçados para trás, amarrados firmemente a um poste da cama com cordas de abacá. Quanto ao vazio em seu interior — o abismo escancarado onde outrora estivera o Lightweave — era indescritível,

quase insuportável. Ela perdera uma parte integrante de sua alma.

Mas ela seria *maldita* se não descobrisse o porquê.

Memórias da batalha e de suas consequências voltaram a inundá-la. Oryal chorando sobre o corpo sem vida de Wempuq... o estranho flash branco nos olhos dela quando se encontraram com os de Talasyn... Oryal desaparecendo na antecâmara, Talasyn indo atrás dela, pausando brevemente para um último olhar para Alaric...

Não. Ela não podia pensar no marido agora. Precisava de todo o seu foco para sair daquela confusão. Depois que escapasse, então pensaria nele. Encontraria o caminho de volta para ele.

Por enquanto, concentrou-se no que acontecera depois de seguir Oryal pelo corredor remoto. A revelação que a deixara sem palavras, que a roubara de todas as defesas.

Pelo menos minha *avó não matou minha mãe.*

Um choque enorme a percorrera então. Um choque real, o raio das pontas dos dedos de Oryal pressionando sua espinha. Seguida pela agulha, depois a escuridão.

"Você é uma etermante", disse Talasyn, apatia na voz.

"A primeira Atingida por Raios nascida no Domínio em milhares de anos", confirmou Oryal. "Que eu saiba, ao menos. Certamente não saí por aí perguntando. Meus pais levaram esse segredo para o túmulo".

Talasyn compreendeu. Ela não estava particularmente bem disposta em relação a Daya Ferasai no momento, mas compreendia. Os nenavarenos viam todas as formas de etermancia, exceto o Encantamento, com uma dose saudável de suspeita. Se fosse conhecido que Oryal era Atingida por Raios, ela jamais teria sido permitida perto da Zahiya-lachis — ou de qualquer outro nobre do Domínio preocupado com a própria preservação — sem uma gaiola de sariman. Teria sido uma pária social, ou pior: Urduja poderia tê-la enviado para o exílio. Talvez toda a sua casa também, pois a habilidade de canalizar o espaço etéreo corria no sangue.

"É por isso que me envolvi nisso", continuou Oryal. "Para que eu possa viver tão livremente quanto deveria, Urduja deve ser... resolvida".

"Se você espera que ela caia morta quando descobrir que eu sumi", retrucou Talasyn, "detesto ser a portadora de notícias decepcionantes, mas ela nem gosta tanto assim de mim".

"A Zahiya-lachis não precisa gostar de você para que isso funcione", respondeu Oryal. "Ela só precisa ser uma rainha sem herdeiro. A corte já estava inquieta antes de você reivindicar seu direito de primogenitura, e quanto ao que tem acontecido depois... Bem, basta dizer que a dinastia Silim caiu no momento

em que Urduja a casou com o Imperador da Noite e perdeu a confiança de seu povo. Com você fora — *de novo* — não seria tarefa difícil abrir caminho para uma nova casa governante."

Talasyn jurou que podia sentir uma veia em sua testa latejar por uma combinação de irritação e descrença. Talvez não fosse a reação mais apropriada, mas ela se agarrou a ela porque qualquer coisa era melhor do que o pânico. Melhor do que o medo. "Certamente teria sido mais fácil simplesmente me matar."

"Pretendo fazer isso. Eventualmente." Oryal tomou um gole delicado de sua xícara de chá. "O plano era certamente deixar que os assassinos cuidassem disso no baile de máscaras, mas..."

"Mas o quê? Você queria se gloriar?" Os olhos de Talasyn se estreitaram enquanto ela se aquecia no assunto. "Regozijar-se em seu novo poder como a daya das Terras da Seda? Você pagou a mais aos assassinos para garantir que Wempuq morresse no ataque—"

Oryal arremessou o conteúdo de sua xícara de chá contra Talasyn. Não houve cerimônia, apenas uma elegância casual; as pulseiras de prata no pulso da daya tilintaram quando sua mão foi impulsionada para frente, e o líquido quente espirrou por todo o rosto de Talasyn.

Completamente indignada, ela piscou para afastar as gotas ardentes que haviam se acumulado em seus cílios e cuspiu o que havia escorrido em sua boca por todo o belo e caro chão de mogno. Ela esperava fervorosamente que aquilo deixasse uma mancha.

Os lábios pálidos de Oryal se curvaram em um escárnio diante daquela exibição deselegante, mas sua voz era pura graça gélida quando voltou a falar. "Eu amava meu pai. Nunca lutei em uma guerra como você, Lachis’ka. Aqueles dois homens do lado de fora da antecâmara foram as primeiras pessoas que matei. Eles estavam de guarda para o caso de você tentar escapar por ali, mas eu lancei o relâmpago através deles porque estava com raiva e em luto. Somente o amor poderia ter invocado esse tipo de magia." Ela colocou a xícara vazia de volta na bandeja, o tinido quase imperceptível da porcelana traindo a leve instabilidade em seus dedos. "Irrawad ficou do lado de Sintan Silim durante a guerra civil, mas as opiniões do meu pai suavizaram com a idade. Ele não teve parte nisso. Eu jamais teria concordado com o plano se soubesse que ele ficaria preso no fogo cruzado. Até o dia em que navegar com ele e com os ancestrais, sempre me arrependerei do que aconteceu. Mas a morte dele não será em vão."

"Sinto que ele discordaria fortemente." Enquanto Talasyn falava, tentou mover os pulsos atrás das costas, para afrouxar os nós que os prendiam. Havia uma saída para aquilo; ela só precisava manter sua captora distraída até

encontrá-la. E ela precisava de *respostas*. "O que você me disse em Iantas — explique."

"Você não está em posição de dar ordens."

Oryal pretendia fazê-la implorar. A percepção foi como geada e ácido, revirando no estômago de Talasyn, correndo por suas veias. A daya não se satisfaria em tirar sua magia e amarrá-la como um faisão destinado ao forno; ela queria que Talasyn passasse seus últimos momentos de vida suplicando por informações sobre a morte de Hanan Ivralis.

E Talasyn estava quase desesperada o suficiente para fazer exatamente isso. Para descobrir por que as coisas haviam acontecido daquela maneira. Para saber finalmente, depois de tanto tempo.

Novos ruídos ondularam através da atmosfera tensa, sobre o crepitar do fogo na lareira. Vozes abafadas e passos, aproximando-se. O olhar de Talasyn desviou-se para a porta do chalé, a esperança agitando-se dentro dela.

"Não será ninguém vindo salvá-la, Lachis’ka", disse Oryal com um sorriso suave. "Mesmo na remota chance de que alguém descubra onde estamos, estamos atualmente cercados pelos meus homens. Nenhum salvador seu teria chegado aos degraus da entrada em qualquer estado capaz de bater à porta."

A porta se abriu violentamente, e a temperatura caiu levemente quando um redemoinho de névoa da montanha soprou para dentro do chalé. E qualquer esperança que Talasyn estivesse nutrindo, apesar das palavras de Oryal, desapareceu instantaneamente.

"Minha querida Lady Oryal, isso é extremamente irregular", bufou Ralya Musal ao entrar com Kai Gitab. "Deveríamos estar mantendo a discrição até recebermos a confirmação da morte dela; o que poderia ser tão urgente para que nos convocasse a esta . . ." Seus olhos quase pularam da órbita ao ver a Lachis’ka de Nenavar amarrada ao poste da cama. "Hora", ela terminou, sem forças.

Gitab virou-se para avaliar o que teria tirado o fôlego das velas garbosas da Daya de Tepi Resok, e a cor sumiu de suas feições franzidas. A última vez que Talasyn o vira, junto com Ralya, fora há meras horas, quando eles professaram lealdade a ela no baile de máscaras. O bico pontiagudo da máscara de beija-flor de Ralya praticamente vibrava de tanta intensidade com que ela assentia em apoio. Talasyn sentira tanto orgulho naquele momento — por forjar suas próprias alianças, por estreitar a lacuna entre a casa real e a oposição.

Agora Ralya e Gitab estavam com os rostos descobertos e trajando roupas diurnas, tendo abandonado os disfarces junto com as pretensões. Agora, Talasyn sentia-se apenas estúpida.

Gitab abriu a boca para falar, mas Ralya foi mais rápida, recuperando-se do

choque o suficiente para bater a porta e lançar um olhar assassino para Oryal.

"O que você *fez*?" Ralya quase gritou, o som tão desagradável quanto unhas raspando em ardósia. "Sua menina tola, você colocou *tudo* em risco!"

"Não coloquei". Oryal pôs-se de pé. "Este é o plano, não é? Que Alunsina Ivralis fosse removida do caminho".

Os saltos das botas de caminhada de Ralya ecoaram pelo chão enquanto ela diminuía a distância entre si e Oryal. Ela desferiu um tapa no rosto de Oryal, cuja cabeça girou para o lado com a força do golpe. A explosão da palma da mão contra a face ossuda foi seguida por um silêncio terrível e sufocante, durante o qual Oryal ergueu o queixo em desafio taciturno enquanto enfrentava o olhar de Ralya.

Fazemos um belo par, Daya Ferasai, pensou Talasyn sardonicamente. *Eu coberta de chá e você ostentando a marca da mão de Musal*. Era, certamente, um desfecho ignominioso para duas aethermancers.

Por outro lado, Talasyn não era mais uma aethermancer, era? O desespero a dilacerou, aquela escuridão vazia rugindo aberta como uma ferida que jamais cicatrizaria.

"*Isso* é o que você chama de 'remover do caminho'?" Ralya gesticulou em direção a Talasyn com agitação. "Você a sequestrou do próprio castelo enquanto aquele marido sanguinário dela está residente, você a amarrou em um chalé de montanha que *todos* sabem que pertence à sua família, em vez de simplesmente *matá-la* e acabar com isso. Ela—" Ralya oscilou instável sobre os pés quando um novo horror a atingiu. "Você nem sequer tem gaiolas de sariman!" Ela recuou, agarrando o braço de Oryal como se estivesse preparada para usá-la como escudo caso Talasyn convocasse o Lightweave.

Oryal afastou a mão de Ralya com um tapa. "A aethermancy da Lachis’ka não é mais uma preocupação. Eu a removi. Permanentemente".

"*Removeu?*" Ralya ecoou em um grito. Se a situação fosse diferente, Talasyn teria gostado bastante de ver uma nobre do Domínio à beira de um colapso nervoso. "O que— como—"

"Você não é a única que sabe conspirar em segredo com quem pensa da mesma forma, Daya Musal", disse Oryal com um sorriso presunçoso.

Talasyn tentou montar o quebra-cabeça. Se as Silklands, Tepi Resok e Katau — o domínio de Gitab — estavam conspirando para depor Urduja, mas Ralya e Gitab não sabiam do soro que havia tirado a magia de Talasyn... então havia outro jogador. Alguém que tivesse tramado com Oryal, e apenas com Oryal. Mas quem?

Os pensamentos de Gitab pareciam seguir a mesma linha. Ele falou pela primeira vez desde que entrara no chalé. "Com quem mais a senhora tem

conversado, Lady Oryal?"

"Eu disse desde o começo que ela é imprevisível", Ralya sibilou para ele. "Não deveríamos tê-la admitido. Eu avisei, não avisei? Você e—" Seus lábios se fecharam abruptamente antes que ela pudesse revelar o nome de outro conspirador, e seus olhos dispararam furtivamente para Talasyn.

Talasyn tinha a opinião bem amarga de que a necessidade de segredo já havia passado há muito tempo; o mero fato de que aqueles nenavarenses estavam sendo tão transparentes sobre suas motivações enquanto ela estava ao alcance da audição significava apenas uma coisa — eles não tinham a intenção de deixá-la sair dali viva. Mas ela mordeu a língua, redobrando os esforços para se livrar das amarras enquanto seus captores discutiam.

Seus braços haviam formigado por estarem presos ao poste da cama por o que pareceram horas, mas ela determinadamente ignorou a sensação. Aquilo não era nada. Depois de uma infância na Grande Estepe, depois das Guerras do Furacão — aquilo não era nada.

Talasyn relaxou as mãos e então moveu os braços sutilmente até que a corda em seus pulsos afrouxasse apenas um pouco, auxiliada por deslizar a amarra para cima e para baixo no poste da cama o melhor que podia. A folga extra permitiu que ela mudasse o ângulo das mãos e enfiasse dois dedos pela fresta minúscula, alargando-a. E foi então que sentiu a menor resistência em seu dedo anelar, abaixo da segunda articulação.

A corda havia enganchado na pedra vulana incrustada em sua aliança.

Ela teve o cuidado de manter a expressão totalmente neutra, mesmo enquanto a exultação percorria seu corpo. Encarou fixamente os nobres que discutiam, cravando o anel na corda, desgastando as fibras de abacá com as arestas da pedra preciosa. O fragmento da oitava lua, mais brilhante que a moissanita, mais afiado que o diamante. Um símbolo de seu casamento. Uma relíquia do luto do Devorador de Mundos.

E de sua fúria.

Ralya, Gitab e Oryal estavam se voltando para ela novamente, e o instinto ordenou que Talasyn falasse — para que a atenção deles fosse desviada para o rosto dela, e não para qualquer movimento visível que seus braços pudessem fazer atrás das costas.

"Deixe-me adivinhar", disse ela com a maior altivez que conseguiu, pois se havia algo que os nenavarenses apreciavam era a arrogância indiferente, "depois que me matarem, deixando minha avó sem herdeira, suas forças sitiarão a capital e instalarão uma nova Zahiya-lachis no Trono do Dragão."

"É... lamentável, Lachis’ka." Havia um tom de desculpa pesarosa na resposta de Gitab. "Mas até os aliados mais leais de Urduja Silim pensarão duas

vezes antes de apoiar um governante cuja sucessão não esteja assegurada. Sua vida teria sido mais longa se você nunca tivesse vindo a Nenavar — se tivesse permanecido no Continente, sem saber de suas origens. Eu gostaria que tivesse sido assim."

"Não, não gostaria", rebateu Talasyn. "Eu salvei todos vocês do Devorador de Mundos. É por isso que esperaram até *depois* do eclipse sétuplo para executar esse pequeno plano." Ela tentou pensar como um nobre do Domínio pensaria. "Vocês provavelmente deporiam Urduja de qualquer jeito, mas era tentador demais, não era — a chance de assumir o controle de ilhas que permaneceram férteis e prósperas depois que o Voidfell foi repelido?"

O silêncio deles confirmou suas suspeitas.

"Bem, fico feliz em poder ser útil", resmungou Talasyn.

Mas ela não enfrentara o Voidfell sozinha, e sentiu uma dor lancinante ao pensar em Alaric. Se ele estava seguro. Se a estava procurando.

Caso a última hipótese fosse verdadeira, ela rezava desesperadamente para que não houvesse rastro algum que o levasse às Terras de Seda. Oryal dissera que seus homens estavam nas florestas — um exército particular, sem dúvida, semelhante ao que a Casa Mantes possuía, e se eles tivessem gaiolas de sariman e também os estivessem amplificando...

Mas isso assumia que ele se daria ao trabalho de ir atrás dela. Bakun voltara a dormir por mais mil anos. O propósito principal do tratado deles havia sido cumprido.

Uma fibra da corda trançada no pulso de Talasyn finalmente cedeu, e ela girou o dedo para cravar a pedra vulana ainda mais fundo em suas amarras. Se continuasse insistindo, conseguiria desfiar a corda, enfraquecendo-a o suficiente para rompê-la ao meio puxando os pulsos em direções opostas.

"Meu marido ainda estava vivo na última vez que o vi", informou aos nobres enquanto suas mãos continuavam a trabalhar fora de vista. "Os kesatheses não apreciarão descobrir-se subitamente sem uma Imperatriz da Noite. Se eu morrer, isso estilhaçará a aliança".

"Novas alianças sempre podem ser forjadas". A luz do fogo refletiu nos óculos do Rajan Gitab. "E eu estava presente na forja da anterior. Posso afirmar com confiança que mal se trata de um casamento por amor. Ossinast nunca foi um alvo real e, pelas minhas observações, ele apreciaria uma esposa menos intratável. Temos vários candidatos em mente".

"Mesmo que ele sinta a tentação de vingá-la, Lachis’ka", acrescentou Oryal, "ele não pode fazer nada de imediato. Ele tem apenas um navio-tempestade em nosso porto — e ele será reduzido a farrapos se os dragões despertarem. Suspeito que ele estaria mais inclinado a aceitar uma nova oferta".

A ideia de Alaric se casar com outra pessoa após a sua partida provocou uma fúria tão fervilhante que Talasyn não conseguiu respirar por vários longos segundos. Ela ressurgiria do que certamente seria uma ignóbil cova de terra para assombrá-lo. Com certeza faria isso. No entanto, essa raiva logo deu lugar a um vazio desolador; as palavras de Gitab desenterraram a verdade inescapável que ela sempre soubera: Alaric casara-se com ela por dever e, se o poder mudasse de mãos no Domínio, o dever também ditaria que ele mantivesse a base política de Kesath ali dentro.

E ele seria melhor servido por uma esposa que não estivesse aliada aos que planejavam sua queda.

Ainda assim, Talasyn forçou-se a parecer impassível. Não daria aos inimigos a satisfação de vê-la se contorcer. "Quem ocupará o lugar da minha avó como a Rainha dos Dragões, então?" Ela dirigiu a pergunta a Ralya e Oryal. "Uma de vocês, suponho".

Para sua surpresa, ambas as nobres estremeceram.

"Ancestrais, nem que me pagassem fortunas". Ralya bufou. "Presidir uma corte em eterna disputa com um alvo do tamanho de um reino inteiro nas costas pelo resto da vida? Não, estou satisfeita em ter a confiança da futura Zahiya-lachis".

"Eu também não tenho desejo de governar", proclamou Oryal. "Isso é algo que Hanan Ivralis e eu tínhamos em comum, Lachis’ka". O olhar que ela fixou em Talasyn foi perturbadoramente semelhante ao de um tubarão. "Ela nunca quis governar, e isso foi a sua ruína. Acredito que", concluiu com deleite, "foi por isso que Urduja decidiu que sua mãe precisava morrer".

Capítulo Três

Vista do ar, Irrawad era pura floresta tropical, até onde a vista alcançava. Ao se aproximar do lado leste da ilha, o vasto oceano de vegetação fundia-se em milhares de acres de um escarlate vibrante que recobria as montanhas e vales das Terras da Seda, o domínio do falecido Rajan Wempuq.

As árvores de fogo eram gigantes de casca prateada, com copas profusas de folhas semelhantes a samambaias que serviam de único alimento para os pequenos vermes dourados que produziam os fios finos da exportação mais valiosa de Irrawad. A cada estação chuvosa, os galhos em leque das árvores ostentavam flores vermelhas em formato de lanternas e suas folhas assumiam um tom polido. Mesmo agora, nas brumas do crepúsculo civil, elas resplandeciam como rios de chamas sobre a grama verde, sob céus pontilhados discretamente pela aurora que se aproximava.

A visibilidade no solo era precária; até o sentinela com a visão mais aguçada teria dificuldade em avistar as figuras que subiam encosta adentro por uma das montanhas, avançando cautelosamente em direção aos retângulos dourados e tênues ao longe, onde a luz que filtrava pelas janelas do chalé era o único sinal de sua existência. O mais fraco dos faróis através da névoa.

Ainda assim, Sevraim claramente não estava disposto a correr riscos. Depois que a equipe de resgate encontrou Ileis nas coordenadas que ela enviara, ele insistira que eles se aproximassem do chalé de caça pela retaguarda e que o fizessem *lentamente*, agachando-se atrás de troncos de árvores, taludes e sarças sempre que surgia a oportunidade. Ele estava no comando no momento, pois Alaric não tinha condições mentais para conceber qualquer plano que não fosse libertar o Shadowgate para devorar a floresta inteira e os traidores aninhados nela.

Embora Sevraim tivesse bons motivos para se sentir justificado nessa demonstração de prudência, a caminhada longa e arrastada estava, infelizmente, dando tempo para Alaric pensar. Dezenas e dezenas de cenários catastróficos filtravam-se por sua mente.

"Você tem absoluta certeza", disse ele a Ileis, "de que foi aqui que Oryal levou Talasyn? E de que ninguém a viu em perseguição?"

Entre as barras ornamentadas de seu elmo alado, os olhos cor de cervo de Ileis se estreitaram em irritação. Ela iniciou o mesmo relatório que já lhe dera há pouco, embora, desta vez, sua voz estivesse tingida de um desdém cavalheiresco

que deixou Alaric tenso. "Quando fui verificar o perímetro sul do castelo de Iantas em busca de hostis, vi uma dama arrastando a Lightweaver inconsciente para um navio aéreo atracado na praia. Elas estavam longe demais para que eu as impedisse antes da decolagem, e eu não quis arriscar derrubar a embarcação com minha magia e acidentalmente matar a Lightweaver, pois duvido que Sua Majestade tivesse apreciado isso. Então eu as segui a uma distância cuidadosa, velando meu coracle de lobo no Shadowgate para evitar a detecção. O ocultamento é meu talento mais prodigioso, como meu mestre, extremamente inteligente e sempre equilibrado, bem sabe, já que sou uma das poucas legionárias habilidosa nisso—"

"Estou quase inclinado a retirar seu posto por não tratar este assunto com a seriedade que ele merece", disparou Alaric.

Ileis cutucou Sevraim nas costelas. "Você pode, por favor, fazer alguma coisa com ele?"

"Eu prezo muito pela minha vida", resmungou Sevraim. "Como você também deveria."

Eles eram dez em seu grupo, pois fora decidido que uma operação furtiva era a maneira mais segura de extrair Talasyn e evitar uma guerra civil total entre Irrawad e a casa real. Alaric e seus dois legionários; a Kaptan Gao e cinco de seus Lachis-dalo; e Surakwel Mantes.

Alaric não estivera particularmente entusiasmado com a presença deste último, mas eles precisavam dele. Surakwel e Oryal frequentavam os mesmos círculos desde crianças; ele conhecia as Terras da Seda, conhecia aquela montanha.

"É quase uma pena", dizia Surakwel enquanto guiava o grupo pela floresta. "O refúgio de caça de Wempuq foi o cenário de muitas férias excelentes. Tempos mais simples, é claro." Ele parou diante de um rochedo coberto de musgo que saltava do chão como uma lápide, então caiu de joelhos ao lado dele. Sua mão varreu o acúmulo de terra solta, gravetos e folhas secas, revelando gradualmente um alçapão circular de madeira com uma maçaneta de ferro enferrujada encravada profundamente no solo da floresta. "Isto leva à adega de vinhos e, depois, sobe para o próprio refúgio. No entanto, não posso garantir que a passagem estará desguarnecida."

"Há uma chance considerável, meu senhor, a julgar pelos detritos acumulados", disse Gao. "No mínimo, teremos o elemento surpresa a nosso favor. Como deseja proceder, Vossa Majestade?"

Provavelmente estava matando Gao ter que entregar as rédeas a ele, supôs Alaric. Ele tinha a sensação de que estava sendo apaziguado; até Ileis não estava tão ácida quanto costumava ser. Ele não podia culpar seus companheiros —

estava agindo como um louco.

Ele se forçou a avaliar a situação em vez de simplesmente atacar. Ileis havia feito o reconhecimento do refúgio antes de retornar ao seu navio para esperá-los. Não havia gaiolas de sariman que ela pudesse ver do topo das árvores, mas as florestas ao redor estavam repletas de soldados das Terras de Seda, enquanto apenas Oryal e Talasyn estavam no interior.

"Ileis e Lorde Surakwel entrarão pelo túnel", decidiu Alaric. "Kaptan Gao — você e seus Lachis-dalo ficam comigo e com Sevraim."

"Tem certeza de que não precisa de *mim*?", insistiu Ileis. "Contei pelo menos cem soldados. Mais um Forjado nas Sombras não faria mal."

Os punhos blindados de Alaric se cerraram enquanto a escuridão ascendia dentro dele, todo calor e estática, rugindo por uma luta. "No estado em que estou", disse ele secamente, "eu serei o suficiente."

O mundo de Talasyn havia se despedaçado no momento em que sentiu sua aethermancy se esvaindo lá em Iantas. Aqui e agora, nas Terras de Seda, os remanescentes pairavam na beira de um precipício, esperando para serem empurrados pelo que transcorreria nos próximos minutos.

Ela se lembrou do que Yanme Rapat lhe dissera em Belian: *A Zahiya-lachis ficou extremamente descontente com a recusa de Lady Hanan em ser nomeada sua herdeira, e Lady Hanan, por sua vez, não desejava que você fosse declarada como tal antes de ter idade suficiente para escolher por si mesma.*

Aquilo soara como um aviso já naquela época. Rapat sabia que Urduja estava por trás da morte de Hanan? Ou ele apenas queria que Talasyn tivesse todos os fatos e, por isso, relatou a contenda entre as duas mulheres, incapaz de imaginar que aquilo pudesse ter levado a um assassinato? A própria Talasyn não conseguia acreditar. Urduja era severa e abrasiva, sim — mas matar a própria nora? Ela ficara furiosa quando Hanan conspirou com Sintan para enviar os navios de guerra ao Continente... mas furiosa o suficiente para tirar uma vida?

"Estou cansada desta encenação, Lady Oryal", disse Ralya. "Podemos prosseguir?"

A calma de Oryal fraquejou. Um brilho selvagem infiltrou-se em seus olhos frios. "Não sou mais apenas *lady*. Sou também *Daya Ferasai*. Meu pai morreu no baile de máscaras. A única família que me restava." Suas feições se contorceram. "E eu quero que a Lachis’ka perceba que tipo de família *ela* tem, que tipo de mulher ela chama de avó e soberana." Sua voz tornou-se mais aguda e instável a cada palavra. "Quero que ela entenda que, como eu, ela foi deixada com *nada*."

Oryal caminhou até a lareira, onde retirou um pedaço de pergaminho de

uma tabaqueira esmaltada pousada sobre a prateleira de tijolos. Então, ela foi até Talasyn. Suas saias rosadas, com pregas habilmente costuradas como a multidão de asas de louva-a-deus tremulavam a cada passo, até parecer que ela mesma estava prestes a levantar voo, uma criatura linda e frenética batendo contra as paredes de uma prisão dourada.

"Aqui." Ela desdobrou o pergaminho e quase o empurrou contra o rosto de Talasyn. "Uma confissão assinada. Leia."

A nota fora escrita na caligrafia do Domínio, com a tinta preta ondulando como ondas do oceano. Estava datada de pouco depois que a Allfold de Sardóvia fizera o acordo com Nenavar e Talasyn assumira sua posição legítima na corte de sua avó como a Lachis'ka. Mas os eventos que ela descrevia haviam ocorrido muito antes disso.

> *Meu filho está morto e Alunsina Ivralis retornou ao Domínio, e todos os meus pecados voltaram para me assombrar.*
>
> *Eu sou Lindao Angsanak, anteriormente curandeiro da Casa Real de Silim, agora um homem escondido desde a guerra civil. Foi-me confiado o cuidado de Lady Hanan Ivralis em seus últimos dias, contudo, aquilo que a matou foi administrado por minhas mãos gradualmente, ao longo de uma semana.*
>
> *Era um veneno de minha própria criação, encomendado por Sua Majestade Estelar, Urduja Silim. No Porto Samout, Lady Hanan ergueu uma enorme barreira de luz que impediu o Grande Magindam de perseguir os navios de guerra que navegaram para socorrer o Continente Noroeste. Ela estava imensamente debilitada quando a trouxeram de volta à capital. A Rainha Urduja instruiu-me a disfarçar a primeira dose do veneno como um tônico restaurador. As doses subsequentes foram administradas como supostos tratamentos para os sintomas misteriosos de Lady Hanan.*
>
> *Fiz isso para salvar meu filho. Mio vivia comigo no palácio, e a Zahiya-lachis ameaçou matá-lo se eu não cumprisse suas ordens. Meu amor por ele era maior até mesmo que o ódio dela por sua nora. Que os ancestrais compreendam isso. Que eles não me expulsem quando eu os encontrar e encontrar meu menino no Céu Acima do Céu.*

Talasyn mal conseguia acreditar que chegara ao fim do relato escrito do curandeiro. Sua vida inteira estava desmoronando sobre ela, o interior de sua cabeça era uma selva de perguntas e negações. O que a cercava — as tábuas polidas do chão, a lareira crepitando, os troféus na parede com suas galhadas ramificadas e olhos negros sem vida — não parecia real. Os três nobres no chalé com ela poderiam muito bem ser fantasmas.

"Angsanak pegou seu filho e fugiu de Eskaya ao fim da guerra", Oryal disse a ela com um triunfo silencioso e venenoso. "Urduja estava executando os apoiadores de Sintan a torto e a direito. Ele percebeu que não havia nada que a impedisse de matá-lo também. Ele era uma ponta solta".

Quando Talasyn não respondeu, um lampejo de emoção desenfreada cortou o rosto de Oryal. "E então?", exigiu ela. "O que você tem a dizer?" Seus lábios se apertaram em uma linha fina quando Talasyn optou por manter o silêncio.

"*Fale!*" O comando ecoou pelo chalé em um tom estridente que foi respondido apenas pelo chiado das brasas.

Como você ousa, Talasyn ferveu interiormente. *Não importa o que aconteça, eu ainda sou a sua Lachis'ka. Você não pode me dar ordens.* Em sua mente, ela estava, naturalmente, chamando Oryal por todos os nomes obscenos que conseguia conceber, aprendidos nas ruas e nos quartéis; seria imensamente satisfatório queimar os ouvidos da dama com todos aqueles epítetos selecionados, mas ela não podia se permitir tal indulgência. Para começar, era óbvio que a estavam provocando para que perdesse a compostura. Os nenavarenos prezavam as aparências acima de tudo, e a melhor maneira de irritar seus captores agora era não morder a isca.

Ou talvez fosse mais preciso dizer que Oryal era a única a provocá-la. Gitab e Ralya tinham ambos um ar de quem já sofrera demais.

"Daya Ferasai", disse Ralya entre dentes cerrados, "sinto sinceramente pelo Rajan Wempuq. Compreendo que esteja em luto. Mas suplico que não perca de vista o objetivo final, minha senhora. Isso já se prolongou demais — nossos aliados esperam que demos o sinal. Devemos nos livrar do herdeiro de Urduja imediatamente."

Com Oryal de costas para Gitab e Ralya, apenas Talasyn viu a faísca reveladora da Estrada da Tempestade nos olhos de Oryal. A rigidez denunciadora enquanto ela reprimia seu temperamento e sua magia.

Talasyn teve então a vaga suspeita de que nem Gitab nem Ralya sabiam da aetermancia de Oryal, e que Oryal preferia que continuasse assim. Se fosse o caso, por que Oryal teria afirmado que viveria livremente apenas quando Urduja se fosse...?

O sol começava a nascer no mundo envolto em névoa além das janelas do chalé. Um soldado das Terras da Seda que montava guarda do lado de fora surgiu no campo de visão, e sua presença lembrou a Talasyn que ela não sabia quantos invadiriam o local se ouvissem os sons de uma briga ou se os nobres do Domínio pedissem ajuda. Ela precisava ganhar tempo até bolar um plano real.

"Como você encontrou o curandeiro?", perguntou ela. "O que o fez decidir confessar" — a pedra vulana cortou mais um centímetro de corda — "depois de todos estes anos?"

"Ele fugiu para Tepi Resok." Ralya transmitiu a informação rapidamente, com uma dose considerável de impaciência. "Era mais seguro para ele em território da oposição do que em qualquer outro lugar. Ele e o filho assumiram novos nomes. Mas o rapaz morreu em um acidente madeireiro dois anos atrás e, quando você voltou... Bem, a culpa e o luto foram demais para o velho Angsanak. Ele me procurou." Ela fez um gesto desdenhoso com a mão. "É claro

que é a palavra dele contra a de Urduja, e ele é um homem e um plebeu. Sua confissão mal vale o pergaminho em que foi escrita. Mas cada detalhe ajuda, e com isso conseguimos influenciar algumas casas nobres que estavam indecisas." Sua expressão endureceu e ela trocou acenos com Gitab. "Já enrolamos demais, Lady Oryal. A esta altura, os aliados da Lachis'ka já devem ter notado que ela sumiu. Temos que matá-la antes que a encontrem. Não há mais um segundo a perder."

Oryal assentiu, mantendo o olhar fixo em Talasyn com uma intensidade virulenta. "Que assim seja."

Ela se afastou para deixar Ralya se aproximar de Talasyn. A Daya de Tepi Resok sacou uma faca pequena das dobras de suas saias de penas, retirando-a de sua bainha em forma de folha com algo que beirava a desenvoltura. O cabo laqueado era tão longo quanto a lâmina de calcedônia presa a ele, e ambos se curvavam para formar o contorno de uma lua minguante. Era uma arma frágil demais para combate; era assim que Talasyn sabia que ela havia sido embebida em veneno.

A tensão subiu por sua espinha. Não havia alternativa. Ela teria que lutar para sair daquele chalé o mais rápido que conseguisse, sem dar aos nobres qualquer oportunidade de pedir ajuda. Após derrotá-los, teria que se lançar por uma das janelas em direção às brumas. Talvez os soldados das Terras da Seda fossem surpreendidos pela súbita explosão de vidro quebrado, e isso seria suficiente para lhe dar tempo de desaparecer na floresta.

"Sinto *terrivelmente* muito, Vossa Graça." Ralya curvou-se graciosamente e, com a mão livre fechada gentilmente nos cabelos desalinhados de Talasyn, forçou seu queixo para cima, expondo a jugular. "Em algumas ocasiões, senti certa afeição por você e seus pequenos pecados. Se tivesse escolha, teria preferido um método muito menos angustiante de encerrar isso."

Apesar do perigo mortal em que se encontrava, Talasyn precisou de cada gota de sua força de vontade para conter um bufo de escárnio. Em sua vida antiga, jamais teria sido capaz de conceber que alguém pedisse desculpas de forma tão primorosa à vítima de um assassinato planejado. A corte do Domínio era ridícula, e houve momentos em que Talasyn os achou divertidos — até cativantes —, mas agora ela apenas desejava que tudo aquilo fosse reduzido a cinzas.

"Poupe-me das gentilezas sociais", rosnou ela para Ralya. "Eu não preciso delas."

Ralya sorriu. "Na vida após a morte, realmente não."

E ela desceu a faca sobre a garganta de Talasyn.

Agora.

Talasyn soltou-se das cordas e agarrou o pulso de Ralya, torcendo-o até que a ponta da faca curva mergulhasse no pescoço elegante e cisneesco da outra mulher.

Ela tinha esquecido qual era a sensação de matar alguém sem a etermancia. O peso da lâmina. A resistência da carne. O jato de sangue.

Várias coisas aconteceram quase ao mesmo tempo. O queixo de Ralya caiu em um grito aterrador enquanto o veneno queimava seu organismo e ela desabava no chão. Como se em resposta, mais gritos filtravam-se do mundo exterior, abafados pela madeira e pelo vidro — vidros que escureciam, com o amanhecer dando lugar a rios de magia das sombras que corriam pelas janelas como fogo negro. Talasyn saltou de pé, com a faca roubada na mão, enquanto avançava contra Oryal; um velho instinto despertara, remanescente das Guerras do Furacão, de quando ela ainda não sabia como canalizar o Lightweave em batalha. O instinto de eliminar o etermante inimigo o mais rápido possível, com quaisquer métodos que estivessem ao seu alcance.

No meio do caminho até sua presa, houve um deslocamento de ar, um lampejo de aço . . .

Talasyn virou-se tarde demais. A lança de caça raspou em sua coxa esquerda, e seu joelho cedeu sob o impacto de uma dor lancinante. Ela se encostou na lareira com um suspiro, deixando a faca cair, sentindo o calor do fogo pesado sobre o sangue que escorria por sua perna. Ela observou Gitab libertar outra lança do vasto arsenal na parede. Um tremor percorreu o braço esguio dele enquanto ele fixava os olhos nela e mirava.

Um alçapão abriu-se entre eles, e Ileis e Surakwel irromperam do chão do chalé.

Surakwel avançou contra Gitab, arrancando a lança das mãos do homem menor e arremessando-a longe antes de prendê-lo em um mata-leão. Ileis derrubou Oryal, e as duas mulheres atravessaram as tábuas de mogno em um turbilhão de couro preto e seda rosa. Não havia dúvida sobre quem era a lutadora mais forte e habilidosa, mas então as íris de Oryal brilharam em branco e ela desferiu um soco no estômago de Ileis. Foi um soco desajeitado, desferido por um punho macio e delicado — mas aquele punho estava envolto em rastros azuis de relâmpagos, e lançou Ileis para o outro lado da sala.

Diretamente contra Talasyn, que soltou um grunhido enquanto sua perna ferida suportava o peso da legionária por meio segundo excruciante.

Ileis recuperou o equilíbrio ao mesmo tempo que Oryal. Tanto Surakwel quanto Gitab encaravam Oryal de boca aberta, mesmo enquanto continuavam a lutar entre si com desânimo, mas Ileis parecia mais satisfeita do que perturbada ao encontrar outra etermante. Um sorriso dançava nos cantos de seus lábios

carnudos e ela girou o pescoço lentamente, enquanto redemoinhos tinta de magia das sombras materializavam-se no ar ao seu redor.

"Estou *tão* feliz por não ter que pegar leve com você", ela ronronou para Oryal.

"Onde está Alaric?", perguntou Talasyn, enquanto ela e Ileis se afastavam uma da outra em um acordo tácito para flanquear a daya. "Ele está bem?"

O sorriso de Ileis transformou-se em uma carranca. "Deuses. Você também não."

Não houve oportunidade para decifrar a declaração críptica, pois Ileis estava se lançando novamente contra a inimiga comum e Talasyn teve que fazer o mesmo. Ela correu apesar da dor na coxa, recolhendo a faca de Ralya no caminho. A princípio, Oryal permaneceu mortalmente imóvel, como um animal acuado; apenas seus olhos se moviam, alternando entre uma mulher e outra. Os sons de uma batalha feroz rugiam lá fora, as sombras ao redor do chalé crescendo cada vez mais, e Talasyn sabia que devia ser Alaric lá fora, e sentiu-se subitamente impaciente para vê-lo.

Mas ela precisava terminar aquilo primeiro.

Quando Ileis e Talasyn se aproximaram, Oryal soltou uma onda de relâmpagos. Não veio de suas mãos como o Lightweave e o Shadowgate costumavam vir. Em vez disso, a Estrada da Tempestade emanou de cada poro de sua pele em fios azul-pálido cegantes que soltavam faíscas e sibilavam. Os tentáculos de magia da tempestade chicotearam contra o escudo de sombras de obsidiana que Ileis conjurou rapidamente, mas, sem sua etermancia, Talasyn foi forçada a esquivar-se fisicamente, sentindo a ferida na coxa latejar enquanto cambaleava.

Oryal tentou escapar — não em direção à porta, mas à lareira, arrancando a confissão de Angsanak do decote, onde a havia escondido quando a luta começou.

O coração de Talasyn falhou numa batida ao perceber o que a daya estava prestes a fazer. Ela lançou a faca para impedi-la. A lâmina cantou pelo ar e atingiu o braço de Oryal, que soltou um grito —

— e deixou a confissão cair no fogo.

Não, Talasyn quis gritar. Teria gritado, se ao menos lembrasse como. As chamas foram impiedosas ao devorar o pergaminho; a prova da maldade de Urduja reduzida a nada mais que cinzas. Desaparecida num piscar de olhos.

Oryal arrancou a faca do braço, mas a arma mal deslizou completamente de seus dedos antes que ela desmoronasse enquanto o veneno se espalhava por seu corpo. A perda de seu último aliado impulsionou Gitab a um surto de ação desesperada; ele se libertou do aperto de Surakwel com uma explosão de força e

avançou em direção à lança.

Surakwel saltou sobre ele num instante. Os dois homens lutaram pela arma mortal, mas Surakwel era mais jovem, tinha mais músculos, e tudo acabou quase assim que começou. Ele cravou a lança no peito de Gitab e nas tábuas de mogno abaixo, prendendo o rajan morto ao chão.

Tudo acontecera rápido demais. Mas Talasyn sempre soubera, não soubera, o quanto um único momento poderia mudar as coisas. A guerra a ensinara isso, não ensinara? Ensinara que o canto instantâneo do virote de uma besta poderia encerrar um casamento, que a curva abrupta do tempo em um movimento errado durante o combate poderia levar uma adaga forjada em sombras a arrancar um olho.

E assim seguia, sem chance de recuperar o fôlego, sem outra escolha a não ser continuar avançando.

A porta da frente escancarou-se — foi praticamente arrancada das dobradiças pelo Kaptan Gao — e, antes mesmo de estar plenamente consciente de o que estava fazendo, Talasyn passou por ele e saiu cambaleando da cabana.

Para fora, em direção a uma cena de carnificina total.

Os cadáveres mutilados de soldados das Terras da Seda espalhavam-se pela floresta. O sol nascente refletia-se nas folhas, tingindo-as com a cor do sangue. Sevraim e alguns Lachis-dalo estavam terminando seus diversos escaramuças ao fundo, e Alaric . . .

Alaric era o centro do mundo. O centro do fluxo de magia das sombras, certamente, que Talasyn vira surgir pelas janelas. A fumaça negra como a meia-noite, liberada do espaço etéreo, ondulava sobre o chão, sobre os mortos, dissipando-se gradualmente agora que seu propósito fora cumprido. Ela cortara todas as vias de escape dos soldados, não deixando a eles outra escolha senão enfrentar a fúria de Alaric.

E *era* fúria, para que sua aethermancy estivesse tão desenfreada assim. A lâmina de obsidiana de sua foice de guerra estalava com malevolência enquanto ele abria o último de um grupo de homens que tentara subjugá-lo pelo número. Ele chutou o cadáver para longe, para o chão onde se juntava aos outros, cada centímetro de sua estrutura blindada tensionada por uma viciousidade letal que não diminuiu quando ele avistou Talasyn parada na porta aberta. Seus olhos eram como prata fundida, seus cabelos negros caíam selvagens ao redor do rosto pálido, as presas de lobo de sua máscara como seus próprios dentes, retraídas em um rosnado. Do leste, a luz de um novo dia chegava rugindo, banindo as névoas, envolvendo o Imperador da Noite em véus de vermelho e ouro. Ele estava borrado nas extremidades, cercado por seus inimigos caídos, homem desfeito, monstro renascido. E havia certa parte de Talasyn, imersa em bom senso e no

instinto de autopreservação, que a alertava que ela caminhara de um horror para outro. Uma parte dizendo para *correr*.

Em vez disso, ela tropeçou em direção a ele.

Alaric deve ter sido impelido à ação pelo passo vacilante dela, ou talvez pela palidez sobrenatural de sua pele — ela *estava* branca como um papel — porque ele atravessou em sua direção com passos largos e rápidos, encontrando-a no meio do caminho, entre os corpos, sobre as folhas e flores de lanterna que as árvores carmesins haviam derrubado. Ele arrancou a máscara sem perder o ritmo e, num instante, estava diante dela, a cicatriz negra no lado esquerdo do rosto retorcendo-se enquanto suas feições angulares se contorciam em uma estranha combinação de ira e alívio. Suas mãos enluvadas pousaram nos ombros dela, as pontas garras cravando-se em sua pele nua.

"Nunca *mais* faça isso comigo", ele rosnou.

E, apesar de todo o tumulto, apesar da angústia, apesar das fraturas em sua alma, Talasyn sentiu um lampejo de irritação.

"Como qualquer coisa disso é culpa *minha*?", ela exigiu.

Ele a puxou para si e a beijou, com força e raiva, forçando a língua entre seus lábios que ainda estavam entreabertos em formato de pergunta. Ele tinha gosto de sangue e batalha, como uma promessa de vingança. Ele a beijou enquanto o sol subia sobre as montanhas, diante de todos que ainda estavam vivos. Ele a beijou até que ambos ficassem sem fôlego e, quando se separaram, ela estava tão cansada de ser forte, tão exausta da distância entre eles, que se deixou cair nos braços dele.

Capítulo Quatro

O Portal das Sombras havia esculpido um rastro de destruição ao longo de um dos lados da montanha drapeada de vermelho. Era apenas questão de tempo até que alguém viesse investigar. Eles precisavam se mover rápido — deixar o território inimigo o quanto antes.

Alaric despachou Ileis para recuperar sua coraçola de lobo e retornar a Iantas para monitorar a situação. Logo que ela desapareceu na mata, dois dirigíveis ultrapassaram a crista e atracaram junto ao chalé: o iate de Surakwel e a escuna que o restante da equipe havia usado para sair de Iantas. Esta última fora equipada com velas lisas para não levantar suspeitas entre os irravadianos, e Alaric guiou Talasyn rapidamente para dentro dela. Ele parecia não conseguir soltar a mão dela, nem mesmo depois de estarem acomodados na cabine abaixo do convés, sentados lado a lado em um sofá de brocado. Seus dedos nus estavam entrelaçados no colo dela, enquanto a máscara e as manoplas dele haviam sido descartadas há muito tempo no chão acarpetado.

Agora que Talasyn estava ao seu lado — agora que ela estava segura — Alaric lutava internamente com a perda de controle anterior. Ele deveria ter tido o cuidado de nocautear alguns inimigos, deixando alguns vivos para interrogatório em vez de simplesmente despedaçar todos. Não era do feitio dele cometer erros táticos como aquele. A adrenalina havia passado e ele era capaz de analisar o que acontecera consigo, e aquilo era perturbador. Aterrorizante.

Deuses, ele chegara ao ponto de se esquecer de si mesmo e *beijá-la*. À vista de todos. Os Lachis-dalo estavam fazendo um trabalho magnífico fingindo que aquilo jamais ocorrera, mas Sevraim estava estufado de satisfação, enquanto Surakwel e Ileis estavam absolutamente sombrias.

Alaric apertou abruptamente os dedos inertes de Talasyn. A necessidade de fazê-lo o dominou como uma febre. Uma compulsão de cravar-se em sua pele e nunca mais partir. Ela ergueu um olhar interrogativo para o dele.

Ela estivera subjugada desde que embarcaram na escuna. Seu traje de baile esfarrapado em verde e ouro estava oculto pelo manto negro que geralmente era fixado à armadura de Alaric. Era grande demais, e talvez isso contribuísse para uma ilusão de magreza... mas não era *apenas* o manto.

As sardas de Talasyn contrastavam fortemente com sua tez mortalmente pálida. Aqueles olhos castanhos e arregalados estavam nublados por alguma angústia irreconhecível, mesmo enquanto olhavam diretamente para ele, com os

ombros encolhidos e o olhar distante.

Ele foi atingido, indefeso, pela vulnerabilidade dela; uma sensação de vazio queimava em seu peito. Ele levou a mão fria, tão fria, dela aos lábios, beijando as costas de seus dedos finos, sem jamais desviar os olhos do rosto dela. Aquele rosto. Ela sempre fora tão adorável para ele, mesmo durante a guerra. Mesmo agora, em sua palidez assombrada. Tão, tão adorável.

Ela não recolheu a mão, mas também não deu qualquer indício de que sentisse o toque dele. Sua pele era como gelo. Ela não falou até que ele baixasse o entrelaçar de seus dedos de volta ao colo dela.

"No chalé, eu disse que segui Oryal até o corredor atrás do salão de baile, e que ela me deixou inconsciente com um disparo de relâmpago na minha coluna."

Alaric assentiu, contendo o novo surto de fúria que borbulhava dentro de si.

"Aquela não era a verdade completa. Eu não quis te contar na frente de todos, mas..." Talasyn mordiscou o lábio inferior rachado antes de continuar. "Enquanto eu estava ali, caída no chão, ela me injetou — algo. Um tipo de soro. Ele levou embora o Lightweave. Eu não consigo mais praticar a etermancia."

Se ela tivesse revelado a notícia chocante de qualquer outra maneira, ele não teria acreditado imediatamente. Se ela soasse irritada ou triste, seu primeiro instinto teria sido questionar se ela tinha certeza absoluta. Ele teria sugerido que a magia dela estava simplesmente enterrada sob camadas de exaustão, ou que tudo não passara de um truque de Oryal.

Mas aquela voz, geralmente vibrante e melodiosa, estava opaca. E aqueles olhos castanhos estavam ainda mais apagados, o fogo neles extinto. Havia uma resignação no comportamento de Talasyn que não podia ser contestada. Um rescaldo inviolável.

Alaric sabia que ela dizia a verdade. E quando ela disse, franzindo levemente a testa: "O soro se parecia com os núcleos de éter da configuração de amplificação da Daya Vaikar. Sangue de sariman e a Nascente de Chuva..."

Ele sabia — de alguma forma, ele *sabia* — que aquilo era obra de seu pai.

No mês anterior à Escuridão Sem Lua, Alaric resgatara o sariman roubado das garras de seu pai. Gaheris entregara a ave com uma prontidão que parecera suspeita a Alaric já naquela época, mas ele afastara o pensamento. O arrependimento o golpeou violentamente quando ele finalmente compreendeu. Seu pai não tivera escrúpulos em abrir mão de tal prêmio porque já havia tirado proveito total dele. Apesar dos melhores esforços de Alaric — apesar de ter feito Sevraim jurar segredo — Encantadores Kesathese ainda descobriram como usar o sangue da criatura para anular a aethermancy de alguém permanentemente.

E esse método, de alguma forma, chegara até Oryal.

Ele deveria ter percebido que algo estava acontecendo quando Gaheris

permitiu que levasse o sariman sem protestar. Deveria ter ficado alerta. Deveria ter contado a Talasyn que o Comodoro Mathire roubara a ave das selvas de Nenavar, e que Gaheris estivera experimentando com ela durante todos aqueles longos meses.

Mas ele *não* contara a ela, e era pelo mesmo motivo que não podia contar agora.

Ele não queria que ela o odiasse.

Alaric sentiu como se as paredes da cabine estivessem se fechando. Ele não conseguia respirar. Os fragmentos mais sutis da frase seguinte de Talasyn flutuaram em seus ouvidos zumbindo. "Nem uma palavra a ninguém", disse ela com suavidade. "Eu não... eu *não posso* mostrar fraqueza. Agora não."

Mesmo assim, ela compartilhara a notícia com ele. Porque confiava nele — *finalmente* confiava nele, como ele sempre desejara que ela confiasse. Mas foi por causa da inação dele que ela perdera sua magia. Ele permaneceu ali, em silêncio, apertando a mão gélida dela, afogando-se em horror e arrependimento.

A Kaptan Gao entrou na cabine, desviando os olhos escuros, com taticamente cuidadosa, da visão do Night Emperor e da Lachis’ka aninhados juntos no sofá.

"Vossa Graça", disse ela para Talasyn, "conforme suas instruções, ainda não transmiti um relatório ao Teto do Céu. Também avistamos a brigantina na aproximação", acrescentou, referindo-se ao navio encarregado de seguir a equipe de resgate de Iantas caso precisassem de reforços, cujo porão continha os assassinos sobreviventes do ataque no baile de máscaras. "Os Lachis-dalo e eu verificaremos se há alguém ainda respirando que possamos adicionar aos prisioneiros no porão. Depois, seguiremos Vossa Graça até o Teto do Céu para o relatório com a Rainha Urduja. Agora, devemos discutir o que fazer com os corpos."

Talasyn franziu a testa. Gao continuou apressadamente. "Sei que é um assunto desagradável, mas simplesmente deixar os cadáveres de seus líderes aqui para serem descobertos dá a Katau, Tepi Resok e às Silklands motivos para represálias. Devemos manter a situação estável enquanto a Rainha Urduja determina seus próximos passos."

Ao mencionar a avó, algo indecifrável ondulou no rosto de Talasyn. "O que você sugere?", perguntou ela a Gao.

"Que coloquemos fogo no chalé e em tudo ao redor, Lachis’ka. Não deixe evidências."

Para Alaric, parecia um próximo passo lógico. Talasyn, no entanto, balançou a cabeça sem a menor hesitação.

"Se fizermos isso, corremos o risco de incendiar a floresta. O povo das

Terras da Seda depende dessas árvores para sobreviver", disse ela. "Não permitirei."

"Talasyn", Alaric começou a protestar, mas ela se levantou, deslizando a mão para fora da dele.

"Tudo isso é tão—temporário. Essas disputas por poder." Ela olhava para ele e, naquele momento, tudo estava em seus olhos. O passado que compartilharam. O novo mundo sobre o qual conversaram. "Assim que partirmos, tudo termina. E as gerações depois de nós terão que recolher os cacos. Uma úncica árvore de fogo leva trinta anos para amadurecer. Quantas gerações eu condeno? Quantos futuros um trono exige que sejam sacrificados?" Ela se voltou para Gao, erguendo o queixo com um toque de sua teimosia habitual. "Você está comigo?"

O punho de Gao se fechou sobre seu coração blindado. "Agora e sempre, Lachis’ka."

"então deixaremos as coisas como estão", instruiu Talasyn. "Eu lidarei com quaisquer repercussões que venham. Vá procurar por sobreviventes e avise a Rainha Dragão que estamos a caminho."

Assim que a porta se fechou após a partida de Gao, Talasyn oscilou instavelmente sobre os pés, e Alaric levantou-se num salto, alarmado. Mas ela dispensou a preocupação dele, endireitando a coluna.

"Ainda preciso da sua palavra, Alaric. De que não dirá a ninguém que perdi a Trama de Luz."

"Não direi", ele respondeu prontamente, a promessa rouca por uma nova onda de auto-aversão. "Embora... talvez a Rainha Urduja *devesse* ser informada."

Apesar de todas as suas falhas, Urduja protegeria a neta. Faria o que Alaric não fora capaz.

Ele observou, perplexo, enquanto as feiças de Talasyn se contorciam em repulsa. Então esse sentimento desapareceu, e ela passou a estudá-lo como se estivesse tomada por alguma percepção nua e crua que surgia lentamente, como a aurora. Os nervos dele formigaram de ansiedade.

Talasyn soltou o ar. Uma máscara deslizou sobre o oval de seu rosto polvilhado de sardas. Aquela máscara da corte, aquela expressão perfeitamente vazia. Ele quase podia vislumbrar a dinastia Silim na linha impassível de sua boca.

"O Zahiya-lachis seria o primeiro a insistir que eu mantivesse minhas vulnerabilidades escondidas", disse ela. "E, por enquanto, farei exatamente isso."

"Mas não de mim?" A pergunta escapou de seus lábios antes que ele pudesse contê-la.

"Você conhece minhas fraquezas melhor do que qualquer pessoa. A única

diferença é que agora conto com você para manter *esta* fraqueza em segredo."

Você está comigo? A mesma pergunta que ela fizera a Gao pairava no ar, não dita. Ela o encarou fixamente, como se ele não a superasse em altura. Algo havia mudado, fundamentalmente, permanentemente, no intervalo daquelas poucas horas em que ela estivera presa no chalé e ele tentara alcançá-la. Ia além do desaparecimento de sua magia.

Alaric pensou que pudesse ser desilusão. E por que não? Afinal, Talasyn fora traída por seu próprio povo.

Ela fora traída por *ele*, embora ainda não soubesse.

Ele quase se decidiu a contar a ela sobre o sariman. Estava prestes a fazê-lo, com tudo em seu interior esticado e vazio, preparando-se para as consequências — para a perda dela.

Mas a verdade murchou em sua língua antes que pudesse dar voz a ela. Apesar das inúmeras declarações de seu pai em sentido contrário, Alaric nunca acreditara verdadeiramente ser um covarde. Até agora.

A notícia eventualmente chegou por meio de um dos tripulantes: Surakwel Mantes queria falar com Talasyn antes que a escuna zarpasse. Ela foi procurá-lo, com o coração batendo dolorosamente lento e o estômago dado em nós. Ela estivera prestes a revelar o crime de Urduja a Alaric, mas algo a impedira: o *medo*.

Se ela lhe contasse que Urduja matara sua mãe, ela teria que explicar o porquê. Acabaria revelando que Hanan Ivralis fora fundamental para que os navios de guerra nenavarense navegassem em auxílio aos Tecelões de Luz de Sunstead.

Alaric contara a Talasyn sobre os Tecelões de Luz matando seu avô. Ela sabia da ruína que o Cataclismo causara à família dele. Se ele descobrisse que a família *dela* tivera parte nisso, e que ela omitira tal fato durante todos esses meses, ele jamais a perdoaria.

Mas não era como se ele fosse perdoá-la de qualquer maneira quando seu outro segredo viesse à tona. Quando a Allfold sardoviana retomasse o Continente com navios de guerra restaurados por carpinteiros navais nenavarenses, com aliados que adquiriram enquanto se escondiam dentro das fronteiras do Domínio.

Vou perdê-lo. Talasyn inspirou bruscamente ao subir ao convés. O pensamento queimou como a súbita inundação de luz solar que a banhou. Ardeu como o cheiro da floresta que atingiu o fundo de sua garganta. *De um jeito ou de outro, eu vou perdê-lo.*

Mas não seria hoje. Se ela pudesse apenas pegar todos os dias que lhes

restavam e prolongá-los, talvez não doesse tanto no final. Talvez suas memórias pudessem servir de amparo contra as ruínas.

Surakwel esperava do lado do bombordo, a brisa da manhã agitando seus cabelos desalinhados enquanto ele se apoiava desleixadamente no guarda-corpo. Talasyn gostaria de poder contar a ele o que Urduja fizera, mas a prova disso havia virado fumaça. Ela estaria apenas colocando-o em perigo se compartilhasse tal conhecimento.

“Eu farei algumas investigações, pode ser?” ofereceu Surakwel. “Descobrir com quem Oryal, Gitab e Musal andaram sendo particularmente amigáveis ultimamente.”

“Isso seria últil” disse Talasyn.

O Senhor do Rastro da Serpente ainda não havia encontrado os olhos dela. Seu olhar permanecia fixo no tapete de folhas vermelhas abaixo da nave. Ela tinha uma boa ideia do porquê. O beijo que o Imperador da Noite plantara nela era um fantasma sombriamente acusador que espreitava no espaço ensolarado entre os dois.

Curiosamente, Talasyn não sentia nenhuma da culpa que deveria tê-la assolado por aceitar tão publicamente as investidas do inimigo. No mínimo, ela deveria estar aflita com a possibilidade de Surakwel informar Ideth Vela sobre o que era, inquestionavelmente, uma traição grave. Na verdade, era mais provável do que possível que ele o fizesse.

Mas tudo o que sentia era desafio. Vago e timoroso, mas desafio ainda que fosse. Alaric viera buscá-la. Ele se preocupara com ela. Ela podia se apegar a isso, se a nada mais.

Felizmente, Surakwel não demonstrou desejo de abordar o assunto. Em vez disso, ao falar, disse: “Eu não tinha ideia de que Oryal fosse uma etermante. Nenhum de nós sabia. Como se consegue manter *isso* em segredo por todos esses anos?”

“Ela deve ter sentido muito medo” disse Talasyn suavemente.

"Você sente simpatia por ela?"

"Não." *Olhe onde a minha simpatia anterior por ela me levou.* "Mas acho que você sente."

Ele suspirou, cruzando os braços sobre o parapeito de madeira do dirigível. "Basicamente, todos nós crescemos juntos. Oryal, Niamha, Bairung, Harjanti, Praset e eu. Um bando de pequenos diabos nobres correndo por aí, o eterno desespero de nossas governantas. Agora Harjanti e Praset estão casados, Niamha e Bairung são dayas, e Oryal... Bem." Ele fez uma careta. "Não sei se gostaria que ela tivesse sobrevivido."

Quanto deve ter custado a ele proferir esse sentimento em voz alta? Mas

não havia como negar — se Oryal tivesse vivido, seria uma traidora da coroa.

Surakwel *olhou* para Talasyn então. Um relance breve enquanto a floresta cintilava ao amanhecer. "Você também teria sido nossa amiga, Lachis'ka. Se tivesse ficado aqui."

Isso era algo em que Talasyn pensava sempre que testemunhava a camaradagem entre os mais jovens do Domínio. Era como vislumbrar a vida que poderia ter tido, todas as vezes. Se Indusa Dei nunca a tivesse levado às pressas para o Continente durante a guerra civil de Nenavarene, ela ainda teria conhecido Alaric?

E por que *isso* era a sua principal preocupação ao ruminar sobre o que poderia ter sido? Ela deveria estar irritada consigo mesma. E, no entanto, não conseguia reunir energias para isso. Já sentia como se tivesse passado tempo demais desde a última vez que o vira. Desde a última vez que o tocara.

"E agora?" ela se ouviu perguntar a Surakwel. "Somos amigos agora?"

"Isso depende" ele murmurou. "O que você pretende fazer em relação a Ossinast?"

Ela mordeu a parte interna da bochecha em frustração. Então disse, em um tom de voz muito mais baixo: "Preciso que você entre em contato com a Allfold para mim. Agende uma reunião."

"Responder a uma pergunta com uma ordem completamente irrelevante— que atitude tipicamente imperial a sua" comentou Surakwel. Talasyn lançou-lhe um olhar furioso e ele deu um sorriso presunçoso. "Tudo bem. Enviarei uma águia assim que Vela confirmar."

Capítulo Cinco

A escuna e o iate de Surakwel afastaram-se das Silklands em direções opostas. Talasyn sentiu-se ligeiramente melhor com a perspectiva de um encontro com Ideth Vela. A Amirante lhe daria a orientação de que tanto precisava em meio a todo aquele tumulto, e elas poderiam discutir os próximos passos. Ainda assim, ela não relaxou até que a costa de Irrawad não passasse de um brilho distante, deixada para trás enquanto sua embarcação disparava sobre o Eversea em direção à capital, Eskaya. Logo ela avistou a brigantina de Gao no horizonte; a princípio um ponto, que gradualmente se transformou na silhueta de um navio aéreo de médio porte, repleto de tantas velas que rapidamente alcançava a escuna.

Um guincho estridente fez Talasyn olhar para cima. Ela reconheceu o ventre branco característico de uma skua kesathese pairando no vento antes de ela mergulhar em direção à escuna em um pique gracioso. Alaric estava no castelo de popa, e a ave mensageira pousou em seu braço estendido, segurando o rolo de velino amarrado à pata enquanto batia as asas marrom-escuras.

Uma nova missiva, ou a resposta a uma que ele havia enviado pouco antes de resgatá-la? De qualquer forma, não poderia ter vindo de outro lugar senão de seu navio de tempestade em Porto Samout. Ela se perguntou por que ele não havia simplesmente usado a aetherwave; as transmissões seriam instáveis, dada a distância, mas não impossíveis, e teria sido mais rápido...

Mas ele não quis arriscar que alguém interceptasse a frequência.

De volta ao Continente, no tempo anterior, Encantadores de ambos os lados, kesathese e sardovianos, mantinham-se ocupados nos transceptores de aetherwave das naves maiores, embaralhando a Estrada da Tempestade ao redor de cada transmissão como uma salvaguarda contra potenciais bisbilhoteiros. Mas não havia Encantadores à disposição de Alaric agora, e as skuas eram rápidas como raios quando queriam, difíceis — embora não impossíveis — de abater. Elas eram a opção mais segura.

Alaric já estava abordando aquela situação com a mentalidade de guerra.

Estamos de volta àquilo. Um pressentimento percorreu a nuca de Talasyn. *Estamos de volta, e eu não tenho minha magia.* Houve um leve suavizar nos lábios de seu marido que indicava que ele estava satisfeito com o conteúdo da mensagem. Ele não havia recolocado as manoplas, nem a máscara, mas era, em cada detalhe, um comandante mais uma vez, com suas ombreiras pontiagudas e

postura rígida, seus olhos cinzentos brilhando sob a luz do sol. Como ela poderia protegê-lo sem o Lightweave? Como ela o blindaria de tudo o que estava por vir?

Assim que a skua partiu, Alaric entregou o pedaço de velino a um Sevraim próximo, que o triturou com eficiência enquanto vapores inkys de Shadowgate emanavam de seus longos dedos castanhos. Uma pontada atingiu Talasyn ao perceber por que Alaric não o fizera sozinho — sua aethermancy estava nos estertores após a batalha do baile, após a escaramuça nas Silklands. Ele não havia dormido nada.

Quando ele se juntou a ela na popa, ela notou, agora que sabia o que procurar, os sinais de exaustão. O vinco em sua testa pálida, as profundas olheiras sob os olhos. A tensão em seus ombros largos, rigidamente retesados.

"Como você está se sentindo?", ele perguntou.

Era aquela voz, tão suave e profunda. Era aquele rosto cicatrizado e bonito, com os anos desaparecendo diante de sua fadiga. Era a preocupação dele com o bem-estar dela, e a total ausência dela com o dele.

Ela estendeu a mão cegamente, apertando o pulso dele com ambas as mãos. Era aquela mão, forte e calosa, que segurara as lâminas contra as quais as dela colidira, que a havia tocado por inteira, que lutara ao lado dela contra o Sever do Vazio, que a salvara hoje.

Era a combinação de tudo isso que preenchia seu coração até transbordar, um clamor agridoce de coisas que ela queria dizer e de cada razão individual pela qual não podia dizer nenhuma delas.

"Alaric", Talasyn sussurrou, em vez de responder à pergunta dele. A voz soou tão desolada quanto ela se sentia. "Eu—"

A respiração dele falhou, e ele se afastou dela.

Ela piscou, olhando para o espaço vazio entre seus dedos onde a mão dele estivera apenas um segundo atrás. A perda ecoou por ela como uma onda de choque. Com atraso, percebeu que a pedra vulana de sua aliança havia se soltado ligeiramente do engaste e estava lascada na borda. Teria sido danificada durante a batalha no baile de máscaras, ou quando ela a usou para serrar suas amarras? Fosse como fosse, era um milagre ela ainda não ter se cortado, e provavelmente deveria tirá-la . . .

Por algum motivo, porém, ela não o fez. Por algum motivo, pensou, em vez disso, na coroa cerimonial da Imperatriz da Noite, que deixara para trás na Cidadela. A platina amassada, as pedras preciosas riscadas pelo ataque rebelde durante sua coroação. Tudo o que a ligava a Alaric estava se esgarçando. O tempo deles estava acabando.

"Deveríamos parar de organizar eventos", comentou ela, em uma tentativa

de preencher o silêncio constrangedor. Uma tentativa tola, pensando bem. Ele provavelmente não tinha ideia do que ela queria dizer, e não havia nada menos engraçado do que ter que *explicar* uma piada—

A centelha mais tênue iluminou os olhos cinzentos dele. "Nosso casamento correu bem."

Ele sempre fora capaz de lê-la com tanta facilidade. Na batalha, na cama. E fora dela.

Mas agora ele estava sendo cauteloso novamente. Distante novamente. Ela não entendia o porquê. Quase parecia que nem ele mesmo compreendia totalmente, com o conflito estampado no vinco entre as sobrancelhas. Então o olhar dele mudou e ele franziu a testa para o horizonte atrás do ombro dela, e lentamente ela se virou para seguir a linha de visão dele.

A brigantina os alcançava com uma velocidade vertiginosa em meio a uma massa de velas totalmente enfunadas, impulsionada por vapores de magia do vento tão densos que se espalhavam sob e atrás da aeronave como nuvens de tempestade verde-esmeralda. O timoneiro estava levando os corações de éter à capacidade máxima.

Alaric lançou a Talasyn um olhar intrigado, ao qual ela só pôde responder com um dar de ombros. Talvez Gao sentisse que a escuna da Lachis’ka estava exposta demais, e o kaptan estivesse ansioso para providenciar mais uma linha de defesa...

No tempo que viria—nas horas, nos dias, nos anos seguintes—Talasyn revisitaria o que aconteceu a seguir repetidas vezes em sua mente, analisaria cada segundo sob a penumbra de seus arrependimentos, pensaria em quão equivocada estivera e se perguntaria se havia algo que ela ou Alaric pudessem ter feito diferente. Se ao menos soubessem, ou ao menos suspeitassem, que nada era mais como antes, nem mesmo nos lugares que acreditavam serem invioláveis.

O céu azul atrás da brigantina explodiu com dúzias de pequenas silhuetas aladas.

Coracles-mariposa—que não pertenciam à Huktera de Nenavarene, mas estavam revestidos por uma coleção heterogênea de velas sem emblemas. Sem lealdade. Eles perseguiam o transporte de prisioneiros, descendo rapidamente sobre ele enquanto este tentava, em vão, esquivá-los.

O primeiro lampejo de luz violeta despertou Talasyn de seu estupor. Ela se virou para ordenar que o timoneiro da escuna retrocedesse, mas Alaric subitamente envolveu a cintura dela com os braços e a puxou na direção da escotilha.

"Desça para o convés inferior", ele disse ao pé do ouvido dela.

"Não!" Talasyn lutou contra aquele aperto firme como aço. "O que você *está fazendo*? Temos que ajudá-los!"

"Não chegaremos a tempo." Por algum motivo, ele olhou para os céus, densos de nuvens brancas e macias. "É tarde demais."

E ela sabia, é claro que sabia, que ele tinha razão. Ainda assim, contorceu-se nos braços dele como uma louca, arranhando, cuspindo injúrias, mas ele se recusava a soltá-la. Dois dos Lachis-dalo na escuna aproximaram-se cautelosamente, as mãos descendo para os punhos de suas espadas. "Se quiserem manter a Lachis'ka de vocês a salvo, farão o que eu mando", Talasyn ouviu Alaric dizer a eles por cima do rugido de sangue em seus ouvidos. E ele disse, ao Lachis-dalo que pilotava a aeronave: "E *você* nos tirará daqui o mais rápido que puder."

Eles o obedeceram. É claro que obedeceram. Ela era a única que não estava raciocinando com clareza. Ela era a ingênua que pensava que tudo poderia ser salvo. Mais luz violeta, girando nas bordas de sua visão. Ela se libertou dele então, correndo para observar do parapeito, como se isso tornasse a situação menos real.

Os coracles de mariposa despejaram uma chuva de magia de morte e virotes de besta sobre a brigantina. Gao e suas tropas lutaram bravamente, disparando seus próprios canhões de vácuo e balistas, mas foram irremediavelmente flanqueados. Mesmo enquanto vários coracles inimigos explodiam em fumaça e despencavam na água, seus companheiros acertaram golpes diretos nos corações de éter da aeronave maior. Nas figuras blindadas que lutavam por suas vidas no convés.

E Talasyn só podia observar. A escuna estava em potência máxima, levando-a cada vez mais longe da cena do banho de sangue, e ela só podia observar até que — em um intervalo que pareceu quase inexistente — a brigantina tombou para a frente, uma conflagração de magia naufragante e velas esfarrapadas, e colidiu contra a superfície do Eversea. As ondas agitaram-se, espumaram e fecharam-se sobre a embarcação e seus prisioneiros... e sete dos dez Lachis-dalo de Talasyn, leais e dedicados até o fim amargo.

Não houve oportunidade para o luto. Nunca houve. A guerra a encontrara novamente. Seguira-a por todo o caminho até aqui. Levara aqueles que juraram morrer por ela da mesma forma que ela jurara morrer por Sardóvia. E assim continuava.

Mal a última parte da brigantina desaparecera sob as correntes, os coracles restantes, cerca de quinze no total, dirigiram-se ao navio de Alaric e Talasyn.

Ele a agarrou novamente e a empurrou para os braços de Sevraim. "Leve-a para dentro!", gritou para seu legionário.

"Eu posso ajudar", disse Talasyn obstinadamente. "Eu opero a balista—"

Alaric a ignorou. "Amarre-a se for preciso", disse ele a Sevraim. "Se eu a vir no convés quando a luta começar, você desejará nunca ter nascido."

"Como se eu já não desejasse isso todos os dias desta vida maldita", respondeu Sevraim com apatia. Ele não parecia muito confiante em sua capacidade de conter alguém que não sabia não ser mais uma Lightweaver, mas obedientemente começou a arrastar Talasyn para a escotilha. Não sem antes lançar um olhar impaciente para as nuvens acima deles, assim como Alaric fizera.

O motivo logo se tornou claro demais: os dois kesatheses estavam esperando.

Enquanto Alaric e os três Lachis-dalo sobreviventes se preparavam para a batalha—

—enquanto seus inimigos avançavam cada vez mais

—enquanto Talasyn amaldiçoava Sevraim, enquanto ele tentava descer a escada para a cabine abaixo do convés com ela logo atrás—

Uma sombra caiu sobre o mundo.

O navio-tempestade *Deliverance*, trono aéreo do Imperador da Noite de Kesath, desceu suavemente das densas camadas de nuvens nevadas que haviam disfarçado sua aproximação. Era tão monstruoso quanto Talasyn lembrava, mais criatura marinha do que embarcação voadora, um arranjo elíptico de vastas câmaras de ferro revestidas por folhas de metalvidro translúcido, divididas por uma treliça de anteparas de aço. Era quase tão grande quanto os dragões, um teto cristalino sobre o Eversea que pulsava com corações de éter brilhando com o verde do Squallfast, o azul do Rainspring, o branco do Tempestroad.

O *Deliverance* materializara-se de tal posição que a horda de coracles-mariposa estava diretamente abaixo das turbinas em seu grande ventre. Estas rugiram imediatamente, criando um redemoinho que prendeu as embarcações menores e as girou em uma espiral violenta. Algumas escaparam, guiadas através do vórtice por timoneiros excepcionalmente aptos—apenas para serem abatidas pelos canhões de relâmpagos do navio-tempestade.

Foi a devastação total. Talasyn não havia percebido até este momento que, em algum ponto dos últimos meses, havia deslizado para uma ilusão de paz. Que ela realmente acreditara, tão divorciada da realidade, que jamais veria um navio-tempestade em ação novamente. Os céus escureceram enquanto a magia da chuva era enviada para as nuvens, que logo começaram a liberar um dilúvio que alcançava até a escuna... assim como vestígios daquele vento terrível e uivante.

O torrente e o vendaval beijaram sua pele, fria pelas mortes de Gao e dos outros Lachis-dalo. O torrente e o vendaval feriram seu olhar, fixo nos coracles-

mariposa enquanto eles colidiam uns com os outros em explosões de madeira estilhaçada, enquanto as ondas de raios atravessavam suas velas e seus cascos.

Talvez ela devesse estar horrorizada com tal destruição. Talvez devesse estar perturbada ao ver a arma pavorosa de Kesath rasgando os céus da terra de seu pai. E talvez ela estivesse sentindo tudo isso, mas—

Mas seus guardas leais haviam partido. Sua mãe fora assassinada. Sua magia fora roubada.

E o navio-tempestade de seu marido crepitava com a mesma vingança radiante que estivera em seu beijo.

Os olhos cinzentos de Alaric eram lascas de pedra congelada enquanto ele observava uma tempestade além da imaginação mais selvagem dos Nenavarene. Cada onda que quebrava, cada turbilhão de raios, cada inimigo caído e fustigado pelo vento—todos pareciam ecoar, em um coro fantasmagórico, palavras ditas diante de um altar há muito tempo. Carregadas por vapores de incenso até os navios dos ancestrais no Céu Acima do Céu.

Eu levantaria meus exércitos para a sua defesa. A lembrança da promessa de Alaric soprou nova vida nas câmaras arruinadas do coração de Talasyn. *Eu permaneceria ao seu lado, ainda que o próprio Eversea fosse contra nós.*

Sim, pensou ela, enquanto a chuva a banhava, enquanto raios brilhantes consumiam a última canoa de mariposa. Ela não tinha mais paciência, nem misericórdia. O Imperador da Noite era ira e gelo, e ela—

Ela só queria que tudo *queimasse*.

Capítulo Seis

Alaric não tinha dúvidas de que a *Deliverance* teria causado um certo alvoroço ao partir do Porto Samout sem sequer pedir licença. Ele instruíra a tripulação, via skua, a não permitir que ninguém os detivesse, e eles responderam afirmando que ninguém o fizera. Os Huktera do Domínio provavelmente estavam com as mãos ocupadas lidando com a nova ameaça à segurança que surgira na noite anterior; talvez até pensassem que os Kesathese haviam se assustado e estivessem fugindo a toda pressa de volta ao Continente.

Tudo tinha dado certo — até certo ponto. Ele desejava que seu navio-tempestade tivesse chegado mais cedo. Assim, não teriam perdido Gao e a maioria dos Lachis-dalo, além dos prisioneiros que poderiam ter fornecido informações valiosas.

Mas sua esposa estava segura. Era nisso que ele se concentrava. Era tudo o que importava.

A tempestade dissipou-se enquanto a *Deliverance* recolhia suas armas. As portas que compunham uma seção larga da proa inferior do navio abriram-se com um chiado, e a escuna deslizou para dentro do hangar.

Os três guardas restantes de Talasyn agruparam-se protetoramente ao redor dela enquanto Alaric e Sevraim os guiavam pelas entranhas do navio-tempestade, subindo até a ponte de ferro que abrigava os controles da *Deliverance*, encerrada em uma cúpula de vidro-metálico. Girando industriosamente sob feixes de sol tropical, estavam os volantes nas mãos de timoneiros silenciosos e os painéis cintilantes de interruptores e alavancas que manipulavam a magia de uma quantidade de corações de éter equivalente a uma cidade inteira. Em contraste, o transceptor estava inativo, quando normalmente estaria iluminado com a Estrada da Tempestade enquanto vozes chiadas filtravam por suas buzinas de latão.

Alaric ordenara o bloqueio de todas as mensagens, exceto as enviadas por asas. Ele não confiava que as frequências de Nenavarene fossem seguras. Ainda assim, apesar de suas precauções, os conspiradores haviam descoberto onde eles estavam, de qualquer maneira.

"Eles sabiam que deviam atacar a brigantina primeiro." Enquanto permaneciam na borda do convés de comando, afastados de todos os outros, a voz de Talasyn era tão pequena e opaca que Alaric teve que se inclinar para ouvi-la. "Eles sabiam onde seus companheiros estavam detidos, e mataram a

todos para garantir o silêncio."

Ela lutara como uma gata selvagem em seus braços mais cedo. Gritara com ele, o que ele aceitara com algo parecido com alívio. Mas agora ele não conseguia decifrar a expressão nos olhos castanhos dela, e aquilo corroía seus nervos.

"Você está brava comigo?" Alaric exigiu, em tom baixo e ríspido. Ele não iria se desculpar por tentar protegê-la e, se isso significasse que brigariam, que assim fosse.

"Não", disse Talasyn, friamente. "Você estava certo. Não poderíamos ter salvado Gao e os outros."

Foi só então que ele percebeu o quanto desejara uma briga. Qualquer coisa que indicasse o antigo fogo de Talasyn. Ele suportaria a raiva dela, mas não essa impassibilidade vazia. Era como se tudo o que a tornava quem ela era tivesse desaparecido junto com o Lightweave.

Tudo culpa dele. Ele fizera aquilo com ela. Suas mãos cerraram-se em punhos impotentes ao lado do corpo.

"Instruí Gao a avisar ao Teto do Céu que estávamos a caminho", continuou Talasyn, ainda com a mesma entonação sem vida. "É o protocolo para qualquer um que se aproxime da Rainha Dragão, especialmente com essa nova ameaça à segurança. O kaptan teria informado a eles qual rota usaríamos para nos aproximar de Eskaya. Há um traidor no palácio real."

"Nós os encontraremos", Alaric prometeu com a voz embargada. "Não posso devolver seus Lachis-dalo, mas posso trazer as cabeças dos responsáveis."

Os lábios dela tremeram em um lampejo de um meio sorriso sombrio. "Porque eu não sou mais capaz de arrancar minhas próprias cabeças?"

Uma pontada atravessou o peito dele. Bem no centro. Ele não sabia o que fazer, tão envolto em sua própria vergonha. "Você é formidável com ou sem sua magia", ele conseguiu dizer por fim, sentindo cada palavra.

No entanto, ele estava bem consciente de que permanecera em silêncio por tempo demais para que ela desse qualquer crédito àquela afirmação.

"Suas Majestades!" Um tripulante correu para o convés de comando, ofegante. "Uma águia do Príncipe Elagbi — ele está solicitando reforços."

Os corpos haviam sido descobertos nas Terras da Seda. O grito de guerra ecoara entre os aliados dos três nobres mortos.

Não importava que Oryal Ferasai, Kai Gitab e Ralya Musal tivessem atacado a coroa primeiro. Tudo o que seus companheiros conspiradores precisavam era de um motivo. Eles já estavam se reunindo para atacar a capital, e era simples mover suas forças ao norte, para a ilha principal de Sedek-We.

"Recebemos a notícia de que o *Deliverance* estava a caminho de Eskaya após resgatá-la." Elagbi caminhava pelo convés de comando de seu navio de guerra, o *Mapulon*, onde Talasyn correra para encontrá-lo. "Arrisquei que você não estaria muito longe e que poderia ajudar com... isso."

Ele apontou para a extremidade oeste da costa de Vasiyas, ao longe, que estava iluminada por fumaça negra e luz violeta. Sobre as areias brancas e brilhantes, navios de guerra dos exércitos privados de Irrawad e Delanep trocavam bordadas com a frota Huktera que os interceptara. Fluxos de coracles-mariposa giravam ao redor das embarcações maiores em um redemoinho frenético, cuspindo disparos do vazio de canhões esculpidos.

Liderando os Huktera estava Elaryen Siuk, a Grande Magindam das forças de Urduja. Seu colossal navio-almirante, o *Parsua*, era uma visão formidável, e o inimigo era insuficiente em número para constituir uma revolta em larga escala. Era óbvio que a maioria das casas envolvidas na conspiração optara por manter a discrição, dada a falta de notícias sobre a morte de Alunsina Ivralis. Mas isso apenas significava que aqueles que *estavam* lutando o faziam como se não tivessem mais nada a perder.

Talasyn reconheceu os emblemas tremulando nas velas em garra de caranguejo dos navios inimigos. Aquelas casas nobres estiveram presentes em seu casamento com o Imperador da Noite. Teriam as sementes da conspiração sido realmente plantadas naquele dia, como Oryal insinuara?

Em seu estado de exaustão e privação de sono, Talasyn tropeçou na palavra *conspiração* em sua mente. Todos que lutavam contra os Huktera o faziam porque preferiam combater a se render, agora que a trama fora exposta. Tornaram-se traidores por causa da aliança com Kesath. Esses nenavarenes compartilhavam um inimigo comum com a Allfold de Sardovia.

Uma conspiração não seria a mesma coisa que uma rebelião?

O que significava lutar pela mesma causa de lados opostos?

A cabeça de Talasyn girava. Não era hora de ter uma crise existencial. Ela focaria no que poderia salvar. Virou-se para o pai enquanto o navio de guerra dele deslizava pelo ar, avançando rapidamente em direção ao campo de combate.

"Amya", disse ela, "preciso que você fique para trás".

"Absolutamente não", foi a resposta imediata dele. "A Grande Magindam precisa de toda a ajuda que puder conseguir".

"A *Deliverance* está a caminho. Isso será mais do que ajuda suficiente", argumentou Talasyn. "Tudo o que precisamos fazer é neutralizar as naves-capitânia do inimigo — lançar as fileiras deles no caos até que Alaric chegue".

"And como você propõe que façamos isso?" Elagbi lançou a Talasyn um olhar estranhamente severo, lembrando-a de quando ele se preocupara com o

envolvimento emocional dela com Alaric. Era um olhar que a alertava para não fazer nenhuma estupidez. Aquilo apertou seu coração de amor.

Ela quase contou a ele o que Urduja fizera, mas as palavras pararam no meio da garganta. Elagbi já sofrera demais, perdera demais. Urduja assassinara não apenas a mãe de Talasyn, mas também a amada esposa de seu filho. O filho que derramara o sangue do irmão por ela, que a reverenciava não apenas como mãe, mas também como sua rainha. Tal informação o destruiria.

E, percebeu Talasyn com uma pontada de dor, ela não tinha certeza se ele acreditaria nela. Se ele a escolheria em vez da Zahiya-lachis.

"Deixe comigo", disse ela, respondendo à pergunta dele. "Eu darei um jeito".

Elagbi finalmente assentiu, embora com extrema relutância. Ele a observou com olhos escuros, ainda avermelhados pelas lágrimas de alívio que derramara quando se reuniram alguns minutos atrás. Talasyn vestia roupas emprestadas de um timoneiro da *Deliverance* — um traje de voo preto justo ao corpo com detalhes em prata. Tinha sido a escolha prática, já que Talasyn dificilmente conseguiria pilotar um coracle em batalha com seu vestido de baile, mas agora uma onda de culpa a invadiu. Como se o Império da Noite a tivesse engolido e ela estivesse disposta demais a isso.

"Eu quis me juntar à missão nas Terras da Seda, sabe", disse Elagbi de repente. "Mas seu marido não foi a favor. A ponto de fazer ameaças".

"Eu concordo com ele nisso", Talasyn não hesitou em responder. "Era um risco enorme".

"Não era com o meu bem-estar que ele estava preocupado. Não exatamente". Elagbi abriu um sorriso gentil. "Ele disse que, se algo acontecesse comigo, você nunca o deixaria esquecer isso".

Presa ao poço do mesmo coracle-lobo que a transportara da *Deliverance* para o navio de guerra de seu pai, Talasyn disparou para fora do hangar. Os dezesseis coracles-mariposa que compunham o complemento de caças únicos do *Mapulon* a seguiram. Sobre o azul ondulante do Eversea, rumo à batalha que rugia sobre Vasiyas.

Ela nunca liderara um esquadrão antes. Mas Talasyn tinha um plano muito específico em mente — a mesma estratégia que a Allfold de Sardóvia empregara certa vez, quando várias das naves-capitânia de Kesath estavam em jogo.

Os nenavarenses estavam pouco acostumados com a guerra. Eles teriam que confiar nela. Ela teria que confiar em si mesma.

Sol. Seus dedos apertaram a alavanca que controlava o suprimento de magia do vento de seu navio voador. *Ajude-me.*

Ela poderia atribuir aquilo à falta de sono, a maneira como clamava por um rapaz que já se fora há muito. O comandante de seu antigo esquadrão nos regimentos da Allfold. Marido de Khaede por apenas algumas horas. Sol, cujo raciocínio rápido e habilidade quase preternatural no leme haviam salvado os sardovianos vez após vez.

Morto agora. Observando-a por entre os salgueiros, enquanto Nalam Gao a observava do Céu Acima do Céu.

Nada disso terá sido em vão, prometeu Talasyn. Se ela tivesse que pôr fim a uma rebelião para salvar outra, que assim fosse.

Ela ditou suas instruções no transceptor de aetherwave. Os alvos eram os cinco navios de comando no centro da contenda, cada um correspondendo a uma casa nobre diferente. No momento, Talasyn e seu esquadrão voavam em um grande grupo, aproximando-se de Vasiyas pelo oeste. Uma enorme explosão de magia do vazio disparou em direção a eles, tingindo as nuvens brancas e a superfície do oceano com ondulações de fogo ametista.

"*Agora!*"

O grito de Talasyn irrompeu pela aetherwave. Seu esquadrão dividiu-se em cinco formações em ponta de flecha; a que ela liderava subiu, duas deslizaram para baixo e as duas restantes desviaram-se para a esquerda e para a direita, respectivamente. A explosão do vazio atravessou o espaço vazio que subitamente florescera no centro.

Com os corações de éter rugindo, as coracles avançaram rumo à costa, lançando-se no maelstrom do combate. Talasyn esquivou-se de explosões do vazio, virotes de besta e outros combatentes, com seu esquadrão seguindo logo atrás. Ela lhes dissera para atirar apenas quando fosse inevitável; precisavam economizar munição para os navios de comando.

Em vez de usar a aetherwave, que poderia ser facilmente interceptada pelo inimigo, Talasyn enviara um bilhete escrito às pressas para Siuk através da águia residente do *Mapulon*. A ave não estava à vista, mas Siuk parecia ter recebido a mensagem. Pois, enquanto o esquadrão de Talasyn passava zunindo pelo *Parsua*, várias mariposas Huktera juntaram-se às pontas de flecha, enquanto outras os flanqueavam, formando um perímetro defensivo.

Mas os conspiradores haviam estabelecido um perímetro próprio. Seus navios de comando estavam protegidos por um anel de embarcações menores, que bombardeavam as Hukteras que se aproximavam com ondas de ferro e magia. Vários golpes diretos foram desferidos; algumas coracles-mariposa desintegraram-se quando virotes de besta perfuraram seus corações de éter, outras simplesmente caíram das formações quando seus timoneiros foram mortos por explosões do vazio.

“Magindam—” Talasyn começou a chamar Siuk pela aetherwave, mas foi interrompida por uma transmissão de Elagbi. Conforme as instruções dela, seu pai levara seu navio para bem alto e estava atuando como seus olhos no campo de batalha.

“Abram caminho” foi tudo o que ele disse, seco e urgente, ao ver o que Siuk estava prestes a fazer.

Houve um rangido colossal, alto o suficiente para cortar o estrondo da guerra. Ouviu-se o som de cordas se rompendo, de várias *coisas* pesadas voando pelo ar.

As coracle Huktera se dispersaram, abrindo caminho para uma saraivada de virotes gigantescos de balista que a tripulação da *Parsua* havia disparado de seus conveses. Eles dispararam cada balista a bordo, deixando-se vulneráveis aos inimigos que não perderam tempo em enxameá-los, mas a tática serviu ao seu propósito, rompendo o anel defensivo dos conspiradores. Diversos navios de guerra inimigos foram atingidos, despencando ao chão em rastros de fumaça negra e velas rasgadas, e as coracle Huktera entraram pelas brechas deixadas, reformando os agrupamentos em ponta de flecha.

O vento açoitava o rosto exposto de Talasyn enquanto ela deslizava para a vanguarda, com as cinco naves de comando surgindo diante dela. Seu mundo se reduziu àquela que tinha o nome *Kalinat* pintado na proa em escrita dourada do Domínio. A nave ostentava o emblema de um leão de cobre sobre um fundo branco e marrom com ornamentos geométricos—o símbolo da Casa Banteg. Esta era a embarcação que Talasyn designara para que sua formação eliminasse.

Fácil de dizer, quase impossível de fazer. A *Kalinat* estava aninhada bem no meio de seus aliados. Quem a atacasse ficaria exposto ao fogo de ambos os lados.

E que fogo era aquele. Os conveses circulares em camadas das cinco naves de comando dispararam sua artilharia contra os Huktera que se aproximavam. Cada convés girava independentemente dos outros e era revestido com tantos canhões do vazio quanto cabiam, garantindo um fluxo implacável de magia da morte que rapidamente assumiu a ferocidade de um inferno.

O lobo de Talasyn acelerou, guiando as mariposas pelos espaços seguros entre as espirais radiantes de ametista. Ela tentou manter vivos tantos quanto pôde, gritando ordens no transceptor da mesma forma que Sol fizera, certa vez. Tentou pensar da maneira que ele pensaria. Afrouxando as formações quando a barragem de luz ametista se concentrava, apertando-as quando a luz se dispersava.

E, finalmente, ela levou seu esquadrão até lá. Não todos, mas o suficiente. As mariposas navegaram sob seus alvos designados e, como se fossem uma só,

dispararam contra os corações de éter incrustados nos cascos.

O *Parsua* e os demais canoas de estabilizadores Huktera engajaram o restante da frota inimiga, mantendo-os afastados, mas isso só poderia render algum tempo. Talasyn precisava agir rápido. Rangendo os dentes, ela conduziu sua formação em arco após arco, golpeando os corações de éter do navio de guerra Banteg enquanto esquivava dos disparos do vazio de seus aliados próximos.

Pelo canto do olho, ela viu o navio de comando mais a oeste naufragar. Fumaça emanava de seus corações de éter destruídos; ele tombou no ar e iniciou uma descida veloz. Os gritos de sua tripulação condenada chegaram aos seus ouvidos, ou talvez fosse o grito em sua própria cabeça. As memórias. As tripulações de outros navios, em tempos passados e a um oceano de distância, sobrepostas ao presente, porque — independentemente do motivo, independentemente da lealdade — seria sempre uma morte terrível, cair do céu.

Aquilo nunca terminaria. Até mesmo esta batalha, aqui e agora, fora provocada pelas Guerras do Furacão.

Talasyn manobrou seu lobo para outro ataque ao *Kalinat*. A maioria de seus corações de éter apresentava rachaduras profundas, e o brilho verde-esmeralda do Vento-Rápido contido neles pulsava instavelmente. Apenas três coraçolas de mariposa ainda estavam com ela. Mas o objetivo estava à vista — e, a essa altura, Alaric estaria quase sobre eles.

O navio de comando à esquerda do *Kalinat* começou a fumegar e a cair. Ao fazer isso, disparou uma última salva de canhões do vazio na direção de Talasyn. Foi o instinto que a fez tentar conjurar um escudo etéreo antes de se lembrar de que não podia mais, um desperdício de tempo precioso que a forçou a puxar sua coraçola bruscamente para cima para evitar a luz violeta.

A nova trajetória de voo a deixou nivelada com o convés inferior do *Kalinat*. Nível com os soldados Banteg que aguardavam junto aos parapeitos, com suas bestas já prontas para disparar.

Os parafusos de ferro rasgaram as velas do coracle-lobo de Talasyn. Eles cravaram-se em seus corações de éter. O mundo tornou-se um borrão de céus azuis e costas brancas enquanto ela girava violentamente; cada meio segundo passava como se fosse em câmera lenta, cada pensamento vindo à tona com nítida clareza.

Eu não posso morrer agora.

Não desta morte amarga.

Não com todas as guerras que ainda virão.

Eu jurei salvar Alaric.

Eu não posso morrer, porque preciso salvá-lo.

Ela puxou as alavancas de seu navio, com força e frenesi. Angulou os restos das velas para capturar qualquer vento que pudesse. Sobrecarregou os corações de éter danificados. Eles soltaram faíscas e fumaça e, assim que sua descida começou, ela empurrou o manche de direção com todas as suas forças—

—e colidiu seu coracle-lobo *contra* o castelo de popa do navio de guerra da Casa Banteg.

Capítulo Sete

Ela havia calculado a colisão com precisão. O lobo atravessou os painéis de controle do outrigger, arremessando os operadores para longe, desativando efetivamente os lemes, o transceptor de aetherwave e o fluxo e refluxo das correntes de Squallfast. O *Kalinat* gemeu e imobilizou-se, sua fonte de energia minguando até que restasse apenas o suficiente para mantê-lo no ar. A tripulação atacou assim que Talasyn pousou bruscamente, com seu dirigível opalescente e castigado girando sobre as tábuas de carvalho. Virotes de besta choviam como pedras contra o ante-escudo de vidro metálico e as escotilhas laterais, e Talasyn saltou enquanto sua coraça ainda derrapava até parar. Ela desembainhou a espada e os soldados inimigos avançaram, brandindo suas próprias armas.

O ferimento em sua coxa abriu-se enquanto ela golpeava e cortava, enquanto esquivava e contra-atacava. Apenas a adrenalina amortecia as pontadas de dor — vindas da ferida e dos novos cortes e hematomas que sofria ao longo desse combate febril e incessante. Houve momentos, momentos demais, em que os dedos de sua mão esquerda flexionaram-se automaticamente para conjurar o escudo de teia de luz que ela levara tanto tempo para aprender a criar, apenas para não encontrar nada. A magia estava se provando difícil de desaprender, agora que se fora.

Mas a tripulação do *Kalinat* não sabia que ela a perdera. Essa era provavelmente a única coisa que salvava sua vida — o medo que tinham do Lightweave. Isso fazia a maioria deles hesitar antes de golpear.

Uma nova espada chocou-se contra a dela, e ela olhou nos olhos de quem a empunhava. O homem tremia.

"Lachis’ka", ele arquejou.

E foi então que Talasyn percebeu que não era o medo do Lightweave que detinha aqueles soldados.

Era o medo *dela*.

Porque Talasyn era Aquela Que Viria Depois. Ela era a herdeira de Urduja Silim. A Casa Banteg pagava os salários daqueles soldados e lhes dava ordens, mas eles estavam divididos entre essa lealdade e a que haviam jurado à Zahiya-lachis, que fora abençoada pelos ancestrais, escolhida para velar por suas terras.

Vidas menores, presas entre regras conflitantes impostas por quem detinha o poder. Como o curandeiro Angsanak, que estava em algum lugar de Tepi Resok, caminhando sob os passos de seus fantasmas.

Talasyn empurrou o soldado, quebrando o travamento das lâminas. Ela deu alguns passos para trás, com a espada inclinada à sua frente em posição defensiva, mas não atacou.

Nem a tripulação do outrigger o fez. Havia a mesma hesitação ondulando entre eles, multiplicada cem vezes.

Rajan Banteg abriu caminho furiosamente entre as fileiras. Era um homem robusto, de pele mogno profunda e cabelos longos em um tom mais escuro, presos por uma faixa de couro na testa bordada com o leão passante de sua casa; o mesmo padrão de fretes geométricos ecoava em seus trajes blindados. De acordo com a inteligência de Huktera, era ele quem, por meio de seu povo, havia tropeçado nos resquícios da batalha das Silklands, procurando por Daya Musal após ela ter desaparecido, e fora fundamental na mobilização dos conspiradores ao saber de seu destino.

"Rajan Banteg", disse Talasyn friamente. "Minha luta não é com seus homens."

"Que assim seja, Lachis’ka." Ele desembainhou a espada. "É apenas justo que eu vingue Daya Musal e o Rajan Gitab com minhas próprias mãos."

Talasyn zombou. "Tenho certeza de que Daya Ferasai se importaria de ter sido deixada fora da equação."

As sobrancelhas grossas de Banteg se franziram. "Não entendo o que quer dizer."

Ela o encarou. O corpo de Oryal não estava entre os mortos, lá atrás, naquela montanha de brilho carmesim? Será que a daya sobrevivera ao veneno, de alguma forma, e rastejara para longe?

Mas Banteg descartou o assunto rapidamente, assumindo uma postura de ataque, com o gume letal de sua lâmina curva apontado para ela.

Houve um estalo de estática vindo do coracle-lobo de Talasyn, que jazia de lado a alguns metros de distância. Uma voz surgiu através da aetherwave. Como o transceptor estava gravemente danificado, as palavras estavam distorcidas. Indistintas. Mas ela teve uma ideia clara do que era a mensagem, especialmente porque o céu escureceu, o vento soprou com mais força... e a chuva começou a cair.

"Acabou, meu senhor", disse Talasyn a Banteg. "Seu navio parou e seus aliados estão caindo. Eu garantirei que minha avó lhe conceda clemência se você se render agora. Se nos fornecer informações sobre este complô."

"Prefiro morrer como meus camaradas morreram", rosnou Banteg, "lutando por uma causa em que acreditávamos, do que me lançar à sua misericórdia ou à da Zahiya-lachis."

"E quanto à do Imperador da Noite?", perguntou Talasyn calmamente.

Acima delas, os céus se abriram. As nuvens deram lugar aos contornos translúcidos e elípticos da *Libertação*.

Um navio de tempestade Continental navegava muito mais lentamente do que um coracle ou um outrigger de Nenavar. Mas a questão era a seguinte: uma vez que chegava ao seu destino pretendido, a velocidade nunca importara menos.

Os canhões de relâmpagos do lado bombordo dispararam, ondas de calor branco brilhante percorrendo quase todas as embarcações inimigas que haviam flanqueado a Huktera. Mastros foram incinerados, diversos emblemas transformados em fumaça. Corações de éter pulsaram e racharam ao entrarem em contato com a súbita descarga de Estrada da Tempestade, e isso causou estragos nos núcleos de Squallfast e Voidfell, desencadeando reações em cadeia que resultaram em dúzias de explosões em miniatura. As grandes embarcações foram reduzidas a destroços acinzentados antes mesmo de começarem a despencar rumo ao solo.

Tanta morte, num único golpe. Aquelas pessoas que Talasyn outrora tentara salvar com o casamento que ela não queria, o casamento que terminaria apenas em perdição...

Assim, do nada, ela sentiu-se perigosamente próxima do choro. O tumulto das últimas horas — o desgaste físico, a agitação emocional — tudo aquilo pressionava a parte posterior de seus olhos.

"Ajoelhe-se", ela disse ao rajan Banteg. A fúria e o remorso transformaram sua voz em fragmentos ásperos, mesmo enquanto ela a elevava para ser ouvida acima da chuva e do vento. Acima de tudo aquilo que todos haviam sacrificado. "Ajoelhe-se, meu senhor, ou esta tempestade levará você. E tudo o que você preza."

Talasyn observou, com o estômago embrulhado, enquanto Banteg e sua tripulação recuavam, cada pensamento de coragem e causas nobres desaparecendo. Esta era a primeira vez que viam um navio-tempestade em ação. Era o suficiente para fazer até o mais bravo estremecer. Ela estivera na posição deles tantas vezes.

Contudo, agora era ela quem empunhava esse poder, por virtude de seu marido.

E a coisa verdadeiramente horrível era que ela não se sentia *completamente* horrorizada com isso. Que não estava arrependida *o suficiente*. Havia uma pálida brasa de satisfação vingativa faiscando em suas veias, zumbindo em sintonia com os canhões de relâmpagos. Esta terra havia partido seu coração. Por que *não deveria* ela tremer de medo diante dela?

Era a mesma sensação de hoje e da noite em que Alaric disse que era bom que os cuidadores do orfanato estivessem todos mortos, e ela concordara com

ele. Aquilo a atraía, esse fio de triunfo sombrio. E talvez fosse por isso que ela sentia vontade de chorar.

Porque ela não era mais a mesma pessoa de antes dos ventos de monção, antes do Devorador de Mundos. Porque agora ela sabia como sentir raiva por *si mesma*.

Alaric a ensinara aquilo. Ele a observava do céu acima. Ele a esperava no olho da tempestade.

A espada de Banteg tilintou contra as tábuas de madeira. Ele caiu de joelhos diante de Talasyn, e seus soldados foram rápidos em segui-lo. A chuva caía em torrentes enquanto eles curvavam as cabeças em rendição.

Capítulo Oito

O mal-estar de Talasyn persistiu muito depois de a *Deliverance* ter seguido para Sedek-We, enquanto Elagbi e os Huktera permaneciam para limpar os rastros da batalha. O fato de que a arma temida do Império da Noite agora fosse uma fonte de tranquilidade — a ironia afundou no estômago dela como uma pedra. Estabeleceu-se ali, ao lado da culpa que nunca estivera longe desde a noite de seu casamento.

Eu não prometi, certa vez, que isso jamais aconteceria?, pensou ela enquanto a *Deliverance* se aproximava de Eskaya, cruzando quilômetros e mais quilômetros de floresta tropical. *Eu não me casei com ele para que nenhum navio-tempestade pudesse escurecer os céus do Domínio?*

E agora, a embarcação de seu marido bloqueava o sol sobre a capital dourada de Nenavar. Daquela altura imensa, os habitantes da cidade pareciam formigas enquanto fugiam pelas ruas sinuosas, enquanto os cataventos que coroavam os telhados coloridos giravam freneticamente sob um vento de monção.

Em seu posto sobre os brilhantes penhascos de calcário, o Teto do Céu estava em alerta máximo. Cada torre branca — cada possível ponto de entrada — estava guarnecida. Um navio de guerra com estabilizadores pairava ameaçadoramente sobre o palácio real, com os canhões de vácuo em seus conveses de tripla camada voltados para fora, prontos para disparar à menor provocação.

Mas a ameaça que ele representava não era nada comparada ao dragão que rondava os penhascos.

Era jovem e esguio, com escamas amarelas isentas dos cracas que costumavam incrustar os membros mais antigos e lentos de sua espécie. Ao avistar a *Deliverance*, ele estreitou os olhos rubis e levantou voo, seu corpo serpentino ondulando e pulsando até pairar ao lado do navio de guerra, sobre as torres nevadas, e soltou um guincho arrepiante.

Na ponte, a tripulação de Alaric agitou-se, inquieta. "Mantenham a posição", ordenou ele.

De soslaio, ele perguntou a Talasyn: "O que ele está fazendo?"

"Não sei. Acho que ele também não sabe". Ela estudou o dragão através dos painéis de vidro-metal que a separavam da criatura. A cauda reluzente do animal movia-se com inquietação e, após aquele primeiro guincho, ele abria e fechava

as mandíbulas reptilianas em movimentos silenciosos, porém não menos sinistros, revelando a língua bifurcada, as presas afiadas e as membranas vermelho-vinho da garganta.

Uma demonstração de aviso, mas nada mais do que isso.

"Ele quer atacar porque você ameaça Urduja", disse Talasyn. "Ele não atacará porque eu estou com você".

Era a mesma razão pela qual nenhum dos leviatãs viera rugindo quando Alaric e Sevraim derramaram sangue do Domínio nas Terras da Seda. A mesma razão pela qual todos haviam desaparecido sob o Eversea durante a guerra civil. Os dragões eram criaturas do éter, sim, mas eram também criaturas de Nenavar. Quando a terra se despedaçou, as lealdades dos dragões também foram rasgadas em todas as direções.

Não somos tão diferentes, refletiu Talasyn enquanto observava o dragão amarelo patrulhar os céus azuis. Os ventos das circunstâncias sopravam seu próprio coração para todos os lados. Ela não conseguia enxergar o caminho a seguir.

O dragão permitiu que levassem a escuna até a grade de desembarque do palácio. Seu olhar vermelho e fixo rastreou cada movimento deles enquanto desembarcavam, até que desaparecessem sob o arco frontal ricamente esculpido.

Lá dentro, cada corredor do Teto do Céu estava repleto de soldados. Urduja claramente não estava correndo riscos — e nem Talasyn. Seguindo-a e a Alaric estavam Sevraim, seus Lachis-dalo restantes e alguns tripulantes da nave de tempestade, vestidos com os uniformes pretos e prateados dos regimentos de Kesathe. Nenhuma palavra foi dita, mas todos se observavam, e o ar estalava de tensão.

Ao entrar no corredor onde ficava o salão do trono, Talasyn parou abruptamente, com o caminho bloqueado pelas lâminas achatadas e em seção de diamante de duas lanças altas que seus respectivos piqueiros haviam cruzado a poucos centímetros de seu nariz.

"Vocês ousam levantar suas armas contra a minha imperatriz?" O tom de Alaric era frio como a sepultura.

Os piqueiros engoliram em seco. "P-perdão, Lachis’ka", gaguejou o da esquerda, lançando a Talasyn um olhar suplicante. "Mas r-recebemos instruções rigorosas. Apenas Suas Majestades têm permissão para entrar no salão do trono. O restante de seu grupo deve permanecer aqui."

"Não gostei nem um pouco disso", comentou Sevraim. "Eles podem realmente nos impedir, Imperador Alaric?"

"Não podem", rosnou Alaric.

Um pequeno calafrio, sombriamente vingativo, percorreu a espinha de Talasyn. Ter pessoas que estavam completamente do seu lado, que não tinham pavor de Urduja — era uma euforia diferente de qualquer outra. Por um breve momento, ela se entregou à fantasia de prolongar aquele confronto. De libertar o Imperador da Noite até que o lugar onde sua mãe morrera colapsasse em sombras e ruínas.

Eventualmente, porém, o bom senso prevaleceu.

"Está tudo bem", ela disse a Alaric baixinho. "Eu sou a herdeira dela e sua nave de tempestade está à porta. Ela não fará nada."

Ele hesitou, então assentiu secamente. Enquanto se aproximavam das portas fechadas do salão do trono, ele a manteve por perto, colocando a mão na base de suas costas. Era um gesto simples que, no entanto, a ancorava, fazendo-a sentir-se segura. A magia dele vibrava contra a pele dela, e a esperança agarrou-se ao seu coração. Se ela ainda conseguia *sentir* o éter, então talvez... talvez...

Os soldados postados do lado de fora do salão do trono saudaram-nos, liderados por uma mulher escultural, com a pele da cor de cascas de coco e a cabeça raspada. Kaptan Chotri, que comandava a guarda real de Urduja.

"Vossa Graça. Vossa Majestade." A mão de Chotri voltou ao lado do corpo. Seus olhos escuros notaram as bainhas que tanto Alaric quanto Talasyn haviam prendido aos ombros antes de deixarem Iantas. "Por favor, entreguem suas armas antes de entrarem na presença da Zahiya-lachis."

"Não." Alaric falou antes que Talasyn pudesse, com a expressão pétrea. "Perdoe-nos por recusar, Kaptan."

Chotri franziu a testa. "Imperador Alaric, o protocolo exige que—"

"Que se danem os seus protocolos", ele rebateu. "Minha esposa e eu fomos atacados em nossa própria casa por pessoas que quase conseguiram nos matar porque anularam nossa aethermancia. *Não* vamos entrar em outra sala fechada cheia de nenavarenos sem ter como nos proteger caso outra gaiola de sariman surja do nada. Portanto, pode gentilmente convidar a Rainha Urduja a enfiar—"

Talasyn deu-lhe uma cotovelada nas costelas. Ele silenciou, com os punhos cerrados, lançando olhares ferozes aos soldados reunidos.

"Tenho certeza de que minha avó entenderá por que o Imperador da Noite e eu nos sentiríamos mais confortáveis mantendo nossas lâminas à mão neste momento", disse Talasyn para Chotri, injetando um tom de aço em sua voz. "Por favor, informe-a de que entraremos armados, ou não entraremos de jeito nenhum".

E não é como se ela *fosse a pessoa que acabou de sobreviver a uma tentativa de assassinato*, Talasyn acrescentou para si mesma, com uma carranca.

Chotri desapareceu no salão do trono para consultar Urduja. O kaptan

ressurgiu após alguns minutos e acenou para os outros guardas, que escancararam as portas e se afastaram para deixar Alaric e Talasyn passarem.

A câmara opulenta e colorida estava num silêncio absoluto, desprovida da habitual horda de sicofantas que normalmente a ocupava a qualquer momento. Nem mesmo Daya Rasmey estava presente, o que dizia muito. Urduja não confiava em ninguém, nem mesmo em seu braço direito.

No entanto, diante da plataforma de mármore listrado onde o trono alado estava posicionado, com os braços presos em garras de ferro por dois soldados do Domínio, um de cada lado, a vestimenta colorida de baile em farrapos e as mãos atadas por manilhas de ferro nas costas, estava Ishan Vaikar. O líder dos Encantadores Ahimsan, que havia idealizado as configurações que amplificavam a magia dos sarimans.

Quando ela e Alaric pararam ao pé da plataforma, Talasyn sustentou o olhar da avó sem vacilar, fazendo o máximo para não trair a tempestade de emoções que gritava nas paredes castigadas de seu peito. Há muito tempo ela já tivera que se reconciliar com o fato de que jamais gostaria de Urduja, essa mulher que compartilhava seu sangue, mas a havia negociado com o inimigo. Mas aquela aversão não era nada comparada ao que sentia agora: um ódio tão feroz que quase tomava o lugar de sua magia perdida, consumindo-a por dentro.

"Fiquei profundamente triste ao saber do destino da brigantina", disse Urduja. "Os Lachis-dalo de Sua Graça serão lembrados, e os conspiradores traidores por trás de suas mortes serão levados à justiça. Enquanto isso, *tente* ter um pouco de fé nas medidas de segurança da capital. Ninguém irá machucá-los sob o meu teto esta noite. A coroa confiscou todos os domínios relevantes e enviarei emissários a outras casas em território de oposição".

"*Emissários*", Alaric repetiu, incrédulo. "Enquanto sua neta quase *morreu* —"

"Não declararei guerra a toda a metade sul do Domínio sem evidências sólidas", disse Urduja. "Os nobres que possuam vínculos com os claramente envolvidos serão convidados a se explicar. E falando em explicações — se Sua Graça pudesse ter a gentileza de me relatar o que aconteceu, em suas próprias palavras?"

Pragmática como sempre, era a Rainha Dragão. Ela não perguntou como Talasyn estava, nem expressou qualquer alívio por ela estar segura. Talasyn não esperava nada diferente. Ela manteve a voz nivelada e as feições impassíveis. Teceu sua teia de meias-verdades, omitindo o soro de sangue de sariman e a confissão de Angsanak, dizendo a Urduja que o luto de Oryal pela morte do pai a tornara imprudente, fazendo-a sequestrar Talasyn por algum desejo distorcido de vingança — o que, consequentemente, irritou profundamente seus companheiros

conspiradores, pois o plano era que a herdeira de Urduja Silim morresse no baile.

Nem sequer era uma mentira. Talasyn extraiu convicção daquela pequena tecnicalidade. Ela induziu ao erro, dissimulou, entregou apenas aquilo que queria abrir mão. *Essas são as suas armas*, pensou ela, mantendo-se ereta contra a ponta da lança do olhar estreitado da Zahiya-lachis. *Você as ensinou para mim.*

"O corpo de Oryal Ferasai não estava no chalé", disse Urduja, confirmando o que Talasyn começara a suspeitar desde sua conversa com o Rajan Banteg. "Ela foi envenenada, então não deve ter ido longe. Minhas tropas estão vasculhando as Terras da Seda à procura dela."

"Você também deve vasculhar sua corte em busca dos outros traidores", disparou Alaric. "Nenhuma quantidade de politicagem pode contestar que minha esposa foi ferida. O Império da Noite exige vingança; nós a buscaremos por conta própria, se for preciso."

Os lábios de tom escuro de Urduja se curvaram em um esgar. "Você está dentro das minhas fronteiras. É a *minha* vingança que será aplicada, da maneira que eu julgar adequada." Seus olhos gélidos dispararam para Ishan.

Amarrada e trêmula, Ishan subitamente se soltou do aperto dos soldados. A princípio, Talasyn pensou que ela fosse tentar fugir, mas, em vez disso, a daya atirou-se de bruços no chão, aos pés da plataforma.

"Harlikaan, por favor!" soluçou Ishan. "Juro pela minha vida que não tive nada a ver com isso, juro pelos ancestrais, juro pelos dragões, juro pelo coração suspenso de minha mãe, sou leal a *você*." Ela bateu a testa contra os azulejos de mármore. "Não sei como o inimigo adquiriu os amplificadores. Devem tê-los roubado. Eu teria morrido antes de permitir que os levassem, por favor, você tem que acreditar em mim, Harlikaan—"

"Você falará quando for solicitada, Daya Vaikar", sibilou Urduja. "Levante-se. Componha-se."

Miseravelmente, Ishan tentou fazer o que lhe fora ordenado. Mas, com as mãos algemadas, era impossível ganhar impulso. Ela conseguiu erguer-se um pouco sobre um joelho, mas sua perna protética deslizou sob ela com um ruído metálico nauseante, e ela caiu novamente.

E o ódio de Talasyn incendiou-se como um fósforo em uma chama. Transbordou dela como um rio.

"*Como ousa?*" gritou Talasyn para Urduja, com os olhos ardendo. Ela correu até Ishan e a ajudou a se levantar, enquanto continuava a castigar a avó. "Sem a Daya Vaikar, nenhum de nós teria sobrevivido à Noite do Devorador de Mundos! É *assim* que você trata seus aliados, como criminosos? Onde está a sua *gratidão*, sua cruel, malvada—"

O horror estampado nos rostos de Ishan e dos soldados trouxe Talasyn de volta à razão, fazendo-a cerrar os lábios antes que dissesse algo pior. Mas foi como engolir bile.

Urduja ficou imóvel.

A Zahiya-lachis não pode suspeitar que sua raiva seja mais profunda do que isso, alertou Talasyn a si mesma, com o coração disparado. *Ela não deve perceber que você sabe o que ela fez.*

Talasyn ganhou tempo para se acalmar enquanto ajeitava as saias de Ishan e verificava se a outra mulher não havia se ferido. Quando encarou Urduja novamente, estava com a mente menos agitada. "Acho que a Daya Vaikar deveria ir ver se consegue identificar os Encantadores mortos", disse ela. Os Encantadores que controlavam a configuração de amplificação no terraço do salão de baile, aqueles que o Príncipe Elagbi abateu. "Isso nos ajudará a determinar as motivações deles. A quem eles estavam ligados."

Urduja não ordenou a prisão da neta junto com a de Ishan, como uma pequena parte de Talasyn temia que acontecesse. Em vez disso, a Zahiya-lachis fez um gesto apressado aos soldados, que rapidamente se adiantaram para soltar Ishan das algemas.

E Talasyn tinha que admitir o mérito de Ishan — apesar de tudo o que acabara de suportar, a daya foi rápida em suavizar as feições em uma máscara de calma. Ela fez uma reverência a Urduja, depois a Alaric e Talasyn, e deixou o salão do trono com os soldados a escoltando a uma distância respeitosa, de cabeça erguida, como se não houvesse rastros de lágrimas ainda brilhando em suas bochechas.

Assim que ela partiu, foi como se a tampa que Alaric mantinha sobre sua fúria tivesse finalmente saltado. "O que aconteceu no baile de máscaras?", perguntou ele a Urduja, cada palavra gotejando ira e gelo. "Nenavar tem tão pouco controle sobre seu próprio povo que tecnologias sensíveis como os amplificadores podem cair facilmente em mãos erradas? Não é assim que fazemos as coisas em Kesath, Harlikaan. Sua neta — minha *imperatriz* — poderia ter morrido, graças a uma segurança medíocre e a uma resposta de crise risível, e eu exijo respostas antes que eu traga meu navio-tempestade sobre as cabeças de vocês!"

As unhas de cone dourado de Urduja apertaram-se no braço do trono. Os dez Lachis-dalo que flanqueavam o trono ergueram seus mosquetes com uma sincronia sinistra, todos mirando em Alaric.

"Sua Majestade pode ser o Imperador da Noite, mas *eu* sou a Zahiya-lachis", disse Urduja. "Ninguém levanta a voz para mim em meu reino. Nenhum governante com quem eu tenha uma trégua me ameaça com guerra em meu

palácio. Conduziremos uma investigação sobre os eventos da noite passada e você terá suas respostas, mas, até lá, você *lembrará* quem detém o poder aqui."

Talasyn sabia que manter a boca fechada era o curso de ação mais prudente. A realidade de uma rebelião iminente havia abalado sua avó profundamente; isso ficava claro pela maneira dolorosamente antidiplomática com que a situação estava sendo conduzida, e não seria bom atiçar as chamas mais do que já o fizera. Mas ela conseguia ver os fios mais sutis do Shadowgate formando-se nas mãos de Alaric. Ela *tinha* que dizer algo.

"Diga aos seus guardas para recuarem, Harlikaan."

Urduja lançou-lhe um olhar de puro veneno, mas Talasyn perseverou. "Seus inimigos esperam à espreita enquanto você aponta suas armas para seus aliados e os coloca em correntes."

As feições da Zahiya-lachis endureceram, mas ela acabou sinalizando para Chotri, que baixou o mosquete, e os outros guardas logo fizeram o mesmo.

Julgando que era melhor aproveitar a vantagem enquanto a tinha, Talasyn respirou fundo e apresentou sua proposta. "O Imperador Alaric e eu facilitaremos as investigações em casa, em Iantas, Harlikaan. Eu lhe enviarei nossos achados — amanhã à noite, no mais tardar."

Era uma boa nota para encerrar. Ela soou composta e razoável, mais do que Urduja durante todo esse encontro. Por uma vez, a balança do poder pendeu a favor de Talasyn. Ela percebeu isso pela maneira como os olhares dos guardas de sua avó oscilavam ansiosamente entre ela e o trono. Percebeu pelo olhar congelado no rosto da Rainha Dragão. Quando ela e Alaric se viraram e saíram, Talasyn sentiu o olhar de Urduja pesando contra a nuca como o fio de uma faca, cravando-se na pele, raspando no osso.

Capítulo Nove

Iantas estava sob bloqueio, assim como as demais propriedades da casa real. Ninguém entrava ou saía do castelo, e o espaço aéreo sobre a ilha era guardado zelosamente pelo navio-tempestade flutuante.

Assim que retornaram, Alaric arrastou a esposa para os aposentos, insistindo que ela descansasse. Talasyn resistiu menos do que ele esperava, deixando-o livre para rondar os terrenos e as muralhas até estar satisfeito de que as defesas estavam à altura. Só então ele voltou para a ala residencial e sucumbiu à exaustão, caindo no sono ao lado dela.

Quando acordou, o sol nascia em um novo dia e a metade da cama de Talasyn, já vazia, estava fria. No banheiro, porém, o espelho ainda não havia dissipado completamente os rastros de vapor, e o ar estava impregnado de essência de lótus e óleo de flor de laranjeira. Alaric lavou-se e vestiu-se com pressa sombria, incomodado pelo fato de ter dormido tão profundamente que não percebera Talasyn se preparando para o dia. Qualquer coisa poderia ter acontecido enquanto ele estava em um estado tão inútil. Ele precisaria protegê-la melhor daqui para frente.

Ele a encontrou no primeiro andar do castelo, enfrentando um grupo irascível de nobres que, a julgar pela aparência, haviam sido recentemente dispensados da enfermaria.

"Lachis’ka, isso é extremamente irregular!" gritou um rajan com o braço em uma tipóia. "Rogo que nos liberte imediatamente!"

"Como eu já expliquei, meu senhor", disse Talasyn entre dentes, "diante da situação de segurança, nenhum navio poderá partir de Iantas até que as investigações sejam concluídas. Não podemos arriscar que qualquer culpado tente fugir como clandestino."

"Nenhum canalha ousaria se esconder em *meu* navio!" protestou uma daya com um olho roxo.

"Bem, a senhora não saberia se acontecesse, minha senhora", rebateu Talasyn. "Devido à definição de *clandestino* e tudo mais."

"Absurdo", resmungou uma segunda daya, apoiando-se pesadamente em suas muletas. "Simplesmente absurdo, Vossa Graça. Estou quase decidida a—"

"A se submeter ao interrogatório também?" Alaric interrompeu. O grupo heterogêneo de nobres saltou, alguns com mais dificuldade que outros. Ele passou por eles com o ombro e parou ao lado da esposa, com a expressão

tempestuosa. "Acho essa pressa em deixar a cena do crime altamente suspeita. O que todos vocês estão escondendo?"

Os hóspedes ranzinzas gaguejaram e reclamaram, mas acabaram caindo em um silêncio inquieto ao perceberem que, nos próximos dias, seria do melhor interesse de cada nobre do Domínio evitar que a menor gota de suspeita real recaísse sobre eles.

Os dedos de Talasyn roçaram a manga de Alaric, um pedido silencioso para que ele parasse de carrancar. "Por favor, desfrutem da hospitalidade de Iantas, meus senhores, minhas senhoras. Faremos o possível para que a estadia de vocês seja a mais confortável possível, dadas as circunstâncias."

"As circunstâncias sendo que somos forçados a dividir quartos, Lachis'ka", disse outro rajan, soando muito indignado. "Compreendo que os novos—er—*inquilinos* do castelo nos deixaram em situação de superlotação, mas certamente eles podem . . ."

O restante de sua frase murchou, pois os olhos castanhos de Talasyn faiscaram com um toque daquele fogo habitual. Alaric sentira muita falta daquelas faíscas. Ele quase comemorara ontem quando ela atacou Urduja por maltratar Ishan.

"Os aldeões chegaram aqui primeiro", sibilou Talasyn para o presunçoso rajan. "Suas famílias e gado foram mortos por um surto de Voidfell, que também tornou suas terras improdutivas. Eu os convidei a ficar aqui até que as condições sejam adequadas para que reconstruam. Eles *não* serão deslocados novamente. Você pode suportar ter um colega de quarto por mais um dia ou dois. Eu *ordeno*."

Não havia arrogância na postura de Talasyn. Ela falava com franqueza, com a convicção de quem esculpira uma existência miserável nas ruas, exposta aos elementos implacáveis da Grande Estepe, roubando água dos bebedouros onde os cavalos bebiam. O alívio de Alaric diante daquela demonstração de emoção logo deu lugar ao rastejar lento de uma fúria negra. Ele teria prazer em desferir um soco bem nas costelas enfaixadas do rajan esnobe por forçar Talasyn a resgatar o sofrimento de seu passado. Alaric provavelmente o faria, mas os nobres sabiamente escolheram aquele momento para se retirar, oferecendo reverências e vênias rígidas, afastando-se enquanto murmuravam para si mesmos.

Talasyn fitou a distância por um tempo. Seus ombros caíram levemente e ela se voltou para Alaric com o mesmo olhar opaco que estraçalhava o coração dele desde ontem. Ele ansiava por envolvê-la em seus braços, mas não merecia sequer tocá-la. Não depois do que ele falhara em impedir.

"O Teto do Céu enviou notícias mais cedo", anunciou ela. "Banteg e os

outros nobres detidos não estão sendo tão cooperativos quanto o desejado. Mas meu pai está confiante de que eles cederão em breve."

Alaric perdeu praticamente toda a esperança. O manso Elagbi *não* teria sido sua primeira escolha para conduzir os interrogatórios, nem a última.

O canto da boca de Talasyn tremeu. Era inquietante, na verdade, a precisão com que ela lia seu silêncio. "Sua Alteza possui reservas ocultas, sabe."

"De rum de cana, com certeza", resmungou Alaric.

Ela quase sorriu. Ele pôde ver. Ele ansiava por aquilo.

"Café da manhã primeiro", disse ela. "Depois poderemos iniciar nossas próprias investigações."

Sim. As investigações, como ela educadamente chamou, enquanto ele estava determinado a que fossem nada menos que um interrogatório. Diante da perspectiva de finalmente chegar ao fundo dessa confusão, seu humor sombrio não diminuiu; pelo contrário, *afiçou-se*, agora que tivera um propósito.

Quanto mais Alaric pensava nisso, mais irritado ficava. Por que a segurança fora tão negligente? Como os assassinos conseguiram se infiltrar na ilha e envenenar os soldados do castelo? Onde conseguiram uma gaiola de sariman e uma configuração de amplificação?

Talasyn perdera sua magia. Alaric quase a perdera.

Haveria um preço terrível a pagar.

Ekli, uma das três Lachis-dalo restantes de Talasyn, fora promovida a kaptan após a morte de Gao. Ela e a Kaptan Usangit — esta última no comando da minúscula fatia de Iantas no Domínio Huktera — estavam surpreendentemente compostas para duas pessoas que tinham a tarefa ingrata de guiar o Imperador da Noite por cada falha de segurança que o levara a repelir uma horda assassina com uma mesa e a perseguir uma consorte sequestrada até um remoto chalé de montanha. Talasyn estava impressionada com a postura impecavelmente rígida das oficiais do Domínio, as expressões imperturbáveis em seus rostos marcantes e a maneira calma com que respondiam a cada pergunta que Alaric lhes lançava na sala de reuniões de Iantas.

"Sua Majestade deve compreender que, antes deste ano, Iantas era mais uma casa de veraneio do que uma residência permanente para membros da família real", dizia Usangit. "Quando Sua Graça Alunsina Ivralis se mudou, realocamos dez coracles de mariposa, três chalupas e um navio de guerra com estabilizadores de Eskaya para servir como sua proteção, além de dois pelotões. Qualquer coisa além disso teria sobrecarregado os recursos da ilha e, de qualquer modo, nós" — a kaptan permitiu-se uma pequena careta — "não julgamos necessário".

"E quanto aos soldados que *estavam* estacionados aqui?", exigiu Alaric. "Como foram envenenados?"

Foi Ekli quem respondeu. "Cerca de uma hora antes do ataque, um dos cozinheiros percorreu o castelo distribuindo tigelas de mingau de batata-doce. Ninguém suspeitou de nada, pois é costume da cozinha preparar esse mingau para aqueles que estão no turno da madrugada. Mas, desta vez, ele continha olhos-de-caranguejo, que são um tipo de baga com efeitos debilitantes. Esses efeitos surgiram logo após as cápsulas de cerâmica serem detonadas. Lamento dizer que tudo foi cronometrado perfeitamente. E, infelizmente, o cozinheiro que distribuiu o mingau não foi encontrado em lugar algum."

Alaric parecia consumido demais pela raiva para falar, então Talasyn assumiu o interrogatório de seu assento ao lado dele na longa mesa. "Como os assassinos conseguiram sequer chegar à ilha? As sentinelas deveriam ter avistado suas aeronaves e dado o alerta."

"Eles não usaram aeronaves, Lachis’ka", disse Usangit calmamente. "Encontramos vários barcos de pesca na costa. Eles devem ter viajado por um dia e meio, no mínimo, assumindo que partiram do continente mais próximo, que é Vasiyas. Quanto à forma como invadiram o castelo, presumimos que esperaram para atacar assim que a Rainha Urduja se recolhesse ao andar de cima e os convidados começassem a ir embora. Assim, a segurança estava mais relaxada — e focada nas docas, e não no salão de baile."

Alaric abriu a boca como se fosse iniciar outra diatribe, mas Talasyn colocou a mão em seu joelho sob a mesa, e ele afundou em um silêncio fervilhante.

"Essas são todas as informações que temos no momento", concluiu Ekli. "Reconheço que a guarda real falhou em seu dever. Como a nova kaptan dos Lachis-dalo de Sua Graça, assumo total responsabilidade—"

"Não, ela não assume", interrompeu Usangit, sem jamais desviar o olhar do rosto de Talasyn. "Como kaptan das tropas de Iantas, o fato de este ataque quase ter tido sucesso é uma vergonha que *eu* devo carregar. Submeto-me ao julgamento de Sua Graça e aceito qualquer penalidade que ela deseje impor."

"Eu também", disse Ekli.

Talasyn pensou em Yanme Rapat, que, após falhar na defesa da capital contra as forças de Sintan Silim todos aqueles anos atrás, fora rebaixado e exilado em um posto de montanha. Ekli e Usangit obviamente esperavam o mesmo destino, ou algo pior. Talasyn pensou em Ishan Vaikar, caído de bruços no chão, chorando, acorrentado. Pensou em todas essas vidas amarradas aos caprichos de outrem, em virtude da lealdade à ideia do que constituía uma nação.

Eu não sou a Urduja.

"Vocês duas fizeram o melhor que puderam", disse Talasyn. "Sem os Lachis-dalo, o Imperador da Noite e eu teríamos sido subjugados no salão de baile, e mais civis teriam morrido. E, Kaptan Usangit, você e suas tropas foram envenenados no cumprimento do dever, enquanto nos protegiam. Não há penalidade a ser imposta. Apenas gratidão."

Quando Ekli e Usangit saíram para buscar os funcionários do castelo para o interrogatório, Alaric voltou-se para a esposa com uma careta. "Eles *não* deram o seu melhor, havia tantas lacunas em—"

Talasyn interrompeu-o com uma sobrancelha arqueada, abandonando imediatamente a postura gentil que mantivera diante dos kaptans. "Você acha que eles deveriam ter sido destituídos de suas patentes por não terem sido capazes de deter um ataque que ninguém previu?"

Ele deu de ombros. "Não toleramos incompetência no Império da Noite."

"Então presumo que você tenha demitido a si mesmo, seus oficiais e todos os seus soldados por permitirem que a nave de tempestade sardoviana descesse sobre a Cidadela na minha coroação", ela rebateu. "Os nenavarenses não estão acostumados com a guerra. O último conflito deles foi há duas décadas. Qual é a desculpa de *Kesath*?"

Era exasperante como ele não tinha respostas para aquilo, exasperante como a lembrança daquele fracasso ainda ardia. Exasperante como ele não conseguia recorrer a nada além de mesquinhez em sua resposta. "Palavras tão duras vindas de alguém cuja mão parece estar permanentemente grudada no meu joelho."

Talasyn recolheu a mão bruscamente, como se tivesse sido escaldada. E *isso* também era exasperante: o fato de haver uma parte de Alaric que lamentava a perda do contato.

Na verdade, *tudo* naquela situação o estava deixando furioso. E as coisas não pareciam propensas a melhorar, a julgar pela maneira como sua fúria voltou a borbulhar quando o primeiro servo foi conduzido à sala — um servo que *poderia* estar envolvido, que poderia ter traído Talasyn depois de ela ter sido gentil demais com todos eles. Depois de ela tê-los *salvado* do Devorador de Mundos.

Alguém precisava responder por aquilo.

As coisas não estavam indo bem.

Cada funcionário que entrava na sala de reuniões, convertida em câmara de interrogatório, fazia-o pálido e tremendo. A maioria saía em lágrimas. Talasyn servia como tradutora de Alaric sempre que o domínio do Comum dos

Marinheiros falhava, mas nenhuma paráfrase polida de sua parte conseguia disfarçar a ira gélida com que Alaric falava.

"Ele é um... um *monstro*", Talasyn ouviu um jardineiro lamentar para Usangit em nenavarense, o homem quase tropeçando nos próprios pés na pressa de escapar para o corredor. A camareira, que era a próxima da fila, lançou um olhar suplicante para Usangit, que suspirou e gesticulou firmemente para que ela entrasse pela porta aberta.

Vários minutos depois, após a referida camareira também ter fugido, com o rosto soluçante escondido nas mãos, Talasyn finalmente teve o bastante. Ela sinalizou para Usangit interromper a fila e então estreitou os olhos para Alaric. "Você está sendo rigoroso demais com os servos."

"*Tem gente tentando matar você*", ele lembrou-a com os dentes cerrados.

"Não sabemos se isso inclui qualquer pessoa aqui—"

"Nesse ritmo, *nunca* saberemos—"

"Esta casa é tão minha quanto sua", disse Talasyn, obstinada. "Eu a trouxe como meu dote, e isso significa que os servos estão sob minha proteção e devo zelar pelo bem-estar deles. Você não consegue ver o quanto estão assustados?"

"Isso é inevitável". O tom de Alaric era desdenhoso. "Não conseguiremos chegar ao fundo disso mimando aqueles que podem possuir informações valiosas, mesmo que não tenham consciência disso"

"Que tipo de homem é você", explodiu Talasyn, "para achar que tratar alguém como uma *pessoa* é *mimar*?"

Ignorando-a, Alaric encontrou o olhar de Usangit através da porta. "Prossiga"

O kaptan hesitou, lançando um olhar a Talasyn em busca de confirmação, e Talasyn poderia jurar que a veia na testa do marido estava prestes a estourar. Ela fez um sinal para que Usangit deixasse a próxima pessoa entrar, decidindo, desta vez, esforçar-se mais para proteger quem quer que fosse do temperamento vil de Alaric.

Era um ajudante de cozinha chamado Wenai. Tinha treze anos, era franzino como um pardal e possuía cabelos castanhos que espetavam para todos os lados. Já estava chorando ao entrar na sala.

Talasyn encarou Alaric com mais ferocidade do que jamais fizera. E aquilo já dizia muito. Imperturbável, ele limpou a garganta e perguntou friamente ao menino: "Onde você estava quando—"

"Lachis’ka, me perdoe!" Wenai disparou em nenavarense. "Por favor... eu não sei de nada, eu juro! Eu sabia que ele queria vingança, mas não achei que ele iria tão longe. Tenha misericórdia de mim e da minha família, por favor, Vossa Graça!"

Talasyn correu para o lado do menino, agachando-se diante dele e acariciando suas costas. "Está tudo bem, Wenai", disse ela, com a voz tensa pelo esforço de soar gentil. "Do que você está falando? Quem queria vingança? Vingança por quê?"

"Ditsang, o... o cozinheiro". Wenai soluçou. "O do mingau. O irmão dele... o irmão dele era o guarda que o Imperador da Noite matou do lado de fora da cela na guarnição de Belian!"

Talasyn apenas se voltou para Alaric, horrorizada. Ela traduziu para ele o que o menino da cozinha havia dito. A expressão dele congelou.

"Eu não matei o guarda", disse Alaric, vazio. "Foi um golpe na cabeça. Apenas o suficiente para deixá-lo inconsciente"

O restante da história jorrou dos lábios de Wenai. Talasyn continuou a traduzir, atordoada, por cima dos soluços da criança.

"Naquela noite, em Belian, depois que você escapou da cela", ela disse a Alaric, "o guarda que você golpeou nunca acordou. Os curandeiros da guarnição não puderam fazer nada por ele. Ele faleceu após uma semana. O irmão dele, Ditsang, ficou furioso quando a Rainha Urduja anunciou meu noivado com você. No mês passado, ele estava embriagado e jurou a Wenai que você e eu teríamos o que merecíamos um dia. Wenai ignorou, achando que era conversa de bêbado". Ela fez uma pausa, com o coração angustiado. "Eu também não sabia que o guarda tinha morrido", disse ela suavemente.

Ditsang sempre fora um dos cozinheiros mais taciturnos de Iantas. Ele fora cortês e prestativo, mas não era tão caloroso com ela quanto os outros. Ela sempre pensara que fosse simplesmente o jeito dele.

Agora ela entendia que ele a odiava por ter se casado com o assassino de seu irmão. Ele odiava a ela e a Alaric o suficiente para conspirar com os assassinos deles.

Era terrível de se ver, a maneira como a máscara nas feições de Alaric desmoronou. Choque, arrependimento, náusea. Acerto de contas.

"Então fui eu", disse ele, com a voz grave e rouca. "Foi minha culpa o tempo todo".

Usangit conduziu Wenai para fora da sala, colocando uma mão enluvada no ombro do menino que soluçava, no que passava por um gesto de conforto entre as fileiras austeras dos Huktera. Alaric preparou-se para que Talasyn o massacrasse no momento em que ficassem a sós, sabendo com certeza que não seria nada que ele não merecesse.

Em vez disso, ela suspirou, massageando a nuca. "Vou ordenar que os Lachis-dalo procurem por Ditsang. Quem quer que esteja por trás disso

precisava de um homem infiltrado, e provavelmente entraram em contato com ele assim que souberam de sua mágoa. Se conseguirmos encontrá-lo, poderemos encontrar *eles*". Ela estudou o rosto de Alaric, e o que quer que tenha visto ali a fez dizer: "Acho que assumo daqui. Por que você não descansa um pouco? Já passa do meio-dia e você está exausto".

Ele não queria deixá-la, mas qual seria o sentido de ficar? Foram as ações dele que a colocaram em perigo, que mataram um homem inocente e levaram outro à vingança. Ele era tão responsável pela morte do Rajan Wempuq quanto o assassino que puxara o gatilho. Tão responsável por Talasyn perder sua magia quanto a pessoa que colocara o soro nas mãos de Oryal.

"Vejo você daqui a pouco", disse Talasyn. Havia um tom de finalidade naquelas palavras. Ela apontou para a porta.

Alaric conseguiu apenas assentir e sair conforme ordenara.

Capítulo Dez

Não tinha sido um dia bom, nem de longe, e a presença de Ileis só serviu para arruiná-lo ainda mais.

Talasyn tentou não franzir tanto a testa durante o jantar, mas as provocações da legionária tornavam isso difícil. Além disso, seu marido era um homem diferente perto de Ileis. Mais tenso e cauteloso, com a expressão impassível ainda mais vazia. Nem Sevraim nem Jie conseguiam aliviar o clima à mesa.

Eram apenas eles; embora a ilha continuasse sob guarda pesada, o confinamento havia sido levantado e os convidados feridos do baile de máscaras haviam partido, todos irritados. Na metade da sobremesa, uma águia mensageira chegou, planando pela janela da sala de jantar para pousar no braço da cadeira de Talasyn.

"Eu estava *justamente* pensando que este arroz pegajoso cairia bem com uma pitada de merda de pássaro", disparou Ileis.

Talasyn fantasiou em se lançar sobre a mesa e torcer o pescoço da outra mulher. Em vez disso, desamarrou o rolo de pergaminho da pata da águia. Era uma das águias mais dóceis, que se inclinou para receber um rápido carinho na cabeça emplumada antes de voar novamente.

Ela leu a carta, então se levantou, fazendo sinal para que Jie a seguisse até um canto da sala de jantar.

"Isto é da sua mãe", disse Talasyn a Jie assim que ficaram fora do alcance da audição dos outros. "Ela pergunta se eu poderia enviá-la para casa por um tempo. Mesmo que seja por apenas duas semanas, se eu puder abrir mão de você."

A dama de companhia gemeu. "Não acredito que ela a incomodou com isso, Lachis’ka. Eu já escrevi para ela dizendo que não iria."

"Por que não? Ela está louca de preocupação depois de tudo o que aconteceu. Ela só quer ver você."

Jie balançou a cabeça, fazendo seus cachos escuros girarem. "Não vou a lugar nenhum. Meu lugar é ao seu lado, Vossa Graça."

Talasyn mordeu o lábio. Até agora, Jie sobrevivera à emboscada sardoviana na Cidadela, à Noite do Devorador de Mundos e ao ataque no baile de máscaras. Sua proximidade contínua com Talasyn não a ajudara em nada, e as coisas só tenderiam a piorar daqui para frente.

"Lady Jie", disse Talasyn, "acho que você *deveria* navegar de volta para

casa e ficar lá até que todos os traidores tenham sido eliminados. Você não está segura em Iantas."

"Se Vossa Graça deve enfrentar esses perigos, eu também devo", argumentou Jie. "É meu dever, e você suportou coisas muito piores quando tinha a minha idade!"

Sim, pensou Talasyn. Aos dezessete anos, ela já estava lutando em uma guerra.

Mas isso não significava que Jie também precisasse lutar.

"Eu sei me defender. Sabia quando tinha a sua idade", ressaltou Talasyn. "*Você* não sabe. É melhor que seja afastada desta situação — para que o Imperador da Noite e eu não tenhamos que nos preocupar com você além de nós mesmos."

"Mas... mas..." — os olhos castanhos de Jie enchiam-se rapidamente de lágrimas — "quem vai arrumar o seu cabelo?"

"Eu dou um jeito", disse Talasyn com firmeza. Pelas pústulas do Pai-do-Mundo, por que *ela* também sentia vontade de chorar? "Vá para casa, minha senhora. Eu ordeno como a Lachis'ka. Não vou mudar de ideia."

O lábio inferior de Jie tremeu, e ela fugiu da sala de jantar. Os outros presentes a encararam enquanto ela partia e, depois, encararam Talasyn.

"Problemas no paraíso?", provocou Ileis.

Os Lachis-dalo haviam implorado para que Talasyn evitasse as varandas de Iantas, mas naquela noite ela não estava com humor para se acovardar. O oceano rugia em seus ouvidos onde ela permanecia, do lado de fora de seus aposentos, com as mãos apertando o corrimão enquanto observava a nave de Jie navegar para longe da ilha em rastros de fumaça verde-esmeralda.

Ela ouviu Alaric entrar no quarto, as botas arrastando-se pesadamente no granito frio ao se juntar a ela na varanda. Sentiu a mão dele pousar na base de suas costas, um toque quente de consolo hesitante.

"Você tomou a decisão certa", disse ele. "Jie é jovem demais para isso. Foi melhor mandá-la embora."

Talasyn desejou poder se permitir ser confortada. Odiava que seu primeiro instinto fosse resistir — e talvez fosse sempre assim. Uma vida inteira gasta usando armadura.

"Partimos para o Continente amanhã", anunciou Alaric.

Talasyn sobressaltou-se.

"Certo, então", disse ela para o ar noturno além do corrimão da varanda, forçando um tom indiferente para disfarçar a mágoa ilógica que sentia. "Tenha uma viagem segura, suponho."

A outra mão dele envolveu a parte plana do ventre dela enquanto a luz verde de Jie desaparecia no horizonte. Ele a virou, gentilmente, para que ela o encarasse, com os dedos largos deslizando para os quadris dela.

"*Nós* vamos embora", ele repetiu. "No sentido de: você e eu."

"Não."

Um músculo em sua mandíbula pálida se contraiu. "Sempre fez parte do acordo que retornaríamos ao Império da Noite. Tenho outras responsabilidades e não posso continuar negligenciando-as. Mas também não posso deixar que fique aqui enquanto ainda não neutralizamos a ameaça à sua vida."

Suas responsabilidades . . . A fuga da prisão. Ela buscou aquele fio em meio ao emaranhado labiríntico de eventos e revelações dos últimos dois dias. Esse era o motivo pelo qual Ileis e Sevraim haviam chegado durante o baile de máscaras; Gaheris os encarregara de escoltar Alaric de volta ao Continente, para lidar com as consequências da operação bem-sucedida dos rebeldes sardovianos que ocorrera na noite da Escuridão Sem Lua. Fora uma operação que a própria Talasyn pedira que Vela realizasse, mas o Amirante recusara, pois salvar um número relativamente pequeno de rebeldes capturados não valia o risco para o remanescente da Allfold que se escondia no Olho do Deus da Tempestade.

Contudo, o remanescente deixado no Continente tinha se virado muito bem, mesmo sem a ajuda de Vela. Talasyn sentiu uma centelha de orgulho por eles por isso. Mas . . .

"Não vou fugir para o reino do meu marido ao primeiro sinal de perigo", ela disparou para Alaric. "Eu sei lutar, mesmo sem a minha magia. No entanto, você quer que eu me esconda atrás das portas de um castelo."

"Claro que não", Alaric respondeu com um tom de impaciência. "Quero você no meu navio-tempestade. Comigo. Navegando para Kesath."

Não passou despercebido para ela que ele tensionara ao lembrar que ela não era mais uma etermante. As mãos dele deslizaram para longe dela e ele recuou, e um pressentimento apertou o coração dela. Ela não conseguia traduzi-lo em palavras, mas ele pairava no horizonte de sua vida como uma coluna de nuvens.

"Oryal"— ela sentiu como se estivesse se agarrando a canudos. "Oryal ainda pode estar viva. Lembre-se, eu lhe contei o que Banteg disse . . . Temos que tentar encontrá-la—

"Ela conseguiu chegar até você uma vez. Não vou arriscar isso de novo, Talasyn", disse Alaric. "Vou levá-la de volta comigo para o Continente, e isso é final."

O estresse de todos os segredos que carregava e de tudo o que acontecera desde o baile de máscaras infiltrou-se no tom de Talasyn. "Alaric, eu sou a herdeira do trono de Nenavarene. Não posso partir em um momento tão crítico.

Se eu me retirar para território kesathese, o que restar dos conspiradores pensará que me amedrontou.”

“Com todo o respeito, Lachis’ka”, retrucou Alaric, com seu próprio tom sugerindo justamente o contrário, “eu não dou a mínima para o que os seus potenciais assassinos pensam.”

Foi o palavrão que causou o efeito. Alaric nunca falava palavrões. Aquilo a abalou. Era aquele sentimento nebuloso de pressentimento, somando-se ao seu próprio tumulto interior. Era a teimosia dele, a sua arrogância, desgastando os nervos dela.

Era o passado, sempre o passado, arrastando-a de volta para baixo.

"Sendo você mesma uma assassina—"

E esse era o tipo de palavras que, proferidas no calor do momento, em uma tentativa desesperada de vencer uma discussão, jamais poderiam ser retiradas. Talasyn soube, no instante em que jogou a morte do guarda beliano na cara de Alaric, que havia cruzado uma linha, mesmo nesta batalha de vontades que travavam eternamente um contra o outro.

Ele recuou com uma inspiração brusca. Um som que pareceu quase um soluço.

Talasyn observou cautelosamente enquanto Alaric se afastava dela o máximo que a varanda permitia. Não era assim que *isso* costumava acontecer. Eles deveriam estar trocando golpes verbais sem um pingo de remorso, ambos devolvendo na mesma moeda.

Ela não sabia o que diria ao abrir a boca para falar, mas acabou não importando. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, os punhos dele se cerraram ao lado do corpo e algo mudou nele. Seus olhos brilharam sob a luz do luar. E, de repente, ela estava olhando para o filho de Gaheris Ossinast.

"Não foi minha intenção que aquele soldado morresse." O tom de Alaric era vazio. "Mas aconteceu porque ele me mantinha prisioneiro. Ele não é o primeiro que matei em batalha, e estará longe de ser o último. Você sabia no que estava se metendo ao se casar comigo. Eu sou uma arma, e você também." O ar se distorceu ao redor dele, ondulando com a fúria gélida do Shadowgate. "Minhas ações, inadvertidamente, colocaram você em perigo. Eu assumo isso. Eu me arrependo e estou *tentando*, Talasyn, compensar isso da única maneira que me resta. Neste caso específico, não permitirei que faça o que bem entender." A cicatriz negra em seu rosto pálido ondulou junto com a pele enquanto suas feições se contorciam em ira silenciosa, e foi como se um muro tivesse surgido entre ela e ele. Ele nunca parecera tão distante, tão resoluto—exceto na noite em que se conheceram. "Eu vou *arrastá*-la de volta, se for preciso. Sinta-se à vontade para protestar, para colocar seus regimentos contra mim e os meus, mas

saiba disto: derrubarei qualquer um que se coloque em meu caminho."

"Você não irá longe se eu não quiser", disse Talasyn por cima do estrondo em seus ouvidos.

"Sim, admito que os dragões farão curta obra de mim." Os lábios dele se torceram em um sorriso enviesado e estranho. "E então meu país exigirá retribuição. Eles virão para cá, com a frota de navios-tempestade, com a Legião, com as fragatas do vazio, e este nosso casamento—tudo o que fizemos—terá sido em vão."

Eu não conheço este homem. O pensamento atravessou Talasyn como um calafrio. Ainda assim, ela se forçou a dar um passo em direção a ele, com o queixo erguido e os ombros squaring. Atrás dela, ouviu grandes ondas, grandes rajadas de ar, mas estava focada apenas em Alaric. Porque ele era perigoso. Porque ela havia esquecido, em algum momento do caminho, o quão perigoso ele poderia ser.

Mas não fazia sentido—por que ele estava ameaçando tudo isso? Tudo isso para que ela..."

Ela perscrutou mais atentamente os olhos cinzentos dele. E finalmente viu o desespero que iluminava aquelas profundezas infinitas como uma febre. Como a loucura. Um eco da mesma emoção que a percorrera quando decidira salvá-lo, quando negociara a vida dele com o Amirante.

"Você não começaria seriamente outra guerra apenas para me proteger." Ela disse isso para si mesma tanto quanto para ele, sentindo o absurdo da frase em sua língua. "Minha segurança não pode valer mais do que a manutenção da trégua entre nossas nações. Você não arriscaria isso."

"Não arriscaria?", perguntou ele com a voz rouca. "Devemos testar os limites do que eu faria por você? Devemos ver se a sua segurança importa mais para mim do que qualquer lugar que eu possa ocupar em seu afeto? Mais do que a paz?" O olhar prateado dele desviou-se para algo atrás do ombro dela. "Mais do que o fogo dos dragões?"

Ela se virou, e lá estavam eles. Invocados da água por sua agitação, por seu medo dele e por ele. Três dragões, com as escamas molhadas brilhando ao luar, suas garras cavando sulcos profundos na areia enquanto avançavam pesadamente, serpenteando e cercando aquele lado do castelo de granito. Pescoços longos se abriram em leque, erguendo cabeças chifrudas acima da varanda. O ar se encheu de sal e podridão. Três pares de olhos reptilianos como joias fixaram-se em Alaric, três focinhos imensos rosnando fiapos de vapor.

Os dragões jamais haviam respondido às emoções dela daquela maneira. Quanto, exatamente, o fato de ter olhado nos olhos do Devorador de Mundos a havia mudado?

Talasyn engoliu em seco. Ela não sabia a primeira coisa sobre como controlar aquelas criaturas, e não queria que elas transformassem seu marido idiota em cinzas. Ela girou para encarar Alaric novamente, respirando lenta e profundamente, lutando para se acalmar.

"Eu posso realmente nunca te perdoar por isso", sussurrou ela.

"Eu sobreviverei de alguma forma", ele disse com desdém. Tinha parado de prestar atenção nos dragões e olhava apenas para o rosto dela. "Arrume suas malas, esposa."

Capítulo Onze

Uma águia chegou com o nascer do sol, trazendo uma mensagem de Surakwel. Talasyn a leu enquanto Alaric dormia, e cada palavra a feria. O Senhor do Rastro da Serpente enviava seus pêsames por não poder comparecer ao chá mais tarde naquele dia, pois sua agenda não permitia.

Talasyn jamais havia feito tal convite a Surakwel. Ele estava dizendo a ela que Vela não poderia encontrá-la.

Ou que ela não quer.

Um pensamento terrível, mas que se infiltrou mesmo assim enquanto a aurora iluminava lentamente o quarto. Talasyn encarou o pergaminho por um longo tempo, como se a tinta pudesse, de alguma forma, se reorganizar em um tipo diferente de mensagem se ela desejasse com força suficiente. De qualquer modo, não teria havido sentido em organizar um encontro; Alaric, sem saber, havia frustrado esse plano ao forçá-la a acompanhá-lo de volta a Kesath. Ainda assim, a recusa de Vela era inquietante...

A menos que Surakwel tivesse contado a ela sobre o beijo. Então faria todo o sentido.

Talasyn amassou o pergaminho no punho. Ao lado dela, Alaric, adormecido, virou-se de lado, com o braço nu estendendo-se sobre os lençóis e invadindo a parte dela da cama. Ela estava sentada na beira do colchão, longe demais para que ele a tocasse; ele tateou o espaço vazio, com o cenho franzido. Uma mistura feroz de emoções envolvia seu coração na penumbra — tanta ternura quanto desespero.

Alaric não sentia a menor remorso pelos métodos que empregara para chegar ao que percebeu — após deliberar cuidadosamente durante uma tarde inteira — ser a melhor solução possível para uma situação que havia mudado drasticamente.

Quando Sevraim e Ileis chegaram durante o baile de máscaras com ordens de Gaheris para zarpar de volta para casa e lidar com a fuga da prisão, Alaric sentiu-se aliviado por a emergência exigir uma partida abrupta, o que significava que ele tinha uma desculpa viável para não levar Talasyn consigo, como seu pai queria. Não era seguro para ela em Kesath, onde Gaheris planejava mantê-la como refém durante a invasão de Nenavar. Mas, como se viu, ela também não estava segura em Nenavar.

Melhor que ela estivesse onde Alaric pudesse vigiá-la. Melhor a ameaça

que tivesse um rosto. Depois que ele confirmasse ao pai que Talasyn não era mais uma Lightweaver, Gaheris poderia deixá-la em paz. Ele certamente não invadiria Nenavar tão cedo; a fuga da prisão deixara claro que a guerrilha sardoviana era uma força a ser temida. Kesath não poderia se dar ao luxo de lutar uma guerra em duas frentes.

Alaric não permitiria — e *ele* era o Night Emperor, como Talasyn gostava frequentemente de lembrá-lo.

Ele havia se conformado em passar aquela última noite em Iantas no sofá de seu escritório mas, para sua surpresa, ela não o proibiu de entrar na cama. Certamente, ela apresentou a ele suas costas rígidas e colocou tanto espaço vazio quanto possível entre eles, mas não o expulsou.

"*Você será sempre bem-vindo nesta cama*", ela lhe dissera certa vez, com tanta sinceridade e desajeito, e a lembrança disso provocou-lhe uma pontada de dor. Exigiu todo o seu autocontrole para não alcançá-la através da distância de seda e edredom.

Pela manhã, a angústia de Talasyn havia se transformado em irritação. Ela mal dirigiu a palavra a Alaric enquanto os servos se apressavam pelos aposentos, arrumando baús e tomando todo o cuidado para manter distância do Night Emperor, com o comportamento bruto dele no dia anterior ainda fresco em suas mentes.

Alaric decidiu facilitar as coisas para elas. Manteve-se afastado, parado junto às portas de vidro que davam para a varanda, com as mãos cruzadas nas costas em uma postura militar que adotara inconscientemente. Talvez seu subconsciente estivesse se preparando para o que certamente seria uma guerra prolongada com a esposa.

Não que ele já não tivesse muita prática nesse sentido.

Enquanto os servos consultavam a senhora sobre quais joias ela desejava levar, Alaric franziu a testa ao avistar uma escuna branca e pálida deslizando em direção à ilha. À medida que ela se aproximava, ele ficou tenso, percebendo de quem era o navio.

"Sua avó se aproxima", disse ele a Talasyn.

E a expressão que percorreu o rosto dela por um instante fugaz, antes que se lembrasse da presença dos servos... Bem, Alaric não se orgulhava disso, mas havia certo conforto no fato de que alguém mais havia caído ainda mais em desgraça aos olhos dela do que ele.

Agora que a situação havia estabilizado um pouco, Urduja estava novamente acompanhada por Lueve Rasmey. A tia de Surakwel, a Daya de Cenderwas, havia enviado seu exército particular para ajudar os Huktera a reunir as famílias

dos conspiradores e suas forças. Ela se preocupava excessivamente com os pequenos ferimentos visíveis de Talasyn e dava a entender que faria isso felizmente para sempre, se Urduja não tivesse insistido em falar com a neta a sós.

Deixando a Daya Rasmey aos questionáveis talentos de Alaric como anfitrião, Talasyn recebeu Urduja no mesmo salão onde certa vez encontrara Alaric e Elagbi completamente embriagados de rum de cana. No entanto, nem mesmo aquela lembrança hilária poderia atenuar a tempestade de desconfiança e aversão enquanto ela se sentava diante da assassina de sua mãe.

Parecia que o abalo na lendária compostura de Urduja no outro dia havia revelado falhas em sua forma física. Sob a pesada maquiagem da corte, havia uma palidez acinzentada em seu rosto e os sulcos ao redor da boca estavam mais pronunciados. Ela agarrava os braços da cadeira com força, como se fosse a única maneira de impedir que seus dedos tivessem espasmos.

A Zahiya-lachis parecia *frágil*, apesar de seus luxuosos trajes roxos e da variedade de joias. Sua voz era como aço tingido de ferrugem enquanto atualizava Talasyn sobre os fatos.

O corpo de Oryal ainda não fora encontrado. Era possível que o Kaptan Gao a tivesse capturado viva, apenas para que ambos perecessem a bordo da brigantina. Ainda assim, a caçada continuava — e, em notícias mais alegres, a maioria dos nobres prisioneiros havia cedido, revelando os nomes de seus companheiros conspiradores. Eles ainda não haviam entregado o líder, mas a rede estava se fechando.

Quanto aos Encantadores mortos...

"Os antigos aprendizes da Daya Vaikar", disse Urduja. "Todos de territórios que estavam no lado perdedor durante a guerra civil. Eles conheceriam Ahimsa, saberiam como obter as notas e projetos da Daya Vaikar. É uma pena, pois eram aparentemente alunos muito promissores. Tal é a tolice da juventude. Essa raiva míope, essa esperança equivocada..." Ela misturou uma colherada de mel em seu chá negro como breu e mudou de assunto. "Seria prudente deixar Nenavar agora, logo neste momento, Vossa Graça?"

"O Imperador da Noite foi enfático." Que Urduja tirasse disso a conclusão que quisesse. "Além disso, a senhora parece ter a situação bem sob controle, Harlikaan. Retornarei quando tiver terminado de aplicar a sua justiça."

"Bastantes funerais serão realizados por todo o Domínio ao longo da próxima semana", disse Urduja cautelosamente. "Alguns dos nobres mortos no baile de máscaras eram nossos aliados. Outros — bem, imagino que suas mortes insensatas tenham tornado suas casas avessas aos conspiradores. Eles podem ser trazidos para o nosso lado. Sua presença seria apreciada."

Talasyn pegou sua própria xícara de chá, bebendo com uma nonchalance estudada. "Dado o meu histórico com a corte, é melhor eu deixar a diplomacia para você e para o meu pai."

"Da mesma forma que deixa seu marido tomar as decisões por você?"

Talasyn não vacilou. Recusou-se a dar a Urduja tamanha satisfação. Só falou quando recuperou o controle. "Sua Majestade ficou muitíssimo descontente com os eventos recentes. Ele não deseja deixar minha segurança ao acaso, já que sou o pilar da aliança entre o reino dele e o seu. Se você conseguir conceber algum outro modo de apaziguá-lo, Harlikaan, sou toda ouvidos."

Urduja fingiu dar um suspiro. "Na verdade, eu havia esquecido o quão inconveniente pode ser ter que lidar com um cônjuge. Que assim seja, Alunsina. Confio que você aproveitará bem seu tempo no Continente."

Talasyn esperou. Ela sabia quando a avó estava se preparando para armar uma armadilha verbal. Nisso, ela não se decepcionou.

"Pois a guerra está chegando, não está?", disse a Zahiya-lachis casualmente. "Você precisará reunir toda a inteligência que puder, se houver qualquer esperança de uma vitória sardoviana."

Urduja jamais saberia — jamais poderia saber — o quão profundamente havia atingido. Uma vez que Talasyn estivesse em Kesath, ela teria que descobrir como o Império da Noite estava suprindo tantos navios de guerra com a quantidade limitada de magia do vazio da coracle de mariposa que Alaric roubara naquela noite em Belian. Depois, teria que encontrar um modo de desativá-la.

Então, a Allfold sardoviana retomaria o Continente, com os navios que Nenavar os ajudara a consertar, com os aliados que haviam angariado enquanto estavam sediados no Olho do Deus da Tempestade.

Não era que Talasyn estivesse adiando, mas... Ela não teve escolha a não ser admitir para si mesma agora, sob a luz implacável do dia, que era em parte por isso que discutira com Alaric sobre a retirada para o Continente. Porque significava dar um passo a mais em direção à traição dele. E a inevitabilidade disso — do que ela precisava fazer, pelo bem de todos — foi a razão pela qual ela finalmente cedeu. Ninguém consegue correr mais que o vento.

"Farei o que precisa ser feito", disse ela a Urduja, baixinho.

"Não espero nada menos."

Com isso, Urduja passou a esvaziar gradualmente sua xícara em goles medidos, enquanto Talasyn se perguntava de onde viria o próximo ataque. Sua mente corria à frente, prevendo as investidas da conversa, elaborando manobras defensivas em resposta a cada possibilidade.

Quando o golpe veio, porém, foi do último ângulo que ela esperava. Por

outro lado, ela era uma novata comparada à Rainha Dragão.

"É um chá excelente. Agradeço." Urduja pousou a xícara vazia. "Não é tão floral quanto, digamos, o de lilás."

Talasyn queria chorar.

Ela estivera tomando a casca do lilás da curandeira como preventivo. Ia até as cozinhas do castelo buscar uma dose toda vez que ela e Alaric dormiam juntos.

Iantas era seu lar. Deveria estar a salvo de Urduja. Mas a Zahiya-lachis estava sempre vários passos à frente. Não havia escapatória.

"Suponho que você acreditou que precisava fazer isso", disse Urduja com um fungadinho presunçoso que ridicularizava os beijos calorosos, os toques surpreendentemente gentis e tudo o que Talasyn sentira, além do olhar nos olhos de Alaric. "Pode ter funcionado. Ele *parece* gostar de você. Mas se você conseguiu ou não enrolá-lo no seu dedo... veremos quando o fim chegar".

"Não foi por *isso* que—" Talasyn soltou sem pensar, antes que o bom senso a alcançasse. Ela parou de falar e enterrou as mãos no colo, desejando poder retrair as palavras.

Mas era tarde demais. O olhar que Urduja lançou a ela era tão penetrante e predatório quanto o de qualquer dragão. "A seguir, você me dirá que ele *não* é nosso inimigo", zombou ela. "Você me dirá que ele a perdoará por mentir para ele todo esse tempo, por trabalhar ativamente com seus maiores adversários. Você me dirá que, se Sardovia perder a guerra, ele não mandará executá-la. Ou que não a matará com as próprias mãos".

Sem ser chamada, uma lembrança surgiu, sufocando Talasyn com sua verdade bruta. Alaric em uma cidade vazia, o reflexo do luar mudando sobre a via fluvial em seu rosto. *Nós esmagaremos a resistência sardoviana primeiro*, ele dissera, mesmo então, no que quase fora o fim de tudo, quando nunca estiveram tão próximos, quando ele jamais estivera tão diferente da criatura sombria que ela conhecera primeiro. *Assim que todas as ameaças ao Continente forem aniquiladas, poderemos reconstruí-lo juntos*.

Ela compreendera naquele momento, não compreendera? Que o que ele sentia por ela era eclipsado por sua lealdade ao pai e por seu ódio ao Allfold. Sobre a água, sob as estrelas, ela entendera então. Que jamais poderia haver um depois.

"Talvez você tenha esquecido tudo o que ele fez com você e os seus, todo o sangue que ele derramou pelo Noroeste do Continente", continuou Urduja, cruel e — sim, vingativa, porque aquele era o castigo pela insolência de Talasyn no salão do trono, por defender Ishan Vaikar. "Talvez você ache que conhece o coração de um homem porque está do lado receptor do que há entre as pernas

dele". Os lábios pintados da Zahiya-lachis se curvaram em nojo. "Talvez você seja *tanto* assim uma desgraça".

Talasyn não conseguia falar. Estava congelada no tempo. As palavras de Urduja poderiam muito bem ter sido outra dose do soro que levara sua magia, engolindo toda a luz dentro dela. Seus olhos ardiam. Sua garganta queimava.

"Nada disso agora, Alunsina". Urduja desviou o olhar, como se a visão de Talasyn tivesse se tornado subitamente abjeta. "É tarde demais para lágrimas".

Talasyn nem sequer percebera que estava chorando. Ela piscou, e a mágoa escorreu por seu rosto. Ela não queria que fosse mágoa, mas era, de qualquer forma. Ela, que se orgulhava de seus reflexos, de sua habilidade em combate, jamais vira Alaric Ossinast chegando.

Ela esfregou a manga no nariz e nas bochechas. Jie se fora, e não havia cosméticos para borrar.

"Considere isso um despertar, minha querida", disse a Zahiya-lachis friamente. "Você pode não gostar particularmente de mim no momento, mas chegará a hora em que será grata por eu tê-la trazido à razão antes que fosse tarde demais".

Eu sei o que você fez, Talasyn quis gritar. O rosto de Hanan Ivralis dançava diante de seus olhos úmidos. O rosto que era tão parecido com o que ela via no espelho. O rosto que ela via apenas no éter e em sonhos.

Sua mãe, feroz e obstinada, determinada a fazer a coisa certa, maior que a vida, banhada em luz — esmagada sob os pés das maquinações de Urduja. Deixada para morrer encarcerada em uma cidade devastada pela guerra, em uma terra estrangeira, sem entender o que estava acontecendo com ela.

Você me ensinou a erguer o muro, Talasyn suplicou silenciosamente ao fantasma que habitava seu coração. *Ensine-me a superar isso.*

Não deixaremos que ela vença.

Talasyn inspirou profundamente, banindo seu desespero naquela única e rápida respiração. Ela adotou a postura formal e rígida que lhe fora ensinada na corte, operando puramente por determinação quando não desejava nada mais do que se despedaçar.

"Seu sábio conselho foi anotado, Harlikaan", disse ela. "O dever exige que eu retribua a gentileza e ofereça um conselho meu: nunca mais fale comigo desse jeito."

O olhar de Urduja poderia ter congelado um lago no verão. "Como, *perdão*?"

"Estamos nesta armadilha juntas, você e eu. Nós preparamos a cama uma da outra quando você me fez casar com o Imperador da Noite." Cada palavra de Talasyn ressoava com convicção. Ela era a peça-chave. "Um erro da minha

parte, e tudo desmorona. Desmorona sobre *você*. E você sabe disso, e acho que é por isso que me trata com tanta dureza — porque, pela primeira vez, você não tem o controle do próprio destino, e isso a consome viva." Teria sido aquele um tremor na boca de Urduja? Teria sido um tique em seu olho? Estaria ela mais pálida agora do que antes? "Não importa o quão impotente se sinta, eu ainda mereço a cortesia básica. E há algumas coisas que devo fazer do *meu* jeito."

"Agora", concluiu ela, em tom baixo e mortal, um rosnado de gelo, "saia do meu castelo."

Por um batimento cardíaco, o mundo parou.

Então Urduja soltou uma risada seca e rouca. O gelo voltou-se para dentro, rastejando pela caixa torácica de Talasyn. O que ela tinha dito de errado? Onde estivera o seu deslize?

"Muito bem, Alunsina." A Zahiya-lachis sorriu. Era um sorriso genuíno, e era aí que residia o horror. "Eu não poderia ter feito melhor. Comporte-se assim quando liderar o Domínio para uma nova era, e ninguém ousará questionar seu direito de ser rainha. Mas — eu sei quando minha presença deixou de ser bem-vinda."

Ela se levantou, com certa rigidez, um pouco menos repleta de sua graça habitual. Talasyn não teria notado se seu olhar acusador não estivesse fixo na mulher mais velha, com a boca amarga de bile.

Urduja subitamente inclinou-se sobre a mesa de chá, pousando ambas as mãos sobre a mão direita de Talasyn, que repousava no braço da poltrona. Ela a virou, expondo a carne cicatrizada do antebraço interno de Talasyn. A ponta de um dedo com unha em formato de estilete traçou levemente a marca do Voidfell, nodosa e espalhada como os galhos de uma árvore ancestral. Ela parecia simultaneamente fascinada e repelida por aquilo. Os Nenavarenos valorizavam a beleza tanto quanto seus títulos, tanto quanto os dragões.

“Já terminou?” Talasyn retrucou. A lembrança de Alaric beijando justamente aquela cicatriz parecia distante demais. Não havia refúgio ali. Pois logo chegaria o dia em que ele jamais desejaria beijá-la novamente.

As palavras seguintes de Urduja selaram esse último ponto. “Esta é simplesmente a realidade de um casamento político: seja qual for a ligação entre você e Alaric Ossinast, um de vocês a usará em benefício próprio, mais cedo ou mais tarde. É melhor que seja você, minha querida” ela disse casualmente, e Talasyn teve que conter a vontade de afastá-la bruscamente. “Em um ninho de víboras, deve-se ser uma víbora também.” Os olhos da Rainha Dragão eram escuros como a meia-noite, não revelando nada. “Tenha isso em mente, Lachis’ka, e você talvez sobreviva a todos nós.”

Capítulo Doze

Para alguém que negociara com tanta habilidade um tratado de casamento entre duas nações à beira da guerra, Daya Rasmey era um tanto tagarela em contextos sociais mais relaxados. Alaric aprendera isso na noite do baile de máscaras e, naquele momento, estava sendo brutalmente lembrado desse fato.

"Eu realmente não posso convencê-lo a reconsiderar, Imperador Alaric?" Ela estava recostada na poltrona à frente da dele, elegante e concentrada. Como de costume, Lueve estava adornada com opalas extraídas das ricas veias de Cenderwas; as pedras prendiam seus cabelos riscados de prata, pendiam de seu pescoço, circulavam seus pulsos, dedos e cintura. Elas mudavam de cor a cada movimento, capturando a luz em suas superfícies branco-leitosas em redemoinhos de amarelo, rosa e verde.

Alaric achava o efeito levemente nauseante. Não ajudava o fato de que Lueve passara os últimos minutos travando uma campanha solitária para convencê-lo a permanecer em Nenavar.

"Receio que já tomei minha decisão, Daya Rasmey", disse ele. "Há assuntos urgentes que devo tratar em meu próprio reino. Embora eu reconheça que a retirada da Lachis'ka da corte do Domínio em um momento tão crítico apresente certas complicações, preciso pensar na segurança dela."

Lueve esboçou um sorriso apologético. "Eu poderia, é claro, invocar nosso pacto de defesa mútua."

Alaric reprimiu um sorriso. Ele já previa isso. "A senhora *poderia*, minha senhora — ao que eu responderia que Kesath já cumpriu sua parte, não apenas resgatando a Lachis'ka dos conspiradores, mas também enviando um navio-tempestade para enfrentá-los em batalha. Na verdade, ao me impedir de lidar com riscos de segurança em minha própria casa, em Kesath, *a senhora* estaria violando os termos de defesa mútua, não estaria?"

Lueve bufou. Mas não sem um traço de admiração relutante.

Não demorou muito para que Urduja entrasse na sala de estar para buscar Lueve antes de deixarem o castelo. Talasyn estava visivelmente ausente, deixando Alaric encarregado de escoltar as mulheres até sua aeronave.

Na grade de pouso banhada pelo sol, Urduja ofereceu-lhe uma despedida rígida, a qual ele retribuiu da mesma forma antes de ela subir a rampa da escuna. Enquanto isso, Lueve executou uma reverência graciosa, com suas saias verde-escuras ondulando sobre a areia marfim.

"Tenho total confiança ao deixar nossa Lachis’ka sob a guarda de Sua Majestade", disse ela calorosamente. "É simplesmente maravilhoso ver vocês dois se dando tão bem."

"Para ser justo, a régua estava bem baixa", observou Alaric.

"Eu estremeço só de lembrar das negociações do casamento", concordou a daya com uma risada cristalina. "Falando seriamente, porém, nós do Domínio poderíamos aprender uma coisa ou outra com o senhor, Imperador Alaric. Quem dera todo o resto da amargura da história pudesse ser superado assim!"

Ele assentiu distraidamente, presumindo que ela se referia ao fato de ele e Talasyn terem estado em lados opostos das Guerras do Furacão. Mas então Lueve continuou, presa no turbilhão de sua própria tagarelice: "Como é bom que até as feridas infligidas pela guerra civil em Suas Majestades possam cicatrizar —"

Ela fechou a boca abruptamente assim que notou a testa de Alaric franzida em um cenho confuso e repentino.

"Como a guerra civil do Domínio poderia interessar à Imperatriz da Noite e a mim, especificamente?", ele perguntou, sentindo como se suas palavras emergissem em câmera lenta, expelidas por uma boca seca e uma língua letárgica. A menção de Lueve às negociações do casamento despertara sua memória daquela época, há muito tempo, na sala do conselho no Teto do Céu, com Urduja discutindo os *elementos rebeldes* de sua corte, que agiram pelas costas dela para ajudar os Teceluzes de Sunstead na guerra contra os Forjassombras de Kesath. Ele se lembrou de Talasyn empalidecendo e mordendo o lábio. No presente, um pavor vibrante rastejou pela nuca dele.

Lueve olhou para todos os lados, menos para ele. Desesperadamente, buscando salvação. "Eu me equivoquei, ou... ou falei fora de hora", ela gaguejou. "Peço desculpas. Preciso ir."

Ela quase correu rampa acima da escuna. Alaric ficou parado, como se estivesse enraizado ao chão. Suspeitas começaram a florescer na escuridão de sua mente e seus pulmões quase se recusaram a funcionar: um fôlego preso antes que a tempestade desabasse e destruísse tudo.

Ao serem convocados ao pátio para o pronunciamento da Lachis’ka, os funcionários do castelo de Iantas abandonaram ansiosamente suas tarefas e correram para o referido local. Conversavam entre si, especulando sobre as razões que Alunsina Ivralis poderia ter para convocar tal assembleia justamente quando estava prestes a partir para Kesath.

No entanto, todas as fofocas silenciaram-se no momento em que entraram no pátio. A Lachis’ka de Nenavar usava um vestido preto de recortes intrincados

e fendas artísticas, com o tecido entrelaçado por bordados prateados. As cores de Kesath. Ao lado dela estava o Imperador da Noite, e atrás *deles* estavam os dois legionários mascarados.

Aquilo era uma aposta. Fora a desaprovação da união com Kesath que causara a rebelião de grande parte dos nenavarenses, para começo de conversa. Mas, em território do Domínio, a autoridade da Zahiya-lachis sempre prevaleceria sobre a de um mero herdeiro; portanto, Talasyn usaria qualquer ferramenta ao seu alcance.

Incluindo o manto de Imperatriz da Noite.

Ela esperou até que o último dos funcionários tivesse entrado. Então, ela falou. Estava furiosa, mas deixou que a raiva endurecesse sua voz em vez de elevá-la. Se aquele era um truque que aprendera com Urduja, então *estava bem*. Ela poderia ser o peão de sua avó por enquanto, já que era impossível vencer a mulher em seu próprio jogo, mas continuaria avançando. Até chegar ao fim do tabuleiro e todas as apostas serem anuladas.

"Sei que alguns de vocês respondem ao Teto do Céu. Isso termina hoje. Não tolerarei mais espiões nesta casa." Poderia se ouvir cair um alfinete durante a pausa letal que se seguiu; nenhum dos ouvintes ousou se mexer. "Se sentirem que isso é algo com que não podem concordar, espero que não estejam aqui quando eu retornar. Recomendo fortemente que pensem duas vezes antes de tentar me trair." Ela sabia que o sol brilhava acima, sabia que seus raios caíam sobre seu rosto e incendiavam as linhas prateadas de seu vestido. Preto e prata. Meia-noite e poeira estelar. Ela não possuía mais o Lightweave, mas possuía isso. Aceitaria o que pudesse conseguir. E, se o público não temesse a *ela*, certamente temiam aquela terra estranha além do Eversea.

Assim, Talasyn usou esse medo a seu favor, mesmo que isso a corroesse por dentro. "Urduja Silim governa o Domínio de Nenavar, mas eu sou Aquela Que Virá Depois e trouxe esta ilha ao Imperador da Noite quando prometemos nossa fidelidade. É território de Kesath. Pertence a mim e a ele e, aqui, é a *nossa* palavra que é lei." Ela percorreu com o olhar a multidão de rostos pálidos diante de si e, então, assentiu, satisfeita. "Isso é tudo. Voltem aos seus deveres ou apresentem suas demissões. Escolham com sabedoria."

"Belo discurso, Vossa Majestade", entusiasmou-se Sevraim enquanto o *Deliverance* se afastava de Iantas. Justo quando Talasyn ia apontar que ele não falava a língua do Domínio e, portanto, não teria a menor ideia do que ela dissera, ele perguntou: "Sobre o que era?"

Talasyn torceu o nariz para ele de onde estava, apoiando os cotovelos no corrimão da passarela da ponte, mas não disse nada.

Sevraim não se deixaria calar. "E onde você conseguiu esse vestido? Certamente não com nenhum estilista de Nenavar. Aquele povo não sabe o que é o preto".

"Os estilistas de Nenavar *estão* familiarizados com a cor... Sua Majestade usou calças pretas no baile de máscaras, não usou?"

Sevraim abriu um sorriso irreverente. "Sim, mas o restante do traje mais do que compensou isso".

Os olhos de Talasyn brilharam ao lembrar da ornamentada túnica verde e dourada que o alfaiate Belrok fizera Alaric usar, junto com a máscara de cervo. Ela olhou para o marido com um toque de diversão, antes de se lembrar de que estava brava com ele.

Mas Alaric não esfolou Sevraim vivo com uma resposta cáustica, nem soltou sua marca registrada, o semblante carrancudo. Ele olhou fixamente para a frente, como se evitasse o olhar de Talasyn, com as feições cuidadosamente neutras.

Seria *ele* quem estava bravo com *ela*?

Ele dispensou Sevraim silenciosamente, mas não disse mais nada. Ela juntou-se a ele observando o legionário descer a escada em espiral até o nível do solo da vasta câmara de vidro-metal, onde a tripulação da *Deliverance* estava ocupada operando os controles que mantinham o navio-tempestade movendo-se pelo ar em um ritmo lento e constante.

"Precisamos conversar, Talasyn", Alaric finalmente disse. Seu tom era tão formal que a ansiedade a invadiu. "Daya Rasmey mencionou — um deslize da parte dela, talvez, mas isso não torna a coisa menos preocupante". Seus olhos cinzentos encontraram os dela e eram ilegíveis como ardósia. "Ela nos elogiou por sermos capazes de superar as feridas deixadas pela guerra civil".

Aquelas palavras terríveis e condenatórias ecoaram nos ouvidos de Talasyn. Ela presumira que, quando este dia chegasse, entraria em pânico, sentiria medo. Em vez disso, houve apenas um vazio surreal; o chão fora arrancada sob seus pés e ela estava suspensa no ar, com a sensação de cair para trás, capturada pelas correntes de um de seus piores medos realizados.

"Sim, navios de guerra de Nenavar navegaram para ajudar Sunstead naquela época", continuou Alaric, suave e calculista, "mas sua avó disse que foi contra as ordens dela e que os culpados haviam sido punidos. Achei que esse fosse o fim do assunto. Mas por que Daya Rasmey mencionaria a guerra civil do Domínio que se seguiu, no contexto de você e eu? Certamente as Guerras dos Furacões são uma fratura muito mais significativa em nosso relacionamento. A menos..." Seu tom tornou-se mais agudo, quase imperceptivelmente. "A menos que haja algo que eu não saiba".

Era tão estranho; o impulso de recorrer à negação deveria ter passado pela mente de Talasyn naquele momento, mesmo que brevemente. Mas ela sentiu como se tivesse batido em um muro, como se a última corda de salvamento tivesse escapado de suas mãos. Sua cabeça zumbia e seus pulmões se contraíam, tudo ao mesmo tempo. Diante disso, não poderia restar nada além da verdade.

E essa verdade emergiu como um gaguejo, como o mais rouco dos sussurros. "M-minha mãe não ligava muito para a política quando meu pai a trouxe para a corte, mas ela estava lá quando a Allfold de Sardovia tentou estabelecer uma aliança com Nenavar durante o Cataclismo". O conflito que precedeu as Guerras dos Furacões, quando Kesath se separou da Allfold e invadiu as nações vizinhas, formando o Império da Noite. Tudo isso acontecera há tanto tempo, mas ninguém estivera livre de suas repercussões desde então. "A Rainha Urduja recusou-se a enviar navios, mas minha mãe queria ajudar os estados sardovianos restantes — Sunstead, especialmente, porque eles eram Tecelões da Luz como ela e estavam sofrendo a maior pressão, com Kesath em suas fronteiras. Então ela formulou um plano com Sintan Silim e alguns outros nobres do Domínio. Ela usou sua magia para permitir que a flotilha deixasse o porto".

Hanan Ivralis conjurara uma imensa barreira de magia de luz ao redor do porto. Ela cercara a frota de Huktera, impedindo que perseguissem os barcos dissidentes. Somente depois que a flotilha desapareceu no horizonte é que ela se permitiu desmoronar. Para ser capturada pelas forças de Urduja.

Enquanto Talasyn explicava tudo aquilo, a sensação de irrealidade começou a dissipar-se, erosionando-se a cada fragmento do passado que ganhava voz. Ela observava o marido atentamente, com trepidante apreensão. Parecia que, em todo o tempo que passaram juntos, ela só tivesse aprendido a sentir raiva dele, e agora os papéis estavam invertidos.

"Você escondeu isso de mim." Uma acusação fria permeava as palavras de Alaric, proferidas em um tom tão baixo que Talasyn mal as teria ouvido acima do burburinho controlado da ponte se não estivesse encarando o rosto dele. A boca taciturna e a maneira como ela se movia. "Você sabe o que Sunstead fez com o meu país. Com a minha família. No entanto, você nunca disse nada."

O passado chicoteou entre eles como uma serpente no meio do bote. Os Tecelões de Luz de Sunstead mataram o avô dele no mesmo cerco horroroso que lançou seu pai ao caminho da guerra, movido por paranoia e vingança. Tudo isso, anos atrás, levara às cicatrizes nas costas de Alaric, ao espaço vazio em seu coração onde outrora residira uma mãe desaparecida.

"Se não fosse pelo primeiro navio-tempestade, Kesath não existiria hoje", continuou Alaric. "As forças combinadas de Sunstead e Nenavar teriam nos

destruído. E descobrir que Hanan Ivralis teve a mão direta nisso..." Ele respirou fundo, com aspereza. "Você nunca disse nada", repetiu ele, sombriamente.

"Porque não havia motivo. Nosso casamento já é conflituoso o suficiente. Seria apenas mais uma coisa por qual brigar." Talasyn torcia as mãos. Por que ela estava torcendo as mãos? Ela as forçou a ficar imóveis, baixando-as para as laterais do corpo, onde elas tremiam e cutucavam inutilmente o tecido de suas saias. "O que minha mãe não percebeu foi que Sintan já estava planejando tomar o trono de Nenavar da Rainha Urduja. Quando a flotilha partiu — quando o protótipo do navio-tempestade os aniquilou — isso alimentou a agitação na corte, e ele usou isso como pretexto para declarar guerra civil. Ele questionou a capacidade da Zahiya-lachi de liderar uma nação se ela não conseguia sequer controlar a própria nora. Hanan Ivralis era um peão, e..."

E Urduja mandou matá-la, Talasyn estava prestes a dizer, estava prestes a finalmente abrir seu coração para outra pessoa, para a única pessoa com quem podia. A única pessoa em quem confiava o suficiente e que era poderosa o bastante para carregar aquele conhecimento e permanecer ilesa, que pudesse ajudá-la a decidir o que fazer.

"Pare", sibilou Alaric, com uma veemência que a envolveu, congelando seu sangue. "Chega de desculpas, chega de racionalizações. Você poderia ter me contado, mas não contou. Ficaremos por aqui."

Talasyn compreendeu então que perdera o direito de pedir ajuda a Alaric — que, para começo de conversa, nunca tivera muito esse direito. Outra guerra estava chegando. A reação de Alaric hoje não seria nada comparada a quando ele finalmente descobrisse *aquela* duplicidade. Seria muito pior.

Ela se sentiu esmagada sob o peso de tudo o que ainda escondia. De tudo o que ainda estava por vir. Seu marido estava diante dela, suspenso nos raios de sol que atravessavam os painéis de vidrometal e douravam a constelação de suas pintas, o rio escuro de seus cabelos. Sua expressão era ilegível, seus olhos prateados, remotos. Ele nunca parecera menos dela do que naquele momento, e ela *queria* que ele fosse dela, com tudo em si, com todos os métodos desesperados e inúteis à sua disposição.

Mas ela não imploraria. Seu orgulho não permitia. Embora se pudesse argumentar que mentira por omissão, o país dele causara feridas muito piores em ambos os países dela. Havia algo nela que ainda era sardoviano, sempre seria, e aquilo resistia à noção de suplicar pelo perdão do Imperador da Noite.

E, mesmo que ele *perdoasse* isso, mal importaria, percebeu ela com outra pontada esmagadora de tristeza. A tempestade de sua traição maior — a *maior* de todas — estava se formando. Não haveria caminho de volta.

Essas emoções estranhas que pairavam entre eles, que existiam contra todo

o bom senso e apesar de todos os esforços em contrário... não seria muito mais prudente cortá-las pela raiz imediatamente? Ela, tolamente, esperara ter mais tempo. Mas agora a situação fugia de seu controle, e talvez fosse melhor assim.

"Não é tarde demais para me devolver a Iantas", disse Talasyn. Ela lutou contra uma careta ao notar o quão rígida e combativa sua voz soara.

Alaric balançou a cabeça, soltando uma risada seca, tão desprovida de alegria quanto efêmera. "Não farei isso, Talasyn. Posso achar difícil suportar a sua presença, mas você não vai me irritar a ponto de eu comprometer a sua segurança". Ele passou a mão exausta pelo rosto. "Acho melhor eu acompanhá-la até nossos aposentos".

"Você me trancaria como a uma criança rebelde, tudo porque eu não—" Ela parou abruptamente. "*Nossos* aposentos?"

"É um navio de guerra. O espaço é limitado". Alaric deu de ombros. O canto da boca dele tremeu, e um ressentimento zombeteiro sombreou suas próximas palavras. "Onde mais minha esposa deveria dormir, senão comigo?"

Ele a deixou ali, na estrutura mais básica de uma cabine localizada no meio do navio. Era pequena, já que a maior parte da *Deliverance* fora destinada aos controles e ao armamento, e seus baús empilhados em um canto contribuíam para a atmosfera claustrofóbica. Cortinas pesadas cobriam a maioria dos painéis de vidro-metal que compunham a parede externa, exceto por uma pequena fresta desimpedida que oferecia a visão do céu pontilhado de nuvens.

Talasyn sentou-se na beira do colchão estreito e observou o espaço aéreo de Nenavar deslizar, temendo silenciosamente o momento inevitável em que ele terminaria. O som dos corações de Squallfast, vários níveis abaixo de seus pés, era um rugido surdo e incessante em meio a um silêncio, de resto, desolador. Seus ouvidos estariam preenchidos por aquilo até que atracassem em Kesath, daqui a três dias.

Três dias em tamanha proximidade com um marido que, por admissão própria, mal suportava vê-la.

Isso apenas serviu para aumentar a sensação de isolamento de Talasyn. Ela estava total e verdadeiramente afastada de todos os outros. Não tinha sequer seus Lachis-dalo com ela; ordenara que ficassem em Nenavar para auxiliar o trono na investigação em curso sobre a conspiração, especialmente na busca pelo cozinheiro desaparecido. Pelo menos, essa foi a desculpa que Talasyn deu a eles.

Eles *realmente* precisavam encontrar Ditsang. Nenhum dos nobres capturados sabia quem havia coordenado com ele. Era possível que estivessem fingindo não saber — o que tornava a busca pelo cozinheiro e a tarefa de fazê-lo falar ainda mais imperativas.

Mas Talasyn também queria manter seus Lachis-dalo restantes bem longe de qualquer coisa que a aguardasse no coração do Império da Noite. Ela estava fartíssima de ver pessoas morrendo por sua causa.

Ela flexionou os dedos como se estivesse se preparando para a etermancia, mas aquilo nunca mais poderia ser nada além do gesto nervoso que agora era. Uma dor leve e ardente cortou a palma de sua mão direita, e ela inspirou bruscamente, olhando rapidamente para baixo.

Havia um corte pequeno e irregular, fino como pergaminho e de um vermelho vivo. Tinha sangrado em algum momento, mas ela não notara; manchas secas, cor de ferrugem, pontilhavam a carne de sua palma. Ela não precisou procurar muito pelo culpado; a pedra de vulana lascada em seu dedo anelar brilhou sob a luz do sol, uma acusação forjada em radiância ártica.

Ela estivera torcendo as mãos anteriormente, na ponte. Deve ter acontecido então, e ela não registrou a dor, absorta demais em Alaric e no desmoronamento de sua breve aliança.

Você sabia que acabaria se cortando com isso eventualmente, Talasyn pensou enquanto encarava sua aliança. *Deveria ter resolvido isso muito antes.*

Mas ela teimosamente deixou como estava e, de repente, sentiu-se cansada demais para fugir do motivo. Era uma conexão com Alaric, e ela sempre fora tão estúpida quando se tratava dele.

Considere isso um despertar, minha querida. As palavras da Zahiya-lachi perfuraram suas memórias e Talasyn fechou os olhos com força, rendendo-se à escuridão por trás deles, que estalava com os estilhaços de sua desesperança, de sua raiva impotente.

Mas isso poderia durar apenas um momento. Tanta gente contava com ela. Ela precisava continuar seguindo em frente. Tinha que aprender a desapegar das coisas.

Talasyn abriu os olhos, armou-se de coragem e tirou a aliança.

Capítulo Treze

Se Alaric tivesse a capacidade de extrair qualquer medida de humor da situação, teria lhe parecido risível como fora reduzido àquilo — expulso de seus próprios aposentos, passando o dia a aterrorizar sua tripulação por questões insignificantes e assombrando os corredores de seu próprio navio. O *Deliverance* era a maior embarcação do repertório das forças de Kesath, mas ele se sentia aprisionado dentro dele. Na verdade, mesmo que tivesse domínio total sobre toda a extensão de Lir, ainda não seria lugar suficiente para escapar de sua esposa.

Alguns poderiam acusá-lo de exagerar, e poderia ele realmente alegar o contrário? Kesath triunfara, e tanto Sunstead quanto Hanan Ivralis haviam partido há muito tempo. A justificativa de Talasyn por não ter contado fazia sentido; não teria servido para nada, exceto para injetar mais uma camada de conflito em uma união política que nenhum dos dois desejara, para começo de conversa. Além disso, ela não tivera nada a ver com a decisão de Hanan, tomada anos atrás, quando Talasyn era um bebê. Certamente não era justo cobrá-la por isso agora.

Mas ele havia aberto seu coração para ela sobre a partida de Sancia Ossinast, naquela noite no quarto deles em Iantas. Ela o encontrara quebrado e sangrando devido à punição de seu pai, naquela noite na Citadel. Em ambas as ocasiões, ela lhe oferecera consolo e trégua. Ela sabia da ruína que o Cataclismo fizera de sua família, sabia que a própria família dela desempenhara um papel nisso. E ela não dissera nada. Se Alaric não tivesse falado com Daya Rasmey, talvez nunca soubesse. A picada da traição ia muito além do que ele podia justificar, embora não tivesse o direito de permitir que a ferida fosse tão profunda.

O jantar foi no refeitório dos oficiais, onde Alaric, Talasyn, Sevraim e Ileis se amontoaram na única mesa com o capitão do navio-tempestade e seus subordinados. As refeições costumavam ser rápidas e silenciosas, como Alaric preferia, mas a presença de sua esposa inspirou Sevraim a patamares ainda maiores de loquacidade; o legionário não se deixou abalar pelas respostas monossilábicas de Talasyn nem pelos olhares irritados que ela lançava a ele.

"Nossa imperatriz, finalmente veio fazer corte", entusiasmou-se Sevraim sobre sua tigela de ensopado de cabra. "Falo por todos nós, kesatheses, ao dizer que a monótona e velha Citadel se beneficiaria enormemente de um toque

nenavarense, Lachis’ka. Você poderia redecorar, sabe?

"Tenho certeza de que não deveria". Talasyn falou para a colher enquanto empurrava pedaços de carne em um caldo de tomate cremoso e salpicado de fígado.

E tudo em que Alaric conseguia pensar enquanto a observava era naquele primeiríssimo dia das negociações do casamento, quando ele acabara de chegar ao Telhado do Céu e Urduja mencionara aqueles navios de guerra malfadados, e Talasyn lançara um olhar impotente para Elagbi, cujo próprio olhar caíra para a mesa, mantendo-se bem longe do de qualquer outra pessoa.

Alaric *tinha* notado que Talasyn e o pai dela agiram de forma estranha. Ele apenas não pensara nada disso, absorto demais no choque e na emoção de não apenas ver a Lightweaver novamente, mas também de saber que ela era a Lachis’ka que ele fora incumbido de desposar. Sentia-se o pior dos tolos. Quantas vezes mais ele permitiria que os nenavarenses o pegassem de surpresa? Eram seus aliados, mas apenas a contragosto. Somente porque ele batera às fronteiras deles com seus navios-tempestade e seus canhões do vazio. Seu casamento fora a salva de abertura em uma partida de xadrez em meio a uma teia emaranhada de outros jogos, e cada movimento que ele e Talasyn fizeram desde a assinatura do contrato matrimonial os aproximava de um resultado onde apenas um lado poderia emergir vitorioso.

Ela já detinha a vantagem. Ele não podia fazer mais concessões, do contrário provaria, de uma vez por todas, que era tão fraco quanto Gaheris acreditava que ele fosse.

Que ele era o filho de sua mãe.

Logo ficou evidente que a tagarelice de Sevraim estava começando a cansar Ileis. Ela o interrompeu enquanto ele divagava sobre a hipótese de Talasyn decorar as paredes negras da Cidadela com as tapeçarias de padrões vibrantes de que o Domínio tanto gostava. "Sua Majestade tem preocupações mais elevadas, você não acha, Sevraim? Afinal, ela ainda está se recuperando da tentativa de assassinato."

Seu tom estava impregnado de um toque de deboche, e Talasyn retribuiu na mesma moeda, retesando-se e, finalmente, desviando o olhar de sua tigela. "O que me lembra, Ileis, que eu ainda não lhe agradeci pela assistência."

Ela não agradeceu *de fato*. Se Alaric estivesse mais bem disposto com a esposa naquele momento, possivelmente teria rido.

"Não preciso da sua gratidão. Você sabe do que sou capaz e eu sei do que você é capaz. Aprendemos isso sobre a outra durante a guerra. Se a equipe de resgate tivesse demorado, você teria dado conta do recado." Ileis deu de ombros com indiferença. "Ou talvez não."

Talasyn arqueou uma sobrancelha. "O que *isso* deveria significar?"

"Você não usou etermancia no chalé", observou Ileis. "Só posso presumir que você não treinou o suficiente para ser capaz de recorrer à sua magia, mesmo que brevemente, quando fisicamente exausta. Ou então não é tão instintivo para você como é para nós na Legião."

O restante da mesa ficou em silêncio enquanto os oficiais baixavam a cabeça e devoravam diligentemente suas respectivas refeições. Alaric, por sua vez, gelou de preocupação. Se Ileis chegasse à conclusão de que Talasyn não possuía mais o Lightweave, ela usaria isso contra ela, de alguma forma...

A menos que ela já soubesse e estivesse armando uma cilada? Ele duvidava que Gaheris tivesse confiado em Ileis, mas seu pai podia ser imprevisível às vezes.

“Não é algo muito instintivo para mim, admito,” dizia Talasyn. “Minha etermancia se manifestou mais tarde na vida, então não costumo recorrer a ela automaticamente.”

O lábio de Ileis se contraiu diante da escolha de palavras dela. “Quase parece que você está nos acusando de usar a magia como uma muleta.”

“A magia é muitas coisas” respondeu Talasyn, com serenidade. “No caso de Kesath, ela é até mesmo o alicerce de um império. Minhas palavras são minhas, mas o que você extrai delas depende inteiramente de você.”

Ela estava perfeitamente composta, sem revelar nada. Mais uma vez, Alaric maravilhou-se com a excelência dos ensinamentos da corte do Domínio. E, mais uma vez, a culpa o assaltou, desgastando as defesas precárias que ele havia construído apressadamente naquela mesma manhã.

Ele não tinha o direito de estar bravo com ela. O segredo dela era um fantasma do passado, sem consequências apreciáveis além do golpe em seu orgulho e do lembrete para ser cauteloso em suas negociações com Nenavar, o que, apesar de doer, era simplesmente isso: um lembrete do que ele soubera desde o início, mas se permitira esquecer. O segredo *dele* havia roubado a magia dela, deixando-a vulnerável a todos os inimigos que circulavam à espera.

Contudo, a transgressão dele poderia apenas superar a dela, não apagá-la completamente de sua mente. Ele era um homem cruel, tão duro quanto a rocha fundamental da Cidadela onde nascera. Ele sempre soubera disso. Ela sempre o acusara de ser assim.

"Minhas senhoras, como eu gostaria que vocês duas se dessem bem", Sevraim disse a Ileis e Talasyn, desanimado. "Não parece certo a consorte do Imperador da Noite e seu melhor soldado discutindo em todas as refeições. Não concorda, Imperador Alaric?"

Ileis lançou a Sevraim um olhar de olhos de obsidiana que prometia uma

dor inimaginável num futuro próximo. Talasyn voltou sua atenção para o ensopado.

Alaric . . . percebeu que não havia pronunciado sequer uma única palavra durante todo o jantar.

Bem, ele estava relutante em quebrar sua sequência. Ignorou Sevraim, o que não foi grande dificuldade. A observação do legionário passou no mesmo silêncio gélido com que Alaric havia começado a noite.

Ele esperava que ela estivesse dormindo quando se juntasse a ela em seu camarote. Não teve sorte. Alaric empurrou a porta e encontrou Talasyn de pé junto aos painéis de vidrometal na parede oposta, de costas para ele.

Era quase meia-noite. As lâmpadas imbuídas de Firewarren ao longo do mastro da *Deliverance* cortavam as nuvens cor de tinta com faixas brilhantes, mas, em todo o resto, o navio de tempestade estava envolto em trevas enquanto navegava pelo Eversea. Talasyn havia aberto as cortinas, sua silhueta esguia banhada por tênues fios de luz estelar que dançavam sobre suas omoplatas expostas antes de caírem, emaranhados, nas trilhas de lantejoulas de seu vestido. Alaric demorou-se na soleira, o olhar atraído para onde uma mecha de seu cabelo castanho caía sobre a junção de seu pescoço e ombro direito, ocultando-a de vista. Ele poderia caminhar até ela agora mesmo, afastar as mechas sedosas e pressionar os lábios naquele ponto, um de seus favoritos. A tentação o lavou como uma loucura. Ela era sua esposa e já permitira que ele fizesse coisas piores no passado. Não havia nada que o impedisse.

Nada, exceto a sensação de ter sido traído e sua culpa onipresente por tê-la traído em troca. As duas emoções conflitantes guerreavam dentro dele, assegurando que nenhum passo que desse seria tão pesado quanto se ele reduzisse a distância entre eles agora. No entanto, ele não conseguia parar de *olhá-la* e, depois de um tempo, percebeu com um sobressalto que ela também o olhava — ou, melhor dizendo, olhava para o reflexo dele, envolto em sombras, no vidrometal.

"Preciso da sua ajuda", anunciou Talasyn, de forma incisiva.

Pensando bem, ela deveria ter escolhido uma veste com fechos menos complicados. Mas ela quis parecer imponente ao dar aquele ultimato aos funcionários de Iantas e, na ausência de Jie, houvera uma camareira para ajudá-la com a fileira de botões diabólicos nas costas. Simplesmente não ocorrera a Talasyn que não haveria nenhum funcionário do Domínio por perto quando ela precisasse tirar o vestido.

Ela procrastinara o máximo que pôde, mas não era como se pudesse dormir

com aquela roupa. Mantendo o olhar fixo no reflexo do marido, ela levou a mão às costas após falar, tocando o botão mais alto para deixar sua intenção clara.

Alaric hesitou. No momento em que Talasyn pensou que teria de viver naquele vestido para sempre — pois ela certamente não iria implorar a ele, e certamente não pediria a nenhum dos outros Kesatheses —, ele fechou a porta e aproximou-se silenciosamente.

Ela olhou por cima do ombro enquanto ele se aproximava. O cabelo preto estava solto, moldando seu rosto em ondas de uma meia-noite desalinhada. Aquele rosto altivo e anguloso, com as maçãs do rosto marcadas e o nariz forte, salpicado de sinais. A cicatriz da Queda do Vazio apenas o tornava mais impactante. Como rachaduras no mármore mais fino, ela florescia da têmpora até o olho, curvando-se levemente ao longo da borda superior de uma das bochechas afiladas. Talasyn desejou, não pela primeira vez, ter se casado com um homem menos bonito. Talvez, assim, isso fosse mais fácil.

Talvez, então, a expressão perplexa dele não a fizesse sentir-se tão estranhamente defensiva. "Não posso bem pedir para o *Sevraim* fazer isso, posso?"

Alaric parou a poucos centímetros dela, a luz suave realçando seus traços enquanto eles se contorciam com uma emoção que ela jamais teria atribuído a ele se o baile de máscaras não tivesse acontecido. "Não pode", ele rosnou.

Ela se lembrou do que acontecera da última vez que ele sentira ciúmes. De como ele se ajoelhara e deslizara aquela boca pecaminosa entre as pernas dela, no nicho espelhado, enquanto a música tocava. De como ela observara os reflexos dos dois no momento do ápice, banhada em ouro. De como ele se movera diante dela como um deus sombrio, implacável, ardentemente possessivo.

Talasyn conhecia o mundo o suficiente para saber que esse era o tipo de coisa que tendia a acontecer quando duas pessoas começavam a dormir juntas. Mas não esperava que pudesse ser tão intenso. Alguém poderia se afogar em um ciúme daqueles. Era mais seguro — era *mais inteligente* — fugir daquilo.

E, no entanto.

E, no entanto.

Saber que ele ainda se sentia assim, mesmo estando zangado com ela... era um alívio. Deturpado e estranho, mas ainda assim, um alívio. Ela se voltou para o vidro metálico, fitando o céu noturno enquanto esperava que Alaric desabotoasse seu vestido.

Ele lidou com os primeiros botões com uma eficiência taciturna. No entanto, na metade de suas costas, conforme o tecido se separava de seu corpo, os movimentos dele desaceleraram, os dedos vacilantes.

"São muitos botões", disse ela, em parte como um pedido de desculpas e em parte para se distrair da estática trêmula de suas mãos deslizando sobre a pele dela.

"Eu não tinha notado". O sarcasmo era atenuado pelo tom baixo e rouco com que foi proferido. "Encontraremos uma dama de companhia para você na Cidadela".

Então ele ficou imóvel. Sua respiração tornou-se mais superficial, soprando contra a nuca dela.

"O que houve?", exigiu Talasyn.

"Nada", rebateu Alaric. Seu reflexo no vidro metálico era puro cenho franzido e olhos semicerrados. "É que... as sardas no seu ombro esquerdo—"

"Eu tenho sardas em todo lugar".

"Bem aqui". Ele deslizou a polpa do polegar sobre o ponto mencionado, e foi como se o espaço abaixo do coração dela explodisse em mil luzes dançantes, ecos da magia que ela não possuía mais. "Nunca percebi até agora que parece um aglomerado estelar. A Panela, talvez".

Talasyn bufou. No alvorecer do mundo, um homem impaciente levantara a tampa de uma panela, apesar de sua esposa ter dito para não fazê-lo. A panela estava preenchida metade com grama e metade com arroz, mas o homem perturbara o equilíbrio e agora o povo de Lir precisava cultivar arroz em vez de simplesmente cozinhá-lo a partir da grama. Era um conto popular do Continente, e ela frequentemente se perguntara o que viera primeiro: a história ou os antigos vendo o contorno de uma panela nas estrelas. Fosse como fosse, aquilo levara a isso — a Alaric traçando a constelação com as sardas dela, milhares de anos depois.

"Um homem que não ouvia a esposa", disse ela. "Parece familiar."

"Você é quem nunca ouve o marido". Ele voltou à sua tarefa, os dedos deslizando das estrelas no ombro dela para percorrer a estrada de sua espinha. A curva fria de sua aliança sussurrou contra a pele dela, e ela se lembrou de algo que sempre quisera contar a ele. Não era o melhor momento, mas talvez nunca houvesse outro.

"As pedras em nossos anéis... elas se chamam vulana. Existe um conto popular sobre elas também". Talasyn deslizou a mão para dentro do tecido do vestido, ocultando o dedo nu. Embora duvidasse que ele se importasse excessivamente com o fato de ela não estar mais usando a aliança, que estava guardada em uma caixa de joias no fundo de seu baú. "Cada pedra é um fragmento da oitava lua, que Bakun esmagou entre as mandíbulas quando Iyaram morreu. Os pedaços então choveram sobre o arquipélago. Por ser um recurso finito, cada fragmento desenterrado é inestimável, e é por isso que só

pode ser usado nas joias mais significativas. O Trono do Dragão. A coroa dos Zahiya-lachis. As alianças da casa real. Embora seja um pouco funesto, não é, que alianças de casamento sejam adornadas com símbolos de luto..." Ela deixou a frase no ar, abalada. Sua língua a traíra novamente. Ela podia não enxergar o caminho a seguir, mas algumas coisas eram claras como o dia. Seu casamento não teria um final feliz. Portanto, um símbolo triste combinava perfeitamente.

"Enfim, é assim que a velha história conta", resmungou Talasyn. "Todo esse alarde é um pouco ridículo. É apenas uma pedra mais brilhante que as outras pedras".

Ela ainda estava falando com Alaric, ou tentava convencer a si mesma? Fosse como fosse, ele a impediu de entrar em um espiral descendente. Voz baixa na escuridão. Mãos quentes em sua espinha.

"Não me parece tão funesto". Ele desabotoou outro botão. "O luto é a prova de que o amor permanece. E aquilo que o Devorador de Mundos possui é um amor eterno. Um amor poderoso o suficiente para destruir ilhas".

"Mas nós não permitimos".

"Não permitimos".

Eles haviam deixado Bakun para trás em Nenavar, dormindo sob a terra. Mas era como se o dragão do vazio estivesse enrolado na cabine com eles, aquele voo por céus sem lua impregnando o ar. Estava ali, na cicatriz no rosto dele, na cicatriz no braço dela. Eles haviam sido mudados para sempre por aquela experiência.

E este momento, aqui e agora, também a estava mudando. Olhando para as estrelas enquanto sentia as mãos dele sobre si, enquanto a voz mansa dele se infiltrava em seu coração. Homem feito de trevas. O último botão foi vencido e ela apertou o corpete contra o peito antes que ele caísse. Alaric a segurou pelos quadris e ela deve ter se aproximado, deve ter, pois estava quase se inclinando contra ele. Os lábios dele estavam em seu cabelo e ele estava rígido contra as nádegas dela, e ela queria as mãos dele em seus seios, queria-o dentro de si, queria que ele acalmasse a solidão que era muito mais aguda agora que era a lembrança do que poderia ser se eles apenas cedessem.

Por favor, perdoe-me, implorou ela silenciosamente à figura espectral no vidro metálico. O fantasma que a segurava no mais ínfimo simulacro de um abraço. *Tome-me inteiramente em seus braços e perdoe-me, apenas desta vez. Nosso tempo está acabando e estou com tanto medo.*

A respiração de Alaric falhou na garganta. Talasyn pensou que ele pudesse ter pressionado um beijo compulsivo e frustrado no topo de sua cabeça, mas aconteceu tão rápido que ela jamais teria certeza.

Então ele recuou. Afastou-se dela. Deixando-a com frio por todo o corpo.

Capítulo Quatorze

Alaric sonhou com a infância naquela noite. Foi um turbilhão de som e fúria, as imagens fundindo-se umas nas outras, a memória misturada ao que lhe haviam apenas contado — ao que ele imaginara, tornando tudo maior que a vida em sua mente. Sentado no chão, sua mãe curvada sobre ele, os longos cabelos dela como um véu sobre seu rosto enquanto ela rezava para os deuses de sua terra natal e a magia da luz queimava nas bordas de uma porta trancada. Seu avô morrendo, consumido pelo fulgor. Seu pai ascendendo em meio a um mar de cadáveres carbonizados. O primeiro navio-tempestade partindo para os ares, despedaçando a flotilha de Nenavar logo ao largo das costas continentais. Sua mãe partindo na calada da noite, afastando-se dele mesmo enquanto ele implorava para que ela não fosse.

Mas neste sonho, Sancia Ossinast não desapareceu na escuridão, mas sim em uma parede de luz dourada. Ela caminhou para dentro dela voluntariamente e foi consumida, expulsa de um oceano de distância por uma mulher que se parecia com Talasyn. A luz estava em toda parte, escaldante, devoradora, brilhante como o sol, inundando as janelas, vertendo-se em suas veias em toda a sua beleza dura e terrível.

Se você ficar — a voz de sua mãe era um fio delgado serpenteando pelo inferno dourado — *não restará nada de você.*

E ela dissera aquilo na noite em que pediu que ele fosse com ela e ele recusou, mas em seu sonho Alaric pensou que ela estivesse falando de seu casamento. Ele começou a protestar, começou a dizer que ela estava errada, mas as palavras se perderam na luz. Sua garganta estava se fechando enquanto a aurora implacável a dilacerava, as ondas brilhantes de éter estavam ao seu redor, a mulher que se parecia com Talasyn observava solenemente entre os salgueiros, e não restaria nada além de cinzas —

"Alaric. *Alaric.*"

Mãos esguias e fortes o sacudiam, as pontas dos dedos calejadas quentes em seus braços úmidos. Ele acordou arquejando por ar, e a primeira coisa que viu ao abrir os olhos foi o rosto da mulher Tecelã da Luz de seu pesadelo.

Ele quase recuou, um grito sufocado escapando de seus pulmões, mas no último segundo possível a sanidade prevaleceu e ele se viu olhando para Talasyn; a expressão preocupada em suas feições sardentas brilhava sob a luz das estrelas, emoldurada por ondas de cabelos desalinhados pelo sono.

"Foi apenas um sonho", ela sussurrou. No entanto, parecia incerta. Observando-o como se observasse uma fera com presas esgueirando-se pela vegetação.

Ele piscou, olhando para ela, com o coração apertado, sentindo náuseas. Não tinha ideia de como conseguiriam superar aquilo. Carregava traumas demais de sua juventude — miséria acumulada em excesso.

Seu olhar desviou-se para a camisa de dormir dela. A lateral do colarinho estava rasgada, deixando a metade superior direita da peça pendurada desajeitadamente no ombro. As bochechas dela coraram na penumbra. "Você a rasgou", ela resmungou. "Enquanto se debatia."

"Peço desculpas", disse ele imediatamente. A náusea piorou. "Eu te machuquei?"

Ela balançou a cabeça, mas isso não foi suficiente para aliviar a inquietação dele por ter chegado tão perto de fazer exatamente isso, sem sequer ter consciência do ato.

"Vou dormir no meu escritório". Ele fez menção de se levantar, mas as mãos dela ainda estavam em seus braços e ela o manteve pressionado, colocando todo o seu peso franzino no gesto.

"Você não precisa." Ela estava debruçada sobre ele, as pontas do cabelo solto caindo, fazendo cócegas em seu peito, com um leve aroma de flores de laranjeira e jasmins-da-promessa. "Não será confortável."

O conforto dele cairia para o último degrau da escala de prioridades dela assim que ela descobrisse que perdera sua magia por causa da falha dele em impedir os planos do pai. Um impulso sombrio surgiu dentro dele — a vontade de confessar, de colocar tudo a limpo. De fazê-la entender que ele era um hipócrita que nem sequer conseguia conceder a ela a mesma clemência que ele próprio tivera com seus erros. Que continuava cometendo.

No entanto, as palavras resistiram às suas tentativas de serem proferidas. Ele percebeu que estava se apegando à raiva porque ela amortecia seus próprios pecados. Nunca se sentira menos merecedor dela do que naquele momento.

"Com o que você estava sonhando?", Talasyn perguntou suavemente.

Alaric deu de ombros, tanto quanto conseguiu com ela pressionando-o contra o colchão. "Não tem importância."

Ele pretendia poupar os sentimentos dela ao não contar o quanto a revelação das ações de sua falecida mãe havia se enterrado nas cicatrizes de seu subconsciente, mas, é claro, ela não sabia disso. Ela via apenas a reticência dele e mordeu o lábio. "Talvez *eu* deva dormir em outro lugar."

"Não." Ele ainda via assassinos em todos os lugares. Ela estaria mais segura com ele.

Talasyn exalou, com um traço de irritação. Alaric mal podia culpá-la; ele estava soprando para os dois lados, primeiro com raiva e depois com preocupação. Era o suficiente para tirar qualquer um do sério.

Mas aquele pequeno suspiro dela fez com que sua camisa rasgada deslizasse ainda mais, e os olhos dele focaram no movimento. Ele não teria conseguido se conter nem se tentasse. As estrelas a desenhavam para ele na escuridão, a prata brilhando na borda delicada de sua clavícula, iluminando a curva superior de seu seio. E outra emoção foi adicionada à mistura: *desejo*. A pulsação vermelho-rubi disso, como um fio desencapado cortando seu sistema. Se o tecido caísse só mais um pouco, exporia o rosa fosco de seu mamilo, e não haveria nada para protegê-lo de sua boca. Ela tinha os seios mais lindos de Lir. Ele pensara isso na primeira vez que os viu. Ele *sempre* pensaria isso.

Só mais um pouco. Só mais um centímetro...

Talasyn praguejou baixinho. Ela levou a mão para puxar o decote e, antes que Alaric sequer percebesse o que estava fazendo, a mão dele estava no pulso dela, em um protesto silencioso. Ambos congelaram, encarando-se. Será que ela conseguia ouvir o coração dele martelando, ali, nas sombras silenciosas do quarto? Seu bom senso gritava para que ele a soltasse. Mas seus dedos pareciam ter vontade própria. Seu polegar encontrou a cicatriz de Voidfell no pulso interno dela, traçando as saliências que se destacavam contra a pele acetinada. Ele podia sentir o pulso dela, batendo como se fosse explodir, em espasmos rápidos. Pelo menos ele não era o único afetado.

A outra mão dela — aquela que ele não segurava — deslizou até o rosto dele, afastando gentilmente o cabelo úmido de sua testa. O pesadelo o fizera suar frio, mas a pressão persistente do sonho relaxou ao toque dela. Era um oásis de paz em meio à violência de seus maus sonhos, de sua luxúria imprudente.

No entanto, as palavras seguintes dela o jogaram de volta ao domínio do pavor.

"Eu *sinto* muito. Por ter escondido isso de você." Ela estava sem jeito e hesitante, pedindo desculpas exatamente da maneira que ele esperaria que ela fizesse por qualquer coisa. O olhar em seus olhos era sincero, porém, e isso o fragmentou. "Espero que possamos superar isso. Talvez — talvez não consigamos, mas" — ela vacilou, como se perdesse a coragem, então tentou novamente — "mas eu realmente espero que sim."

Ele também. Alaric desejava aquilo com tanta força que chegava a doer. Sempre que se deitara com ela no passado, havia sempre uma vozinha no fundo de sua mente sussurrando que ele estava traindo seu país, seu pai — e ele o fizera mesmo assim. Mas as coisas eram diferentes agora. Se ele se perdesse em Talasyn novamente, estaria traindo a *si mesmo*. O menino que fora um dia. A

infância que perdera em uma noite terrível de fumaça, radiância e ruína.

"Veremos". Foi tudo o que ele conseguiu dizer. Tudo o que suportou confessar. Ele finalmente soltou o pulso dela e a cama estreita rangeu enquanto ele se virava de lado, dando as costas a ela. Agora, ela era uma presença descorporificada atravessando o céu noturno com ele — apenas algumas respirações instáveis, os vestígios de um aroma floral, o movimento do colchão enquanto um corpo quente se afastava lentamente e se acomodava novamente nos lençóis de linho.

A vida a bordo da *Deliverance* era excruciantemente lenta. Para não mencionar a vista que nunca mudava. Graças ao metalvidro protetor que envolvia completamente seus conveses, as naves de tempestade podiam navegar em altitudes mais elevadas do que outras embarcações grandes — e quase sempre o faziam, como precaução contra ataques aéreos.

A *Deliverance* não foi exceção. Dada a paranoia de seu marido, ele provavelmente ordenara que a tripulação subisse o máximo que pudessem. Assim, não havia nada além de nuvens até onde a vista alcançava. Até onde os pés podiam caminhar, de uma extremidade da nave translúcida à outra. E Talasyn caminhava *muito*.

Simplesmente não havia mais nada a fazer. Para alguém que outrora fora a ruína de sua existência, Alaric estava, no momento, cultivando um talento notável e até então desconhecido para se fazer escasso. Ela só o via nas refeições, nas quais nunca se falavam, e à noite, nas quais continuavam a não se falar.

Não era uma grande perda. Ela repetia isso mentalmente com frequência suficiente para quase se convencer. Seu orgulho estava gravemente ferido por aquele fiasco. Pedir desculpas nunca fora fácil para ela, e a maneira como ele rejeitava suas tentativas parecia um tapa na cara a cada vez. E se uma pequena parte dela estivesse perturbadoramente consciente de que se agarrava ao orgulho porque ele a sustentava contra as fundações desmoronadas de sua determinação em aniquilar o Império da Noite... o que disso? Ela faria o que fosse necessário para sobreviver a isso com a maior parte de si mesma ainda intacta.

Para a surpresa de Talasyn, Ileis e Sevraim proporcionaram uma forma improvável de entretenimento. Uma das baías de coracle fora convertida em sala de treinamento, e ali os dois legionários passavam as horas de descanso lutando. Talasyn descobriu isso por puro acaso em uma de suas caminhadas, atraída pelos grunhidos, pelos estrondos e pelo zumbido gutural do Shadowgate.

É claro que, para os kesatheses, aquilo era menos um *treino* e mais um *matar ou morrer*. Durante aquela sessão específica, Talasyn observou de lado

enquanto Ileis e Sevraim avançavam um contra o outro, as sombras em suas mãos alternando entre escudos e lâminas num piscar de olhos. Os painéis de metalvidro daquela baía haviam sido reforçados com um revestimento de aço, quase cada centímetro do qual estava repleto de marcas brancas de arranhões e sulcos enegrecidos.

O Shadowgate podia facilmente perfurar aço e metalvidro. Isso ficara evidente no dia da coroação de Talasyn como a Imperatriz da Noite, quando uma nave de tempestade da Allfold atacou e Gaheris Ossinast a despedaçou. Ela relembrou, com um calafrio, aquelas quimeras dentadas atravessando o ar em uma maré tinta, devorando o *Chiton* e tudo o que havia dentro. O fato de o casco da *Deliverance* ainda estar intacto era um testamento ao controle da Legião Shadowforged sobre a força de sua magia — a rapidez com que conseguiam ajustar sua intensidade. Era algo que Talasyn precisava aprender...

Não. A correção a chicoteou e ela quase recuou diante da dor ressonante disso. Ela não precisava mais aprender controle. Não possuía mais aethermancy alguma para canalizá-lo.

A alguns passos de onde Talasyn permanecia encostada na parede, Ileis desferiu uma joelhada no estômago de Sevraim. Ele recuou cambaleando, a espada em sua mão transmutando-se em uma maça, cuja cabeça espinhosa saltou em direção a Ileis presa a uma corrente de trevas crepitantes. Ela se esquivou tarde demais; o golpe raspou em sua bochecha, estrias de um vermelho vivo florescendo rapidamente em sua pele pálida, enquanto seu sangue respingava no chão. Ela sibilou entre dentes cerrados e avançou contra Sevraim novamente.

Era assim que a Legião lutava. Velozes, implacáveis, sempre avançando apesar de qualquer dor. Foram treinados para a guerra desde a infância, e isso ficava evidente. Poucos soldados sardovianos os enfrentaram em combate e sobreviveram para contar a história. As sombras embaçaram diante dos olhos de Talasyn enquanto seu pânico crescia — como *ela* lutaria contra eles sem o Lightweave? Morreria em um instante.

Mas ela não podia. Precisava levar a guerra até o fim.

Engolindo em seco, ela se forçou a concentrar-se. A dar sentido ao turbilhão de membros e magia de Ileis e Sevraim. A imaginar como atacaria e se esquivaria se estivesse lá com eles e tivesse apenas uma arma física à disposição. O truque seria eliminar os legionários de longe; se falhasse, a próxima melhor opção seria um golpe na cabeça, interrompendo a concentração deles, esperançosamente o suficiente para ganhar um pouco de tempo.

Sevraim atingiu o chão com um gemido profundo. Caíra de costas, mas imediatamente se encolheu, com as mãos protegendo a virilha.

"Isso *não* foi justo", ele repreendeu Ileis entre arquejos.

Ileis bufou, circulando-o, a magia das sombras girando em torno de seus dedos. "Tudo é justo em batalha."

"Você tem sorte de não ter uma" — Sevraim arquejou, o branco dos olhos brilhando contra a pele mogno — "uma *área sensível*."

"Eu tenho", ela afirmou secamente. "Meu peito. Não estamos de armadura."

"Eu não vou dar um soco no seu peito!", ele exclamou, ofendido. "A mera ideia..."

"Seu prejuízo". Ela atacou mais uma vez, mas ele a afastou com um chute, seus arquejos agora intercalados por risadas.

"Eu me rendo!", ele gritou, ainda se contorcendo no chão como uma tartaruga de casco para cima. "Pelo bem das minhas futuras gerações, eu me rendo, Ileis! Vá embora!"

Talasyn imaginou eliminar Sevraim de longe, ou esmagar o punho de uma espada em seu crânio e cravar a lâmina em seu coração, e um vazio abismal abriu-se dentro dela. Até mesmo Ileis... A outra mulher fora fundamental em seu resgate das garras de Oryal, e era claramente amiga de Sevraim e muito estimada por Alaric.

Há tantas coisas, pensou Talasyn sombriamente, *pelas quais não serei perdoada.* O tempo passava, carregando-a inexoravelmente para o seu dia de julgamento.

Mas, primeiro, aquilo a levou até a Cidadela.

Chegaram quinze minutos depois da meia-noite. Apenas uma das sete luas de Lir se dignara a aparecer, e o céu cor de tinta cobria os edifícios de obsidiana em uma lavagem de escuridão ainda mais silenciosa e sinistra do que na primeira vez que Talasyn a visitara. Ou, bem, quando fora *forçada a ir*—exatamente como agora. O preto aveludado estendia-se por quilômetros, entremeado pelas luzes intermitentes dos mastros das canoas-lobo errantes e pelas lanternas douradas carregadas pelos soldados que patrulhavam as ruas labirínticas. A segurança, ao que parecia, fora reforçada desde a fuga da prisão.

Talasyn esperava que o marido relaxasse, mesmo que infinitesimalmente, assim que estivessem em seu próprio território. Em vez disso, a estrutura robusta de Alaric praticamente estalava de tensão enquanto ele a conduzia à ala residencial. Ele lançava olhares agudos a cada esquina e semicerrava os olhos para cada guarda que passavam, como se estivesse profundamente suspeito. Ela sentiu tentação de implorar que ele se acalmasse; certamente não haveria conspiradores do Domínio *ali*, no coração do império dele. Mas ele ainda estava furioso com ela e ela com ele, mais ou menos, então ela permaneceu tão silenciosa quanto a cidade dele.

Ela reconhecia aquele corredor por onde passavam. Já havia marchado por ali para confrontar Sevraim, exigindo acesso ao quarto do marido. Nesta noite, porém, Alaric a escoltou não para a porta que Sevraim relutantemente indicara na época, mas para a porta ao lado.

“Os aposentos da Imperatriz da Noite”, anunciou ele em tom seco, conduzindo-a para dentro. “Recentemente reformados.”

O espaço generoso fora decorado nos mesmos pretos e pratas sombrios que permeavam o restante da Cidadela. Suas superfícies brilhavam e seus tapetes estavam desbotados e gastos, porém impecáveis. Uma fragrância adstringente persistente de lixívia e óleo de folhas de chá sinalizava que o lugar fora limpo e arejado recentemente. Havia uma varanda oculta atrás de cortinas de veludo, assim como uma porta de pedra esculpida que Talasyn supôs levar ao banheiro.

Aqueles aposentos pertenceram outrora à mãe de Alaric. E, no entanto, não havia retratos, nem bugigangas, nem vestígio de Sancia Ossinast. Teria a ideia de reforma dele incluído também a remoção de qualquer toque pessoal que ela tivesse deixado?

Uma multidão de servos entrou em fila com os baús de Talasyn. "Obrigada", disse ela depois que eles os depositaram. "Eu cuido de desempacotar."

Como se fossem um só, os servos olharam para Alaric, que deu um aceno imperioso. Talasyn havia se acostumado a ser a única figura de autoridade em Iantas que ninguém ousava questionar, mas mordeu a língua para conter o comentário ácido que ameaçava escapar. Ela não estava mais no Domínio de Nenavar. Aqui em Kesath, ela era a consorte de Alaric, e não o contrário.

Os servos retiraram-se do quarto tão silenciosa e eficientemente quanto haviam entrado, deixando o casal imperial remoendo a mesma cautela constrangedora que atorrara a maior parte da viagem. Naquele momento, com a atmosfera opressiva da Cidadela envolvendo-a por completo, com Alaric tão taciturno e distante em meio aos adornos de Kesath, respirando os ecos de uma mulher que desaparecera há muito tempo — Talasyn nunca se sentira tão sozinha.

"Terei que ver Gaheris?", ela disparou. Enfrentar o Regente sem sua etermancia . . . seria o mesmo que pular de cabeça na boca do Devorador de Mundos.

As mãos de Alaric fecharam-se em punhos. Então, ele pareceu recobrar o controle, e seus dedos relaxaram novamente. "Uma audiência com ele pode ser inevitável", admitiu ele, e o coração de Talasyn disparou. "Mas", acrescentou ele rapidamente, "eu estarei com você."

"Isso não ajuda em nada a minha paz de espírito", ela resmungou.

Ele franziu a testa. "Quaisquer que sejam os problemas que temos no momento, não deixarei que você enfrente meu pai sozinha. Não vou descarregar minha raiva em você desse jeito. Você acha tão pouco de mim — Não." Ele ergueu a mão como se estivesse repelindo a farpa verbal que tinha certeza de que ela estava prestes a lançar em sua direção. "Não responda a isso."

Eu te admiro profundamente.

A resposta brotou do mesmo lugar onde ela carregava sua magia perdida. Uma verdade lancinante, que tornava a respiração difícil. Ela mal ouviu a batida na porta. Nem sequer teria percebido se Alaric não tivesse virado a cabeça abruptamente em direção ao som.

Ele atravessou o quarto para atender. Havia uma intenção mortal em suas passadas longas, e ela teve a sensação inquietante de que ele quase esperava encontrar uma batalha do outro lado da porta — a qual ele abriu apenas por uma fresta. Talasyn ouviu a voz suave e deferente de Nordaye, o ajudante de Alaric, e então a porta se abriu mais, admitindo uma mulher alta e magra, vestida com traje de serva, a cabeça curvada sob uma touca branca e as mãos unidas levemente à frente de seu avental cinza.

"Isso é tudo", Alaric disse a Nordaye secamente, batendo a porta na cara do homem. Ele se voltou para Talasyn. "Esta é Erith. Sua dama de companhia."

Erith aproximou-se arrastando os pés de Talasyn, com a cabeça ainda baixa. "Vossa Majestade", murmurou ela, soando... estranhamente *familiar*. E, ao mesmo tempo, não. Ela fez uma reverência e, quando se endireitou, erguendo os olhos para finalmente encontrar os de Talasyn —

O mundo parou.

Uma mecha de cabelo preto escapara da aba larga de sua touca quando ela se curvou. O fio descia pela lateral de um rosto que estava mais magro do que da última vez que Talasyn o vira, mas ainda com a mesma pele ébano, o mesmo queixo forte. Os mesmos olhos, castanhos escuros e penetrantes o suficiente para cortar vidro-metal, endurecidos pela guerra. A guerra que Talasyn lutara com ela, ao seu lado.

Era Khaede.

Parte II

Capítulo Quinze

"Faz uma década que não precisávamos de uma dama de companhia aqui", disse Alaric. "Escrevi para Nordaye via skua enquanto estávamos a bordo e pedi que ele entrevistasse as serventes e camareiras. Erith é do segundo grupo, mas afirma ter certa habilidade em arrumar cabelos. Se ela não for adequada, encontrarei outra pessoa para você."

Ele havia cumprido sua promessa — aquela feita a bordo do *Deliverance* enquanto ele se atrapalhava para libertar Talasyn dos confins abotoados de seu vestido. Em algum momento no futuro, ela precisaria ter uma conversa particular com ele sobre sua tendência deplorável de falar dos funcionários como se eles não estivessem presentes. Eram considerações menores, dado que sua amiga mais querida dos regimentos sardovianos havia ressurgido — estava viva, depois de todo esse tempo, e de alguma forma infiltrara-se na Cidadela — mas Talasyn agarrava-se a esses detalhes como se fossem ilhas em um mar revolto. Ela *precisava* estar ancorada. Tinha que se concentrar em coisas que não fossem o que parecia ser o maior choque de uma vida até então caracterizada por eles.

A sobrevivência contínua de Khaede dependia da habilidade de Talasyn de fingir que elas nunca haviam se conhecido.

Diante do homem que jurara que a encontraria e que demonstrara remorso genuíno quando não conseguiu.

Talasyn forçou um sorriso educado. "Tenho certeza de que eu e Erith nos daremos bem, meu senhor."

A sobrancelha esquerda de Khaede tremeu. *Não revire os olhos*, Talasyn suplicou em silêncio e, para o crédito da outra mulher, ela conseguiu não fazê-lo, dizendo, em vez disso: "Sinto-me honrada em servir à coroa."

Era a voz de Khaede, mas revestida de subserviência. Por isso Talasyn não a reconhecera de imediato. O peso do fingimento fazia seus próprios ossos gritarem em protesto. Ela não conseguiria manter aquilo por mais um minuto. O interior de sua mente nublou-se com uma névoa ruginte.

"Você deveria descansar", disse Alaric. "Foi uma viagem longa." Ele olhou para Khaede. "Ajude sua senhora a desempacotar."

"Imediatamente, Imperador Alaric." Khaede soou absolutamente respeitosa. Era um pequeno milagre que ela não tivesse entrado em combustão espontânea no mesmo instante.

"Boa noite", Talasyn disse a Alaric. *Sinto muito. Sinto tanto*. Os

sardovianos haviam infiltrado sua fortaleza. Ela o estava enganando. O fim havia começado.

Somente depois que ele saiu é que ela deixou os ombros caírem. Balançou-se levemente sobre os pés, com o alívio e a ansiedade sobrepondo-se em medidas iguais — junto a uma dose saudável de incredulidade enquanto absorvia a visão de Khaede, que não estava perdida, afinal. Que não era mais apenas mais uma nota de rodapé na longa e terrível história da guerra.

Mas ela estava ali para ajudar ou para prejudicar? Talasyn não conseguia parar de pensar em sua coroação, quando a Allfold tentara matá-la. Se Khaede acreditasse na mesma coisa que aqueles outros sardovianos, que a Tecelã da Luz era agora uma traidora —

Talasyn saiu para a varanda, com a outra mulher seguindo-a de perto. Teve a sensação doentia de que estava testando os limites. Preparou-se para sentir a faca em suas costas. Mas ela nunca veio. E ali, além das portas de vidro, não havia nenhum artifício arquitetônico furtivo que pudesse entregar palavras traidoras a ouvidos atentos. Havia apenas o céu levemente iluminado pelo luar acima e os jardins envoltos em trevas abaixo. Elas podiam falar livremente.

O único problema era que Talasyn não sabia o que dizer.

Ou, melhor dizendo, ela queria dizer *tudo*, de uma só vez. Tantas perguntas apressavam-se na ponta de sua língua. A brisa da noite ameaçava arrancá-las de seus lábios em um fluxo sem sentido. Khaede inclinou a cabeça, com os lábios cerrados, esperando.

E a primeira coisa real que Talasyn acabou dizendo a ela foi: "O que você sabe sobre ser dama de companhia?"

"O que *você* sabe sobre ser a Imperatriz da Noite?", Khaede rebateu imediatamente.

"Absolutamente nada", admitiu Talasyn. Então ela riu. Não conseguiu evitar. No fundo do labirinto emaranhado de tantas emoções conflitantes, a felicidade de ver Khaede novamente era um fio brilhante que ela desejava que ofuscasse todo o resto do caos por toda a eternidade. Mas Khaede a encarava como se Talasyn estivesse completamente fora de si, e isso foi o suficiente para sobressaltá-la.

"O... Seu bebê", ela disse, e percebeu que não conseguia dizer mais nada. Khaede estava grávida quando a Allfold de Sardóvia perdeu a guerra e agora não estava mais, *obviamente* — quase um ano havia se passado — e Talasyn aguardou a resposta com trepidação. Quase não querendo ouvi-la. Ela não seria capaz de suportar se...

"Um menino", disse Khaede. "Se parece com o pai. Ele está seguro. Longe daqui".

Talasyn agarrou o parapeito de pedra para se apoiar. *Graças aos deuses.* Ela sentiu tontura de alívio. Um menino que se parecia com Sol. Um pedaço dele que continuaria vivo. Graças aos deuses por algo bom ter surgido de tudo isso. Nem que fosse apenas uma coisa. Ela aceitaria. Ela—

"Respire, Tal".

Havia tanto tempo que ninguém a chamava assim. Ela piscou, olhando para Khaede, que agora parecia um tanto preocupada. Foi só então que Talasyn percebeu que estava hiperventilando.

Isso não serviria. Ainda havia tantas coisas para conversar. Ela não podia ficar sem ar agora.

Ela forçou a respiração a se acalmar — quase meditando, da maneira que Alaric lhe ensinara certa vez, em um jardim de orquídeas. Pensar nele fez suas entranhas se contraírem. Como ela explicaria *isso* para Khaede?

"Você foi capturada após a batalha de Lasthaven", disse Talasyn com peso. "Mas escapou do campo de internamento antes que pudessem levá-la para a Cidadela. Você fugiu em um coracle de lobo".

Os olhos de Khaede se estreitaram na luz tênue. Avaliando friamente. "Quem lhe disse isso?"

"Alaric. Ele procurou por você entre os prisioneiros, e um de seus comodores—"

"*Alaric*", Khaede repetiu, cada sílaba transbordando incredulidade e desprezo. Talasyn percebeu tarde demais que o uso automático do primeiro nome do Imperador da Noite era uma prova evidente. "Falou como uma verdadeira colaboradora."

"Eu *não* sou", protestou Talasyn, ferida. *Colaboradora* significava *traidora*, alguém que estava em conluio com o inimigo. E ela não estava. Independentemente do que ela e Alaric tivessem, ela não trabalhava para Kesath. "Khaede, escute-me. Meu casamento não é o que parece. O Amirante o autorizou."

"Eu sei", retrucou Khaede com um tom de impaciência. "Vela me contou."

Talasyn empalideceu. "Como?" Ela já estava falando baixo, mas agora sua voz era ainda menor. Trêmula e tênue, como uma transmissão de aetherwave vinda de algum lugar distante demais. "Quando?"

Khaede cruzou os braços sobre o peito. Estava levando todo o tempo do mundo para responder. A epifania de que algo estava terrivelmente errado surgiu para Talasyn em uma névoa turva, como quem espia a luz do dia enquanto está submersa.

Sua amiga — a única amiga que tivera em Sardóvia — estava avaliando o quanto podia se dar ao luxo de revelar a Talasyn. A acusação de *colaboradora*

pairava no ar.

"Vela navegou para o Continente logo após o ataque na sua coroação", Khaede finalmente explicou. "Foi você quem disse a ela que ainda estávamos aqui. Ainda lutando. Ela foi sozinha e nos encontrou nas montanhas."

Peças soltas se encaixaram na mente de Talasyn. "A Amirante planejou a fuga da prisão com você, não foi?"

"Suas informações eram sólidas", Khaede admitiu, com certa relutância. "Jamais teríamos conseguido sem o seu conhecimento sobre a planta da prisão e suas medidas de segurança."

"Vela disse que não poderia arriscar lançar um resgate." Talasyn ainda se lembrava daquela conversa, o súplica fervorosa seguida por sua aceitação amarga entre as estacas, pontes e ventos fortes do lago, na casa de chá em Eset. "Eu implorei para que ela salvasse os rebeldes que foram capturados após o ataque na coroação, mas ela disse que estava de mãos atadas. Que Hiras e os outros tinham que ser sacrificados pelo bem maior."

"Para sermos absolutamente justos com Vela, não foram as tropas dela que fizeram o resgate", Khaede ressaltou. "Foram as minhas."

"Mas ela fez *algo*, e por algum motivo escolheu não me contar..." Talasyn deixou a frase no ar enquanto sua mente acelerada tropeçava no que teria sido esse motivo. Por isso, e pela recusa de Vela em encontrá-la antes de partir de Nenavar. Embora seu instinto fosse rejeitar tal razão, as próximas palavras de Khaede serviram para confirmá-la brutalmente.

"A Amirante teme que você esteja comprometida." Khaede deu de ombros, sem a menor sombra de desculpa. "Você *insistiu* que poupássemos a vida de Ossinast." Seus lábios se contorceram em um escarnecer. "Ou a de *Alaric*, se fosse do seu jeito, suponho eu."

Era um bom sinal, considerando tudo, que Talasyn ainda encontrasse forças para lançar um olhar fulminante. Significava que seu espírito não estava completamente esmagado. "Eu já expliquei meu raciocínio para Vela. Para nós, o Imperador da Noite é o inimigo. Para o seu povo, ele é o protetor. Se a Allfold o matar, o Continente jamais conhecerá a paz. Os kesatheses não medirão esforços para vingá-lo."

"Então que tentem", disse Khaede. "Todos eles merecem morrer, de qualquer forma."

A declaração casual deixou Talasyn perplexa. Como ela poderia argumentar contra aquilo, se Khaede perdera sua aldeia para os navios-tempestade do Império da Noite e seu marido para os virotes de suas bestas? O que mais ela tivera que suportar desde a derrota dos sardovianos em Lasthaven?

"Para onde você foi?", perguntou Talasyn. "Depois que escapou."

"Isso é confidencial."

A expressão de Khaede se fechou, um aviso de que perguntas adicionais nesse sentido não seriam toleradas.

Aquilo estava longe de ser o reencontro que Talasyn imaginara, pelo qual ansiara. Mais amargo do que doce, mais desconfiança do que alegria; uma estranha usando o rosto de alguém tão querido. Ela engoliu a injustiça de tudo aquilo e perguntou: "Há quanto tempo você está aqui na Cidadela? E *por que* você está aqui?"

"Para espionar, é claro." Khaede lançou um olhar que dizia tudo sobre a opinião dela a respeito da rapidez — ou a falta dela — de Talasyn em entender as coisas. "Ninguém presta atenção em servos." Ela franziu a testa e se corrigiu. "Ninguém *prestava* atenção aos servos. Depois da Escuridão Sem Lua, todos estão sob suspeita. No entanto, não posso dizer que eu não esperava por isso."

Uma onda de gelo percorreu a nuca de Talasyn, com fiapos dela descendo para se acumularem no fundo de seu estômago. Ela estivera com tanto medo no caminho para a Cidadela. Ainda estava, mas agora não temia apenas por si mesma. "Khaede." Parecia que ela mal conseguia falar. O simples fato de ser capaz de pronunciar esse nome depois de tanto tempo era monumental, mas era o ímpeto de uma queda livre. Tudo poderia ser perdido novamente num piscar de olhos. Com o menor dos erros. "É perigoso demais. Você tem que sair enquanto ainda pode."

"Eu tenho um trabalho a fazer. Você também, se quiser se lembrar dele." Khaede virou-se, colocando a mão na trava da porta da varanda. "Ficamos aqui fora por tempo demais. É questionável para qualquer um que esteja observando — e sempre há alguém observando. Vamos entrar. Eu te ajudo a desempacotar." Desta vez, ela não se conteve e revirou os olhos. "Afinal, não gostaríamos de desobedecer a Sua Majestade, o Bobão."

O pai dele o convocou ao romper da aurora.

Alaric entrou a passos largos no salão particular de Gaheris, sentindo-se desorientado. O sono fora inquieto — mais reviravoltas na cama do que repouso real. Sua cama parecera fria e vazia demais. Seus pensamentos ansiosos haviam sido um clamor incessante.

Ainda eram. Mas ele forçou a mente a algum semblante de ordem, preparando-a para os perigos que certamente permeariam qualquer conversa com Gaheris. Ele precisava fazer isso. Por ela.

Olhos da cor de granito cintilaram para ele enquanto ele se aproximava do trono em forma de adaga no centro do salão. O verão estava quase chegando a Kesath, mas a estrutura esguia de Gaheris permanecia envolta em vestes

pesadas. Alaric se perguntou se todo aquele tempo no coração dos Ceifadores das Sombras — testando os limites da aethermancy — teria drenado o calor do sangue do Regente.

A possibilidade não era absurda. Sempre que o próprio Alaric comungava por tempo demais com um dos Severs — sempre que um Sever se dignava a irradiar por tanto tempo —, chegava um ponto em que o Shadowgate cortava até a parte mais profunda de seu ser. Ele sempre recuava então, impulsionado pelo instinto de autopreservação. Tinha a sensação inquietante de que o que acontecera com Gaheris — tudo o que Gaheris se tornara — era o mesmo destino que o aguardava caso, um dia, decidisse não recuar.

"Como sua esposa está se adaptando?", perguntou seu pai.

"Tão bem quanto se pode esperar", disse Alaric, embora, na verdade, ele não soubesse. Ela certamente não estava confiando nele e não parecia propensa a fazê-lo tão cedo.

"Houve um... incidente, creio eu", disse Gaheris. "Logo antes de você navegar de volta para casa."

Ah. Então seu pai havia questionado ou os legionários ou a tripulação antes de falar com ele.

"Tudo resolvido", respondeu Alaric. "O navio-tempestade foi rápido em mudar o rumo das coisas."

"Eu não tinha percebido que o Domínio estivesse tão fraturado", refletiu Gaheris. "Agora é um bom momento para atacar, você não acha?"

"Não. Só daríamos a eles um inimigo comum." Alaric havia ensaiado seus argumentos mentalmente durante toda a viagem. "E não devemos exaurir nossos recursos com os nenavarense enquanto lidamos com os sardovianos. Não podemos travar uma guerra em duas frentes, Pai."

"Muito bem. Parece que, por uma vez, devo me curvar à sabedoria de meu filho."

Era a facilidade com que Gaheris concordara. Era o quão relativamente *amigável* ele soava. Aquilo gelou Alaric mais do que qualquer demonstração de hostilidade teria gelado.

Gaheris estava satisfeito. Conseguira o que queria. Talasyn sem o Lightweave e, para completar, uma refém.

Eu nunca deveria tê-la trazido para cá.

Mas a alternativa teria sido deixá-la em Nenavar, onde Alaric não poderia estar por perto para protegê-la de sua corte viperina. *Melhor aqui do que lá.* Ele precisava lembrar-se disso. Não podia permitir que o veneno de seu pai corroesse sua determinação.

"Você agiu bem, Imperador." Um leve sorriso brincou nos cantos dos lábios

de Gaheris. Se Alaric alimentava qualquer esperança de que não houvesse envolvimento kesathes na perda da magia de Talasyn, essa esperança morreu de forma rápida e devastadora naquele instante. "Lamento colocá-lo de volta ao trabalho tão cedo, mas Nisene está procurando pelos prisioneiros fugitivos nas Terras Altas. Você e Ileis se juntarão a ela lá hoje. Ela ficará feliz em ver a irmã novamente, aposto. Sevraim permanecerá na Cidadela para vigiar sua imperatriz."

Alaric assentiu imediatamente. O Regente não mencionara que Talasyn fosse trazida a ele hoje, e aquilo era uma pequena misericórdia pela qual ser grato.

Mas ainda havia uma pergunta que o inquietava, e ele já estava na metade do caminho para as portas quando decidiu arriscar fazê-la. "Pai", disse Alaric, pausando os passos, mas sem se virar, "como o senhor conseguiu dar o soro de sangue sariman para Oryal Ferasai?"

Havia —*algo*— no silêncio de Gaheris. Ele se prolongou um pouco demais. Alaric franziu a testa para as sombras diante de si, com a sensação vaga de uma suspeita informe e desconhecida formigando em sua espinha.

"Vossa Majestade ficaria surpresa", veio a voz seca de Gaheris na escuridão densa. "Desde que sua intenção seja nobre e sua causa justa, os deuses frequentemente garantem que a ajuda chegue de lugares inesperados."

Capítulo Dezesseis

"Minha senhora deseja tomar o desjejum na cama ou em seu solar?", perguntou Khaede.

Talasyn piscou para ela, mal-humorada. *Esta senhora gostaria que você não soasse tão sarcástica.* "No solar, por favor, Erith."

Meio enterrada em um emaranhado de lençóis e travesseiros, ela deixou os olhos se fecharem, roubando mais alguns segundos de descanso precioso enquanto ouvia Khaede dar instruções aos servos que esperavam do lado de fora de seu quarto com as bandejas.

A noite anterior não tinha sido um sonho, então. Khaede estava realmente aqui com ela na Cidadela.

Talasyn saiu da cama com um gemido, vestindo o robe que Khaede lhe estendeu. Era descaradamente nenavarense, confeccionado em seda púrpura e bordado com cisnes e lírios em fios cintilantes de todas as cores do arco-íris. Ela destoava completamente naqueles arredores austeros, onde a mobília preta engolia a luz do sol, mesmo enquanto ela entrava por uma generosa fresta entre as cortinas abertas das portas da varanda.

Pensando bem, havia uma quantidade abundante de luz solar. Talasyn olhou para o relógio no criado-mudo. Ela havia acordado surpreendentemente tarde, mas ainda se sentia cansada. Completamente exausta pelas diversas reviravoltas da última semana.

Khaede seguiu o olhar dela. "Sua Majestade não costuma acordar cedo", observou casualmente. Somente alguém que estivesse no cômodo seria capaz de notar a censura em sua expressão. Somente Talasyn seria capaz de perceber a acusação oculta por trás dela.

Ambas já haviam sido pessoas de acordar cedo, outrora. Sempre que estavam destacadas no mesmo local, marchavam juntas, nas horas mortas pouco antes do crepúsculo náutico, dos quartéis da Allfold até o refeitório, onde devoravam as rações que as sustentariam por mais uma manhã de treinamentos. Sempre que estavam no mesmo campo de batalha, acordavam ainda mais cedo, revisando a estratégia na escuridão, encolhidas sob as velas de suas coraclas-vespa.

Fora uma vida dura. E agora, do ponto de vista de Khaede, Talasyn estava abraçando as comodidades de ter se casado com o mesmo regime que fora a causa raiz de todo aquilo.

Com o coração cansado, Talasyn empurrou a porta que conectava seu quarto ao solário. Os servos tinham acabado de organizar tudo, tendo entrado pela entrada externa do corredor. Ela tomou seu lugar à mesa de ébano laqueado, coberta por lençóis em tons de cinza, e observou, para sua total incredulidade, enquanto Khaede fingia um sorriso radiante, brincando e rindo com os outros servos.

Khaede, a soldada, fora perspicaz, cáustica e completamente avessa a fazer amizades. Erith, a camareira convertida em dama de companhia substituta, era... a alma da festa.

Era um subterfúgio magistral. Não havia tipo de informação mais livremente compartilhada do que aquilo que servos fofocavam para alguém de seu número que fosse amável e fácil de conversar. Talasyn jamais teria imaginado Khaede como a atriz consumada, mas as consequências do falso fim da guerra mudaram ambas. Tornou Talasyn mais suave e Khaede mais sorrateira.

Também alterara a relação delas, talvez para sempre. Era dolorosamente evidente que Khaede não confiava mais plenamente em Talasyn, e talvez nunca mais confiasse. O mesmo podia ser dito claramente sobre Ideth Vela e quem sabe quantos outros na Allfold sardoviana.

"Eu disse para você ter cuidado." As palavras furiosas da Amirante emergiram do maelstrom do passado, castigando Talasyn mais uma vez com a decepção e o nojo de Vela. "Eu disse para você não ter simpatia por ele."

Este, portanto, fora o custo para salvar a vida de Alaric. Mas não importava o quanto Talasyn amasse Khaede — não importava o quanto respeitasse Vela — não importavam os extremos a que ela chegaria por qualquer pessoa nos regimentos da Allfold — ela não conseguia se arrepender. Tinha valido a pena. *Ele* valera cada centavo disso.

Talasyn apontou para o assento vazio à sua frente, mas Khaede ignorou o gesto, permanecendo de pé enquanto se ocupava com o serviço de chá. Fazia sentido, supôs Talasyn; uma criada de quarto kesathesa não era uma dama de companhia nenavarene e, portanto, não gozava dos mesmos privilégios. Ainda assim, uma sensação de inadequação a corroía enquanto sua amiga agia como a mais pura serva ao servir o chá.

Só que... *não* era chá. Em vez de um líquido herbal ralo, o que tombou na xícara de porcelana de Talasyn foi uma mistura rica e escura. O aroma doce e levemente terroso de chocolate quente preencheu o solar.

Houve uma batida perfunctória na porta externa. As mãos de Khaede tremeram levemente, enquanto Talasyn estava bem menos composta. Ela *saltou*, batendo os joelhos na parte inferior da mesa. As louças chacoalharam e uma quantidade considerável de chocolate foi expelida da xícara, respingando no

linho cinza.

"Acalme-se", sibilou Khaede para Talasyn, secando apressadamente a sujeira com um guardanapo.

"*Você* se acalme", sibilou Talasyn de volta, segundos antes de a porta se abrir e Sevraim entrar no cômodo com passos vagarosos.

Ao notar o derrame, o legionário soltou um assobio baixo por trás de seu elmo de obsidiana. "Eu sei que Suas Majestades não estão exatamente nos melhores termos agora, Lachis'ka, mas não há necessidade de arremessar os presentes do seu marido contra os pobres e inocentes tecidos. Ele foi pessoalmente às cozinhas para encomendar isso para você, sabe?"

Seria bom, pensou Talasyn, se ela pudesse algum dia ter a permissão de sentir apenas *uma* emoção, em vez de várias ao mesmo tempo, conflitando entre si enquanto transbordavam por ela em uma confusão muito parecida com o chocolate que agora escorria pela toalha de mesa. Ela estava horrorizada que Sevraim tivesse basicamente insinuado que ela e Alaric estavam em uma briga de amantes na frente de Khaede. Estava alarmada por ter destruído os lençóis de mesa do Imperador da Noite com menos de vinte e quatro horas de estadia. Estava tocada que Alaric tivesse deixado a raiva de lado por tempo suficiente para considerar a preferência dela por chocolate em vez de chá.

E o fato de ela estar tocada era, por si só, *outra* causa para alarme.

Na dúvida, siga adiante como se jamais pudesse ser questionada. Faça seus oponentes duvidarem de si mesmos.

Talasyn desprezava Urduja, mas não podia negar que a tutoria da Rainha Dragão a ajudara a navegar por muitas situações delicadas no passado. Ela não tinha escolha a não ser contar com isso agora.

"Você está enganado. Sou apenas desastrada, só isso", disse ela a Sevraim, erguendo o queixo. "Sua Majestade e eu estamos em perfeita harmonia."

"Então ele *não* está subornando você com chocolate quente?", provocou Sevraim. Quando Talasyn se recusou a dignificar aquilo com uma resposta, ele não se deixou abater, jogando-se na cadeira vazia à frente dela com uma elegância desleixada. Ele removeu o elmo, colocando-o no chão acarpetado, e então se espreguiçou, vagarosamente como um felino. Seus olhos castanhos pousaram em Khaede, que acabara de dobrar o guardanapo sujo e colocá-lo na borda da mesa. Ele sorriu, passando a mão com luva de couro pelos cachos negros. "Olá. Erith, não é?"

"Sim, Mestre Sevraim." Khaede fez uma rápida reverência.

"A dama de companhia da Imperatriz da Noite não precisa de tanta cerimônia", disse ele calorosamente. "Apenas 'Sevraim' basta."

"Isso seria impossível, Mestre Sevraim."

Ele mudou de abordagem com destreza. “Então você sabe quem eu sou.”

“Conheço os legionários do círculo íntimo de Sua Majestade”, informou ela. “Antes disso, eu costumava limpar o seu quarto.”

Sevraim fingiu empalidecer. “Eu sou, no geral, uma pessoa muito organizada”—

“Não creio ter insinuado nada em contrário—”

“É que às vezes estou com pressa, entende, e esqueço de dobrar minhas roupas usadas—”

Talasyn sentia-se totalmente fascinada, embora um pouco excluída. Desejava que sua amiga não estivesse interpretando o papel de serva. Khaede sendo Khaede teria estraçalhado Sevraim. Khaede como Erith estava *prestes a* fazer isso; Talasyn podia ver a irritação dela crescer a cada segundo que passava da ofensiva de charme do legionário.

“Por que você está aqui?” Talasyn perguntou antes que a língua naturalmente afiada de Khaede revelasse a identidade de ambas. Mas ela não resistiu a acrescentar: “*Mestre* Sevraim?”

Ele riu, pegando um pão doce com passas da cesta de pães. “Fui instruído por meu suserano a ficar de olho na maçã-do-inferno *dele* enquanto ele estiver fora.”

“Maçã-do-inferno?” Talasyn ficou confusa com a alteração na expressão usual.

“Pequena e azeda”, Sevraim detalhou, com a boca cheia. Ela deu um chute nele sob a mesa, seu sapato de cetim colidindo com a bota pesada dele, e ele fez uma careta. “Exatamente o meu ponto.”

Talasyn quis perguntar a Sevraim onde Alaric estava, mas sentiu a garganta fechar. Não na frente de Khaede. Aquilo era informação, e chegaria aos ouvidos da Allfold.

Mas não era isso que Talasyn *deveria* estar fazendo? Ajudar Sardovia de qualquer maneira que pudesse? No entanto, se a Allfold soubesse a localização dele, eles poderiam agir, e Alaric poderia ser ferido — ou pior — por um ataque que não previra.

Vela prometeu que ele viveria.

Contudo, embora Talasyn pudesse confiar que Vela cumpriria sua palavra, poderia confiar nos sardovianos aqui no Continente? Afinal, eles tentaram matá-la em sua coroação.

Ela tomou um gole lento da xícara que Khaede havia reabastecido silenciosamente, ganhando tempo enquanto decidia. O cacau doce envolveu sua língua e seu coração apertou ao pensar que Alaric ordenara que fosse feito especialmente para ela. Como poderia ajudar a Allfold e mantê-lo seguro ao

mesmo tempo? Tinha que haver um jeito. Tinha que haver.

E, quando a vez chegou a ela, ela não o recebeu com alegria nem com alívio. Apenas com a certeza vazia de que o desastre fora evitado por ora, mas que ela teria de estar sempre em guarda contra ele. Teria de atravessar esses campos minados repetidamente até a queda do Império da Noite.

Talasyn pousou a xícara. "Sua Majestade saiu para procurar os prisioneiros fugitivos, não saiu?"

Quando quiser saber a resposta, aja como se já a soubesse. E o seu alvo a entregará. Urduja também a ensinara isso.

Sevraim assentiu, pegando outro pão doce.

Pronto. Khaede poderia avisar a Allfold que Alaric Ossinast havia retornado ao Continente e estava na caça. Talasyn fizera o que pôde — ou tudo aquilo que se sentira capaz de fazer.

Após o café da manhã, Talasyn baniu Sevraim para o corredor e Khaede preparou-lhe um banho sem que fosse solicitado, como se estivesse riscando mais um item de uma lista de deveres que havia memorizado. O próximo item da lista logo surgiu; ela ficou ao lado da banheira, esponja na mão, com uma expressão contrariada no rosto.

Talasyn retesou-se ao perceber o que a amiga pretendia fazer. "Você *não* vai esfregar minhas costas." Era um passo longe demais, em conflito com seus princípios. Até Jie'd tivera que implorar para que Talasyn a deixasse fazê-lo — "*Para que possamos alcançar todas as fendas, Lachis'ka.*"

Khaede articulou silenciosamente com os lábios: *Graças aos deuses.* Em voz alta, ela disse: "Sua Majestade pode tocar a campainha se precisar de mim." Ela entregou a esponja a Talasyn e saiu. Se alguém estivesse ouvindo, Talasyn só podia esperar que atribuíssem aquilo ao fato de a Imperatriz da Noite ser uma pessoa intensamente reservada.

Ela se despiu e deslizou para dentro do banho. Nada de leite de cabra ou pó de pérola aqui em Kesath — nem a variedade excessivamente complexa de óleos perfumados com flores — mas a água fumegante era calmante enquanto envolvia seu corpo. E havia sabão, ao menos. Ela esfregou a barra cor de mel no couro cabeludo e espalhou-a pelo cabelo em uma espuma densa. Tinha cheiro de zimbro e mirra.

Tinha o cheiro de Alaric.

Para seu absoluto horror, os olhos de Talasyn começaram a lacrimejar de uma forma que não tinha nada a ver com o sabonete ou o vapor. O que havia em uma fragrância familiar que pudesse estilhaçá-la em tantos pedacinhos? Como aquilo podia evocá-lo tão rapidamente — os tons beijados pela lua de sua pele nua, seus meio sorriso sonolentos ao amanhecer, seus braços em volta dela —

Talasyn *não* ia chorar no banho enquanto farejava o mesmo tipo de sabonete que seu marido usava. Isso seria patético demais, até para ela. Em uma tentativa de se distrair, ela apertou a esponja em um punho e esfregou o corpo vigorosamente enquanto analisava o ambiente ao redor.

Ela usara as instalações algumas vezes durante a noite, mas estava escuro e ela estava meio dormindo. Esta manhã, ficou agradavelmente surpresa ao descobrir que era um banheiro espaçoso, ainda mais do que o que ela tivera no Teto do Céu. A banheira em que ela fervilhava no momento era luxuosa para os padrões de Kesathe, esculpida em mármore preto-betume com veios brancos, encravada no piso de granito. Era grande o suficiente para dois.

Pensando bem, havia também duas pias, embutidas no painel de rocha vulcânica diante de um espelho que percorria toda a extensão da parede.

E havia outra porta na extremidade oposta, do lado contrário por onde ela e Khaede haviam entrado.

O destino gostava de suas piadinhas. Como se em resposta ao fato de ela ter notado, a maçaneta de latão da porta girou. A porta se abriu e Alaric entrou no banheiro.

O banheiro deles.

Capítulo Dezessete

Precisava ser dito: ele não parecia nem um pouco feliz em vê-la. Ela não ficou tão ofendida, pois ainda não havia se enxaguado, e qualquer um ficaria irritado ao chegar em casa e encontrar a esposa de conveniência política espreitando na banheira, coberta de espuma de sabão como um monstro marinho ancestral emergindo das profundezas.

Então ela se lembrou de onde, exatamente, ele tinha voltado, e suas reflexões fantasiosas tomaram um rumo sóbrio. "Como foi a sua missão?"

"Mal", Alaric resmungou. "A tal pista da Nisene era um beco sem saída."

Escondido sob a água, o coração martelante de Talasyn desacelerou. O fracasso da Legião Forjada nas Sombras significava que seus companheiros estavam seguros por mais um dia.

"Obrigada pelo chocolate quente."

Ela não tinha ideia de por que dissera aquilo — por que escolhera *agora*, de todos os momentos. Talvez fosse para amenizar a dor onipresente de seu arrependimento por tudo o que estava fazendo e faria a ele no futuro.

Alaric piscou. Parecia exausto. Para ele retornar de uma missão antes do meio-dia — devia estar em reconhecimento desde o nascer do sol.

"Não foi incômodo. Eu *realmente* trouxe você para cá sob coação." Havia uma gravidade em suas palavras que ia além da provocação habitual. Antes que ela pudesse processar aquilo, ele disse: "Vou deixá-la com seu banho. Peço desculpas por interromper."

Talasyn esperou que ele fosse embora. Mas ele não foi. Permaneceu onde estava, encarando-a. Não demorou muito para que um calor que nada tinha a ver com a temperatura da água rastejasse sob sua pele. Através de suas veias.

Então ele *não* achava que ela se parecesse com um monstro marinho naquele momento.

Era algo ridículo de admitir, dadas as circunstâncias, mas Talasyn sentia falta de sexo. Sentia falta da natureza avassaladora daquilo, de como o resto do mundo desaparecia enquanto sua mente ficava em branco, o medo e a preocupação obliterados por um crescendo de prazer. Sentia falta de beijar e de ser abraçada. Ela só conhecera isso com Alaric e, portanto, era o mesmo que sentir falta dele também.

"Você também planejava tomar banho?" Sua voz era baixa de solidão, áspera de anseio. "Tem espaço suficiente."

Como seu casamento a tornara desavergonhada.

Alaric moveu-se como um raio. Estava ao lado dela em um instante, ajoelhando-se no chão, com uma das mãos deslizando por trás dela para se enroscar em seus cabelos, apertando as mechas úmidas em um punho firme e trêmulo. Talasyn também tremia enquanto ele se inclinava sobre a borda da banheira e encostava a testa na dela.

"Algum dia..." ele murmurou, roçando a ponta da bochecha dela. "Algum dia, estarei com você e não haverá nada entre nós. A violência do passado e os erros de nossos antepassados não pairarão sobre nossas cabeças. Pelo meu bem..." Ele interrompeu a fala, inspirando o perfume dela profundamente. "Pelo bem da minha própria sanidade, espero que esse dia seja *logo*. Eu só preciso de tempo. Espere por mim."

Ela compreendeu. Levara muito tempo para vê-lo como algo além do espectro que conhecera no campo de batalha de Frostplum. *Por você, eu esperaria até que o primeiro dragão despertasse novamente*, pensou ela, apoiando o queixo na saliência musculosa do ombro dele. *Até que todas as terras afundassem sob o Eversea. Até que meu cabelo ficasse branco e eu perdesse todas as minhas memórias. Até que eu te encontrasse novamente no mundo espiritual.*

Quando ele se afastou, foi com um suspiro sufocado, seus lábios macios deslizando pela linha da mandíbula dela em outro beijo fantasmagórico, como aquele no topo de sua cabeça que poderia ou não ter acontecido em seus aposentos no *Deliverance*. Uma nuvem de espuma de sabão passara do cabelo dela para o dele, e ela teria sorrido se não sentisse que seu coração vacilante se estilhaçaria diante da curva de um ato tão simples.

Então, em vez disso, Talasyn removeu delicadamente a espuma dele e, por aquele breve momento, Alaric pareceu render-se ao toque, seus olhos cinzentos famintos enquanto se fixavam no rosto dela. Ela o ferira profundamente ao não contar o que sua mãe fizera. Todos os seus outros segredos a dilaceravam, ameaçando se libertar.

Mas ela precisava proteger Khaede. Tinha que salvar Sardovia e Nenavar.

Alaric levantou-se lentamente. Talasyn mordeu a língua para não implorar que ele ficasse. Depois que ele saiu, um pensamento indesejado surgiu em sua mente: ele havia falado abertamente, o que significava que ninguém mais estava ouvindo. O que significava que ela e Khaede poderiam conspirar ali, no banheiro, e estariam seguras.

Deveria ter sido um pensamento *bom*. Mas ele viera logo após seu marido desnudar a alma para ela, um momento que agora estaria para sempre contaminado pelo gosto acre da traição.

Ela não servia para aquilo. Como pudera presumir que serviria?

A água balançou quando Talasyn juntou os joelhos e apoiou neles a cabeça latejante. Ela balançou-se levemente na banheira, desejando que a súbita torrente de tristeza passasse.

O Continente, agora novo e aprimorado, fora dividido em dezessete regiões, cada uma administrada por governadores que foram cuidadosamente selecionados por Alaric e seu pai por sua ética de trabalho e total ausência de ambição. Era muito mais eficiente do que o sistema da Allfold, no qual os diversos Estados-nações tinham seus próprios governantes e, portanto, atendiam prioritariamente aos próprios interesses, fornecendo inúmeras razões para brigas mesquinhas e amplas oportunidades para a corrupção. Nestes novos dias, o Imperador da Noite comandava, os governadores obedeciam e o Continente funcionava como um relógio.

Ou, bem, *quase* tudo funcionava, de qualquer modo.

Em uma sala de conselho de teto alto, onde quimeras kesatheses brilhavam contra estandartes negros sob a luz vermelho-ouro do pôr do sol, Alaric presidia a cabeceira de uma longa mesa de ébano enquanto ele e seus oficiais ouviam as tribulações dos cinco governadores regionais que prontamente agendaram uma reunião ao saberem que o Imperador da Noite retornara da terra natal de sua esposa.

A Região Dez detinha a palavra no momento e não parecia propensa a cedê-la tão cedo. Um mercado negro florescia em seu território. As pessoas não se fartavam de mangas de Nenavar, e criminosos empreendedores compravam ou roubavam a maior quantidade possível de cada nova remessa para revendê-las por somas exorbitantes. Sua Majestade precisava fazer *algo* — ou persuadir a Zahiya-lachis a enviar mais frutos para compensar a demanda furiosa, ou destinar tropas adicionais ao governador para que ele pudesse reprimir a operação ilícita.

Mas e se os aproveitadores arremessarem aquelas mangas perigosas e letais contra as tropas? Alaric imaginou Talasyn murmurando se estivesse ao seu lado. *Que horror, certamente.*

"Vossa Majestade, por favor, isso não é motivo para sorrisos!", amofinou o governador da Região Dez, e foi assim que Alaric percebeu que todos encaravam seu rosto como se estivessem em total descrença diante do que havia brotado ali. "Não apenas está causando estragos na economia local, mas é também uma afronta à autoridade de Kesath. *Sua* autoridade, Imperador Alaric."

O homem tinha razão. Alaric reorganizou as feições em uma expressão mais neutra. "Mangas adicionais estão fora de questão, receio. Meus sogros são

negociadores implacáveis" — bem, apenas *uma* sogra, para ser exato — "e eu tremo só de pensar em qual novo preço eles exigirão. Mas enviarei alguns legionários para a Região Dez", prometeu ao governador. "Qual é o próximo item da pauta?"

Outro governador — o da Região Doze — interpretou aquilo como seu sinal para tagarelar monotonamente sobre uma rota de dirigíveis congestionada. Alaric fez o possível para dar a essa preocupação a atenção que ela merecia, mas estivera em reuniões a tarde toda e as defesas de seu cérebro sobrecarregado agora vacilavam diante da atração de outros assuntos.

A saber, uma esposa irritantemente linda que tivera a audácia de estar nua na banheira quando ele chegou em casa.

Toda aquela conversa sobre mangas não ajudava. Alaric associava aquelas frutas douradas e doces a Talasyn, que sempre cheirava como elas... embora, mais cedo, ela cheirasse ao sabonete dele. Quando ela o convidara para banhar-se com ela. A água ensaboada obscurecera a maior parte de sua forma pequena, mas isso apenas aumentara o apelo. Espuma branca, um brilho perolado sobre a pele oliva.

Ele a recusara por razões que considerava plenamente válidas na hora, mas, aqui e agora, horas depois, ele alimentava a noção de que era, de fato, um idiota. É claro que isso era apenas a libido falando —

"Imperador Alaric?"

A voz do Comodoro Lisu rompeu seus devaneios. Pela maneira como toda a mesa o encarava novamente, Alaric teve a sensação desagradável de que aquela não era a primeira vez que Lisu pedia sua atenção no último minuto.

"Presumo", continuou o oficial, "que Vossa Majestade seja a favor de implementar a proposta mencionada imediatamente? Isso resolveria perfeitamente o problema do estimado governador."

Alaric não tinha a menor ideia do que o outro homem estava falando. "Gostaria de ouvir mais sobre a proposta antes de decidir", esquivou-se.

Não havia muita coisa que pudesse abalar Lisu. O fato de o comodoro ter piscado, com a boca entreaberta e sem emitir som, era um testemunho da estranheza do comportamento atual de Alaric.

"É a proposta de abrir o desfiladeiro entre as Regiões Onze e Doze para o tráfego de dirigíveis, Vossa Majestade", disse Lisu lentamente. "É a *sua* proposta. O senhor a redigiu há um mês."

"Então, obviamente, sou a favor disso", Alaric respondeu friamente.

Preciso dormir, refletiu ele enquanto o conselho e seus suplicantes passavam para o próximo item da pauta. Ele fizera um esforço valente para cochilar rapidamente após o almoço, mas a cama, mais uma vez, parecera vazia

demais. E havia um silêncio inquietante em seu quarto sem os gorjeios e trinados melodiosos de Guava. Antes da chegada dele e de Talasyn, ele ordenara que o sariman fosse transferido para outro prédio na Cidadela, não querendo arriscar que ela ouvisse aquela melodia distinta.

Ao menos o dia estava quase no fim. Ele resolveu desabar na cama logo após esta última reunião. Se os deuses quisessem, ele não sonharia com a esposa.

Dois dias se arrastaram antes que Talasyn se aventurasse a sair na varanda novamente.

Ela estava inquieta. Apesar de ser casada com o homem mais poderoso do Continente, a Imperatriz da Noite certamente não tinha muita liberdade para ir aonde bem entendesse. Passagens inteiras eram barradas para ela por guardas carrancudos e severos. Além disso, Sevraim estava constantemente sob seus pés; ele chegara até a descansar no solar dela, onde passava o tempo tentando persuadir a mulher que conhecia como Erith a sair de sua concha servil.

Não que tivesse sucesso. Khaede era boa demais em interpretar o papel.

Naquela tarde, Sevraim ainda não havia aparecido, o que era uma mudança de ritmo bem-vinda. Talasyn decidiu que ela e Khaede já haviam adiado a discussão sobre assuntos da Allfold por tempo suficiente. Até agora, o ato de *discutir* consistia majoritariamente em Talasyn implorando por informações e sua amiga respondendo com uma recalcitrância irritadiça, mas ela ainda estava otimista. Khaede não teria se deixado designar como dama de companhia de Talasyn sem motivo. Havia um plano espreitando por trás daqueles olhos rígidos.

E, de qualquer modo, ela seguiu Talasyn para a varanda com prontidão.

Oh. Talasyn parou abruptamente ao ver, pela primeira vez, o que jazia além do parapeito de granito. Na noite de seu retorno a Kesath, não havia luas, nada além de uma escuridão abismal. A luz límpida de uma tarde de verão mostrou a ela que seus aposentos davam para extensos terrenos que eram áridos e cinzentos como o restante da Cidadela — exceto pelo jardim logo abaixo da varanda. Cercado por rochas decorativas salpicadas, o pequeno pedaço de verde era pontilhado por flores: altas colunas de esporeiras roxas e malvas vermelho-vinho, canteiros de margaridas brancas e milfólios rosados, e um arbusto repleto de rosas alaranjadas sob a sombra de uma jovem tília.

Era um jardim modesto para os padrões de Nenavarene, mas Alaric o plantara para ela. Ela sabia disso porque ele lhe escrevera no mês que antecedeu a Noite do Devorador de Mundos perguntando de quais flores ela gostava.

"Os servos se divertiram quando o trabalho começou", disse Khaede, e só então Talasyn percebeu que estivera congelada no lugar, fitando o jardim nos últimos minutos, com as mãos apertando o parapeito e o coração transbordando

no peito. "Eles acharam fofo que o Imperador da Noite estivesse se esforçando tanto para tornar a Cidadela um pouco mais bonita para sua noiva." Sua expressão era impassível, mas cada palavra vibrava com censura. "Embora tenha começado como um casamento político, não era adorável, diziam eles, que um afeto genuíno tivesse florescido? Sua Majestade é um jovem tão sério. Uma esposa lhe fará um bem imenso. Especialmente uma que matou um daqueles rebeldes ímpios para salvar a vida dele."

"Eu tive que fazer isso", murmurou Talasyn. "Khaede, você sabe muito bem que eu tive que fazer."

"Claro." A outra mulher foi implacável. "Mas eu me pergunto se seus motivos foram sólidos. Talasyn" — a voz dela endureceu — "*todos* na Allfold estão se perguntando."

Algo dentro de Talasyn começou a soltar um grito silencioso, inaudível para o resto do mundo, embora martelasse em seus ouvidos. Uma certeza horrorosa a dominou como a sombra de um navio-tempestade caindo sobre uma terra dilacerada.

"Todos aqueles que participaram do plano para me matar na minha coroação, você quer dizer?", ela perguntou rispidamente.

Khaede nem sequer piscou. "Pensamos que você tivesse renunciado aos seus vínculos com Sardóvia para salvar a própria pele. Depois disso, Vela entrou em contato."

"Porque eu disse a ela que ainda havia sardovianos no Continente lutando contra o Império da Noite", Talasyn lembrou a Khaede. "Estou cumprindo meu dever. Eu *sempre* cumpri meu dever. Você me conhece. Por que não pode me dar o benefício da dúvida?"

Depois de tanto tempo, ela estava finalmente cedendo ao quanto tinha doído quando seus antigos companheiros apontaram para ela do outro lado do pátio castigado por raios e a atacaram. *Lá está ela. Lá está a traidora. Matem-na.* Depois de tanto tempo, ela estava finalmente confrontando alguém que tivera a mão direta naquilo.

O problema era que ela jamais esperara que fosse Khaede. E, por isso, não houve alívio em dar vazão aos seus sentimentos — apenas mais dor.

"Eu conheci você durante a guerra", disse Khaede secamente. "Não conheço você como a Lachis’ka de Nenavare ou a Imperatriz da Noite de Kesath. Jurei que meu filho cresceria em um mundo melhor. Não posso deixar nada ao acaso."

Talasyn forçou suas feições a não desmoronarem. Forçou seus ombros a não cederem sob o peso da encruzilhada em que ela e Khaede se encontravam. Não podia arriscar que eventuais observadores questionassem por que ela

parecia perturbada quando estava apenas tomando ar em sua varanda com sua dama de companhia.

"Então por que foi designada para mim?", ela perguntou. "Por que se submeter a isso? Claramente não é porque sentia minha falta."

Ela acrescentara aquele comentário sarcástico apesar do bom senso, mas Khaede poupou ambas ao preferir ignorá-lo. "Vela me deu novas ordens. Devo ajudá-la a encontrar a fonte de energia dos canhões de vácuo de Kesath e desativá-la."

Talasyn assentiu, sem surpresa. "Pelo menos você finalmente se dignou a me contar. Isso significa que decidiu que *posso* ser confiável, então?"

"É mais que você é nossa única opção. Você tem acesso a Alaric Ossinast e a todas as informações que ele possui." Khaede afastou-se do parapeito e aproximou-se de Talasyn, encarando-a com fúria. "Por que não pergunta a ele abertamente, já que ele a ama tanto?"

Talasyn recuou. "Não é assim." Ela soube então que a única maneira de recuperar a confiança de Khaede era mentir. A ironia de tudo aquilo. "Ele provavelmente mandou refazer o jardim para manter as aparências. Os nenavarenses esperam que eu seja bem tratada aqui para que o tratado permaneça intacto. Mas nós *somos* cordiais um com o outro."

"Cordiais", repetiu Khaede, da mesma forma que repetira *Alaric* naquela primeira noite.

"Sim. Só que agora ele está bravo comigo."

"Por quê?"

Talasyn rapidamente atualizou Khaede sobre os eventos que levaram Alaric a arrastá-la de volta para Kesath e o que Lueve Rasmey deixara escapar antes de partirem. Quantas vezes, ao longo desses longos meses, ela imaginara conversar com Khaede exatamente assim? Contando-lhe tudo o que havia acontecido, as duas trabalhando juntas para dar sentido a tudo aquilo?

Mas ela não podia contar *tudo* a Khaede, para que não fosse recebida com fúria, talvez até com ódio. Seus sentimentos estranhos e complicados pelo marido — esse era um fardo que ela teria que carregar sozinha. Ela não podia nem contar a Khaede que sua aethermancy fora anulada. O valor de Talasyn para a Allfold residia no Lightweave, a única defesa deles contra o Shadowgate. Sem isso, estariam menos dispostos a ceder às suas exigências; a vida de Alaric estaria em perigo ainda maior. Ela não poderia revelar a perda de sua magia até que fosse absolutamente necessário.

"Acho que aquela daya está suspeita", disse Khaede com a testa franzida. "Rasmey, era? Para alguém que é o braço direito da sua avó, ela foi realmente descuidada. Quase parece... proposital."

E foi nesse momento que Talasyn se lembrou, como um choque elétrico — lá em Iantas, na noite do baile de máscaras, Lueve conversara animadamente com Alaric sobre a prática dos favoritos da corte, o que resultara no confronto ardente entre ele e Talasyn na antecâmara do salão de baile. Ela *tinha* achado estranho na época. Chegara a mencionar a Alaric que não era do feitio da daya ser tão indiscreta.

Uma vez era um erro honesto. Duas vezes não era coincidência.

Mas por que Lueve Rasmey desestabilizaria propositalmente o casamento e, consequentemente, a aliança entre Kesath e Nenavar? Urduja não toleraria tal insubordinação.

A menos que Lueve estivesse agindo sob as ordens de Urduja.

Uma a uma, as peças foram assentadas como tijolos, unidas por aquela marca particularmente fria de lógica do Domínio. A Zahiya-lachis sabia que Alaric e Talasyn estavam dormindo juntos. Ela poderia ter encarregado Lueve de criar um racha entre eles, eliminando assim qualquer possibilidade de que as prioridades de sua neta se confundissem. E Lueve teria feito isso sem a menor hesitação, porque — não importava o quanto ela e Talasyn gostassem uma da outra — sua lealdade seria sempre a Urduja, acima de tudo.

Talasyn estava ficando sem pessoas em quem confiar.

Uma série de batidas leves ecoou nitidamente contra as portas fechadas da varanda, e ela quase saltou da pele. Ela e Khaede giraram rapidamente nos calcanhares para encontrar Sevraim do outro lado do vidro, acenando para elas.

"Já é hora do chá?", Talasyn perguntou em voz alta. "Nós o deixamos esperando no solar, ou ele simplesmente invadiu meu quarto de imediato?"

"Não faço a menor ideia", Khaede resmungou baixinho enquanto assumia um passo apropriadamente servil a caminho de destravar as portas. "Mas, quando a guerra recomeçar, ele será o primeiro a morrer pelas minhas mãos."

Capítulo Dezoito

"A criada da Imperatriz da Noite parece estar tratando-a bem", relatou Sevraim, relaxado em uma poltrona no escritório de Alaric. "Uma garota adorável, essa Erith."

"Fora de questão", disse Alaric sem tirar os olhos da mesa. "Não vou permitir que minha esposa troque de damas de companhia porque você não consegue manter isso nas calças."

Sevraim fez beicinho. "Então é realmente *uma* tarefa ingrata essa que você me impôs."

"Você fica por aí beliscando bolinhos de chá o dia todo enquanto o resto de nós na Legião percorre terrenos acidentados procurando rebeldes", rebateu Alaric. "Receio que você tenha ficado com a melhor parte do acordo."

Ele se curvou sobre o documento que analisava, apertando os olhos para as palavras que se fundiam em sua visão quando não estavam flutuando completamente. Tinha dormido apenas cinco horas desde que chegara de Nenavar. Havia realmente algo de errado com a cama. Tinha que haver.

"Os instintos de Nisene geralmente nunca falham", ouviu Sevraim dizer, como se estivesse a uma grande distância. "E com *você* de volta às linhas de frente, eu tinha certeza de que já teríamos encontrado os prisioneiros fugitivos... Pelos deuses, homem, você está cambaleando."

"Estou bem." O orgulho fez Alaric se empertigar na cadeira, desmoronando novamente apenas depois de dispensar Sevraim. Ele se encostou no encosto, fechando os olhos latejantes contra o brilho sonolento do crepúsculo.

Agora, tudo o que ele queria era ver Talasyn. Talvez perguntar como ela estava gostando de sua suíte de quartos recém-reformada e de seu jardim. Ou apenas sentar-se silenciosamente ao lado dela, observando as nuvens passarem ou a luz do lampião tremular nos fios da tapeçaria — ele acreditava que não seria especialmente exigente, desde que pudesse compartilhar o mesmo espaço que ela. Seu coração estava sendo puxado em várias direções, algumas delas o mais longe possível, mas seu corpo sabia o que queria. A proximidade dela. O toque dela.

Mas ele conseguiria, realmente? Perdoar o passado?

Quando a escuridão veio buscá-lo, foi inquieta e intermitente. Ele despertou sobressaltado, sentindo como se tivesse levado uma lança de gelo no peito. O frio consumia suas veias, um inverno sem fim. Seu olhar caiu sobre o céu

noturno além das janelas, onde a quinta lua de Lir tornara-se vermelho-sangue.

Um eclipse.

Alaric levantou-se bruscamente de sua cadeira, saindo de seu escritório. A caminhada até o banheiro adjacente pareceu eterna em pernas trêmulas que ele teve que forçar a funcionar. Mas ele finalmente conseguiu, empurrando a porta e tropeçando nos aposentos de Talasyn.

Ele esperava que, com a perda de sua aethermancy, ela não sofresse mais os efeitos da magia do eclipse. Teria feito qualquer coisa para poupá-la daquela dor. Mas ela estava de joelhos no chão quando ele entrou, com uma mão agarrada ao poste da cama enquanto o restante de seu corpo se dobrava em agonia. Ela já havia comparado o efeito do eclipse lunar nela a ser queimada viva por dentro, e a angústia visceral em seu rosto ao olhar para ele aumentou a dele mil vezes.

Por alguma estranha reviravolta do éterespaço, eles eram as únicas duas pessoas no mundo capazes de aliviar a dor um do outro sempre que isso acontecia. Antes, eles buscavam um ao outro instintivamente, procurando aquele conforto sem pensar duas vezes. Agora, porém, mesmo nas profundezas de um sofrimento imenso, um tremor de hesitação percorreu o corpo de Talasyn, seus lábios entreabertos em uma indecisão impotente enquanto ela empalidecia, ficando quase tão branca quanto sua frágil camisola branca.

Isso partiu o coração dele. Quebrou seu autocontrole. Aquele momento de percepção cortante nos olhos castanhos dela — aquela hesitação solitária — rompeu as correntes que o prendiam ao passado. Como não romperia? Ela era sua esposa e precisava dele.

Alaric encurtou a distância entre ele e Talasyn, saindo da longa sombra que sua infância projetara sobre toda a sua vida. Ele se ajoelhou ao lado dela, envolveu-a em seus braços e pressionou os lábios nos dela.

Foi como beijar o fogo. A boca dela queimava a dele, a pele dela escaldava suas palmas através da camisola de cetim. Era exatamente do que ele precisava; o frio dentro dele foi varrido por uma investida de calor estival. Ele deixou para trás o menino que fora, com todos aqueles traumas, toda aquela raiva mal direcionada, congelados nas geleiras dos erros alheios, desaparecendo sob a luz do sol. Agora ele era um homem, e tinha algo para prezar. Algo para proteger.

Os espasmos torturantes de Talasyn diminuíram, a conexão entre eles acalmando-a assim como o acalmava. No entanto, ela permaneceu como uma estátua em seu abraço, como se não conseguisse acreditar totalmente que aquilo estivesse acontecendo.

Como se estivesse se preparando para o inevitável. O momento em que Alaric recuperaria os sentidos e a afastaria.

Ele *ama* provar que ela estava errada.

"Tala", ele murmurou contra o canto da boca dela, com a voz rouca e urgente. "Tala". A mão dele deslizou pela curva de sua coluna, agarrando punhados de sua camisola. "Beije-me de volta".

Ele deslizou os lábios totalmente sobre os dela mais uma vez, sitiando as defesas dela com sua sinceridade, com aquele ritmo feroz e persuasivo que ela gostava. E, finalmente, as chamas suaves começaram a se mover contra ele, com ele. Pouco a pouco, ela relaxou, envolvendo o pescoço dele com seus braços esguios. Retribuiu o beijo com uma hesitação inicial que logo derreteu em uma fome ardente, como ouro líquido.

Quente. Ela estava tão benditamente quente. Ele não conseguia se fartar. Ela era a aurora rompendo após uma longa noite. O eclipse drenara suas forças, mas nada no mundo poderia impedi-lo de erguê-la e carregá-la até a cama. Ela caiu sobre os travesseiros e ele praguejou enquanto sentava na beira do colchão, atrapalhando-se com as botas. Mesmo essa breve separação dela fazia o gelo rastejar de volta, deixando seus dedos dormentes. O éter dentro dele provara o que era ser acalmado, sentira o que poderia ter, e exigia mais.

"Rápido", gemeu Talasyn. Ela se contorcia sobre os lençóis, a bainha de cetim branco subindo por suas coxas douradas. "Estou com tanto calor — *por favor* —"

As botas e as meias de Alaric voaram contra a parede. No caminho de volta para ela, ele parou para tirar a túnica, e ela rosnou de impaciência, com os dentes cerrados sob a luz das luas restantes.

Apesar de seu próprio frenesi interior, ele arqueou uma sobrancelha para ela enquanto puxava a peça sobre a cabeça. "Mal posso desfilar nu o dia todo, mesmo que seja para o seu prazer".

"Não me tente a *obrigar* você", ela alertou.

O olhar dele escureceu. Ele rastejou sobre ela com avidez, espalhando um rastro de beijos ardentes ao longo da curva de sua mandíbula e descendo por sua garganta. O suspiro de alívio dela, enquanto o toque dele resfriava a febre em seu interior, despertou os acordes de uma melodia primal; ele era o único que podia fazer aquilo por ela, e ela era a única que podia trazer calor a ele. Eles *pertenciam* um ao outro.

O sentimento de posse era seu próprio tipo de visão em túnel. A mão dele deslizou entre as pernas dela e ele ficou encantado — total e *completamente* encantado, o que talvez não fosse a emoção mais apropriada para o Imperador da Noite de todo Kesath — ao descobrir que ela já estava molhada para ele. Ele encaixou dois dedos sob a borda de sua calcinha encharcada, deslizando-os pelas pétalas úmidas de seu núcleo, engolindo os gritos dela com beijo após beijo voraz. Ela era lava derretida em seus braços, arqueando os quadris contra a

palma da mão dele, cravando as unhas em seu cabelo e descendo por suas costas. Ele teria dificuldades nas sessões de treino de amanhã, com aquelas marcas de arranhão, mas não conseguia se importar. Só existia aquilo. Só existia sua esposa, abrindo a boca doce para ele enquanto ele mergulhava os dedos em sua umidade, rebolando para ajudá-lo enquanto ele puxava a calcinha para baixo e para fora de um tornozelo esguio e adorável.

Deuses, quanta saudade sentira dela. De repente, ele ficou desesperado para mostrar a ela o quanto. Desesperado para redimir a maneira como a tratara nos últimos dias.

Talasyn retesou-se quando Alaric interrompeu o beijo e se ergueu levemente sobre os cotovelos. "Aonde você pensa que vai?", ela exigiu, o que, para ser honesto, esfriou um pouco o clima terno dele.

"Aqui", ele rebateu, deslizando pelo corpo dela. Baixando a cabeça entre as coxas dela.

"Ah". Ela engoliu em seco, jogando-se para trás nos travesseiros e abrindo mais as pernas. "Continue, então".

Ele revirou os olhos para ela antes de mergulhar.

Alaric só fizera aquilo uma vez antes — e apenas com *ela*, somente com ela — mas ele lembrava do que Talasyn apreciara naquela antecâmara durante o baile de máscaras, os dois pintados de dourado. Ele a estimulou progressivamente com lambidas e beijos ardentes, sua mandíbula agradavelmente dolorida, escorregadia com o desejo dela. E quando ele empurrou a língua contra a entrada dela, ela *gritou*, as coxas esguias travando-se ao redor do pescoço dele em um aperto sufocante, os quadris erguendo-se dos lençóis para moer contra a boca dele.

"Estou quase lá", ela gemeu, soando delirante, soando chorosa, soando como se estivesse com medo do que estava prestes a acontecer. "Tão perto—"

Ele rapidamente substituiu a língua pelos dedos enquanto a mão livre pressionava os quadris dela, mantendo-a imóvel. Mantendo-a exatamente onde ele a queria. Seus lábios encontraram o emaranhado inchado de nervos dela, a língua golpeando impiedosamente até que sim, aconteceu, lá estava ela, sua linda imperatriz desmoronando sob seus dedos, sob sua boca, um grito rouco arrancado de sua bela garganta.

Em vez de dar tempo para ela se recuperar, Alaric foi tomado por uma ideia perversa e terrível. Ele estava curioso para ver até *onde* poderia chegar. Talasyn mal havia descido da onda quando ele recomeçou, arrancando dela um soluço estrangulado de espanto e descrença que o fez sorrir sombriamente contra o núcleo dela.

Ele poderia fazer aquilo para sempre.

Ela gritou o nome dele quando atingiu seu segundo orgasmo. Nenhum hino jamais fora tão sagrado. Ele não conseguia tirar os olhos dela, abrindo cegamente os fechos de suas calças, o gosto inebriante dela espesso em sua língua. Ele jamais esqueceria a visão dela daquele jeito, os cabelos castanhos espalhados contra o travesseiro, os mamilos endurecidos sob o corpete de cetim, lágrimas de catarse brilhando em suas bochechas coradas sob a luz baixa do eclipse.

Sua ereção saltou livre e ele a envolveu com o punho, bombeando lentamente enquanto ela assistia com os olhos castanhos semicerrados e nublados de desejo. A outra mão dele traçava padrões distraídos no joelho dela, onde se dobrava ao lado do quadril dele, e então deslizou para baixo para roçar a borda de sua camisola amarrotada. "O que aconteceu com as camisas largas?", ele perguntou.

"Nossa equipe em Iantas embalou apenas algumas." O canto de sua linda boca tremeu. "Nunca vou entender a obsessão do Domínio por lingeries."

"Eu gosto", disse Alaric. "Mas, agora, ela está atrapalhando."

Ele se posicionou sobre ela novamente, puxando o retalho de cetim enquanto subia, até que a peça ficasse amontoada abaixo do pescoço dela, revelando seus seios perfeitos e sardentos. Ele sentira falta *destes* acima de tudo, talvez, e Talasyn soltou um grito quando ele selou os lábios em um mamilo e sugou. Mais daquele calor glorioso o percorreu, acalmando as correntes gélidas do Shadowgate.

"Parece que" — a voz dela era um sussurro de reverência em seu ouvido, intercalado por arquejos trêmulos de prazer — "que eu estivesse caminhando por toda a eternidade sob o sol do meio-dia, e então entrei na sombra — é... é *maravilhoso* —"

"Como você." Ele transferiu a boca para o outro seio, murmurando as palavras contra a curva macia. "Maravilhoso como você."

Seu desejo não podia mais ser negado. Ele a envolveu com os braços, unindo seus corpos plenamente, e a beijou, longa e profundamente, enquanto entrava nela, a mente nublada por um coro sem sentido de *calor* e *esposa*.

Parecia como voltar para casa. Como se ele tivesse, em passos inversos aos dela, caminhado para a luz do dia pela primeira vez, com a mão dela na sua enquanto o sol dourava sua pele e ela buscava refúgio na sombra que ele projetava.

Capítulo Dezenove

Era lento, doce e gentil, e tudo aquilo que Talasyn não deveria desejar.

Ela fizera questão de mostrar que não queria quando ele tentara tomá-la assim na noite em que lutaram contra o Devorador de Mundos. Ela interrompera Alaric naquela vez, e pedira algo *mais forte*.

Mas ela sentira tanta falta dele, com uma intensidade que julgava impossível sentir por alguém em tão curto espaço de tempo, e sentia-se sozinha ali naquela fortaleza negra, como se não tivesse mais nenhum aliado. Ela se agarrou a ele enquanto ele se movia dentro dela — não com estocadas, mas balançando, cada movimento lânguido para cima preenchendo-a ao mesmo tempo em que estimulava cada terminação nervosa onde estavam unidos.

Não havia um centímetro de espaço vazio entre seus corpos. Cada parte dela estava coberta por ele. Outro ápice estava sendo extraído dela e ela o perseguiu, imprudente, meio louca, não sabendo de mais nada além daquilo. "Tão bom", ela suspirava, "sim, assim—" E seu marido estremecia a cada gota de louvor que transbordava de seus lábios, beijando-a ferozmente, explorando sua boca com a língua, mordiscando seu lábio inferior. Ele lhe deu sua língua maliciosa, ainda com o gosto da essência dela. Ele lhe deu seus olhos selvagens, brilhando em prata sob uma lua vermelha, rubra. Ele lhe deu as batidas fortes de seu coração, o frescor primaveril de sua pele pálida, a força de seus tendões. Ele lhe deu cada centímetro de si e ela o tomou avidamente, com um abandono selvagem.

Às vezes eu gostaria, ele dissera na Noite do Devorador de Mundos, e interrompera a frase. Agora Talasyn também gostaria. Enquanto o terceiro clímax da noite a atravessava, ela desejou que tivessem se conhecido em qualquer outra vida. Ela soltou um soluço enquanto ascendia aos céus sombrios, travando as coxas em torno dele, querendo que ele se juntasse a ela ali. Onde ambos pudessem ficar.

Depois, eles ficaram deitados de lado nos lençóis úmidos, frente a frente. Ela estava grudada a ele como uma lapa em sua rocha, os dedos cravados na amplitude de suas costas. Ele estava ocupado em secar as lágrimas de suas bochechas com polegares cuidadosos.

"Por que você está chorando?", ele perguntou rudemente.

"Foi muita coisa", Talasyn respondeu com um fungar lacrimejante. Nisso,

ao menos, ela não estava mentindo. Alaric inspirou bruscamente, o pânico cortando suas feições cicatrizadas, e ela acrescentou rapidamente: "Não de um jeito ruim".

Ela massageou os ombros dele em movimentos circulares e calmantes. A quinta lua era novamente um orbe gélido no céu, mas ela ainda não se cansava de tocá-lo e de ser tocada por ele. "Alaric", ela começou timidamente, "se eu fui afetada pelo eclipse... isso deve significar que minha magia ainda está dentro de mim, certo? O soro a selou de alguma forma, mas ela não sumiu".

Ela parecia estar tentando convencer a si mesma, e não a ele, mas ele assentiu imediatamente. "Eu também estava pensando nisso", ele disse. Ele se inclinou para roçar o rosto na curva do pescoço dela. Outra muralha de defesa desmoronou, e ela enterrou o rosto nos fios escuros e bagunçados dele.

"Urduja mandou matar minha mãe".

As palavras soaram abafadas em seus cabelos macios e densos, assim como o restante do relato que jorrou dela em um fluxo. Ela contou dessa maneira porque era mais fácil. Contou a ele porque não tinha sido capaz de contar nem mesmo para Khaede, por ainda não ter conseguido se situar em meio ao cisma entre as duas. Agora que Alaric sabia o que Hanan Ivralis fizera para ajudar Sunstead, não havia mais razão para Talasyn se calar. Era um alívio dizer aquilo em voz alta e ser ouvida por outra pessoa.

Alguém que a deixou falar até que as frases acabassem, abraçando-a o tempo todo, com os lábios repousados contra o coração dela.

"Sinto muito", disse ele, após ela ter ficado em silêncio, "que você tenha carregado isso sozinha por tanto tempo. Que eu tenha feito você sentir que não podia compartilhar isso comigo." Sua voz assumiu um timbre de acérrima autoaversão. "Eu estava lidando com meus próprios problemas. Isso me cegou para o que você estava enfrentando."

"Não acredito que eu estivesse agindo de forma particularmente incomum", disse Talasyn.

"Eu teria percebido", insistiu Alaric em um rosnado baixo. "Se eu não estivesse tão furioso — se não tivesse pensado que estaria traindo minha infância caso não a expurgasse da minha mente — eu teria notado. Não há rosto que eu tenha estudado tão de perto quanto o seu. Ouço cada inflexão da sua voz quando você fala. Sei o que significa quando você ergue o queixo ou estufa os ombros, ou quando sua coluna se curva. Eu poderia passar cem vidas tentando decifrá-la, Tala, e isso não seria nenhum sacrifício."

A respiração dela falhou. Ela não se sentia da mesma forma? Como se pudesse olhá-lo para sempre? Esse homem taciturno e fascinante, com a capacidade de afeto oculta por trás de sua perpétua fachada imperiosa... esse

guerreiro sombrio com seu humor seco e todas as suas pequenas excentricidades... seus contrastes encantavam tanto quanto confundiam. Ele era um desafio a ser desvendado. Certamente ninguém além dela seria capaz de tal tarefa.

"Você nunca mais precisará ver Urduja Silim", prometeu ele, ainda naquele mesmo rosnado feroz. "Você ficará aqui e, quando ela morrer, retornará a Nenavar para assumir seu trono por direito. Você apagará cada vestígio dela do Teto do Céu, da história. E eu derrubarei qualquer um que ouse se colocar em seu caminho."

Ele ofereceu aquela promessa a ela como uma tentação sombria. Longe de recuar, ela ansiou mergulhar nela, agarrá-la com tudo o que houvesse de selvagem, ganancioso e sedento por vingança em seu ser.

Mas, naquele momento, Talasyn não queria pensar no futuro. Qualquer que fosse o futuro que a esperasse ao fim da próxima guerra, Alaric não faria parte dele. A dor irradiou por ela, mais abrasadora do que qualquer eclipse. Ela o abraçou com mais força, em uma busca egoísta por conforto.

"Não é como eu imaginei que seria ter uma família", disse ela. "Sonhei com isso por tanto tempo, lá na Grande Estepe. E agora tenho uma avó que é assassina e um pai que tem tantas chances de ficar do lado dela quanto do meu. É tudo tão complicado."

"Eu também sou sua família", disse Alaric baixinho, beijando o vale entre os seios dela. Parecia impossível que ele não tivesse notado como o pulso dela saltou, mas ao menos a posição atual garantia que ele não visse a nova onda de lágrimas se acumulando em seus olhos.

"Isso não prova exatamente que eu esteja errada", Talasyn tentou provocar. Tentou suavizar tal momento, para que ele não arranhasse tão viciousmente as feridas expostas de sua alma.

Mas ele não permitiu. "Somos casados. Isso nos torna uma família. Você e eu." Suas maçãs do rosto angulares aqueceram contra o peito dela, como se a sinceridade o tornasse tímido. Mas ele lutou contra isso. Oh, como lutou. "Serei um marido melhor. Eu lhe juro isso agora."

Alaric ergueu a cabeça e seus lábios capturaram os dela, selando o voto com outro beijo. Havia paixão ali, sim, mas ela era secundária a uma ternura derretida, e Talasyn rendeu-se a ela. A ele. As muralhas em que ela se encastrara durante todos aqueles longos anos hastearam a bandeira branca, desmoronando na doce agonia de um desejo realizado, enquanto muitos outros despertavam. Ela compreendeu, enfim, o que sentia por ele. Sabia agora que o seu era um amor condenado.

Ele acordou com os raios de sol atravessando seu torso e uma sensação de profundo contentamento.

Era incrível o que uma boa noite de sono podia realizar. Ele finalmente resolvera o mistério do que havia de errado com sua cama: não tinha sua esposa nela. Uma solução simples — ele poderia passar suas noites aqui. Ou talvez ela pudesse ser convencida a dormir no quarto dele.

Talasyn estava debruçada sobre seu peito, as ondas sedosas de seus cabelos castanhos e densos fazendo cócegas em seu queixo. Ela roncava, além de babar em todo o seu peitoral esquerdo. Alaric costumava ser meticuloso, mas isso — isso ele não se importava tanto. Ele deslizou os nós dos dedos pelas sardas que salpicavam a bochecha exposta dela, maravilhado com o quão delicada ela era, na verdade, fora do frenesi da batalha. E quando não estava em guarda, ou gritando com ele.

Isso fez seu aperto na garganta aumentar. Ela teria a proteção dele, quer quisesse ou não. Ele a blindaria de seu pai, de sua avó. Jamais permitiria que qualquer coisa a machucasse novamente.

Incluindo ele mesmo.

O contentamento de Alaric minguou quando a realidade da situação dele e de Talasyn retornou impetuosamente, roubando o brilho da manhã. Ele era a escória da pior espécie, mantendo as maquinações de seu pai em segredo para ela. Mas ela era impetuosa e teimosa, perfeitamente capaz de fazer algo drástico se ele lhe contasse agora — e isso sequer importaria, se tais maquinações não fossem se concretizar?

Ele passou os minutos seguintes na cama da esposa considerando isso e outras racionalizações semelhantes, mas o mal-estar apenas piorou até que ele não suportou mais. Seria melhor se preparar para o dia que viria, que prometia ser movimentado o suficiente para distraí-lo de seu tormento interior.

Alaric rolou para o lado, depositando Talasyn com cuidado no colchão. Com grande relutância, ele tentou se desvencilhar dela. No instante em que houve um centímetro de espaço entre seus corpos, porém, a mulher feral soltou um ruído descontente em seu sono e travou os braços magros e fortes em volta do pescoço dele com tanta força que obstruiu sua respiração.

Ele soltou uma risada ofegante. "Eu preciso ir, querida", murmurou, beijando a têmpora dela. Beijou seus braços também, enquanto os soltava de seu pescoço. E, finalmente, beijou o cenho franzido que se formara nos lábios dela.

Mas, por mais pacíficos que fossem aqueles poucos segundos, envoltos pela luz dourada da manhã, eles não podiam dissipar a verdade nua e crua de que ele estava escondendo coisas dela. Tudo naqueles momentos parecia roubado. Ele caminhava por uma corda bamba precária, equilibrando a necessidade de mantê-

la segura e a necessidade de que ela não o odiasse. Um passo em falso, e tudo desmoronaria.

Ao longo de sua longa permanência nos regimentos sardovianos, durante a qual observara como outros soldados interagiam, Talasyn conseguira concluir que uma das principais funções de um amigo próximo era servir de confidente para questões irritantes e confusas do coração. Infelizmente, ela já não tinha certeza de como estava a amizade entre ela e Khaede — e, de qualquer forma, mesmo que *tivessem* caído chorando nos braços uma da outra ao se reencontrarem, ela mal poderia dizer à mulher que perdera uma aldeia e um marido para Kesath que havia se apaixonado pelo atual governante, a quem ambas planejavam derrubar.

Talasyn sentia-se bastante desanimada e, acima de tudo, com uma solidão entorpecedora enquanto ela e Khaede caminhavam pelo pequeno caminho de pedra que serpenteava pelo jardim.

"O Alto Comando de Kesath saberá onde está a fonte do Voidfell. *O que* ela é", disse Khaede em voz baixa, com uma expressão plácida para o benefício de qualquer pessoa que pudesse estar vigiando-as de longe. "É informação ultrassecreta, mas, se você participasse das reuniões do conselho, poderia ficar atenta a qualquer pista."

"Ninguém vai me querer lá", disse Talasyn. "Os oficiais podem me conceder respeito como a Lachis'ka e consorte do Imperador da Noite, e podem realmente acreditar que mudei de lado por causa do ataque à coroação, mas ainda sou sardoviana e ainda lutei contra eles certa vez. Eles não esquecerão disso."

"Se seu marido decretar, eles não poderão protestar."

"*Ele* também não vai me querer lá."

"Por que você está dando desculpas?" Khaede exigiu abruptamente. "Apenas *faça* isso, Talasyn."

Aquele fora um refrão comum o suficiente durante as Guerras do Furacão. *Faça isso.* Alcance o impossível, porque a alternativa era impensável. Talasyn baixou a cabeça, fitando as pedras do rio que revestiam o caminho.

Ela *estava* dando desculpas. Estava adiando seus atos de traição, porque — depois de ontem à noite, e depois de tudo o que ela e Alaric haviam passado juntos e do que foram um para o outro — ela não podia mais negar o fato de que o estava traindo.

"Peça para se sentar no conselho", disse Khaede. "Faça isso logo, porque só temos uma semana até que Vela faça seu movimento — com ou sem a nossa neutralização da fonte de Voidfell de Kesath. Na verdade, faça isso *agora*, porque Ossinast está vindo para cá."

Talasyn olhou bruscamente. Seu marido caminhava a passos largos em direção a eles, suas vestes negras brilhando como a asa de um corvo sob a luz do verão, os ombros rígidos daquela maneira típica deles, que sugeria que estavam se sustentando contra a exaustão de um longo dia. E a única coisa em que ela conseguia pensar era no quanto ele lhe era querido. Quão imensamente querido.

Alaric dispensou a mulher que ele conhecia como Erith sem preâmbulos, mas, assim que ela desapareceu obedientemente na fortaleza, ele pareceu faltar com as palavras. Seus olhos cinzentos fixaram-se no rosto de Talasyn com uma intensidade que deveria ter sido perturbadora. Ela *já* achara perturbadora, certa vez. Agora, porém, suspeitava que retribuía o olhar com a mesma franqueza, com a mesma fome, se não mais. Seus dedos ansiavam por subir e traçar a cicatriz que se espalhava por sua tez pálida como fumaça, mas ela resistiu ao impulso. Khaede poderia estar observando.

"Eu gosto do jardim", disse Talasyn.

Alaric piscou. O canto de sua boca se elevou em um sorriso tênue e breve. "Bom saber."

Ela se lembrou de outro jardim, meses atrás. O local de inúmeras sessões de treinamento em etermancia e de muitos confrontos viscerais. Alaric cercado por orquídeas, ardendo em um ressentimento frio. Um estranho e seu inimigo.

Quando foi, exatamente, que ele deixou de ser qualquer uma dessas coisas para ela? Por mais que tentasse, Talasyn não conseguia precisar. Não houve um momento único que brilhasse mais que os outros, como um raio. Ele simplesmente... abriu caminho, de alguma forma. Infiltrou-se em suas defesas sob o manto da noite, de todas as noites que passaram juntos.

Era a *totalidade* dele que era a tempestade de raios.

"Está se adaptando bem?" O tom dele era muito grave. Como se a questão do conforto dela exigisse sua máxima atenção.

"Sim." *O que eu faria,* ela pensou, *para vencer uma guerra?* "Na verdade, estava pensando que gostaria de comparecer a uma ou duas sessões do conselho."

Talasyn quase não conseguiu articular as palavras. *Veja através de mim,* uma parte dela implorava silenciosamente ao marido. Essa mesma parte pequena, imersa em vergonha, queria que ele percebesse o que ela estava tramando para que tudo acabasse logo, forçando a dinâmica deles de volta a formas mais simples que ela soubesse manejar.

Mas Alaric apenas a observou com um interesse esperançoso. "Teremos sessão amanhã", disse ele, e ela recordou, como uma pontada no estômago, todas as vezes em que ele lhe oferecera um futuro no qual trabalhariam juntos para alcançar o sonho dele de um mundo melhor.

"Estarei lá, então", disse Talasyn, com a garganta seca.

"Muito bem." Ele se aproximou e ela sentiu o cheiro de sândalo, bagas de zimbro e mirra; seu pulso acelerou e seu estômago revirou com a proximidade dele. "Irei ao seu quarto esta noite." Ele limpou a garganta. "Se você estiver disposta, é claro."

Ele estava nervoso. Ela percebeu pelo modo como a mão direita dele se fechava em punho ao lado do corpo.

"Sim", ela respondeu, porque não era forte o suficiente para recusar. E era egoísta o suficiente para não fazê-lo.

Uma águia mensageira do Domínio de Nenavar chegou ao pôr do sol. Os sentinelas que a viram pousar na varanda da Imperatriz da Noite reportaram prontamente o incidente a Alaric, que abandonou imediatamente o restante de sua papelada para ver como Talasyn estava. Afinal, era seu dever manter-se informado sobre tais missivas. Se isso significasse que ele a veria muito antes do que imaginara—bem, isso era irrelevante.

Seu subconsciente o chamou de mentiroso durante todo o caminho até a porta dela.

Talasyn estava encolhida em uma poltrona junto à lareira apagada, franzindo a testa para a carta em suas mãos. "Meu pai escreve que a conspiração parece estar mais ou menos contida, embora ainda não haja vestígios de Oryal."

"Foi uma adaga envenenada", disse Alaric. "Provavelmente ela se arrastou para longe da cabana e morreu em algum lugar da montanha."

Ocorreu-lhe que ele poderia ter sido brusco demais. Parecia que ele não aprendera a lição com a forma como Elagbi reagira à declaração pragmática de que o Rajan Wempuq estava morto.

Mas Talasyn era mais endurecida que o príncipe do Domínio. Ela crescera na pobreza abjeta da Grande Estepe e passara a metade final da adolescência lutando nas Guerras do Furacão. Ela reconheceu a afirmação de Alaric com nada mais que um aceno rígido. Claramente havia algo mais em sua mente, e ele queria saber o que era. Na verdade, ele queria saber tudo o que ela já pensara e sentira, tudo o que ela fora antes de se conhecerem. Era um tipo diferente de desejo, porém não menos potente. Ele o atravessava como ondas do oceano.

Ele foi até ela e caiu de joelhos diante da poltrona, repousando a cabeça no colo dela. A anseio o deixou mudo, alimentou seu cansaço. Ele se aninhou em seu ventre enquanto ela acariciava seu cabelo.

"Meu pai também escreve", disse Talasyn finalmente, "que a saúde de Urduja está definhando. Ela já não estava em ótimas condições para começo de conversa, e o estresse adicional dos eventos atuais aparentemente cobrou seu

preço."

Havia um tom sombrio em sua voz, que ecoava na própria alma de Alaric. Ele tentou contê-lo, para que ambos não invadissem o Telhado do Céu em busca de vingança. "O que você deseja fazer, Tala?"

"O que *meu pai* deseja é que eu vele de volta para casa." Os dedos dela pararam contra o couro cabeludo dele. "Mas você não vai me deixar, não é?"

"Ainda não é seguro se eu não a acompanhar", Alaric murmurou. "E eu *não posso*. Meus deveres aqui..."

Ele se preparou para mais uma discussão acalorada. Para sua imensa surpresa e gratidão, Talasyn apenas voltou a acariciar seu cabelo. Um suspiro suave de prazer escapou dele, abafado contra as saias dela.

"Estou feliz por estar bem longe de lá", ela admitiu. "Não tenho desejo algum de ver Urduja. Já que é impossível levá-la à justiça, temo que não conseguirei me controlar e tomarei as coisas em minhas próprias—"

Ela interrompeu a frase bruscamente. Ambos ficaram tensos ao lembrarem do que as mãos dela não podiam mais fazer.

A culpa o esfolava vivo. Ele jamais estaria livre disso, desse peso, dessas garras afiadas como navalhas. Ele olhou para ela e uma pontada lancinante quase roubou seu fôlego. O sol poente havia descido ainda mais no céu, com seus raios ardentes fluindo pelas janelas. O quarto tornou-se um borrão de luz vermelho-ouro e Talasyn semicerrou os olhos contra o brilho, erguendo o rosto para o que outrora fora seu elemento. Como se esperasse que, se permanecesse banhada naquilo por tempo suficiente, o sol encontrasse o caminho de volta para suas veias.

Assim que a situação com os rebeldes da Allfold se acalmasse, Alaric enviaria secretamente o sariman de volta para Nenavar. Ele cortaria os planos de invasão de seu pai logo na raiz. Faria qualquer coisa para garantir que Talasyn jamais soubesse de sua cumplicidade.

Se ela descobrisse, isso estaria sempre entre eles. Assim como a guerra.

Se ela descobrisse, ela o deixaria. E *isso* ele não podia permitir.

"Eu estava meditando mais cedo", disse Talasyn. "Tentando encontrar o fio, por assim dizer. Não consegui agarrá-lo, mas me lembrei de algo." Ela passou a contar sobre um sonho que tivera no chalé da montanha, nas Terras da Seda. Uma casa comunal cavernosa com o teto manchado de luz solar, feito de videiras de vime. Uma mulher que a chamara pelo nome de sua mãe.

"Acho que eram as Ilhas do Amanhecer", concluiu Talasyn hesitante. A terra natal de Hanan Ivralis, um bastião de Tecelões da Luz, onde os Cortadores de Luz contavam-se às dúzias e estavam em constante ignição. "O espaço etéreo me conectou a eles, de alguma forma, e por algum motivo. Se alguém pode me

ajudar a recuperar minha magia, seriam as pessoas da minha mãe, não seria? Talvez se eu fosse para lá..."

"Eu a levarei", disse Alaric imediatamente. "Em breve."

Ela jamais poderia saber que a esperança dela florescera dentro dele também. Se a perda de sua aethermancy pudesse ser revertida — se o pecado dele não deixasse uma cicatriz permanente nela — então talvez ele fosse capaz de conviver consigo mesmo.

“Em breve”, ecoou Talasyn. Havia algo estranhamente melancólico naquelas palavras. Ela se inclinou para envolver o rosto dele com a mão, com o polegar deslizando sobre a marca do Queda do Vazio. “Eu tenho uma tia lá, na verdade. A única irmã da minha mãe. Meu pai mencionou que o nome dela é Cahyir.”

“Nós a conheceremos um dia”, disse Alaric. “Vocês duas terão muito o que colocar em dia.”

Talasyn se curvou e o beijou. Alaric fechou os olhos, o pôr do sol como uma névoa de calor contra suas pálpebras cerradas. E ele pensou em perdão, em salvação e em tudo aquilo que temia jamais ter.

Capítulo Vinte

"Fique parada." Khaede empurrou um pequeno alfinete dourado na massa desleixada de cachos moles que havia empilhado no topo da cabeça de Talasyn. Esta deu um solavanco quando a ponta afiada picou seu crânio. "Eu disse para ficar parada!"

"Desculpe, eu não sabia que uma lobotomia estava na agenda de hoje", resmungou Talasyn.

"Não me tente." Khaede ajustou o alfinete para um ângulo menos letal e deu um passo atrás. As duas mulheres examinaram o trabalho no espelho da penteadeira de Talasyn.

"Você disse que sabia fazer penteados", sibilou Talasyn.

"O objetivo era ser designada como sua camareira. Eu teria dito qualquer coisa."

Talasyn encarou seu reflexo com consternação. Um alfinete se soltou — saltou e caiu no chão com um tilintar — e a pilha de cabelo que poderia ser chamada apenas nominalmente de coque desmoronou pela lateral de sua cabeça.

Não havia tempo para arrumá-lo. Uma batida na porta indicou que Sevraim havia chegado para escoltá-la até a reunião do conselho. Talasyn arrancou o restante dos alfinetes e passou os dedos pelos cabelos agora soltos antes de correr para o corredor.

"Vossa Majestade." Sevraim sorriu para o vestido formal dela, que era predominantemente vermelho com alguns toques de preto, adornado com fios de ouro. Ele provavelmente estava imaginando o alvoroço que uma dose generosa de moda Nenavaren causaria no conselho entre os oficiais de Alaric, com seus uniformes austeros. O olhar dele demorou-se no cabelo dela. "O que aconteceu com os penteados sofisticados? A Jie teria um ataque cardíaco."

"O que a Jie não sabe não a machuca", disse Talasyn.

"Será o nosso segredo, então." Sevraim dirigiu seu sorriso malicioso a Khaede, convidando-a a compartilhar a piadinha. Ela o encarou com indiferença.

"Devo estar perdendo o jeito", queixou-se Sevraim para Talasyn em voz baixa enquanto a escoltava pelo corredor.

Sua esposa entrou triunfante na sala do conselho, e Alaric foi imediatamente tomado pelo medo de que não conseguiria realizar absolutamente nada naquele dia.

Em deferência às sensibilidades de Kesathes, as mangas bufantes do vestido de Talasyn eram pretas, caídas sobre os ombros e presas nos cotovelos por ornamentos de dragões dourados. A faixa que cingia sua cintura esguia também era preta e adornada com dragões. O restante do traje, porém — do corpete justo à bainha evasê — tinha o vermelho vibrante de cerejas primaveris, com quase cada centímetro ostentando padrões intrincados tecidos em fio de ouro. Era um vestido cortado para enfatizar sua silhueta e realçar os tons polidos de sua pele oliva.

E era uma sensação inebriante ter uma consorte deslumbrante e saber que ela o deixaria entrar sob aquelas saias lindas. Tudo o que ele precisava fazer era ficá-la a sós e pedir...

Alaric sofreu em silêncio a indignidade de ter que se ajustar sob a mesa em meio aos seus oficiais distraídos. Ele então convocou a reunião à ordem e Talasyn assumiu o assento ao lado do dele. Ele não conseguia afastar a sensação de que aquele era o lugar legítimo dela. De que estavam reconstruindo seu mundo devastado pela guerra lado a lado.

Mas o Comodoro Lisu estava, como sempre, pronto para azedar o humor de Alaric. "Vossa Majestade, isso seria prudente?", comentou ele, com tom moderado. "Considerando a tentativa recente contra vossa vida dentro das fronteiras do Domínio — sem mencionar os antigos vínculos da Imperatriz da Noite com a Allfold de Sardovia — tenho minhas dúvidas se a presença dela em um conselho onde discutimos assuntos de Estado e segurança é recomendável."

"Que sorte, então, que eu não tenha o hábito de seguir seus conselhos", Alaric respondeu friamente. Ao lado dele, Talasyn empalidecera, e ele realmente poderia matar Lisu por aquilo. "Você não apresentou tais objeções quando anunciei anteriormente que Sua Majestade poderia se juntar a nós, portanto, não me resta outra escolha senão assumir que seu súbito transbordamento de preocupação nada mais é do que um jogo de poder, durante o qual você ingeniosamente omitiu que a Imperatriz da Noite *também* fora alvo da tentativa de assassinato — e daquela de meses atrás, na qual ela matou um rebelde sardoviano para salvar minha vida."

Isso resolveu a questão. Embora fosse óbvio que alguns dos oficiais compartilhavam dos sentimentos de Lisu, ele ficou sem nenhuma maneira elegante de explicar sua reação tardia à presença de Talasyn. Em algum lugar no fundo da mente de Alaric, estava seu pai explicando-lhe que grande parte da política consistia em saber quando ser diplomático — e saber quando colocar as pessoas em seus devidos lugares.

Ainda assim, algum dano havia sido feito. A atmosfera na sala estava tensa, e Alaric precisava agir rápido para mitigá-la. Graças ao incidente no baile de

máscaras, a conexão nenavarense — que provavelmente era a única razão pela qual seus oficiais não haviam encabeçado um golpe quando ele se casou com uma excombatente sardoviana — era agora mais um fardo do que um trunfo. Ele precisava lembrá-los do que Kesath tinha a ganhar.

"Agora que deixamos essa tolice para trás", disse Alaric enfaticamente, lançando um último olhar para Lisu, "nossa próxima ordem do dia será consultar Sua Majestade sobre a melhor maneira de ajustar o pacto de defesa mútua, a fim de considerar tanto a conspiração em Nenavar quanto o aumento da atividade rebelde aqui no Continente. Vocês podem apresentar quaisquer propostas que tenham, e minha consorte comentará sobre elas como achar adequado."

"Com todo o respeito, Imperador Alaric", o Comodoro Mathire interveio, "a palavra final cabe a Urduja Silim, certamente? Ela não deveria estar presente nesta discussão também?"

Deuses. Lisu e Mathire. O homem que fizera de seu trabalho lançar dúvidas sobre o julgamento de Alaric em todos os assuntos relativos a Talasyn, e a mulher que roubara o sariman de Nenavar. Duas pessoas presas em uma competição eterna para ver quem conseguia ser o maior espinho no flanco de Alaric.

"A Imperatriz Alunsina decidirá", disse Alaric, sentindo muito mais prazer do que deveria em cada sílaba cuidadosamente enunciada, sua declaração ressoando pesada e ponderada pela sala, "qual de suas propostas é adequada o suficiente para ser encaminhada à Zahiya-lachis."

Alguns oficiais eram mais adeptos do que outros em esconder como empalideciam, mas empalideceram todos. *Todos* tinham interesses ados no resultado desses procedimentos — em quais frotas receberiam mais navios, mais armamentos. Talasyn agora detinha todas as cartas naquele jogo específico.

Sob a mesa, Alaric buscou a mão dela.

Ela olhava fixamente para a frente. Para o nada. Tinha a mandíbula cerrada e parecia incapaz de encará-lo. Presumindo que ela estivesse abalada pelo protesto de Lisu ou nervosa por assumir o centro das atenções nas deliberações vindouras, Alaric puxou o pulso dela para si, apoiando-o sobre a coxa e entrelaçando seus dedos em uma tentativa de conforto. Embora ela não resistisse, a mão estava inerte na dele, e ele teve a nítida suspeita de que, se retirasse a manopla, a pele dela estaria úmida ao toque.

Talasyn não gostava do Comodoro Lisu. Ele era o oficial que navegara até Iantas com informações sobre Khaede, as quais trocara pelo comando de um encouraçado movido a Voidfell. Tudo nele era pontiagudo, desde os espetos de seu cabelo preto ao bico do queixo e aos ângulos de seu corpo magro. Lisu

aparentava ter aproximadamente a mesma idade de Alaric e possuía uma aura viscosa — algo ilegível e traiçoeiro espreitando por trás de seus olhos felinos de tom âmbar.

Ela gostava dele ainda menos porque as palavras dele a deixavam enjoada, ecoando em seus ouvidos muito depois de terem sido proferidas. *Os antigos vínculos da Imperatriz da Noite com a Allfold de Sardovia*—exceto que ela *ainda* trabalhava com a Allfold, e Alaric acabara de correr em sua defesa em uma câmara repleta dos oficiais de mais alta patente de Kesath.

Quando a verdade viesse à tona . . .

Ela não seria capaz de suportar a dor. Essa certeza a atravessou enquanto ela se sentava ao lado do marido, a mão dele cobrindo a dela e transmitindo uma sensação excessiva de lar.

Durante a hora e meia que se seguiu, Talasyn ouviu uma proposta após a outra, grata pela distração que elas proporcionavam. Os generais e comodoros eram tão educados que quase a faziam rir, considerando que, um ano atrás, eles ordenavam que seus homens a matassem assim que a vissem. Ela não negligenciou seu dever de fazer perguntas difíceis, porém importantes, mas isso servia tanto para vê-los suar quanto para discernir o que era melhor para Nenavar.

Depois que um general perturbado retomou seu assento, com sua proposta tendo sido completamente aniquilada, Alaric inclinou-se para o espaço de Talasyn. "Você está gostando disso um pouco demais, esposa", ele murmurou no ouvido dela.

Ela olhou para ele. Tinha soltado a mão da dele para poder fazer anotações, e ele enrolara os dedos sob o queixo, apoiando o cotovelo no braço da cadeira *dela*, enquanto um sorriso vago brincava nos cantos de sua boca. "Não tanto quanto suspeito que *você* esteja", ela retrucou secamente.

O sorriso de Alaric alargou-se, infinitesimalmente, tornando-se um riso. Era pequeno e torto, mas estava lá, apertando o coração dela antes que ele recompusse as feições em uma expressão mais séria.

Talasyn deixou de lado suas anotações e sentou-se com a postura mais ereta ao se dirigir ao Alto Comando de Kesath. "Agradeço a cooperação de vocês. Reservarei um tempo para analisar suas ofertas, e as melhores serão encaminhadas ao Teto do Céu com a máxima urgência. Estejam certos de que meu julgamento será isento de preconceitos e voltado exclusivamente para o acordo mais mutuamente benéfico para nossos dois reinos", concluiu ela em um tom de voz que deixava *extremamente* claro que ela não hesitaria em selecionar apenas as propostas dos oficiais que a irritaram *menos* durante as Guerras do Furacão.

Ao lado dela, Alaric disfarçou um bufo divertido como se fosse uma tosse súbita. Ao recuperar a compostura, ele conduziu o conselho por uma questão de ordem após a outra, refinando políticas que eram, para a surpresa de Talasyn, bastante sólidas. Mas não deveria ser. No dia de sua coroação, aqui mesmo, dentro das muralhas desta fortaleza, Alaric não lhe falara sobre seu plano de descentralizar a economia, para que todas as regiões tivessem as mesmas oportunidades que a capital? Aquilo havia ressoado nela na época, como uma garota que tivera que observar a Grande Estepe definhar lentamente enquanto seu povo buscava vidas melhores em outros lugares. Ouvir seu marido falar agora, de medidas anticorrupção e aumento de salários — observar o cansaço de estudos exaustivos cruzar, de vez em quando, seu rosto, que parecia tão jovem em meio a todos aqueles veteranos —, ela percebeu mais do que nunca o quão sincero ele era sobre construir essas vidas melhores. Sobre curar as feridas que a guerra deixara nas terras natais que compartilhavam.

"O próximo item na agenda de hoje", anunciou Alaric, "é a criação de protocolos adicionais para o Decreto de Expansão Soberana".

O Comodoro Darius tomou a palavra. O timoneiro sardoviano tornado agente duplo. Ele não se dera ao trabalho de enviar uma proposta a Talasyn; ambos sabiam que ela a rejeitaria no instante em que ele abrisse a boca. Embora as suspeitas dele em relação a ela tivessem sido dissipadas quando ela matou os antigos companheiros durante o ataque na coroação — e pela crença dele de que, como ele, ela havia abandonado a Allfold para sobreviver —, ela ainda não conseguia evitar um tremor de ansiedade ao observá-lo. Khaede assegurara a Talasyn que estava confiante de que seus caminhos e os de Darius jamais se cruzariam, mas ainda assim era um risco enorme.

Com o passar dos minutos, porém, a ansiedade de Talasyn deu lugar gradualmente ao... bem, ao *tédio*. Havia várias pequenas ilhas na costa do Continente que o Império da Noite planejava tornar habitáveis, o que teria sido útil e interessante de se conhecer se Darius não tivesse enterrado o assunto sob tecnicismos jurídicos e detalhes minuciosos de licitações de equipamentos.

Enquanto o comodoro tagarelava, a mão de Alaric deslizou por baixo da mesa para repousar no joelho de Talasyn, traçando círculos distraídos sobre suas saias bordadas. Ela deleitava-se com aquele toque casual.

Até que—

"Espere", Talasyn interrompeu Darius. "O Império da Noite planeja desenvolver o Repouso de Mahagir? Aquela ilha é sagrada para o povo da Costa".

"Que juraram lealdade a Kesath", rebateu Darius, com certa irritação, "e, portanto, estão sujeitos ao comando dela".

"Ninguém pisa lá há séculos", disparou Talasyn. Alaric apertou o aperto em seu joelho como se fosse um aviso, mas ela o ignorou. "Aquele solo é a face do Coração de Sabre. Seria uma profanação".

"É o progresso, Vossa Majestade", disse Lisu. "Não podemos detê-lo porque temos medo de chatear as pessoas".

"Se por 'chatear' você quer dizer *desmantelar todo um sistema de crenças que existia muito antes do Império da Noite sequer existir*—"

"É melhor reservarmos esta discussão para outro momento". Talasyn levou alguns segundos para processar que era Alaric quem falava, com palavras secas e frias. A mão dele não estava mais em seu joelho. "Esta é uma reunião de diretrizes, não um debate de ética".

Ela virou-se bruscamente, encarando-o com fúria. Ele recusou-se a olhar nos olhos dela, dirigindo-se aos seus oficiais com um ar de comando rígido. "Mas—" ela começou a protestar, apenas para sentir algo dentro de si murchar quando ele falou por cima dela, como se ela não tivesse dito absolutamente nada.

"Vamos prosseguir".

Talasyn fervia em silêncio enquanto discutiam mais alguns assuntos administrativos, mas ela não era de se deixar intimidar por muito tempo. Ela rangeu os dentes quando o conselho abriu a pauta para a questão da redução da idade de responsabilidade criminal para treze anos.

"A delinquência juvenil é rife nos antigos territórios de Sardovia", dizia Lisu. "Esta nova medida reduzirá a taxa de criminalidade, já que os sindicatos locais frequentemente se aproveitam do fato de que aqueles com menos de dezoito anos não podem ser presos sob nossas leis atuais, e fazem com que eles realizem o trabalho pesado—"

"Então deveríamos ir atrás dos sindicatos", interrompeu Talasyn, "não das crianças forçadas a fazer recados para eles"

"Lachis’ka". O uso que Mathire fez do tratamento de Talasyn em Nenavarene era ou um acidente de hábito, já que a comodoro fizera parte das negociações do casamento em Eskaya, ou ela desejava lembrar sutilmente a Talasyn de sua posição como estrangeira nos assuntos de Kesath. "Esses *recados* incluem roubo, destruição de propriedade e a proliferação de mercadorias do mercado negro. Se não forem controladas, essas crianças crescem e se tornam criminosas também, perpetuando o ciclo"

"E como exatamente o ciclo será encerrado se elas crescerem como prisioneiras?" Talasyn pensou em si mesma, lutando por migalhas nas favelas de Cabeça do Bucardo, roubando pão para sobreviver. "O que acontece ao fim da sentença? Vocês as jogam de volta nas ruas, sem educação, sem habilidades

respeitáveis, com uma mancha em seus registros—"

"O que ainda seria o caso se fecharmos os olhos para as transgressões delas", argumentou Lisu, "só que, ao menos, terão sido mantidas longe de problemas por alguns anos e pensarão duas vezes antes de fazer qualquer coisa que possa levá-las às correntes novamente. Esses pivetes não contribuem em nada para o progresso social, não têm utilidade—"

"*Utilidade?*" Em sua ira, Talasyn nem sequer percebeu quando bateu com os dois punhos na superfície da mesa, a madeira de ébano ecoando contra sua carne. "Pessoas *não* são coisas!"

Alaric, até então, observava a batalha verbal sem qualquer reação discernível além de um maxilar cerrado. Diante do desabafo de Talasyn, porém, ele falou. "Está claro que esta política precisará de mais análises. A implementação ficará suspensa enquanto considero os pontos da Imperatriz da Noite"

"Você não pode estar falando sério", disse Talasyn, enquanto Lisu e Mathire pareciam morder a língua para não dizer a mesma coisa, embora por razões opostas às dela. "O fato de que você não vai descartar a ideia inteiramente—isso é *errado*—"

"Não há espaço para indignação moral em meu conselho", informou Alaric rudemente, entre dentes. "Baseio minhas decisões no que é melhor para o Império da Noite, não em sentimentos. Se isso for inaceitável, minha senhora está livre para retirar-se"

Talasyn ficou boquiaberta. Ela não precisou olhar ao redor da mesa para ver a satisfação dos oficiais, outrora descontentes, por ela estar sendo colocada em seu devido lugar—ela sentiu isso no ar.

"Por hoje é tudo", declarou Alaric, ainda encarando Talasyn com frieza.

Darius pareceu assustado. "Vossa Majestade, a ratificação do Decreto de Segurança Reforçada..."

"Adiarei a leitura final até novo aviso", disse Alaric. "Marque como pendente por enquanto". O Alto Comando agitou-se como se uma corrente de choque tivesse se espalhado entre eles. "Sessão encerrada"

Capítulo Vinte e Um

Era uma situação deplorável, Alaric refletiu amargamente, que a quantidade de refeições tensas que compartilhara com Talasyn durante o casamento superasse vastamente as agradáveis até então.

Eles estavam sentados em extremidades opostas da mesa em sua sala de jantar privativa; a distância entre eles era preenchida por tigelas de macarrão de arroz e bolinhos de peixe em caldo, porco cozido em pasta de feijão fermentada, uma salada de folhas de chá em conserva e brotos de bambu, e uma jarra de suco de pêssego servida no lugar do vinho, por ordem de Alaric. Talasyn comia vigorosamente, o que não era, de modo algum, incomum para ela, mas era evidente que sua atenção fanática pelas iguarias da Cidadela derivava mais do desejo de evitar ter que falar com ele.

Ele lhe enviara uma convocação, insistindo que ela o acompanhasse no almoço. Precisavam conversar. Tudo tinha dado errado tão rápido, naquela reunião do conselho. Seu entusiasmo inicial pela presença dela o fazia sentir-se um tolo, agora que olhava para trás.

Ele precisava consertar aquilo.

Mas *ela* também precisava entender.

"O Descanso de Mahagir não é mais inviolável", disse Alaric. "Meu pai já instalou uma base lá. Mais desenvolvimento significaria moradias melhores para a tripulação e suas famílias, e eles não precisarão mais depender do continente para suprimentos. É mais eficiente assim."

"*Utilidade*, novamente". O tom de sua esposa era zombeteiro. Arrogância nenavarense alimentada pela ira sardoviana. "Suponho que você tenha perguntado às aldeias costeiras o que elas pensavam, e suponho que elas concordaram entusiasticamente com você."

Teria sido muito melhor se ela tivesse gritado. Do jeito que estava, seu sarcasmo silencioso e desprezível desgastava seus nervos, que já haviam começado a se esgotar durante a reunião do conselho. Antes que percebesse, ele estava dando respostas ríspidas, a frustração tornando-o imprudente com as palavras. "Eu não *preciso* perguntar a ninguém, muito menos àqueles que se submeteram ao meu reinado."

Talasyn estreitou os olhos ardentes para ele. "É mesmo? Você parecia se importar imensamente com a aprovação dos seus lacaio quando basicamente me mandou calar a boca na frente de todo o conselho."

"Esses mesmos lacaios estavam presentes na coroação quando você jurou obediência à minha vontade", Alaric a lembrou. "Ao discutir comigo em público — ao questionar leis prospectivas nas quais passei meses trabalhando — você está em violação direta desses votos". Ela recuou como se tivesse sido golpeada, e o coração dele partiu-se ao meio, mas não havia como parar agora. Todo o seu ser flutuava em ondas de uma fúria que fervia lentamente. "Como posso manter minha autoridade se for visto permitindo que minha esposa a ignore a todo momento? Não estamos mais no Domínio de Nenavar, Lachis'ka."

"Então eu deixo de ter vontade própria no momento em que saio do véu da Rainha Dragão?", desafiou Talasyn.

"Claro que não", disse Alaric. "Estou lhe dando a oportunidade de mudar a *minha* opinião". Ela arqueou uma sobrancelha cética, mas ele perseverou. "Apresente todas as contrapropostas e objeções que desejar e eu as estudarei. Faça tudo de forma formal e transparente para que, se eu decidir que você tem razão, eu possa insistir nisso sem dar aos meus oficiais a impressão de que estou apenas desmantelando alegremente os fundamentos sobre os quais o Império da Noite foi construído."

Uma eternidade se passou antes que Talasyn falasse novamente.

"*Se* você decidir", ela repetiu com a voz anasalada, "que eu tenho razão".

Alaric sentiu a pele sob o olho esquerdo tremer, aquele pequeno espasmo nervoso que ele não conseguia extinguir completamente em si mesmo. "Sim", confirmou ele em um sussurro baixo e tenso. "*Se* eu decidir".

Ela inspirou bruscamente. "Se acreditássemos nas mesmas coisas, esta seria uma conversa muito diferente".

O olhar dele caiu sobre a refeição moieties comida à sua frente, pois ele não suportava mais vê-la no mesmo cômodo e, ainda assim, tão distante. "Nós dois acreditamos em um mundo melhor", disse ele. "Tudo o que quero é trabalhar com você para fazer isso acontecer".

Quando ele ousou olhar para cima, as feições dela estavam... estranhamente dispostas. Como se ela tivesse colado os remanescentes de determinação sobre uma tristeza profunda e avassaladora. Ela empurrou o prato, um raspado estridente de cerâmica que ecoou no silêncio, levantou-se e caminhou em direção à porta.

"Cansada do seu marido tão cedo?", Alaric falou com desdém. "Isso não é um bom presságio para os próximos cinquenta anos".

Talvez fosse algo abaixo de sua dignidade. Mas ele precisava daquilo; do contrário, perguntaria para onde ela estava indo com um desespero que não conseguiria esconder. Precisava lembrá-la — e assegurar a si mesmo — que, por mais enfurecida que estivesse com ele, eles estavam presos um ao outro pelo

resto de suas miseráveis vidas.

"Você teria sorte se eu lhe desse mais cinquenta *segundos*", disparou Talasyn.

Ele saltou de pé e a perseguiu. Não sabia exatamente por quê. Raiva, angústia, a preocupação de que ela não tivesse terminado a refeição por causa dele — ele oscilava de uma emoção para a outra, sentindo-se como uma pedra de casongkâ solitária chacoalhando em uma tigela vazia, na mão mais fútil que alguém já jogou.

Os guardas postados no corredor levaram um susto quando a Imperatriz da Noite passou tempestuosamente por eles, com o Imperador da Noite logo em seus calcanhares. Ao perceber que ele estava logo atrás, Talasyn apressou o passo, mas ambos sabiam que ele a alcançaria, já que suas pernas muito mais longas lhe davam a vantagem. Ela entrou no primeiro aposento que encontrou — o escritório dele — e Alaric lançou-se atrás dela, encravando o corpo entre a porta e o batente antes que ela pudesse fechá-la.

Deuses, aquilo era tão indigno. Ela era supremamente talentosa em transformá-lo em um palhaço.

Para evitar que os guardas do corredor testemunhassem ainda mais aquele espetáculo, Alaric bateu a porta, travando a tranca. Talasyn girou para encará-lo em um clarão de vermelho-cereja, preto-meia-noite e o ouro mais brilhante, colocando as mãos nos quadris.

"Eu *estava* voltando para o meu quarto", disse ela, irada. "Tenho políticas para escrever, lembra?"

Ele não conseguia falar. O sol do meio-dia brilhava nos cabelos castanhos soltos dela e nos dragões de suas mangas. *Não* brilhava no dedo anelar, porque não havia nada ali para capturar a luz.

Ele deu um passo à frente. Ela se moveu para a direita, um instinto remanescente da guerra. Ele se pegava fazendo o mesmo ocasionalmente, sem pensar, contra-atacando preventivamente um golpe frontal quando alguém se aproximava. Era a prova do quanto ele e Talasyn haviam evoluído que ela não o chutou imediatamente quando o braço dele chicoteou entre os dois; em vez disso, ela permitiu que ele tirasse a mão nua dela do quadril. Permitiu que ele a erguesse para que pudesse encará-la, com a descrença crescendo veementemente, fervendo.

“Onde”, ele rosnou, “está a sua aliança?”

“Na minha caixa de joias. Tirei porque a pedra afrouxou.” Talasyn tentou recolher a mão, mas Alaric apertou o pulso dela com força. Os lábios dela se franziram em exasperação. “Posso *ajudá-lo*, meu senhor?”

Sim, ela com certeza podia. O cérebro dele finalmente processara o fato de

que ela estava perto o suficiente para que ele sentisse cheiro de manga e sal. Perto o suficiente para notar cada leve arquejo dos seios dela sob aquele corpete vermelho e decotado. Havia tantas maneiras de ela ajudá-lo. Um lampejo de desejo perfurou a névoa de sua irritação, brusco, porém inevitável—*sempre* inevitável quando se tratava de sua esposa.

“Para começar”, Alaric disse secamente, “você pode me entregar o anel para que eu mande consertá-lo. E então você pode *colocá-lo de volta*.”

“Por que isso sequer importa?” Talasyn exigiu saber.

Ele levou a mão dela, que mantinha cativa, ao próprio peito; seu coração batia forte contra a palma dela ao mesmo tempo em que a pulsação do pulso dela tremulava contra as pontas de seus dedos. "Porque você *vai* me dar mais cinquenta anos, Talasyn." Cada palavra parecia ser arrancada dele do mesmo lugar onde residia sua magia. Mais profundo que os ossos. Mais verdadeiro que a alma. "É melhor você concordar, porque eu não vou deixar você ir."

Lá estava ela novamente, aquela dor estranha que surgia de nenhuma fonte que ele conseguisse discernir, passando como uma sombra pelo rosto dela. Ele desejava apenas bani-la para sempre; era intolerável para ele que ela se sentisse triste por qualquer motivo. Ele usaria quaisquer meios ao seu alcance para fazê-la sorrir novamente — ou olhá-lo com fúria assassina — ou qualquer coisa que não fosse aquela tristeza anônima e melancólica.

E então, ele se inclinou e a beijou.

Ela abriu a boca para ele imediatamente e ele se perdeu, mergulhado em ouro. Ela tinha gosto de pêssegos, e sua língua acariciava a dele como seda brilhante de verão. Ele soltou o pulso dela para poder envolvê-la em seus braços, e os dedos dela prontamente se enroscaram no colarinho bordado de prata de sua túnica preta. Uma possessividade sombria surgiu dentro dele, tão densa que ele quase podia sufocar, evocada por aquele estúpido centímetro de pele nua onde deveria estar a aliança de casamento dela. Impaciente, ele arrancou as manoplas e as jogou de lado, precisando sentir a pele dela. Ele puxou o corpete dela para baixo, expondo os seios, apertando e acariciando até que os mamilos fossem pequenas contas rígidas sob sua palma nua. Talasyn gemeu contra a boca dele, puxando-o para mais perto, cravando os dentes em seu lábio inferior.

Alaric amava quando ela fazia aquilo. Amava morder-lhe de volta também, e começou a fazê-lo com pressa. Mordiscou os lábios dela, sua mandíbula, o lóbulo da orelha e a curvatura do pescoço, tudo isso enquanto a empurrava para trás até que ela estivesse prensada contra a borda de sua escrivaninha. Ele roeu e sugou um caminho desajeitado por sua garganta macia enquanto desabotoava as calças, movido apenas por uma necessidade singular que apagava todo o resto. Se ela não estava usando a aliança, então ele a marcaria de outras formas. Com

seus dentes. Com sua semente. A escuridão dentro dele exigia isso, clamava por isso.

A mão ágil dela envolveu a base de seu membro, e o plano dele quase chegou a um fim inglório por todos os dedos dela, ali mesmo. Ranger os dentes, ele conseguiu de alguma forma convocar força de vontade suficiente para se libertar daquele aperto enfeitiçante. Ela piscou para ele, confusa. Ele reservou um momento para saborear a visão dela daquela maneira, recostada na escrivaninha, as pupilas dilatadas de excitação e os seios sardentos pendendo para fora de seu belo vestido. Ela parecia adorável. Libertina. *Dele.*

"Vire-se", disse Alaric, a voz rouca de desespero — e de um anseio tão sombrio e profundo quanto as correntes sem sol do Eversea.

Ela raramente aceitava ordens dele. As poucas vezes em que o fizera fora por tolerância ou por necessidade.

Isto não era uma questão de vida ou morte. Nem achava que sofreria demasiadamente se obedecesse ao comando dele. Ele era um desastre, respirando pesadamente por lábios inchados pelos beijos dela, com os olhos prateados selvagens. Isso ajudava bastante a aplacar qualquer sensibilidade ferida que ela pudesse ter mobilizado por princípio.

Talasyn virou-se. Sua visão agora era a escrivaninha de Alaric, com pilhas organizadas de velino, várias das quais exibiam os traços vívidos de sua caligrafia elegante. A mesma mão que escrevera aquelas palavras subiu por trás dela para beliscar seu mamilo direito e ela arquejou, balançando-se contra o marido enquanto ele a encurralava entre a mesa e seu corpo robusto, sua rigidez nua pressionando a fenda de suas nádegas, como uma marca ardente mesmo através de suas saias bordadas, prendendo-se nas dobras do tecido e esfregando-se nelas.

Alaric pousou a boca no pescoço dela novamente. "Curve-se", ele murmurou rouco.

O lampejo de irritação que Talasyn sentiu diante de mais uma ordem foi rapidamente eclipsado por um flash branco-incandescente de desejo. Ela meio que se odiava por ter se curvado tão rapidamente, mas não conseguia evitar de se sentir também certa dose de reverência por confiar tanto nele. O suficiente para fazer aquilo daquele jeito. Quem teria imaginado? Quando isso acontecera? A metade superior de seu corpo estava quase plana contra a mesa agora. Ela apoiou os braços na superfície de madeira polida — cautelosamente a princípio, cuidadosa para não derrubar as pilhas de documentos. Ele era o tipo de homem que arruinaria completamente o clima dando-lhe um sermão por desorganizar seus arquivos.

Ou talvez não — ele soltou um rosnado, soando não muito diferente de alguma besta voraz cujos manjares tivessem sido mantidos fora de alcance por um segundo a mais. Ele afastou as pilhas com um golpe, manobrando-a na posição que desejava. Folhas de velino voaram da escrivaninha, flutuando como penas manchadas de tinta no canto do olho dela antes de caírem no chão ao redor deles.

Talasyn lançou ao marido um olhar censurador por cima do ombro enquanto ele levantava suas saias. "Seus oficiais mal precisam de mais motivos para estarem irritados comigo".

As mãos grandes e quentes de Alaric percorreram suas nádegas expostas e a parte de trás de suas coxas com ganância urgente. "Que se danem todos eles", foi a resposta sucinta dele.

Parecia razoável. Um sorriso malicioso surgiu nos lábios de Talasyn. Ela o escondeu na junção dos antebraços, cruzados onde outrora jaziam documentos duvidosamente muito importantes e oficiais. A antecipação vibrou através dela enquanto Alaric afastava o fundo de sua calcinha com o polegar. Esta era uma de suas danças que ela conhecia bem. Os dedos dele deslizariam com tamanha astúcia por suas paredes externas para provocá-la, deixando-a ainda mais inflamada. Então um deslizaria para dentro, logo seguido por outro, preparando-a para o que viria —

Algo muito maior do que o dedo que ela esperava pressionou sua entrada.

Oh, foi tudo o que Talasyn conseguiu pensar antes de contrair-se com um grito sufocado enquanto seu marido se embainhava dentro dela com uma estocada forte.

"Entrou direitinho", observou Alaric sombriamente, os lábios roçando a concha de sua orelha em sussurros trêmulos de sensação requintada. "Como se você tivesse sido feita para mim".

Ele parecia quase zangado com aquilo, e talvez ela também estivesse. Zangada por discordarem em tantas coisas fundamentais, mas se encaixarem tão perfeitamente. Era injusto. Mal dando a ela tempo de se ajustar ao tamanho colossal dele, ele se ergueu e impôs um ritmo bruto que a fez gemer contra os braços dobrados.

Era tão diferente não poder olhar para o rosto dele. Não poder beijá-lo e sentir as batidas de seu coração enquanto ele se movia dentro dela.

Mas talvez fosse diferente de um jeito bom. Daquele ângulo, ele a preenchia completamente a cada vez que entrava com força, os quadris batendo contra as nádegas dela. Os nós dos dedos dele se enterravam na base das costas dela enquanto ele mantinha a calcinha empurrada para o lado para garantir o acesso, uma pressão vigorosa que a mantinha pressionada e, ao mesmo tempo, a

exaltava. Seus mamilos superestimulados raspavam na superfície de madeira da mesa a cada estocada. Ocasionalmente, ele se curvava para sugar hematomas na curva do ombro e na dobra do pescoço dela. A respiração dela tornou-se entrecortada e trêmula diante do coquetel viciante de prazer e a mais leve ponta de dor. As ondas do orgasmo a atingiram rápido demais, cedo demais, e ela explodiu em um soluço que emergiu de algum ponto médio entre o delírio e a descrença.

Assim que sentiu os espasmos dela ao redor de si, Alaric abandonou qualquer pretensão de controle. Ele a cavalgou durante as ondas subsequentes, segurando-a pelo quadril para que pudesse deslizá-la de volta sobre si repetidamente. Apesar do estado de êxtase, Talasyn ergueu uma sobrancelha diante da ferocidade obstinada dele, e a piada surgiu das profundezas de sua consciência nublada pelo desejo — "Tudo isso", ela arquejou, "por causa de um anel—"

Ele soltou um grunhido exasperado. "Essa sua boca..."

A estocada seguinte a levantou nas pontas dos pés. Ele a pontuou com um beliscão na nádega esquerda, e ela deu um salto. Não tinha sido forte o suficiente para machucar — ou melhor, tinha doído *apenas o suficiente* para complementar o prazer que ela experimentava. Uma espécie de ardência luxuriante.

Uma risadinha sem fôlego borbulhou em sua garganta. Ela se sentia *eufórica*. Ele saiu e a rolou de costas, curvando-se sobre ela. Seus olhos se encontraram e ela deslizou os dedos pelo braço dele. Apenas pela pura alegria de tocá-lo. De sentir a sua força.

"Você", Alaric disse entre dentes, "é uma praga para a minha sanidade, esposa". Seu punho era um borrão entre os corpos, bombeando furiosamente ao longo do membro, mirando a glande inchada contra o peito nu dela. Talasyn percebeu o que ele estava prestes a fazer e sorriu para ele — um sorriso genuíno, afetuoso e relaxado. Um calafrio percorreu a estrutura poderosa dele, como se aquela visão fosse a sua ruína.

Quando ele falou novamente, foi em um sussurro rouco e quebrado. "Se você não pode usar seu anel, então eu a terei assim". Olhos como a luz do luar queimavam nos dela, irados, possessivos e famintos. "Gotejando por toda a minha mesa. Coberta pelas minhas marcas de mordida. Ainda minha, mesmo que o resto do mundo não possa notar. *Sempre* minha".

Talasyn estava hipnotizada. Ela era a única que jamais vira o Imperador da Noite desmoronar daquela forma — a única com quem ele jamais falara assim — e o peso daquele conhecimento parecia precioso além das palavras. Infinitamente caro. Aquele homem era dela, ali, sob a luz da tarde. Mechas de cabelo preto haviam caído sobre o rosto dele, sobre a cicatriz, e ela as afastou

gentilmente. Seu toque foi o catalisador; a mão livre dele bateu na superfície da mesa, ao lado da cabeça dela, derrubando ainda mais papéis e, com um gemido baixo, ele jorrou sobre os seios dela.

Pulsos quentes e úmidos, espalhando-se pela pele dela em cordas brancas e espessas, arrancando um gemido suave de seus lábios, acendendo uma nova brasa de excitação em seu âmago. Alaric espremeu as últimas gotas sobre os hematomas que seus dentes deixaram nas clavículas dela, e Talasyn não conseguia imaginar deixar qualquer outra pessoa fazer aquilo com ela. *Eu amo descobrir coisas novas com você*, pensou ela, abrindo os braços para o marido enquanto ele desabava sobre ela, completamente exausto. Ela aninhou-se em seu ouvido e rendeu-se a mais um momento de fraqueza, permitindo-se sonhar com aqueles cinquenta anos que ele exigira. Mais cinquenta anos disso. Era aterrorizante o quanto ela desejava algo que jamais poderia ter.

Capítulo Vinte e Dois

"Isso é realmente necessário, minha senhora?"

Khaede pairava do outro lado da escrivaninha de nogueira no solar, com os cotovelos apoiados nas prateleiras enquanto olhava com superioridade para Talasyn, que delineava uma contraproposta à medida de responsabilidade criminal. O significado por trás daquele tom falsamente inocente era claro: não havia necessidade de se dar ao trabalho, pois a medida jamais seria implementada.

Mas Talasyn precisava se distrair da traição iminente ao marido. E, se a Allfold perdesse essa aposta final — se Kesath emergisse vitoriosa e tal marido a mandasse acorrentar e banisse de sua vista para todo o sempre — então ela teria, ao menos, deixado um registro de seus pensamentos para que ele os considerasse. Programas de reabilitação em vez de prisão para os chamados delinquentes juvenis, dando-lhes educação e ensinando-lhes habilidades em vez de deixá-los definhar em celas. O futuro brilhante que ambos queriam para o Continente ainda poderia ser possível, aconteça o que acontecer.

É claro que ela mal podia dizer qualquer coisa disso a Khaede, do contrário, erodiria a pouca confiança que restava entre elas. Como estava, já havia tanta informação sobre a movimentação sardoviana sendo omitida de Talasyn, como se fosse automaticamente presumido que ela sairia tagarelando para Alaric no momento em que soubesse de algo concreto.

O exemplo mais recente e gritante foi quando Talasyn perguntou se eles se reuniriam com outros rebeldes da Allfold para destruir a fonte do Voidfell. Khaede manteve-se lacônica, afirmando apenas que *havia* um plano. Era frustrante tatear no escuro dessa maneira, mas Talasyn aceitou aquilo como a devida penitência.

Por não odiar o inimigo como deveria. Por deixar que seu coração prevalecesse sobre o bom senso.

"O Nenavarense me ensinou a escrever políticas", disse ela, respondendo à observação de Khaede. "Seria uma pena deixar todo esse tempo e esforço serem desperdiçados. Além disso, Sua Majestade pediu para revisar isso antes que eu o apresente ao conselho amanhã."

Era uma declaração inócua para o benefício de quaisquer bisbilhoteiros, mas havia nela o suficiente para que Khaede tirasse suas próprias conclusões. Isso era algo que o Nenavarense também havia ensinado a Talasyn. Khaede

preencheria as lacunas deixadas pelas palavras não ditas: para que o Imperador da Noite permanecesse alheio à trama que se formava, Talasyn precisava agir como se esperasse que a medida abominável fosse aprovada, a menos que ela interviesse.

Mas dissipar as suspeitas de Kesath não era *exatamente* o que ela deveria estar fazendo a serviço da Allfold? O que ela estava permitindo que Khaede inferisse não passava de uma parte considerável da verdade?

Talasyn coçou, inquieta, a gola alta de seu vestido diurno azul-pó. Estava pouco acostumada com a rigidez do tecido e o atrito do bordado em seu pescoço. Não houve jeito, porém; no outro dia, em seu escritório, Alaric havia pontilhado sua garganta e clavículas com chupões vermelhos e furiosos. Ele acrescentara mais quando foi ao quarto dela durante a noite. Ela tinha até um hematoma vagamente em formato de boca na parte interna da coxa esquerda — embora, felizmente, não precisasse dedicar nenhum esforço extra para evitar que qualquer outra pessoa visse *isso*.

Apesar da aura de fria altivez que projetava para o mundo, Alaric Ossinast era incrivelmente intenso na cama. Talasyn era mais do que capaz de corresponder à altura — se a leve careta que ele fez enquanto vestia as roupas naquela manhã fosse algum indício —, mas estar do lado receptor de sua paixão desenfreada e obstinada era inebriante.

E, no entanto, quanto mais pensava a respeito, mais percebia que aquilo não era exatamente uma surpresa. Ela conhecia a fonte daquela intensidade, pois era um reflexo da dela. Anos e anos de solidão e, finalmente, encontrar alguém... Não era de admirar que estivessem se agarrando com ambas as mãos.

O amor é para poetas e sonhadores, não para líderes de Estado. Você e eu não temos tal luxo.

Talasyn lembrava-se das palavras com tanta clareza que era como se Alaric as tivesse dito apenas ontem. Ele não havia se retratado daquela afirmação, e era fácil demais rastrear seu possessivismo e instinto de proteção até sua infância solitária e a necessidade política da aliança entre Kesath e Nenavar. Talvez o amor *dela* também estivesse enraizado na solidão. Quem era ela para dizer o contrário? Não era como se pudesse reivindicar vasta experiência naquela arena em particular.

Seu estilete deslizou sobre o pedaço de velino uma última vez, e então ela guardou seus instrumentos de escrita. Em um acordo tácito, ela e Khaede abandonaram o solário em direção à varanda do quarto. Limitavam suas incursões ali a uma vez por dia, pois era melhor prevenir do que remediar. Havia também o banheiro entre os aposentos do casal imperial, mas Talasyn não conseguia se forçar a usá-lo para tal propósito. Aquilo ainda estava vividamente

gravado em seu coração — Alaric de joelhos ao lado da banheira, pedindo que ela esperasse por ele. Ela queria manter aquela memória intocada enquanto fosse capaz.

"Não acho que o conselho jamais discutirá o Decreto de Segurança Reforçada enquanto eu estiver presente", Talasyn disse a Khaede, encarando o jardim abaixo. "O Imperador da Noite encerrou o assunto quando Darius tentou trazê-lo à pauta".

Era possível que Alaric estivesse simplesmente irritado demais com ela para continuar a reunião, mas ela duvidava. Havia algo no Decreto de Segurança Reforçada que ele não queria que ela soubesse. Ou temia que ela questionasse.

"Vou verificar se os servos sabem de algo", disse Khaede. "Além disso, Tal — entrei em contato com meus superiores depois que você mencionou que Gaheris Ossinast construiu uma base no Repouso de Mahagir. A Allfold não possui inteligência sobre qualquer atividade de Kesath naquela ilha. Deve ser segredo absoluto se até mesmo nossos agentes foram mantidos no escuro".

E Alaric revelara aquilo a Talasyn durante o almoço, sem pensar duas vezes. Porque queria que ela entendesse o raciocínio por trás de seu decreto. Porque confiava nela. Ela combateu a náusea que surgiu como uma maré gélida de culpa. Seguiu a lógica de Khaede, cada passo como um toque de agonia, aproximando-a mais e mais do fim. Uma nova base militar em um local remoto, mantida em sigilo, construída após a guerra... "A fonte do Voidfell pode estar no Repouso de Mahagir".

"Temos que ter certeza". Khaede falou em um tom suave, porém urgente, com seus olhos escuros brilhando. "Teremos apenas uma chance. Você precisa confirmar isso".

"Sim. Eu vou descobrir." Talasyn engoliu em seco, com o coração disparado. Agora que as coisas estavam chegando ao limite, ela percebeu que não podia mais esconder a verdade. Qualquer que fosse o plano para destruir a fonte do Voidfell, ela não poderia deixar que Khaede se colocasse em perigo ao executá-lo sem saber de todos os fatos. "Mas não podemos usar o Lightweave."

Khaede inclinou a cabeça, subitamente em estado de alerta e tensão. "O que quer dizer?"

"Minha aethermancy sumiu." Doeu dizer aquilo. Nunca deixaria de doer. Talasyn tinha sido a última Lightweaver do Continente. A única esperança de derrotar o Shadowgate. Sem isso, o que ela era?

A dor se intensificou enquanto Talasyn contava toda a história para a amiga. A princípio, Khaede apenas ouviu, imóvel, com a expressão congelada. Ao final do relato, porém, seus dedos haviam se fechado em punhos contra o avental cinza.

"A situação é... recuperável", ela murmurou. "De qualquer forma, não íamos usar a sua aethermancy para desmantelar a fonte do Voidfell. Teria *ajudado*, mas agora teremos apenas que recalibrar a forma de invadir o local."

Ela não demonstrou nenhuma preocupação com o bem-estar de Talasyn após uma perda tão devastadora. Sua mente obviamente já trabalhava em novos planos de batalha. E Talasyn podia — *deveria* — aceitar isso, pois salvar o Continente importava muito mais, mas...

Mas a única coisa em que conseguia pensar era em Alaric afirmando que ela era formidável mesmo sem sua magia. A única coisa em que conseguia pensar era na noite em que ela dissera que ele era mais do que apenas uma arma. Isso não se aplicava a ela mesma também?

Seria assim que ela entendia os atos de amor — dizendo a outra pessoa as coisas que ela gostaria de ter ouvido?

"Por que escondeu isso de mim por tanto tempo?" Khaede lançou-lhe um olhar virulento. "Por que confessar apenas agora?"

Foi o uso daquele termo — *confessar* — que desestabilizou Talasyn. Ela havia cometido muitas transgressões contra Sardovia, mas esta era a menor delas. A mais justificada. "Você também não foi exatamente franca comigo. Ainda não é", ela retrucou em um sibilo sufocado. "O Allfold deixou claro que não sou confiável. Então como *eu* posso confiar que *você* não me deixará à própria sorte agora que não pode mais canalizar minha magia? Mas estou contando, de qualquer forma, porque esta missão não pode falhar. Porque" — o peito dela arfava — "porque você é minha amiga e eu já perdi você uma vez, e você precisa sobreviver!"

Oh, quão embaraçosa e excruciante tal demonstração teria sido para as duas, antigamente. Talvez para Khaede ainda fosse. Mas Talasyn aprendera ao longo do último ano que havia ocasiões em que o peso no coração só podia ser diminuído dando asas às palavras. Havia coisas que precisavam ser ditas em voz alta.

Ela e Alaric haviam aprendido isso juntos, tropeçando no labirinto de todas as suas emoções conflitantes, colidindo em momentos de rara honestidade.

Você não reage adequadamente a nada.

Eu pensei que, se eu não fosse, ela ficaria.

Lutei lá fora do jeito que você me ensinou.

Espere por mim.

"Deuses", Khaede resmungou. "Você está *chorando*?"

"Não". Talasyn fungou.

Ela se virou para as portas da varanda que davam para o quarto vazio, escondendo as lágrimas do resto da Cidadela. Depois de um tempo, Khaede

virou-se com ela; as duas ficaram de costas para o parapeito, lado a lado e quase perto o suficiente para se tocarem.

"Assim que fui designada sua dama de companhia, meu primeiro objetivo foi avaliar se você era realmente leal ao Allfold de Sardovia", disse Khaede, enquanto Talasyn observava seus reflexos tingidos pela luz do sol no vidro das portas. "Se eu tivesse determinado que a fé de Vela em você estava equivocada e que você na verdade tinha passado para o lado de Ossinast, eu não a teria envolvido no plano para desmantelar a fonte do Voidfell. Mas você *tem* feito o seu melhor para ajudar. Embora eu não tenha liberdade para lhe dar todos os detalhes ainda, por mais que não signifique muito..." Khaede limpou a garganta. "Sinto muito. Por ter desconfiado de você logo de início."

"Eu ainda poderia ser uma agente dupla, que se sabe", Talasyn não resistiu a provocá-la.

"Isso é sempre uma possibilidade." O reflexo de Khaede inclinou a cabeça. No canto do olho de Talasyn, um pequeno sorriso surgiu no rosto da Khaede real. "Mas você mesma disse. Sou sua amiga. Sempre serei sua amiga."

O peso no peito de Talasyn diminuiu, embora não tenha dissipado completamente. Um silêncio tentativemente companheiro caiu sobre elas, durante o qual ela sentiu, pela primeira vez, que Khaede realmente havia voltado para ela.

"Está sólido", observou Alaric, estudando a contraproposta de Talasyn. "Se você enfatizar um pouco mais a questão da relação custo-benefício, não vejo como o Alto Comando poderá encontrar muitos defeitos nisso."

Talasyn bufou. "É puro senso comum que um programa de reabilitação que produza trabalhadores qualificados regularmente provará ser mais barato a longo prazo do que manter mais prisões que sobrecarregam o orçamento imperial sem nada a oferecer em troca."

"Sim, mas" — ele desviou brevemente o olhar do pergaminho em suas mãos, o canto da boca se elevando em um sorriso sarcástico — "alguns dos meus oficiais precisam que as coisas sejam explicadas mastigadinhas."

Era tarde da noite e os lençóis estavam emaranhados ao redor deles. Ele a visitara novamente em seus aposentos após o jantar e agora estava recostado na cabeceira do lado esquerdo da cama dela, aparentemente sem qualquer intenção de sair dali tão cedo. O pensamento irônico passou por sua mente de que ele possuía um colchão perfeitamente utilizável para si mesmo, mas ela não tinha pressa alguma de lembrá-lo disso.

Principalmente porque ela gostava de olhá-lo quando ele estava assim — sem camisa, com os cabelos pretos desalinhados, os olhos cinzentos

semicerrados em um contentamento sonolento e o peito largo salpicado com as marcas de mordidas que ela dera em retaliação.

Alaric colocou a folha de velino sobre a mesa de cabeceira e então olhou para Talasyn, que estava aninhada ao seu lado, segurando frouxamente seu antebraço. "A verdade é que", disse ele, enterrando os dedos na mecha de cabelo dela que estava espalhada sobre o travesseiro, "eu também estava planejando trabalhar em uma alternativa à medida de responsabilidade criminal. Quando Lisu me notificou de sua intenção de levar essa proposta ao conselho, eu quis dizer a ele para nem se dar ao trabalho. Mas a criminalidade urbana *é* um problema, e Lisu não carece de aliados. Eu tive que manter as aparências para que fosse impossível alguém dizer que não dei a devida consideração ao assunto."

O pé dela moveu-se sob as cobertas, cutucando a canela dele com os dedos descalços. "Você poderia ter me dito isso *antes* de nossa briga piorar."

"Ela terminou em uma nota satisfatória o suficiente", ele falou com desdém, o que, naturalmente, só a fez cutucá-lo novamente. Ele estendeu a mão e prendeu o tornozelo dela em um aperto leve. "Mas, sim, eu deveria ter lhe dito. É que... eu também estava um pouco irritado."

"Você realmente teria rejeitado a medida?" Talasyn lamentou imediatamente que seu tom tivesse soado mais duvidoso do que curioso. Ainda assim, ela precisava saber...

Ele soltou o pé dela, mas não antes que seus dedos deslizassem sobre o osso do tornozelo dela em uma carícia distraída. "Antes de nos conhecermos, provavelmente não teria", admitiu ele. "Eu teria assinado sem pensar duas vezes. Quando ouvi falar da medida pela primeira vez, porém, a única coisa em que consegui pensar foi em você. Na maneira como você viveu, crescendo. Você não teve outra opção a não ser roubar comida para sobreviver. Saber sobre a sua infância me fez perceber que ver a justiça ser feita é importante, mas garantir que as pessoas não precisem recorrer a atos de violência em primeiro lugar também é. Um mundo onde todos tenham oportunidades iguais — acho que isso também é uma forma de justiça."

Suas palavras sinceras. A determinação em sua expressão solene. O mundo com que ele sonhava, o tipo de líder que ele poderia ser. Tudo aquilo penetrou em algum lugar profundo de sua alma.

"A propósito, meu am—" Alaric fechou a boca abruptamente, sufocando o resto da frase. Ele parecia... vagamente envergonhado? Talasyn o observou confusa enquanto o olhar dele desviava do dela, as pontas das orelhas tornando-se vermelhas. Que homem estranho.

"O que foi?", ela instigou.

"Fomos convidados para um festival amanhã à tarde", ele disse, dirigindo-se ao cobertor estendido sobre o colo. "É na cidade vizinha. Estava pensando que poderíamos ir para lá depois do conselho."

"Um festival", Talasyn repetiu, atônita.

"Sua primeira aparição pública como a Imperatriz da Noite", disse Alaric. "Já adiamos isso por tempo demais. As pessoas estão tensas por causa da atividade dos rebeldes e cabe a nós — como o casal imperial — garantir a elas que não há nada a temer. Se você estiver preocupada com a situação de segurança, não esteja. Meus legionários estarão conosco. Também é uma boa ideia mostrar aos insurgentes que não vamos nos esconder atrás de portas trancadas por causa deles."

Soava suspeitamente parecido com o raciocínio dela ao querer ficar em Nenavar depois que os conspiradores atacaram. Ela franziu a testa para ele, e ele teve a decência de parecer constrangido. Pelo menos isso.

"Eu *ouço* você, mesmo que nem sempre obedeça", Alaric murmurou. Ele lançou a Talasyn um sorriso torto e esperançoso. Um sorriso que suavizou as arestas da expressão irritada dela enquanto seu coração traidor saltava uma batida. "O que você acha?", ele continuou gentilmente. "Nós iremos?"

Capítulo Vinte e Três

Ele não esperava realmente que a esposa aceitasse, mas ali estavam eles, um dia depois, em uma carruagem aberta que sacolejava lentamente pelas ruas de paralelepípedos de Grand Bight.

Isso fora, em grande parte, ideia de seu pai. Se Alaric pudesse fazer as coisas do seu jeito, Talasyn não colocaria sequer um dedo fora da segurança da Cidadela até que todos os rebeldes sardovianos que desejavam sua morte não passassem de cinzas. No entanto, *era* uma estratégia benéfica para que o Imperador e a Imperatriz da Noite dessem toda a aparência de estarem indiferentes às ameaças.

E não era só isso. Gaheris também queria atingir o moral da Allfold, fazendo com que a ex-Lightweaver deles desfilasse ao braço de seu filho. Mais uma conquista.

Alaric sentiu uma pontada de culpa, mas consolou-se com o fato de que Gaheris permitir que Talasyn se aventurasse em outros lugares de Kesath significava que ele não a considerava mais um perigo, agora que ela não possuía o Lightweave. Se os deuses quisessem, ele continuaria a deixá-la em paz.

Grand Bight localizava-se do outro lado das planícies, partindo da Cidadela. Como a maioria dos outros assentamentos no núcleo imperial, a cidade fora em grande parte preservada da devastação das Guerras do Furacão, embora tivesse sido despojada de boa parte de suas obras em metal para facilitar a construção de navios e a forja de armas. Era uma cidade antiga e bela, que celebrava no momento o 600º aniversário de sua fundação. Pessoas lotavam as ruas, torcendo e acenando com bandeiras miniaturizadas de Kesath enquanto a procissão oficial passava por elas.

A ordem de Gaheris para que Alaric exibisse Talasyn estava sendo cumprida no sentido mais literal. À frente, havia um grupo de tamboreiros e dançarinos vestidos de vermelho saltitando ao ritmo da música, seguidos por uma massa marchando com precisão de nada menos que cinquenta membros da Legião Forjada nas Sombras em trajes completos de batalha, organizados em uma formação protetora ao redor da carruagem imperial em seu centro. Depois vinham as carruagens que transportavam o governador regional e as autoridades de Grand Bight, e fechando a retaguarda, ainda mais legionários. Alaric recusara todos os outros guardas, exceto suas próprias tropas de confiança. Ele não deixaria nada ao acaso enquanto avançavam para a praça principal, onde a

cerimônia de fundação aconteceria.

Ao lado dele, Talasyn sentava-se com a coluna rígida e as mãos dobradas decorosamente no colo, da maneira que deve ter sido ensinada na corte de sua avó. Ela usava um vestido prateado, de gola alta e sem mangas, com rosas negras espalhadas por todo o corpete justo e pela saia volumosa em fios cintilantes. A coroa de platina e rubis da Imperatriz da Noite, recém-reparada após o ataque na coroação, estava pousada em sua cabeça, combinando com a coroa dele. Eles combinavam em outros aspectos também: ele em sua túnica preta, cinto prateado e o broche de quimera superdimensionado — com presas e rosnando, esculpido como se fosse feito de luar — que prendia sua capa cerimonial ao ombro.

Ela olhava atentamente para os cavalos que puxavam a carruagem, mas deve ter sentido o olhar dele sobre si, pois explicou rapidamente: "Não vejo esses animais há algum tempo".

Certo. Não havia cavalos no Domínio de Nenavar. "E eles são como você se lembra?", ele perguntou.

"Mais ou menos". Ela lançou-lhe um sorrisinho travesso. "Têm um temperamento melhor que o dos búfalos do pântano, pelo menos".

Ele ouviu a própria risada. Era tão estranho como ela conseguia fazê-lo rir. Ao ouvir essa evidência indiscutível da alegria do Imperador da Noite, um dos legionários que marchava logo ao lado da carruagem quase tropeçou nos próprios pés de choque.

A brisa aumentou, soltando algumas mechas de cabelo castanho do coque de Talasyn. Ela as prendeu atrás da orelha antes que Alaric pudesse fazê-lo por ela. Na verdade, o coque pareceu-lhe um tanto desleixado, mas talvez ele estivesse apenas acostumado ao trabalho de Jie. Mal podia esperar que uma camareira como Erith rivalizasse com a habilidade de penteados de uma dama de companhia nenavarense. Além disso, Talasyn não havia expressado queixas até agora. E o coque imperfeito em nada diminuía a aparência régia dela, nem o orgulho que ele sentia desde que ela enfrentara todo o seu conselho mais cedo naquele dia.

Talasyn apresentara sua contraproposta com uma compostura gélida, não muito diferente da de Urduja Silim, mas respondera às perguntas lançadas a ela com um fogo que era inteiramente seu. Ao final da reunião, Lisu não conseguira disfarçar sua fúria absoluta enquanto sua medida era reduzida a cinzas. Só por isso já teria valido a pena.

Quando se tratava de formulação de políticas, Talasyn era muito mais expansiva e barulhenta que Alaric, mas ele achava que era um bom equilíbrio. Ele estava ansioso por passar muitos outros anos soltando-a contra seus oficiais

rígidos e antiquados.

Se ela não acabasse esfaqueando-o por chamá-la por apelidos carinhosos embaraçosamente sentimentais, como quase acontecera na noite anterior.

A propósito, meu amor—

As palavras quase deslizaram de sua língua sem qualquer esforço consciente. Ele fora embalado pela quietude doméstica da cena, recuperando os sentidos apenas no último segundo. Seu pai costumava chamar a mãe assim, antes que tudo desse errado. Havia uma parte de Alaric que temia estar trilhando um caminho familiar e desastroso. E uma parte que valorizava demais a própria vida, pois se até um *querida* dito ironicamente aqui e ali era o suficiente para irritar Talasyn, o que aquela expressão faria. . .

Ele estendeu a mão para envolver o pulso dela com os dedos cobertos pela luva preta. Com a outra mão, tateou o bolso do peito, retirando a aliança de casamento dela, que fora entregue em seu escritório pouco antes de partirem para Grand Bight. A pedra de vulana fora recravada novamente, e as lascas em sua superfície, polidas. Ela brilhava à luz do dia enquanto Talasyn permitia que Alaric a deslizasse em seu dedo. Ela não disse nada, mas os fragmentos de radiância da joia refletiam-se em seus olhos castanhos, e ele pensou no dia em que se casaram. Foram arrastados chutando e gritando até o altar, para ser mais preciso. Ainda assim, mesmo naquela época, ela estivera estranhamente bela para ele, em seu vestido branco, em meio aos vitrais, com mil cores chovendo sobre ela enquanto caminhava pelo corredor até onde ele a esperava.

Por alguma razão, a lembrança se transformou em outra muito menos bem-vinda, embora talvez não inteiramente inesperada. Ele pensara nisso no dia do casamento também — sua mãe relatando como os pedidos de casamento eram feitos na terra natal de seus pais, em Valisa. *Você seguraria as mãos dela nas suas, olharia em seu rosto e diria: "As estrelas me guiam de volta para casa, para o seu coração"*.

Os gritos dos espectadores rugiram nos ouvidos de Alaric, trazendo-o de volta ao presente. Mesmo depois de recolocar a mão de Talasyn em seu colo, ele não conseguia desviar o olhar do anel no dedo dela. Era devastador o quanto parecia que aquela joia pertenciava a lugar nenhum senão ali, e a força com que a sensação de correção o consumia.

"Você está bem?" Ela franziu o nariz para ele, tão ríspida e suspeita como sempre. "Está com a expressão mais estranha. . ."

"Desculpe." Ele desviou o olhar dela, abalado. "Deve ter sido o sol nos meus olhos."

Antes que o escrutínio de Alaric interrompesse suas reflexões, Talasyn estivera

pensando no General Bieshimma, da Allfold. Vela o enviara como emissário a Nenavar para implorar por ajuda. Ele não tivera permissão para avançar além de Porto Samout, mase levara um dos cavalos de seu navio e escapara dos guardas do porto para forçar uma audiência com a Zahiya-lachis em Eskaya. Embora sua tentativa tivesse fracassado miseravelmente, fora durante aquela fuga desesperada que ele avistara o Corte da Luz brilhando do pico Belian, desencadeando a sucessão de eventos que levaram Talasyn a reivindicar seu direito de primogenitura no Domínio e a se casar com Alaric.

Tanto havia acontecido, mas hoje, por um momento, ela se vira presa àqueles instantes iniciais, perguntando-se se a montaria de Bieshimma fora o primeiro cavalo a galopar pelas estradas castigadas pelo sol daquele arquipélago exuberante.

Alaric a despertara de seus devaneios e agora ela usava sua aliança novamente, com os olhares de centenas de espectadores pesando sobre ela tanto quanto o ar do verão, enquanto os tambores, os dançarinos e o bater de cascos infiltravam-se em seus sentidos em um turbilhão caótico.

Talasyn estava nervosa com aquela primeira aparição pública. Quase esperava que a multidão começasse a atirar ovos podres nela a qualquer segundo. Afinal, ela lutara contra eles na guerra.

No entanto, nenhum projétil foi lançado contra ela. O povo de Grand Bight estava... aplaudindo. Sorrindo. Brandindo suas bandeiras. Gritando votos de felicidade.

Os kesatheses haviam sido seus inimigos por tanto tempo. Ela os imaginara tão severos e cruéis quanto os regimentos do Império da Noite, como a Legião Forjada nas Sombras. No entanto, esses civis eram tão alegres quanto os nenavarenses durante o mercado noturno. Vestiam-se como os sardovianos faziam quando o tempo esquentava, todos com camisas de linho e vestidos fluidos que haviam sido meticulosamente lavados e remendados, pois queriam estar no seu melhor para o festival.

"Longa vida ao Imperador da Noite!", alguém gritou, alto o suficiente para ecoar acima do barulho do desfile. O brado foi rapidamente retomado pelo restante da multidão até preencher o ar, ricocheteando nas venezianas de madeira dos edifícios ao redor e nas pedras do calçamento onde estavam.

"Longa vida ao Imperador da Noite!"

"Salve!"

"Que os deuses abençoem Sua Majestade!"

Um leve sorriso suavizou as feições pálidas e imperiosas de Alaric. Ele ergueu uma das mãos enluvadas de preto em reconhecimento, e a aclamação atingiu o ápice. Apesar de ser Forjado nas Sombras, a radiância do início do

verão agarrava-se a ele, misturando-se ao calor do amor e da adulação de uma cidade inteira, de modo que ele parecia envolto em ouro.

É claro que seu povo o ama, Talasyn percebeu com um aperto no peito. Ele era um filho de Kesath. O jovem imperador que os liderara à vitória nas Guerras do Furacão, que protegera sua nação de todas as ameaças externas. Sim, era propaganda, mas isso não mudava o fato de que Talasyn estivera certa quando dissera a Vela e Khaede, em ocasiões distintas, que não haveria chance de paz se a Allfold o matasse.

O Continente jamais poderia ser reunido sob uma única bandeira novamente. Era tarde demais para isso. Mas se Kesath desistisse do manto imperial e se retirasse de todos os territórios sardovianos, governando apenas a si mesma a partir daquele ponto...

O ciclo não acabaria apenas se repetindo?

Não. Não sob o comando de Alaric. Ele estava cansado da guerra. Ele genuinamente queria o que fosse melhor para seu povo. Dava para confiar que ele faria a escolha certa.

Talasyn estava tão absorta em seus próprios pensamentos que demorou um pouco para perceber que os espectadores haviam acrescentado um novo coro ao alvoroço.

"Vida longa à Imperatriz da Noite!"

O quê?

Ela piscou, e flores choveram dos céus.

"Vida longa à Sua Majestade!"

As pessoas gritavam de alegria ao vê-la, com os rostos radiantes enquanto lançavam punhados de pétalas ao ar. A brisa fazia com que elas flutuassem sobre a carruagem em uma nuvem perfumada. Talasyn voltou-se para Alaric, absolutamente perplexa.

"Você salvou o mundo comigo na noite da Escuridão Sem Lua", ele a lembrou. "Você salvou a *mim* no dia da sua coroação. Eles sabem disso. Honram você por isso. Assim como eu."

Ele sorriu para ela, aquele mesmo sorriso raro, juvenil e torto que o tornava insuportavelmente lindo. Mesmo com a cicatriz — não, *especialmente* com a cicatriz, pois era a marca de seu valor. Pétalas flutuavam ao redor dele, ao redor de ambos, e ela se lembrou do primeiro quase-beijo no bosque de plumerias no Topo do Céu, onde as flores haviam caído como neve e seu corpo despertara com emoções que ela jamais sentira antes.

Sempre foi você. Talasyn sentiu como se estivesse mergulhando lentamente em seu próprio esquecimento em um mundo atingido por raios. *Mesmo quando eu te odiava. Você sempre foi a fratura dentro de mim.*

A cerimônia de outorga realizada na elegante praça principal consistiu em alguns discursos prolixos de autoridades governamentais e, em seguida, em uma dramatização muito mais animada da história de Grand Bight, encenada por uma competente trupe de teatro. Depois, com o sol baixo no horizonte, as dignidades retiraram-se para a prefeitura para o banquete, enquanto o restante da população continuava a celebração do lado de fora.

A comida era insossa, mas havia muita, o que era suficiente para Talasyn, embora sentisse falta da rica complexidade de sabores da culinária festiva típica de Nenavar. Durante todo o banquete, vários oficiais aproximaram-se, um após o outro, de onde ela e Alaric estavam sentados como convidados de honra na cabeceira da longa mesa. Após saudá-la com as gentilezas protocolares, cada um envolvia seu marido em discussões sobre comércio e burocracia que ela se esforçava para acompanhar, mas eles falavam em voz baixa e não faltavam comensais próximos disputando a atenção da Imperatriz da Noite.

Talasyn esforçou-se bravamente para atravessar o labirinto de conversas triviais. Pelo menos não parecia que estivesse perdendo muita coisa ao não conseguir ouvir plenamente as conversas de Alaric. O pouco que conseguia captar soava terrivelmente entediante.

Pelo menos, até que um vereador da cidade chamado Zawye se aproximou, pairando deferencialmente sobre o ombro de Alaric com um traço de ansiedade.

"Peço perdão, Vossa Majestade", resmungou Zawye. "Minha filha está destacada no Descanso de Mahagir e estou ficando um pouco preocupado..."

Alguém à direita dela perguntou a Talasyn o que estava achando do clima. Ela deu algum tipo de resposta, devia ter dado, pois a conversa banal continuou sem interrupções. Ela levou a taça aos lábios — suco de pêssego novamente, conforme seu marido instruíra os servos, o mesmo para ele, pois ele nunca mais tocara em bebida alcoólica perto dela desde *aquela* noite. Esse ato de compaixão a cortou como uma faca, enquanto ela se esforçava para ouvir o que ele e Zawye discutiam enquanto bebia.

Mas era ininteligível e, logo demais, Zawye se afastou.

Depois que os pratos foram recolhidos, houve uma série de apresentações musicais animadas, durante as quais a cerveja fluiu livremente e os convidados aproveitaram a oportunidade para discutir assuntos políticos sob o pretexto de socializar, reunindo-se em pequenos grupos para sondar novas alianças ou recalibrar as antigas. Nesse sentido, não era muito diferente das funções oficiais em Nenavar — embora Talasyn jamais tivesse passado cada segundo *daquelas* consumida por dúvidas e culpa.

Zawye permaneceu no limite de sua percepção a noite toda. Ela monitorou

os movimentos dele por todo o salão de recepção porque precisava, e odiou a si mesma por isso o tempo todo. Alaric estava preocupado com todos que clamavam por sua atenção; Talasyn também foi arrastada de um círculo de conversa a outro. Houve tantos momentos nos quais ela poderia ter se aproximado de Zawye sem despertar as suspeitas do marido, mas não o fez. Seus pés recusavam-se a levá-la até o alder. Sua boca não conseguia formular palavras quando ele estava por perto.

Estaria ela adiando deliberadamente mais uma traição às custas de todos na Allfold? Seria ela egoísta o suficiente para considerar a vida de seus camaradas tão insignificante? A Sardóvia pela qual lutara durante todos esses anos—e pela qual tantos haviam morrido—importava tão pouco para ela agora?

Essas perguntas percorriam sua mente em um ciclo torturante. Somente bem tarde na noite é que a paralisia sob a qual ela sufocava finalmente se rompeu. Alguns dos convidados já haviam partido, e Zawye não parecia que aguentaria muito mais, abafando um bocejo na palma da mão enquanto Talasyn a observava do outro lado do salão.

Chega de desculpas. Ela tinha que fazer isso agora. Por Khaede. Por Vela. Por todos que esperaram no Olho do Deus da Tempestade, confiando que ela os guiaria. Por aqueles que continuavam a lutar aqui no Continente enquanto ela desfrutava dos luxos de uma posição superior.

Antes de ir até Zawye, porém, ela olhou para Alaric uma última vez, através do mar de pessoas que os separava. Ele estava encostado em um dos muitos pilares de pedra que adornavam a câmara, com a cabeça levemente baixa enquanto ouvia o que o grupo de pessoas ao seu redor dizia, com um franzir de testa suave que indicava estar imerso em pensamentos. E Talasyn sentiu aquilo mais uma vez—aquela mesma sensação enjoada e vazia que a invadira durante a batalha de Iantas, quando olhara para ele antes de escapar para o nicho em perseguição a Oryal. A sensação de que jamais o veria novamente.

Foi fadado ao fracasso desde o início, pensou Talasyn, seu olhar traçando o vinco na testa pálida de Alaric e as mechas rebeldes de cabelo escuro que caíam sobre seus olhos cinzentos. Eles eram quem eram por causa de um passado que jamais poderia ser reescrito e lealdades que jamais poderiam ser rompidas. *Sinto como se tivesse sentido sua falta a vida inteira.*

Talvez, se ele tivesse olhado para cima—se a tivesse flagrado encarando e inclinado a cabeça em uma indagação silenciosa, ou até a agraciado com um daqueles meio-sorrisos irônicos e dilacerantes—ela não teria ido até Zawye. Talvez ela tivesse usado aquela desculpa, por mais frágil que fosse. Mas ele não o fez, e então ela partiu, afastando-se dele com passos que sempre pertenceriam a uma traidora, não importava qual direção escolhesse.

Capítulo Vinte e Quatro

Zawye havia caminhado até a janela e agora fumava um charuto. Era um homem mais velho, de altura média, com traços contraídos, cabelos castanhos grisalhos cuidadosamente penteados para trás e olhos amendoados totalmente genuínos — o que só tornava o humor de Talasyn ainda pior. Se ele fosse tão astuto quanto um nobre do Domínio ou qualquer um dos oficiais da Cidadela, não seria tão ruim usá-lo.

Ele deu um sobressalto quando ela se aproximou, a fumaça espalhando-se por seus lábios, mas recuperou-se o suficiente para apagar o charuto e inclinar a cabeça em uma reverência rápida. "Vossa Majestade."

"Fique à vontade, Alder Zawye." Talasyn sorriu, embora fosse a última coisa que tivesse vontade de fazer. "Não pude evitar de ouvir um pouco da sua conversa com meu marido. Você parecia nervoso. Espero que esteja tudo bem com sua filha."

Ela injetara a quantidade apropriada de preocupação em seu tom. Alargara os olhos para projetar uma imagem de inocência. Não fizera perguntas, deixando inteiramente a cargo de seu alvo decidir o quanto ele poderia revelar.

"Ah, sim." Zawye suspirou. "O nome dela é Agria. Dada a natureza de sua designação, é compreensível que ela não tenha permissão para escrever para casa. Mas ela é minha única filha, então eu e a mãe dela confessamos estar ansiosos."

"E Sua Majestade não foi capaz de acalmar seus medos, suponho", disse Talasyn. "Afinal, trata-se de uma questão de importância nacional."

Ela não conseguia se forçar a professar uma simpatia exagerada pela situação do alder — não enquanto ele era tão sincero e ela era tão duplicidiosa —, mas aconteceu que ela não precisou. Se Zawye amasse um pouco menos a filha, não teria funcionado. Ele não teria baixado a guarda. Não teria dito o que disse a seguir.

"Sua Majestade está simplesmente cumprindo o mandato do Imperador da Noite para nos manter seguros. Isso significa proteger nosso novo armamento." Zawye olhou para Talasyn com esperança ansiosa. "Mas talvez, se Vossa Majestade pudesse persuadi-lo a verificar como está minha filha...?"

Era um reflexo humano manter um fluxo agradável de conversa, particularmente para suavizar o pedido de um favor. Era natural desprender-se descuidadamente de informações que se acreditava que a outra parte já conhecia.

Era uma aposta feita ao mais puro estilo nenavarense, e havia dado certo.

"Farei o meu melhor", prometeu Talasyn.

Ela retirou-se para o andar de cima com o marido logo depois. A prefeitura de Grand Bight possuía uma ala residencial que havia sido esvaziada para a visita noturna do casal imperial; Alaric dispensou os guardas assim que ele e Talasyn pisaram em seu corredor privativo, quase batendo a porta na cara de Sevraim quando ele e alguns outros legionários tentaram escoltá-los para dentro.

"Eles estavam apenas seguindo as ordens que você deu", observou Talasyn, assim que ficaram apenas ela e Alaric no corredor repleto de janelas. "É um risco de segurança bloquear o acesso dos seus legionários aos pontos de entrada."

"Você duvida da minha capacidade de protegê-la?" Alaric pegou a mão dela enquanto arqueava a sobrancelha para ela. "Além disso, eu queria que ficássemos a sós."

"Isso não poderia ter esperado até estarmos em nosso quarto?" O olhar dela oscilou entre as duas portas ao fim do corredor, de tamanho e esplendor idênticos. "Embora eu imagine que Grand Bight seja como o resto de Kesath ao esperar que um casal casado precise de aposentos separados."

"Eles ficarão profundamente decepcionados. Eu me acostumei demais com a tradição Nenavarense." Ele apertou a mão dela. Um toque demorado, afetuoso. Seus passos deslizaram sobre o tapete carmesim, atravessando feixes de luar. "Qual porta será, então? Direita ou esquerda?"

"Direita", disse Talasyn, por impulso.

Estavam no meio do caminho para o destino quando Alaric, de repente, a puxou para a esquerda. Ela não se importava com a escolha, mas soltou um suspiro exasperado — típico dele ser contrariante sem motivo algum.

Em vez de conduzi-la ao quarto, porém, ele a encurralou contra a parede, prendendo-a entre o parapeito da janela e seu corpo robusto. "O qu—" ela começou a dizer, mas o resto da frase desapareceu de sua mente quando ele se aproximou a ponto de seus lábios quase se tocarem.

"Você perguntou se poderia esperar", Alaric murmurou. "Realmente não podia. Você nem sequer esteve ao meu lado na maior parte da noite."

"Você estava ocupado." Os dedos dela traçaram o broche de quimera no ombro dele antes de deslizarem pelo peito. A mão dele ergueu as saias dela até deslizar por baixo do tecido, acariciando a coxa nua em um contra-ataque gentil.

"Estava se sentindo negligenciada? Não pareceu." Ele a provocava, a voz baixa, os lábios mal roçando os dela enquanto falava. Fantasmas de beijos. Ela se sentia quase como um fantasma, ali naquele mundo sombreado de vidro e luar. Algum espectro sobrenatural invocado às existências pelas correntes

invisíveis do desejo. "Na verdade", continuou ele, "você estava comandando a corte admiravelmente bem, como convém à minha imperatriz."

Ele estivera observando-a? O feitiço se quebrou assim que essa possibilidade se concretizou; a tensão tensionou sua espinha e um frio desolador penetrou em seus ossos. Alaric a vira conversando com Zawye? Será que ele suspeitaria do motivo a qualquer momento? O punho dela apertou o colarinho dele, amassando o tecido rígido. *Ainda não,* pensou Talasyn desesperadamente. *Deixe-me viver no sonho por mais um pouco.*

Só mais um pouco—

"Tala... ?"

Através da névoa de pânico que rapidamente engolfara sua visão, ela viu os olhos cinzentos de Alaric se arregalarem em preocupação. "Desculpe", ela disse com a voz rouca. "Estou um pouco cansada."

Ele franziu a testa. "Eu sabia que aquele banquete se prolongou demais. Vou carregá-la para a cama."

"Não precisa." *Não faça mais nada por mim. Isso só tornará as coisas ainda mais difíceis.*

Lá estava aquilo novamente, aquela pulsação dolorosa que ameaçava partir seu coração ao meio. O engodo de todos esses meses, desmoronando em um instante. A corda bamba em que ela caminhava, rompendo-se sob seus pés.

Ela não conseguia. Não conseguia traí-lo. Não fora feita para aquilo.

Talasyn lançou-se à frente e tomou a boca do marido em um beijo desesperado. Os lábios de Alaric se abriram em surpresa, mas logo ele retribuiu o beijo com a mesma urgência, puxando-a para que ficasse colada ao seu corpo. Suas pálpebras tremeram contra a luz do luar na face da bochecha dele, onde a sombra dos cílios caía, e ela estremeceu, implorando por uma absolvição que jamais viria, que ele jamais daria. *Depois disso, eu contarei a ele*, prometeu. *Ele quer a paz. Quer um mundo melhor. Eu direi a verdade, e resolveremos isso juntos.*

Mas se ele nunca mais quiser saber de mim, então — um último beijo —

Alaric tomou a iniciativa, pressionando-a, beijando-a com fome contra o parapeito da janela. O círculo dos braços dele era o único lar que Talasyn já conhecera. O que ela sentia agora era loucura — desejo e desespero fundidos em um todo implacável. Ela finalmente tinha informações para usar contra ele. Mas não as usaria. Ela lhe diria a verdade.

Eu te amo.

Ela interrompeu o beijo, acariciando o cabelo dele com a mão trêmula. Ele suspirou suavemente, aninhando-se em seu pescoço.

Eu confio em você.

"Alaric", disse Talasyn, "há algo—"

A porta da passagem escancarou-se. Os legionários que Alaric dispensara sem cerimônias momentos antes invadiram o recinto, liderados por Sevraim — que, em circunstâncias normais, teria feito um espetáculo regozijante ao flagrar o casal imperial em posição tão comprometedora, mas, em vez disso, sua expressão era tensa e sombria, os olhos fixos exclusivamente em Alaric.

"Vossa Majestade, recebemos notícias de Ileis e Nisene", anunciou ele. "Encontraram a base rebelde. Sua presença é requisitada lá imediatamente."

Talasyn roía as unhas. Era um gesto nervoso ao qual ela jamais havia sucumbido, mas a situação exigia — e, além disso, ela não sabia o que fazer com as mãos. Assim, roía as unhas enquanto olhava fixamente por cima do parapeito de sua varanda.

Na noite anterior, Alaric a deixara apressadamente na Cidadela antes de navegar com a *Deliverance* até a ravina de Shipsbane, onde uma batalha feroz havia eclodido. Não fora Ileis e Nisene quem encontraram os sardovianos primeiro; na verdade, elas estavam por perto quando agrimensores dos regimentos de Kesathe descobriram sinais de habitação e enviaram um alerta.

O Shipsbane era a mesma ravina longa e em ziguezague no antigo Coração de Sardovia que levava ao cânion de Wildermarch, onde outrora existira uma grande base militar da Allfold. A última base onde Talasyn estivera destacada, antes da queda de Sardovia. No dia em que deixara o Continente para encontrar a Lâmina de Luz de Nenavarene, ela partira daquela base, navegando pelas curvas e reviravoltas traiçoeiras daquela ravina. Os agrimensores de Kesathe estiveram vasculhando a área apenas por causa do plano de Alaric de abri-la como uma rota alternativa para o tráfego de dirigíveis. Aquilo fora discutido no conselho, mas Talasyn sequer pensara em mencionar a Khaede. Parecia tão... *inofensivo*, em meio a tudo o mais que estava acontecendo.

Tudo minha culpa. A ponta da unha de Talasyn lascou entre seus dentes. Se Khaede soubesse, poderia ter alertado a Allfold. Por que Talasyn não tinha contado a ela?

Talvez precisamente porque não tivera parecido importante. E ela não quisera transmitir mais informações do que considerara necessário.

Estou comprometida. Outra unha quebrou em sua boca. Ela olhou para fora, com o olhar vago, sobre o jardim que Alaric plantara para ela. O que ele faria com os sardovianos? O que ele já estaria fazendo com eles naquele exato momento?

E se *ele* fosse o ferido, ou pior—

"Pode não ser tão ruim quanto tememos." Atrás dela, Khaede falava em um

tom monótono e opaco. "Nossos companheiros espalharam armadilhas por toda aquela seção da Shipsbane. No mínimo, levarão vários Forjados pelas Sombras com eles."

O coração de Talasyn parou de bater. Uma pausa terrível, cujo peso caiu no fundo de seu estômago como uma pedra na água. A sensação não cedeu até que seu corpo lembrasse como se mover e ela girasse para encarar, aflita, sua primeira amiga — por tanto tempo sua única amiga — que agora parecia mais uma estranha.

Imagens de Alaric morrendo — esmagado por um desmoronamento de rochas, empalado em um poço de estacas, desaparecendo em uma conflagração de projéteis cerâmicos — lampejaram na mente de Talasyn. A luz da vingança ardia nos olhos de Khaede. "Não há nada que possamos fazer pelos sardovianos no desfiladeiro, Tal. Mas a morte deles não será em vão. Especialmente agora que confirmamos que a fonte do Voidfell está no Descanso de Mahagir."

Foi então que os céus escureceram. A sombra de algo imenso rastejou pela nuca de Talasyn como um presságio de chuva. Ela olhou para cima, já sabendo o que encontraria: um navio-tempestade descendo sobre a Cidadela.

Seu marido retornara da batalha.

Por mais que tentasse, Talasyn não conseguia afastar a sensação de que algo terrível acontecera a Alaric. Toda aquela conversa de Khaede sobre armadilhas espalhadas pelo desfiladeiro a deixara tensa. Ela precisava vê-lo; precisava confirmar com os próprios olhos que ele estava vivo e inteiro. Precisava disso como precisava respirar.

Foi assim que ela acabou ali — do lado de fora do prédio onde Gaheris passava seus dias. Após ser informada de que Alaric fora direto ver o pai ao chegar, Talasyn também correu para lá, ignorando todos os legionários que imploraram para que ela permanecesse onde estava.

Ela era a Imperatriz da Noite e ninguém poderia realmente fazer nada contra ela, mas — a julgar pelos olhares venenosos — Ileis e Nisene, em particular, estavam ansiosas pela menor desculpa. De braços cruzados, Talasyn encarou as gêmeas enquanto elas bloqueavam seu caminho diante das portas da torre de Gaheris. Era o mesmo edifício de onde aquelas massivas quimeras tecidas de sombras haviam jorrado e destruído um navio-tempestade da Allfold diante de seus olhos, mas Talasyn trancou a memória angustiante à força, recusando-se a deixar que ela a abalasse.

"Como eu já expliquei, Vossa Majestade", disparou Ileis, "o Imperador Alaric está em audiência com o Regente. A senhora não pode entrar."

"Tudo bem. Eu espero", rebateu Talasyn.

Ileis rangeu os dentes com tanta força que o som era quase audível. "Você ficaria mais confortável esperando em seus aposentos."

"Bobagem", disse Talasyn. "Aqui mesmo é um lugar tão bom quanto qualquer outro."

Ela não iria a lugar nenhum. Tinha dito isso a Alaric, certa noite. Acontecera meses atrás, mas ainda estava horrorosamente fresco em sua mente — os hematomas e lacerações que o próprio pai dele lhe infligira. Mesmo que ele tivesse saído ileso da batalha no Shipsbane, quem sabia o que estavam fazendo com ele agora, a portas fechadas? Ela precisava estar aqui quando ele saísse. Não permitiria que ninguém a impedisse.

Nisene dava todos os indícios de ser uma dor de cabeça maior do que a irmã. Ela permanecera em silêncio até então, mas seus olhos castanho-claros estavam mais rígidos. Mais aguçados. Um pressentimento formigou a nuca de Talasyn. Era aquela vaga sensação de ameaça — aquele instinto, aprimorado durante a guerra — que a fez lembrar de Alaric beijando-a nas Terras da Seda, à vista de Ileis. Era lógico concluir que esta última contara à gêmea.

O que Talasyn realmente não sabia era o que isso significaria para ela daqui para frente. Quais seriam as ramificações de Nisene saber que havia sentimentos entre seu suserano e a esposa que ela ainda considerava a inimiga?

Um movimento — o som de dobradiças rangendo — quebrou o impasse quando as portas da torre de Gaheris se abriram. O primeiro vislumbre de Talasyn do interior não passava de uma escuridão profunda, mas aquilo logo se dissolveu, junto com o resto do mundo, até que tudo o que ela conseguia ver fosse seu marido.

A princípio, ele era apenas uma silhueta, alta e de ombros largos — esquelético, desde as presas de sua máscara até os espigões de suas ombreiras e as garras de suas manoplas. Ela provavelmente jamais deixaria de sentir aquele calafrio nervoso inicial; afinal, a armadura dele fora projetada para inspirar medo. Foi somente quando ele deu um passo à frente que a luz do dia que castigava a Cidadela esboçou todos os pequenos detalhes, em traços de ouro radiante. Os cabelos negros caindo desordenadamente sobre o rosto. A tez pálida manchada pelo suor e a sujeira do combate. O rastro de sangue seco que escorria da testa à bochecha, um vermelho ferruginoso misturando-se às espirais cor de meia-noite da cicatriz de Voidfell.

Não havia ferimento visível, então não era o sangue *dele*. Ele estava vivo. De pé. O pai não o havia danificado além da reparação, e o desfiladeiro não o levara para algum lugar onde ela não pudesse segui-lo. Os joelhos de Talasyn quase cederam pela força pura do alívio que a atingiu, doce e aterrorizante na intensidade de sua doçura, tudo ao mesmo tempo.

Seus olhares se cruzaram enquanto as portas se fechavam com estrondo atrás dele. Era difícil discernir a expressão dele com a obsidiana rosnante que cobria a metade inferior de seu rosto, mas era impossível não notar como seus olhos se arregalaram ao vê-la, brilhando em um prata intenso com... pânico?

Ela congelou, confusa. Alaric manteve um passo apressado em sua direção, abrindo caminho entre Ileis e Nisene. Ele não parou de caminhar nem mesmo ao alcançar Talasyn; em vez disso, agarrou-a pelo braço, de modo que ela não teve escolha a não ser se apressar para acompanhá-lo enquanto ele a arrastava pela estrada na direção de sua fortaleza. Todos que cruzavam o caminho deles se dispersavam imediatamente, desesperados para evitar a ira óbvia que se misturara ao pânico e agora emanava do Imperador da Noite em ondas.

Eventualmente, o próprio temperamento de Talasyn falou mais alto. Ela fincou os calcanhares no chão com toda a força que conseguiu reunir. Alaric parou de caminhar assim que sentiu a resistência dela, voltando-se para ela, envolto em uma ameaça silenciosa —

"O que *está* fazendo?", ela exigiu. "E pare de me olhar desse jeito."

Ele a puxou para um beco deserto entre dois prédios altos. Era estreito ali e ligeiramente mais fresco, protegido do sol. Também era silencioso, e a respiração instável de ambos soava amplificada.

"Por que você foi até lá, Talasyn?" O rosnado baixo de Alaric ressoou em meio às pedras antigas ao redor deles. "Estava tão ansiosa para que o Regente a visse? Se eu soubesse, teria agendado uma audiência com ele assim que você chegasse de Nenavar."

Normalmente, ela teria disparado uma resposta cáustica, mas havia um tom em seu sarcasmo que a deteve. Ela o observou em silêncio. A mão dele ainda estava presa ao braço dela, as pontas garras da manopla cravando-se em sua pele. Ele tremia, com os ombros espetados curvados. A cor havia sumido de seu rosto — ou do que ela conseguia ver dele, ao menos. Então ele se inclinou, como se desabasse após uma guerra travada e perdida contra si mesmo, baixando a cabeça na curva do pescoço dela. O cabelo preto e bagunçado dele roçou a bochecha dela enquanto ele soltava golfadas bruscas de ar contra sua pele.

"Eu só... preciso que você esteja segura", ele murmurou. "Você já sabe que meu pai não é... não é estável."

Quanto deve ter custado para ele admitir aquilo a outra pessoa? *Sinto muito por ter preocupado você*, ela quis dizer, mas as palavras não vinham. Havia o espectro da *outra* coisa que ela estava prestes a contar a ele, lá em Grand Bight, antes de serem interrompidos. Aquilo serpenteava em torno de sua garganta, recusando-se a soltá-la.

Ficaram assim por um tempo. Quando Alaric finalmente ergueu a cabeça,

ele havia recuperado a aparência de sua calma gélida habitual, mas a tensão ainda estava lá, esticada sob cada linha rígida de seu corpo.

"Talasyn", disse ele, "capturamos cinquenta dos rebeldes. A execução deles está marcada para amanhã."

"Mas—" Ela precisava ter cuidado. Não podia demonstrar muita simpatia por seus camaradas. No entanto, aquela única palavra escapou antes que pudesse impedi-la, com os pensamentos acelerados. "Eles são mais valiosos vivos, não são? Poderiam lhe dar informações..." Quem era aquela pessoa falando com a voz dela, tão cruelmente prática, tão desavergonhada? A neta de Urduja, sim, mas também a agente dupla de Sardovia, a arma secreta, agarrando-se a qualquer esperança, tentando manter todos vivos até o acerto de contas, quando pudessem ser salvos.

Havia um vendaval rugindo dentro dela. Ele soprava seu coração para todos os lados.

"Dúzias de legionários morreram durante a escaramuça", disse Alaric. "É a maior perda que Kesath sofreu desde o fim das Guerras do Furacão. Meu pai está furioso. Meus homens exigem retribuição." Ele franziu a testa, como se estivesse lutando para dizer o que acabou dizendo em seguida. "*Eu* exijo retribuição. Um exemplo deve ser dado."

O sangue de Talasyn gelou diante do brilho cortante nos olhos do marido. Este não era o homem que ela conhecera ao longo do último ano nos momentos de quietude, o homem que ela descobrira com toques gentis sob a luz das estrelas. Este era o Imperador da Noite, que não pensava duas vezes antes de tirar dezenas de vidas sardovianas se isso significasse manter seu próprio povo a salvo. Este era o Mestre da Legião Forjada nas Sombras, que era, acima de tudo, um soldado.

Assim como ela.

"A execução será realizada nas planícies ao romper da aurora", Alaric continuou secamente. Ela observou o punho dele se fechar; ela o ouviu com um horror crescente. "O Regente Gaheris exigiu que você compareça."

Capítulo Vinte e Cinco

A batalha de Shipsbane tinha sido particularmente cruel, mesmo para os padrões de alguém bem versado na arte da guerra. Não apenas os sardovianos lutaram com unhas e dentes, mas praticamente não havia um passo que a Legião pudesse dar sem despencar em um poço de estacas ou acionar um fio de tropeço. Toda vez que piscava, Alaric ainda via os deslizamentos de terra na escuridão por trás de seus olhos. O som das pedras caindo, os gritos de suas tropas — tudo ainda ecoava em seus ouvidos. Até o beco onde ele e Talasyn estavam agora o deixava desconfortável; lembrava demais o desfiladeiro estreito. As duas faces rochosas imponentes de cada lado, apertando-o e bloqueando o sol até que, de repente, não bloqueavam mais, e tudo se tornava ossos estilhaçados e terra revirada...

Alaric sentia-se tão sufocado agora — se não mais — enquanto Talasyn empalidecia. "Eu não vou *assistir* a uma execução em massa", disse ela, balançando a cabeça. "Não, você não pode me obrigar."

Ele também não queria que ela estivesse lá. Mas Gaheris, envolto em fumaça negra e fervendo de fúria, insistira que a última coisa que os rebeldes condenados vissem fosse a Lightweaver ao lado do Imperador da Noite.

"Ele não está estável. Você mesmo me disse", dizia Talasyn. A voz dela parecia distante através da culpa que latejava no sangue de Alaric. "É loucura esperar que eu apenas fique sentada assistindo. Você pode recusar—"

"Se eu recusá-lo", disse Alaric, "ele descontará a raiva em você. Isso é algo que não posso permitir."

"Você poderia simplesmente não *permitir* a execução. Você é o líder de Kesath, não ele, não é?"

Era um refrão familiar dela. Antes, porém, sempre fora lançado a ele com ira justa — nunca com essa rouquidão quase suplicante. Nunca com aqueles olhos castanhos que ele adorava, tão arregalados e temerosos. O enjoo revirava em seu interior, e ele se viu atacando-a em uma tentativa de aplacá-lo.

"Eu já expliquei por que isso tem que acontecer", rosnou Alaric. "Por que você sequer se importa com a morte das mesmas pessoas que tentaram matar você?" Para ele, este era o cerne da questão — a contínua simpatia de Talasyn pelo Allfold. Era a raiz de seu medo mais profundo: que, mesmo nestes novos dias, ela ainda não conseguisse deixá-los para trás.

Lá estava ele, recém-retornado dos terremotos, do sangue e do precário jogo de equilíbrio que era cada encontro com seu pai, agora preparando-se para

mais uma discussão. Se ao menos pudesse abraçar sua esposa e deixar que ela apagasse todas as lembranças ruins. Se ao menos pudesse encontrar e guardar para sempre a paz que buscara durante esses anos intermináveis com ela.

Tolo, como todos os outros sonhos que já tivera sobre ela.

Mas o tom ríspido que Alaric esperava nunca veio. Quando Talasyn abriu a boca para falar, não houve lampejo de ira, nem mostra de dentes. O olhar dela caiu para o chão, e o coração dele despencou junto.

"Você também já tentou me matar", ela lembrou-o calmamente. "E eu me importo com o que acontece com *você*."

Ele recuou. "Isso... isso é diferente—"

"Como é diferente, Alaric?" Talasyn ainda não olhava para ele. Uma ausência que dilacerava sua alma. "Foi tudo a mesma guerra. Eles eram meus camaradas e você era meu inimigo. Não posso controlar o que sinto."

Ele a puxou para si. Foi um abraço desajeitado, os corpos separados por sua armadura volumosa, os dentes da máscara pressionando a têmpora dela.

"Não posso deixá-los viver. Você sabe disso", disse ele com a voz rouca. "Mas serei rápido. Eu prometo. Apenas não faça nada que chame a atenção."

Porque, pensou ele, *se meu pai tentar machucá-la, não terei escolha a não ser impedi-lo.* E a última coisa de que Kesath precisava era desse tipo de instabilidade.

"Você continua falando comigo sobre um futuro melhor", disse ela, "mas quão melhor ele poderia realmente ser se ainda permitirmos que as políticas de Gaheris o definam? Por que você ainda se curva à vontade dele?"

"Não vejo outra maneira de mantê-la segura", respondeu ele. "Se eu conceder clemência aos rebeldes, todos saberão que foi por sua causa. *Ele* voltará a atenção para você."

"Eu me recuso a deixar que qualquer outra pessoa morra por mim!" Ela estava à beira do pânico, tremendo nos braços dele. "Todo esse derramamento de sangue, todo esse terror — sempre haverá alguém que, no fim, decidirá que já chega. Se você não der a eles nada em que acreditar além do medo, as pessoas sempre começarão a revidar."

Ele temia por ela. Temia quem pudesse ouvi-los. "O que você está dizendo agora... é perigosamente próximo da traição", murmurou.

"Essas são as palavras do seu pai, não as suas", retrucou ela. "*Por favor*, Alaric. Você não precisa continuar ouvindo-o. Nós podemos lidar com ele. Você não precisa continuar perdendo tantos pedaços de si mesmo—"

"Isso não importa", ele interrompeu baixinho, "desde que eu não perca *você*."

Ali estava, o coração dele aos pés dela. Ela poderia aceitá-lo ou chutá-lo de

volta — ele não se importava. Desde que ela estivesse segura.

"Suporte isso. Por favor", suplicou ele. "Acabará rápido. Eu farei questão disso."

Talasyn permaneceu em silêncio. Não lutou para se libertar do aperto dele, mas também não relaxou nele. Quando ele finalmente recuou, com as mãos caindo ao lado do corpo, foi somente então que ela olhou para ele.

A decepção estava gravada em seu rosto em linhas exaustas. Não, não era decepção, era algo mais profundo — traição. E também resignação. Era uma expressão que Alaric já vira antes, em outra pessoa. Era assim que sua mãe olhava nos meses antes de deixá-lo.

Sua náusea aumentou dez vezes quando o sentimento o alcançou, como uma lâmina contra a qual ele falhara em se defender — aquela percepção horrível e inquietante de que algo fora destruído. Talvez para sempre.

Alaric não foi ao quarto dela naquela noite. Não que Talasyn quisesse que ele fosse, de qualquer maneira. Ela alternava entre breves episódios de um sono errático e o simples ato de fitar o teto até que os primeiros lampejos da aurora surgissem.

Ele partiu para as planícies primeiro. O ar no banheiro ainda estava úmido quando Talasyn entrou, com a condensação borrando o espelho acima das pias.

Claro que ele teria que estar lá cedo, pensou ela, distante, enquanto se banhava. Ele era o responsável pela execução dos sardovianos; era seu dever garantir que tudo ocorresse sem imprevistos.

Talasyn convocou Khaede ao banheiro, ostensivamente para ajudá-la a se vestir. Ela não queria usar aquele lugar para conversar, mas o tempo estava se esgotando.

“Consegui descobrir mais sobre o Decreto de Segurança Reforçada enquanto você estava em Grand Bight”, disse Khaede, prendendo os fechos cravejados de rubis nas costas do vestido de Talasyn. “O assistente de Lisu está envolvido com uma das serventes, e ele contou a ela sobre isso. É o projeto favorito de Lisu, contando com a aprovação de Gaheris. Espera-se que o Imperador Alaric o assine e transforme em lei a qualquer momento. Basicamente, ele torna oficial e legal o que Kesath tem feito para extirpar todas as instâncias de rebelião, e foi projetado para implementar essas medidas em escala maior.” Ela enumerou cada item solenemente enquanto seus dedos passavam de um fecho para o outro. “Suspensão do direito a julgamento para suspeitos de rebelião. A definição de *rebelde* expandida para incluir simpatizantes e espectadores que deixem de alertar as autoridades competentes sobre qualquer atividade ou presença rebelde, e *atos de rebelião* para incluir a

crítica ao Império da Noite de qualquer maneira, forma ou modo. Uma política de terra arrasada para assentamentos suspeitos de abrigar ou terem abrigado qualquer único membro da resistência.”

Por vários longos instantes, Talasyn não conseguiu fazer nada além de encarar, sem ver, os reflexos dela e de Khaede no espelho embaçado. Um nó de pavor se formou em seu estômago. Quando algo era sancionado por lei, aquilo se tornava correto na mente das pessoas. Quaisquer atos realizados em nome dessa lei poderiam ser justificados sem contestação.

É este o mundo melhor que você queria? ela desejou poder perguntar a Alaric, que provavelmente estaria a caminho do local da execução agora. Ela o seguiria logo depois. E a história condenaria a ambos.

No primeiro conselho de que Talasyn participara, Darius tentara mencionar a ratificação do Decreto de Segurança Reforçada. Alaric a adiara. Ela compreendia agora que fora porque ele sabia que ela se oporia.

“Também ouvi um boato interessante”, disse Khaede. “As camareiras que limpam a ala sul acham que temos um fantasma.”

“Um... fantasma?” Talasyn repetiu, perplexa.

“De vez em quando, elas ouvem alguém cantando. Acham que é a antiga Imperatriz da Noite.” O reflexo de Khaede no espelho exibia um sorriso presunçoso e estranho. “Dizem que Sancia Ossinast morreu onde quer que tenha fugido e que sua sombra retornou à Cidadela para cantar canções de ninar para o filho. Do jeito que fazia quando ele era mais novo.”

Sempre causava um aperto no peito de Talasyn, o pensamento de Alaric como criança. Mas quem ele fora era muito diferente de quem era agora. A criança que adormecera com as canções de ninar da mãe crescera para se tornar o homem que lhe dissera para observar em silêncio e não fazer nada enquanto seus camaradas eram executados diante de seus próprios olhos. O filho que fora torturado pelo pai durante toda a vida jamais iria contra os desejos desse pai por causa dela.

E a questão era que Talasyn sequer tinha o direito de exigir que ele o fizesse. Não quando *ela* estava tramando traí-lo.

Houve raiva, sim. Houve decepção. Mas tudo isso era atravessado pela sensação de que ela estava recebendo exatamente o que merecia.

"Não temos energia para desperdiçar com histórias de fantasmas", disse ela a Khaede.

"Talvez eu investigue um pouco, de qualquer forma. Isso me diverte." O sorriso presunçoso de Khaede se alargou. Era o olhar de quem finalmente via seu objetivo ao alcance. "A propósito, Tal — depois que voltar das planícies, siga a minha liderança, certo?"

"O que você quer dizer com isso?" Talasyn sentiu como se um nó invisível tivesse deslizado em volta de seu pescoço. "O que você está planejando?"

"Você verá."

Parecia que Khaede ainda estava cautelosa, evitando arriscar tudo. Ainda relutante em dar a Talasyn informações críticas demais. Talasyn engoliu em seco. Ela também não podia culpar a amiga por isso. Aquilo também era uma penitência. Isso, também, era receber o que merecia.

Na penumbra do amanhecer, as planícies que cercavam a Cidadela de Kesathe eram uma extensão estéril de terra rachada e hangares de navios de tempestade sob um céu cinzento. O local da execução estava estranhamente silencioso, apesar das centenas de pessoas que haviam convergido para ali. Soldados, civis, toda a Legião Forjada nas Sombras. Todos reunidos em fileiras organizadas e solenes ao redor do evento principal, como os raios de algum sol negro e pavoroso.

Flanqueada por Ileis e Nisene, Talasyn estava à frente, envolta em um manto preto que ondulava enquanto a brisa fria da manhã se infiltrava por ele. Alaric estava a apenas alguns passos dela, assim como os prisioneiros — todos os cinquenta, ajoelhados no chão, com as mãos amarradas nas costas.

Vários haviam sido gravemente feridos, fosse durante a batalha de Shipsbane ou pelas mãos dos soldados de Kesathe após a captura. Alguns abaixavam a cabeça, completamente derrotados. Mas a maioria escolhera enfrentar o fim com desafio, olhando ferozmente para Alaric. Para os espectadores.

Para Talasyn.

A maioria daqueles rebeldes ela nunca vira antes. Mas a visão de alguns rostos familiares a corroía viva — assim como a maneira com que eles a encaravam, sem hesitar. Acusadores.

Ela fizera aquilo com eles. Seus joelhos fraquejaram levemente enquanto ondas de vergonha e culpa a atropelavam.

Em forte contraste, Alaric não dava indício de ser afetado pelo comportamento dos rebeldes. Ele permanecia firme no meio deles, os espigões blindados em seus ombros como cristas de sangue e sombra, suas feições parcialmente mascaradas oferecidas a Talasyn de perfil. Ele mataria todos eles sozinho? Ela estremeceu e desviou o olhar.

"Você não pode desviar o olhar, Lachis’ka", murmurou Ileis assim que notou o movimento da cabeça de Talasyn pelo canto do olho. "Você deve continuar assistindo, porque as pessoas estão assistindo *você*. Preferiria que não aumentasse os problemas do Imperador Alaric."

Do outro lado de Talasyn, Nisene soltou um escárnio, como se considerasse que Talasyn mal merecesse uma explicação. Uma *havia* sido dada, no entanto, e era um lembrete gélido do que estava em jogo. Se Talasyn mostrasse qualquer sinal de angústia hoje, Gaheris saberia e aplicaria a punição apropriada.

Alaric estava tentando protegê-la à maneira dele. Ela conseguia entender isso, até certo ponto. Mas fazê-la vir aqui em vez de interromper a execução por completo... não poderia ter sido mais claro, mesmo que ele tivesse gritado isso do topo de algum telhado. Ele podia gostar dela, mas jamais desafiaria Gaheris abertamente. Ele iria assinar o Decreto de Segurança Reforçada, transformando-o em lei. Ela estivera se agarrando à esperança e não recebera nada em troca.

Desde o início, Alaric nunca possuíra a capacidade de escolher ela — ou qualquer outra pessoa — em vez de seu pai. Em sua mente, tal escolha sequer existia. Ele dissera que estava fazendo aquilo para mantê-la segura, mas ainda estava operando dentro do sistema de Gaheris para alcançar esse objetivo.

Talasyn forçou-se a olhar para o marido mais uma vez. Seus olhos cinzentos eram tão frios e ilegíveis quanto granito enquanto ele observava os prisioneiros acorrentados. Todos esperavam que ele fizesse o discurso padrão — que declarasse os condenados culpados de rebelião e afirmasse seu direito de julgá-los como o Imperador da Noite, conferindo, assim, um senso de legitimidade àquele evento brutal.

Ela também não tinha muita escolha. Esperou junto com todos os outros. Sentia que toda a sua existência a conduzira, desde sempre, àquele ponto no futuro imediato em que Alaric pronunciaria as palavras e partiria seu coração. A distância de alguns metros poderia muito bem ter sido um abismo intransponível entre eles. Os olhos dele brilharam em prata com sua magia, sombras se acumulando em seus punhos blindados.

E então — ele olhou para ela.

Foi apenas por a fração de um segundo, as íris dele ardendo como o luar enquanto deslizavam em sua direção acima da borda serrilhada de sua máscara. Um tempo tão curto, mas suficiente para atingi-la onde estava, trazendo o mundo em relevo nítido e expondo seus ossos por meio de uma iluminação fugaz.

Então ele desviou o olhar e um redemoinho de magia das sombras irrompeu, com ele em seu centro. Tentáculos de fumaça negra jorraram de sua silhueta esquelética, rugindo pelo ar em um inferno de meia-noite antes de colapsarem sobre si mesmos para formar dúzias de lâminas curvas, cujos gumes serrilhados estalavam com a estática prateada do éter.

Sem proferir uma única palavra do discurso cerimonial que dele se esperava, Alaric lançou as facas cor de tinta em todas as direções. Elas se moveram em direção aos cativos sardovianos tão rapidamente quanto enxames

de folhas negras retorcidas em um vento forte. Elas abateram cada figura ajoelhada em seu caminho selvagem e imprudente, e os gritos dos moribundos preencheram as planícies estéreis.

Alaric prometera a Talasyn que terminaria rápido. E terminou. Foi talvez a execução menos cerimonial que já ocorrera dentro das fronteiras do Império da Noite, deixando os kesatheses em um silêncio atônito.

No entanto, isso não significava que Talasyn não sentisse cada faca tecida de sombras como se tivesse cortado a ela mesma. A cada corpo mutilado que tombava no chão, um pedaço de sua alma se estilhaçava, um após o outro, até que não sobrasse nada.

"Vossa Majestade", sibilou Ileis em aviso, e só então Talasyn percebeu que lágrimas escorriam por suas bochechas.

Não.

Não na frente dos kesatheses.

Mas era tarde demais. Limpar o rosto apenas a tornaria mais conspícua. Ela ergueu o queixo e deixou que tudo fluísse, toda a tristeza e a humilhação. Não passou despercebido que Ileis a chamara de *Lachis'ka* anteriormente, mas agora usara seu título do Império da Noite. Sevraim também costumava alternar. Dois títulos diferentes. Dois papéis que ela não conseguia desempenhar sem abrir mão de outra coisa — uma mãe assassinada, uma antiga lealdade. Nenhuma terra à qual pudesse pertencer.

Até mesmo o sonho de viver em uma Sardóvia livre estava fora de seu alcance agora. Ninguém lá a acolheria depois de hoje.

Após o último prisioneiro ter morrido — arquejando, contorcendo-se e então ficando tão, tão imóvel — Alaric cambaleou, respirando com dificuldade, com as forças drenadas por tamanha demonstração de etermancia. Mas ele se recuperou rapidamente, claramente consciente, e de forma dolorosa, de toda a atenção voltada para si. O Imperador da Noite jamais poderia demonstrar fraqueza, não diante do povo que ele liderara para fora de uma guerra. Ele girou para encarar Talasyn, e ela se perguntou como deve ter parecido naquele momento — que expressão estaria em suas feições manchadas de lágrimas — para que ele congelasse. Seus dedos tremeram e ele começou a erguer a mão, como se estivesse em transe, como se nem percebesse que o fazia.

E tudo o que ela sabia era que não podia permitir que ele fosse visto tentando alcançá-la, para que o pai dele não soubesse, e que não suportava mais olhar para ele. Seu marido, cercado pelos cadáveres das pessoas que ela havia condenado.

Talasyn deu as costas e fugiu de volta para a nave que a levaria pelas planícies até a Cidadela. E daí se estivesse partindo de forma tão descerimoniosa

quanto Alaric matara seus companheiros? E daí se pudesse ouvir os sussurros entre a multidão e sentir os sorrisos sarcásticos direcionados à sua figura em retirada?

Ela não se importava mais.

Capítulo Vinte e Seis

Ao longo de sua vida, Alaric acreditara em uma coisa acima de todas: Kesath, sua jovem nação, petulante e triunfante contra todas as probabilidades, precisava ser protegida a qualquer custo. Esse fora o princípio que guiara seus passos desde que teve idade para caminhar, instilado nele por seu avô, que construiu a primeira nave-tempestade, e por seu pai, que transformou uma terra à beira da derrota em um império. Quando se tratava de subjugar todos os potenciais destruidores, nenhum fardo era pesado demais, nenhum custo era caro demais.

Era nisso que Alaric sempre se apegara. Simplesmente não houvera razão para questionar nada disso.

Até *ela*.

Após cumprir seu dever, ele se voltou para Talasyn por instinto. As sardas dela estavam alarmantemente vívidas contra a palidez doentia de sua pele. No momento em que notou as lágrimas dela, cada verdade que ele já conhecera se despedaçou e ele se sentiu esvaziado por dentro, não mais o Imperador da Noite, não mais o guardião do destino de Kesath, mas apenas um homem — um homem que fizera sua esposa chorar.

Ele quis segui-la enquanto ela partia. Teria feito isso, mas ainda havia trabalho a ser realizado. Ele proferira a sentença e, portanto, precisava assumir a responsabilidade pelas consequências.

Foi a coisa mais difícil que Alaric já fizera: banir aquela parte de si que insistia que *que se dane tudo* e ardia com o desejo avassalador de ir até Talasyn. Mas alguém, sem dúvida, relataria a Gaheris que a Tecelã da Luz fugira das planícies em lágrimas, e Alaric apenas pioraria as coisas se fosse atrás dela.

Então ele permaneceu onde estava, voltando-se para seus oficiais e dando as instruções para a remoção dos corpos, agindo como se nada estivesse errado. Como se seu mundo cuidadosamente ordenado não tivesse se desintegrado completamente.

Perdão. Esse era seu novo objetivo. Ontem, ele estivera absolutamente convencido de que poderia suportar o ódio de Talasyn, desde que Gaheris não a convocasse, mas agora tudo o que queria era que ela o perdoasse.

Isso ainda seria possível, porém? Pela primeira vez desde que suas facas rasgaram o ar da alvorada, Alaric contemplou a visão das pessoas que matara. A quantidade *absurda* delas, espalhadas por todo o chão.

O que sou eu, se não sou uma arma?

Talasyn lhe dissera certa vez que ele era mais do que apenas isso. Mas a execução em massa que ele aplicara hoje — aquilo fora mais por ela do que por Kesath. Ele terminara tudo o mais rápido que pôde, para que ela não tivesse que sofrer mais do que o necessário. E a batalha de Shipsbane, aquela vitória lancinante que ele conquistara a duras penas entre fossos de espigões e deslizamentos de terra — ele fora movido pela necessidade de proteger seu povo, sim, mas mais ainda pela necessidade de protegê-la daqueles que a consideravam uma traidora e a queriam morta.

O que sou eu, se não sou a sua *arma?*

"Talvez fosse melhor retornar à Cidadela, Vossa Majestade", sugeriu Sevraim, parado diante dele, bloqueando sua visão dos cadáveres. "O senhor parece um pouco abatido".

Na verdade, Alaric estava exausto. Tanto pela reviravolta de suas emoções quanto pelo uso excessivo de sua magia. Mas ele ainda não podia descansar. Pouco antes da execução, na crença equivocada de que isso o salvaria, um dos rebeldes havia revelado a localização de outro esconderijo, nas profundezas das florestas do antigo Hinterland. Alaric precisava levar suas tropas até lá. Todos os oficiais haviam testemunhado a confissão; ele *não podia* deixar de fazê-lo.

Ela estava certa. Ele era imperador apenas no nome. A posição mais alta da terra era uma gaiola construída por ele mesmo. Seu pai podia ter aberto a porta para ele, mas Alaric foi quem entrou voluntariamente e se trancou lá dentro.

"Vamos partir", disse ele a Sevraim, secamente, ignorando a avaliação do legionário sobre seu estado.

O hangar do *Deliverance* ficava a apenas uma curta caminhada do local da execução. Alaric dirigiu-se para lá com passos pesados, seguido por seus legionários silenciosos. Atrás dele, ouviu os corpos sendo carregados descuidadamente nas carroças que os levariam ao navio encarregado de despejá-los no oceano, e embarcou em sua própria nave com nós de autoaversão se retorcendo em seu interior.

Enquanto o *Deliverance* saía suavemente de seu hangar, ele se retirou para sua cabine. Ainda levaria algumas horas até que alcançassem a base da Allfold recém-exposta e ele tivesse que lutar mais uma vez. Ele sentou-se na beira da cama e tentou não pensar nas vezes em que ele e Talasyn estiveram ali, deitados lado a lado. Mas, naturalmente, não teve sucesso.

Haveria algum caminho de volta depois do que ele fizera a ela hoje? Tinha que haver. Se ele se lançasse aos pés dela quando retornasse à Cidadela... se prometesse que jamais deixaria que algo assim acontecesse novamente...

Ao sentir as primeiras e tênues vibrações da convocação de Gaheris, ali naquela parte de si onde sua magia residia, o primeiro pensamento de Alaric foi

recuar. Mas ele não o fez, e odiou a si mesmo enquanto caminhava para o In-Between, aquele reino sombrio e gélido que existia entre as fibras do espaço etéreo.

"Está feito, então", disse Gaheris de seu trono de sombras.

"Sim", confirmou Alaric. "Antes de morrer, um dos prisioneiros revelou a localização de outra base da Allfold. Fica nas antigas Terras Remotas. Estou a caminho." landslides

Talvez ele estivesse esperando que sequer o mais leve dos sorrisos estremecesse aquele semblante arruinado. Talvez estivesse até decepcionado quando isso não aconteceu.

Gaheris mudou abruptamente de assunto. "Ouvi dizer que você ainda não sancionou o Decreto de Segurança Reforçada." landslides

E, naquele instante singular, Alaric viu o caminho para a absolvição. Ele estava ao fim deste túnel, onde, se conseguisse apenas continuar avançando — apenas colocar um pé na frente do outro —, poderia ver sua esposa sorrir para ele novamente.

"Não o assinarei em seu estado atual", disse ele ao pai. "As medidas propostas são irracionais. O decreto precisa de novas revisões. Poderia ser prudente até descartá-lo por completo." landslides

Ele alimentava esses pensamentos há algum tempo, e era por isso que havia adiado a ratificação, mas nunca antes seu próximo passo estivera tão claro, impulsionado pelo raio da adrenalina.

"Você me disse na minha coroação que queria mudar as coisas para melhor", Talasyn dissera na noite em que os dois estavam sobre a água, com as luzes de Iantas brilhando ao longe. *"Então, quando você começa?"*

Agora. Tinha que começar agora. Ele conquistaria o perdão dela. Jamais voltaria a governar por meio do medo.

Gaheris ficou perplexo, com os lábios cerrados e tremendo. "Eu *ordenei* que você assinasse!"

"Ordenou", Alaric concordou em tom sereno. "Mas *eu* sou o imperador."

"Apenas porque eu fiz de você um". Gaheris o encarava com incredulidade. O Regente parecia... menor, de alguma forma. Como se a insolência de Alaric o tivesse reduzido ao seu verdadeiro tamanho. "Apenas porque eu confiei em você."

"Então confie em mim agora, pai". Alaric pensou em todos os prisioneiros que matara hoje, em como tantos haviam aceitado seu destino com raiva nos olhos, e não com terror. "Confie em mim quando digo que este decreto apenas fará a rebelião florescer, em vez de aniquilá-la."

As pessoas sempre dariam um jeito de revidar. Era isso que Talasyn dissera.

"Parece que a Tecelã da Luz é uma influência terrível sobre você", proclamou Gaheris com um esgar. "Como pretende subjugar o Continente se não consegue controlar nem a própria esposa?" Ele balançou a cabeça. "Eu deveria ter mandado buscá-la antes. Talvez isso ainda possa ser retificado."

A foice de guerra de Alaric materializou-se em suas mãos e ele avançou contra o pai. Foi um ato tão natural quanto respirar. A fúria negra que o consumia cedeu a um pingo de racionalidade apenas no último segundo, e ele estancou com o fio da lâmina em forma de crescente zumbindo na garganta de Gaheris, a meros milímetros de uma colisão fatal. Olhos prateados encontraram olhos cinza-escuros sob a fumaça estridente do Portal das Sombras.

"Então é assim que as coisas são", sussurrou Gaheris, com um som que lembrava cascalho e podridão. "Sua maior inimiga agora detém seu coração."

"Talasyn não é minha inimiga". Alaric jamais falara com o pai com tamanha fúria gélida. Ele não se sentia ele mesmo — aquele momento realmente não parecia estar acontecendo com *ele*, mas com outra pessoa, alguém a quem observava do outro lado da sala. "Você pode ter feito comigo o que quis no passado, mas *não permitirei que toque nela*."

A foice pressionou-se ainda mais contra o pescoço de Gaheris, impulsionada, sem dúvida, pelos tremores que sacudiam a estrutura de Alaric. Pela força de sua própria convicção. O Regente engoliu em seco, mas não fez menção de usar a etermancia, e Alaric—

—não sabia exatamente como se sentir a respeito disso. Havia frustração, sim, pois significava que seu pai não acreditava que o filho, sempre obediente, pudesse realmente feri-lo. Mas havia também um certo divertimento cínico ao perceber que Gaheris não ousava ferir seu cão de ataque tão pouco antes de uma batalha que o próprio Regente tinha medo de travar. Porque *era* isso que estava por baixo de toda a arrogância e paranoia: Gaheris Ossinast tinha medo da morte.

"Cansei de lutar suas guerras por você, pai", disse Alaric. Ele cancelaria o cerco à base de Allfold em Hinterland e traçaria rota de volta para a Cidadela, e ele e Talasyn decidiriam o que fazer a partir dali. "Não haverá mais mortes hoje. E se você ainda nutre ambições de invadir Nenavar, eu aconselho que desista, porque" — ele hesitou por um instante fugaz enquanto a parte dele que ainda era um menino se perguntava se conseguiria se safar do que estava prestes a dizer, mas logo prosseguiu, pois sua esposa o esperava ao fim daquele corredor sombrio e nenhum passado amargo, nenhum fantasma terrível que pairasse sobre toda a sua vida poderia tirá-la dele — "bem, você precisará da minha assinatura para *isso* também."

Alaric baniu a foice e arrancou-se do In-Between. Enquanto o espaço etéreo

voltava a se fundir nos arredores mundanos de seus aposentos, ele ficou parado, piscando, em choque com o que acabara de fazer. Aterrorizado, mas também exultante.

E então ele ouviu vozes alteradas e vários pares de passos trovejando em direção à sua porta e, mesmo antes de abri-la, soube que algo estava terrivelmente errado.

Talasyn havia retornado aos aposentos da Imperatriz da Noite há menos de duas horas antes que todo o inferno se soltasse.

Começou com um som que ela não ouvia há algum tempo, mas a reação a ele seria sempre instintiva. Uma explosão. Ela estendeu a palma da mão para tecer um escudo, lembrou-se de que não possuía mais sua magia e, em vez disso, ergueu ambos os braços para proteger a cabeça. Outra explosão, seguida por várias outras, como fogos de artifício ao... longe?

Ela finalmente compreendeu que, fosse o que fosse, estava acontecendo longe demais para lhe causar qualquer dano real. As Guerras do Furacão haviam esculpido o instinto em seus próprios ossos, mas esse longo período de falsa paz obscurecera sua capacidade de raciocinar em meio a uma crise. Rangendo os dentes de impaciência consigo mesma, Talasyn correu para a varanda no exato momento em que o clamor de inúmeros gongos de alerta fustigou o ar.

Ali, ao norte — vários dos prédios menores da Cidadela estavam desmoronando, com fumaça cinza densa rugindo de torres de obsidiana instáveis. Havia fumaça no horizonte também, pilares acinzentados ondulando sobre as planícies como piras funerárias. Os hangares de naves-tempestade? Aquelas eram as únicas estruturas por lá... Talasyn não fazia ideia do que estava acontecendo, mas correu para seu guarda-roupa mesmo assim, chutando os sapatos de salto e arrancando o manto e o vestido. O tecido delicado deste último rasgou-se com seus puxões descuidados, mas isso era irrelevante enquanto ela vestia uma túnica e calças. Ela se recusava a lutar para escapar usando uma saia de miçangas mais uma vez.

Talasyn acabara de calçar as botas quando Khaede irrompeu no quarto, com sua touca branca torta e o avental cinza coberto de poeira.

"Vamos", disse ela, as palavras mal audíveis acima da cacofonia de gongos e explosões.

Era a mesma cacofonia que ressoava nos ouvidos de Talasyn enquanto ela seguia a amiga pelo corredor, descia as escadas e saía pelos fundos. Uma fuga selvagem e frenética, pontuada pelas pausas que faziam para se esquivarem da vista dos soldados e servos que passavam apressados.

Os servos estavam em pânico, correndo em todas as direções. Os soldados,

porém, pareciam estar todos se dirigindo à entrada principal, seja para formar um perímetro ao redor da fortaleza ou para reforçar as tropas nas ruas do norte. Ninguém parecia estar subindo para a ala residencial para verificar Talasyn.

Porque ela havia deixado as planícies antes do previsto e ido para seus aposentos diretamente da grade de pouso no topo do telhado da fortaleza. A maioria das pessoas provavelmente presumia que ela ainda estivesse com Alaric e que a crise atual fosse uma preocupação mais urgente. Mas bastaria que os timoneiros da aeronave ou os guardas se lembrassem...

Ela e Khaede esgueiraram-se pela saída dos servos. Os jardins estavam em polvorosa, e era fácil para uma mulher vestida como parte da equipe e uma mulher *não* vestida como a Imperatriz da Noite navegar pelo caos sem serem notadas. O último grupo numeroso de soldados que passou apressado gritava sobre notícias que acabaram de chegar via aetherwave — insurgências populares em várias regiões, uma frota de navios de guerra estrangeiros aproximando-se da costa.

Um ataque multifacetado. Dezenas de fósforos acesos e amontoados para queimar tudo.

Talasyn seguiu a liderança de Khaede porque ela havia prometido que faria isso. Porque entendia que *todos* os rebeldes e simpatizantes que haviam se infiltrado na Cidadela estavam agora revelando suas identidades à direita e à esquerda. Quem mais seria capaz de desencadear uma série de detonações coordenadas aqui, no coração do Império da Noite, senão as pessoas em quem ninguém suspeitava? Este era um plano em gestação há meses. Não havia outras contingências. Não haveria volta se falhasse. Ela fora empurrada para a escolha definitiva: juntar-se à rebelião e escapar da Cidadela — e ela o faria, pois não restava mais nada para ela ali.

Khaede levou Talasyn ao anexo sul, um dos edifícios periféricos da fortaleza onde ficavam os escritórios administrativos e as salas de armazenamento. Ficava escondido em um canto remoto do complexo principal e, por isso, havia sido abandonado pelos sentinelas, que receberam ordens de proteger estruturas mais importantes.

"É aqui que virão nos buscar." Khaede escoltou Talasyn por uma entrada lateral. "Não há grade de pouso, então teremos que pular pela janela da torre. Espero que ainda se lembre de como pular de janelas de torres, Lachis’ka."

O uso casual e levemente sarcástico de seu título do Domínio fez a pele de Talasyn formigar. Khaede estivera em contato direto com alguém de Nenavar. Deveria ser algo bom, mas, de alguma forma, não parecia. Suas emoções estavam em completo caos.

Havia guardas e escrivães dentro do prédio, mas alguém já passara por ali e

matara a todos. Seus cadáveres sangrentos espalhavam-se pelos corredores, como se Adapa, o Ceifador, tivesse passado em sua colheita solene e indiscriminada. Isso fazia de Talasyn a mão do deus da morte, então? Por que não faria? Ela era o catalisador dos eventos de hoje. Fora ela quem confirmara que a fonte do Voidfell kesathese estava no Repouso de Mahagir, permitindo que os sardovianos fizessem seu movimento.

Culpa dela. Assim como os corpos que haviam caído diante das sombras de seu marido naquela manhã, esses corpos nos corredores também eram todos culpa dela. Haviam sido abatidos para abrir caminho para ela.

Ela e Khaede subiram apressadamente vários lances de escadas curvas até chegarem ao nível mais alto, um espaço amplo e circular. Não havia janelas ali e as lâmpadas haviam sido apagadas. As únicas fontes de iluminação eram os finos estilhaços da luz dourada do dia que espreitavam pelas frestas das diversas portas que revestiam as paredes. Em todo o resto, reinava uma escuridão opressiva que era fria na pele de Talasyn, úmida de suor. Ela parou para recuperar o fôlego, curvando-se sobre os joelhos ardentes.

"Você está fora de forma", observou Khaede com ironia.

Talasyn não — *não conseguiu* — responder, ofegante pelo esforço. E em seu silêncio, ali na penumbra, foi quando ela ouviu.

Abafado por camadas de madeira e pedra, mas completamente inconfundível. Uma melodia de floreios e trilos que ninguém jamais conseguiria esquecer.

Que, para quem nunca a tivesse ouvido antes, poderia soar como uma canção de ninar para um filho perdido há muito tempo.

"Aí está." Os olhos de Khaede estavam rígidos e aguçados na meia-luz. "Aí está o fantasma do anexo sul."

Talasyn tropeçou em direção ao som, com todo o seu ser sobrecarregado pela descrença. Ela abriu uma porta e seu mundo se estilhaçou em um milhão de pedaços ao contemplar o sariman.

Capítulo Vinte e Sete

O pássaro fora muito bem cuidado. Isso era evidente. Ele havia sido colocado em um quarto que, graças à sua orientação e às grandes janelas, recebia abundantes quantidades de luz solar e ar fresco. Embora o sariman estivesse atualmente em pânico devido ao som de explosões distantes — batendo as asas e andando ansiosamente em seu poleiro enquanto gritos melodiosos emergiam de seu bico retorcido —, suas penas lustrosas brilhavam como gemas líquidas derretidas sobre uma estrutura elegante, que engrossara ligeiramente após meses em cativeiro. A gaiola de latão que o continha era novinha em folha, estendendo-se quase do chão ao teto, espaçosa o suficiente para pequenos voos e equipada com uma infinidade de comedouros e ninhos, além de uma generosa bacia de água fresca.

Mas ainda era uma gaiola. Sempre seria uma gaiola. Os kesathianos haviam tirado o sariman do arquipélago de Nenavar e o trancaram ali por quem sabe quanto tempo —

Tempo suficiente para que os Encantadores aprendessem a fabricar um soro de nulificação a partir de seu sangue.

Não era mera suspeita que se instalara profundamente na mente de Talasyn. Era uma certeza, tão fria e desoladora quanto mergulhar através de placas de gelo nas águas escuras abaixo.

Por mais irracional que fosse, ela se apegava a um fragmento de esperança. Talvez houvesse alguma outra explicação...

"Kesath está se preparando para invadir Nenavar, Talasyn", anunciou Khaede suavemente. "Encontrei a sala de guerra há uma semana, enquanto marcávamos as áreas adequadas para explodir. Não lhe contei porque precisávamos que você agisse normalmente perto do Imperador da Noite. Mas agora você sabe."

Sim, pensou Talasyn, entorpecida pela dor enquanto a última tábua de salvação escapava de suas garras. *Agora eu sei.* E todas as memórias doces, frustrantes e deliciosas dos últimos meses transformaram-se em cinzas.

Oryal Ferasai deixara claro que estava trabalhando com alguém além dos conspiradores do Domínio que planejaram o assassinato no baile de máscaras. Alaric e sua comitiva eram os únicos kesathianos que permaneceram em Nenavar tempo suficiente não apenas para capturar um sariman, mas também para colocar o soro nas mãos da daya. Mas como o Império da Noite conseguira,

para começo de conversa, estabelecer contato com Oryal? E, depois disso, por que dar-se ao trabalho de resgatar Talasyn dela?

Talasyn percebeu a resposta para essa última pergunta quase no instante em que a fez. Alaric precisara de uma desculpa para trazê-la de volta com ele para o Continente. Era por isso que ele a forçara a vir, sob o pretexto de mantê-la segura. Ela deveria ser uma refém assim que o Império da Noite voltasse seus navios de guerra para o sudeste. Esse fora o plano de seu marido desde o início. Ela não queria acreditar, mas, para que tudo fizesse sentido — para que o sariman estivesse *aqui* —, ela teria que aceitar que tudo fora uma mentira.

Cada toque gentil e apaixonado. Cada palavra de devoção feroz. Cada olhar que já compartilharam.

Ela não tinha forças nem mesmo para sentir raiva. Sim, havia raiva ali, em algum lugar; ela podia senti-la levemente, fervilhando no fundo da garganta, mas o sentimento que prevalecia — que a consumia agora — era mais como uma resignação pesada.

Mais uma vez, ela não podia afirmar que não merecesse que isso acontecesse com ela. Ela caíra no esquema de Alaric, mas também o induzira à complacência. A Cidadela dele estava atualmente virando fumaça e seus inimigos estavam se aproximando. O jogo virou. Ambos haviam traído astutamente o traidor. Eles eram as lâminas de suas nações.

"Não podemos levá-lo conosco, mas devemos libertá-lo", disse Khaede subitamente, com o olhar fixo no sariman.

"O quê?" Talasyn deu um salto. "Ele vai morrer lá fora." O clima. Os céus estranhos. A ausência de florestas. As skuas, que caçavam outras aves.

"Ele morrerá se continuar trancado aqui quando nossa frota chegar à Cidadela", argumentou Khaede. "Devemos dar a ele uma chance de lutar."

Talasyn engoliu em seco, confrontada com mais uma verdade dilacerante. Ela caminhou até a gaiola e escancarou a porta.

O sariman parou de cantar. Inclinou a cabeça emplumada e encarou o espaço vazio onde antes havia grades, como se aquilo fosse um conceito completamente estranho. Havia um rastro de terror espreitando em seus olhos facetados como joias, e Talasyn se perguntou quanto tempo aquele animal levara para se acostumar tanto ao cativeiro. O que era necessário para fazer uma criatura selvagem temer a liberdade?

Khaede puxava seu braço. Já haviam feito tudo o que podiam pelo sariman. Com o silêncio da ave, um novo som flutuou pela janela — o zumbido de corações de éter. Elas precisavam ir.

Enquanto Talasyn corria para fora do quarto, lançou um último olhar por cima do ombro. O sariman permanecia imóvel, embora a libertação estivesse a

apenas um curto voo de distância. Ela se virou e continuou avançando, deixando a escolha para o pássaro.

Alguns cômodos depois do do sariman, Khaede abriu outra porta — e, com a mesma rapidez, recuou, abaixando-se atrás dela e puxando Talasyn consigo. Vários virotes de besta haviam perfurado a porta de madeira por dentro.

"Sou eu, seus idiotas!" latiu Khaede. O manto amável e subserviente de Erith havia desaparecido completamente de seu comportamento. "Estou com a Talasyn. Tentem atirar n*ela*, eu desafio vocês!"

"Eu não estaria tão disposto a arriscar isso se fosse vocês", murmurou Talasyn enquanto ela e Khaede entravam no quarto.

Nenhum dos dez sardovianos refugiados ali dentro parecia particularmente feliz em vê-la, mesmo enquanto baixavam as armas. Alguns estavam vestidos como guardas da Cidadela, outros como servos. Ninguém parecia familiar para Talasyn. Por quantos daqueles indivíduos ela teria passado nos corredores, quem a teria servido nas refeições? Tudo isso enquanto ela permanecia alheia à conspiração que fervilhava bem diante de seu nariz.

Não havia tempo para conversa. Além da janela, um navio voador estacionava, de fabricação kesathese, com velas pretas e prateadas ondulando ao vento.

"Rápido!" gritou o timoneiro. "Eles estão mobilizando as defesas aéreas agora, mas ainda devemos conseguir passar se formos depressa!"

Khaede gesticulou para que Talasyn fosse a primeira. Enquanto se içava no parapeito da janela, Talasyn notou que os outros sardovianos no quarto da torre ainda estavam em posições defensivas, sem dar qualquer indicação de que a seguiriam.

"Eles ainda têm trabalho a fazer aqui", completou Khaede, adivinhando corretamente a razão da hesitação de Talasyn. "O navio não pode levar todos nós, de qualquer forma. *Vá*, Tal."

E Talasyn compreendeu que aquilo significava que seus companheiros, que haviam neutralizado o anexo sul por ela, teriam que permanecer presos na Cidadela, com seus disfarces expostos. Era, efetivamente, uma sentença de morte.

Mas não havia trepidação no rosto de nenhum deles. Nem um único arrependimento. Pelo contrário, todos pareciam resolutos — talvez até aliviados. O fim estava, finalmente, à vista.

"Traga-nos a vitória, General", disse um dos rebeldes em uniforme de guarda. Ele falava aparentemente para Khaede, mas seu olhar gélido estava fixo em Talasyn. "Nossas almas buscarão abrigo nos salgueiros até que todas as terras

afundem sob o Eversea e nos encontremos novamente."

Como um só, eles fizeram a saudação da Allfold, pressionando as bordas das mãos contra as testas. Um grupo heterogêneo, lutando até o fim, feitos de esperança e fúria. Talasyn mordeu o lábio e saltou, da beira para o convés da aeronave e, por um breve momento, o mundo tornou-se um borrão de ar e céu.

Era fácil entender por que os sardovianos haviam escolhido aquele navio específico para a fuga de Talasyn e Khaede. A função do catamarã na frota kesathesa era de reforço; era veloz, manobrável e adequadamente armado. Também podia carregar uma pequena quantidade de suprimentos e artilharia, graças aos cascos duplos que se expandiam abaixo do mastro em cunhas blocadas relativamente amplas.

Para os propósitos da Allfold hoje, porém, a real vantagem do catamarã era que Talasyn não precisava permanecer no convés, minimizando as chances de alguém a reconhecer.

Ela se agachou no compartimento do casco de estibordo. Não havia escotilhas por onde pudesse olhar; tudo o que podia fazer era tentar adivinhar a trajetória enquanto seu transporte dava solavancos e oscilava. A poucos pés dela, Khaede e dois tripulantes sardovianos da aeronave discutiam como a operação estava progredindo até então.

Pelo que Talasyn ouviu, a Allfold havia cronometrado as explosões de modo que Alaric e metade da Legião Shadowforged estivessem ausentes da Cidadela, enquanto a maior parte da outra metade fora enviada por Gaheris para lidar com os ataques rebeldes que ocorriam em outros pontos do Continente. A frota aliada — composta por navios de guerra de algumas das poucas nações que Vela e seus emissários conseguiram reunir para a causa — aproximava-se rapidamente das costas kesathesas. O catamarã seguia agora para o Repouso de Mahagir, onde se juntaria aos esquadrões encarregados de destruir a fonte do Voidfell do Império da Noite antes que a frota aliada sofresse perdas pesadas.

"Como vamos destruí-la?", Talasyn ouviu a si mesma perguntar, a voz falhando em uma boca seca como serragem.

Khaede dispensou os outros sardovianos. Assim que ela e Talasyn ficaram sozinhas no compartimento, Khaede retirou um pequeno baú de madeira do estoque de caixotes pregados em um canto e o trouxe, agachando-se diante de Talasyn e abrindo a tampa com cuidado.

O ar adquiriu um tom azulado.

Dentro do baú havia sete esferas de vidro metálico com diâmetro ligeiramente menor que o de cápsulas cerâmicas. Cada círculo perfeitamente moldado continha um núcleo fundido de magia do éter, aquela combinação

familiar de safira mesclada com sangue vermelho-rubi e rastros de raios prateados. Em comparação aos núcleos dos potes amplificadores, a proporção de Tempestroad havia sido elevada, com os raios faiscando como tempestades em miniatura. Quase doía olhar.

"Cortesia de Ishan Vaikar, do Domínio", disse Khaede. "Ela envia seus votos por seu retorno seguro."

"O sangue parece diferente", disse Talasyn. Cada fio vermelho que se movia e ondulava na suspensão cintilante parecia estar trançado, como se consistisse em dois elementos distintos que, por acaso, possuíam a mesma cor.

"Isso porque não vem apenas dos sarimanos. Também há sangue espectral ali." Khaede franziu a testa enquanto resgatava a explicação técnica da memória. "Vaikar acredita que, seja lá o que esteja permitindo que o Império da Noite gere um suprimento ilimitado de magia da morte a partir dos poucos núcleos em sua posse, podemos voltar isso contra eles. Todos os corações do vazio de Kesath devem estar conectados de alguma forma, e introduzir essas esferas na fonte principal de energia fará com que a magia dos espectrais transborde para as outras ligações também. Vaikar mencionou algo sobre uma colmeia—"

"Os espaços entre as células", Talasyn completou, com a voz opaca. "Entre o Lightweave, o Shadowgate, o Voidfell e todas as outras dimensões." Era para lá que os espectrais — aqueles macacos do tamanho de uma palma da mão e olhos redondos que ela vira pela primeira vez agarrados aos galhos da árvore ancestral na selva de Nenavar — iam sempre que desapareciam no ar. Era a mesma aethermancy que os Encantadores de Ahimsan haviam usado para criar um mecanismo de segurança para o remanescente de Sardovia, caso os kesatheses se aventurassem perto de seu esconderijo nos pântanos de mangue de Sigwad. Quando foi testada nela, Niamha Langsoune comparou a sensação a estar em um quarto estranho onde todas as luzes estavam apagadas. "Então, se detonarmos a fonte do Voidfell com essas esferas..."

"Isso criará uma ressonância", disse Khaede. "A magia dos espectrais afetará todos os navios de guerra kesathese armados com canhões do vazio. Eles serão puxados para o espaço etéreo sem qualquer saída."

No quesito soluções, esta era tão elegante e engenhosa quanto apenas Nenavar poderia conceber. O Domínio podia ter pouca experiência com a guerra, mas seu nível tecnológico permitia uma devastação inimaginável. Talasyn não pôde evitar o recuo, encolhendo-se sobre si mesma.

Foi sua própria reação involuntária que a pegou de surpresa. O que era aquela culpa horrorizada que ela sentia? Kesath merecia tudo o que estava por vir. Se o Allfold e o Domínio não atacassem, o Império da Noite o faria primeiro. Então, por que ela estava se contorcendo em nós diante da perspectiva

de milhares de soldados inimigos presos no nada do espaço etéreo para sempre?

Eles fizeram coisas piores com você e os seus, insistiu a parte dela que ainda cambaleava diante da duplicidade de Alaric. A parte que estava dolorosamente consciente de que agora estava ali com sua amiga mais antiga, que ficara viúva na noite de núpcias.

Ele *já fez pior.*

Talasyn estava exausta. Não queria mais pensar. Encostou-se na antepara e observou Khaede guardar o baú de esferas. "Chamam você de *general*."

Khaede deu de ombros. "Quase não restou ninguém. A maior parte da alta cúpula morreu durante a guerra. Quando voltei ao Continente, a base que encontrei precisava de um líder. Então, esse papel recaiu sobre mim."

"De *onde* você voltou?", insistiu Talasyn. Pois certamente, aqui e agora, equilibradas na beira do fim de tudo, Khaede poderia finalmente contar a ela.

E ela contou.

"Valisa", disse Khaede, e uma onda do que parecia ser tanto temor quanto luto varreu o coração de Talasyn. "Depois da batalha de Lasthaven, surgiu uma voz na minha cabeça. Ela não parava de gritar. Insistia que permanecer no Continente significaria a morte. Acho que eu estava um pouco louca — Sol se fora, você e eu fomos separadas, a guerra estava perdida. Tudo o que eu sabia era que não podia deixar meu filho morrer aqui". Ela olhava para Talasyn, mas parecia enxergar algo completamente diferente. Talvez o passado, as longas sombras de seu sofrimento. "Então roubei um coracle de lobo e naveguei para o oeste. Sem destino em mente, sem ideia do que fazer assim que parasse de vez. Recarreguei os corações de éter em cada porto onde me permitiam trocar trabalho por magia. Nunca fiquei em lugar nenhum por muito tempo, paranoica de que os Kesathese de alguma forma soubessem que uma de suas naves aéreas fora avistada tão longe a oeste. Eventualmente, cheguei a uma parte do mundo que era apenas oceano. Não havia terra à vista, nem outras embarcações, nem lugar para recarregar. Voei até que a magia se esgotasse, e meu coracle caiu no Eversea".

Talasyn sequer conseguia imaginar. Toda aquela corrida para lugar nenhum, durante semanas a fio, e então aquela descida fatal sob as ondas, a água escura fechando-se sobre sua cabeça. Ela sentiu vontade de implorar que Khaede pulasse para a parte em que era resgatada, onde ela e seu filho estariam seguros, mas sua amiga fora quem suportara todo aquele sofrimento e agora estava disposta a falar sobre isso. O mínimo que Talasyn poderia fazer era ouvir.

"Não sei quanto tempo fiquei lá fora. Não conseguia acompanhar." O tom de Khaede tornou-se mais frio, como sempre acontecia sempre que ela se permitia ser vulnerável. "O navio afundou depois de um tempo. Eu apaguei e

depois fui parar na praia de uma propriedade costeira que pertencia à família de Sancia Ossinast. Embora ela tenha voltado a usar o nome de solteira e agora seja Sancia Elidan."

"Você... você a conheceu?" Talasyn indagou com a voz rouca. A mãe de Alaric. A ex-Imperatriz da Noite. A mulher que o assombrava.

Khaede assentiu. "Quando acordei e falei em Comum de Marinheiro, ela quase me expulsou. Ela reconheceu o sotaque. Achou que eu tinha sido encarregada por Gaheris de trazê-la de volta. Mas resolvemos isso rapidamente e... e eu fiquei doente por muito tempo. Meu filho nasceu prematuro. Foi apenas graças à Casa Elidan e seus curandeiros que nós dois sobrevivemos. Deixei-o em Valisa e retornei ao Continente para vencer a próxima guerra por ele." Ela observou Talasyn como se ponderasse a prudência de suas próximas palavras antes de prosseguir. "Não há um único traço da aparência de Sancia em seu marido, sabe. Ossinast é a cópia fiel do pai."

Talasyn abraçou os joelhos com mais força contra o peito.

"Eu acho" — Khaede estava estranhamente hesitante — "acho que guardei rancor de você quando soube que você tinha ido reivindicar seu direito de primogenitura e se casado com o Imperador da Noite enquanto eu passava por tanta coisa. Antes de Ideth Vela entrar em contato, eu realmente pensei que você tivesse se tornado uma traidora. Sinto muito."

"Você planejou o ataque na minha coroação, então, General?" Talasyn perguntou.

"Não. Os outros oficiais planejaram. Eu fui contra desde o início."

O mundo inclinou-se para cima, o que significava que o catamarã estava ganhando altitude. Eles haviam escapado da Cidadela, haviam ultrapassado as muralhas de pedra em algum momento, aproveitando-se com sucesso do caos nas fileiras do Império da Noite. Talasyn não percebeu até aquele momento que, na verdade, não esperava que eles conseguissem.

"Mas e se eu dissesse que *tinha* planejado?" Khaede continuou, observando-a atentamente. "Isso faria alguma diferença?"

Talasyn balançou a cabeça. Ela já havia perdido Alaric. Se cortasse os laços com Khaede, não lhe restaria mais ninguém. Ela fechou os olhos e então ela estava—

Não poderia ser chamado de choro. Chorar, por definição, exigia a presença de lágrimas. Seu rosto permanecia seco mesmo enquanto sons sufocados arranhavam o caminho para fora de seu peito. Isso, aparentemente, era a sensação de ter o próprio ser estilhaçado como um osso. Ela não queria detonar a fonte do Voidfell e enviar os soldados de Alaric para a perdição. Mas também não podia permitir que ele invadisse Nenavar ou esmagasse o que restava de

Sardovia. Mais daqueles sons definhados e convulsivos foram arrancados dela, ecoando pelo compartimento. Ela tremia por inteiro; aquela linha tênue entre o pânico cego e os últimos vestígios de fortitude que a mantinham íntegra começava a ser consumida pelas chamas.

"Talasyn." Khaede estava diante dela, pousando as mãos em seus ombros para estabilizá-la. "Temos que superar isso. Nós *vamos* superar. A Casa Elidan tem laços estreitos com o rei deles, e ele também está enviando navios de guerra — em retribuição ao que Gaheris fez a uma filha de Valisa. Mais nações estão nos ajudando do que pensávamos ser possível há apenas um ano. Todos contam conosco e não podemos decepcioná-los. Talasyn, ouça-me." Assim como os sardovianos que haviam sido deixados para trás no anexo sul, as feições de Khaede eram tão sombrias e determinadas quanto o aço, mas seus olhos estavam febris com o desfecho que se avistava. Com os novos dias que estavam por vir. "O nome do meu filho é Nisandros. Significa 'vitória' na língua de Valisa. Nesse nome, depositei toda a minha esperança. Portanto, não desista de mim agora, porque — eu lhe prometo — nós venceremos."

Capítulo Vinte e Oito

Gongos reverberavam por toda a *Deliverance*, seus tons metálicos acentuados por centenas de passos estrondosos enquanto a tripulação corria para seus postos e os timoneiros para suas canoas de lobo, onde todos aguardariam a ordem do Imperador da Noite. Ninguém sabia *exatamente* o que estava acontecendo, mas havia uma mistura palpável de apreensão e excitação no ar. A Allfold de Sardóvia finalmente havia saído do esconderijo. Tudo acabaria logo.

Em meio ao turbilhão de caos ordenado, Alaric dirigiu-se à ponte da nave de tempestade com passos largos. Oficiais kesatheses se reuniram ao redor dele. Alguns já faziam parte da cadeia de comando da *Deliverance*, mas outros haviam sido despachados apressadamente por superiores acuados de regiões outrora pacíficas que agora se tornaram frentes de batalha.

Apesar da crise, os oficiais mantiveram seu treinamento meticuloso. Eles apresentaram seus relatórios um após o outro, de maneira ágil, porém organizada. Alaric ouvia, mantendo toda a aparência exterior de calma, mesmo enquanto sua mente corria. Mesmo enquanto sua boca tremia por trás da máscara de rosnado de lobo. Em algumas cidades e vilarejos, a população pegara em armas, tomando prédios governamentais. Em outros, as forças de guerrilha sardovianas haviam emergido de colinas e florestas e aberto fogo indiscriminadamente. Um dos oficiais na ponte chamou aquilo de *uma erupção de revoltas* e, embora Alaric não tivesse objeções ao termo . . .

Uma erupção era um sintoma. Indicava que havia algum mal maior assolando o corpo. Para que tantos ataques terrestres estivessem acontecendo simultaneamente, em áreas que aparentemente haviam sido visadas sem rima nem razão, muitas delas longe de bases militares ou umas das outras—

"Tudo isso é uma distração", disse Alaric. "Eles querem nossas forças dispersas. Enviem todas as naves de tempestade, os encouraçados do vazio e seus regimentos anexos para guardar as costas."

"Mas, Vossa Majestade", protestou outro oficial, "Sardóvia não tem mais nenhuma frota. Como eles seriam capazes de atacar pelo mar?"

Alaric lançou um olhar cortante ao homem infeliz. "Não tenho tempo para explicar estratégia a um idiota que obviamente reprovou nessa disciplina específica. *Faça.* A Legião Forjada nas Sombras e todos os nossos outros navios de guerra podem lidar com as escaramuças em terra."

Enquanto a maioria dos oficiais se apressava para cumprir suas ordens, ele

agarrou o corrimão e encarou com fúria o céu além dos painéis de vidro metálico, banhados pela luz do sol recém-nascido. Para qual costa deveria levar o *Deliverance*? Tinha que ser onde a frota principal de Sardóvia tivesse a maior chance de atacar. O norte era improvável, pois não havia áreas de mobilização por lá, exceto por terras devastadas cobertas de gelo. O sudeste estava fora de questão; Nenavar os teria detectado e alertado Kesath . . .

Mas tudo isso assumindo que Sardóvia tivesse sequer conseguido montar uma frota, para começar. Se realmente não tivessem conseguido, seria simples mover os navios-tempestade e os encouraçados de vazio para o interior por todas as direções, subjugando os ataques terrestres.

Era um plano sólido. Um que morreu rapidamente quando seu ajudante veio correndo em sua direção.

"Imperador Alaric!" Os braços esguios de Nordaye estavam carregados com uma pilha de correspondências que diminuía de tamanho à medida que mais e mais papéis eram derrubados por seu passo frenético, folhas de velino espalhando-se por todo o chão. "Bombardeios — na Cidadela", ele arquejou, parando diante de seu suserano. "As planícies também. Cinco navios-tempestade gravemente danificados—"

Alaric deveria ter perguntado primeiro se algum dos navios-tempestade do vazio havia sido afetado. Nos últimos meses, trinta embarcações da frota de cinquenta navios-tempestade de Kesath haviam sido gradualmente remodeladas para incorporar a magia do vazio em seus canhões. Particularmente, ele considerava aquilo um exagero, mas Gaheris insistira que o Império da Noite tivesse esse ás na manga. Eles precisavam desesperadamente disso hoje, ao que parecia, e Alaric estava bem ciente de quais eram suas responsabilidades.

Mas sua mente já havia ficado em branco ao mencionar bombardeios onde sua esposa estava. Ele se voltou para o capitão do *Deliverance*, que estava parado ao lado aguardando instruções. "Trace rota para a Cidadela."

O capitão piscou. "Senhor? E quanto às costas—"

Alaric estava completamente farto de subordinados que o questionavam. Ele abriu a boca para dar um esporro no capitão mas, naquele momento, mais uma folha de velino escorregou da pilha de Nordaye, flutuando até pousar aos pés de Alaric. Ele avistou, escrito a tinta, o nome do ancião que conhecera em Grand Bight. Por que Zawye estaria escrevendo para ele?

"Não tem importância, Vossa Majestade", disse Nordaye, seguindo o olhar intrigado de Alaric. "Eu trazia a correspondência da manhã para o senhor quando as emergências eclodiram. É apenas o Ancião Zawye enviando seus agradecimentos."

"Pelo quê?"

Alaric recolheu a carta do chão. Nos dias seguintes, ele jamais seria capaz de explicar nem mesmo a si mesmo por que o calafrio de tal pressentimento o dominou, tão desprevenido quanto estava então, enquanto lia o que Zawye escrevera. Ele percorreu rapidamente a linguagem formal e rebuscada, as linhas individuais fundindo-se em sua consciência à medida que o peso das implicações gerais recaía sobre ele.

Rogo que Sua Majestade, em sua infinita graça, possa perdoar a presunção deste humilde e velho servo que ousou buscar um favor da exaltada consorte . . .

Todos os louvores à Imperatriz da Noite por sua bondade e eterna gratidão a Sua Majestade por considerar meu pedido . . .

Espero ter notícias de minha filha em breve . . .

Talasyn falara com Zawye durante o banquete. Ela prometera fazer com que Alaric verificasse o bem-estar da filha do homem, que estava destacada no Descanso de Mahagir. Mas ela não mencionara isso a Alaric em momento algum.

Havia inúmeras razões justificáveis para isso, ele tentou racionalizar a princípio. Eles haviam sido interrompidos pelas notícias da batalha de Shipsbane antes que ela pudesse discutir o pedido de Zawye com ele.

Mas ele conhecia bem demais a esposa. A compaixão que espreitava sob seu temperamento impulsivo e língua afiada. A preocupação de um pai por sua filha, quando ela mesma ansiara encontrar sua família a vida inteira. Aquilo teria sido a prioridade na mente de Talasyn, e ela teria mencionado a Alaric no exato segundo em que estivessem a sós.

Contudo—ela não o fizera. O interior de seu peito pareceu ser escavado por uma faca congelada.

"Mudei de ideia", rosnou Alaric para o capitão do *Deliverance*. "Trace rota para o Descanso de Mahagir."

A ilha não passava de uma mancha no mapa, moldada como uma gota de tinta borrada sobre o veludo azul profundo do Eversea. Diferente das praias brancas e imaculadas de Nenavar, suas areias tinham a cor opaca de cascas de amendoim, e as rochas irregulares espalhadas por toda a sua extensão eram vermelhas como ferrugem. Esta era a ilha onde se dizia que Mahagir Coração-de-Sabre, o deus continental da guerra e do valor, exalara seu último suspiro. Onde sua amante Vatara, a deusa do vento, arrancara de seu peito a espada que estancara uma ferida de mil anos, concedendo-lhe a paz que ele tanto buscara.

Durante a infância, Talasyn nunca tivera tempo de acreditar nas divindades do Continente; cada dia fora uma luta para sobreviver naquele mundo. Mas

Khaede vinha de uma vila de pescadores no que outrora fora a Costa de Sardovia, e Talasyn compreendeu que aquilo era dor, a expressão que cruzou o rosto da amiga enquanto permaneciam no convés do catamarã, semicerrando os olhos para a ilha, aquele lugar sagrado que agora abrigava uma grande base militar e era o palco de uma batalha feroz entre as forças do Império da Noite e da Allfold.

A embarcação deles começou a descer e Khaede escondeu a expressão atrás de um elmo de obsidiana manchado de sangue, fazendo então um sinal para que Talasyn fizesse o mesmo. A tripulação do catamarã havia se infiltrado no Shipsbane nas primeiras horas da manhã e recuperado os corpos de duas legionárias, tudo para que Talasyn e Khaede pudessem passar despercebidas pelas fileiras inimigas durante o cerco dos sardovianos ao Repouso de Mahagir.

Era uma sensação pavorosa, vestir a armadura de uma mulher morta. Além disso, o elmo era um tamanho maior que o de Talasyn, pendendo desajeitadamente pelas laterais do pescoço. Ela e Khaede definitivamente não enganariam nenhum legionário — todos se conheciam e sabiam a quem pertencia cada estilo de armadura —, mas, com sorte, o disfarce resistiria ao escrutínio de meros soldados rasos pelo tempo que fosse necessário.

Do alto, cerca de três quartos do Repouso de Mahagir eram um caos de vegetação rasteira e não cultivada. A base kesathese ocupava a fatia ocidental da ilha; o edifício principal fora esculpido na rocha vermelha ao redor, mas sua arquitetura lembrava a Cidadela, pontuada por espiras grossas, sendo que a do centro elevava-se sobre as demais, com a forma de um bulbo de lótus. Essa fortaleza projetava-se a partir de um ninho baixo de quartéis e latrinas construídos às pressas, e em toda parte o chão fervilhava de combatentes. Reforços aéreos, na forma de coraçóis de lobo, vinham navegando do continente, e nesse fluxo de prata e preto o catamarã integrou-se perfeitamente ao descer dos céus para dentro da contenda.

Elas não podiam usar o transceptor de aetherwave do catamarã para se comunicar, pois ele estava sintonizado na frequência do Império da Noite, mas podiam ouvir as transmissões que voavam de um lado para o outro, relayando notícias de todos os cantos do Continente.

"Avistaram o *Vento de Verão* aproximando-se do sul", gritou um dos Encantadores para Talasyn e Khaede, nomeando o navio-almirante de Ideth Vela. "Estão confusos porque ele vem acompanhado de embarcações de Midzuli".

O pulso de Talasyn acelerou enquanto ela se agarrava ao mastro para manter o equilíbrio enquanto o catamarã fazia uma curva acentuada contra o vento. Os Senhores das Brasas de Midzul haviam sido fiéis à palavra. Haviam enviado navios de guerra e Dançarinos do Fogo em troca da promessa de cristais

de aether assim que a guerra fosse vencida.

"Haverá muita confusão na costa oeste também", disse outro Encantador, com tom divertido, "assim que virem a coalizão liderada por Valisa navegando em direção a eles. Quase gostaria de estar naquela sala".

Como Alaric se sentiria ao saber que o país de sua mãe estava atacando o dele? O estômago de Talasyn despencou junto com o catamarã enquanto ele descia em direção à fortaleza vermelho-ferrugem, desviando-se o suficiente para que Talasyn e Khaede saltassem do convés para uma varanda no segundo andar, ocupada por soldados kesathese que disparavam bestas contra os rebeldes sardovianos abaixo.

Era incrível o que a mente humana conseguia aceitar como correto, desde que se vestisse o uniforme adequado. Não importava que os Forjados nas Sombras geralmente não levassem espadas físicas para a batalha — nem mochilas de couro penduradas nos ombros. Tudo o que aqueles soldados sabiam era que duas figuras na armadura temível da Legião haviam chegado em um catamarã do Império da Noite, então houve apenas acenos de reconhecimento e atualizações gritadas sobre os movimentos dos sardovianos para receber Talasyn e Khaede. As duas mulheres deslizaram rapidamente pelas fileiras, logo se vendo correr por um corredor de pedra longo e estreito.

E então outra, e depois mais outra. O caminho a seguir zigzagueava e se ramificava. Teria sido impossível determinar para onde ir se não fosse por aquele som revelador: o rugido grave do Voidfell, ecoando pelo labirinto da mesma forma que o trovão e as ondas haviam capturado Talasyn em sua canção selvagem enquanto ela navegava por aquela traiçoeira caverna de calcário em busca de Alaric — há tanto tempo agora, parecia. Ela e Khaede seguiram o coro profundo por todo o caminho até uma câmara central que, considerando sua localização, *tinha* que estar alojada diretamente dentro da torre em formato de bulbo de lótus da fortaleza. Um lugar cavernoso, isolado da batalha feroz além das muralhas.

Em um canto jaziam os restos opalescentes e desmantelados da coracle de mariposa que Alaric roubara da guarnição em Belian. Talasyn não ficou surpresa ao vê-la, mas a visão daquelas velas azuis penduradas inertes, com os dragões dourados neles estampados em farrapos, acendeu uma centelha da fúria que estivera encolhida dentro dela, latente em meio a todo o choque e pesar das últimas horas. No centro da sala estavam os corações do vazio que os kesatheses haviam arrancado dos canhões dos alindari — dez ao todo, cristais de éter cintilantes que haviam sido lapidados, ao estilo de Nenavar, no formato de estrelas. Brilhando em um tom violeta vibrante com a magia da morte que surgia em seu interior, eles flutuavam a alguns metros do chão, orbitando uns aos

outros como corpos celestes, suspensos nas correntes brancas e escaldantes da Estrada da Tempestade.

O relâmpago originava-se de um dispositivo instalado no chão que se assemelhava muito a um transceptor de aetherwave, embora fosse doze vezes o tamanho habitual.

Talasyn tinha que admitir o mérito dos kesatheses. Na verdade, até mesmo Nenavar teria ficado relutantemente impressionada. Os Encantadores do Império da Noite conseguiram multiplicar suas limitadas reservas de Voidfell aproveitando a capacidade da Estrada da Tempestade de viajar pelo espaço etéreo por grandes distâncias. A magia da tempestade podia retransmitir uma voz para dezenas de transceptores na mesma frequência; agora, estava sendo usada para transmitir a energia dos dez corações do vazio para as centenas de cristais de éter distribuídos por toda a frota couraçada.

Por outro lado, poderia alguém esperar algo menos do que tal feito das mesmas pessoas que inventaram os navios-tempestade?

Havia cinco Encantadores reunidos ao redor do dispositivo, mexendo diligentemente em alavancas e mostradores. Um sexto estava no topo de uma escada de aço negro de seis metros de altura, observando atentamente a interação entre o Voidfell e a Estrada da Tempestade abaixo dele, com a testa franzida.

Khaede não perdeu tempo em caminhar até eles, não deixando outra escolha a Talasyn senão fazer o mesmo.

"Nossa." A única mulher entre os Encantadores estalou a língua, mal desviando o olhar de sua tarefa enquanto Talasyn e Khaede se aproximavam. "As coisas estão tão ruins lá fora que tiveram que chamar a Legião?"

"Sim." Emoldurados pela viseira do capacete, os olhos de Khaede se estreitaram em fendas. Eles brilhavam com puro ódio, refletindo a luz ametista do Voidfell. "E as coisas vão ficar muito piores para vocês."

Diante disso, os seis Encantadores tensionaram-se, olhando para ela bruscamente. Mas, a essa altura, ela já estava sacando sua espada.

O que aconteceu a seguir não foi uma batalha. Isso implicaria que os oponentes tivessem alguma chance. Além de serem pegos desprevenidos, nenhum Encantador Continental possuía experiência significativa em combate ativo e — pior ainda — Khaede atacou com uma ferocidade que até Talasyn teria dificuldade em conter, caso se voltasse contra ela. Khaede abateu dois dos Encantadores antes mesmo de Talasyn terminar de cravar sua própria espada no estômago de sua primeira vítima. Em meio aos espasmos da morte, em meio ao jorro viscoso de todos os fluidos e vísceras que sacos de carne podem conter, Khaede movia-se como se estivesse possuída pelo próprio Mahagir. Ela lutava como se fosse ver Sol ao final de tudo.

Assim que quatro dos Encantadores jaziam sem vida a seus pés, Talasyn deixou que sua amiga cuidasse do único sobrevivente ferido que tentava rastejar para longe. Ela subiu a escada correndo em direção ao sexto Encantador, enquanto o homem tateava o punho de uma faca sob as vestes. Talasyn não permitiu que ele a sacasse; com um único golpe de sua lâmina através do peito dele, o homem caiu para trás, atravessando o parapeito, com o sangue no carmesim profundo de um eclipse.

Ela não observou o corpo atingir o chão abaixo. Não havia tempo. A essa altura, os couraçados do vazio já estariam navegando para enfrentar a frota aliada de frente. Combinando magia da morte com os navios de tempestade, Vela e os outros não teriam a menor chance.

Talasyn removeu a mochila de couro dos ombros e pescou uma esfera espectral. Estava quente ao toque, pulsando fracamente contra a curva de sua palma como um coração preso em vidro. Houve um som como vários trovões em sucessão rápida e um novo lampejo surgiu na tempestade cintilante no canto de seu olho, indicando que Khaede havia despachado o último Encantador e agora arremessava sua parte das esferas no redemoinho de Voidfell e da Estrada da Tempestade. E, de fato, quando Talasyn observou o campo de raios salpicados de ametista abaixo da escada, as correntes haviam sugado os quatro globos de vidro metálico para o centro e agora os devoravam, com núcleos de chuva e sangue vazando de fragmentos cristalinos em desintegração.

A esfera na mão de Talasyn logo sofreu o mesmo destino, assim como a segunda de sua mochila. Mas, ao se preparar para lançar a última das sete esferas, algo a fez hesitar.

Ela pensava no ódio nos olhos de Khaede pouco antes. Pensava em todos os kesatenses que enviaria à perdição em um único golpe, um último movimento de seu braço. Pensava em Alaric e em como, assim como ele tinha uma nação que precisava proteger, ela também tinha.

Filha de dois mundos, imperatriz de um terceiro que os destruiria. Não havia dúvidas sobre o que deveria acontecer a seguir.

Mas ainda assim—

Segurando a última esfera na mão, Talasyn olhou para Khaede. No momento exato, a outra mulher exigiu: "O que você está *fazendo*?", em um grito estridente. "Alguém certamente entrará aqui logo, temos que terminar isso e *ir*!"

"Prometa-me", disse Talasyn com a maior calma que conseguiu, embora também tivesse que elevar a voz para ser ouvida acima do clamor da magia. "Jure-me que, depois disso, a Allfold sardoviana cumprirá sua palavra e poupará a vida do meu marido."

Khaede recuou. Era uma linha sendo traçada na areia. A distância entre as

duas, que Talasyn tentara tanto diminuir desde que se reuniram, agora se alargava novamente. Mas se ela não tivesse escolha a não ser trair Alaric — então não teria escolha a não ser fazer isso *por* ele também.

"Tudo bem", Khaede finalmente cuspiu as palavras, e foi um alívio vergonhoso que o capacete da legionária ocultasse sua expressão. "Sardóvia cumprirá sua palavra. Eu juro pelos seus deuses e pelos meus."

Alaric dissera a mesma coisa para Talasyn certa vez, enquanto jaziam entre as pedras e o luar das ruínas do santuário no pico de Belian. *Eu juro pelos seus deuses e pelos meus.* Ela lembrava-se de ter ficado surpresa por Kesath e Sardóvia usarem as mesmas palavras de juramento. Como desejava poder voltar ao tempo antes daqueles dias, quando toda a Legião Forjada nas Sombras era anônima e sem rosto, e seu mestre ainda não havia se esculpido em seus tendões.

Tarde demais, agora.

Ela estendeu o braço sobre a parte do parapeito que dava vista direta para a fonte do Voidfell e deixou a esfera cair naquela confusão turbilhonante e crepitante lá embaixo.

Pareceu cair em câmera lenta, embora, na realidade, deva ter acontecido num piscar de olhos. Talvez fosse o peso de sua escolha que arrastava o próprio tempo. O vidro capturou o brilho do Voidfell, lançando fragmentos de ametista pelo ar sombrio, e então afundou no campo de raios, onde se juntou aos seus semelhantes em seu constante estilhaçamento.

Por um breve momento, as sete esferas pairaram como sete luas sendo roídas por uma multidão de dragões de dentes afiados em um céu de morte e tempestade. Assim que todos os vestígios de vidro desapareceram, a magia de Nenavar transbordou e integrou-se totalmente ao fluxo de Kesath. A mistura de sangue sariman e espectral emaranhou-se com o Voidfell e disparou através dos rastros cintilantes da Estrada da Tempestade. O éter rugiu dentro de suas margens e, no topo da escada, a visão de Talasyn foi preenchida por um esplendor tempestuoso enquanto o interior de sua mente era tomado pelo horror do que ela havia feito — as imagens mentais, vívidas em sua acusação, de todos aqueles navios do Império da Noite e suas tripulações navegando em direção ao inimigo enquanto uma nova guerra despontava, apenas para serem brutalmente arrancados do mundo material e lançados em um nada sem peso, perdidos, condenados a vagar para sempre, à deriva nas estranhas trevas entre dimensões que nenhum ser humano deveria jamais trilhar.

Capítulo Vinte e Nove

Talasyn não se lembrava de ter descido a escada. Em um momento ela ainda estava lá; no seguinte, já estava ao lado de Khaede. Seu corpo agia por instinto, operando apenas devido à lógica indiscutível do que precisava acontecer a seguir. Ela e Khaede pararam na base do dispositivo, olhando para um vórtice de relâmpagos que agora estava salpicado de gotas rubras cintilantes, enquanto sangue espectral corria pela Estrada da Tempestade.

"Isso realmente funcionou?", Khaede perguntou em voz alta.

Talasyn sabia do que o Domínio era capaz. Tinha funcionado. Ela sentia isso em seus ossos. Tinha castigado Alaric pela execução, mas agora a contagem de corpos dela superava em muito a dele. E agora ela e Khaede precisavam sair dali, pois a cacofonia da fonte de Voidfell tornara-se mais alta e estridente, e havia um ruído agudo que não existia antes, graças à nova magia adicionada à mistura.

Exatamente na hora, as portas de pedra se abriram e um grupo de soldados invadiu a câmara. "Perdoem a interrupção", disse o sargento, "mas o que vocês estão *fazendo* aqui? Há uma batalha em—"

Ele estava se dirigindo aos Encantadores. Sua boca se fechou abruptamente e ele empalideceu ao perceber que todos estavam mortos.

Talasyn e Khaede dispararam em corrida.

Ficara acordado que o catamarã passaria para buscá-las na torre mais a oeste da fortaleza. Elas saíram disparadas da câmara de Voidfell e seguiram naquela direção geral enquanto os soldados as perseguiam. Os disfarces provaram seu valor; encontraram mais kesatheses em seu caminho, mas conseguiram despistá-los durante os momentos iniciais de confusão.

Havia uma passarela conectando a torre central à que ficava a oeste, aberta ao céu. Talasyn a havia avistado quando o catamarã se aproximou da base e logo ela e Khaede irromperam nela, saindo do interior mal iluminado da fortaleza para—

Mais luz tênue. Os céus acima do Descanso de Mahagir estavam cinzentos como ferro. Havia uma sombra sobre o mundo. O passo de Talasyn vacilou enquanto a chuva respingava em seus cílios e ela olhou para cima — olhou diretamente para a barriga de um navio-tempestade do Império da Noite.

E não era *qualquer* navio-tempestade.

O que a *Deliverance* estava fazendo ali?

As lágrimas que a haviam evitado anteriormente agora ameaçavam transbordar. Se Alaric a visse, ou a Khaede, do ar, ele saberia imediatamente que algo estava errado. Ele estivera na batalha de Shipsbane; saberia que os donos originais daquelas armaduras já haviam morrido. Ela correu mais rápido, ultrapassando Khaede, com os pulmões ardendo pelo esforço, pelo peso do couro e da cota de malha desconhecidos. Cenas de devastação total desenrolavam-se sob seus pés; o navio-tempestade de Alaric voltara seus canhões de relâmpagos contra as embarcações sardovianas, e a maioria dos combatentes que ainda se moviam em terra usava uniformes pretos e prateados. Mas, desde que o catamarã tivesse sobrevivido ao ataque — desde que Talasyn conseguisse alcançar a torre oeste — tudo ficaria bem.

Com arquejos profundos, ela e Khaede deslizaram para baixo do arco de entrada da torre, as solas de suas botas escorregando na chuva.

Mas era um beco sem saída. Um grupo de soldados bloqueava a abertura na outra extremidade da estrutura cônica e fechada, com suas bestas já miradas nos intrusos.

Talasyn esquivou-se da primeira salva. Khaede não teve a mesma sorte; um virote de ferro raspou a lateral de seu elmo com um estalo nauseante. Talasyn gritou o nome da amiga e seu coração congelou. Ele só voltou a bater quando Khaede arrancou o elmo da cabeça e o arremessou contra o besteiro que a havia atingido. O sangue escorria de um ferimento em sua têmpora, mas parecia ser um corte superficial, e não havia lentidão em seus movimentos enquanto ela e Talasyn investiam contra seus inimigos.

Os soldados eram recrutas novatos ou estavam enferrujados quando se tratava de combate. Lutadores experientes sabiam que bestas não serviam para lutas corpo a corpo, a menos que se tivesse uma mira perfeita. Talasyn e Khaede abateram a maioria deles enquanto eles lutavam para recarregar. Como era fácil matar novamente. Com que rapidez um estômago podia ser aberto e um braço decepado pelo fio de uma lâmina.

Com que facilidade navios inteiros podiam desaparecer no breu sem nome.

Talasyn mal conseguia enxergar algo através do sangue quente que escorria por sua viseira. Ela piscou para afastar a névoa o melhor que pôde — bem a tempo de ver sua visão se estreitar na faca que descia em sua direção.

Aconteceu de novo; ela ergueu a mão para conjurar um escudo que não veio. Seus reflexos ainda eram teimosos em sua esperança fútil. A faca ricocheteou no material resistente das braçadeiras do legionário e perfurou o couro mais macio que cobria seu braço. Ela gritou, e o soldado avançou contra ela novamente . . .

E Khaede surgiu por trás e desferiu um golpe de espada, decepando a

cabeça do homem de seus ombros. Banhando Talasyn em seu sangue.

Ela havia esquecido disso, acima de tudo — a imundície da guerra. Sabia que esfregaria a pele até ficar em carne viva por semanas a fio depois disso, sentindo que jamais conseguiria se limpar o suficiente.

Se *houvesse* um depois.

Se ela e Khaede conseguissem sair dali vivas.

Não havia nenhum navio aéreo esperando por elas na outra extremidade da agulha. Apenas chuva incessante e vento uivante. Elas colocaram as cabeças para fora da abertura, apertando os olhos diante da escuridão riscada por relâmpagos. Procurando em vão por aquela silhueta familiar.

Mas não havia nada. A chegada da *Deliverance* mudara completamente o rumo das coisas. O único meio de escape delas provavelmente fora esmagado contra as rochas pelas vendavais mágicos ou desintegrado pelos canhões da Estrada da Tempestade.

Ele não pode me encontrar aqui. O pensamento gritava na cabeça de Talasyn, abafando até a tempestade. Apesar de tudo o que Alaric fizera, ela ainda não seria capaz de suportar aquilo. Ela se voltou para Khaede, para perguntar se deveriam simplesmente pular.

E foi então que ela percebeu que não estavam mais sozinhas com os homens que haviam matado.

Mais soldados swarmavam para dentro da agulha. Quatorze ao todo, barricando o arco por onde Talasyn e Khaede haviam entrado. Alguns mantinham as duas mulheres na mira de suas bestas; outros haviam desembainhado suas lâminas.

Com Khaede espelhando seus movimentos, Talasyn recuou lentamente até que sua coluna encontrasse a borda da abertura e ela não pudesse ir mais longe — a menos que saltasse. Ela lançou um olhar furtivo para trás e para baixo e imediatamente descartou esse plano. A superfície plana mais próxima era a rocha sólida na base da fortaleza, longe demais para que a queda fosse sobrevivível. Elas estavam encurraladas.

Uma figura de barba espessa, vestindo uniforme de oficial, abriu caminho até a frente do bloqueio. Seus olhos se arregalaram ao ver o rosto nu de Khaede.

"Você está viva", disse o Comodoro Darius.

"Você também, para minha infelicidade", rosnou Khaede.

"Encantadora como sempre." Darius assentiu para seus homens e vários avançaram para algemar Talasyn e Khaede, forçando-as a ficar de joelhos.

Não havia esperança em lutar, não quando não havia espaço para manobrar, não quando tantas bestas estavam mirando. Havia um tipo especial de dor em ser capturada por Darius, o antigo segundo em comando de Ideth Vela que se tornara

traidor nos dias finais da guerra. Ele fora um homem bondoso e meticuloso, que tratara tanto Talasyn quanto Khaede com indulgência, apesar de suas naturezas cáusticas. Fora ele quem encontrara Talasyn nas ruínas de Hornbill's Head e a levara aos regimentos sardovianos, proporcionando à sua versão mais jovem e perdida um abrigo e um senso de propósito.

Agora, ele a estava colocando em correntes, e ela temia o momento em que ele ordenaria que removesse seu elmo.

Mas aquilo era *nada* comparado ao pavor que a atingiu quando o grito gutural do Shadowgate ecoou vindo da frente, pulsando através da chuva torrencial, no exato momento em que um soldado alertou Darius em tons apressados: "Comodoro, o Imperador da Noite chegou".

Não.

Todas as veias no corpo de Talasyn congelaram. Cada pequena coisa que ela se recusara a sentir desabou sobre ela de uma só vez enquanto os soldados se abriam para dar passagem a Alaric, que entrou na agulha com olhos prateados cintilantes, brandindo sua foice de fumaça e meia-noite.

Ele parou abruptamente, franzindo a testa ao ver Khaede. "Erith", disse ele com a voz plana.

"O nome real dela é Khaede, Vossa Majestade", corrigiu Darius apressadamente. "Ela era uma timoneira nos regimentos sardovianos. Peço desculpas. Eu não tinha ideia de que ela conseguira se infiltrar—"

"Silêncio", Alaric o interrompeu em um rosnado baixo e tenso. Seu punho enluvado tremia levemente ao redor do cabo cor de tinta da foice.

Talasyn nunca havia lutado tanto quanto lutou naquele momento — lutou para se levantar, lutou para evitar que a desmascarassem, lutou para impedir que aquilo acontecesse. Era, porém, uma causa perdida. Suas mãos estavam amarradas nas costas e três soldados a mantinham imobilizada, com apertos como ferro.

E, de qualquer modo, não havia para onde ir.

Talasyn não conseguia ouvir as ordens de Darius por causa do sangue pulsando em seus ouvidos, mas sentiu mãos na base de seu elmo, grande demais para ela, e o metal deslizando contra seu pescoço. Foi um surto de adrenalina que a fez impulsionar-se para cima em uma tentativa de afastar o inevitável, e foi um chute com bota em suas costas que a fez cair de joelhos novamente, enquanto o soldado terminava de arrancar o elmo de sua cabeça.

Alaric estava parado à frente dela. Olhando-a de cima.

Seus olhos se encontraram quando o elmo caiu.

Havia uma goteira no teto de pedra em tons de ferrugem; a chuva respingava sobre a cabeça de Talasyn. Mais chuva soprava através da entrada da

agulha, acumulando-se aos pés de Alaric — levada para lá pelo mesmo vendaval feroz que assoviava pelas paredes e agitava a longa capa preta presa às ombreiras pontiagudas em seus ombros. Raios refletiam em sua meia-máscara de obsidiana, fragmentando-se em faíscas branco-quentes ao longo das mandíbulas esqueléticas do lobo ali esculpido.

Talasyn reconstruiu a cena lentamente através do lamaçal de choque que martelava seu coração. Uma gota d'água movendo-se sobre a pele beijada pela lua chamou sua atenção. Ela pensou a princípio que fosse a chuva, que se emaranhara nas pontas do cabelo preto de Alaric, mas logo percebeu que era uma única lágrima, escorrendo do canto de um olho que brilhava com a luz estelar do éterespaço, descendo pela linha traçada em carvão de sua cicatriz.

O chão de pedra bruta cravava-se em seus joelhos enquanto ela olhava para o rosto pálido dele. Enquanto testemunhava o que havia feito com ele.

Antes que qualquer outra pessoa pudesse reagir à desmascarada de Talasyn, um tremor percorreu a foice nas mãos de Alaric. Ela perdeu a forma e desdobrou-se para fora, como um frasco de tinta explodindo. E então suas ondas rugiram por todo o interior da agulha, atingindo Darius e seus homens.

Talasyn sentiu o fogo frio do Shadowgate enrolar-se em seus pulsos. O metal tilintou quando suas amarras cortadas caíram no chão junto com as de Khaede. Atrás dela, ela também ouviu — como um desejo impossível realizado — o zumbido dos corações Squallfast do catamarã e os gritos de seus companheiros sobre a tempestade.

Ela estava livre. *Alaric a libertara.* Mas ela não conseguia se mover — não *queria*, porque mover-se significaria partir e partir significaria deixá-lo. Ela encarou o marido enquanto Darius e todos os outros soldados kesatheses morriam, seus corpos debatendo-se, despedaçados por aquela magia sombria e selvagem.

Sombria e selvagem — e também bruta e informe. Ela só vira Alaric perder o controle daquela maneira uma vez antes, nas Silklands, e mesmo então ele conseguira se concentrar o suficiente para manter a forma de sua foice de guerra. Desta vez, não havia armas, nem precisão lapidada, apenas destruição cega. Apenas um poder imenso.

Como o Lightweave, o Shadowgate alimentava-se de muitas coisas. Fúria. Propósito. Ódio.

Sofrimento.

Sinto muito, era tudo o que Talasyn conseguia pensar, com a pequena parte de si que ainda era capaz de pensar. *Sinto muito.*

O Shadowgate não incinerava como o Lightweave. Ele *estraçalhava*. Quando tudo terminou, restava tão pouco dos cadáveres que eles já não eram

mais reconhecíveis como humanos. Os dedos de Khaede eram como garras de ferro envoltas no braço de Talasyn enquanto ela a puxava para cima, gritando que era hora de ir. E Alaric—

Os olhos de Talasyn buscaram os dele, esperando contra todas as esperanças que ele dissesse algo. *Qualquer coisa.*

Mas ele não disse. Ele se virou e se afastou — caminhou de volta para a tempestade furiosa — deixando os corpos de suas tropas espalhados pela torre. Deixando-a a ela e a Khaede com a própria fuga.

Capítulo Trinta

Deveria ter sido impossível para o catamarã fugir do Repouso de Mahagir. O *Deliverance* pairava no céu como um acerto de contas. Mas a tripulação sardoviana era veterana das Guerras dos Furacões e sabia quando zigzaguear contra o vento e quando desdobrar as velas para capturá-lo. Em pouco tempo, a embarcação libertara-se da tempestade e disparava pelo Eversea, rumo ao ponto de encontro com a frota aliada.

Talasyn não viu nada disso, na verdade. Ela apenas reconstruiu o que estava acontecendo através do balanço e das curvas bruscas enquanto permanecia abaixo do convés com Khaede e um tripulante chamado Liapis, que fora quem mais gritara que era hora de partir enquanto o catamarã pairava precariamente na abertura da torre. Aquele que vira tudo.

"Por que Ossinast fez aquilo?" Khaede perguntou baixinho a Talasyn. "Por que ele nos deixou ir?"

"Talvez os boatos que ouvimos na Citadel sejam verdadeiros e ele *seja* condescendente com ela", aventurou Liapis. "O que, devo dizer — bom trabalho, Tal."

Diferente de antes, ele a olhava com amabilidade, sem qualquer traço de condenação cautelosa. Certo. Ela fizera o que os sardovianos queriam, então agora eles confiavam nela novamente.

Eu não tive escolha, ela gostaria de poder dizer a si mesma. Mas não conseguia reunir a determinação necessária para isso. O olhar nos olhos de Alaric quando o elmo dela foi removido — as próprias tropas dele morrendo ao seu redor — a maneira como ele se afastou para que ela pudesse escapar —

Sempre houve uma escolha, e ele escolhera salvar a ela e a sua amiga. Mesmo antes disso, ele escolhera esquecer a história dolorosa que transcendia suas próprias vidas e abraçá-la mais uma vez. Ela deveria ter movido céus e terra para garantir que pudesse ter escolhido não traí-lo.

E agora era tarde demais.

Mas Alaric não era completamente isento de culpa. A lógica exigia que isso fosse reconhecido. Ele poderia ter escolhido não conspirar com Oryal Ferasai para anular a aethermancy de Talasyn com um soro concebido por seus Encantadores. Ele poderia ter escolhido não planejar uma invasão de Nenavar.

No entanto, a única lágrima que ele derramara permanecia gravada em sua mente, forçando passagem pelas fendas da racionalidade até eclipsar todo o

resto.

Chorar não era uma escolha.

Eu cometi um erro. O pensamento criou raízes no peito de Talasyn e subiu por sua garganta, tornando o ato de falar inalcançável, crescendo em galhos que nublavam sua mente. *Eu cometi um erro.* Era um pensamento que se recusava a diminuir, mesmo quando o catamarã deslizou até parar, uma hora depois.

Ela nem sabia onde estavam. Khaede pousou a mão em seu ombro e, em qualquer outra situação, teria sido um peso reconfortante. Em vez disso, aqui e agora, Talasyn sentia-se apenas vazia.

"Tal." Khaede parecia insistente, mas mais gentil do que jamais fora. "Tal, temos que ir. A guerra começou novamente."

Quando Talasyn saiu do catamarã, viu-se em um hangar desconhecido. Havia também uma canoa de lobo atracada ali, sem dúvida requisitada por outro sardoviano. Ela seguiu Khaede apatia escada acima, saindo no convés movimentado de um tipo de navio capitânia aéreo que ela nunca vira antes.

Em um estilo que lembrava as canoas de estabilizadores de Nenavare, a proa e a popa curvavam-se acentuadamente para cima, de modo que o casco assemelhava-se a uma lua crescente. Havia também uma pilha de três conveses menores brotando do principal; a estrutura inteira era uma fortaleza repleta de baluartes que envolvia a área central da nave, coroada por um telhado inclinado com beirais voltados para cima que não pareceriam nem um pouco deslocados em Eskaya. Mas, enquanto os conveses superiores do Domínio eram revestidos de canhões do vazio salientes, *esta* estrutura ostentava escotilhas por onde virovires de besta disparavam entre uma infinidade de trebuchets massivos. Havia bandeiras por toda parte, ondulando na brisa e — como as gigantescas velas em forma de garra de caranguejo presas aos mastros imensos — confeccionadas em tecido vermelho vivo, ostentando o mesmo símbolo: uma salamandra dourada retorcendo-se em um leito de chamas.

Talasyn a reconheceu pelos inúmeros textos que estudara meticulosamente ao se preparar para assumir o manto de Lachis’ka. Era o brasão dos Senhores das Brasas de Midzul. Graças a esses mesmos textos, ela também conseguia dar nome à madeira de tom escarlate de que o navio era feito: kulian, uma árvore endêmica de Midzul que não ardia.

Vermelho e ouro eram também as cores da armadura usada pelos habitantes do navio, alguns dos quais lançaram olhares curiosos para as duas mulheres que emergiam da escotilha. A maioria tinha a pele escura, cabelos castanhos e cores de olhos que variavam do âmbar aquecido pelo sol ao bronze novo. No entanto, havia certa elegância nas feições daqueles que eram claramente guerreiros, um

traço de beleza sobrenatural que lembrava Talasyn a terra natal de seu pai...

Os etermantes do Domínio que não eram Encantadores haviam migrado para outros lugares há muito tempo, com o advento das gaiolas de sariman. Não era improvável que os Dançarinos do Fogo de Midzul fossem descendentes daqueles nenavarenos.

"Nunca pensei que viveria para ver o dia em que vocês duas apareceriam em armaduras de legionários", comentou uma voz que Talasyn não ouvia há eras. "Mas é bom vê-las, de qualquer forma."

Um homem de rosto redondo e bigode em ferradura negro como óleo surgiu da multidão. Ele vestia um uniforme de oficial sardoviano meticulosamente remendado. Khaede saudou-o, mas Talasyn não. A Lachis'ka não saudava ninguém. Pensando bem, Khaede também não precisava fazer isso. Ela agora possuía a mesma patente que o General Bieshimma.

Velhos hábitos, porém, eram difíceis de abandonar.

"Onde estamos?", perguntou Talasyn ao homem que trouxera as notícias da Ruptura do Domínio ao Continente e, ao fazê-lo, mudara o curso de sua vida.

Ele piscou. Talvez esperasse um reencontro mais caloroso; ele sem dúvida merecia, por ter trabalhado incansavelmente nas sombras durante um ano inteiro, intermediando as alianças tão necessárias para assegurar a liberdade do Continente contra a tirania. Mas, em seu estado atual, ela não conseguia reunir nem a mínima pretensão de alegria. Havia uma estação morta gritando dentro dela.

"Estamos a bordo do navio capitânia *Iurant*, a maior das fortalezas flutuantes de Midzul", disse Bieshimma a ela, finalmente. "Estimo que avistaremos a costa sul de Kesath em algumas horas. Eventualmente, desembarcaremos e seguiremos para a Cidadela a partir dali."

"Desembarcaremos?", ecoou Talasyn, intrigada com a confiança do general. As esferas espectrais haviam aniquilado os encouraçados do vazio, mas... "Supondo que consigamos romper a barricada de navios-tempestade — talvez."

"Pode ser mais fácil do que você imagina." Bieshimma abriu um sorriso, o que apenas deixou Talasyn mais perplexa, pois ela nunca tinha visto tal expressão no rosto dele. "Os batedores que despachamos desta frota enviaram notícias. Eles viram cinco navios de tempestade desaparecerem diante de seus próprios olhos — junto com os couraçados do vazio."

"O quê?" Khaede disse bruscamente. Foi um desabafo breve e surpreso, e suas feições logo se acalmaram enquanto ela respondia à própria pergunta. "Então Kesath integrou seus navios de tempestade à fonte do Voidfell. Não todos, porque o *Deliverance* ainda estava por ali, firme e forte."

"Você encontrou a nau capitânia de Ossinast?" Bieshimma ficou tenso. "É

melhor começar do início, General."

Enquanto Khaede relatava a Bieshimma o que havia acontecido no Repouso de Mahagir, os pés de Talasyn a levaram até a borda do navio. Os Midzuli se afastaram para abrir caminho para ela, murmurando saudações deferentes em um Comum de Marinheiro com sotaque lírico. Certo. Para eles, ela era a herdeira da Rainha Dragão — não uma traidora ou uma soldada, mas membro de uma casa real estrangeira. Ela se perguntou o que os sardovianos teriam dito aos Midzuli sobre seu casamento com o homem contra quem haviam declarado guerra. Ninguém estava tentando jogá-la ao mar, então ela devia ter sido apresentada sob uma luz favorável. Ela cruzou os braços sobre o parapeito do *Iurant* e olhou para o céu acima do Eversea, avaliando a ala sul da frota aliada.

Os navios avançavam pelo ar em diversas formações de colunas escalonadas. Incluindo aquele em que estava, Talasyn contou cinquenta fortalezas flutuantes, exatamente o número que Midzul prometera. Ela também avistou vários navios da Allfold que estiveram guardados no Olho do Deus da Tempestade, entre eles o *Summerwind* de Vela e o navio de tempestade *Nautilus*, todos ostentando orgulhosamente a fênix sardoviana. O ponto de concentração para esta frota em particular fora o Olho do Deus da Tempestade, supôs ela, assim como os navios de Valisa foram assistidos pela pequena nação de Ornang, que não tinha regimentos para oferecer, mas fizera o que pôde, temendo que a sombra do Império da Noite pudesse cair sobre eles se não agissem primeiro.

Talasyn notou a ausência preocupante de naves de combate individual Midzuli. A menos que ainda estivessem nos hangares das naves capitânias — mas ela também não tinha visto nenhuma no hangar da *Iurant* —

O solo deles é quente demais para que os cristais se formem adequadamente, Surakwel Mantes dissera a Talasyn certa vez, falando de Midzul. *O vizinho mais próximo exporta para eles com um preço premium.*

Parecia, então, que os Senhores das Brasas haviam abandonado inteiramente o conceito de coracles, optando, em vez disso, por destinar seu suprimento de corações de éter às fortalezas flutuantes. Uma grande quantidade de navios de tempestade capazes de expelir magia do vazio — que se espalhava rápida e amplamente como fumaça, mesmo sem o benefício de serem lançados por canhões gigantescos — seria uma sentença de morte para toda a frota Midzuli. Era melhor que Talasyn e Khaede tivessem, sem querer, arrastado aquelas naves para o espaço etéreo junto com os encouraçados.

Embora parte de Talasyn esperasse que a maioria dos navios de tempestade de Kesath tivesse sido reconfigurada e, portanto, não estivesse mais na equação, essa esperança era mera vela diante do sol feroz e flamejante de seu alívio por saber que a *Deliverance* saíra ilesa. Ela não teria sido capaz de sobreviver se

Alaric também tivesse desaparecido para sempre. Eles estavam firme e irrevogavelmente em lados opostos mais uma vez, mas ela precisava que ele sobrevivesse a esta guerra. Mesmo que não houvesse mais qualquer espaço no coração dele para ela depois disso.

Eu cometi um erro.

Seu estômago revirou com náuseas. Ela caminhou de volta para o lado de Khaede, incapaz de suportar a visão das formações que anunciavam o fim do império de seu marido.

"Vossa Graça", disse Bieshimma formalmente, de um jeito que a fez se sentir estranha e pior, tudo ao mesmo tempo. Era a primeira vez que se viam desde que ela reivindicara seu direito de nascimento no Domínio. "O Amirante tem mais uma tarefa para a senhora. Deve retornar a Nenavar — e voltar para nós com navios de guerra. Aparentemente, sua avó se recusou a envolver diretamente os Huktera, mas a senhora *precisa* convencê-la. Aquelas canoas de estabilizadores seriam reforços valiosos."

"Diga a ela que as esferas espectrais funcionaram e que nossos aliados compareceram", acrescentou Khaede. "E que, como Ossinast a viu no Repouso de Mahagir, ele provavelmente já percebeu que Nenavar estava envolvida nisso desde o início. Portanto — que bem entrem na luta."

Talasyn partiu sem protestar. Fizeram com que ela levasse a mesma canoa de lobo que vira no hangar do *Iurant*, caso encontrasse quaisquer navios do Império da Noite que estivessem sendo mobilizados por todas as fronteiras. Ela riscou o Eversea em um redemoinho de velas pretas e prateadas, as águas azuis e calmas abaixo dela refletindo os vapores verdes dos corações de Squallfast, fragmentos de esmeralda espalhados sobre um campo de safira.

Eventualmente, ela deixou o Continente para trás. Ele se despedaçaria enquanto ela estivesse fora, e ela terminaria o serviço quando voltasse com a frota Huktera do Domínio.

Era verdadeiramente vergonhoso, esse alívio que sentia por ter uma desculpa para adiar um pouco mais o testemunho do ressurgimento das Guerras do Furacão. As explosões na Cidadela, o cerco à fonte de Voidfell — aqueles haviam sido os disparos iniciais. Uma vez que os sardovianos e seus aliados navegassem em direção às presas dos navios de tempestade kesatheses restantes, *esse* seria o ponto sem retorno, para ela, Alaric e suas nações. A redação dos capítulos finais de uma história que começou muito antes de terem nascido.

Um momento se fundia ao próximo, em uma monotonia de horizonte infinito. Talasyn seguiu em frente para Nenavar, pensando em sua primeira viagem para lá, sozinha exatamente assim, sem ter ideia do que encontraria ao

alcançar aquelas margens lendárias. Alaric fizera a mesma viagem, em um navio aéreo como o que ela usava agora. Ela refazia não apenas seus próprios passos, mas também os dele, dados em um tempo remoto; não importava quão rápido voasse agora, jamais conseguiria alcançá-lo. Não importava o quanto tentasse bloquear os eventos do Repouso de Mahagir, eles não a soltavam. Toda vez que piscava, via apenas a lágrima escorrendo do canto do olho dele. Lembrava-se apenas de que ele não dissera nada enquanto se virava e se afastava.

"Volte."

Talasyn disse isso em voz alta após várias longas horas de voo. O som surgiu murcho, mal audível acima do zumbido da magia do vento do coracle de lobo e do bater de suas velas. "Volte", ela repetiu, embora soubesse que Alaric não voltaria, embora soubesse que não havia como mudar o que acontecera e que teria de carregar o peso disso até seu último suspiro. Ela continuou dizendo, de qualquer forma — para ele, para o Eversea. "Volte". Em sua mente, ele corria em direção a ela na praia e a envolvia em seus braços; ele estava coberto de ouro e a olhava com reverência em um mundo de espelhos; ele bebia chocolate com ela no jardim; ele cobria a cicatriz em seu pulso com beijos enquanto a luz das estrelas caía; ele se afastava. "Volte, volte", ela entoava repetidamente, em voz baixa, até que sua voz ficasse rouca e esfolada, até que aquelas duas palavras assumissem a forma de alguma prece desesperada. Até que a luz do dia fosse engolida pelo crepúsculo púrpura, até que as sete luas pairassem no céu.

Ela voou durante toda a noite, assombrada pelas lembranças. O sol era uma lavagem de ouro sobre o mundo quando ela teve o primeiro vislumbre de margens brancas, puras e cintilantes. Ela se preparou para traçar curso para Eskaya e então—

Sua mão direita congelou sobre os controles.

Ela não suportaria encarar Urduja Silim — a assassina de sua mãe — com a cabeça baixa e súplicas por ajuda. Não logo após trair Alaric, algo para o qual a Zahiya-lachis a vinha treinando durante todo este último ano. Talasyn faria qualquer coisa por Sardóvia — ela *tinha* feito tudo, cumprira seu dever e o perdera por isso —, mas essa última exigência, empilhada sobre todas as outras... Era demais. Sua mão não se movia. O coracle de lobo estava estagnado no ar.

Em retrospecto, ela provavelmente poderia culpar a combinação sombria de fadiga e insônia pelo que decidiu a seguir. Seus pensamentos eram tão desconexos quanto a luz dispersa sobre a água, mas ela se agarrou a qualquer esperança e a forçou em uma forma que pudesse fingir ser lógica.

Se ela tivesse apenas sua aethermancia — se pudesse sentir o Lightweave fluindo por suas veias mais uma vez —, então tudo faria sentido novamente. Ela

estaria centrada, segura de si, certa de quais seriam seus próximos passos.

A essa altura, Khaede já poderia ter contado a Bieshimma que a única Lightweaver deles perdera a magia. Os membros do conselho de guerra de Sardóvia, mais pragmáticos, presumiriam que a utilidade de Talasyn havia chegado ao fim e não se sentiriam mais obrigados a cumprir sua parte do acordo de manter Alaric vivo. Embora Khaede tivesse prometido que o fariam, ela já fora contrariada antes, na questão do ataque à coroação.

Talasyn não podia deixar nada ao acaso. Precisava recuperar sua moeda de troca. Tinha que recuperar sua aethermancia.

Ela precisava ir para as Ilhas da Alvorada.

Alaric prometera que eles iriam. Juntos, assim que a situação no Continente estabilizasse. Mas aquilo poderia muito bem ter sido em outra vida. Um sonho que escapara por entre seus dedos — não, que ela soltara e deixara estilhaçar, por vontade própria.

Ela puxou a alavanca que recolhia as velas e girou o dial que ajustava o impulso do Squallfast, fazendo o coracle pairar. Ao mesmo tempo, com a mão livre, abriu o compartimento abaixo do transceptor de aetherwave, vasculhando os pertences pessoais de algum desconhecido kesathese até extrair o mapa que todos os timoneiros eram obrigados a carregar em seus kits. Ela estendeu o fragmento sobre o painel e, após alguns segundos frenéticos, seus olhos pousaram no nome caligrafado de seu destino.

O cartógrafo não incluíra outros detalhes, nem mesmo a disposição das ilhas. Nenhum kesathese na história conhecida jamais navegara tão longe. O coração de Talasyn afundou enquanto uma sensação corrosiva de inutilidade começava a surgir. Levaria um mês para chegar às Ilhas da Alvorada via navio voador.

Fora uma ideia tola desde o início. Seria melhor passar pelas ruínas de Belia antes de encontrar Urduja e ver se ainda conseguia comungar com o Sever da Luz. Se ele pudesse, de alguma forma, destravar o que o soro de sangue sariman havia selado.

Mas e se não pudesse? E se ela entrasse naquele pilar de luz dourada e éter prateado e ele não a reconhecesse, e seus ossos fossem reduzidos a cinzas, devorados pela luz como todos aqueles que ela já matara usando essa mesma magia...?

Houve uma mudança na cor do ar, e ela olhou para cima.

Um dos Severs do arquipélago do Domínio havia sido ativado. Em vez da coluna brilhante e fundida como raios de sol em que ela pensara, plumas de magia violeta emanavam de Aktamasok, o pico mais alto da ilha de Vasiyas, sob o qual Bakun jazia adormecido, exalando sua canção de podridão.

E Talasyn lembrava-se de fragmentos do que ouvira sobre as evacuações em massa ocorridas logo antes da Escuridão Sem Lua. Presos por suas próprias regras antigas e enigmáticas, os dragões haviam acompanhado as embarcações de Nenavara, vigiando-as até que Bakun retornasse à sua caverna sob o mundo e fosse seguro voltar. Os nobres da corte disseram a Talasyn, posteriormente, que era incrível a velocidade com que criaturas tão enormes podiam se mover, fosse pelos céus ou pelo Eversea. Os dragões chegaram a forçar a própria lentidão para não ultrapassarem as naves.

Os primeiros dragões abriram caminho com as garras para fora do éterespaço e entrar em Lir milênios atrás. E o éterespaço era onde as coisas eram fluidas.

O tempo.

A distância.

Essa foi a conclusão a que Talasyn chegou após ter sido levada ao limite. Era difícil dizer se aquilo faria sentido se ela estivesse menos consumida pela angústia, menos exausta. Era apenas mais uma esperança delirante à qual ela se agarrava, com uma determinação que tinha gosto de desespero, enquanto traçava a rota para o covil de Bakun.

Capítulo Trinta e Um

Ela estava com pressa, não conseguia raciocinar com clareza. O casco do coracle estremecia e rangia ao seu redor enquanto ela mergulhava do céu, em direção ao lugar onde a cratera do vulcão extinto a esperava. Ela caiu nela, os corações Squallfast gritando ao serem levados ao limite, e—

E a perda da luz do dia foi abrupta. As sombras se fecharam sobre a cabeça de Talasyn. Sua visão não teve tempo de se ajustar e tudo ficou tão preto quanto a inconsciência, o tipo de escuridão que martela nos ouvidos. Ela tateou cegamente o painel, mas os controles do coracle Kesathese eram dispostos de forma diferente dos da vespa Sardoviana, que ela seria capaz de pilotar apenas pelo tato. Eventualmente, porém, seus dedos tateantes acionaram o interruptor certo, e as duas lâmpadas infundidas com Firewarren fixadas na proa da embarcação saltaram à vida.

Não um momento depois do necessário — a névoa alaranjada revelou um trecho irregular de solo rochoso a poucos centímetros do focinho do coracle-lobo. Talasyn subiu abruptamente, estremecendo quando o ventre raspou em espigões de basalto e um guincho metálico estridente ecoou no mundo abaixo do mundo. Agora sua pequena nave havia entrado na boca escancarada de um grande túnel, tão enorme que as duas lâmpadas de fogo conseguiam iluminar apenas minúsculas seções dele enquanto ela derivava.

Era tudo basalto, até onde Talasyn podia dizer. Escuro como a meia-noite, riscado por veios minerais que cintilavam como vastas constelações. Havia arranhões profundos ao longo das paredes e ela imaginou Bakun acordando, uma vez a cada mil anos, e se arrastando por aquele túnel com suas garras gigantescas antes de finalmente levantar voo.

Então ela percebeu que aquele devia ser o mesmo caminho pelo qual o fogo ametista do dragão rugia sempre que ele sonhava, e ela começou novamente a elevar a magia nos corações Squallfast, acelerando pelo labirinto de curvas e espirais e pináculos de basalto, correndo contra o momento em que o Sever do Vazio ativaria novamente e obliteraria cada ser vivo que tocasse.

Dado seu súbito surto de urgência, não demorou muito para que ela chegasse ao fim do túnel. Ele se abriu, e o coracle-lobo navegou para dentro de uma caverna tão grande que poderia acomodar três naves de tempestade. Enquanto Talasyn navegava por essa nova escuridão, a luz das lâmpadas de fogo logo incidiu sobre infinitas espirais de escamas brancas.

Ali, naquele abismo, dentro dos ossos do vulcão Aktamasok, o Devorador de Mundos dormia, todo encolhido. A cabeça chifruda de Bakun estava inclinada para um lado, apoiada em seus membros dianteiros dobrados. Ela sabia apenas que ele dormia porque era isso que as histórias diziam, e ela confirmara seu despertar durante a Escuridão Sem Lua, e vira seu hálito ametista irromper do vulcão não fazia muito tempo — mas, na verdade, ela poderia facilmente acreditar que ele tivesse morrido. Estava tão imóvel. Parecia que o tempo calcificara seus ossos.

O dragão não se mexeu nem mesmo quando Talasyn atracou o coracle ao seu lado. Ela desceu e seus olhos, tendo se adaptado minimamente à penumbra, percorreram as cristas de seus flancos nevados, que capturavam o pulso vermelho-dourado tremeluzente do Firewarren como opalas derretidas. Então ela viu, gravada tenuemente sob a mesma luz das lâmpadas, a silhueta acuada no chão da caverna, encostada ao grande flanco da besta. Olhando fixamente para ela.

Com toda a honestidade, Talasyn não ficou tão surpresa quanto provavelmente deveria ter ficado. Aquilo estava longe de ser a coisa mais extravagante que já havia acontecido em sua vida.

"Achei que você estivesse morta, Daya Ferasai."

Ao som da voz de Talasyn, Oryal permaneceu imóvel. Nem sequer tensa — apenas indiferente. Oryal, com seu cabelo castanho ondulado e seus olhos de cílios encaracolados, frios como a ponta de uma faca.

"Você sem dúvida teria preferido que fosse assim, Lachis’ka." Ela soava da mesma forma que Talasyn se sentia: esgotada e vazia. Resignada. A poucos pés dela estava toda a evidência de um pouso forçado: os restos do que parecia ser um dugout, o tipo de aeronave rudimentar que os nenavarens podiam alugar por um dia com um punhado de prata. Agora jazia em vários pedaços sobre o basalto.

"Você escapou pelo alçapão do chalé?", perguntou Talasyn.

O leve balançar da cabeça exausta da daya foi quase imperceptível na penumbra. "Não por aquele que você conhecia."

Ah. Fazia sentido que houvesse mais de uma passagem secreta na propriedade de um nobre do Domínio. Também haveria coracles escondidos em algum lugar, caso surgisse a necessidade de uma fuga rápida — o que fora o caso de Oryal.

"Não acredito que você sobreviveu ao veneno", comentou Talasyn.

"Tenho certa resistência aos mais comuns", murmurou Oryal. "Meus pais a desenvolveram, pouco a pouco, ao longo dos anos."

Talasyn estava parada perto do brilho das lâmpadas de fogo, o que devia ter

deixado o perplexidade em seu rosto nítida para Oryal. Com um toque do orgulho entranhado nos ossos de todo nobre do Domínio, a daya ergueu o queixo e continuou com rigidez. "Sou filha das Terras da Seda, que ficam no coração do território que outrora travou uma guerra civil contra Urduja Silim. A Estrada da Tempestade corre em minhas veias. Eu era a única herdeira da Casa Ferasai. Minha vida esteve em perigo desde o momento em que nasci. Meus pais fizeram isso para me proteger."

Oryal desabou contra o dragão, como se estivesse exausta por sua momentânea demonstração de espírito. Ela passou a mão trêmula sobre as escamas brancas da criatura. "Então lutei contra o veneno e fugi; por sennights me escondi e, eventualmente, vim para cá. Não sei bem por quê." Um ombro delgado ergueu-se em um dar de ombros que continha apenas um eco de sua antiga graça. "Ouvi dizer que você falou com o dragão. Acho que talvez eu acreditasse que ele falaria comigo também — que me daria *algo*, porque sou uma etermante como você. Mas ele não acordou desde que cheguei. Apenas dorme. Às vezes, ele exala o Voidfell. E às vezes penso que estou esperando o momento em que ele vire a cabeça na direção certa e a magia me consuma."

Talasyn tinha tantas perguntas que queria fazer a Oryal — sobre a conspiração do Domínio, sobre como exatamente Kesath conseguira colocar o soro nas mãos da daya. Mas não havia mais tempo. Ela se afastou de Oryal e começou a caminhar em direção às mandíbulas fechadas de Bakun, e foi a outra mulher quem acabou fazendo-lhe uma pergunta.

"E o que *você* está fazendo aqui, Lachis’ka?"

"Algo muito estúpido", admitiu Talasyn.

Ela estendeu a mão e pressionou a palma contra o focinho reptiliano afilado de Bakun. A pele parecia empoeirada e fria ao seu toque; nenhum fogo queimava sob as escamas. Ela pensou, com melancolia, naquele dia na praia em que instigara o marido a tocar aquele outro dragão, e suas mãos haviam se roçado e o éter se movido entre eles e a besta. A tez pálida de Alaric estivera ruborizada sob a luz do sol de Nenavar, suas feições marcantes suavizadas pelo espanto. De agora em diante, tudo o que Talasyn fizesse ou experimentasse estaria sobreposto a imagens como esta. De agora em diante, ela compreenderia o restante de sua vida através das memórias dele.

Claro, era bem provável que o restante de sua vida se resumisse aos próximos segundos após Bakun acordar. Não era mais a noite da Escuridão Sem Lua e ela não possuía mais sua etermancia. Talvez ele não a reconhecesse, e ela estivesse simplesmente condenando a si mesma e a Oryal a um fim horrível.

Enquanto os segundos passavam sem que absolutamente nada acontecesse, Talasyn começou a se preocupar com algo inteiramente diferente. E se Bakun

não conseguisse acordar antes que passassem mais mil anos? Ishan Vaikar dissera que era um tipo de estivação. E se a magia do dragão o vinculasse apenas ao eclipse sêptuplo?

Se esse fosse realmente o caso, Talasyn não teria ideia do que fazer a seguir. Ela estava sem opções . . .

"Lachis'ka." A voz de Oryal ecoou atrás dela novamente, ainda apática, mas agora irritante, já que Talasyn precisava pensar. "O que você espera alcançar —"

"Silêncio", disparou Talasyn. Pelo visto, seu marido a influenciara de mais de uma maneira. Mas funcionou, pois Oryal calou-se.

Talasyn concentrou toda a sua atenção em Bakun mais uma vez. Ela pronunciou o nome dele, em tom baixo e fervoroso, escavando-o dos desejos mais profundos de seu coração. Tecendo-o a partir dos últimos fios restantes de uma resistência desgastada contra o abismo, contra um futuro onde todos morressem.

A pele sobre o olho direito do dragão começou a tremer. Os movimentos eram ponderados e depois sincopados, como um pulso enorme reiniciando. A parte rugosa do focinho onde a palma de Talasyn estava pressionada começou a aquecer.

Poderiam ter sido meros segundos, ou poderiam ter reverberado pelo passar de dias transformados em anos. O tempo perdia o sentido na escuridão, diante de algo tão vasto e antigo. O olho direito de Bakun se abriu e agora, como na noite em que todas as luas se apagaram, Talasyn se viu fitando aquela pupila negra e fendida, incrustada em um campo de ametista brilhante.

"Devorador de Mundos", disse ela, "preciso que me leve a algum lugar".

Não poderia haver espaço em seu coração para nada além da batalha. Ele trouxera a ruína para seu povo; ele os lideraria para fora dela. Mesmo que isso significasse trancar tudo o que o fazia querer gritar, chorar e delirar de fúria.

Havia apenas a guerra.

Longe da costa mais oriental do Continente, o *Deliverance* deixou seu escudo de nuvens altas em um grito de corações de Tempestade-Veloz e vidro-metálico. Ele mergulhou rapidamente em direção ao impasse entre duas forças que ocorria sobre o Eversea — as embarcações de Kesath, com a quimera prateada tremulando em suas velas negras, contra uma frota de modelos mistos de navios de guerra ostentando os emblemas das várias nações que a Allfold conseguira reunir para sua causa.

O leste estivera sob a jurisdição da Comodoro Mathire, bem guardado pelo mesmo encouraçado de ferro do vazio que derrubara aquele jovem dragão em

Nenavar há muito tempo. Mas Mathire, seu navio-almirante e todos os outros como ele haviam partido; simplesmente desapareceram no ar a caminho de enfrentar o assalto sardo. A defesa oriental de Kesath fora grandemente reduzida, mas eles travavam uma luta valente, com o ar cantando com virotes de ferro e coracolas.

Enquanto o *Deliverance* mergulhava para se juntar à briga, Alaric estava junto ao transceptor de aetherwave na ponte e ponderava suas opções. Esta era uma escaramuça inicial relativamente menor no panorama geral, enquanto semanas ou talvez até meses de guerra pairavam no horizonte. Com a frota de navios-tempestade reduzida a menos da metade do número original, seria loucura ter que recarregar continuamente os núcleos de éter dos vinte que restavam — os *quinze*, se os cinco danificados não pudessem ser reparados a tempo. Ele precisava poupar os canhões de relâmpagos até que não houvesse absolutamente outra escolha a não ser usá-los.

Os navios-capitânia do inimigo estavam reunidos em uma formação cerrada, garantindo uma barragem imparável de munições de grande escala, enquanto suas embarcações menores se enredavam com as coracolas-lobo nas linhas de frente. Isso normalmente seria um problema, mas agora Alaric via uma maneira de distorcer a situação a seu favor.

"Siga minha liderança", disse ele via aetherwave, na frequência onde os oficiais da defesa oriental aguardavam seu comando. "Em fila indiana".

"V-Vossa Majestade?", gaguejou o novo comodoro, promovido às pressas após o desaparecimento de Mathire. "Em fila indiana?"

Questionado novamente... Seria culpa dele, Alaric se perguntava, por não ter instilado suficientemente o temor aos deuses em seus oficiais? Após a guerra, ele precisaria ser mais rigoroso com o treinamento deles.

"Sim", confirmou ele pelo transceptor, em um tom gélido que não dava margem a discussões. "Direto pelo centro, em velocidade máxima."

A *Deliverance* entrou no campo de batalha e imediatamente arremeteu contra as fileiras inimigas. Era completamente fechada, esculpida em vidro-metálico e minério de ferro; as forças sardovianas se dispersaram diante dela, lutando para evitar o que teria sido uma colisão fatal para seu lado. Alaric abriu caminho para as fragatas kesatheses que o seguiam, e uma linha de ataque foi impulsionada pelo meio da formação adversária. As unidades aliadas nas extremidades externas não conseguiam disparar sem atingir seus próprios camaradas mais próximos ao centro, e esses camaradas logo se tornaram presas das bordadas que o Império da Noite desferia sem misericórdia.

Uma ordem deve ter sido dada para concentrar o fogo no navio de

liderança; a *Deliverance* foi castigada por uma chuva de virotes de metal e explosivos, que martelavam o casco e bloqueavam a luz do dia. Alaric recusou-se a abalar-se, recusou-se a disparar os canhões de relâmpagos mesmo enquanto a inquietação florescia entre sua tripulação, com seu mundo escurecendo e balançando. Este leviatã era o legado de seu avô e resistiria a todos que tentassem destruí-lo. Ele friamente deu outra ordem, e onda após onda de coraclas-lobo foi cuspida dos hangares do navio-tempestade, enxameando as fileiras inimigas. Diversas embarcações aliadas tentaram elevar-se acima do campo de combate em busca de uma posição de tiro ideal, mas foram rapidamente e brutalmente interceptadas pelos esquadrões kesatheses.

E, quando tudo acabou, não restou nada da ofensiva oriental dos sardovianos. Eles haviam se transformado em montanhas de destroços, dispersando-se lentamente pelo ar, afundando lentamente no oceano.

Algum tempo depois, acompanhado por Sevraim, Alaric entrou rigidamente em seu escritório a bordo da *Deliverance*, onde Lisu o esperava.

O jovem comodoro havia navegado para o leste para entregar seu relatório pessoalmente. A defesa do sul mantinha a linha; após uma escaramuça inicial, a coalizão entre Sardovia e Midzul havia recuado por enquanto. Lisu acreditava que era melhor manter a barricada do que avançar, já que tanto a *Summerwind* de Ideth Vela quanto o navio-tempestade *Nautilus* da Allfold haviam sido avistados entre as fortalezas flutuantes.

Alaric concordou. Com um mestre estrategista como Vela em jogo, não havia como saber qual armadilha poderia ser armada contra a frota kesathese caso abandonassem sua posição defensiva.

"Faça o que for preciso, mas não deixe que as fortalezas flutuantes desembarquem", Alaric disse a Lisu. "Batalhas terrestres contra os midzulis devem ser evitadas a todo custo. Nossos regimentos não foram treinados para lutar contra Dançarinos do Fogo."

"Sim, Vossa Majestade", disse Lisu. "No entanto, eventualmente tudo se resumirá a bordadas, e se os guerreiros dos Senhores das Brasas acabarem invadindo nossos navios..."

Enquanto Alaric e o comodoro conversavam, Sevraim permanecia encostado na parede em sua habitual maneira despreocupada, com os braços soltos e os tornozelos cruzados. Alaric voltou-se para ele. A princípio, com nada mais do que a resolução brusca que advinha do dever, mas — assim que olhou para o rosto do outro homem — a ordem que ele pensou estar preparado para dar morreu em sua garganta.

A Legião Forjada nas Sombras também não fora treinada para lidar com

Dançarinos do Fogo.

Sevraim não mudou sua postura relaxada. Ele lançou a Alaric um de seus sorrisos despreocupados característicos. "Está tudo bem, meu suserano", arrastou as palavras.

Dê a ordem, diziam seus olhos escuros. *Eu a seguirei. Eu seguirei você.*

"Vá para o sul", Alaric finalmente disse. As palavras não emergiram densas e estranguladas como ele temera, mas ressoaram com uma autoridade serena. Ele e Sevraim se conheciam desde meninos. Passaram a vida inteira cumprindo o que se esperava deles como filhos de Kesath. "Leve cinquenta legionários com você."

Sevraim saudou. "Imediatamente, Vossa Majestade."

"*Há* mais uma coisa que gostaria de mencionar", disse Lisu. Apesar da crise iminente, havia uma leveza estranha em seu comportamento, e Alaric não demorou a determinar a causa. Lisu trocara informações sobre Khaede pelo comando de um encouraçado de vazio — um da próxima geração, que ainda não havia sido fabricado na época e que agora jamais seria. Ele escapara por pouco do destino de Mathire. Parecia que nem mesmo Lisu era imune ao alívio de ter enganado a morte.

"Diga logo, Comodoro", Alaric disse secamente.

"É minha opinião que seria do nosso melhor interesse emitir um mandado de prisão contra Alunsina Ivralis. Embora não tenhamos provas de seu envolvimento, ela desapareceu da Cidadela quase ao mesmo tempo em que os bombardeios lá começaram. Além disso, Midzul jamais teria chegado tão longe se não tivessem se reabastecido e recarregado seus núcleos em algum ponto do caminho, o que torna seguro presumir que o Domínio de Nenavar nos traiu—"

"Lisu", Alaric interrompeu, "o que você ainda está fazendo aqui? Volte ao seu posto."

Ele sabia que não parecia particularmente furioso, nem mesmo frio. Talvez fosse essa mesma suavidade que disparasse os alarmes na cabeça de Lisu, fazendo-o perceber que precisava ir embora antes que acabasse trocando uma condenação por outra. O comodoro empalideceu levemente, saudou e saiu apressadamente.

A porta nem sequer havia fechado completamente atrás dele quando foi empurrada novamente. Nordaye entrou no escritório, visivelmente tremendo.

"O que é desta vez?", rosnou Alaric.

"T-temos olhos na coalizão Sardoviana aproximando-se pelo oeste, Vossa Majestade", gaguejou o infeliz assistente. "Confirmamos o que — o que a maioria dos navios de guerra ostenta em suas velas. É a rosa negra."

Uma descrição simples, vaga em nível superficial. Mas Alaric podia

imaginá-la claramente, até o último detalhe. O caule ereto e coberto de espinhos, a flor curvada em um arco gracioso, pétalas grossas inclinadas, abertas para o chão. Uma rosa negra contra um verde da cor da grama de verão. Todos no Império da Noite de sua geração ou mais velhos reconheceriam esse emblema à primeira vista. Ele havia tremulado com orgulho ao lado da quimera de Kesath no dia em que seus pais se casaram.

Alaric soltou uma risada sem humor — não era pouca coisa para alguém que subitamente sentia como se estivesse submerso. Mas ele também não conseguira conter. Sua esposa o traíra, seu império balançava precariamente à beira da queda, e o país de sua mãe, perdida há tanto tempo, pegara em armas contra o dele. Então ele apenas riu, de forma aguda, amarga e sardônica.

Nordaye deu um sobressalto. Até Sevraim piscou surpreso, antes de fazer sinal para que o assistente deixasse a sala.

Assim que ele e Sevraim ficaram sozinhos, Alaric voltou-se para o mar de céu azul e nuvens brancas e tênues que se estendia além dos painéis de vidro metálico. Ele teria que levar a *Deliverance* para o oeste e enfrentar a frota de Valisante; era simplesmente o que precisava ser feito. Mas uma parada rápida na Cidadela para recarregar os corações de éter do navio-tempestade até a capacidade total não seria má ideia, já que mais magia do que o recomendável fora gasta naquela corrida insana para proteger a fonte de Voidfell...

Não. Ele não pensaria no Repouso de Mahagir e em quem encontrara lá. Remoer aquilo o levaria apenas ao desespero, que, por sua vez, o levaria à imprudência. Seu povo contava com ele para guiá-los em segurança até o outro lado disso tudo.

"É melhor eu seguir para o sul agora", disse Sevraim, baixo e inquieto.

Alaric assentiu. "Nós nos veremos novamente".

"Com certeza".

"Antes de partir". Alaric removeu a manopla e encarou a aliança em seu dedo anelar. A pedra vulana resplandecia como fogo cristalino à luz do dia. *Toda essa pompa é um pouco ridícula,* Talasyn havia zombado em seu camarote, nesta mesma embarcação. *É apenas uma pedra que brilha mais que as outras.*

Alaric respondera com algo que, agora pensando bem, era igualmente ridículo. E ele quisera dizer a ela, já naquela época, que a oitava lua significava algo, que aquela era a pedra que prendia o coração dele ao dela.

Foi bom que não o tivesse feito. Do contrário, ela estaria rindo dele ainda mais do que obviamente estava agora.

Eles haviam voltado ao ponto de partida. Apenas um deles poderia vencer. Na próxima vez que a visse, ele teria que derrubá-la.

Alaric arrancou a aliança e a lançou para Sevraim do outro lado do

aposento. O legionário a pegou por reflexo, então piscou, olhando para o objeto que agora estava em sua palma.

"Desfaça-se disso", veio a ordem ríspida de Alaric. "Não preciso mais dela".

Parte III

Capítulo Trinta e Dois

Nas profundezas das entranhas do vulcão morto, o Devorador de Mundos se agitou. Um hálito quente emanou das fendas de suas narinas, lavando Talasyn em ondas úmidas e mofadas. A mão dela se afastou do focinho e ela se perguntou se teria sido a mão de Iyaram que o dragão sentira, alcançando-o através de oceanos de tempo.

Em algum lugar ao fim daquela vasta estrada branca que era seu corpo, Bakun devia ter se erguido sobre as patas traseiras, pois o conjunto de escamas, como montanhas cobertas de neve, elevou-se ainda mais na escuridão. A grande cabeça chifrada, porém, permaneceu quase onde estava. Ambos os olhos agora estavam bem abertos, fixos em Talasyn como gêmeos infernos de matiz violeta. Ardendo em éter e memória.

Ela tinha ido longe demais para não prosseguir, mas ainda não conseguia conter a trepidação que oscilava em seu peito enquanto se içava sobre o focinho do dragão. Se tivesse calculado mal, aquele era o fim. A criatura a derrubaria, a abocanharia ou exalaria aquela morte ametista—

Era difícil equilibrar-se nas saliências daquela pele escarpada, como navegar pelos telhados e pontes de corda de Cabeça de Calau, mas ela chegou ao chifre esquerdo de Bakun sem incidentes, desabando ao lado dele com um suspiro de alívio, cravando as mãos no marfim reluzente para se segurar.

Talasyn olhou para o chão da caverna. Oryal Ferasai havia se levantado — provavelmente para evitar ser esmagada pela forma serpentina enquanto ela ajustava as espirais. Ao fazer isso, a daya se aproximou da luz da lamparina que emanava da coracle de lobo, permitindo que Talasyn a visse bem pela primeira vez desde que entraram no abismo.

O tempo que Oryal passou fugindo a tornara quase irreconhecível. Aquele cabelo castanho espesso e brilhante estava emaranhado em nós. Seus traços contraídos estavam marcados por linhas exaustas e o vestido de seda rosada — plissado para lembrar as asas de um louva-a-deus que haviam flutuado tão belamente ao seu redor na noite do baile de máscaras — agora pendia em farrapos imundos sobre uma estrutura magra como um graveto.

Apenas seus olhos mostravam sinais de vida. Por mais encovados que estivessem, eles ainda conseguiam encarar Talasyn com um ressentimento que não era nem um pouco difícil de decifrar. Para completar, o lendário dragão de Nenavar havia despertado para a mestiça estrangeira pretensiosa, e não para ela.

Se Talasyn estivesse inclinada a sentir um pouco mais de simpatia por Oryal, acharia admirável que a outra mulher tivesse escapado da rede de Urduja Silim por tanto tempo. Seria realmente aceitável deixá-la aqui sem comida, sem nenhuma fonte discernível de água? Assim que os nenavarenos vissem Bakun levantar voo, poderiam até investigar a própria Aktamasok; então Oryal não teria para onde fugir. Mesmo que ninguém viesse e Oryal deixasse o vulcão por vontade própria, a sorte dela fatalmente acabaria cedo ou tarde.

"Do jeito que vejo, você tem três escolhas, Daya Ferasai", anunciou Talasyn de seu lugar no topo do Devorador de Mundos. "Você pode pegar meu barco e navegar por conta própria até o bloco do carrasco. Pode ficar aqui até que seu corpo ceda. Ou pode vir comigo."

Oryal ficou rígida. "Para onde você vai?"

"Isso importa?", respondeu Talasyn com um dar de ombros. Era uma combinação de não estar no clima de dar explicações e não querer facilitar demais as coisas para a mulher que a sequestrara e lhe roubara a magia.

"E se isso for algum tipo de armadilha para me atrair para fora do esconderijo?"

Ela se acha demais, resmungou Talasyn internamente. *Como se eu fosse despertar o Devorador de Mundos por alguém como ela.*

Mas ela reprimiu esse pensamento e apenas disse: "Só há um jeito de descobrir". Bakun moveu-se inquieto sob ela enquanto ela sustentava o olhar de Oryal. "Então, o que vai ser?"

Era uma prova condenatória de seu estado mental absolutamente miserável que Alaric tenha ficado vagamente decepcionado por *não* encontrar a Cidadela em completo caos ao chegar. Ele se preparara para um desordem sem filtros, para cenas lancinantes de pura devastação. Isso teria combinado melhor com seu humor, teria dado a toda a sua dor e fúria mastros maiores onde se prender.

Mas, enquanto a guerra rugia nas costas do Império da Noite, a capital, bem em seu núcleo, funcionava como um relógio. A limpeza já havia começado. Os escombros estavam sendo removidos e os mortos eram organizados em pilhas ordenadas. Sobreviventes estavam sendo interrogados em uma tentativa de montar uma versão precisa dos eventos — embora Alaric já tivesse a ideia geral, mais ou menos.

Embora fosse compreensível que a Allfold tivesse visado os hangares de navios-tempestade nas planícies, os edifícios que detonaram dentro da Cidadela eram de pouca importância, motivo pelo qual conseguiram plantar explosivos ali sem que ninguém suspeitasse, a princípio. Tudo não passara de uma distração para que Talasyn pudesse escapar — com Khaede, a rebelde que ela escondera

sob o nariz de Alaric esse tempo todo. A mesma mulher que ele, tolamente, já havia procurado por algum senso equivocado de compaixão pela víbora com quem se casara.

Como a fortaleza principal e seus edifícios adjacentes pareciam intactos, todos focaram suas atenções em outro lugar. Não demorou, porém, até que soasse o alerta de que corpos haviam sido descobertos no anexo sul e, em mais uma demonstração horrorosa de seu atual estado mental, Alaric correu para lá, superando todos os guardas que imploravam para que seu imperador esperasse por eles. Ele irrompeu pela entrada em arco do prédio sem lançar sequer um único olhar para os cadáveres que infestavam os corredores, subiu as escadas correndo, invadiu a sala da torre, rezando para que o pássaro estivesse bem, para que essa única coisa ainda pudesse ser salva, ele estava—

Ele estava parado no limiar, com o peito arfando, encarando uma gaiola vazia. Alguém havia aberto a trava da porta e a deixado escancarada. O sariman sumira.

Não houve bater de asas joalhadas para saudá-lo. Nem um gorjeio melodioso como sinos de vidro. Seus ouvidos zumbiam em um silêncio definido pela ausência.

Não era que ele tivesse sido particularmente apegado à criatura. Era apenas um pássaro — um roubado, inclusive. Embora *tivesse* feito de seus aposentos seu lar por um tempo, ele mal o vira desde que retornou de Nenavar com Talasyn. Ele ordenara que fosse transferido para cá, para o anexo sul isolado, que contava apenas com seus escrivães e soldados mais leais, e mesmo assim eles não tinham permissão para subir as escadas; os cuidados com o sariman haviam sido confiados exclusivamente a Nordaye.

Mas Alaric lhe dera um nome. Ele nunca o chamara assim em voz alta, mas, na privacidade de sua própria mente, acostumara-se a chamá-lo ironicamente de Goiaba. Combinando com a águia mensageira de Talasyn, que ela chamava de Pakwan, a palavra nenavarense para *melancia*. Era menos um nome e mais uma piada, mas agora o pássaro desaparecera. Como seus couraçados, como seus navios-tempestade, como sua esposa.

Não — isso não era inteiramente exato. Talasyn não desaparecera no ar. Ele não a perdera; ele a deixara ir. Ele matara seus próprios homens para que ela pudesse fugir em segurança do Repouso de Mahagir com a amiga que significava tanto para ela. Fizera isso porque, em algum momento, baixara a guarda e sua maior inimiga se tornara sua fraqueza. Ele praticamente entregara a ela a faca para apunhalá-lo.

Estaria ele, agora, pisando nos passos da rota de fuga dela da Cidadela? Teria sido ela quem abriu a porta da gaiola? Teria ela descoberto a presença do

sariman e percebido que Kesath estava por trás do soro que lhe tirara a magia? Talvez fosse por isso que ela—

Por trás da máscara, os lábios de Alaric se contorceram em um esgar de desprezo direcionado a si mesmo. Ele estivera pateticamente ansioso para absolvê-la de qualquer erro. Tudo o que acontecia agora fora planejado com o máximo cuidado e timing perfeito, fruto de meses de trabalho. Ela salvara o mundo ao lado dele, deitara-se com ele e compartilhara todos aqueles momentos enquanto já sabia como tudo terminaria.

Ela fizera tudo aquilo para enganá-lo. E ele caíra.

De quatro em quatro.

Alaric forçou a mente a clarear, trancafiando toda especulação fútil e sentimento inútil, como fizera inúmeras vezes em momentos anteriores ao início de uma batalha. Só então ele foi ver seu pai.

Seu relatório com Gaheris no salão do Regente foi uma combinação de meias-verdades e mentiras descaradas. Ele recebera a carta de Zawye, o que despertara suas suspeitas, e chegara ao Repouso de Mahagir tarde demais para deter Talasyn. A Allfold estivera com ela e eles mataram o Comodoro Darius e suas tropas, a maioria com projéteis de cerâmica, e já haviam embarcado em sua nave de fuga quando Alaric os alcançou.

Ao remodelar os eventos dessa forma, ele também pintava um quadro sombrio de sua própria incompetência estarrecedora, mas era melhor do que Gaheris descobrir o que realmente transcorrera. Não que ele jamais fosse; não restara ninguém vivo do lado de Kesath que pudesse contestar a história de Alaric. Os cadáveres na agulha estavam tão dilacerados que era impossível diferenciar a trajetória do Shadowgate dos danos que poderiam ter sido causados por projéteis.

Alaric chegou ao limite de sua decepção, a mentira final derretendo-se nas sombras que se enrolavam por todo o salão. Ele prendeu a respiração enquanto esperava que Gaheris falasse, esperando escárnio e punição — ambos merecidos. Suas bochechas arderam de humilhação ao lembrar de quão ferozmente defendera Talasyn para seu pai apenas dois dias atrás.

Mas Gaheris não o castigou. Uma testa franzida e distraída marcava o rosto desgastado do Regente; ele estava recostado em seu trono de obsidiana, os olhos cinzentos encarando o vazio com melancolia.

"O envolvimento de Nenavar foi confirmado?", perguntou ele a Alaric. "Não da sua esposa. *De Nenavar*".

"É uma conclusão inevitável, pai", respondeu Alaric cautelosamente. "A fonte do Voidfell foi contaminada por uma estranha magia de sangue que

Sardovia não poderia ter produzido sozinha. Mesmo na remota chance de terem obtido isso de outra nação, não haveria como sua frota aliada ter se aproximado de nós pelo sul sem ser detectada pelos nenavarenses. E, dada a distância entre Kesath e Midzul, as fortalezas flutuantes precisariam de recarga em algum lugar".

"Os navios de guerra de Valisa também", resmungou Gaheris. "O que significa que nosso vizinho mais próximo a oeste — Ornang — também está envolvido". Seu cenho franziu ainda mais. "Após a batalha de Lasthaven, procuramos pelo remanescente sardoviano além de Midzul e Ornang e não encontramos nenhum rastro. Mas eles devem ter mantido uma base de operações durante todo este último ano — algum lugar onde pudessem consertar seus navios e de onde pudessem coordenar o envio de emissários a outros países".

"Procuramos em Nenavar também, e não havia nada lá". Alaric estremeceu enquanto dizia aquilo. Oferecera a informação rápido demais, uma reação involuntária provocada pela necessidade de defender suas próprias falhas. Fora ansioso demais pela paz, distraído demais por Talasyn. Fora cegado pelo mundo melhor que via nos olhos dela, quando, na verdade, era apenas seu pensamento positivo que esboçara tal ilusão.

Seu estremecimento não passou despercebido por Gaheris, que inesperadamente soltou uma risadinha. Era tão desprovida de humor e autodepreciativa quanto o som que Alaric fizera na *Deliverance*, quando descobriu sobre Valisa. Naquele momento, ele foi atingido por suas semelhanças com a figura definhada envolta em sombras no trono em forma de adaga. Se aquele mundo melhor fora uma mentira, então ele estava olhando para o seu próprio futuro.

"Não seja tão duro consigo mesmo", disse Gaheris com suavidade. "Eu também sou culpado por negligência. É um jogo perigoso o que ela está jogando, mas audaz, admito isso."

A princípio, Alaric presumiu que Gaheris estivesse falando de Talasyn. Mas logo lhe ocorreu que, se fosse esse o caso, a frase seria... ligeiramente ilógica. "Quem—"

"Pergunte-se o seguinte, meu filho", interrompeu o Regente, inclinando a cabeça, casualmente curioso, mas tão, tão letal. Como águas calmas mascarando a correnteza que espreitava sob a superfície. "Você acredita verdadeiramente que merece ser confidente meu neste momento?"

Os ombros de Alaric caíram. "Peço desculpas, pai."

"Seu fracasso é uma mancha na história de nossa nação", disse Gaheris friamente. "Mas você tem sorte de que eu precise de você nas linhas de frente desta nova guerra."

"Sim, pai." As palavras de Alaric eram mecânicas. O interior de sua mente era um deserto calcinado. "Trarei a vitória ao senhor. Eu juro."

"Na próxima vez que vir a Lachis’ka, você me trará a cabeça dela para provar."

Alaric conseguiu apenas assentir.

Mas, muito depois de deixar o salão envolto em sombras e retornar ao seu posto em sua nave-tempestade recém recarregada, ele ainda pensava na declaração incongruente de Gaheris. Quem era a *ela* a quem o Regente se referia? Se não era Talasyn, então...

Uma lembrança surgiu. No dia em que Alaric perguntou como Oryal Ferasai obtivera o soro de sangue sariman, Gaheris dissera algo sobre ajuda vinda de setores inesperados. Alaric estaria apenas embelezando os detalhes com suas próprias suspeitas crescentes, ou o Regente realmente não parecera reconhecer o nome de Oryal?

Por que Alaric não havia investigado mais a fundo?

Para essa última pergunta, ao menos, ele tinha a resposta. Sua culpa o impedira de investigar. Tornara a questão desconfortável de examinar, da mesma forma que não se consegue encarar o sol.

Mas agora ele se sentia inquieto. Se o que começava a suspeitar fosse verdade, então Talasyn corria perigo vindo de uma fonte que, embora não fosse totalmente surpreendente, era completamente inesperada.

E daí?

A voz que ecoou para ele naquele momento não era a de seu pai, mas fora moldada por ela. A voz era um eco do legado de seu avô. O Imperador da Noite era a espada e o escudo de Kesath; a única vez que Alaric tentara ser qualquer outra coisa, tudo terminara em ruína.

Sua esposa escolhera o lado dela e, se isso significava que ela cavara a própria cova, que assim fosse. Ele não podia mais se dar ao luxo de perder tempo preocupando-se com ela.

Ele tinha outra guerra para vencer.

Capítulo Trinta e Três

Oryal estava gritando no ouvido de Talasyn. Era quase tão agradável quanto um virote de besta atravessando o crânio.

A daya já estava visivelmente nervosa quando foi ajudada a subir na cabeça do dragão e instruída a se segurar firme. Ela tremia enquanto Bakun arrastava seu corpo massivo pelo túnel, com as asas apertadas contra os flancos e as garras riscando o basalto como se fossem meros montes de folhas. Mas foi somente quando Bakun disparou subitamente — através da escuridão, para fora do abismo, com as grandes asas se abrindo assim que deslizaram além da borda da cratera — que Oryal começou a gritar.

E então ela simplesmente . . . não parou mais. Houve um momento abençoado em que ela foi abafada pelo rugido de triunfo de Bakun enquanto ele pairava alto sobre os campos ondulantes de Vasiyas, mas aquilo terminou rápido demais.

Talasyn conseguia simpatizar até certo ponto, mas agora era apenas irritante. Na verdade, ela também estava aterrorizada, mas não se ganhava nada com *duas* pessoas agindo daquela maneira.

"Daya Ferasai, por favor, acalme-se!", disse ela em voz alta enquanto Bakun voava mais alto.

"Acalmar-me?", Oryal repetiu, enfurecida. "Você quer que eu *me acalme*?" Como Talasyn, ela tinha ambos os braços firmemente envoltos em um dos chifres da besta. Ao menos ela não estava mais gritando. "Isso é absolutamente intolerável — e se eu cair—"

"Você não vai", Talasyn prometeu ferozmente. "Porque eu vou *empurrá-la* primeiro."

Oryal fechou os olhos com força, engolindo um gemido de desespero. Talasyn deleitou-se com a recém-descoberta paz e silêncio enquanto espiava cautelosamente por cima das cristas opalescentes de Bakun, observando o mundo diminuindo abaixo. O Domínio de Nenavar era um conjunto de pontos esmeralda no oceano azul, tornando-se cada vez menor a cada segundo que passava. Era isso que ela teria visto na primeira vez que montou o Devorador de Mundos, se a noite não tivesse sido uma massa sólida de escuridão, pontuada apenas pelos breves momentos em que Bakun exalava o Voidfell e a luz ametista lampejava no rosto de Alaric, refletindo-se em seus olhos . . .

Tudo se dissolveu em uma névoa branca. Bakun havia subido para as

nuvens mais baixas e a condensação envolveu a pele de Talasyn em um véu de gelo. A dúvida a assaltou. O dragão estava realmente levando-a para o destino pretendido? Ele realmente vira as Ilhas do Amanhecer em seu coração e agora estava realmente obedecendo? Ou ela teria desencadeado uma chuva de morte sobre o mundo?

Oryal provavelmente apostaria na última opção. Ela resmungava para si mesma, chamando Talasyn de louca repetidamente.

Bem, ela não estava errada, mas era muita audácia vindo *dela*.

"Das duas pessoas neste dragão, eu não sou a que sequestrou o herdeiro do trono, Daya Ferasai", Talasyn pontuou. Bakun movia-se lentamente e não havia vento, tornando a conversa possível.

"E as minhas transgressões foram menos insanas do que seja lá o que você está fazendo agora, Lachis'ka?", Oryal bufou. "O que *é* tudo isso, afinal?"

"Um tiro no escuro para recuperar minha etermancia. Aquilo que *você* tirou de mim com aquele soro", retrucou Talasyn. "Quem deu isso a você?"

Ela quase não quis perguntar — não queria a confirmação de que tinha sido o pessoal de Alaric. Não sabia se sentia frustração ou alívio quando a outra mulher se recusou a responder.

"O fato de você ainda não saber pode ser a única razão pela qual ainda estou viva", disse Oryal.

"Vamos retomar a parte em que eu te empurro daqui."

"Se fosse fazer isso antes de eu revelar qualquer informação, já teria feito."

Tinha que ser uma nobre do Domínio para ser um estorvo enquanto montava uma criatura de mil metros de comprimento saída diretamente de uma lenda. Talasyn fervia de raiva internamente enquanto ela e Oryal mergulhavam em um silêncio rígido, enquanto as asas coriáceas de Bakun continuavam a bater.

O dragão mantinha-se nivelado, como se estivesse consciente dos dois humanos equilibrados precariamente em seu dorso. Seu passo era descontraído, apenas um pouco mais rápido que o de um navio capital em velocidade de cruzeiro. Talasyn logo percebeu que aquilo não bastaria.

Mais rápido. Ela deslizou a palma da mão até a crista da testa de Bakun, esperando e torcendo até que seu coração estivesse prestes a explodir. *Precisamos ir mais rápido. Ar, céu e éter. Por favor.*

Por mim.

Por ele.

A criatura rugiu novamente. Sua cabeça inclinou-se para trás e o Voidfell jorrou de suas mandíbulas, preenchendo a visão de Talasyn com fumaça ametista enquanto ela e Oryal apertavam a pegada. Então o Devorador de Mundos subiu, deslizando sobre as nuvens mais baixas de Lir, e Talasyn começou a entrar em

pânico enquanto o frio congelante da altitude elevada agarrava seus ossos e uma pressão imensa e sem ar esmagava seus pulmões — e se subissem mais do que até mesmo os navios de tempestade conseguiam ir — aquilo não era sobrevivível —

As nuvens de tom violeta ficaram para trás. A luz do sol desapareceu. Foi tão súbito, aquela escuridão, mais negra que o preto por um batimento cardíaco antes que lampejos de raios explodissem ao redor, dezenas e dezenas, piscando todos de uma vez . . .

Não. Não eram raios. Talasyn não conseguia mais ver Oryal nem mesmo o dragão ao qual estava agarrada, mas alguns dos lampejos começaram a surgir a centímetros de seus olhos e eram prateados, em vez de brancos. Cada um era claramente composto por vários fios, cintilando na penumbra.

Aquilo era éter. Os fios que amarravam o mundo. Este era um lugar que não era um lugar, uma fresta entre dimensões.

E desapareceu tão rápido quanto surgira. Bakun mergulhou abruptamente e a escuridão trêmula deu lugar às nuvens mais uma vez — desta vez, tingidas de vermelho e dourado pelo brilho de um sol poente. O Devorador de Mundos atravessou as névoas ígneas em sua descida veloz e, então, estavam voando sobre um trecho desconhecido do Eversea, em direção a um conjunto de ilhas estrangeiras dispostas no formato de um crescente irregular. Oryal gritava novamente, bem junto ao chifre de Bakun; a criatura soltou um bufado, e Talasyn chegou a se perguntar se ela estava ficando com dor de cabeça. Voaram sobre o oceano coroado de espuma, depois sobre a costa de areia branca, florestas de árvores retorcidas, pântanos fervilhantes, cânions profundos e cachoeiras, diminuindo a velocidade apenas ao se aproximarem de uma fileira de cumes verdejantes, esculpidos pelos raios fundidos de um sol cor de sangue.

O pouso foi bruto. Bakun atingiu a base da cordilheira como um terremoto, levantando verdadeiras nevascas de poeira. Talasyn finalmente permitiu que seu aperto no chifre do dragão relaxasse e ela se projetou para frente, caindo em solo firme — enfim, enfim — de mãos e joelhos. Oryal estava em algum lugar ao seu lado, vomitando a náusea de um estômago vazio, mas Talasyn mal registrou a presença da outra mulher. Sentia-se como se estivesse navegando por semanas, não por horas. A exaustão que ela vinha repelindo desde que fora forçada a assistir à execução dos Sardovianos a atingiu, tão debilitante quanto um saco de tijolos. Ela não era mais ela mesma. Não sabia o que fazer. Bakun alçou voo mais uma vez, sua sombra caindo sobre o mundo selvagem, e ela tentou se levantar, caminhar, mas não demorou muito para que tropeçasse, tonta, fraca e sedenta. Não conseguia se levantar e, por isso, rastejou, sobre a terra, sob o sol vermelho. Não importava como avançasse, apenas que avançasse. Não restava

mais ninguém para carregá-la.

Através da névoa carmesim lançada pela última resistência do dia contra o avanço inexorável do crepúsculo, Talasyn viu uma multidão de figuras emergir da vegetação densa e imponente. Cada uma estava trajada em armaduras iridescentes confeccionadas com o mesmo tipo de escama reptiliana, predominantemente verdes, mas salpicadas de brilhos âmbar e cerúleo. Se estavam perturbadas pela presença distante de Bakun no céu acima, não demonstraram; seus olhares estavam fixos em Talasyn e Oryal. O Lightweave flamejava em suas mãos, na forma de lanças brilhantes.

Talasyn não via aquela magia há tanto tempo. E nunca antes vira outra pessoa conjurá-la além de si mesma. Ela sufocou um soluço seco quando uma das figuras se aproximou — uma mulher robusta de meia-idade com cabelos castanhos como os dela, trançados para trás, usando um elaborado adereço de cabeça feito de penas e contas polidas.

"Alunsina." Sua voz era seca, desgastada e familiar. Seus olhos eram os mesmos olhos que Talasyn vira certa vez em um sonho, e os olhos que via sempre que olhava no espelho. "Estávamos esperando por você."

O Príncipe Elagbi mencionara que o povo das Dawn Isles não falava o Comum dos Marinheiros. De fato, o sotaque era carregado, as palavras meticulosas demais para terem surgido naturalmente. Talasyn vasculhou suas memórias em busca de outras coisas que seu pai dissera, logo extraindo o nome mais provável. A mulher no adereço de cabeça, que era claramente um símbolo de patente, era jovem demais para ser a matriarca do clã que Elagbi conhecera, mas Hanan tinha uma irmã . . .

"Por favor", arquejou Talasyn, "por favor, eu cometi um erro, preciso consertá-lo—"

"Sim." Cahyir Ivralis estendeu a mão para ajudar a sobrinha a se levantar. "Mas primeiro, você deve se erguer."

A cordilheira era conhecida como o Caminho do Sol, composta por sete picos cobertos por uma selva densa. O clã Ivralis vivia em um conjunto de casas longas na base das encostas, integradas a um extenso sistema de cavernas para formar labirintos de pedra e videiras de rattan. Enquanto os outros Tecelões da Luz cuidavam de Oryal, Talasyn foi conduzida aos aposentos privados de sua tia, onde comeu ao lado de uma fogueira acesa para afastar o frio que descia gradualmente das alturas com a chegada do anoitecer. Era uma refeição simples — uma sopa escura de coco tostado e capim-limão, pedaços de peixe-espada temperado servidos em pão folha crocante — mas ela engoliu tudo vorazmente, com um cobertor bordado jogado sobre os ombros. De vez em quando, os ecos

de um rugido distante infiltravam-se pelas vigas enquanto Bakun rondava os céus sobre a cordilheira.

Cahyir sentava-se diante de Talasyn, analisando-a com olhos castanhos contemplativos que eram estranhamente semelhantes aos de Hanan, que Talasyn só vira em retratos, registros etéreos e visões. Eram olhos antigos que guardavam algo do universo em suas profundezas. Eram os olhos de quem passara a vida inteira caminhando com o éter.

"Foi você quem eu vi naquele dia", disse Cahyir, assim que Talasyn terminou de comer. "Na luz da aurora".

"Sim". O sonho que Talasyn tivera enquanto estava inconsciente e à mercê de Oryal — não era sonho algum, na verdade, mas uma convocação. "Você me chamou de Hanan".

"Você se parece tanto com ela". Por um momento, Cahyir pareceu mais velha do que seus muitos anos, consumida por uma tristeza silenciosa. "Minha teimosa irmãzinha. Quando ela partiu com o príncipe do Domínio — assim que o navio deles desapareceu no céu — eu soube que jamais a veria novamente nesta vida". Ela encarava Talasyn como se estivesse olhando para outra pessoa, de anos atrás. "Você deveria ter vindo para cá muito antes, Alunsina. Eles a enviaram para cá para sua segurança durante a guerra civil de Nenavar. Mas seu navio nunca chegou. Seu pai veio procurá-la e nós não tínhamos ideia do que ele estava falando... Até vê-la na luz algumas sennights atrás, pensei que você também tivesse sido perdida para nós para sempre".

A tigela de madeira vazia tremeu nas mãos de Talasyn enquanto ela a colocava no chão. "Antes de tudo, você precisa saber — Urduja Silim matou Hanan Ivralis", disparou ela, e então começou a contar tudo à tia. Desde a rebelião do Príncipe Sintan que levara Indusa Dei a abandonar Talasyn no Continente, passando pelo encontro de Talasyn com Alaric perto do fim das Guerras do Furacão e a descoberta de sua verdadeira identidade pouco depois, o acordo que a Allfold de Sardovia fizera com o Domínio de Nenavar, ao tratado de casamento que o Domínio de Nenavar, por sua vez, firmara com o Império da Noite, a trama fracassada para derrubar Urduja que fizera Talasyn perder a Tecelagem da Luz e também revelara o envolvimento de Urduja na morte de sua nora. Tudo, absolutamente tudo, até a maneira como Talasyn contaminara a fonte de Voidfell de Kesath e como Alaric a deixara ir.

Ela falou por aquilo que pareceram horas. O fogo já estava baixo quando terminou. Cahyir ouviu tudo em um silêncio mortal, as íris ocasionalmente brilhando em dourado quando a emoção a dominava, com faíscas saltando de seus punhos cerrados.

Ah, pensou Talasyn com uma pontada, *esse meu temperamento — foi daqui*

que eu herdei.

"Que punição devemos dar a essa daya?", perguntou Cahyir. "Devemos matá-la?"

Talasyn balançou a cabeça, exausta. Não parecia haver muito sentido nisso, não depois que ela trouxera Oryal até o outro lado de Lir no Devorador de Mundos, através das dobras do tempo e do espaço. "Ela ainda tem informações de que preciso".

Cahyir iluminou-se. "Tortura, então".

Talasyn esperava sinceramente que sua tia estivesse apenas desabafando e que, como governante de seu povo, fosse menos cruel na prática. "No momento, estou mais preocupada em recuperar minha etermancia. Se... se você acha que isso seja minimamente possível".

"Não vejo por que não", disse Cahyir, e Talasyn soltou o ar que nem percebera que estava prendendo, praticamente afundando nas tábuas do assoalho sob o peso esmagador de seu alívio. "Você veio a mim em um raio de sol ao amanhecer. Você ardeu durante o último eclipse. E o raksa — o dragão — ainda foi capaz de ver o seu coração. Isso significa que sua magia permanece dentro de você". A matriarca mordeu o lábio inferior, ponderando. "Às vezes — raramente, mas *acontece* — uma criança nasce para a Alvorada sem manifestar talento para a etermancia, ou apenas uma versão enfraquecida dela. Quando essa criança atinge a maioridade, ela pode escolher trilhar o Caminho do Sol, até o cume mais alto, onde os Cortadores de Luz são os mais velhos e fortes. Se você empreender essa peregrinação, acredito que poderá encontrar o que procura. Lá, na espinha do mundo".

Talasyn engoliu em seco, lembrando-se da escala vertiginosa daquela cordilheira. Mais alta que Aktamasok, mais alta que as Terras Altas de Sardovia. E ela teria que ir a pé...

"Não sei dizer quanto tempo levará", disse Cahyir gentilmente, lendo a expressão em seu rosto. "Depois de certo ponto, cada centímetro do Caminho torna-se saturado de éter. O tempo é fluido lá. Você encontrará o passado, talvez até o futuro. Terá que abrir caminho lutando contra todo tipo de feras e aparições letais. É diferente para cada pessoa, e também é perigoso — a maioria retorna ao clã com os nós de seus espíritos desatados, capaz de finalmente empunhar a Trama de Luz, mas há também alguns que nunca retornaram".

Talasyn já ouvira discursos mais encorajadores de comandantes sardovianos desmoralizados dando ordens de retirada. Ela não tinha muita escolha, porém. "Tudo bem", disse ela. "Eu farei isso".

À luz carmesim do fogo, a apreensão e a resignação oscilaram nas feições arredondadas da matriarca. "Você é filha da minha irmã, então conseguirá. Tenho

total fé. Eu mesma não trilhei o caminho; o melhor conselho que posso lhe dar é não olhar para trás, não importa o que aconteça. O objetivo é continuar seguindo em frente. Mas tudo isso pode esperar até amanhã, depois que você descansar", acrescentou ela com firmeza. "Você precisará de forças para conquistar aquelas montanhas".

Embora Talasyn não quisesse esperar nem mais um segundo, ela tinha que admitir que estava exausta. Seus pensamentos tornavam-se lentos, embalados pelo crepitar do fogo. Mas havia algo a inquietando. Algo que Cahyir dissera e depois reformulara porque Talasyn não teria entendido.

Raksa.

"Você tem uma palavra para 'dragão'", ela arriscou timidamente. "No seu idioma."

Claro, poderia ser semelhante ao Continente, onde um termo fora inventado para abranger um conto de fadas...

"*Raksa* traduz-se como 'rei da terra'," disse Cahyir. "Como vocês os chamam em Nenavar?"

"*Lachise'tian*", respondeu Talasyn. "Significa 'rei do céu'."

Quão grande Lir era, na verdade. Quão numerosas eram as ilhas que ela jamais conheceria. Quantos nomes existiam para a mesma coisa. Um eclipse podia ser um dragão devorando a lua ou um deus solar alimentando seu leão de estimação com ela. Uma garota podia ser uma erva daninha em sua primeira e empobrecida terra natal, ou uma estrela nos braços do marido...

Quão vasta era essa dor.

Ela reuniu energias para mais uma pergunta. "Onde a senhora aprendeu a falar o Comum dos Marinheiros, tia?"

"Ah, bem." Cahyir coçou o queixo, parecendo um pouco sem jeito. "O príncipe do Domínio me ensinou um pouco enquanto esteve aqui. Foi mais fácil de aprender do que o nenavarense. E depois que ele partiu com Hanan — bem, eu ainda não era a matriarca. Podia viajar como quisesse. Então passei algum tempo na cidade portuária mais próxima, aprendendo mais. Eu tinha esperança, entende, de encontrar os filhos da minha irmã um dia." Seus lábios curvaram-se em um sorriso melancólico. "Caso ela não tivesse ensinado nossa língua a você, eu queria ser capaz de conversar com você mesma assim."

A cama nos aposentos de Cahyir era mais do que suficiente para duas pessoas. Talasyn protestou a princípio, oferecendo-se para dormir em qualquer outro lugar, pois não desejava incomodar a tia, mas aconteceu que a matriarca queria ficar de olho nela naquela noite — por um bom motivo.

"Haverá um eclipse em algumas horas", explicou Cahyir. Ela retirou um

frasco arrolhado do armário de remédios aos pés da cama e o colocou nas mãos de Talasyn. "Esta é a poção mais forte que temos para aliviar a dor de ferimentos causados por etermancia. Você pode tomá-la agora. Não sei se aliviará seus sintomas, caso eles apareçam, mas não custa tentar."

Já que o Imperador da Noite não está aqui para ajudá-la. A outra mulher não disse isso em voz alta, mas Talasyn já sentia a ausência de Alaric como um buraco no coração desde o Repouso de Mahagir, de qualquer forma.

A poção era de cor marrom e tinha a consistência de chá. O gosto também era parecido. Talasyn fez uma careta ao virar o conteúdo do frasco. E pensou — quase com um fascínio miserável, da mesma forma que alguém aperta o próprio hematoma — no gosto do cacau, no jardim de hibiscos, e novamente no solário da Imperatriz da Noite.

Por que fez tudo aquilo por mim, perguntou ela ao marido, onde quer que ele estivesse, *quando você ia apenas tirar minha magia, me manter refém e me forçar a assistir à execução dos meus companheiros? Por que se dar ao trabalho de ser gentil quando seu plano desde o começo era cercar a terra que eu estava começando a chamar de lar?*

E por que fazer todas aquelas coisas — por que ser a máquina de guerra, o vilão que eu sempre temi — se você ia apenas chorar?

Por outro lado, ela poderia direcionar a mesma linha de questionamento a si mesma. Por que dormir com ele se ela deveria traí-lo desde o início? Por que se apaixonar sabendo como tudo terminaria?

"Sinto muito." Cahyir estalou a língua em simpatia, e foi assim que Talasyn percebeu que passara vários segundos sem fazer nada além de encarar o frasco vazio. "Eu sei que não tem um gosto muito bom. Parece água de folha."

A poção tinha um efeito sedativo. Graças a isso, Talasyn adormeceu rapidamente enquanto as lamparinas eram apagadas por toda a casa comunal.

Mas ela adormeceu em meio a um sentimento de pavor — pavor do que poderia acontecer com ela durante o eclipse, do que poderia acontecer com Alaric, que teria de enfrentá-lo sozinho — e talvez isso explicasse o sonho que teve.

Nesse sonho, ela caminhava pelas praias de Chal à noite, olhando para o oceano negro enquanto a maré alta lambia seus pés descalços. Chovia, uma garoa leve que descia fina como névoa, escorrendo em pequenos riachos por seus braços nus, que formigavam de frio. No canto do olho, as bordas de um manto preto ondulavam ao vento, logo além do alcance de seus braços. Ele a beijara certa vez naquela mesma praia e também chovia então. Talvez agora ele a beijasse novamente e dissesse que entendia por que ela o fizera, que tudo estava

perdoado, que ele também a amava.

Sim, pensou ela. *Venha aqui. Seja sonho ou fantasma — apenas esteja comigo.*

E foi então que a queimação começou.

A poção que ela tomara não conseguira atenuar a dor, afinal. Mas *tinha* deixado-a incapaz de acordar, incapaz de clamar por ajuda a Cahyir. Enquanto uma lua deslizava sobre a outra, Talasyn caiu de joelhos, com as veias em chamas. A praia banhada por estrelas estremeceu e sua magia adormecida chocalhou suas correntes, gritando por um fim ao sofrimento, implorando por seu espelho sombrio.

Ele não estava ali. Ela não conseguia alcançá-lo. No entanto, a dor aniquilava qualquer racionalidade e ali estava ela, o nome dele como um súplica murcha em uma boca que não conseguia mais falar, mesmo tentando atravessar a vastidão do mundo.

Alaric.

Ela curvou a cabeça sobre as areias de obsidiana. As ondas quebravam, a dor persistia. Ar, céu e éter.

Alaric—

Algo mudou. O sonho estagnou. Talasyn podia ouvir a batida abafada de seu pulso e, de alguma forma, podia ouvir também o *nada*, engolindo todos os sons externos, caindo sobre ela como veludo. A areia diante de seus olhos desaparecera. Ela estava em um quarto onde todas as luzes estavam apagadas.

"Entendo", disse uma voz fria e seca, tão querida para ela quanto as batidas de seu próprio coração. "Então é isso que acontece quando há um eclipse e não estamos juntos. Que coisa incrivelmente irritante."

Capítulo Trinta e Quatro

Quando Talasyn levantou a cabeça, viu o marido pairando sobre ela. Apesar da calma sombria de sua declaração inicial, ele a encarava com olhos ardentes. O Shadowgate estremecia, ecoando sua fúria e seu ressentimento.

O Shadowgate . . .?

“Onde—” Talasyn vasculhou a área freneticamente. Estavam cercados por fios de luz e trevas entrelaçados; lembrava-lhe de estar dentro do mesmo escudo que haviam criado para derrotar Bakun. Mas o dourado não se agarrava a Talasyn da mesma forma que as sombras se agarravam a Alaric; estava completamente separado dela e brilhava apenas fracamente, como se estivesse subjugado pela magia oposta.

Quando seu olhar pousou nele novamente, ele não havia se movido um centímetro. Estavam tão próximos, mas ela sentia como se o observasse de longe, enquanto ele permanecia congelado no tempo. No ermo de todos os seus arrependimentos.

“Ainda estou sonhando, não estou?”, ela disse.

“Não, não está”, ele disparou. Foi assim que ela percebeu que ele já estivera ali antes — ou em algum lugar semelhante. “Mesmo no In-Between”, continuou ele com uma carranca, “parece que nunca me livrarei de você.”

O espaço entre dimensões. Para onde os dragões foram, para onde Talasyn e Khaede haviam enviado a frota do vazio. Ela tinha tantas perguntas — como Alaric sabia disso o suficiente para dar um nome ao lugar, para começar — mas ele não responderia se ela perguntasse. Ele não queria mais ter nada a ver com ela.

Fazia tanto tempo que ela não o via em roupas de dormir. As mangas da túnica dobradas até os cotovelos, as calças amassadas, o cabelo escuro desgrenhado. Era estranho a quantidade de coisas que se podia sentir falta em outra pessoa. Vestígios de transpiração permaneciam em sua pele — aquele suor frio que ele exalava sempre que ocorria um eclipse. Mas ele havia se recuperado muito antes dela e agora estava tão altivo como sempre. A Legion estava acostumada à dor.

Talasyn também não sentia mais o calor agonizante. Parecia que estar ali era o suficiente para anular os efeitos debilitantes do eclipse, mesmo que nenhuma parte de seus corpos se tocasse. Mas ela *precisava* tocá-lo. Tinha que confirmar que ele não era apenas alguma ilusão provocada por seu próprio

anseio febril. Ela ergueu a mão e ele recuou, dando um passo atrás, de modo que as pontas dos dedos dela apenas roçaram a borda da manga dele.

Ela começou a chorar. Silenciosamente, mas inegavelmente.

Os olhos cinzentos dele percorreram o rosto dela, depois fixaram-se em um ponto além de seu ombro. “Economize suas lágrimas”, disse ele secamente. “Nós dois sabemos que você não as sente de verdade.”

Ela não podia argumentar com ele. Tinha perdido esse direito. Só podia dizer a ele o que estava em seu coração. “Antes — antes do — casamento, eu—” Ela estava gaguejando. Gaguejando de fato. Sua voz reduziu-se à menor das farpas. Ela inspirou profundamente e tentou novamente. “Antes do casamento, presumi que seria fácil. Mas nosso casamento foi — *você* era — diferente do que eu pensava. Comecei a me sentir culpada há muito tempo.”

“Aparentemente não culpada o suficiente para admitir que ainda estava aliada aos rebeldes de Sardóvia.”

“Eu não tinha certeza de como você reagiria se eu contasse a verdade”, Talasyn sussurrou com a voz rouca, ainda de joelhos, presa ao chão pelas lembranças angustiantes do jogo de equilíbrio do último ano, pela inevitabilidade dele e por tudo isso. “Eu precisei manter todos em segurança.”

“Então por que dormir comigo, para começo de conversa, Lachis’ka?” Alaric rebateu. “Por que passar todo aquele tempo concordando comigo que poderíamos trabalhar juntos, quando você e eu poderíamos ter continuado a nos odiar e isso não teria alterado seus planos nem um pouco?” Ele não olhava para ela enquanto dizia isso. Nem sequer parecia tão furioso. E isso, de certa forma, tornava as coisas piores. O que ela fizera a ele, nem mesmo a raiva conseguia alcançar. “A *verdade* é que você buscou baixar minha guarda. Para que eu não suspeitasse da sua duplicidade.” A boca dele se contorceu em um corte cruel. “Para que eu fosse mais fácil de manejar.”

“*Minha* duplicidade?” Talasyn ecoou. Ela encontrou forças para estreitar os olhos, mesmo que ainda não conseguisse se levantar. “Sim, eu enganei você, mas você não é isento de culpa. Khaede viu sua sala de guerra. Eu encontrei o sariman.”

As feições dele tornaram-se mais gélidas, mas ela já o conhecia o suficiente para entender o que aquilo significava. Ela havia perfurado a armadura e ele estava recuando ainda mais para trás da máscara. A indignação injetou um aço necessário em sua espinha. “Você tirou minha etermancia porque pretendia me manter como refém enquanto Kesath invadia Nenavar”, ela cuspiu. “Talvez você tenha se arrependido no final e por isso me ajudou a escapar do Repouso de Mahagir, mas isso não muda suas intenções originais. Foi *por isso* que você me forçou a voltar ao Continente com você, e não toda aquela conversa fiada sobre

garantir que eu estivesse segura dos conspiradores do Domínio, mesmo que isso significasse começar uma guerra—”

“*Foi* para manter você segura”, Alaric interrompeu, ainda recusando-se a encará-la. “O soro, a invasão — tudo isso era o plano do meu pai, não o meu. O Comodoro Mathire roubou o sariman e eu só descobri quando retornei à Cidadela após o casamento. Da mesma forma, eu não sabia que o soro sequer havia sido criado com sucesso até recuperá-la nas Terras da Seda. Eu teria impedido, se soubesse. Mas era tarde demais e eu não podia deixá-la desprotegida, sem sua magia. Então eu a trouxe comigo, contando com o fato de que meu pai não a veria mais como uma ameaça.” Um brilho sardônico infiltrou-se em seu olhar distante. “Quanto a mim, parei de vê-la como uma ameaça muito antes disso. Nisso, a Casa Ossinast errou gravemente no cálculo, devo admitir.”

Ele ainda estava se colocando no mesmo saco que Gaheris, e isso reabriu uma ferida antiga que vinha apodrecendo dentro dela há meses. “Você estava em posição de frustrar os planos dele antes que chegassem a esse ponto”, ela murmurou. “Mas você nunca faria isso, porque jamais escolheria qualquer outra pessoa em vez dele.”

“Da mesma forma que você jamais escolheria qualquer outra pessoa em vez da Allfold?”

Um tremor a percorreu e ela saltou de pé. No entanto, apesar da combatividade dessa nova postura, toda a luta havia se esvaído dela. “Eu *queria* te contar”, ela insistiu através de uma confusão agonizante de ressentimento e desejo. “Eu queria acreditar que seríamos capazes de resolver isso. Mas você continua sendo o mesmo homem que conheci durante a guerra. Toda a sua conversa sobre um mundo melhor, mas você nunca irá contra a vontade do seu pai. Como eu poderia permitir que coisas como o Decreto de Segurança Reforçada fossem promulgadas?”

“Eu não o assinei.”

O mundo sumiu sob seus pés. O momento tornou-se fino como vidro. “O quê?”

“Eu não o assinei”, Alaric repetiu. “Não foi apenas por você”, acrescentou ele, taciturno. “Embora eu concorde que as pessoas precisem de algo em que acreditar além do medo, eu também precisava provar a mim mesmo que sou capaz de desafiar meu pai. Especialmente quando ele está tão claramente errado.”

Talasyn foi roubada da fala, do fôlego. Em seu silêncio, foi *então* que o olhar dele voltou-se para ela.

"Meu caráter foi suficientemente elevado na sua opinião agora?" ele perguntou em um tom tão rígido quanto sua postura. "Você agora me respeita o

suficiente para parar de fingir que algum dia deu a mínima?"

"Não estou fingindo. Nunca fingi." Ela deu um passo em direção a ele, mas ele recuou imediatamente. O pesar a assaltou. "Eu disse à Sardovia que cooperaria apenas se poupassem a sua vida—" Ela parou no instante em que as palavras deixaram sua boca, percebendo na hora que cometera outro erro gravíssimo ao mencionar seus acordos com a Allfold.

"Que consideração a sua", Alaric zombou. "E então o quê? Você realmente achou que continuaríamos vivendo a vida como ela é? Que a Allfold deixaria o Imperador da Noite andar livre? Ou agradaria à sua consciência me visitar em uma cela sardoviana de vez em quando? Não precisava ter se preocupado tanto por mim. Eu teria preferido que você me degolasse durante a noite."

"Por favor." Ela estendeu a mão para ele novamente, um gesto impotente e instintivo, enquanto o vitríolo dele era como uma lança no coração.

As luas escolheram aquele momento para retornar aos seus lugares legítimos nos céus. A rede cintilante de Lightweave e Shadowgate desapareceu e Talasyn voltou ao seu sonho de Chal, e estava sozinha em sua costa fustigada pelos ventos.

O efeito do poção passou por volta do amanhecer. Ela abriu os olhos turvos para a visão de sua tia mantendo vigília ao seu lado, observando-a com a maior preocupação.

Segundo Cahyir, Talasyn começara a se debater na cama assim que o eclipse lunar começou. Então ela desaparecera em um flash de luz, lançando a casa comunal em um alvoroço — apenas para retornar assim que o eclipse terminou, exatamente na mesma posição, ainda dormindo.

Talasyn opinou que provavelmente seria melhor nunca mais tomar a poção. Cahyir concordou; havia mais eclipses a caminho, e era preciso estar em pleno comando dos sentidos ao caminhar pelo Caminho. No entanto, a matriarca permanecia perturbada pelos eventos da noite anterior; durante todo o café da manhã comunitário no salão principal, ela continuou olhando para Talasyn como se esperasse, meio que prevendo, que ela desaparecesse da existência novamente a qualquer momento.

"É realmente um novo tipo de magia", Cahyir disse à sobrinha enquanto comiam bolos de arroz com pedaços de camarão e misturas de toranja e algas. "Talvez o que isso signifique para Lir já tenha acontecido quando você deteve a noite do Devorador de Mundos. O que significa para você e Alaric Ossinast — isso é mais difícil de dizer. Embora esteja claro que as estrelas de vocês estão para sempre entrelaçadas."

Talasyn duvidava bastante que ela e Alaric voltassem a ter qualquer tipo de

entrelaçamento, mas guardou esse pensamento para si. Ela olhou para Oryal do outro lado do salão. A daya fora banhada e recebeu roupas limpas; embora alguma cor tivesse retornado à sua face, ela cutucava a comida sem muito entusiasmo, sob os olhos vigilantes de vários guardas. Talasyn teria que decidir o que fazer com ela quando voltasse do topo da montanha.

Após o café da manhã, Talasyn pôde escolher suas armas em um suporte na parede. A seleção era limitada, devido ao fato de que poucos do clã Ivralis não eram aethermantes, mas ela acabou optando por uma adaga que se sentia razoavelmente confiante em empunhar. Um padrão intrincado de runas fora esculpido no cabo de mogno marrom-escuro e a lâmina era uma presa perversamente afiada, quase tão longa quanto seu braço, arrancada das mandíbulas de alguma grande besta. Os Lightweavers também lhe forneceram um odre de água e tantas rações quanto coubessem em uma mochila; se a comida acabasse, ela teria que caçar ou coletar. Ela saiu da casa comunal vestindo a armadura do clã, as escamas verdes estranhamente frias e leves contra a pele, recortadas em vários pontos para proporcionar flexibilidade, bem como ventilação no calor tropical.

Não que as Ilhas da Alvorada fossem tão quentes quanto Nenavar podia chegar a ser, mas o ar aqui era muito mais luminoso. Não importava para onde Talasyn se virasse, o horizonte acidentado brilhava com pilares de luz dourada. Sempre que um se desativava, vários outros tomavam seu lugar, um fluxo constante de magia, o zumbido vibrante da Trama da Luz estremecendo as vigas do céu.

O Voidfell juntava-se a isso ocasionalmente, fumaça ametista irrompendo debaixo da superfície azul-acinzentada do oceano distante. Bakun não ia para a água há milhares de anos, então Talasyn imaginou que ele provavelmente estivesse se divertindo.

Cahyir escoltou Talasyn até o portão leste do assentamento, de onde um estreito caminho de terra serpenteava para cima e desaparecia na linha das árvores. "É até aqui que posso ir", disse a matriarca. "Alguma última pergunta?"

Era costume daqueles que haviam percorrido o Caminho não revelar demais sobre ele, pois a jornada era diferente para cada um. No entanto, Talasyn viu sua chance e a agarrou imediatamente. "O que há no cume?"

"Revelação", respondeu Cahyir com um dar de ombros. "Coisas deixadas para trás, coisas a serem encontradas seguindo adiante. Fantasmas e visões. Sonhos."

Talasyn franziu a testa. "Você também não sabe, não é?"

A matriarca soltou uma risada estrondosa. "Depende do peregrino individual", esclareceu ela. "É algo muito pessoal, a canção que as montanhas

tecem para você". Então ela tornou-se solene, acariciando a bochecha de Talasyn. "Sabe, Alunsina... você não *precisa* fazer isso. Sempre haverá um lugar para você ao meu lado, seja você uma Tecelã da Luz ou não."

Algo na alma de Talasyn pulsou diante daquela promessa. Ela passara a vida inteira seguindo ordens. Parecia tão raro e precioso receber o dom da escolha. Ter a certeza de que poderia sacudir o peso do mundo e descansar, e que haveria pessoas que não a culpariam por isso.

Mas ela jamais conseguiria conviver consigo mesma se escolhesse o caminho mais fácil, e saber *disso* também era um tipo de liberdade. O que quer que fizesse de agora em diante, para onde quer que fosse a partir daqui — não seria mais por comando de outrem, mas por sua própria vontade.

"Eu tenho que acabar com a guerra, tia". Talasyn colocou os dedos sobre os de Cahyir, que ainda descansavam em sua bochecha. Ela os apertou com força, despejando vinte anos de palavras não ditas e momentos perdidos naquele toque. "Obrigada por tudo. Queria que tivéssemos nos conhecido em circunstâncias melhores."

"O importante é que nos conhecemos", disse Cahyir. "Tome cuidado lá em cima."

"Eu vou."

"Lembre-se, não olhe para trás. O Caminho irá se distorcer se você olhar para trás."

"Sim."

Talasyn havia subido apenas alguns degraus quando seu passo começou a vacilar. Sua mão pairou sobre o punho da adaga presa à cintura por alguns breves instantes, enquanto ela debatia se deveria ou não se virar e fazer a pergunta sobre a lâmina que pesava em sua mente. Mas não havia mais tempo a perder e sua tia a alertara para não olhar para trás, então, no fim, ela continuou caminhando.

Capítulo Trinta e Cinco

Meia hora após iniciar sua jornada — meia hora depois de se despedir de Cahyir e desaparecer na selva de árvores tortuosas — Talasyn ouviu as montanhas cantarem para ela.

Era um ímpeto selvagem, mais sensação do que som real, sobreposto ao canto dos pássaros, ao zumbido dos insetos e ao rugido de cachoeiras distantes, como se existisse no âmago de todas aquelas coisas. Lembrava-lhe o chamado do Corte da Luz nas ruínas do santuário de Belian. Enquanto caminhava, teve o pensamento inquietante de que toda aquela cordilheira *era* um Corte da Luz. A selva certamente não se parecia com nenhuma outra que já tivesse atravessado. A luz vermelho-ouro que filtrava pelas copas das árvores possuía uma qualidade etérea e vítrea, que se impregnava em tudo o que tocava. Folhas e galhos, asas que batiam e caudas que chicoteavam no canto de seu olho — tudo era fino como pergaminho nas bordas, presente, mas não totalmente. Era como caminhar através de um sonho.

A primeira fera atacou-a pouco depois de ela começar a ouvir a canção das montanhas. Um javali — todo feito de pele grossa e cerdosa e presas diabolicamente espiraladas — irrompeu da vegetação rasteira com uma velocidade assustadora. Talasyn esperou que ele saltasse e então golpeou com sua adaga, cravando a lâmina dentada no crânio da criatura.

Tinha sido fácil o suficiente, mas mais deles continuavam vindo. À medida que avançava pela trilha que serpenteava entre as árvores, mais e mais javalis a investiam, às vezes em grupos. Eles não eram *normais*, na falta de uma palavra melhor. Ela sequer tinha certeza se eram reais, reprimindo a tentação de olhar para trás para ver se as carcaças ainda estavam lá. De alguma forma, sabia que não estariam. Lutou contra eles por aquilo que pareceram horas, sofrendo mais do que a sua parcela justa de arranhões e hematomas.

"Você luta como alguém que não sabe o que quer", observou uma voz feminina rouca atrás dela, falando na língua do Domínio. "Isso não a ajudará aqui."

Talasyn puxou a adaga das vísceras fumegantes de sua presa mais recente. "Acho que estou indo bem." Ela fora avisada para jamais olhar para trás, então continuou caminhando.

"Se deseja conquistar o Caminho do Sol, deve esquecer o mundo e tudo o que lhe ensinaram sobre ele."

"E com o que isso me deixaria, então?"

"Apenas com o que você quer — que é *tudo* o que importa."

A silhueta colossal do javali maior e de aparência mais cruel até então surgiu nos arbustos, mais acima na encosta. Talasyn conseguiu esquivar-se da primeira investida, mas a fera balançou a cabeça para o lado, como se tivesse antecipado que ela faria isso; a ponta letal de uma presa cortou seu quadril antes de a fera impulsionar-se do chão e chocar todo o seu peso contra ela. A adaga escorregou de sua mão e ela não teve outra opção senão lutar contra o inimigo com as mãos nuas, com as presas cortando suas palmas e a espuma da boca aberta da fera gotejando sobre ela enquanto jazia presa sob o animal.

Eu não posso morrer aqui.

Eu preciso ver meu marido novamente.

Eu preciso garantir que ele sobreviva à guerra.

Tenho que salvar todo mundo — eu consigo ainda *salvar todo mundo —*

Talasyn rangeu os dentes, agarrou aquelas presas e *girou*, com um grito rouco, com todas as suas forças. O pescoço do javali quebrou. O animal ficou inerte e desabou, um peso morto almíscarado e coberto de baba que ela afastou com um grunhido. Ela recuperou sua adaga e, assim que se recompôs, a origem da voz estava parada diante dela, na estrada dos peregrinos.

A mulher estava com os braços cruzados diante da cintura, de maneira relaxada. Era alta e esguia, envolta em padrões de azul e dourado. Seus traços de pele acobreada ostentavam uma simetria elegante e imaculada, e seus cabelos, que chegavam à cintura, eram negros como a noite, entrelaçados com correntes de pedras preciosas que brilhavam como estrelas.

"Quem é você?", perguntou Talasyn.

"Sua guia", arrastou a aparição. "Seu sangue". Ela bateu os dedos de uma mão no outro braço; suas unhas terminavam naquelas mesmas pontas douradas em formato de estilete que Urduja Silim usava sempre que presidia a corte.

Enquanto Talasyn acompanhava aquele movimento lânguido, pareceu-lhe que já tinha visto aquela mão certa vez — mas, na ocasião, ela estava nodosa e retorcida pela idade, estendendo-se sobre a água, em direção a um sol mais jovem.

"Sim", disse a mulher de cabelos negros. Iyaram, a primeira Zahiya-lachis. O grande e devorador amor do Devorador de Mundos. "Trago-lhe saudações, filha, de todos aqueles que vieram antes".

Alaric não sentiu qualquer sensação de triunfo enquanto o transportador valisante se desintegrava no céu noturno acima. Os destroços choviam sobre a cidade continental de Ashenheath, devastada pelo fogo, onde o Imperador da

Noite e suas tropas repeliam a ofensiva terrestre do inimigo.

Diversas divisões de Valisa haviam se separado da frota aliada principal e avançado terra adentro, contornando a barricada ocidental de Kesath. Estava claro que o objetivo principal delas não era tanto conquistar um ponto de apoio precoce, mas sim forçar a barricada a enviar reforços, fragilizando assim sua formação. Para não cair em tal estratagema, Alaric alertara os comodores para não deixarem a costa oeste, sob pena de morte, antes de pegar sua nave de tempestade e algumas fragatas e resolver o problema ele mesmo.

Na verdade, não haveria necessidade de ele descer pessoalmente ao inferno em que Ashenheath se tornara. Ele poderia ter comandado suas tropas do ar com a mesma facilidade. No entanto, após reencontrar a esposa da qual estava afastado no In-Between, Alaric estava sedento por sangue. Na última hora, o Shadowgate assolhara o campo de batalha, transformando-se de foice de guerra em espada e escudo, e depois em lâminas acorrentadas em seus punhos.

Mas agora ele estava imóvel, em meio às ruínas e ao inferno, olhando para cima enquanto as ondas de raios consumiam as últimas velas valisantes, o emblema da rosa negra dissolvendo-se em farrapos e fuligem. As últimas palavras de sua mãe ecoavam em seus ouvidos acima do caos, atravessando o oceano da memória.

Se você ficar, não restará nada de você.

Ele perdera a conta de quantas pessoas matara nos últimos dias. E de quantos sob seu comando haviam morrido. Ashenheath fora defendida com sucesso ao custo de duas fragatas e várias vezes esse número de coracóis de lobo e soldados de infantaria; quantos mais seriam perdidos assim que Alaric os liderasse para as outras regiões do interior atualmente sob cerco?

Após dar ordens para a limpeza e a perseguição dos beligerantes em retirada, ele cambaleou até os quartéis militares nos arredores da cidade, onde um quarto fora preparado às pressas para ele. Ele arrancou a armadura com os dedos trêmulos e rastejou para a cama apenas de calças. Ele precisava dormir.

Infelizmente, parecia que mal sua cabeça tocava o travesseiro e aquele inverno familiar começava a infiltrar-se em suas veias, e ele abria os olhos para a borda mínima de uma lua em eclipse além da única janela do humilde quarto. A magia miserável o varreu, puxando-o para o Entre-Mundos, o lugar que não era um lugar, e que ele outrora assumira erroneamente que apenas ele e seu pai poderiam acessar. Aquela desesperação dolorosa, consumida pela vergonha, por contato com seu elemento oposto diminuiu, e ele caminhou calmamente pelo salão trêmulo de Trama de Luz e Portal das Sombras, determinado a passar por aquilo com ao menos um *resquício* de dignidade.

Ele quase teve um ataque cardíaco.

Talasyn estava coberta de sangue, mechas soltas de cabelos castanhos pendendo desordenadamente ao redor do rosto. Ela o encarava com olhos castanhos arregalados, parecendo em tudo o espírito vingativo de alguém que fora vítima de um assassinato pavoroso. Foi apenas quando Alaric notou a adaga cerrada na mão dela que ele admitiu que *ela* poderia ter sido quem cometera o assassinato.

Teria ela se juntado à ofensiva de Valisante? Ele a encontraria assim que levasse seus regimentos mais para o interior? No que ela estava pensando, lutando sem sua etermancia—

"Onde *está* você?", Alaric disparou.

Talasyn lançou a adaga para o lado. Ela desapareceu no restante de seu entorno físico, que estava oculto para ele. "Não posso lhe dizer isso."

Certo. Ela havia concretizado sua grande decepção. Não havia mais necessidade de fingir que eles não tinham sido combatentes inimigos o tempo todo.

Ele se sentou, em um chão que não existia. Não realmente. Olhou para ela com um olhar de puro gelo. "É melhor que eu não a encontre no campo de batalha amanhã, Talasyn", ele avisou. "Já destruí um dos porta-frotas de Valisa. Suas táticas não vão funcionar."

"Não sei quais táticas a Allfold está empregando. Não estou em contato com eles". Ela se encolheu quando ele debochou disso, mas ergueu o queixo com desafio. "Estou dizendo a verdade."

"Uma experiência inédita para você, com certeza."

Os olhos dela nublaram-se de dor enquanto ela endireitava os ombros. "Sardóvia me manteve no escuro sobre a maioria de seus planos. Temiam que eu estivesse comprometida por causa dos meus sentimentos por você."

"Fico feliz que você tenha sido capaz de provar que eles estavam errados."

"Minha única diretriz era destruir a fonte do Voidfell. Não descobri que Khaede havia infiltrado a Cidadela até a noite em que você a convocou aos meus aposentos. Eu não tinha ideia de que eles haviam se aliado a Valisa até que Khaede e eu nos reuníssemos à frota."

Cada justificativa que ela dava apenas o lembrava do que ela tinha feito. Do que ele permitira que ela fizesse. O modo como ela focou no envolvimento da terra natal de sua mãe, porque ele se abrira para ela sobre a dor de sua infância como um idiota patético sedento por compreensão, por qualquer aparência de amor — aquilo fora um tapa na cara.

"Então, você teria me contado sobre Valisa?" ele perguntou calmamente. "Se você soubesse?"

Talasyn ficou rígida, desviando o olhar dele. "Acho que não", disse ela

depois de um tempo, com uma voz baixa e cansada. "Eu gostaria de ter podido confiar em você. Mas o que eu poderia ter feito de diferente?" A respiração dela falhou. "Em Nenavar, onde éramos apenas nós dois, eu quase conseguia acreditar. Mas assim que chegamos à Cidadela, deixou de ser algo que eu pudesse ignorar. Vi a dureza da política kesathese, o quanto seus ideais diferem dos meus. E havia Khaede. Eu tinha que proteger a Khaede. Se o disfarce dela fosse descoberto, ela seria condenada à morte. Você não pode dizer o contrário."

"Eu não ia fazer isso", Alaric murmurou.

"Depois que tivemos a confirmação de que a fonte do Voidfell estava no Repouso de Mahagir", continuou Talasyn, cuidadosamente vaga, e o estômago dele se contraiu ao notar como ela protegia Zawye, aquele oficial qualquer que mal conhecia, enquanto se condenava, "eu quase me abri com você. Finalmente tinha informações que poderiam derrubar o Império da Noite e acho que foi isso que tornou tudo real demais para mim. Eu não consegui lidar com isso. Então quase confessei, enquanto você e eu estávamos sozinhos naquele corredor. Mas fomos interrompidos." Ela encontrou os olhos dele novamente, e os dela brilharam com a lembrança daquela noite, o último momento quente e pacífico que compartilharam. "Então você me forçou a assistir à execução dos meus companheiros. Naquela mesma manhã, eu acabara de descobrir o que o Decreto de Segurança Reforçada realmente implicava. Você não deu nenhuma indicação de que não iria assiná-lo—"

"Se você tivesse esperado—"

"Não havia mais *tempo*! O Allfold já havia se revelado. Naquele dia, antes de partirmos para o Repouso de Mahagir, eu também soube sobre os sariman e a invasão planejada de Nenavar. O que eu deveria ter feito, arriscar tudo por causa da esperança de que você mudasse de ideia no último minuto?"

Era perturbador quando ela colocava as coisas dessa forma. Lembrava-o de que ele também cometera sua parcela de transgressões. Mas, naquele momento, sua fúria ressentida era a única coisa que o ancorava. Se ele se libertasse dela, seria varrido.

"Quaisquer esperanças que você tivesse depositado em mim, todas dependiam de que eu me conformasse aos *seus* padrões", disse ele asperamente. "Toda vez que você me permitia qualquer tipo de espaço ao seu lado, acontecia apenas porque eu sacrificava meus princípios para satisfazer suas exigências. Fui puxado para todos os lados e, no fim — no fim, não me restou *nada*." Ele baixou a cabeça em derrota abjeta. "Nem mesmo você."

E você era tudo o que eu queria.

"Alaric." Talasyn desceu ao chão com ele para que pudessem ficar na altura dos olhos. Seus joelhos flanqueavam as pernas estendidas dele. "Ouça-me. Por

favor."

O lábio dele se contraiu. "Súplicas combinam muito mais com você no quarto do que fora dele, Lachis’ka."

Ela recuou levemente, com uma inspiração brusca. E, porque ele era um tolo que falhara em proteger seu coração, um lampejo de autoaversão surgiu dentro dele por ter disparado aquelas palavras, por exumar tão cruelmente um aspecto vulnerável do relacionamento passado deles.

Mas ela continuou falando como se não o tivesse ouvido. "Acho que posso consertar isso. Tem que haver um jeito. Vou tentar consertar."

"Não há como voltar atrás nisso", disse Alaric, lento e comedido. Deliberado, com convicção. "Eu matei meus próprios homens para ajudar você a escapar. Perdi mais da metade da minha frota por sua causa. Você nunca foi capaz de me separar da guerra durante nosso casamento, e eu nunca serei capaz de separar você daquele momento. Isso sempre pairará sobre nós. É tarde demais."

"Não, não é." Ela embalou o rosto dele em suas mãos. Ele sobressaltou-se com aquele toque, tão sentido. Tão detestado. "Não diga isso."

"Eu" — ele afastou os pulsos dela com um golpe — "cansei de receber ordens da senhora, Vossa Graça."

E os céus mudaram novamente, e a conexão temporária entre eles partiu-se ao meio. Como uma corda que fora esticada demais, por tempo demais.

Capítulo Trinta e Seis

Apesar de Iyaram se autodenominar a guia de Talasyn, ela vinha e partia como o vento. Às vezes estava lá, orientando Talasyn em batalhas contra os diversos monstros que as montanhas conjuravam, mas às vezes não estava, e Talasyn caminhava por quilômetros com nada além da música em sua cabeça.

A última opção era vastamente preferível. Iyaram era *irritante*. Toda a praticidade implacável e a altivez tingida de desdém da corte do Domínio, concentradas em uma única aparição.

"Sabe", a primeira Zahiya-lachis disse em tom casual, "acho que você deveria simplesmente matá-lo".

Talasyn recusou-se a dar a aquilo a dignidade de uma resposta. Concentrou-se em comer suas rações escassas enquanto se apoiava no rochedo coberto de musgo onde havia parado para um almoço tardio.

"Como você vê isso terminando?" Iyaram insistiu. "O Allfold vence e ou ele morre em batalha, ou você intercede pela vida dele; e se conseguir — bem, um Continente restaurado jamais se contentaria com menos que o exílio dele. Talvez você renuncie ao seu trono e se junte a ele? Ou irá sequestrá-lo no Domínio de Nenavar, onde ele passará o resto dos seus dias? Você acha que ele algum dia será capaz de perdoá-la por isso?"

Isso sempre pairará sobre nós, Alaric havia dito. Talasyn piscou para afastar as lágrimas . Ela estava tão exausta de chorar. Então, preferiu comer suas rações.

"*Ou*, o Império da Noite vence", continuou Iyaram, "e se *você* não morrer em batalha, irá se entregar? Ele seria sequer capaz de fazê-la prisioneira, considerando que o povo dele estará clamando por seu sangue? Ou você e os sardovianos sobreviventes fugirão e retomarão as tentativas de derrubar Kesath das sombras? Para onde vocês iriam agora que a conexão com Nenavar foi exposta? De qualquer forma, não há final feliz para esta história. Nem para você, nem para ele".

"Eu lidarei com isso quando chegar a hora", disse Talasyn.

Iyaram subitamente inclinou-se para a frente, estreitando os olhos negros como azeviche, tão parecidos com os de Urduja. "*Não*", ela rosnou. "*É* assim que você se meteu nessa confusão. Compartimentalizando, sucumbindo aos seus impulsos, não pensando nas coisas com clareza. E olhe onde você está agora — na floresta, falando com fantasmas, enquanto seu marido e seus amigos

competem para ver quem consegue explodir o outro primeiro".

"Não é uma competição", protestou Talasyn, horrorizada. "É o destino do Continente".

"Um destino determinado por quem tem os maiores navios de guerra, os canhões mais fortes, o maior número de soldados". Iyaram acenou com a mão, desdenhosa. "É uma competição".

Talasyn engoliu o resto do almoço com um gole generoso de seu odre de água, tudo isso enquanto olhava com raiva para Iyaram, que estava... lá, mas não inteiramente. Um toque insubstancial, como se desaparecesse assim que a luz batesse no ângulo certo.

"Você não é um fantasma", proclamou Talasyn. "É mais provável que você seja cada pensamento maldoso que eu já tive. A Iyaram real não agiria assim".

"Como você saberia?" A outra mulher jogou para trás seus longos cabelos pretos. "Está dizendo que o Devorador de Mundos me amou pela minha aparência e não pela minha personalidade?" Seus lábios pintados de escuro tremeram. "Para ser justa, eu era muito teimosa. Alguém teria que ser, para guardar o coração do primeiro dragão. Mas você tem um bom ponto." Ela gesticulou ao redor de si com as unhas douradas. "O véu entre Lir e o éterespaço é mais fino aqui do que na maioria dos lugares. Portanto, conceitos como *onde* e *quando* não são imutáveis. Talvez, não importa o que eu diga, eu *realmente* retire da sua mente. E talvez eu seja uma memória ancestral e um aviso do futuro, e talvez todas essas coisas possam ser verdadeiras ao mesmo tempo."

Talasyn começou a guardar suas coisas para partir. Iyaram pairava sobre ela, como um mosquito esguio e irritante. "Tudo isso foi colocado em movimento há muito tempo, filha", disse ela, sombriamente. "Uma Tecelã da Luz trazida ao Continente, um príncipe criado na Sombra — não há outra maneira de esta história terminar a não ser na ponta de uma lâmina. Na sua ou na dele. Então, eu lhe pergunto: O que você quer?"

"Eu quero minha etermancia de volta", disse Talasyn.

Iyaram balançou a cabeça com impaciência. "A Trama da Luz é um meio para um fim. O que você fará assim que a recuperar? O que você *quer*?"

Talasyn jogou a mochila nos ombros. "Agora", disse ela, enquanto voltava a caminhar pelo Caminho, "eu quero que você vá embora".

Houve um bufo ofendido, seguido de silêncio, e não demorou muito para que Talasyn percebesse que estava sozinha sob as árvores mais uma vez. Após mais alguns minutos de caminhada, a voz de Alaric materializou-se atrás dela.

"*Tala.*" Ele disse aquilo com tanta ternura, como se nada tivesse mudado entre eles.

Não olhe para trás, Cahyir lhe dissera. *O Caminho se distorcerá se você*

olhar para trás.

Não era ele. Era dia e não havia eclipse lunar, e ele jamais diria o nome dela daquela maneira, dada a situação atual entre eles.

Talvez ele nunca mais dissesse o nome dela daquela forma.

"*Tala.*"

Soava tanto como ele. Lutando contra cada instinto que gritava para que ela se virasse, Talasyn protegeu os olhos do sol e continuou sua ascensão.

E falando no sol—

Ele estava sempre em uma posição diferente e aleatória cada vez que ela verificava, um ato que, por si só, não era isento de desafios, pois os Ceifadores da Luz espalhados pelas ilhas incineravam constantemente o céu. Tornou-se impossível para ela estimar o tempo com precisão, que ocasionalmente parecia estar retrocedendo. E talvez fosse esse o ponto: o tempo era fluido ali.

Eventualmente, porém, as sombras se alongaram. Eventualmente, o dia chegou ao fim enquanto ela caminhava, lutava e subia cada vez mais alto.

O biyak-sang — como o povo da Alvorada chamava os lagartos-monitores gigantes cujas peles usavam para fazer suas armaduras — ergueu-se do crepúsculo cor de hematoma, as escamas verdes mosqueadas brilhando e as presas estalando no ar enquanto soltava um grito agudo de caça. Era a terceira criatura de sua espécie a atacar Talasyn naquele dia; ela enrolou sua cauda espinhosa e poderosa no tornozelo da jovem, arrastando-a para a frente, contra a terra. Ao perder o equilíbrio, Talasyn arremessou sua adaga contra o oponente, perfurando um olho amarelo. O biyak-sang gritou de agonia, rolando sobre ela e dilacerando sua carne com garras afiadas como navalhas.

Exausta, ferida, dolorida, Talasyn buscou no fundo de si mesma, nas veias de seus ancestrais, nos ossos da terra que sua mãe chamara de lar. Ela buscou até encontrar reservas finais de força, e seu braço tencionou-se para cima, os dedos cerrando-se em torno do punho da lâmina encravada no olho do biyak-sang. Ela *empurrou*, e a ponta letal afundou no cérebro. O lagarto-monitor soltou um último grito estridente e então dissolveu-se em um bando de—

Urubus, Talasyn percebeu, entorpecida. As aves carniceiras da Grande Estepe. Elas voaram por ela em um redemoinho de grasnidos irritantes e penas negras e, de repente, ela estava em uma cidade de terra batida onde a grama tinha a cor de palha e tudo fora construído sobre outra coisa. Ela estava parada em um mar de telhados e pontes, e diante dela estava a muralha oeste, um edifício imponente de tijolos de barro e sal que bloqueava as estrelas.

Os anos voltaram como uma torrente. Todos aqueles anos de fome, solidão e seca. Quatorze anos de miséria.

Talasyn tropeçou para frente, tão desajeitadamente quanto uma criança dando seus primeiros passos. Ela esquecera como caminhar — como equilibrar o peso exatamente da maneira certa — nas saliências traiçoeiras e pontes precárias do Pico do Calau. Como poderia ter esquecido?

O cabelo caía sobre seus olhos, solto da trança por horas de esforço físico. Antes que pudesse fazer qualquer movimento para ajeitá-lo, ela congelou no lugar quando um par de mãos que não eram as suas vasculhou as mechas desalinhadas, dividindo-as em seções e organizando-as com a facilidade experiente de quem já fizera aquilo centenas de vezes no passado.

"Eu costumava fazer isso para a sua mãe. O seu cabelo é exatamente igual ao dela."

Talasyn já tinha ouvido aquela voz antes. Ela lhe dissera para ser forte antes que a dona da voz a deixasse nos degraus do orfanato em Hornbill’s Head. Isso acontecera quando ela era jovem demais para se lembrar de qualquer coisa, mas aqui e agora o éter-espaço colapsou as paredes do tempo e as memórias voltaram como uma inundação. Ela sabia que, se se virasse, a mulher teria a testa alta e lisa, adornada com contas de argila cozida.

Mas ela *não podia* se virar. Precisava continuar seguindo em frente. Não havia saída a não ser *atravessar*.

"Você carregava uma faca envenenada quando fugimos de Eskaya", ela sussurrou. "Foi assim que conseguiu matar os dois Lachis-dalo que estavam conosco. Eles não a consideraram uma ameaça porque você era apenas uma ama. Você navegou para o Continente e me deixou para trás."

"Eu fiquei na Grande Estepe", disse Indusa Dei. "Envelheci na cidade vizinha à sua. Morri quando as naves-tempestade chegaram."

E a questão era que Talasyn jamais saberia se aquilo fora o que realmente aconteceu, ou se era apenas a sua própria mente fazendo conjecturas, tentando justificar o passado. A história precisava de alguém para registrá-la; a verdade pertencia apenas aos que vieram antes. Ela permaneceu em silêncio e deixou que a aparição continuasse a falar.

"Eu me arrependi, sabe. Perto do fim da minha vida, comecei a pensar em você cada vez mais. Me perguntava como você estava, se ainda estava viva. Mas continuei convencida de que tinha feito a coisa certa. Urduja Silim teria moldado você à imagem dela. O reinado dela não podia ter permissão para continuar."

"Então você ficou do lado do filho mais velho dela."

"O Príncipe Sintan era o menor dos males", disse Indusa. "Eu o teria seguido até o inferno e de volta. Toda revolução precisa de um líder. Você também sabe disso, não sabe?"

Talasyn pensou em Ideth Vela. E algo a fez perguntar: "Foi o menor dos

males, então, eu ter enviado todas aquelas pessoas para o espaço etéreo?"

"Eles não eram exatamente civis indefesos", observou sua ama, soltando o cabelo de Talasyn, agora perfeitamente trançado. "Eles estavam a caminho de esmagar Sardóvia e seus aliados e, ao fazer isso, instaurar um regime ainda mais cruel. Todos nós cometemos coisas terríveis; tal é a natureza da guerra. A diferença de caráter resume-se a se perdemos ou não de vista o *porquê* de as termos cometido. Se você se permitir esquecer pelo que estava lutando, a princípio, tudo terá sido em vão. Lamento o que fiz com você, Alunsina Ivralis, mas eu *assumo* essa escolha. Não pedirei desculpas."

"Ótimo", disse Talasyn. "Porque eu não teria te perdoado de qualquer maneira."

Com isso, ela deu o próximo passo, e o seguinte, deixando Indusa Dei no passado.

Assim que chegou à base da muralha oeste de Hornbill's Head, Talasyn soltou a corda de escalada do cinto em sua cintura. Ela lançou a extremidade com gancho, que voou pelo ar árido e pelo luar pulsante, fixando-se com precisão infalível em um dos merlões. A corda esticou-se enquanto ela se içava, subindo freneticamente de um apoio para o outro. Cada músculo gritava em protesto, a pele ferida abrindo-se novamente a cada esforço.

Mas ela não parou. *Eu devo subir*, disse a si mesma. *No cume* encontrarei a revelação. Esta era a mesma muralha da cidade que ela escalara para fugir dos guardas que a perseguiam depois de ter roubado comida naquele dia, a mesma muralha de onde vira o navio-tempestade se aproximando. Aquele fora o dia em que sua etermancia se manifestara, desafiadora e desesperada em meio às ruínas, e Darius a levara para a Allfold.

Darius e os cuidadores do orfanato que a espancaram e a deixaram passar fome estavam todos mortos. A ama que a deixara ali estava morta. Apenas Talasyn permanecia. Ela sobrevivera a todos eles e ressurgiria de suas cinzas sobre uma terra que fizera o possível para não permitir. Ela continuou, subindo ainda mais, e então—

Memórias. Não eram dela, mas foram-lhe mostradas, de qualquer modo. Reveladas pelas montanhas da Aurora, onde o espaço etéreo cantava e arrancava os destroços do tempo.

> "Seu filho enviou uma águia, Harlikaan. Ele está a caminho de Nenavar."
>
> Urduja Silim levanta o olhar da papelada em sua mesa, fixando um olhar frio em Lueve Rasmey, que é encarregado de monitorar as comunicações da casa real. "Já era hora. O irmão dele está agitando a corte com todas essas bobagens de reforma constitucional. Envie uma resposta, diga a Elagbi que ele precisa falar com Sintan— Sim, o que foi?" ela dispara quando Lueve se agita.
>
> "O Príncipe Elagbi não está retornando sozinho", o daya responde cautelosamente. "Uma mulher

o acompanha. O nome dela é Hanan Ivralis. Ela é das Ilhas da Alvorada."

A mão de Urduja se fecha em um punho sobre a mesa. "Meses longe de casa, negligenciando suas responsabilidades, e ele traz de volta uma Tecelã da Luz?" Ela balança a cabeça, discretamente horrorizada por sua perda momentânea de compostura. "Mas quem sou eu para falar mal da mulher que um dia poderá ser a Lachis'ka?"

As leis de sucessão são muito claras, afinal, e seu filho mais velho já proclamou a intenção de jamais se casar. Se o segundo filho se casar com essa garota que encontrou em um lugar remoto, ela será imensamente grata pelos luxos do Domínio. Não saberia nada de política e seria fácil de controlar.

Com todas as casas nobres disputando uma oportunidade diante da falha da Zahiya-lachis em gerar uma filha, Urduja supõe que poderia ter sido muito pior.

"Daremos a ela as boas-vindas reais", ela decreta a Lueve. "Como convém à herdeira do trono."

Hanan Ivralis torna-se um problema desde o momento em que chega ao Teto do Céu. Seus modos são rudes demais, seu espírito livre demais. Ela passa a maior parte do tempo longe da corte, vasculhando as ruínas de Belian e retornando à capital com gravetos em seus cabelos castanhos e o éter nos olhos. Ela não é do tipo que desperte qualquer lealdade entre os nobres do Domínio, e sussurros já começam a florescer sobre o quão inadequada é a próxima Rainha Dragão.

Ainda não é a gota d'água quando, alguns meses após o casamento de Elagbi e Hanan, Urduja aborda o assunto de uma coroação formal, apenas para que Hanan a informe que não tem interesse em governar. O encontro deixa um gosto amargo na boca de Urduja, sim, mas ela consegue manter a compostura, pois as damas de companhia de Hanan fofocam sobre o aumento da cintura de sua senhora.

Urduja solta um suspiro de alívio quando o bebê nasce menina. Ela consegue conviver com a rejeição de Hanan; é muito melhor que a herdeira seja de sangue nenavarense, ainda que diluído pela genética imprevisível de uma etermante estrangeira.

"Você proclamou minha filha como sua Lachis'ka."

Urduja observa impassivelmente a mulher que ousou invadir seu salão particular. "Proclamei. Há algum problema?"

Hanan se irrita. "Você não perguntou a mim nem a Elagbi—"

"Eu não sabia que precisava de permissão de nenhum de vocês e, diante da sua recusa em ser nomeada minha herdeira, eu não tive outra opção", diz Urduja com ironia. "Alunsina governará o Domínio de Nenavar um dia. Ela é minha única descendente do sexo feminino. É o destino dela."

"Ela escolherá o próprio destino!" Hanan dispara. "Ela pode ser sua herdeira oficial por enquanto, mas eu a criarei para que saiba que sempre terá uma escolha. E, quando chegar a hora, espero que você respeite os desejos dela, sejam eles quais forem."

Com isso, Hanan gira nos calcanhares e deixa o salão. Ela não percebe — ou talvez sinta, mas ignore deliberadamente — a maneira como os olhos de Urduja se estreitam para as suas costas.

Aquilo é quase a gota d'água. A Zahiya-lachis começa a traçar planos, por precaução. Se Hanan Ivralis a desafiar novamente — bem, se uma criatura selvagem não pode ser domada, então a necessidade dita que ela deve ser abatida.

Tudo aquilo havia se passado na cabeça de Talasyn como um sonho vívido, ou as cenas haviam se desenrolado diante de seus olhos, tecidas a partir do éter como suas visões do passado quando ela comungava com o Corte da Luz no Monte Belian? Ela não sabia. Quando tudo terminou, ela estava quase no topo da

muralha oeste, e o par de olhos negro-azeviche que a encarava sob a luz das sete luas era tão parecido com o de Urduja que ela quase soltou a corda, assustada a ponto de perder o sentido.

Mas era Iyaram, sentada no topo da ameia com as pernas balançando na borda, uma cruzada sobre a outra. Seus longos cabelos negros fluíam ao vento gélido que soprava pela Grande Estepe. A expressão em seu rosto era pensativa — até mesmo ligeiramente triste.

"Não é tarefa fácil liderar uma nação", disse a primeira Zahiya-lachis. "Suas decisões são apenas suas, mas seus erros ecoam através dos anos. Todos os dias você é assombrada pelos caminhos que não tomou. Todos os dias você se pergunta se está fazendo o melhor por seu povo ou se é tudo para seu próprio benefício. O poder cega você, mesmo enquanto você se esmaga sob o peso dele."

"Você pode maquiar isso o quanto quiser", rosnou Talasyn, "mas o fato permanece que ela matou minha mãe. Ela *terá* seu acerto de contas. Eu farei questão disso."

"Falo para explicar, não para justificar", disse Iyaram. "E o que estou explicando é isto: ser tratada como divina corrói sua humanidade pouco a pouco. Não há espaço no coração do governante para nada além da nação — e, ao fim, para nada além de como ele será lembrado. É por isso que eu tinha tanto medo por meu dragão. É tolice confiar a própria devoção aos cuidados de uma rainha. Da mesma forma..." Ela lançou a Talasyn um olhar significativo. "Jamais se deve amar um rei. Ele não tem escolha a não ser não escolher você."

O pé de Talasyn escorregou de seu precário apoio de tijolos de barro. Ela hesitou, seu aperto afrouxando enquanto deslizava vários centímetros pela corda, a fricção queimando a gaze que ela havia enrolado nas palmas das mãos. Ela não conseguia encontrar forças para se puxar para cima novamente. Quaisquer reservas internas que possuísse haviam desaparecido.

"Ele me deixou ir", disse ela lentamente. O ponto final da exaustão era a clareza, e sua cabeça girava com isso naquela altura imensa, em meio às estrelas gélidas. "Não foi a decisão correta para o povo dele, mas ele me deixou ir, mesmo assim."

Ali, no início da queda, Alaric a havia escolhido. O que ela deveria fazer com alguém que tinha um coração assim? Como o dela, tão castigado, fechado e convencido, poderia sequer esperar se comparar?

Mas — ela ansiava por tentar.

"E então?", instigou Iyaram. Sua mão se estendeu para baixo, partindo da ameia como uma oferta. "Já descobriu o que quer?" A impaciência cintilou em seu rosto diante da hesitação de Talasyn. "Você não veio até aqui por um

capricho. Você não abandonou seus companheiros no momento em que eles mais precisavam de você sem nem saber para quê. *O que*", repetiu ela, com as luas brilhando mais intensamente sobre sua cabeça, "você *quer*?"

Um mundo melhor. Um sonho de paz. Empunhar o Lightweave mais uma vez. A derrota de Gaheris. A punição de Urduja. Todos esses eram objetivos mais nobres, mas um eclipsava todos os outros dentro do labirinto que era o coração de Talasyn.

Ela não havia fugido até as Ilhas da Alvorada apenas para fugir da verdade.

"Eu quero meu marido de volta", disse Talasyn.

Iyaram não pareceu nem um pouco surpresa. No entanto, havia uma resignação exasperada na maneira como seus olhos tremeram, como se ela estivesse lutando para não revirar as pupilas. "Bem, não posso dizer que eu não esperava por isso. Venha, então."

Suas longas unhas douradas se fecharam em torno do pulso de Talasyn. Assim que a pele da aparição tocou a dela, a visão de Talasyn oscilou e, de repente, ela se viu naquele mesmo espaço nebuloso entre dimensões para onde o eclipse a levara com Alaric. Só que, desta vez, ele não estava lá. Mas ela também não estava sozinha.

O trono alado do Domínio de Nenavar estava diante dela, suspenso em correntes de luz e trevas. Como se sentisse a presença de Talasyn, o ocupante — uma figura pequena — ergueu a cabeça. Feixes de radiância fantasmagórica caíam sobre seu rosto em véus oscilantes.

A criança sentada no trono não podia ter mais de onze anos. Tinha os olhos, as sardas e a pele oliva de Talasyn, mas o restante — os cabelos fluindo em ondas negras e espessas sob uma coroa de prata, as orelhas levemente proeminentes, o nariz longo, a boca carnuda e a expressão intensa e estudiosa, tudo aquilo era —

"Este é um dos muitos futuros possíveis". A voz de Iyaram soava com estática e distante. "Eu realmente não sei se ele ainda está ao seu alcance. Mas você lutará por ele, não lutará, Tecelã da Luz? Assim como lutou por tudo o mais durante toda a sua vida".

Talasyn encarou a criança, que retribuiu o olhar com toda a imperiosidade do Domínio de Nenavar através de olhos castanhos que faiscavam em prata com o poder solene da Casa Ossinast.

"Até as maiores guerras devem chegar ao fim", disse Iyaram enquanto a cena começava a desaparecer. "Faça as escolhas certas e, um dia, você estará em seu último campo de batalha".

O reino entre reinos fragmentou-se, cada fio de éter gradualmente se reformando na terra desolada que era o Cabeço do Cascalho, mas não antes de

Talasyn ver uma última coisa. Uma imagem tão frágil e onírica, capturada entre os fiapos de dimensões mutáveis, tão tênue quanto um eterógrafo degradado pela passagem dos anos.

Uma versão muito mais jovem da menina que estivera sentada no trono agora corria por um corredor de mármore tomado por flores de todas as cores e formas, tão rápido quanto suas pequenas pernas de criança permitiam. Ela abriu os braços e voou para o abraço do homem que se abaixara para pegá-la. Embora ele estivesse de costas para Talasyn, ela reconheceria aquela estrutura alta e aqueles ombros largos em qualquer lugar, trajados em seda preta de gola alta. O cabelo dele estava cortado um pouco mais curto, revelando mais de seu perfil angular e cicatrizado enquanto ele virava a cabeça levemente enquanto a criança puxava suas orelhas. Ela balbuciava para ele em um fluxo incessante e sem sentido de nenavarense; as respostas dele eram um estrondo baixo e profundo que Talasyn não conseguia distinguir.

Talasyn quis chamar seu nome, quis ficar ali para sempre com ele e a filha que talvez tivessem um dia, mas a visão escapou de seu alcance de forma terrivelmente rápida; antes mesmo que terminasse de processar o que via, ela já estava na Grande Estepe novamente e Iyaram a puxava para cima da borda. Com os pulmões explodindo pelo esforço e o suor escorrendo nos olhos, Talasyn lutou para firmar os pés sobre a muralha oeste, que já não era a muralha oeste, mas o cume do Caminho do Sol, um vale enorme aninhado em uma coroa de pilares de rocha afiados, banhados pelo chiaroscuro da alta noite.

"Descanse agora, Lachis’ka", murmurou Iyaram enquanto Talasyn desabava sobre a terra macia e gramada, a respiração saindo em arquejos irregulares. "É até aqui que eu vou. Descanse agora, e acorde com o nascer do sol".

Capítulo Trinta e Sete

Talasyn não estava nas linhas de frente em nenhum dos assentamentos que Alaric tomou nos dias seguintes. Tampouco a encontrou entre a tripulação de qualquer um dos navios inimigos que ele e seus homens invadiram à força em pleno ar. Aquilo o lembrava do interlúdio entre o primeiro encontro deles e sua fatídica estada no Domínio de Nenavar para persegui-la; naquela época, também parecera que ela havia desaparecido e que ele jamais voltaria a ver a garota dos olhos dourados, que irrompera em sua vida como uma tocha acesa — e lhe causara uma leve concussão.

Depois que os Valisantes recuaram da última cidade do interior na agenda, Alaric mal conseguiu retornar aos quartéis a tempo do eclipse. Mal a porta de seus aposentos bateu atrás dele e ele arrancou a máscara quando aquela sensação gélida e corrosiva começou. Talvez houvesse até uma parte vergonhosa dele que a acolhesse, porque isso significava que ele a veria novamente.

No In-Between, ele a encontrou de algum modo coberta por *ainda mais* escoriações e hematomas do que no encontro anterior. A preocupação lampejou nele, mas ele a extinguiu brutalmente. Ela mentira para ele novamente, obviamente estava lutando em *algum lugar*, sofrendo o que não poderia ser outra coisa senão ferimentos de batalha —

"Você sabe que não estou com a Allfold", disse Talasyn. Alaric odiava a facilidade com que ela conseguia ler seus pensamentos em seu rosto.

"Eu não sei absolutamente nada quando se trata de você", ele disse rudemente. "Nunca soube."

"Você me conhece melhor do que qualquer outra pessoa". Ela parecia tão cansada quanto ele se sentia. "Há partes de mim que eu só entreguei a você."

Havia algo na maneira como ela olhava para ele que o deixava inquieto. Um olhar suave, porém penetrante, como se ela o estivesse vendo pela primeira vez.

"Por tanto tempo achei que você fosse um monstro", continuou Talasyn. "Eu não suportava a ideia de ser casada com você, de ter que tolerar a sua presença. E então..."

"E então o quê?" Alaric disparou, ansioso para encerrar aquela conversa e, ao mesmo tempo, curioso para saber que outras desculpas patéticas ela teria na manga.

"E então — *você*". Talasyn moveu a mão em um gesto que carregava traços

tanto de impotência quanto de rendição. "Você era detestável e rude, mas também era tão... tão *gentil* comigo. Eu vi por mim mesma como seu pai tratava você e como você tinha ideias genuinamente boas para atender às necessidades das pessoas, mas estava limitado pelo que Gaheris e seus oficiais queriam. Ainda assim, achei que houvesse uma chance, que se eu conseguisse apenas chegar até você, seríamos capazes de nos libertar de todos eles. Mas vidas demais estavam em jogo e, no fim, eu tive medo demais para realmente arriscar". Ela piscou como se segurasse as lágrimas — como se, ele percebeu com uma pontada, ela tivesse medo de que ele a acusasse mais uma vez de tentar manipulá-lo com elas. "Sempre será o meu maior arrependimento."

E o que Alaric queria dizer era — que ele sabia que não lhe dera razões suficientes para que ela se sentisse confiante em arriscar. Queria dizer que ele também era culpado, que ela estava sendo generosa demais com ele. Ele compreendia tudo aquilo, no fundo de seu ser, onde residia seu coração. Distanciando-se da situação, ele honestamente não teria ideia do que teria feito se estivesse no lugar dela.

Mas ele *não podia* se distanciar. Sem a raiva, o que restava? Um líder consumido pela culpa e pelo auto-ódio não poderia vencer uma guerra. E esta guerra começara por causa dela.

"Desde o início, tudo entre nós foi um erro", foi o que ele disse em vez disso. "Seja intencionalmente ou não, você acabou se aproveitando da minha solidão, assim como eu fiz da sua". Era o mais próximo de admitir a culpa em voz alta que ele conseguia suportar. "Agora a sorte está lançada, Lachis’ka, e tudo o que podemos fazer é ver qual de nós sairá invicto desta tempestade."

Talasyn esboçou um sorriso pequeno e melancólico. Foi naquele momento que Alaric percebeu que algo havia mudado. Em algum ponto do caminho, enquanto ele não estivera lá para testemunhar, sua esposa mudara.

"Naquele casamento... éramos duas pessoas muito solitárias, não éramos?" ela admitiu, com a voz tão baixa e resignada. "Mas, nesse aspecto, também éramos diferentes. Eu carrego minha solidão como um rancor, e você empunha a sua como uma armadura. Acho que foi isso que tornou tão fácil sermos definidos por outras pessoas. Por que me acorrentei aos erros do passado. Por que você não conseguiu desapegar." Ali, no In-Between, reflexos de luz e sombra dançavam nas florestas de seus olhos. "Nós erramos um com o outro, sim, mas direi isto, Alaric: eu me sentia menos solitária quando estava com você. Por muito tempo, pensei que essa fosse a minha maldição. E agora — agora é naquilo que escolho acreditar. Além do Allfold, além dos seus deuses e dos meus. Carregarei essa crença comigo até o Céu Acima do Céu, onde meus ancestrais navegam."

As paredes negras e douradas ao redor deles começaram a se fragmentar, sinalizando que o eclipse estava quase no fim. Não haveria outro por mais algumas noites. Alaric lançou-se para frente, agarrando o pulso de Talasyn — estupidez, pois aquilo não era suficiente para mantê-la ao seu lado —

"Tome cuidado com Urduja", ele sibilou entre dentes.

Ele a soltou tão rapidamente como se aquele breve contato o tivesse queimado, e esperou pelo lampejo de triunfo que certamente se infiltraria na expressão dela. Como devia satisfazê-la perceber que parte dele ainda estava enrolada em seu dedo. Que ele se preocupava com ela mesmo após a traição porque era um lunático, faminto por afeto, condenado a sempre desejar e a sempre ser deixado para trás.

Mas havia apenas uma luz suave nos olhos de Talasyn. Havia apenas uma ternura trêmula em seus lábios. "Você detém meu coração para sempre", ela lhe disse, e então desapareceu.

O amanhecer nas Ilhas do Alvorecer estava longe de ser lento e sutil. As cortinas negras da noite foram rasgadas e rios de fogo veiaram o céu, brilhantes o suficiente para despertar Talasyn mesmo antes de qualquer parte do disco solar ter surgido acima do horizonte.

Ela nem sequer se dera ao trabalho de montar acampamento na noite anterior, tendo adormecido na grama praticamente no momento em que atingira o cume. Caíra em algum tipo de transe; a canção da cordilheira e as constantes batalhas morro acima serviram para embalá-la em um estado semelhante a uma meditação ativa. Por isso ela não piscou quando cada nova besta investiu vinda do nada, nem quando o Caminho do Sol se transformou na Cabeça do Calau e voltou a ser o que era. Tudo parecera... *predestinado*. Como se cada detalhe tivesse sido feito para acontecer, como se ela sempre tivesse sido destinada a vir para cá.

Encontrar Alaric no espaço entre dimensões fora a única coisa que realmente a abalara. Mesmo assim, ela guardou aqueles momentos no coração, depositando-os cuidadosamente ao lado do futuro que vislumbrara no éter.

Eu tenho minha própria família.

Mesmo que Iyaram tivesse dito que isso poderia não estar mais ao seu alcance, a esperança disso teria que sustentar Talasyn nos dias vindouros. De qualquer forma, era uma perspectiva muito melhor do que ter esperança na família que ela já possuía. O que Alaric quisera dizer quando lhe disse para ter cuidado com Urduja? Ele claramente suspeitava de algo, embora não tivesse evidências concretas. Depois do que Talasyn vira do passado, um confronto com a Zahiya-

lachis era inevitável, mas ela lembraria de manter a cautela ao mergulhar novamente no ninho de víboras da corte do Domínio.

Mas primeiro...

Talasyn balançou a cabeça para clarear os sentidos e avaliou os arredores. A canção estava mais alta agora, um hino selvagem que ressoava em seus ouvidos. O cume do Caminho do Sol era circundado por sete pilares de rocha — embora ela nem tivesse certeza se *pilar* era o termo correto. Eram enormes, cada um deles com quase dois quilômetros de largura. Erguiam-se do chão como estalagmites, com seus picos irregulares apontando para os céus. Cada base larga continha uma escuridão vasta e bocejante. Seria mais preciso dizer que os pilares eram entradas de cavernas que serpenteavam profundamente pela cordilheira.

O que ela deveria fazer aqui? O que deveria encontrar?

Talasyn levantou-se e avançou pelo vale, parando quando estava aproximadamente no centro do círculo criado pelas estranhas formações rochosas. Colocou as mãos nos quadris e apertou os olhos para enxergar a escuridão do abismo que estava diretamente em sua linha de visão. Ela deveria entrar? Qual deles, então?

Enquanto ela se perdia em pensamentos, o sol nasceu sobre os picos envoltos em névoa. A cobertura de nuvens foi fragmentada por um onslaught de luz vermelho-ouro que rapidamente embebeu a ondulante paisagem verde. O dia surgiu ardente como um inferno.

E quando *começou* —

Começou como um estrondo sob os pés de Talasyn. Ela quase caiu, mas se equilibrou a tempo. O cume tremeu sob a garra de um terremoto tão imenso que era imensurável. Ela continuou encarando a caverna à sua frente porque algo parecia estar se movendo em suas profundezas, delineado vagamente por pulsos dos poucos raios de sol que conseguiam penetrar em suas sombras.

Enquanto a terra oscilava e a luz do dia sangrava, um par de olhos reptilianos de tom bronze observou Talasyn a partir da escuridão, e o dragão emergiu.

Ele foi acompanhado por outros seis, cada um saindo de sua respectiva caverna em um uníssono sinistro. Eram menores e mais esguios que Bakun, mas ainda maiores que as maiores naves aéreas. Todos os sete pareciam ter sido esculpidos em ouro líquido e a aurora os soprara para a vida.

Os raksa — os reis da terra — envolveram seus corpos serpentinos nos pilares e abriram suas asas infinitas, cabeças cornudas jogadas para trás em gritos agudos que ecoaram pelo vale e através da medula dos ossos de Talasyn. O sol nascente cintilava em suas presas de marfim perversamente curvadas, que eram idênticas à lâmina da adaga de Talasyn. Alguma parte dela soubera o

tempo todo.

Os sete dragões finalmente giraram seus longos pescoços na direção de Talasyn. Seus olhos fundidos a encaravam, sem piscar. Havia um nome moldado como uma pergunta; ele perfurou o ar da montanha, embora voz alguma o tivesse pronunciado.

Ivralis.

Talasyn firmou os pés no chão. *Sim*, pensou ela. Ela também era uma criança da Aurora. Sua mãe lhe transmitira o Lightweave, e ela o reivindicaria. Aconteça o que acontecer.

Os dragões gritaram novamente, batendo as asas, baixando as cabeças dos pilares até que Talasyn estivesse cercada por um anel de mandíbulas abertas. Então, como um só, eles exalaram o Lightweave.

A magia a atingiu de todos os lados, uma onda colossal de radiância. Ela fechou os olhos e a luz queimou através de suas pálpebras cerradas. Não doeu nem um pouco; em vez disso, a magia fluiu por suas veias como mel, como uma tarde de verão. Seu zumbido agudo martelou em seus ouvidos até parecer que seu próprio batimento cardíaco era feito daquele som.

Talvez fosse. Aquele era o elemento dela e ela o acolheu de volta, com o nascer do sol inundando cada canto de seu corpo. Era como entrar em mil Cortadores de Luz de uma só vez; a sensação que ela só sentira em Belian desdobrava-se agora aqui, na espinha ocidental do mundo. Ela estava embriagada de luz, louca por ela, cada faceta de sua alma tão brilhante e afiada quanto os estilhaços da oitava lua. Ela estava—

—flutuando—?

Quando Talasyn abriu os olhos, percebeu que seus pés haviam deixado o chão. Ela caminhava sobre correntes de ouro, completamente envolta no sopro dos reis da terra. No espaço cintilante à sua frente, uma silhueta começou a se formar, tecida com fios de éter e memória. Um par de mãos calejadas embalou seu rosto. Lábios quentes pressionaram um beijo gentil em sua testa. Ela sentiu o aroma de frutas silvestres.

Deveria ser impossível. Mas aquele era o Caminho do Sol, afinal, onde o véu era tênue, onde brasas eram desenterradas. Alaric lhe dissera certa vez que o luto era a prova de que o amor permanecia. Mesmo após a morte, mesmo que não fosse algo sempre compreendido. Em meio à passagem dos anos, em meio a todos os pequenos sofrimentos que riscavam constelações aleatórias pelo céu de uma vida humana, havia momentos em que o universo podia ser misericordioso. Havia momentos em que se conseguia a chance de dizer adeus.

Talasyn sorriu mesmo enquanto as lágrimas escorriam por suas bochechas, obscurecendo levemente de sua visão os cabelos castanhos soltos e as feições

sardentas que eram tão parecidas com as dela. Era tão estranho chorar não de tristeza, mas de alegria. Ela pronunciou uma palavra nenavarense que aprendera, mas que nunca tivera a ocasião de usar. “*Inang.*” A palavra que todas as crianças do Domínio usavam para suas mães. Ela a disse pela primeira e última vez nesta vida.

Hanan Ivralis retribuiu o sorriso e envolveu a filha soluçante em seus braços. Os dragões ergueram a cabeça e voaram para as nuvens, mas a radiância dourada em redemoinho permaneceu. Ela emanava da forma de Talasyn enquanto ela tremia no abraço da mãe. A luz dobrava-se à sua vontade, retornava, era reivindicada. A luz queimava através de tudo.

Capítulo Trinta e Oito

O tempo passou muito mais rápido na descida do que na subida. Não havia feras para combater, nem aparições para enfrentar. O Caminho era suave.

Quando Talasyn alcançou o portão leste do clã Ivralis, apenas algumas horas haviam se passado desde o nascer do sol. Era mais uma coisa que deveria ter sido impossível, mas não a surpreendeu tanto quanto a visão de Bakun. O dragão branco estava enrolado na base da cordilheira, os barbilhões semelhantes aos de um bagre em seu focinho tremendo impacientemente. Como se pudesse sentir que era hora de partir.

Os Tecelões da Luz resmungavam entre si, lançando olhares censuradores na direção do Devorador de Mundos. Cahyir explicou que um golpe descuidado da cauda de Bakun derrubara várias árvores no pomar de maçãs-estrela do clã.

Talasyn ficou mortificada. "É melhor partirmos antes que ele destrua mais alguma coisa", disse ela, estendendo a adaga de presa de dragão para Cahyir.

"Fique com ela", insistiu a matriarca. "Como sua tia, eu lhe devia vinte anos de presentes de aniversário, de qualquer forma." Ela estudou o rosto de Talasyn por um momento e, então, assentiu satisfeita. "Como é costume, você não me dirá o que aconteceu com você na estrada do peregrino. Mas você parece mais centrada, e por isso estou feliz." Ela pegou as mãos de Talasyn nas suas e as apertou gentilmente. "Você tentou fazer a coisa certa. Nunca esqueça disso. Você foi forçada a uma situação impossível e agiu com as informações que tinha disponíveis. Agora é hora de você se juntar à luta — e de Alaric Ossinast escolher seu lado de uma vez por todas."

Cahyir fez uma careta ao proferir a última parte, e foi assim que Talasyn percebeu que a tia não tinha uma opinião muito elevada sobre o Imperador da Noite. Essa epifania quase a fez soltar uma risada.

"Estou com medo", confessou ela, pois não havia mais ninguém a quem pudesse dizer aquilo. "Decidi confiar nele, mas e se..."

"Então eu realmente tenho um idiota como sobrinho por afinidade", bufou Cahyir, "e você sabe o que deve fazer. Mas também" — ela apontou para Oryal, que estava sendo conduzida para fora da casa comunal por vários Tecelões da Luz — "o que você quer que *eu* faça com esta aqui? Ela expressou o desejo de ficar."

"Não resta nada para ela em Nenavar", disse Talasyn. "Ela é uma fugitiva e suas terras foram confiscadas pela coroa. Ficar aqui é provavelmente a melhor

opção para ela."

"Eu permitirei." A matriarca deu de ombros. "Mas a decisão é sua."

Talasyn observou Oryal em silêncio por um tempo. Era uma sensação inebriante, ter o destino de outra pessoa em suas mãos — especialmente de alguém de quem não gostava. No entanto, quando se vinha ao que importava..."

"Recuperei minha magia e Daya Ferasai não tem nada." Talasyn guardou a adaga de presa de dragão novamente ao lado do corpo. "Reservarei minha vingança para aqueles que mais a merecem."

Isso não significava, contudo, que ela estivesse livrando Oryal de suas responsabilidades.

Na base da cordilheira, enquanto o clã Ivralis permanecia afastado após as despedidas, Talasyn e Oryal ficaram frente a frente sob a sombra projetada por Bakun. Talasyn estava de costas para o dragão; o hálito quente da criatura soprava contra sua espinha enquanto ela encarava a daya amuada.

"E então?", exigiu ela, cruzando os braços. "Você sabe o que eu quero."

Você sabe qual é o preço para ficar aqui.

As mandíbulas de Bakun estalaram no ar, um eco estrondoso do humor de Talasyn. Oryal encolheu-se, como se estivesse se preparando para ser devorada. Quando nada aconteceu, seus olhos sem vida encontraram os de Talasyn, e ela falou com o tom vazio de quem finalmente desiste de uma luta que nunca deveria ter vencido.

"Foi a Urduja", ela murmurou. "Ela ameaçou expor o fato de que eu era Atingida pelo Trovão e me banir por isso se eu não fizesse o que ela queria. Foi ela quem me deu o soro."

E qualquer esperança que Cahyir tivesse de que Talasyn mantivesse a compostura desapareceu num piscar de olhos — varrida como se por um vento impetuoso atravessando uma planície alta.

Sobre a imensidão azul e verde do arquipélago do Domínio, o *W'taida* deslizava preguiçosamente sob o meio-dia melado de um dia de verão. Escoltado por dois balancins e enxames de coraçais-mariposa, era a nau capitânia da Zahiya-lachis, habilmente construída para lembrar um castelo de torres de aço e ameias de cobre, flutuando no ar sobre um leito de rocha vulcânica e vapores de Squallfast.

De repente, os céus acima de seus telhados dourados escureceram enquanto os espaços entre as dimensões se fendiam, o éter faiscando como relâmpagos, e Bakun rasgou as nuvens com um grito arrepiante. O corpo serpentino do dragão formou espirais ao redor do *W'taida*, isolando-o das outras embarcações, que se dispersaram para evitar serem esmagadas por suas asas enormes. Toda aquela

estrutura colossal parou bruscamente, presa em espirais opalescentes que pulsavam com a promessa de destruição, e Talasyn saltou das costas do Devorador de Mundos para embarcar no navio de sua avó.

Ninguém a impediu enquanto ela marchava pelos salões de mármore do *W'taida*. Os olhos de Bakun, ardendo com a luz ametista do Voidfell, acompanhavam seu progresso através das janelas de vidro-metal e os guardas estavam em choque, alguns caindo de joelhos. Não era nada fácil ser confrontado por uma lenda do apocalipse.

Antes que Talasyn pudesse ordenar que os guardas abrissem as portas da sala do trono da aeronave, elas se abriram e Lueve Rasmey bloqueou delicadamente seu caminho em um agito de pedras preciosas e seda.

"Pelos ancestrais, Lachis'ka!" O sorriso diplomático da daya estava no lugar, embora tenso nos cantos. "Bakun — como vocês conseguiram —"

"Saia da frente", sibilou Talasyn. Não fazia nem cinco minutos que voltara a este país amaldiçoado e as graciosidades sociais já estavam exaurindo sua paciência. "Preciso falar com Urduja Silim."

Os anéis de Lueve tilintaram enquanto seus dedos se mexiam inquietos de angústia. "A Zahiya-lachis está terrivelmente ocupada no momento. Estamos resolvendo os resquícios da trama de deposição, sabe, então talvez algum outro — Vossa Graça!" Ela interrompeu a fala com um lamento enquanto Talasyn passava por ela com um solavanco de ombro.

Havia dezenas de cortesãos atendendo a rainha do Domínio, e um silêncio caiu sobre todos eles quando Talasyn invadiu a sala do trono, aquela câmara ampla onde ela e Ideth Vela haviam feito um acordo com Nenavar há tanto tempo. Onde as janelas de vidro-metal estavam cobertas por cortinas azul-marinho opacas e as lâmpadas de fogo emitiam uma luz azul-prateada que tremulava sobre as tapeçarias de padrões celestiais.

No estrado ao fim do salão, Urduja estava recostada em seu assento de honra, vestindo as suntuosas vestes prateadas do cargo; seus cílios orlados de diamantes permaneciam inquietantemente imóveis sob a coroa gélida enquanto ela ouvia o que um de seus bajuladores sussurrava em seu ouvido. Ela ergueu uma sobrancelha com a entrada da neta e estendeu a palma da mão para ordenar que o cortesão desistisse. O homem engoliu em seco ao ver Talasyn avançando em sua direção e desapareceu rapidamente na multidão com uma reverência apressada.

"*Fora!*" Talasyn rosnou para todo o salão enquanto se aproximava do trono. "O Devorador de Mundos nos cerca. Eu o despertei e ele fará o que eu ordenar. *Saiam daqui.*"

Os cortesãos fugiram e—após olharem para Urduja, que assentiu

lentamente—os Lachis-dalo fizeram o mesmo.

“Alunsina”, Urduja arrastou as palavras assim que as portas se fecharam e ela e Talasyn ficaram sós na sala do trono. “O que a traz aqui? Certamente a Allfold a requer em suas linhas de frente.”

O braço de Talasyn disparou, libertando uma corrente de luz dourada que cantou pelo ar, com a extremidade envolvendo o pescoço de Urduja. Com um puxão violento, ela arrancou a Zahiya-lachis do estrado e a arrastou pelos ladrilhos de mármore até que ela caísse em um monte amarrotado a poucos centímetros de Talasyn, as duas ainda conectadas pela corrente radiante.

Urduja arquejou, com os cones de stileto que usava nas unhas arranhando a contenção em seu pescoço. Seria tão fácil para Talasyn intensificar a magia e queimar aqueles dedos, ou decepar aquela cabeça daqueles ombros. Mas isso teria que esperar até que ela obtivesse suas respostas. Os olhos negro-azeviche da Zahiya-lachis estavam arregalados contra o rosto pintado, surpresos e aterrorizados. Foi a surpresa que provou, além de qualquer sombra de dúvida, que Oryal estivera dizendo a verdade.

“Quando você e Gaheris conspiraram para tirar a minha etermancia?” Talasyn rosnou, mostrando os dentes. “Enquanto estavam na Cidadela para a minha coroação?”

A Zahiya-lachis não fez menção de responder. Não até que a corrente em seu pescoço apertasse. Só então ela abriu a boca.

Mas quaisquer palavras que estivessem prestes a emergir foram rapidamente engolidas por uma tosse alta e estridente. Os ombros de Urduja tremeram e sangue jorrou de seus lábios escuros, respingando no chão.

Um pouco do sangue atingiu a ponta da bota esquerda de Talasyn. Ela piscou para as manchas por um momento e, então, cautelosamente baniu a corrente tecida de luz. Agora capaz de se mover livremente, Urduja dobrou-se, acometida por mais tosses que demoraram a cessar. Ela extraiu um lenço das dobras da manga e o pressionou contra a boca antes de levantar a cabeça.

A última vez que Talasyn vira a avó, ela não notara que a mulher mais velha estava chocantemente frágil após o ataque no baile de máscaras. Mesmo antes disso—nos dias que antecederam a aliança matrimonial com Kesath—o Príncipe Elagbi mencionara que Urduja gozava de saúde precária. A deterioração piorara visivelmente durante as semanas que Talasyn passou longe de Nenavar. De perto, as linhas no rosto da Zahiya-lachis estavam mais pronunciadas e sua tez estava anormalmente pálida. De perto, ela estava quase emaciada sob suas vestes reais.

“Sim, estou morrendo.” Urduja abaixou o lenço, agora manchado de carmesim. “Estou morrendo, e quando Gaheris me procurou na Cidadela, você

não estava pronta para governar. Eu tive que ganhar tempo—fazê-lo vê-la como uma ameaça menor.”

"Você estava jogando dos dois lados", disse Talasyn. "Sardóvia contra Kesath... você sabia que qualquer um poderia vencer. Se a Sardóvia vencesse, ficaria eternamente em dívida com você. Se Kesath vencesse, as repercussões para Nenavar seriam suavizadas porque, graças a você, a única Tecelã da Luz teria sido removida da equação. Mas agora eu estraguei esse plano, não foi, Harlikaan? Exatamente como Oryal Ferasai fez." Os olhos da Zahiya-lachis endureceram e Talasyn continuou, com um tom zombeteiro que aprendera com a própria mulher diante dela: "Deve ser irritante ser traída quando isso é a *sua* especialidade. Oryal e seus cúmplices teriam me matado nas Terras da Seda se Alaric não tivesse vindo me resgatar. Você quase perdeu sua herdeira novamente, desta vez por sua própria mão — e teria sido tudo em vão, de qualquer forma. Há uma invasão kesathese pairando no horizonte. Agora você tem que *esperar* que a Sardóvia vença a guerra pelo Continente."

"Eu não tenho o luxo de esperar por nada", disse Urduja, rigidamente. "É meu dever garantir a sobrevivência do nosso povo. Eu sabia que havia a chance de Gaheris invadir, e foi por isso que fiz aquilo com você. A melhor esperança de Nenavar sempre foi firmar alianças — e ele jamais firmaria uma com uma Tecelã da Luz."

O ódio subiu pela garganta de Talasyn, viscoso e espesso. Ela o forçou a descer. "Foi isso que você disse a si mesma quando mandou matar a minha mãe?" Sua voz tremeu apenas um pouco, e ela podia se orgulhar disso, se não de mais nada. "Que era pelo bem da nação?"

Urduja não disse nada. Sua expressão tornou-se estranhamente imóvel.

"Quando se está tão no topo do telhado do céu, as pessoas que vivem lá embaixo começam a parecer insignificantes para você", disse Talasyn, em tom baixo e letal. "Você as move como quer, reorganiza a vida delas por capricho. Você acha que pode fazer isso porque usa um pedaço de metal na cabeça. Justifica tudo em nome da nação. E, ao fazer isso, esquece que todas essas vidas menores estão conectadas umas às outras — que todo mundo tem algo com que sonha, ou lamenta, ou quer proteger. É por isso que, embora se imagine uma estrategista, você continua sendo pega de surpresa por quão longe as pessoas são capazes de ir por quem amam."

Enquanto falava, pensou em Oryal, que arruinara uma trama meticulosa de meses porque fora levada ao limite pela morte do pai, que sobrevivera a uma adaga envenenada porque sua mãe queria que ela vivesse. Talasyn pensou no curandeiro Angsanak, que assassinara um membro da casa real pelo bem do filho, e que confessara o crime porque não lhe restava nada a perder após a

morte desse filho. Pensou em Zawye, o ancião kesathese que, inadvertidamente, revelara segredos militares por preocupação com o bem-estar da filha. Pensou em Cahyir, que, do outro lado de Lir, aprendera laboriosamente uma língua estrangeira para que um dia pudesse conversar com os filhos de sua irmã.

E Talasyn pensou em seu marido, que a deixara partir mesmo depois de ela tê-lo traído.

O destino do mundo alterava-se gradualmente, pouco a pouco — a mão da morte era redirecionada, repetidamente — tudo porque o coração humano era maior do que qualquer gaiola que tentasse contê-lo.

O Lightweave irrompeu e espiralou pelo ar da sala do trono, sem forma e descontrolado, um espelho das sombras de Alaric quando ele era dominado pelas emoções. Aetermancia sem propósito. Raiva sem controle. A magia desdobrou-se de Talasyn como asas.

Urduja lutou para se recompor, mas seus braços trêmulos escorregaram nos azulejos de mármore. Ela desabou aos pés da neta. "Fiz isso por Nenavar", crocitou a Zahiya-lachis. "Fiz para que nossa casa não caísse. A insolência daquela mulher não apenas nos mergulhou em uma guerra civil, mas — se eu a tivesse deixado viver — ela teria influenciado você a renunciar ao seu direito de primogenitura, a desprezar o poder que é a sua herança. Fiz isso por *você*."

“Você fez isso por *você mesma*!” Talasyn rebateu. “Sem uma Lachis’ka, seu reinado estaria em perigo. Tudo o que você já fez em sua vida miserável foi para que pudesse permanecer no Trono do Dragão, porque é a única coisa que importa para você, porque sem ele você *não é ninguém*!” Ela gritava em meio ao zumbido crescente da Trama de Luz, que se transmutava em raios fundidos, como serpentes, tremulando sobre o alvo. A fúria sugava o ar de seus pulmões. Ela sentia como se estivesse sob a água, pesada de tristeza. “Hanan Ivralis levou uma semana para partir—e você não esperava por isso, não é? Você achou que ela morreria muito, *muito* antes disso. Mas minha mãe era muito mais forte do que você imaginava, e quer saber de uma coisa, Harlikaan?”

Talasyn cuspiu o título na cara de Urduja.

"Eu também!"

Cada raio de magia de luz estilhaçou-se em milhares de fragmentos dourados e cortantes. Cada um deles arremessou-se contra Urduja, fendendo o ar como raios

As Zahiya-lachis *estremeceram*—

—e a chuva serrilhada congelou, a meros centímetros de perfurar sua pele —

Seria tão fácil, pensou Talasyn enquanto o momento se prolongava em ondas. Enquanto Urduja permanecia suspensa em um mar de luz brilhante. *E*

ainda assim...

Ela se lembrou de seu pai, que matara o próprio irmão em batalha. Lembrou-se de Sintan, que teria massacrado sua família inteira para destruir as tradições antigas, e de como Urduja envenenara a nora para preservá-las.

A própria Talasyn estava prestes a matar a avó para vingar a morte da mãe.

É o mesmo ciclo, repetidamente. Os fragmentos de luz começaram a se dissolver conforme Talasyn afrouxava o controle mental sobre eles, pouco a pouco, até que tivessem desaparecido completamente. *Se eu a derrubar agora, nada muda. Seremos sempre assim.*

"Estou indo embora", anunciou ela, fixando um olhar frio na mulher colapsada no chão. A Zahiya-lachis nunca parecera tão indefesa — tão *pequena* — quanto naquele momento. Era ao mesmo tempo belo e terrível, a forma como o éter podia reduzir alguém ao seu tamanho real. *Isso* era poder. *Isso* era seu direito de primogenitura, sua herança, o dom de sua mãe. "Você não vai me impedir. Na verdade, não vai me impedir de fazer nada do que eu quiser nunca mais."

Ela girou nos calcanhares e dirigiu-se às portas. Estava na metade do caminho quando Urduja, de repente, exclamou: "Alunsina."

Talasyn parou, olhando por cima do ombro. Sua avó continuava incapaz de se levantar, mas havia endireitado a coluna e erguido o queixo. Com uma dignidade gélida, ela levou a mão para ajustar a coroa torta sobre o rio nevado de seus cabelos. Sob o brilho azul-prateado das lâmpadas de fogo, ela poderia ter sido outra aparição.

"Descubra quem partiu primeiro", instruiu a Zahiya-lachis. "Se algo acontecer".

Talasyn franziu o cenho diante daquelas palavras enigmáticas e frustrantes. Não tinha ideia do que significavam, mas já estava farta de jogos. Ela saiu da sala do trono, deixando Urduja Silim sozinha na penumbra.

Capítulo Trinta e Nove

Os cortesãos que passaram os últimos minutos entediados no corredor apressaram-se cautelosamente por Talasyn depois que ela escancarou as portas ornamentadas da sala do trono. Exclamações de preocupação ao encontrarem a Zahiya-lachis caída no chão ecoaram atrás dela, mas ela não lhes deu atenção enquanto se dirigia à saída, com os reflexos de sua aethermancia ainda lampejando nos olhos.

Quando ela voltou para a luz do sol, com seus passos firmes ressoando sobre o leito rochoso vulcânico, Bakun a esperava. Ela montou o Devorador de Mundos e eles alçaram voo; enquanto subiam, ela se agarrou ao chifre de Bakun, perguntando-se para onde ir agora. Quase haviam desaparecido entre as nuvens quando as ondas de choque de uma explosão imensa golpearam o ar, e Talasyn girou abruptamente, conduzindo o dragão em uma guinada brusca.

Onde a *W'taida* outrora pairara com tanto orgulho, não restava mais nada além de uma conflagração de fogo e fumaça, impossível de deter, desabrochando em pétalas ígneas contra o céu azul. Quando tudo terminou, nada restou do navio-almirante de Urduja, exceto fragmentos de detritos que choveram sobre as ilhas do Domínio em uma torrente de metalvidro quebrado, rocha enegrecida e aço carbonizado.

Talasyn passou o restante da tarde como se estivesse em um sonho.

A princípio, ela tentou se aproximar do local da explosão, mas dois botes de apoio ousaram enfrentar o dragão bloqueando seu caminho, com a tripulação nos conveses implorando que sua Lachis'ka retornasse à segurança da capital. Ela vira o desespero nos rostos dos nenavarenses e compreendera vagamente de onde vinha; por isso, fez o que pediram. Bakun desceu sobre Eskaya e assumiu uma postura vigilante nos penhascos de calcário do Telhado do Céu, enquanto Talasyn era escoltada para dentro pelos guardas do palácio, que fecharam fileiras protetoras ao redor dela por todo o caminho até o escritório de seu pai.

Agora, ela e Elagbi estavam sentados lado a lado no sofá, com a mão dele sobre a dela enquanto aguardavam notícias. Havia vários Lachis-dalo na sala com eles, alguns posicionados junto à porta e outros nas janelas distantes para dar ao pai e à filha a maior privacidade possível diante das circunstâncias.

Talasyn não contara tudo a Elagbi. Ela gaguejara em um relato detalhado sobre a perda de sua magia em Iantas e como a recuperara nas Ilhas da Alvorada,

sobre o reencontro com Khaede na Cidadela e a posterior destruição da fonte do Voidfell no Repouso de Mahagir, e sobre a nova faceta da magia dela e de Alaric que agora os conectava através do tempo e do espaço sempre que ocorria um eclipse. Mas ela não mencionara o acordo de Urduja com Gaheris, nem que a morte de Hanan se dera por qualquer motivo que não fosse doença. Pelo que Elagbi sabia, Talasyn retornara a Nenavar para pressionar Urduja a enviar navios de guerra ao Continente.

Tal mentira era acre na língua de Talasyn. Mas bastou um olhar para o pai, após tanto tempo sem vê-lo, para perceber que jamais poderia contar a verdade — ao menos, se Urduja realmente não tivesse sobrevivido à explosão. Qual seria o sentido de infligir outra desgraça a uma vida já marcada por tantas perdas?

Elagbi parecia apegado à crença de que a Zahiya-lachis *tinha* sobrevivido. Ele divagou sobre os inúmeros planos de contingência dos quais ela estaria profundamente familiarizada e sobre todas as embarcações de escape espalhadas copiosamente pela *W'taida*. Depois, mudou de assunto para distrair a mente.

"Então, você conheceu Cahyir." Elagbi deu tapinhas na mão de Talasyn. "Se ela é a matriarca, então isso significa que minha sogra faleceu. Ela era tão formidável quanto as duas filhas; você a teria adorado." Ele soltou um suspiro profundo e melancólico. "E agora não tenho escolha senão viver para sempre, porque não desejo encontrá-la no além. Ela me mataria novamente por não ter cuidado de Hanan e de você como eu deveria ter feito."

Um sorriso vacilante surgiu no rosto de Talasyn. Embora fosse cegado por sua lealdade a Urduja, o príncipe do Domínio era um homem bom e gentil em tantos outros aspectos. Ela jamais deveria esquecer disso. "Quando tudo isso acabar, vamos visitar as Ilhas do Amanhecer, Amya", sugeriu ela. "Tenho certeza de que Cahyir gostaria de vê-la."

"Se *ela* não me matar", disse Elagbi com uma risada suave e pesarosa. "Mas sim, parece adorável. Teremos que fazer isso". Ele hesitou e então: "Vamos levar seu marido também".

O peito de Talasyn pareceu desmoronar. Ela permaneceu imóvel, incapaz até de piscar.

"Este mundo exigiu demais de vocês dois", disse o pai dela gentilmente. "Mais ainda poderá ser tirado. Não sei o que acontecerá a seguir, mas por enquanto... por enquanto, escolho acreditar que haverá um depois. Sabe o que a Rainha Urduja me disse esta manhã, quando me despedi dela? Ela disse: 'Sua filha é impetuosa demais e, apesar dos meus melhores esforços, *muito* apaixonada por seu marido. Mas ela servirá'. Ela disse que você se parece com ela mais do que gostaria de admitir".

A pele de Talasyn formigou. Elagbi franziu a testa de repente, embora não

fosse por ter notado o desconforto dela. Era um franzir leve, voltado para dentro, enquanto ele parecia remoer a interação recente com Urduja em sua mente.

"Algo naquela conversa pareceu estranhamente definitivo", ele murmurou. "Como se ela soubesse... Ah, mas minha cabeça não está no lugar agora".

Uma eternidade se arrastou, com Elagbi e Talasyn perdidos em seus próprios pensamentos. Um dos Lachis-dalo acendeu as lâmpadas de fogo enquanto o céu além das janelas assumia o tom índigo profundo do crepúsculo. Foi somente meia hora depois que alguém bateu à porta.

Após verificar quem era, o Lachis-dalo deu um passo para o lado para deixá-los entrar. Elagbi levantou-se e Talasyn o seguiu quando Surakwel Mantes e Niamha Langsoune entraram no escritório.

Os dois jovens nobres passaram a tarde toda supervisionando a operação de busca e resgate. Pareciam abalados, longe de sua elegância habitual. Antes de chegarem ao alcance de Talasyn, pararam abruptamente. Surakwel ajoelhou-se ao mesmo tempo em que Niamha fez uma reverência profunda, espalhando as pregas de suas saias largas pelo chão.

Talasyn olhou para eles, sem compreender. O movimento ondulou ao seu redor enquanto os guardas se ajoelhavam como Surakwel — e Elagbi também o fez, pálido, porém resoluto.

Foi Niamha quem quebrou a quietude mortal. Havia o brilho de lágrimas mal contidas em seus olhos escuros enquanto ela olhava para Talasyn e a chamava —

— em uma voz baixa que, no entanto, ecoou pelo silêncio que caíra na sala como a noite —

"Harlikaan".

Parte IV

Capítulo Quarenta

Foi culpa minha?

Eu te feri, ou te choquei tanto que você não conseguiu ficar alerta?

Você foi incapaz de escapar por minha causa?

Uma pergunta após a outra, lançadas na imaterialidade do espaço etéreo. Feitas a alguém que não podia mais responder.

Alguém a quem Talasyn odiara com uma magnitude além do que jamais imaginara ser capaz, mas, ainda assim—

Você realmente morreu assim?

Essa era a parte impensável. Urduja Silim sempre parecera maior que a vida. Imortal. Talasyn passou sua primeira hora como rainha no escritório do Príncipe Elagbi, remontando os últimos momentos de sua avó.

De acordo com o relatório de Niamha e Surakwel, a coroa de gelo fora recuperada após ter sido trazida pela maré até a praia, castigada e semiderretida. Enquanto alguns nobres conseguiram chegar às naves de escape, Urduja Silim não estava entre eles, e os cadáveres que caíram no chão junto com os fragmentos da *W'taida* estavam queimados e mutilados demais para serem identificados. Segundo testemunhas oculares, Urduja ainda estava no chão da sala do trono da aeronave quando as explosões começaram. Seu ex-amante soluçante, o Rajan Birungkil dos Terraços da Névoa, alegou que tentara carregá-la dali nas costas, mas ela gritara que preferia morrer onde estava a depositar qualquer esperança de sobrevivência em seus joelhos acometidos pela gota.

A maior parte do conselho leal de Urduja perecera com ela. Assim, como a nova Zahiya-lachis, Talasyn navegou, com certa descrença, pelo processo de designar Surakwel, Niamha, Elagbi e Ishan Vaikar como seus conselheiros. Não deveria ser grande surpresa que um sistema tão profundamente enraizado em protocolos quanto a corte do Domínio ainda funcionasse como uma máquina bem lubrificada após a morte pavorosa de sua soberana. Ainda assim, Talasyn não esperava que tudo corresse *tão* suavemente.

"Interrogamos os soldados nos conveses externos, bem como os timoneiros das canoas", dizia Ishan, recém-chegada de sua própria investigação. "O consenso é que a explosão começou na base da *W'taida*. O catalisador deve ter sido introduzido na magia do vento que alimentava a nave — algo com um pavio que se consumiu entre a decolagem e a explosão. No entanto, apenas a tripulação teria acesso a essa seção específica..."

"Parece que nenhum dos membros da tripulação da *W'taida* sobreviveu", disse Surakwel, "mas isso não significa que um ou mais deles não tenham feito isso. O mentor ameaçou suas famílias, ou eles simplesmente acreditaram na causa o suficiente para morrer por ela". Todos os outros no escritório olharam para ele, e ele ergueu as mãos em exasperação. "Não fui *eu*. A Rainha Urduja não confiaria em mim nem perto de sua nave capitânia".

"Eu também não fui", resmungou Ishan. "Ainda estou na lista negra dela por causa do fiasco do baile de máscaras". Ela se corrigiu, o lábio inferior tremendo levemente. "Ou melhor — eu *estava*".

A sala mergulhou em uma pausa desconfortável enquanto seus ocupantes lidavam com o fato de que Urduja Silim estava morta, fosse quer isso significasse para cada um deles. Por mais que Talasyn odiasse sua avó, aquilo ainda era uma abstração que flutuava na rede do tempo que passa, recusando-se a se tornar algo real.

"Mas deve ter sido alguém em quem ela *realmente* confiava", arriscou Niamha. "Os procedimentos de segurança da nave capitânia eram extremamente rigorosos. Todos eram revistados diversas vezes antes de serem autorizados a subir a bordo, inclusive a tripulação."

"Um de seus conselheiros, então?" Surakwel coçou o queixo, absorto em pensamentos. "Então deveríamos investigar todos os nobres que conseguiram escapar."

"Por que presumimos que o culpado estava no navio?", perguntou Ishan.

"Porque ninguém mobilizou seu exército particular para marchar sobre Eskaya e tomar o trono, embora o caos imediatamente após a morte da Rainha Urduja tivesse sido a oportunidade perfeita", disse Niamha. "O que significa que quem quer que tenha planejado a destruição da *W'taida* já sabia que Alunsina Ivralis havia retornado às costas do Domínio e que ela poderia controlar o Devorador de Mundos. Eles não teriam querido que suas forças enfrentassem Bakun."

"Espere", sussurrou Talasyn.

Ela havia esquecido, com a mente tornada lenta pelo turbilhão das últimas horas. Mas agora as últimas palavras de sua avó emergiram do abismo confuso de suas lembranças como uma criatura lutando para alcançar o céu.

"A Rainha Urduja me disse para descobrir quem partiu primeiro, se algo acontecesse", disse Talasyn. "Eu não entendi o que ela quis dizer. Ela me disse isso enquanto eu estava saindo. E se..." Ela deixou a frase incompleta, a possibilidade era imensa. E assustadora, à sua maneira.

Abruptamente — impossivelmente — o Príncipe Elagbi começou a rir. Ele não parou nem mesmo quando quatro olhares se voltaram para ele em total

perplexidade.

"Nunca descobrimos quem estava realmente por trás da conspiração do baile de máscaras", o príncipe do Domínio finalmente recuperou a compostura para dizer. "Quem eles estavam posicionando para ser o próximo Zahiya-lachis. Mesmo depois de todos os interrogatórios — o líder estava bem escondido demais. A cadeia de comando era complexa demais. Então imagino que, no fim, minha mãe tenha optado por forçá-los a sair". Havia lágrimas em seus olhos. "Eu *tinha* me perguntado por que ela decidira fazer uma jornada real pelas ilhas agora, logo neste momento. Ela sabia que seu inimigo oculto não resistiria à isca. Ela sabia, e foi por isso que me ordenou a ficar em Eskaya". Ele olhou para Talasyn, com as feições contorcidas de dor. "Se você não tivesse chegado, ela teria dado essa instrução de como encontrar o culpado ao Birungkil, provavelmente. Ou aos seus Lachis-dalo. Mas você estava lá, e por isso sou grato — por minha Inang ter visto sua herdeira uma última vez, e por ela ter visto que o dragão do vazio estava ao seu lado. Ela deve ter ficado tão aliviada. Deve ter partido em paz."

O riso de Elagbi transformou-se em soluços. Talasyn ficou paralisada; ela nunca tinha ouvido seu pai referir-se a Urduja como *Inang* antes.

Niamha e Ishan baixaram a cabeça em respeito ao desabafo doloroso de Elagbi, enquanto Surakwel o consolava com tapinhas desajeitados no ombro.

"Foi uma aposta enorme", murmurou Niamha, "mas Sua falecida Majestade estava muito doente. Ela deve ter escolhido partir nos seus próprios termos. Tão típico dela se recusar a zarpar com os ancestrais sem dar a última risada."

"Se a última interação dela nesta vida foi realmente com o Rajan Birungkil", disse Ishan, "tão típico dela que suas últimas palavras fossem sobre a gota dele."

Niamha esboçou um sorriso com isso, afastando as lágrimas que haviam se acumulado nos cantos dos cílios. Até Surakwel — que nunca concordara com Urduja em nada — estava com os olhos levemente marejados.

Talasyn observava a todos eles, sentindo algo parecido com a sufocação pressionando sua caixa torácica. Assim como seu pai, ninguém mais no Domínio jamais poderia saber a real extensão do que a antiga Zahiya-lachis havia feito.

Para que Nenavar suportasse esse período instável de transição — para que nobres como Niamha Langsoune, Ishan Vaikar e Surakwel Mantes apoiassem a casa real sem hesitar diante de todos aqueles que desejavam destruí-la —, eles precisavam continuar acreditando no legado de Urduja Silim.

Talasyn forçou-se a expirar lentamente através da esmagadora sensação de isolamento que ameaçava consumi-la. "Essa é a nossa primeira prioridade, então", disse ela. "Interrogaremos todos os sobreviventes e testemunhas

novamente e tentaremos montar o quebra-cabeça para descobrir qual nobre foi o primeiro a sair da *W’taida*".

E, mais tarde, enquanto Talasyn revisava suas próprias memórias dos eventos que antecederam a explosão, começou a suspeitar que já tinha a resposta. Guardou a suspeita para si até que os depoimentos da tripulação dos estabilizadores a confirmassem, pouco antes da meia-noite.

Urduja foi sepultada na Torre da Luz Estelar de Eskaya ao pôr do sol da tarde seguinte. A mesma estrutura de vitrais onde Talasyn se casara com Alaric agora recebia o caixão de sua avó — vazio, exceto por sua coroa amassada —, colocado ao pé do altar em forma de dragão e incendiado por sábios portando tochas.

Como o perpetrador ainda estava foragido, foi uma cerimônia pequena e apressada, com cada entrada fortemente guardada, frequentada apenas pelos aliados mais próximos da Casa Silim. Talasyn quase esperava que seu pai soluçasse durante todo o evento, mas o príncipe do Domínio manteve-se magnificamente composto. Os nobres que estiveram na *W’taida* causaram mais espetáculo do que Elagbi, atormentados pela culpa de terem sobrevivido enquanto sua soberana não.

Talasyn não sentiu nada em relação à perda da avó, exceto, talvez, uma amargura persistente. Qualquer respeito relutante que nutrisse por Urduja desaparecera no dia em que a verdade sobre a morte de Hanan veio à tona. Ela simplesmente observou, com os olhos secos, enquanto os sábios entoavam os últimos ritos e a fumaça negra do caixão carregava o espírito de Urduja para as grandes naves dos ancestrais no Céu Acima do Céu.

De volta ao Telhado do Céu, Lueve Rasmey — que estivera em tal estado de angústia durante a cerimônia que quase desmaiara nos braços de seu sobrinho Surakwel — recompôs-se o suficiente para assumir a tarefa de mostrar a Talasyn a suíte de aposentos da Zahiya-lachis. A maioria dos pertences pessoais de Urduja fora colocada em depósito para que seu filho os organizasse; não havia sinal de que ela jamais tivesse vivido ali.

Uma máquina bem lubrificada. A nação sobrevivera a ela e, portanto, precisava seguir em frente.

Com o dobro do tamanho do quarto que fora atribuído a Talasyn quando ela era a Lachis’ka, o dormitório da rainha ostentava paredes de alabastro, tapeçarias azul e ouro luxuosamente tecidas e móveis esculpidos em goma-arco-íris, uma árvore rara e altamente valorizada pelas veias cintilantes de pigmentos laranja e verde que riscavam sua casca prateada pálida. Praticamente metade do espaço era dominada pela maior cama que Talasyn já vira na vida, coberta por um

dossel velado em seda dourada, cravejado de dragões de gaze com olhos de rubi e estrelas fiadas em prata. Havia uma porta que levava ao banheiro e ao closet, e outra porta que conectava ao mesmo salão onde Talasyn passara horas ouvindo Urduja tagarelar sobre a arte de governar. Uma terceira porta abria-se para um aposento menor, decorado em tons pastéis e marcadamente vazio.

"O quarto do bebê", explicou Lueve. "Quando chegar a hora, Harlikaan, seu antigo berço será retirado do depósito e colocado aqui."

Uma tristeza aguda e insuportável apertou o coração de Talasyn. Ela se distanciou metodicamente desse sentimento e concentrou-se, em vez disso, no pensamento sardônico de que, se dependesse de Lueve, *essa hora* jamais chegaria, caso isso significasse envolver o Imperador da Noite de qualquer maneira.

Apesar dos meus melhores esforços, Urduja havia dito a Elagbi, o que quase confirmou o que Khaede fizera Talasyn perceber — que Lueve estivera agindo sob as ordens da antiga Zahiya-lachis para criar um abismo emocional entre Alaric e Talasyn.

Talasyn certificou-se de que a porta do berçário estava fechada e recusou-se até mesmo a olhá-la. Após inúmeras garantias de que ela mesma cuidaria para que tudo estivesse pronto para a coroação pela manhã, Lueve partiu com uma nítida ausência do habitual vigor em seu passo. Ela fora o braço direito de Urduja por décadas; durante todos os ritos finais, todos a haviam olhado com tanta simpatia quanto olhavam Elagbi e Talasyn.

Assim que ficou sozinha, Talasyn trocou as vestes brancas de luto pela camisola de linho mais simples que encontrou antes de desabar na cama. Seu corpo foi engolido pelo colchão espesso e impossivelmente macio, grande demais para uma pessoa só. É claro que, se Alaric estivesse com ela, teria o tamanho perfeito. . .

O problema de ter dormido frequentemente na mesma cama que outra pessoa era que não era mais mera imaginação quem a conjurava em sua ausência. Os sentidos também estavam envolvidos. O calor e o peso de outro corpo, pressionando a pele. O aroma distinto e individual. O som da respiração, o murmúrio sonolento de uma voz grave na escuridão. Era a memória muscular se acumulando, trazendo todas aquelas sensações a um relevo agudo enquanto se jazia ali, sozinha.

Ela precisava dele. Vivera por um ano como a Lachis’ka do Domínio, e a promessa nebulosa inerente àquele título fora cumprida. Aquela Que Viria Depois era agora Aquela Que Suspendeu a Terra Sobre as Águas. Ela não tinha aptidão para governar uma nação e estava apavorada. Mas se Alaric pudesse estar ali, de alguma forma, tudo ficaria bem.

Eu não consigo fazer isso sem você, meu senhor.

Talasyn encarou o dossel de seda drapeado acima dela e se perguntou como era justo sentir tanta falta de alguém.

A coroação de uma nova Zahiya-lachis era usualmente um evento massivo, em toda a cidade, aberto ao público com toda a sua pompa e circunstância. Mas a coroação de Talasyn seria tão reduzida quanto o funeral de Urduja, principalmente porque o assassino desta última ainda estava foragido.

Jie fora convocada do domínio de sua mãe e transbordava orgulho em sua nova posição de dama de companhia de *Sua Majestade*. Durante todo o processo de cabelo e maquiagem, Talasyn estudou o reflexo da garota no espelho; diferentemente da geração mais velha de nobres, a tristeza de Jie pela partida da antiga rainha não era tão palpável. Ela não havia vivido todos os anos do reinado da jovem Urduja nem a guerra civil que se seguiu, então fazia sentido que se sentisse menos conectada à falecida monarca. Era... estranho pensar em como o fim de uma era podia se refletir naqueles olhos jovens e brilhantes.

As preocupações de Jie eram de natureza mais terrena. "Deveria haver um desfile!", ela lamentou, gesticulando enfaticamente com o pente na mão. "Canto e dança nas ruas, um baile glorioso—"

"Acho que todos ainda estão traumatizados com o que aconteceu no *último* baile", Talasyn brincou. "Além do mais, não houve tempo para planejar nada elaborado."

Para realizar o que precisava fazer para encerrar a guerra no Continente, ela teria que receber a bênção da corte de Nenavar o mais rápido possível. É verdade que ela ainda não sabia *precisamente* o que precisava fazer, mas obter a autoridade para fazê-lo era sua prioridade imediata.

Lá fora, nos penhascos de calcário que dominavam a vasta capital de Eskaya, um silêncio caiu sobre os nobres reunidos enquanto Alunsina Ivralis emergia das profundezas do palácio real e se ajoelhava diante do sábio de vestes escarlates no topo dos degraus de marfim.

Tanto os conselheiros quanto a escolta de segurança insistiram, a princípio, para que a cerimônia fosse realizada em local fechado, mas Talasyn apontou, com razão, que nenhum espaço confinado seria mais seguro do que qualquer lugar aberto com a presença de Bakun. O Devorador de Mundos rondava os céus acima, as sombras de suas asas pairando sobre a assembleia. De vez em quando, como se quisesse desencorajar qualquer ideia absurda de algum membro da plateia que pudesse estar inclinado a isso, ele soprava plumas de magia do vazio nas nuvens.

A sábia era a mesma que havia oficiado o casamento entre o Imperador da Noite e a Lachis’ka do Domínio; ela sorriu gentilmente para Talasyn enquanto Niamha e Surakwel davam um passo à frente, carregando entre si um manto cerimonial de seda de lótus azul pálido, adornado com o dragão de Nenavar em fios de ouro.

"Com este manto, você assume o papel de protetora do reino", anunciou a sábia solenemente. "Você jura defender Nenavar daqueles que desejam prejudicá-la e manter os princípios sobre os quais o Domínio foi fundado?"

"Eu juro pelas sete ilhas", disse Talasyn.

Ishan Vaikar aproximou-se de Talasyn e depositou em seu punho cerrado um cetro dourado. O topo era coroado por uma grande pedra vulana, aninhada como um tesouro entre as mandíbulas de dois dragões entrelaçados.

"Com este cetro, você exerce a justiça da rainha", continuou a sábia. "Você jura governar de acordo com a lei do Domínio e usar seu melhor discernimento ao estender a mão da misericórdia?"

"Eu juro pelas sete luas", respondeu Talasyn. Ela soava sincera e capaz o suficiente, mas, interiormente, esperava e rezava — com cada fibra de seu ser — para não ter trocado a ordem dos votos.

Lueve Rasmey foi a última a se aproximar, segurando um baú lacrado e aberto no qual repousava a coroa de Talasyn. Cada coroa cerimonial sucessiva era feita sob medida para o monarca reinante; a de Urduja parecia ter sido esculpida em gelo, e a de sua mãe, Magwayen, assemelhava-se a uma massa de espinhos escuros.

A coroa de Talasyn lembrava o sol. Fora forjada durante seus primeiros dias como Lachis’ka, em preparação para este momento. Apesar de os nenavarens temerem aeteromantes que não fossem Encantadores, os artesãos encarregados do design deviam estar radiantes, no fundo de suas almas artísticas, com o fato de que a próxima rainha seria uma Tecelã da Luz. A peça foi projetada para curvar-se ao redor da cabeça como um halo, e trazia em cada raio dourado uma estrela para cada uma das sete ilhas principais do Domínio.

Lueve apresentou o baú lacrado à sábia, que removeu a coroa cuidadosamente e a posicionou sobre a cabeça de Talasyn.

É agora. Os nós dos dedos de Talasyn apertaram-se até ficarem brancos ao redor do cetro. *O momento da verdade.*

Ou o mal finalmente seria trazido à luz, ou ela ficaria marcada na história como a Zahiya-lachis que fez um papel ridículo em sua própria coroação.

O pulso de sua mão livre moveu-se rapidamente para cima, liberando a Tecelagem da Luz.

A sábia deu um sobressalto quando a coroa foi arrancada de seu aperto e

enviada a flutuar a alguns metros de altura, suspensa em correntes de magia dourada. Os fios radiantes deslizaram por cada fresta da coroa, procurando por aquilo que Talasyn já sabia que estaria lá. Era uma tarefa delicada, quase impossível de realizar sem destruir a coroa completamente, mas a raksa das Ilhas da Alvorada havia devolvido a aeteromancia a ela, junto com uma nova compreensão do poder. E, finalmente, várias agulhas longas e finas foram extraídas de seus esconderijos dentro daquele sol em miniatura, empurradas pelas correntes da Tecelagem da Luz para se abrirem em um semicírculo de raios de prata cintilantes.

Um suspiro coletivo ecoou entre a nobreza reunida. Afinal, qualquer senhor ou senhora do Domínio que se prezasse seria capaz de reconhecer uma agulha venenosa ao primeiro olhar.

Os Lachis-dalo de Talasyn rapidamente se posicionaram, cercando os degraus do Teto do Céu e bloqueando todas as rotas de fuga. Bakun desceu mergulhando do céu e se enrolou ao redor do palácio, apoiando parte do seu peso no telhado de alabastro, as garras cravadas nas torres, a cabeça chifrada pairando sobre os degraus. Suas mandíbulas se abriram para soltar um rugido arrepiante que abalou o mundo, a luz ametista do Voidfell brilhando em seus olhos e acumulando-se no fundo de sua boca de membranas lilases.

As agulhas venenosas deslocaram-se em seu leito de luz, com as pontas letais voltadas para o degrau onde Niamha, Surakwel, Ishan e Lueve permaneciam imóveis como estátuas.

"Vossa... Vossa Majestade!" gaguejou o sábio. "O que está acontecendo, o que a senhora está fazendo..."

"Defendendo Nenavar daqueles que ousariam feri-la", disse Talasyn secamente. Seus dedos tremeram e o Lightweave que prendia as agulhas as lançou violentamente contra Lueve Rasmey, que soltou um grito indigno enquanto Niamha, Surakwel e Ishan se dispersavam, colocando a maior distância possível entre si e os projéteis esguios.

"E usando meu melhor discernimento", continuou Talasyn, enquanto as agulhas paravam a centímetros de tocar a pele de Lueve, cercando-a em uma nuvem giratória de aço prateado e éter dourado, "em estender a mão da misericórdia."

A multidão horrorizada agitou-se e murmurou entre si, mas silenciou-se imediatamente quando Talasyn se levantou. A névoa tecida de luz que sustentava a coroa desapareceu quando ela a colheu do ar e a colocou na cabeça. "Com esta coroa, carrego as mulheres que vieram antes de mim". Ela recitou as palavras finais do juramento cerimonial, cada sílaba ressoando com poder. "Carregarei minha nação em tempos de paz e através de quaisquer guerras que venham.

Levarei todos vocês ao ápice da glória e lá permaneceremos. Eu juro pelas sete ilhas. Eu juro pelas sete luas. Eu juro pelo Eversea."

Pronto. Está feito.

Talasyn voltou-se para a pálida Lueve. "E agora, meu primeiro ato como a Zahiya-lachis do Domínio de Nenavar é acusar formalmente a Lady Lueve da Casa Rasmey, a Daya de Cenderwas, de traição por liderar a conspiração que visava derrubar a casa real governante. Pela tentativa de assassinato minha e do Night Emperor em Iantas. Por *mais uma* tentativa de assassinato contra mim, aqui e agora". Ela respirou fundo. "E, por último, com os ancestrais como minhas testemunhas, eu a acuso do assassinato de Urduja Silim."

Capítulo Quarenta e Um

"Você não tem provas, Harlikaan", cuspiu Lueve. Seus olhos brilhavam de raiva, embora o efeito fosse atenuado enquanto eles acompanhavam, temerosos, as agulhas e a luz tão próximas de seu rosto.

Talasyn olhou para Surakwel.

O jovem Lorde do Rastro da Serpente, de cabelos desgrenhados, parecia quase enjoado. Não era um eco exato do que Talasyn sentira ao saber que Urduja matara Hanan; Surakwel genuinamente prezava a tia, nutria por ela todo o temor e respeito que uma criança teria por um parente mais velho e carinhoso. O que ele declararia a seguir, à vista de todas as outras casas nobres, decidiria o destino dela. Para ele, aquele era o ponto sem retorno.

Niamha estava ao lado dele. Silenciosamente, ela entrelaçou os dedos na manga da roupa dele.

Surakwel pareceu extrair força daquele toque sutil. Ele empertigou os ombros. "Eu acompanhei a senhora até as criptas ontem à noite", disse ele a Lueve, com uma voz firme e clara para todos os ouvintes. "Eu a vi mexendo na coroa de Sua Majestade Alunsina Ivralis".

Ele utilizara o labirinto de passagens secretas e aberturas ocultas que pontilhavam o palácio. Várias delas eram conhecidas apenas pela casa governante, transmitidas de uma rainha do Domínio para a próxima; suas localizações estavam entre as primeiras coisas que Talasyn aprendera como Lachis’ka. Ela e Surakwel concordaram, quando ele retornou a ela após testemunhar o crime da tia, que nenhuma prisão seria feita sob o manto da escuridão. Era assim que Urduja operava; nesta nova era, porém, a justiça seria aplicada à luz do dia.

"Quando penso no momento em que o *W’taida* explodiu", disse Talasyn, com o olhar fixo em Lueve, "percebi algo estranho. Depois que saí da sala do trono, todos os cortesãos correram de volta—todos, exceto você, Daya Rasmey. Não vi mais você na multidão. As embarcações de escolta confirmaram que seu coracla foi a primeira a deixar o navio naufragante. Agora, talvez você seja apenas mais rápida que a maioria, mas talvez já tivesse uma vantagem. Talvez já soubesse o que iria acontecer".

Impulsionadas pelo Lightweave, as agulhas venenosas aproximaram-se ainda mais de Lueve; um movimento errado—uma respiração profunda demais—e elas perfurariam sua pele.

"Você não poderia ter plantado o catalisador depois que Sua falecida Majestade embarcasse", continuou Talasyn. "A segurança estaria rigorosa demais a essa altura. Então checamos os registros e interrogamos os guardas do hangar. Na noite anterior à partida, consta que você embarcou no *W'taida*. Você tinha permissão escrita da minha avó, já que ela ordenara que você trocasse o chá e as roupas de cama em seu camarote. O que você não percebeu foi que ela estava lhe dando uma última chance de provar sua lealdade. E o que *eu* não sei—a última peça deste quebra-cabeça—é o que era o catalisador".

O suor brotou na têmpora de Lueve. Talasyn observou as gotas escorrerem. "Como você fez isso, Daya Rasmey?", pressionou ela. "Como você explodiu o navio-almirante de Urduja Silim?"

Não havia mais para onde Lueve fugir. Ela estava encurralada entre as agulhas venenosas e o Devorador de Mundos, com toda a corte de Nenavar testemunhando sua queda. Sua boca se contorceu.

"Granadas de tempo", confessou ela com a voz rouca. "Meus homens na tripulação acenderam os estopins".

"Eles estavam nas profundezas do navio", disse Talasyn. "Não teriam conseguido escapar a tempo. Mas tudo bem, não é? O que importava era que *você* escapasse". O nojo revolveu-a ao pensar em mais vidas perdidas, tornadas descartáveis pela sede de poder. "Depois que Urduja morreu, com o herdeiro desaparecido, teria sido fácil demais para você tomar o trono. Mas então eu apareci montada no Devorador de Mundos e parti antes que o *W'taida* explodisse, e você teve que adiar a última etapa do seu plano—mas apenas por um tempo, certo? Só até a minha coroação. Ninguém jamais questionaria seus movimentos, ninguém jamais duvidaria de suas motivações. Se eu também tivesse morrido hoje, quem melhor para assumir o comando do que você, não é? Mas, minha senhora, eu lhe pergunto: e se o Devorador de Mundos tivesse reagido violentamente à minha morte, como reagiu à de Iyaram?"

Lueve não disse nada. Talasyn a encarou com fúria. "Suponho que *isso* também não tenha importado. Você já tinha ido longe demais, esperado tempo demais. Tantos de seus planos anteriores falharam, tantos de seus companheiros conspiradores se foram. Tinha que ser desta vez. Se você não pudesse sentar no trono, então ninguém mais poderia. Apesar de todas as minhas queixas contra minha avó, era aqui que vocês duas diferiam — Urduja fez muitas coisas para se agarrar ao poder, sim, mas ela jamais teria arriscado a própria Nenavar".

Atrás de Talasyn, os nobres haviam degenerado em gritos de indignação, clamando pela execução de Lueve Rasmey. A Trama de Luz brilhou e as agulhas giraram. Bastaria um único *impulso* e tudo terminaria. A Casa Silim seria vingada e o Domínio aprenderia a temer sua nova soberana.

Eu não sou a Urduja, Talasyn lembrou a si mesma. Aquela era a sua salvação, mas também era, à sua maneira, a sua maldição.

A Trama de Luz desapareceu e as agulhas caíram sobre os degraus de mármore com um estrondo metálico.

"Levem-na daqui", ordenou Talasyn aos Lachis-dalo, sem jamais desviar os olhos do rosto de Lueve. "Ela terá tempo de sobra para refletir sobre seus pecados no exílio".

A noite caiu sobre o Continente. As sete luas envolviam o céu negro em suas diversas fases, lançando uma luz pálida e fria sobre a forma colossal da *Libertação*, que estava atracada, toda torta, em meio às ruínas do que outrora fora a cidade de Grand Bight.

Os painéis de metalvidro do navio-tempestade, vários dos quais exibiam pequenas rachaduras, brilhavam fracamente enquanto as pessoas rastejavam por toda a estrutura como formigas invadindo uma carcaça. Carpinteiros navais e Encantadores de Kesathe concentravam-se em uma de suas últimas esperanças com uma eficiência frenética, reparando os danos e recarregando os núcleos de éter. O fedor dos cadáveres ao redor — soldados e civis que não conseguiram evacuar a tempo — preenchia o ar úmido.

A bordo do *Deliverance*, na cabine do Imperador da Noite, Alaric Ossinast estremeceu enquanto arrancava sua armadura manchada de fuligem e encharcada de sangue. A maior parte não era dele, embora tenha feito uma careta ao olhar para o próprio peito nu sob a luz do luar, pontilhado de escoriações e hematomas causados por várias colisões e uma queda feia ocorrida mais cedo. Mesmo que houvesse um eclipse em poucos minutos, seu tremor não tinha nada a ver com isso. Era mais porque, a cada vez que piscava, a luz ametista do Voidfell irrompia na escuridão por trás de seus olhos.

A Allfold havia rompido uma parte da barricada sul. Eles haviam avançado continente adentro, até o coração do Império da Noite, com o navio-tempestade *Nautilus* despejando a Estrada da Tempestade sobre tudo em seu caminho.

As forças de Alaric os detiveram antes que pudessem alcançar a Cidadela. Encurralada no espaço aéreo sobre a Grande Baía, com seus canhões de raio esgotados, a tripulação do *Nautilus* revelara sua arma secreta.

Acontece que os sardovianos também haviam modificado seu navio-tempestade para disparar magia do vazio. Diferente de Kesath, eles possuíam um suprimento ilimitado dela, graças à aliança com Nenavar.

Diferente de Kesath, o navio-tempestade do vazio *deles* ainda estava intacto.

O Voidfell não se comportava como a Estrada da Tempestade quando

destilado em um canhão de navio-tempestade. Não era simplesmente um raio que atingia seu alvo. Movia-se como fumaça. A morte espalhou-se por toda parte, em ondas violetas, infiltrando-se em cada fresta. Coracles de lobo despencando do céu, couraçados colidindo nas planícies próximas. Pessoas nas ruas apodrecendo onde estavam.

Não houve tempo de convocar Gaheris para reforçar a defesa kesathes; de qualquer forma, a própria magia do Regente absolutamente não poderia ser enfraquecida, não quando havia o risco de a frota aliada conseguir chegar à capital nos próximos dias. Coube a Alaric e aos poucos legionários ao seu lado destruir o *Nautilus* — e, mesmo assim, eles conseguiram apenas repelir o navio, com cortes profundos causados por um fluxo de magia das sombras esculpidos em seu lado bombordo enquanto ele navegava de volta para as nuvens.

Quem saberia onde estava agora, quais seriam os próximos passos da Allfold e se Kesath conseguiria sobreviver a esse massacre...

Alaric tremeu com mais violência, deslizando até o chão vestindo apenas as calças, braçadeiras de couro e manoplas com garras. O que acontecera em Grand Bight hoje fora o efeito de uma única nave de tempestade do vazio. As trinta que Talasyn fizera desaparecer... Kesath já teria vencido a guerra se ainda as tivesse, mas a que custo?

Ele estava furioso por seu povo ter sofrido mortes tão miseráveis. Sentia alívio por as trinta naves de tempestade do vazio terem sumido — por elas jamais desencadearem aquele tipo de destruição sobre o mundo — e horrorizava-se com esse alívio, pois ele o rotulava como um traidor. Estava tenso porque a barricada do sul, incluindo Sevraim, parara de enviar relatórios algumas horas atrás. Estava com medo do que o amanhã traria.

Todas essas emoções distintas rugiam dentro dele, fundindo-se umas nas outras. E, ao serem acompanhadas pelo inverno familiar que corroía seus ossos quando a sétima lua de Lir começou a deslizar para sua forma de eclipse, elas coalesceram em um único sentimento. Ódio pela mulher que ele estava prestes a encontrar. Aquela que começara tudo isso. Em seu estado debilitado, ele se agarrou a esse ódio com tanta força como se fosse a única coisa que mantivesse seu coração batendo.

O camarote transmutou-se em uma extensão de Lightweave e Shadowgate. Parecia a Alaric que os fios dourados estavam mais vibrantes do que nos eclipses anteriores, mas talvez sua magia estivesse mais fraca após uma sennight de guerra incessante.

Quando sua esposa afastada surgiu, ela estava no processo de se levantar. O In-Between aparentemente a engolfara enquanto ela jazia na cama. Embora ela mal estivesse vestindo o que se poderia chamar de roupas de dormir.

Para começar, havia uma coroa em forma de sol pousada em sua cabeça. Se isso já não lhe significasse que ela estava de volta a Nenavar, o fato de a coroa milagrosamente permanecer no lugar apesar de sua posição atual era uma pista tão boa quanto qualquer outra, pois apenas Jie seria capaz de tal façanha.

Além da coroa, Talasyn vestia seda branca com detalhes em ouro — ouro real, brilhante e reluzente, costurado ao seu corpete justo e decotado em forma de ondas ardentes sobre os ombros, de onde fluíam mangas longas e translúcidas que caíam sobre seus braços como espuma do mar. O ouro, em forma de dragões rosnantes, cobria seus seios — mal os cobria — e serpenteava para baixo para se enrolar em sua cintura esguia, terminando alguns centímetros acima da bainha levemente evasê de uma saia ajustada aos quadris.

Branco e ouro, como o vestido com que ela se casara com ele.

Alaric franziu a testa para ela, em um misto de questionamento relutante e condenação causticante. Talasyn não fez menção de se levantar do chão insubstancial; ela simplesmente piscou para ele, com uma expressão aflita naquele rosto. Aquele rosto lindo e amaldiçoado.

Ele falou primeiro porque, conforme os segundos passavam, ficou claro que *ela* não o faria. "Grand Bight foi dizimada", informou-lhe bruscamente. "A Allfold a nivelou com suas fragatas e depois disparou os canhões do vazio da *Nautilus* contra a população civil em fuga. A cidade que a recebeu tão calorosamente não existe mais, Imperatriz."

Alaric escolheu aquelas palavras porque queria ver Talasyn quebrar. Porque desafiava os limites da justiça que ela pudesse parecer tão etérea enquanto o país dele era reduzido a cinzas.

No entanto, quando um olhar despedaçado surgiu nos olhos dela, a pontada de arrependimento que o atravessou foi tão instantânea quanto humilhante.

"Canhões do vazio", ela repetiu em algo pouco acima de um sussurro. "Entendo. É por isso que..." Ela deixou a frase incompleta.

Alaric desdenhou. "Não finja que não sabia."

"Eu não sabia. Juro que não sabia."

"Pare de *mentir*, Talasyn!" Ele avançou contra ela. Sombras se desprenderam da parede e voaram para seus punhos, transmutando-se em uma espada longa cor de tinta. Ele estava furioso, aterrorizado, exausto, e ela era a única pessoa por perto. Ele se lançou sobre ela, o corpo sobrepondo-se ao dela, sem saber se realmente iria fazê-lo, se seria capaz de suportar. A lâmina sibilou pelo ar.

E os olhos dela assumiram um tom polido que ele pensou que jamais veria novamente. Fios de luz ondularam do chão, acariciando os dedos finos que ela ergueu em direção a ele, formando uma espada que era o espelho dourado exato

da dele — contra a qual a própria arma dele colidiu em ângulo, a centímetros da garganta dela.

Era a primeira vez que conseguiam cruzar lâminas durante um eclipse sem que suas magias se fundissem. As regras eram, aparentemente, diferentes no In-Between. E *ela*, aparentemente, estivera ocupada.

"É quase impressionante", rosnou Alaric, "como você encontrou tempo para recuperar sua aethermancy no meio de todas as festividades do Domínio."

Ele pressionou o travamento das lâminas e Talasyn cedeu até estar deitada mais uma vez, com ele sobre ela, as coxas dele montadas em seus quadris. A mão esquerda dele soltou o punho da espada e repousou, com a palma aberta, ao lado da cabeça dela. As pontas garras de sua manopla roçaram a lateral do pescoço dela e a linha de sua mandíbula, mas ela não se afastou.

"Seus informantes devem não ter chegado até você ainda", disse ela sobre o zumbido agudo do Lightweave e o grito gutural do Shadowgate. "Foi uma coroação." Aquela declaração simples, as regras do mundo dele — elas moldavam a forma do futuro imediato. Ele soube o que ela diria antes mesmo que ela falasse. "Minha avó está morta."

Ainda assim, aquilo o surpreendeu. A espada forjada em sombras em sua mão oscilou precariamente, ameaçando desaparecer. Mas ela se solidificou enquanto ele cerrava a mandíbula, sua mente acelerada desenterrando uma nova possibilidade que o gelou.

Urduja Silim jamais teria enviado seus navios de guerra diretamente para a briga.

Alunsina Ivralis era outra história.

Kesath não seria capaz de sobreviver se — *quando* — a Huktera do Domínio se juntasse à frota aliada.

"Isso torna ainda mais imperativo que eu mate você, Harlikaan", murmurou Alaric com a voz rouca.

"Eu sei, Imperador." Os olhos de Talasyn brilharam com luz dourada, em meio ao seu halo de estrelas. "Eu não permitirei, mas eu sei."

Sua mão tremia ao redor do punho crepitante da meia-noite. Seu coração vacilou.

Maldita seja.

Ele baniu sua arma e começou a se levantar — para se *afastar* dela — mas ela o impediu. A própria espada dela desapareceu e ela envolveu os braços no pescoço dele, puxando-o de volta. Os dragões dourados no corpete dela chocaram-se contra os hematomas no peito nu dele, e ele sibilou entre os dentes.

Foi só então que Alaric percebeu que Talasyn construíra um muro entre si e suas emoções para conseguir navegar pelo tumulto político que inevitavelmente

se seguiu à morte de sua avó. Ele notou esse muro apenas quando ele desapareceu, desmoronando no momento em que seus corpos se tocaram. Ela tremia sob ele como uma folha sendo arrancada do caule por um vento violento.

"Ela era um monstro. Eu a odiava tanto." Era uma mistura de soluço e sussurro, abafada contra o lado cicatrizado do rosto dele. "Mas ninguém mais pode saber. Só você. Apenas você."

Ele se lembrou de quando ela lhe contou, na noite em que ficaram na cama dela após o Eclipse do Quinto. Naquela época, ele estava quase pronto para invadir Nenavar e partir o Trono do Dragão ao meio, se ela assim desejasse. Naquela época, ele teria feito qualquer coisa por ela.

Sua tolice passada o assombrava e o enfurecia. Ele agarrou o braço esquerdo dela, pretendendo afastá-lo de seu pescoço, com as pontas garras de suas manoplas cravando-se na pele macia dela através da manga frágil de seu vestido. Deve ter doído, mas ela o segurou com ainda mais força, apesar disso.

"O que aconteceu com esse seu orgulho?" ele a provocou. Bem — ele *pretendia* que fosse uma provocação, ao menos. Mas sua voz soou quebrada demais. Áspera e agonizante contra a concha da orelha dela. "Deve ser irritante não ter ninguém em quem se apoiar além de mim. Não sou eu também um monstro aos seus olhos?"

Ela balançou a cabeça em silêncio. O movimento roçou seus lábios quentes e úmidos contra a mandíbula dele. Para seu eterno desespero, seu corpo respondeu, porque seu corpo era um traidor, porque seu coração não era a única coisa incapaz de esquecer. Sua mão revestida de couro deixou o braço dela e deslizou para trás de sua cabeça, emaranhando-se nos cabelos que haviam sido cuidadosamente presos e torcidos para que sua coroa fosse exibida em toda a sua glória. O desejo de desmanchar tudo aquilo consumia sua alma.

"Sinto demais quando se trata de você, Tecelã da Luz." Ele puxou, com mais delicadeza do que gostaria, e a cabeça dela inclinou-se para trás, expondo a coluna de sua garganta aos olhos semicerrados dele. "Então leve tudo, então. Minha ira, minha culpa e meu desejo. Tudo pertence a você."

Talasyn remexeu-se, subitamente inquieta, suas feições sardentas cobertas por uma névoa febril. Ela abriu as pernas, sua saia branca formal subindo pelas coxas onde os quadris de Alaric logo se encaixaram firmemente. "Você também tem tudo de mim", ela arfou.

Ele sabia de onde vinha esse delírio que consumia ambos. Ela havia testemunhado ritos fúnebres recentemente e ele acabara de sobreviver a uma nave-tempestade do vazio por um triz, com o ambiente repleto de cadáveres. Essa paixão imprudente que surgira abruptamente entre eles era instinto humano, um resgate das mandíbulas da morte. E mais do que isso...

Ela o deixara como Lachis’ka e iria encontrá-lo novamente no mundo real como uma rainha, liderando seus exércitos em batalha contra os dele. Esta era a última vez que seus corpos poderiam se entrelaçar assim, a última vez que ela poderia ser dele para ser tomada. Jamais haveria um depois.

E era por isso que Alaric se inclinou. Era por isso que ele partiu para a garganta.

Capítulo Quarenta e Dois

Em outra vida, talvez ele a tivesse segurado com mais delicadeza, como um marido devoto faria com uma esposa enlutada. Em outra vida, talvez o círculo de seus braços pudesse ter sido um porto seguro para o coração angustiado dela.

Mas não era isso que eles eram. Não era nisso que haviam transformado um ao outro.

Talasyn sibilou quando os dentes de Alaric cravaram-se em seu pescoço. Os lábios dele selaram-se imediatamente ao redor daquela pontada de sensação, sugando com força suficiente para deixar marca. O prazer rastejou por ela, aquele tipo distorcido que ela sabia que não deveria buscar, e ainda assim—

Ela queria perder-se naquilo. Pensou em um encontro clandestino em meio aos pântanos de mangue de Sigwad, quando explicara a Vela que jamais haveria uma paz verdadeira com Kesath se os sardovianos matassem Alaric, que seu povo exigiria vingança, que eles estariam apenas perpetuando um ciclo de décadas banhadas em sangue.

A Amirante lhe lançara um olhar muito estranho na ocasião, abrindo a boca para dizer algo antes de, aparentemente, desistir. Talasyn se perguntara na hora, e agora compreendia. Agora que Alaric lhe contara sobre as novas modificações no *Nautilus*, ela sabia o que Vela estivera prestes a dizer.

Algo na mesma linha do que Khaede dissera a Talasyn naquela noite, na varanda de seu quarto na Cidadela.

Todos merecem morrer.

Desde o princípio, a Allfold sardoviana jamais pretendera que Kesath sobrevivesse a esta nova guerra. Talvez cumprissem a palavra dada a Talasyn e poupassem Alaric, mas quanto ao resto. . .

Ideth Vela não visava *apenas* recuperar os territórios da Allfold. Ela planejava apagar Kesath do mapa também.

E Talasyn a ajudara a chegar mais perto desse objetivo.

A bela cidade de Grand Bight, com todos aqueles rostos sorridentes e as pétalas chovendo sobre ela — tudo se fora. Estavam todos mortos. Haviam torcido por ela e confiado nela, e ela provocara a luz ametista que os alcançara e os apodecera enquanto tentavam fugir dela.

Todas aquelas vidas menores, esmagadas sob a roda de suas próprias maquinações. Ela quase podia ver Urduja sorrindo com escárnio para ela do Céu Acima do Céu.

A culpa espiralou por Talasyn, cortando-lhe as entranhas como se tivesse engolido vidro. Era imensa demais para suportar, somada a tudo o que acontecera no espaço de poucos dias. Ela queria esquecer tudo. Talvez ali, dentro dessas redes trêmulas de luz e trevas, com Alaric movendo-se sobre ela como um deus devasso, ela pudesse esquecer.

A boca dele estava agora na clavícula dela, sugando e mordendo. A mão direita dele desapareceu sob a saia levantada, o couro que cobria a palma áspero contra a pele nua dela. As garras em seus dedos eram afiadas enquanto arranhavam a parte interna da coxa dela.

Talasyn gemeu.

Alaric levantou a cabeça. Uma mistura ardente de satisfação e ressentimento brilhava em seus olhos cinzentos, atravessando-a como luz estelar. "Eu sabia que você gostaria disso", ele murmurou. As garras frias deslizaram mais para cima entre as pernas dela, roçando a carne e a seda. "Aquela vez no armário de suprimentos... eu me perguntei o que você faria se fosse *esta* manopla. Se você conseguiria aguentar."

Os nós dos dedos dele se curvaram contra o retalho de tecido no ápice das coxas dela e pressionaram para frente, esfregando deliberadamente onde ela era mais sensível. Doía quase tanto quanto dava prazer, e ela se contorceu nos braços dele, cravando as unhas nas costas dele. Ele sibilou, mas não parou, e era disso que ela precisava — dessas sensações primais e dessa adrenalina para distraí-la do sangue em suas mãos.

Ela gozou assim, rápida e cruelmente, seu corpo terrivelmente responsivo após ter sido privada dele por tanto tempo. Assim que ele percebeu que ela estava desmoronando, soltou uma risada rouca, cínica e depreciativa, que simultaneamente deixou seu estômago vazio e a fez ver vermelho, mesmo enquanto aquela breve onda de choque do orgasmo a varria.

Talasyn se impulsionou para cima e rolou ambos, prendendo os braços de Alaric acima da cabeça dele. Ela colheu fios de sua magia ao redor, plumas de luz dourada emanando debaixo das manoplas dele e então circulando seus pulsos, acorrentando-os. Acorrentando-o ao chão. Ele a encarou com fúria enquanto ela descia para tatear as calças dele — um ato que já era memória muscular.

Assim como era a maneira como seus dedos envolviam o calor e a rigidez dele. Assim como era a maneira como seus olhos acompanhavam o movimento da garganta dele ao engolir quando o pulso dela se movia.

Ela acelerou o ritmo, a palma da mão escorregadia com o fluido que vazava da ponta dele, e ele soltou um suspiro trêmulo, contraindo-se no berço da mão dela. Isso era um lembrete de que ela também tinha poder sobre ele. Ela se

lembrou da risada dele, de como havia machucado, e sentiu um sorriso sarcástico florescer em seus lábios em retaliação tardia. A raiva irrompeu como uma corrente branco-incandescente na tempestade prateada do olhar dele, e a escuridão preencheu a alma dela. *Sim*, pensou ela, *você me destrói todas as vezes. Mas eu faço o mesmo com você — eu sei disso agora.*

Uma guerra sem vencedor. Um ciclo interminável de condenação e desejo.

Talasyn inclinou-se para frente, usando a mão livre para se apoiar no peito de Alaric enquanto capturava a boca dele em um beijo abrasador e brutal. Os lábios dele eram quentes e maleáveis, sucumbindo ao ataque rigoroso dela, enquanto a batida combinada de Lightweave e Shadowgate pulsava contra seus olhos fechados. Ela pressionou sua genitália vestida contra a ereção nua dele e prendeu o lábio inferior carnudo dele entre os dentes, mordendo com força suficiente para tirar sangue, e ele abriu a boca para ela com um gemido sufocado. Ele a mordeu também, enquanto balançavam juntos, devastando-se mutuamente, rios de sal e metal transbordando em sua língua, o coração dele uma canção selvagem sob a palma de sua mão.

Em algum momento em meio a toda aquela névoa, ela empurrou no ângulo certo para que a cabeça romba dele deslizasse pelo fundo da calcinha úmida. A partir dali, pareceu a coisa mais natural do mundo afastar o tecido obstrutor para o lado e baixar-se sobre ele. Foi como um abrir-se, uma rendição mútua. Ela interrompeu o beijo e sentou-se, embainhando-o dentro de si. As saias brancas e douradas de seu vestido de coroação caíram sobre as coxas deles, ocultando o lugar onde estavam unidos.

"Isso não muda nada", ele rosnou, mostrando os dentes para ela através dos lábios mordidos pelo beijo. Ele disse isso mesmo enquanto seus quadris saltavam para cima e todo o comprimento dele roubava o fôlego dela.

"Não muda", ela concordou, ofegante. "Sempre foi você."

Suas bocas se encontraram novamente enquanto ela cavalgava sobre ele. Era frenético e desesperado, luz e sombra flamejando ao redor deles. Os pulsos de Alaric tensionavam-se contra as correntes douradas que o prendiam; a frustração por não estar no controle estava estampada em seu rosto. E talvez Talasyn estivesse contando com essa frustração, esperando o momento em que ela atingiria o limite e lhe daria o que ela precisava. Ela o provocava, movendo os quadris contra os dele de um jeito que o fazia praguejar baixinho — apenas para que os xingamentos se transformassem em algo que quase parecia um gemido quando os lábios dela deixaram os dele, enquanto ela se erguia novamente, arqueando uma sobrancelha em desafio.

Aconteceu num piscar de olhos. O Shadowgate surgiu, devorando as faixas tecidas de luz que o restringiam. Liberto delas, ele avançou para cima, com o

braço esquerdo serpenteando a cintura dela para trazê-la para mais perto, enquanto a mão direita enluvada puxava o corpete dela para baixo, com as garras afiadas arranhando a curva de seus seios.

Talasyn só conseguiu soltar metade de um suspiro; Alaric abafou o restante com outro beijo punitivo. Então, ele agarrou os quadris dela com tanta força que esmagou a seda que os cobria e começou a quicá-la em seu colo, alternando entre beijar seus lábios e sugar sua clavícula; ela estava mergulhada na perversidade de tudo aquilo, as paredes do In-Between uivando em um reflexo de emoções, o éter espacial louco de deleite. Ele a preenchia tão profundamente, dilatando-a ao redor de si, atingindo *aquele* ponto dentro dela repetidamente, o ritmo lascivo soltando os grampos de seu cabelo e deixando sua coroa torta. Ela estava no limite mais uma vez, mas—

Mas uma parte dela não queria ceder tão facilmente. Uma parte dela estava embriagada com tudo o que podiam fazer um ao outro e como poderiam sustentar tudo aquilo até os bosques de salgueiros da morte.

Colocando as mãos nos ombros de Alaric, Talasyn tentou empurrá-lo para baixo. Ele rosnou, abaixando a cabeça para morder o pulso dela. Ambos lutaram por vantagem e, de alguma forma, acabaram perdendo o equilíbrio, caindo para o lado. Ele deslizou para fora dela quando isso aconteceu, e ela sentiu a perda dele como um soco no estômago, puxando o cabelo dele em seu pânico, querendo apenas que ele voltasse.

Ele a virou em seus braços, com as costas dela coladas ao seu peito. Ele levantou as saias formais e cintilantes dela, e ela sentiu sombras deslizarem por sua pele em tentáculos de calor e estática, rasgando sua roupa íntima em pedaços, que caíram de seu corpo. Antes que ela pudesse sequer processar o quão perigoso aquilo era, ele a penetrou novamente. Por trás, em uma estocada forte. A coroa solar caiu de sua cabeça. Os lábios dele encontraram o pescoço marcado dela mais uma vez, enquanto a manopla direita com garras apertava seus seios expostos. Ela arqueou as costas, dando-lhe acesso, dando-lhe tudo, porque ela era o pior pecado dele amplificado e ele era o seu rei. Ela correspondeu a cada estocada, ambos manchados de suor e ofegantes. A magia combinada deles flutuou, lavando-os, lambendo seus corpos entrelaçados em chamas oscilantes de luz e trevas.

Mais alto, pensou ela. *Sempre. Mais.*

A mão esquerda dele disparou entre as pernas dela. Garras cravaram-se em sua coxa interna enquanto o dorso de um dedo blindado deslizava por seu centro como o lado plano de uma lâmina, empurrando-a para o abismo. Ela gozou ao redor dele com um soluço agudo, e não demorou muito para que os quadris dele estremecessem contra as nádegas dela e ele ficasse tenso e exausto dentro dela, e

tudo o que ela conseguia pensar era que aquela poderia ser a última vez. Que ela poderia nunca mais se sentir assim.

Alaric recuou, afastando-se dela imediatamente como se ela o tivesse queimado. Talasyn esforçou-se para se sentar, de costas para ele, incapaz de suportar a ideia de se virar mesmo sentindo-o escorrer por suas coxas. Suas respirações arfantes foram se estabilizando lentamente até que tudo o que restou foi o hino da magia do eclipse e as recriminações de toda uma guerra. E tudo o que um casamento poderia ter sido.

"Vejo você no campo de batalha", disse ele, finalmente. Ele parecia cansado, embora sua voz estivesse impregnada do mesmo ressentimento em que estivera mergulhado durante toda essa confusão angustiante.

"Sim", ela raspou, enquanto o In-Between começava a desaparecer. "Até lá."

Capítulo Quarenta e Três

Quando Talasyn terminou de se lavar e de vestir roupas mais confortáveis, já passava muito da meia-noite. Ainda assim, sentia-se dominada por uma espécie de inquietação exausta, daquelas que não permitem dormir. Ela deixou seus novos aposentos, proibindo expressamente que os guardas posicionados do lado de fora a seguissem. Eles hesitaram, mas ela foi firme no desejo de ficar sozinha.

As sete luas iluminavam seu caminho enquanto ela vagava pelos corredores de mármore do palácio real; seus passos pesados acabaram por levá-la a subir uma escadaria após a outra, por alas remotas e, finalmente, ao telhado — à base da mesma torre que gostava de escalar em seus primeiros dias como a Lachis'ka.

Naquela época, ela não conseguia conjurar um escudo e não sabia quase nada sobre dragões. E estivera tão certa do que deveria fazer e do que Alaric Ossinast representava para ela — o inimigo de seu povo. Alguém a ser derrotado a qualquer custo.

Ela mudara. Alaric também. Assim como o fluxo de poder, tanto no Domínio quanto no Continente. Mas seria isso o suficiente para mudar também o destino fatídico para o qual aquele canto de Lir caminhava?

Talasyn supôs que descobriria em breve. Abaixo dela, um mar de escamas, aninhado junto aos alicerces do palácio, ondulava na escuridão. A cabeça chifrada de Bakun ergueu-se curiosa, ficando na mesma altura da saliência onde ela estava. Olhos violetas encararam os dela. A inquietação que sentira aprofundou-se em algo perigosamente próximo da ansiedade — estaria ela imaginando coisas, ou aqueles olhos estavam um pouco opacos, como se os primeiros e tênues sinais de nuvens de tempestade tivessem caído sobre eles? Talvez fosse apenas a aparência de Bakun naquela meia-luz, as sombras agarrando-se às rugas de suas membranas, os raios de luar destacando suas cicatrizes em relevo, cortando sua pele opalescente com brilho suficiente para quase revelar o osso por baixo. Em sua imobilidade, o primeiro dragão parecia impossivelmente antigo. Uma relíquia de uma era passada cravando as presas no presente. Incapaz — ou relutante — em desapegar-se.

"Partirei para a guerra em breve", disse Talasyn. "Não venha comigo. Você deve retornar a Aktamasok."

Bakun bufou. Parecia vagamente reprovador, mas Talasyn manteve-se firme. "Já o mantive acordado por tempo suficiente. Volte a dormir."

Em particular, ela se perguntou se estaria cometendo outro erro enorme.

Não, ela *sabia* que estava. O Devorador de Mundos seria uma vantagem colossal na batalha — na verdade, a única vantagem de que ela jamais precisaria.

Mas Bakun deveria despertar apenas uma vez, e por pouco tempo, a cada mil anos. Talasyn interrompera seu ciclo de vida por puro desespero. Ela não podia forçá-lo a lutar em uma guerra.

"Eu não sou ela, sabe." Ela acariciou o focinho áspero do Devorador de Mundos. Ele fechou os olhos, perdido em suas próprias memórias. "Sou a primeira etermante a ser descendente dela, e é por isso que você e eu conseguimos ver os corações um do outro. Mas eu nunca serei ela."

O que Talasyn representava para Bakun era um eco. Uma grande corrente. Era hora de libertá-lo. Parada ali, no topo do dourado Telhado do Céu, sob as sete luas, ela se curvou, encostando a testa nos lábios fechados do Devorador de Mundos. E, por um momento, mulher e dragão permaneceram imóveis, presos nas redes do tempo.

"Ela me disse que estava preocupada com você", murmurou Talasyn. "Eu também estou. Então... você deve dormir agora. Sinto muito. Durma e sonhe com ela até que se encontrem novamente."

Bakun afastou-se, os olhos brilhando brevemente ao se abrirem. Ele desdobrou suas asas brancas e alçou voo, sua sombra vasta bloqueando a luz do luar sobre o palácio. Talasyn observou-o partir, e logo seus lábios se contraíram em uma expressão confusa ao perceber que o dragão seguia na direção oposta a Aktamasok.

Ela enviou vários mensageiros logo após o amanhecer. Todos retornaram com a notícia de que nenhuma das patrulhas Huktera tinha visto Bakun voltar ao seu covil. Era um novo desdobramento intrigante, mas Talasyn foi rapidamente inundada por outros assuntos. A manhã passou voando em um turbilhão de reuniões a portas fechadas, todas ocorrendo no escritório particular da Zahiya-lachis.

Havia uma multidão de nobres que *ostensivamente* vieram prestar suas cortesias à nova rainha antes da grande assembleia no final daquela tarde. Mas era óbvio para Talasyn que o real motivo era sondar a situação política. A maior parte da velha guarda de Irrawad e dos outros territórios de oposição havia partido; Urduja passara seus últimos dias nesta vida elevando casas anteriormente menores aos títulos e terras confiscados após a conspiração fracassada. Contudo, vários dos aliados de longa data de Urduja *também* haviam partido — morreram com ela no *W'taida*. O delicado equilíbrio de poder havia mudado e ninguém sabia em que posição estava.

Talasyn não fez promessas, manteve-se no auge do decoro e dispensou cada

um dos nobres visitantes com um sorriso real e vazio, que mascarava a dor de cabeça que eles haviam lhe causado.

O primeiro plebeu a entrar em seu escritório foi Yanme Rapat, o kaptan da patrulha de Belian que, certa vez, havia prendido Alaric e Talasyn por invasão de propriedade.

“Desejava me ver, Harlikaan?” ele questionou, após proferir a saudação formal exigida. Seu uniforme de gala estava recém-lavado e remendado. Ele havia penteado o cabelo para trás com meticulosidade.

Talasyn o observou por alguns longos instantes enquanto ele permanecia em posição de sentido do outro lado da escrivaninha de goma-arco-íris polida que agora lhe pertencia. Ela se lembrou de uma sala de interrogatório iluminada por lamparinas em uma guarnição remota e de uma garota esguia em trapos sardovianos, encarando o oficial que lhe fazia perguntas tão estranhas sobre sua relação com alguém chamada Hanan Ivralis.

"Kaptan Rapat", disse Talasyn, "vinte anos atrás — quase vinte e um, agora — minha avó removeu sua patente por você ter falhado em impedir que as forças de Sintan Silim invadissem a capital do Domínio. Mas a guerra civil terminou há muito tempo e já passou da hora de descansarmos seus fantasmas. Hoje, estou reintegrando você". O sorriso que ela lhe deu foi discreto, porém mais genuíno do que qualquer outro que tivesse concedido aos seus visitantes anteriores até então. "Bem-vindo de volta a Eskaya, General".

O choque floresceu nas feições magras de Rapat, seus olhos escuros suspeitosamente lacrimejantes. Ele saudou fervorosamente, batendo os calcanhares, com a cabeça erguida. "Servirei bem a Vossa Majestade", prometeu ele, embargado pela emoção. "Estou com você, agora e sempre".

É exatamente disso que eu preciso, pensou a parte de Talasyn que ela desejava que não existisse. A parte que absorvera as lições de Urduja bem demais e compreendia que, caso novos conspiradores surgissem das sombras, a nova Zahiya-lachis precisava que os militares lhe fossem leais.

"Obrigada por ser um dos poucos amigos da minha mãe na corte", ela disse a Rapat. *Obrigada por me alertar sobre Urduja naquela vez no Monte Belian, apesar do preço que isso deve ter custado a você*, ela gostaria de acrescentar. *Acho que você também sabe — ou, no mínimo, suspeita.*

Mas havia coisas que jamais poderiam ser ditas em voz alta.

Após dispensar Rapat, Talasyn recebeu Ekli, que havia ascendido da noite para o dia de kaptan dos Lachis-dalo sobreviventes de Sua Graça a comandante da guarda real de Sua Majestade — tudo isso enquanto ela estivera fora na missão para encontrar Ditsang, o cozinheiro desaparecido que envenenara os soldados de Iantas. Ekli estava visivelmente perturbada por ter retornado à

capital e encontrado uma patente superior à sua espera.

"La— Harlikaan", Ekli se corrigiu apressadamente, ficando vermelha com a gafe, "consegui descobrir que, após o baile de máscaras, Ditsang fugiu para uma das aldeias sobre palafitas na ilha principal de Lidagat. Quando cheguei lá, porém, disseram que ele havia caído no lago e se afogado. Mandei exumar o corpo e *realmente* parecia ser ele, Vossa Majestade."

Na verdade, não era totalmente surpreendente. Lueve Rasmey teria se certificado de amarrar todas as pontas soltas, incluindo todos os cúmplices insignificantes. "Transmita a notícia à família de Ditsang", Talasyn instruiu Ekli. "Se ele era o provedor da casa, o palácio oferecerá apoio".

Ekli assentiu e se retirou, mas parecia um pouco surpresa, como se esperasse uma sentença mais severa para os parentes de Ditsang. Mas ele fizera aquilo para vingar o irmão, a quem Alaric matara, e se Talasyn então aplicasse a vingança da Zahiya-lachis na família restante de Ditsang...

Não. *Todos* os ciclos precisavam ser quebrados.

A última visita de Talasyn foi Niamha Langsoune, que entrou no escritório com sua graça e aplomo habituais. Se sentia qualquer inquietação por ter sido convocada pela Zahiya-lachis antes da grande assembleia, não deu indício algum. A Daya de Catanduc era sempre imperturbável, um produto perfeito e polido de sua ilustre herança.

Talasyn sentiu uma pontada de compaixão por Surakwel Mantes. Como alguém poderia segurar um fragmento da oitava lua com as mãos nuas? No entanto, a lembrança de Niamha agarrando a manga de Surakwel na coroação, emprestando-lhe silenciosamente sua força, era vívida.

Talvez a lua também quisesse ser segurada.

"Estou ciente de que você está noiva, Daya Langsoune", disse Talasyn. Surakwel mencionara aquilo a ela enquanto caminhavam pelos pântanos de mangue de Sigwad, com a expressão velada pelas sombras da noite.

"Exatamente, Harlikaan", Niamha respondeu alegremente. "Foi organizado por minha falecida mãe sob a sugestão da Rainha Urduja. Acredito que provará ser um relacionamento benéfico, e o Rajan Estima sempre foi inabalavelmente leal ao trono. Deseja que eu antecipe o casamento?"

Ela perguntou isso sem a menor hesitação. Sabia o que significava ser uma dama no círculo íntimo da Zahiya-lachis, especialmente durante um período de transição tão crucial, no qual alianças precisavam ser forjadas o mais rápido possível. Como as outras filhas de casas nobres, Niamha fora treinada para isso a vida inteira.

"Não. Eu não gosto dele", decretou Talasyn, apesar do fato de nem sequer se lembrar de ter interagido com o Rajan Estima. "Estou revogando a aprovação

da casa real para este noivado. Rompa-o. Sua mãe terá que me cobrar as explicações quando eu a encontrar no mundo espiritual".

"Ah", Niamha soltou um guincho. Foi a primeira vez que Talasyn a ouviu emitir um som tão indigno. "Er, sim, Vossa Majestade. Porei fim a isso imediatamente".

Daya Langsoune, que vivia e respirava a etiqueta e os ares da corte, fez uma reverência, girou nos calcanhares e praticamente correu para fora do escritório sem esperar que sua soberana a dispensasse. Enquanto a porta começava a se fechar, a voz alarmada de Surakwel ecoou do corredor.

"Nim? O que aconteceu, por que você está—"

Parecia que ele fora sumariamente interrompido por algo pressionando seus lábios e, felizmente, a porta se fechou antes que Talasyn pudesse ouvir o restante.

O encontro com Niamha foi o último ponto luminoso na vida de Talasyn por algum tempo. À tarde, os chefes de cada casa nobre espalhados pelo arquipélago do Domínio desceram sobre o Telhado do Céu para a primeira grande assembleia do reinado de Alunsina Ivralis. Não demorou muito para que todos eles se arrependessem visivelmente de tê-lo feito.

Talasyn tentou não se remexer enquanto sentada no trono alado. Não era apenas o fato de ser um tipo de cadeira bastante desconfortável, mas ela também estava diante de toda uma corte de nobres descontentes. Era o suficiente para esgotar os nervos de qualquer um.

Mas ela não era *qualquer* pessoa, não é?

Com a coroa solar pesando sobre sua cabeça, ela se endireitou um pouco mais enquanto observava a multidão cintilante que discutia entre si sobre a proposta que ela acabara de apresentar. Enviar navios de guerra para o Continente — para os nobres mais velhos na multidão, isso devia estar trazendo memórias desagradáveis.

"Que o Império da Noite e a Allfold de Sardóvia se destruam mutuamente!", rugiu um rajan de cabelos grisalhos que anteriormente fora a favor do tratado de casamento. "Por que deveríamos nos importar? Nenavar sobreviveu por tanto tempo *precisamente* porque não enfiamo o nariz em todas as loucuras em que o resto de Lir se envolve!"

"Isso é problema de *todos*, meu senhor", rebateu Surakwel. "Se o Império da Noite vencer, o senhor acha que eles se contentarão em permitir que um estado soberano persista tão perto de casa, quando seus outros vizinhos pegaram em armas contra eles?"

"Não vejo razão para que eles tenham qualquer queixa!", grasnou uma das

dayas. "Sua Majestade é casada com o Imperador da Noite, cumprimos os termos do tratado e *também*—"

"A aliança com Kesath foi quebrada antes mesmo de ser forjada." Assim que Talasyn falou, todos os outros silenciaram, e foi apenas a voz dela que ecoou pelo salão. "Ao fim das Guerras do Furacão, a Rainha Urduja concedeu santuário aos Allfold dentro de nossas fronteiras. Os sardóvios passaram quase um ano escondendo-se do Império da Noite no espaço do Domínio, enquanto simultaneamente reuniam recursos e aliados. O Império da Noite agora está bem ciente disso, então acreditem em mim quando digo que uma vitória para eles *não* seria do melhor interesse de Nenavar."

Essa proclamação foi recebida com um silêncio atordoado, enquanto os poucos nobres que estavam a par da situação evitavam diligentemente qualquer contato visual. Logo o choque mudo passou e os gritos de indignação borbulharam, e outra onda de discussões rapidamente eclodiu. Talasyn suprimiu a vontade de massagear as têmporas doloridas; ela precisava manter a ilusão de estar calma e, ao mesmo tempo, não ofender os membros da corte que, de outra forma, poderiam atrapalhar seu plano.

Deuses, mas os nenavarenos adoravam ouvir a própria voz. Era uma mágoa antiga dela, mas não havia nada que pudesse fazer a respeito. Tinha que ser paciente. Tinha que seguir o protocolo para que o Domínio fosse apaziguado.

Naquele momento, Talasyn sentiu uma pontada de simpatia por seu marido. Ela não havia compreendido totalmente a posição difícil em que Alaric se encontrava com seu Alto Comando.

Eu vou compensá-lo, ela prometeu. *Espere por mim.*

“Esta não é uma decisão que eu deseje tomar levianamente”, disse Talasyn acima do burburinho, que cessou de forma mais relutante desta vez. “Se o Império da Noite vencer, é certo que eles se vingarão do Domínio de Nenavar. Se a Allfold de Sardóvia vencer, o novo governo que formarem não esquecerá rapidamente que não estivemos ao lado deles quando isso era mais importante”. Não adiantava apelar para a moralidade quando se tratava de quem estava no poder. Por enquanto, ela precisava formular a questão em termos do que poderia ser perdido e do que poderia ser ganho. Talvez as coisas mudassem algum dia, mas ela precisava levar todos até esse *algum dia* primeiro. “Meu casamento pôs fim a milhares de anos de isolacionismo nenavarense. Independentemente do que qualquer um sinta sobre o assunto, essa é a nossa realidade atual e temos que lidar com ela”. Ela estudou os rostos dos nobres, marcando quem parecia mais ressentido. Quem ela teria que vigiar caso tudo desse terrivelmente errado.

“Se não fizermos nada”, concluiu Talasyn, “tão então não teremos o direito de reclamar do resultado. Portanto, agora devemos escolher”.

Capítulo Quarenta e Quatro

Sete dias depois

Além das trinta naves-tempestade do vazio que haviam desaparecido no ar e das cinco danificadas que permaneciam fora de operação, Kesath perdera três em batalha. O que outrora fora uma frota de cinquenta navios havia sido reduzido a doze.

No fim da tarde, Kesath decidiu sacrificar mais dois.

Fora da costa sul do Continente, ambas as embarcações desceram gritando das nuvens ao mesmo tempo. Elas colidiram contra a formação composta principalmente por navios sardovianos e midzulis, além de algumas outras nações aliadas. Somava-se a isso o que restava da frota valisante, que havia recuado da costa oeste; haviam sido repelidos quando Gaheris finalmente assumiu os céus em sua própria nave-tempestade e liderou a investida contra eles — contra as forças enviadas pelo país de sua esposa, para onde ela fugira após deixá-lo.

Para o Regente, era *pessoal*.

O plano original era que Gaheris permanecesse na Cidadela, conservando sua magia para um possível cerco. Eventualmente, porém, Sevraim enviara um sinal de socorro. Ficou claro que a barricada sul não iria resistir. Havia um perigo real de as terras centrais do Império da Noite sucumbirem a um movimento de pinça, sendo esmagadas quando as forças oeste e sul de Sardovia finalmente se encontrassem no meio.

Assim, Gaheris assumira o comando do oeste. Ele castigara Valisa com sua nave-tempestade, com seus couraçados, com seus lobos e suas quimeras tecidas em sombras. Isso drenara as forças do Regente e, por isso, enquanto ele se mantinha afastado para comungar com o primeiro Sever das Sombras ativo que conseguisse encontrar, seu filho levou ambos os regimentos para o sul.

E agora todos estavam ali, com as cidades costeiras evacuadas, e as duas naves-tempestade que penetraram na frota aliada desintegrando-se sob o fogo inimigo — mas não sem causar danos pesados. Não sem dispersar a Allfold, enviando metade de suas forças para as garras da barricada sul de Kesath.

Alaric estava no convés do couraçado do Comodoro Lisu. Com ele estava toda a Legião Forjada nas Sombras, todos em trajes completos de batalha. Eles observavam emblemas de fênix, salamandra e rosa negra navegarem em sua

direção, preparando-se para convergir.

"Combate próximo." Sevraim soltou um suspiro desolado. "Não poderemos usar as naves-tempestade, então."

Ileis riu com escárnio. "Está duvidando das próprias habilidades, é?"

"Ele *deveria*", Nisene arrastou as palavras. "Ele está aqui esse tempo todo e só conseguiu derrubar *uma* fortaleza flutuante."

"Vocês, gêmeos, tiveram tudo muito mais fácil do que eu", Sevraim resmungou. "Nenhum Dançarino do Fogo para enfrentar no oeste. Eu tenho queimaduras sobre queimaduras."

“Acredito que *gostaria* de enfrentar um, na verdade”, disse Ileis. “Ou vários”.

“Você está prestes a ter seu desejo realizado”, resmungou Alaric, enquanto sua visão era preenchida pelo brasão da salamandra de Midzul e pela horda de olhos carmesins brilhando em conveses imensos. Ele ponderou sobre a eficácia de fazer algum tipo de discurso motivacional, mas rapidamente descartou a ideia. Isso só iria *desmoralizar* seus legionários. Eles pensariam que ele *esperava* que morressem.

Então, no fim, tudo o que ele disse foi: “Lá vêm eles”.

Midzul havia aperfeiçoado a arte de cercar navios inimigos para que seus etermantes de combate lançassem uma onda combinada de magia de fogo como salva inicial, seguida por virotes de ferro antes que a tripulação adversária pudesse se recuperar. Infelizmente, Sevraim aprendera isso da maneira mais difícil, mas, por outro lado, ele dera a Alaric um aviso amplo.

Seis fortalezas flutuantes cercaram o navio de Lisu. Elas dispararam o Covil do Fogo todas ao mesmo tempo. Mas a Legião estava esperando por isso, e as ondas de magia vermelha cintilante chocaram-se inutilmente contra uma esfera de preto nanquim que envolvia o couraçado em uma barreira protetora.

Alaric esperou até que as chamas tivessem cessado. Então gritou: “Agora!”

A esfera negra estremeceu e explodiu em dúzias de ganchos de abordagem, um para cada legionário. As pontas farpadas abriram-se, prendendo-se aos guarda-corpos dos navios de Midzul. A Legião Forjada nas Sombras dividiu-se em seis grupos, saltando do convés do couraçado e invadindo à força as fortalezas flutuantes.

Alaric escolhera enfrentar a maior delas. Ele estava com Sevraim e os gêmeos, entre outros, e os quatro entraram em um ritmo perfeito, aprimorado praticamente desde o berço. Eles abriram caminho entre os soldados de Midzul na fortaleza flutuante, preenchendo as lacunas nas defesas uns dos outros, golpeando quando o companheiro esquivava-se, desviando dos projéteis uns dos

outros para que pudessem atingir seus alvos pretendidos. Os oponentes que não eram etermantes foram rapidamente abatidos, mas, como Alaric logo descobriu, os Dançarinos do Fogo eram criaturas de outro tipo.

A magia deles não se comportava como o Portal das Sombras ou a Trama da Luz. As chamas não assumiam a forma de armas.

Elas estavam apenas... *em toda parte*. Para complicar as coisas, a maioria das reservas dos Forjados nas Sombras estava baixa após quase quinze dias de guerra; eles precisavam ser criteriosos no uso de sua magia, o que levava a erros aqui e ali. O ar no convés logo adquiriu o cheiro acre de cabelo chamuscado e carne queimada.

Alaric acabou se vendo isolado de seus companheiros, acuado por três Dançarinos do Fogo. Ele rolou para evitar as ondas iniciais que lançaram contra ele, e as chamas desapareceram nas tábuas de madeira que não queimavam. Ainda no chão, ele arremessou uma série de facas de obsidiana. Um oponente caiu e Alaric agarrou o cotovelo da mais próxima das duas sobreviventes, com a intenção de jogá-la por cima do guarda-corpo.

Olhos de topázio travaram nos dele e encheram-se de luz carmesim. O cotovelo nu da mulher de Midzul irrompeu em chamas. Atrás de sua máscara, Alaric rangeu os dentes diante do calor opressor que consumia sua manopla, não lhe deixando outra escolha senão soltá-la e arrancá-la antes que sua mão fosse gravemente danificada. A pele da palma direita já estava vermelho-vivo e com bolhas, mas ele não podia se deter nisso porque mais jatos de fogo avançavam em sua direção.

Ele usou a mão esquerda para conjurar um escudo, e então esse escudo transformou-se em sua foice de guerra. Ele a empunhou com as duas mãos e golpeou, porque a queimadura não importava, porque os Forjados nas Sombras estavam acostumados à dor.

Duas cabeças rolaram pelas tábuas.

Quando Alaric se ergueu, abaixando a foice, ele havia entrado em um quadrante diferente do campo de combate que dividira em sua mente, e parado à sua frente estava o General Bieshimma, do Allfold sardoviano. Uma das figuras principais do conselho de Ideth Vela, a quem Alaric já havia encontrado em diversas ocasiões durante as Guerras do Furacão. Na verdade, ele mal conseguia se lembrar de uma única batalha em que Bieshimma não estivesse presente também.

O homem não perdeu tempo e disparou contra ele com uma besta.

Alaric esquivou-se antes que o virote de ferro pudesse esmagar o centro de seu crânio. Em vez disso, o projétil raspou a armadura em seu ombro. Bieshimma estava facilmente ao alcance da foice, mas Alaric—

—hesitou—

Aquele era um dos oficiais comandantes de Talasyn.

Seria mais uma coisa pela qual ela jamais o perdoaria.

Os olhos de Bieshimma subitamente se arregalaram e seu corpo teve um espasmo violento quando uma lança sombria perfurou seu peito vinda de trás. Seu corpo foi levemente erguido, empalado naquela ponta afiada e crepitante; então a lança desapareceu e sua forma flácida e sem vida caiu com um baque aos pés de Alaric.

Nisene encarou Alaric, com os remanescentes da magia das sombras ainda faíscando em seus olhos castanhos. A perplexidade dela deixava claro que ela o vira congelar em indecisão. "O que há de errado com você?", ela exigiu. "Quero dizer... o que há de errado com o senhor, Vossa Majestade?"

Eu não sei, Alaric pensou.

A contraestratégia que ele idealizara funcionara brilhantemente. A Legião Forjada nas Sombras agora detinha seis fortalezas flutuantes, enquanto outros navios de sua espécie pareciam estar perdendo as trocas de bordadas contra os couraçados. Mas, por alguma razão, tudo o que ele conseguia pensar era no fato de que Bieshimma estava morto. Darius também, pelas mãos do próprio Alaric. Mathire também se fora. E assim como muitos outros veteranos kesatheses das Guerras do Furacão. Aqueles que não haviam sido engolidos pela catástrofe da fonte do Voidfell haviam caído nos dias seguintes, enquanto escaramuça após escaramuça pontuavam o Continente.

Sobreviver a uma guerra, apenas para que a sorte acabasse na próxima — sucessivamente—

A vários quilômetros de distância, o *Nautilus* surgiu por trás das fileiras sardovianas. Assim que o viu, Alaric ouviu a si mesmo dar a ordem para a Legião recuar — para retornar à segurança proporcionada pelos nove navios de tempestade kesatheses posicionados acima da barricada sul.

"Vossa Majestade!", gritou Bryne, uma de suas legionárias mais jovens, uma garota que fora promovida apressadamente das fileiras de iniciantes há apenas alguns dias. "Esta pode ser a oportunidade perfeita, senhor! Se levarmos as seis fortalezas flutuantes até o *Nautilus* e usarmos nossa etermancia, poderemos destruí-lo. O senhor pode deixar conosco, é claro — Kesath precisa do senhor—"

Alaric piscou para ela. "E não precisa de você?"

Bryne saudou-o, radiante de orgulho. Atrás dela, os outros legionários pareciam igualmente ansiosos. Igualmente resolutos. "Não há um único entre nós que não daria a vida com prazer por você, Imperador Alaric", disse ela, com um brilho fervoroso nos olhos e uma marca de queimadura manchando seu pescoço.

Ela não podia ter mais de dezoito anos.

Alaric pensou mais uma vez em todos os veteranos mortos de ambos os lados, e percebeu que a próxima geração já estava preparada para ocupar o lugar deles.

Sempre assim.

"Se eu ouvir você falar assim novamente", Alaric disparou para Bryne, "você ficará no serviço da cozinha descascando batatas pelo resto da vida". A boca dela se abriu em choque. Ela murchou. Ele dirigiu as palavras seguintes aos demais. "Não direi de novo. Recuem. *Agora.*"

Enquanto o sol de Lir começava a se pôr, ele capturou em seus traços ardentes as duas frotas que se encontravam em um impasse na costa sul de Kesath, com as águas azul-escuro do Eversea imóveis como vidro abaixo delas.

Sardovia trouxera seu outro navio-tempestade, o *Manta*. Ele estava agora ao lado do *Nautilus* e muito provavelmente também estava equipado com canhões do vazio. Mas, como os nove navios-tempestade do lado kesathese, as duas armas terríveis não faziam nada além de pairar; na verdade, cada embarcação no céu permanecia rigorosamente dentro de suas formações.

Ambos os lados esperavam para ver quem piscaria primeiro.

Ambos os lados estavam plenamente conscientes de que quem se movesse primeiro seria o responsável por desencadear um banho de sangue.

Na ponte do *Deliverance* — que estava posicionado na vanguarda da frota kesathese, assim como a carraca de Ideth Vela, a *Summerwind*, situava-se nas linhas de frente de Sardovia — Alaric esperava junto com os demais.

Poderia resultar de qualquer maneira. Kesath tinha mais navios-tempestade, mas, apesar de também ter sofrido perdas pesadas, a frota aliada tinha mais navios em geral. Mais coraclas. Das escaramuças terrestres com os Valisante, Alaric sabia que suas coraclas-libélula eram uma força formidável por si só: tão fortemente blindadas quanto os lobos, tão velozes quanto as vespas, tão bem armadas quanto as mariposas.

Kesath tinha mais navios-tempestade, mas Midzul e Valisa voavam em formações que os regimentos do Império da Noite jamais tinham visto.

Poderia resultar de qualquer maneira.

O refrão martelava em seus ouvidos, pensamentos tão vívidos que eram como um grito. Ah, mas ele estava com medo.

Esta era a última resistência — se de Sardovia ou de Kesath, apenas o tempo diria.

“Vossa Majestade!” gritou um dos Encantadores posicionados no transceptor de aetherwave, e Alaric ergueu a cabeça abruptamente. “Mensagem

do perímetro—avistaram a frota do Domínio, senhor! Aproximando-se pelo leste —”

Alaric cerrou a mandíbula.

Um coro de vivas ressonantes ecoou do lado sardoviano do impasse enquanto os massivos outriggers do Domínio de Nenavar surgiam no horizonte em velocidade máxima, com as cabeças de dragões rosnantes esculpidas em cada proa incendiadas pelo pôr do sol vermelho e dourado. Seus cascos em forma de crescente, pintados com cores vibrantes, brilhavam como escamas. Seus conveses giratórios estavam repletos de canhões do vazio feitos de bronze. O dragão dourado de Nenavar tremulava em suas velas azuis em forma de garra de caranguejo.

Eram quinhentos navios, acompanhados por inúmeros enxames de coracle-mariposas, todos fluindo sem esforço para o espaço entre o Allfold e o Império da Noite. Eles se organizaram em uma formação de linhas e colunas que encurralou perfeitamente as forças do Império da Noite, com canhões prontos, deixando os últimos sem saída a não ser o continente, o que seria o mesmo que se render.

Embora, para qualquer observador, aquilo já estivesse praticamente decidido.

No convés do navio de guerra *Parsua*, a Grande Magindam do Domínio, Elaryen Siuk, voltou-se para Talasyn, que estava ao lado dela, vestindo a mesma armadura azul e dourada que usara na noite em que as sete luas desapareceram. “Harlikaan”, disse Siuk, “devo perguntar-lhe uma última vez se tem absoluta certeza. Se eles abrirem fogo—”

“Não abrirão.” Talasyn observou o campo de combate, com os olhares ansiosos de seus soldados voltados para ela enquanto pensava em quem poderia confiar e no que significava confiar em alguém. Naquele momento, ela se lembrou de algo que Urduja lhe dissera certa vez.

Em um ninho de víboras, deve-se ser uma víbora também.

Se quisessem sobreviver.

Mas eu não sou uma víbora. Talasyn cerrou os punhos ao lado do corpo. *Eu sou apenas eu.*

“Faça”, disse ela a Siuk.

Siuk assentiu para um de seus homens, que desalçou o mosquete do vazio do ombro e disparou um único tiro ao ar. A pluma de magia ametista flutuou para cima, um sinal brilhante e nítido.

E, como um só, cada outrigger da frota do Domínio desviou seus canhões do Império da Noite.

Para encarar o Allfold sardoviano.

Capítulo Quarenta e Cinco

Fazia muito tempo que Talasyn não via Ideth Vela. Mesmo agora, a Amirante não passava de uma silhueta distante, no convés de seu próprio navio-almirante, a quilômetros de distância.

Talasyn manteve os olhos naquela pequena figura enquanto a *Parsua* sintonizava a frequência sardoviana.

"Amirante", disse ela no transceptor de aetherwave.

A resposta de Vela foi imediata, vinda da outra extremidade da Estrada da Tempestade. "Vossa Majestade".

Nenavar enviara aos regimentos sardovianos um mensageiro alguns dias atrás, informando-os sobre a morte de Urduja e a ascensão de Talasyn, mas nada mais. Apesar de ter se tornado bastante desiludida com a Allfold, Talasyn ainda não conseguia evitar de sentir pena deles. Eles pensaram que estariam recebendo reforços e agora se viam encarando as bocas de milhares e milhares de canhões do vazio.

"Quero negociar um cessar-fogo", disse Talasyn a Vela.

Desta vez, não houve resposta. A figura distante permanecia imóvel.

"Kesath está operando com metade de sua capacidade anterior", continuou Talasyn, "mas isso apenas coloca suas respectivas forças em pé de igualdade. Se vocês entrarem em combate aqui, as perdas serão devastadoras para todos os envolvidos. Mas não precisa ser assim. Se você e o Imperador da Noite apenas concordarem em se encontrar..."

Ela deixou a frase no ar, momentaneamente dominada por uma onda de ansiedade. Era com *Vela* que ela estava falando. A mulher que a acolhera, que lhe dera um propósito.

Mas também a mulher que sancionara o uso de naves de tempestade do vazio por Sardovia. Talasyn jamais deveria esquecer isso, não importa o quanto hesitasse em desafiar a autoridade da Amirante. Para que uma paz real e duradoura fosse alcançada neste canto de Lir, ela, Vela, Alaric e todos os outros precisariam vencer os monstros que a guerra fizera deles.

Esse era o novo propósito de Talasyn.

Ao conceber esse plano, ela apostara na capacidade de Vela de enxergar a realidade da situação. Ao se colocar entre Sardovia e Kesath, Talasyn confiava cegamente que nenhum dos lados a atacaria. Ao apontar seus canhões para a Allfold, Alunsina Ivralis mostrava a todos que estava ao lado de seu consorte e

que não teria escrupulos em protegê-lo, se chegasse a esse ponto.

Quando Vela finalmente falou, a voz que emergiu através da estática era levemente irônica, de um modo familiar que fez o coração de Talasyn apertar. "Você não me deixou muita escolha aqui, Harlikaan. Sua avó teria orgulho".

“Um... ” Sevraim apertou os olhos, observando através dos painéis de vidro-metal da *Deliverance*, como se não conseguisse acreditar na cena que se estendia diante deles. “O que exatamente está acontecendo agora?”

Minha esposa está prestes a me causar um aneurisma, é isso que está acontecendo, pensou Alaric, amargurado.

Mas era apenas ele tentando conter o terror que havia se infiltrado em cada centímetro de seu ser. Seus dedos estavam dormentes por causa disso.

O preço que os outriggers nenavarenses pagavam por sua velocidade e cadência de tiro superior era a fragilidade — em relação aos navios-capitânia kesatheses, ao menos. Sem canhões do vazio voltados para o Império da Noite, todos os outriggers poderiam ser destruídos com alguns golpes bem mirados dos comodores mais gatilhados — sobre os quais Alaric não exercia tanta influência quanto gostaria.

Lisu, em particular, veio à mente.

Alaric mal conseguia piscar. Não suportava desviar o olhar da *Parsua*, onde Talasyn estava de costas para ele.

“*Tirem ela de lá*”, ele rosnou, virando-se para a tripulação de sua nave de tempestade.

Eles o encararam, assustados com seu tom, confusos com suas ordens.

Alaric respirou superficialmente.

“Enviem uma mensagem para a nave da Zahiya-lachi”, ele esclareceu, muito mais calmamente desta vez, embora fosse uma calma que ameaçava romper a qualquer momento. “Informem a ela que sua presença é solicitada na *Deliverance* para uma reunião.”

Para o horror de suas tropas, Alunsina Ivralis respondeu à convocação do Imperador da Noite sozinha, desaparecendo atrás das linhas kesatheses em um coracle de mariposa.

Talasyn recusava-se a pensar que aquela fora uma decisão tola. Ela escolhera depositar sua confiança em Alaric. Isso significava que precisava acreditar que ele não faria nada para prejudicá-la se ela fosse até ele sem reforços.

Foi Sevraim quem veio buscar Talasyn no hangar da *Deliverance*. O legionário não disse nada enquanto a conduzia pelos corredores da nave de

tempestade; cada movimento dela era observado por soldados frios e hostis, algo muito distante da deferência que haviam demonstrado a ela como Imperatriz da Noite. Da mesma forma, Talasyn estava acostumada aos sorrisos e piadas de Sevraim, não a esse silêncio pétreo. Além de manter o passo com ela, ele não reconhecia sua presença. Ela percebeu, com uma pontada de dor, que, em nível pessoal, Alaric não era o único a quem ela havia traído.

Sevraim falou apenas quando chegaram ao corredor onde ficavam os escritórios. “Sabe, Harlikaan, eu não achei que você fosse ser tão cruel”, comentou ele. “Eu sabia que você podia ser um pouco impulsiva e convencida às vezes, mas *isso* — isso é um novo fundo do poço, até para você.”

Se as circunstâncias fossem diferentes, Talasyn teria disparado uma resposta mordaz, mas, por ora, deixou que ele dissesse o que pensava. Deixou que todo o seu ressentimento borbulhasse à superfície em um tom arrastado, taciturno e cáustico.

"Qual foi o sentido de vir para cá? Ambos sabemos muito bem que você não está do lado dele, que nunca esteve e nunca estará. No entanto, aqui está você, instigando as coisas novamente. É porque você não conseguiu quebrá-lo da primeira vez?" Sevraim parou de caminhar e virou-se para encarar Talasyn, com os olhos ardendo de vitríolo. "Responda-me", ele sibilou. "Qual foi o *sentido*?"

"Estou aqui porque quero parar a guerra *e* me reconciliar com meu marido", disse Talasyn, imperturbável. "Se você acredita em mim ou não, isso depende de você, mas eu *vou* falar com ele." Ela ergueu o queixo e enfrentou o olhar furioso de Sevraim com um ar de desafio silencioso. "Mesmo que eu tenha que abrir caminho através de você, dos outros legionários e de todos os regimentos de Kesathe para conseguir isso."

"Eu adoraria dizer para você ter cuidado com o que deseja, porque eu poderia muito bem aceitar o convite, mas" — Sevraim escancarou a porta diante da qual haviam parado — "Sua Majestade também quer falar com você. De preferência inteira, embora ele não tenha especificado exatamente."

"Você", Alaric exclamou em um tom vagamente irritado de dentro de seu escritório, "é tão ruim em fazer ameaças quanto é em manter barricadas costeiras, Sevraim. Vá embora."

Resmungando baixinho, Sevraim segurou a porta para Talasyn e a fechou atrás dela, permanecendo do lado de fora.

O escritório de Alaric no *Deliverance* era tão elegante e austero quanto o resto do navio, mobiliado com pouco mais que algumas prateleiras e uma mesa de obsidiana na qual ele estava sentado, levantando a cabeça com a entrada de Talasyn.

Ele não estava usando a máscara nem as manoplas. Havia uma bandagem enrolada em sua palma direita. E Talasyn quase desmoronou ao vê-lo no reino material pela primeira vez desde o Repouso de Mahagir.

Alaric estava pálido e abatido, a pele sob os olhos arroxeada pela falta de sono. Havia um cansaço mal disfarçado na postura rígida de seus ombros fortes. Não havia nada de suave em seus olhos ou na linha de sua boca. Um músculo saltou em sua mandíbula angulosa e ele indicou com a cabeça a cadeira vazia à frente da sua — um comando mudo que Talasyn obedeceu com a mesma quietude, embora não quisesse nada mais do que lançar-se em seus braços.

Uma vez sentada, eles se encararam. Aquele não era um espaço efêmero que desapareceria com o giro dos corpos celestes, levando consigo todas as suas palavras e ações. Ele poderia matá-la, aqui e agora.

Mas ela precisava acreditar que ele não o faria. Era isso que significava vir para cá, vulnerável e sozinha, em desafio a toda a lógica.

Ele levou todo o tempo do mundo para falar e, quando finalmente o fez, foi com um sarcasmo contido, tingido de um desdém gélido. "Não suponho que esteja aqui para lutar ao meu lado contra os sardovianos."

"Se é só isso que você quer de mim", disse Talasyn, "então nunca mais ficaremos juntos."

"Você acredita que nossa reconciliação seja uma de minhas prioridades agora?"

"É um dos meus."

"Entendo." O olhar dele derivou para as mãos entrelaçadas dela enquanto ele se movia, surgindo por completo por trás da escrivaninha. "Bem, lamento informar que há apenas uma pessoa usando aliança de casamento nesta sala."

Doeu. Doeu tanto que ela precisou respirar profunda e pausadamente para suportar a dor do golpe de marreta que atingira em cheio entre suas costelas.

"Nunca tivemos um relacionamento real", continuou Alaric. "As únicas vezes em que não estávamos brigando era quando estávamos na cama. Não havia terreno comum." Ele deu de ombros, um gesto quase imperceptível. "Estávamos apenas solitários."

"Era assim que eu entendia o amor — e como ainda o entendo", disse ela suavemente. "Não me sentir sozinha quando estou com você. Eu lhe disse isso enquanto estávamos no éter-espaço."

Algo na expressão dele fraquejou, mas apenas por um instante. "Não é o suficiente", disse ele. "Não para mim."

Talasyn lutou contra a vontade de baixar a cabeça. De alguma forma, ela continuara convencida de que ainda havia uma chance para eles, mas talvez tivesse esperado demais, além de tudo o mais. Alaric não era obrigado a perdoá-

la, assim como ela não se sentira obrigada a perdoar Indusa Dei. Que ele *pudesse* ter feito isso — bem, era a última mentira que Talasyn contava a si mesma, e agora ela não tinha outra escolha a não ser deixá-la ir.

"Independentemente disso, é onde me posiciono", disse ela, finalmente. "Para mim foi real, e você merece saber disso para seguirmos em frente."

"'Seguirmos em frente'? Ah, sim." O tom de Alaric tornou-se abertamente sardônico. "Agora chegamos à verdadeira razão desta farsa elaborada."

Apesar de todas as suas boas intenções e da recém-adquirida paciência com ele, Talasyn tinha um limite. "As pessoas podem ter mais de um motivo para fazer algo." Seus punhos se fecharam no colo. "Estou aqui porque queria ver se havia uma chance de ficarmos juntos, mas, na falta disso, me contento em saber que você não vai se matar, seu idiota pomposo! A Amirante concordou com um cessar-fogo. Não precisa haver mais derramamento de sangue. Ela está disposta a conversar."

Ele balançou a cabeça. "Não há nada para eu e Ideth Vela conversarmos. A guerra terminará hoje com a aniquilação do Allfold."

"E então você será o rei das cinzas!", disse Talasyn com veemência. "Você terá que sacrificar a maior parte da sua frota para conquistar qualquer tipo de vitória aqui, apenas para repetir o ciclo em — o quê, uma década? Talvez até menos que isso. Porque *sempre* haverá um preço — alguém sempre decidirá que já basta e começará a revidar. Eu já lhe disse isso antes também."

"Eu lembro." A resposta de Alaric foi rouca. "Lembro de tudo o que você me disse desde o dia em que nos conhecemos. E a maior parte disso me fez questionar quase todas as minhas decisões e me desviar do caminho. Porque você, Talasyn, é uma praga na minha paz."

"E você não é uma praga na *minha*?", ela retrucou. "Havia pouquíssimas coisas na minha vida que eu questionasse antes de nos casarmos. Eu acreditava que o Império da Noite precisava ser derrotado, não importasse o custo. Acreditava que não havia como salvar você. Mas aqui estou eu tentando mediar uma trégua porque, se você morrer hoje, isso me matará também."

O olho dele tremeu. "*Você* foi quem quase morreu. Deixando sua nave capitânia totalmente exposta aos meus oficiais—"

Eles nem tinham notado Sevraim entrar na sala. Só perceberam que ele estava lá quando ele pigarreou. O som cortou o momento como uma faca.

"O Regente Gaheris enviou uma mensagem, Vossa Majestade", informou Alaric, com a voz baixa e tensa. "Ele instrui que você leve a Zahiya-lachis até ele."

Capítulo Quarenta e Seis

Em algum momento durante a conversa de Alaric e Talasyn, o navio-tempestade de Gaheris havia chegado.

O *Exaltado* era a embarcação capital mais nova da frota kesathese, comissionada após as Guerras dos Furacões. Ostentava uma cadência de tiro superior às encarnações anteriores do projeto de Ozalus Ossinast, além de mais placas de aço sobre áreas vulneráveis. Tinha partido para os céus há alguns dias e, desde então, mantinha-se ocupado, aniquilando quase metade das forças ocidentais dos sardovianos.

Agora, pairava sobre os botes do Domínio, um colosso elíptico de vidro-metal e velas negras e prateadas, com seus canhões mirando, mas sem disparar os raios. Ainda não.

Em seu próprio navio-tempestade, enquanto Alaric conduzia Talasyn ao skerry nos hangares que os levaria ao seu pai, fios de ansiedade como lâminas cortavam-lhe as entranhas. Aquilo era ruim para os nenavarenos; o *Exaltado* estava logo acima deles, pronto para descarregar vendavais e tempestades.

Deuses, como ele queria agarrar a esposa pelos ombros e sacudi-la com força. Por que ela colocaria a si mesma e ao seu povo nessa posição? Por que forçaria a mão do Império da Noite?

Ele estivera sentado ali em seu escritório, os confins de sua psique ruinada agarrando-se faminta à luz que ela trazia para a sala. Ficara ali olhando para ela, deixando que ela conduzisse seus jogos e suas racionalizações, com o estômago revirado por desejar tanto apenas *acreditar*.

E agora ele estava se afogando em culpa e confusão — e na onda de medo pela vida dela que a missiva de seu pai fizera brotar. Mais do que dilacerado, Alaric sentia como se as últimas barreiras que construíra ao redor de si após o Descanso de Mahagir estivessem em perigo de se desintegrar, e seu tênue controle sobre a compostura flutuasse lentamente para longe junto com os fragmentos.

"Tenho que levar você até ele", ele murmurou para Talasyn por trás da meia-máscara de presas que colocara antes de saírem de seu escritório. "Se eu não fizer isso — se ele não for satisfeito — ele destruirá sua frota".

"Tudo bem". Talasyn não demonstrou nenhum traço de medo enquanto embarcavam no skerry. Ela estava calma e firme, ancorando-o, *confiando* nele quando ele não lhe dera motivo algum para isso. Quando ele reagira com

indiferença cruel depois que ela se colocara entre ele e os companheiros dela.

A maneira insensível com que ele lhe contara sobre ter descartado sua aliança . . . aquelas palavras que ele proferira na fúria fria do momento . . . tudo voltou, esfolando-o vivo. Aquilo seria realmente uma de suas últimas lembranças dele? Ele sentia-se sufocado. Algo insubstituível estava escorregando por entre seus dedos, e ele não tinha ideia de como segurar.

Guiado por timoneiros taciturnos e com expressões hesitantes, o skerry kesathese negro flutuava pelos céus púrpuras estrelados, em meio a um mar de navios aéreos que estavam tão imóveis que poderiam muito bem estar congelados no tempo. O mundo estava em um impasse, prendendo a respiração.

Lado a lado com Alaric no convés, Talasyn lutava contra uma náusea provocada pelo nervosismo enquanto o skerry se aproximava do navio-tempestade de Gaheris. A sombra do *Exaltado* caiu sobre ela como alguma besta terrível esperando para devorá-la.

Ela sentiu o peso do olhar do marido e voltou-se para ele, lembrando-se de apenas alguns instantes atrás, quando ele reclamara por ela ter colocado seus navios indefesos ao alcance de tiro da frota do Império da Noite. Ele parecera preocupado, em seu habitual jeito taciturno, e uma esperança frágil começou a despertar novamente — mas ela a esmagou antes de cair mais uma vez na armadilha de se apegar ao passado. Talvez ele ainda nutrisse alguns sentimentos por ela, mas deixara claro em mais de uma ocasião que não havia como superar a mágoa que ela causara.

Não era como se ela pudesse simplesmente *argumentar* para voltar à vida dele. Talasyn entendia isso agora.

Alaric a encarou por tanto tempo que ela ficou com a estranha impressão de que ele estava gravando cada centímetro de seu rosto na memória. Antes que ela pudesse refletir sobre isso, ele desviou o olhar com uma certa brusquidão que a lembrou de uma gaze sendo arrancada de uma ferida.

"Apenas... apenas fique perto de mim", ele murmurou. "Não faça nada precipitado". O canto do olho esquerdo dele franziu levemente acima da máscara de lobo, como se seus lábios tivessem tremido em um meio sorriso melancólico. "Você provavelmente *vai*" — havia um toque de ternura dolorosa em sua voz que a fez querer chorar pelo que tivera e pelo que poderia ter sido — "mas, mesmo assim, fique perto de mim".

Eu vi o seu futuro, ela queria dizer a ele. Estava quase lá, na ponta da língua. *Eu vi a nossa filha*.

Mas ela não podia impor isso a ele. Apesar de Alaric ser um dos etermantes mais poderosos de Lir, ele passara a vida inteira em obediência a outras

vontades. Ele carregava sua nação nos ombros. Era governado pelo legado de sua família. Até mesmo seu casamento não fora escolha própria.

Talasyn não podia acrescentar mais peso ao fardo dele se queria que ele se libertasse disso para sempre.

Contudo, ela precisava dizer *algo*.

"Meu senhor". Foi talvez a primeira vez que ela se dirigiu a ele dessa forma sem qualquer traço de sarcasmo. Era simplesmente uma demonstração de respeito, de uma dama do Domínio para com seu marido. "Você me perguntou certa vez se eu o achava digno depois que você tivesse agido de acordo com os meus desejos. Eu realmente peço desculpas por tudo o que fiz que o levou a dizer aquilo. Por tanto tempo, meu próprio valor também esteve atrelado ao que eu podia oferecer aos outros, e por isso exigi de você esse mesmo padrão. Mas, Alaric — meus sentimentos por você nunca foram condicionais. Se fossem, eu jamais teria permitido que você me beijasse".

A testa pálida dele se franziu, como se ele não tivesse considerado tal possibilidade. Mas, pensando bem, ele não teria considerado. Da parte dela, foram necessárias duas guerras e duas ascensões — e uma jornada até os confins do mundo e de volta — para que ela fosse capaz de verbalizar essas coisas.

"Você *sempre* foi digno", disse Talasyn, apressada. "Para mim, você vale tudo. Eu quero tanto estar com você novamente, mas não é isso que *você* quer e eu acho — eu *vejo* agora que tudo bem, desde que você possa ser dono de si mesmo, desde que seja feliz. Então, mesmo quando seguirmos caminhos opostos depois que tudo isso acabar, eu conseguirei conviver com isso se significar que você fez as pazes consigo mesmo. Se significar que estará livre de tudo o que o reteve. Eu posso perdê-lo assim, desde que não o perca para o seu pai ou para os canhões dos sardovianos hoje".

E era isso. Sua última resistência. Sua própria rendição pessoal. Ela buscou nos olhos dele algum sinal de que ele acreditasse nela, de que ela tivesse alcançado seu coração, mas eles eram tão indecifráveis quanto granito. Ela não sabia se reagia com medo ou com a esperança de que ele estivesse guardando as emoções de forma tão flagrante. Seria para se fechar para ela ou para Gaheris?

Talasyn escolheu a esperança. Ela lançou a Alaric um sorriso hesitante enquanto a porta do hangar do *Exaltado* se abria e a embarcação deslizava para dentro de sua boca. Enquanto lançava um último olhar para as estrelas que se reuniam antes que o céu fosse substituído pela escuridão do interior do hangar, ela se despediu silenciosamente de sua filha, do futuro que, afinal, fora apenas mais um sonho — mas um sonho abençoado, que lhe dera a força de que precisava antes de escapar de suas mãos.

Um grupo de soldados do *Exaltado* marchou em direção a eles assim que Alaric e Talasyn desembarcaram da nave. O líder apresentou um par de algemas de aço e Talasyn não pôde deixar de ficar um pouco confusa quando Alaric lançou a ele um olhar fulminante. "Isso é realmente necessário?", ele disparou.

"É por ordem do Regente Gaheris, Vossa Majestade", respondeu o soldado, em tom de desculpa.

Alaric estendeu a mão enluvada em um comando silencioso que não admitia discussões. O soldado lhe entregou as algemas e foi ele quem as fechou nos pulsos de Talasyn. Então, ele a pegou pelo braço e a conduziu para fora dos hangares, adentrando as entranhas da nave, deixando as escoltas designadas sem escolha a não ser correr atrás deles.

Havia surpreendentemente poucas pessoas circulando para uma embarcação daquele tamanho. Se Talasyn tivesse que arriscar um palpite, a maioria estaria em seus postos de combate. Alaric era uma presença sombria ao lado dela, com o olhar fixo à frente, em uma neutralidade cuidadosa.

Ela manteve a cabeça erguida, portando-se da maneira que imaginava que Niamha Langsoune se portaria se a daya estivesse em seu lugar. Ao mesmo tempo, tentava não pensar em Niamha, em Surakwel e em seu pai — e em todos os outros que a haviam seguido até o Continente e que agora estavam diretamente expostos ao perigo. Não adiantava se preocupar; ela precisava de cada gota de compostura que conseguisse reunir para sua audiência com Gaheris. Com isso em mente, Talasyn atravessou o *Exaltado* como se fosse a dona do lugar, como se as algemas não existissem, como se ela e Alaric estivessem em Nenavar e ele estivesse simplesmente escoltando-a para o jantar como seu consorte.

Funcionou. Mais do que alguns dos soldados e operários que encontraram olharam para ela e se afastaram, com as mãos subindo instintivamente no início de saudações precisas antes de congelarem ao notarem as algemas.

Tudo dependia de como você se apresentava. Do que você projetava para quem quer que estivesse observando. Talasyn aprendera *isso* com os nenavarense.

Alaric sentia-se como se tivesse levado uma pancada na cabeça. As últimas palavras de Talasyn antes de embarcarem no *Exaltado* recusavam-se a sair de sua mente. A maneira como ela caminhava pelos corredores da nave de guerra do Regente agora — como uma verdadeira rainha — mantinha seu olhar grudado nela.

Se pudesse escolher qualquer coisa agora, ele escolheria apenas *agarrá-la*. Levá-la para longe dali e envolver-se ao redor dela em algum lugar onde

ninguém jamais pudesse encontrá-los. Mas esse desejo simples mal terminara de se registrar e eles já haviam chegado ao camarote de Gaheris; os soldados da escolta abriram as portas para eles, mas não fizeram menção de entrar. Não havia nada a fazer no momento a não ser Alaric se preparar para a audiência com Gaheris — e rezar para que Talasyn lembrasse de sua instrução para não fazer nada precipitado.

"Então", disparou Talasyn para a figura no trono enquanto entrava confiante no camarote, sua voz ressoando com tamanha autoridade estridente que era impossível duvidar por um segundo que ela fosse a neta de Urduja Silim, "finalmente nos encontramos, Sogro".

Droga, Talasyn, Alaric praguejou internamente.

Capítulo Quarenta e Sete

O Regente de todo o Kesath estava sentado em uma cadeira estofada com pés de garra, cercado por tapeçarias escuras que ostentavam a quimera prateada. Ele piscou diante da saudação de Talasyn, mas rapidamente se recuperou da surpresa quando ela e Alaric pararam em uníssono a curta distância dele. "Isso já deveria ter acontecido há muito tempo, Alunsina Ivralis", disse ele, com um tom levemente divertido.

"Tenho vários títulos", ela respondeu rigidamente, "e eu agradeceria se me oferecesse a cortesia de usar pelo menos *um* deles, Regente Gaheris."

Havia algo na maneira como ela enfatizou a palavra *regente* — quase como se estivesse lembrando Gaheris de que ele possuía apenas aquela única alcunha, em comparação à pletora que os Nenavarenes dedicavam à sua Rainha Dragão, sua deusa viva.

Alaric nunca tinha visto ninguém tratar seu pai daquela forma. Durante toda a estadia de Talasyn na Cidadela, ele vivera com medo de que Gaheris a convocasse. Agora que esse medo se concretizara, ela permanecia imponente, tão audaz e destemida. Uma luz contra o pesadelo. Desmantelando os velhos costumes, como Alaric certa vez lhe dissera que queria fazer.

"Será que você ainda conta a *Imperatriz* entre esses títulos?", perguntou Gaheris, e o início de um sorriso satisfeito floresceu em seus lábios murchos quando ela ficou tensa, mas permaneceu em silêncio. Seu olhar gélido disparou para Alaric por cima do ombro dela. "Você agiu bem, trazendo-a a mim tão prontamente. Eu quase esperava que você resistisse. Admito que você talvez não seja *totalmente* um caso perdido, afinal."

Era um sentimento tão diferente do que Talasyn expressara no rochedo — *Você* sempre *foi digno. Para mim, você vale tudo* — que Alaric quase não conseguiu conter um tremor.

"Por que está falando com Sua Majestade desse jeito?", exigiu Talasyn, irritada. "Ele pode ser seu filho, mas é *também* seu imperador."

Os olhos de Gaheris encontraram os de Alaric novamente, como um predador alternando preguiçosamente a atenção entre dois roedores encurralados. "Quite a esquentadinha, não é? Estou começando a entender por que você ficou tão cativado. Mas devo admitir — eu esperava um rosto mais bonito para ter mantido você em um aperto tão forte. Talvez eu precise olhar mais de perto."

Ele estendeu a mão pálida, os dedos longos curvando-se para cima, esguios e graciosos, colhendo sombras. Correntes cor de tinta dispararam em direção a Talasyn para envolvê-la e arrastá-la pelo chão, e o punho de Alaric se cerrou ao lado do corpo, preparando-se para usar a etermancia também —

Mas Gaheris subitamente recolheu a mão com um arquejo. Sangue escorreu por suas unhas, como se algo invisível o tivesse chicoteado.

Ou, bem, não *totalmente* invisível. Alaric conseguia distinguir, por pouco, o contorno oscilante de algo assassino e serpentino, serpenteando na distância entre Talasyn e Gaheris, com a cabeça erguida como se estivesse se preparando para atacar novamente.

O Regente lançou ao filho um olhar cortante. "Ela recuperou a etermancia?"

Alaric baixou a cabeça. Por que ele não tinha contado — não, *avisado* Gaheris? Certamente ele deveria ter dito algo após aquele último eclipse . . .

A resposta veio rapidamente, cortando toda a angústia. Alaric quisera dar a Talasyn uma chance de luta caso ela algum dia tivesse de enfrentar o pai dele. Uma vez admitido isso para si mesmo, mais de suas construções começaram a romper, com as peças se encaixando. O padrão de *Se ele* e *Então eu* tomou forma, um jogo de xadrez planejado com antecedência, embora o tabuleiro já estivesse em ruínas.

"Inútil", resmungou Gaheris. "Tolo, fraco e apaixonado".

Os olhos de Talasyn eram ouro fundido. Essa nova forma que sua magia assumira era espectral a princípio, como se ela ainda não tivesse dominado a técnica, mas tornava-se cada vez mais sólida conforme os segundos passavam, com a luz pálida começando a preencher o que as mechas prateadas do éter haviam esboçado.

Mas então ela a baniu, e sua postura relaxou infinitesimalmente.

"O que há com os homens desta família, sempre me arrastando por aí?", ela resmungou — em voz baixa, mas perto o suficiente para que Alaric ouvisse. Quando se dirigiu a Gaheris, sua voz era um prodígio, forte e composta, mas adornada com fogo. "Não há necessidade disso. Consigo caminhar perfeitamente bem sozinha".

E, enquanto Alaric observava, sua esposa marchou direto até a cadeira de pés garra, parando apenas quando estava ao alcance de um braço do pai dele, encarando Gaheris com um ar de ameaça silenciosa. E de *desafio*.

De perto, o rosto do Regente estava repleto de cicatrizes e manchas senis. Seus olhos, embora tão frios e imperiosos quanto geleiras, estavam levemente nublados. Sua respiração era ruidosa. Os ombros sob as vestes negras pareciam frágeis.

Entendo, pensou Talasyn. Era por isso que Gaheris raramente se mostrava a outras pessoas. O medo que Alaric sentia dele o havia agigantado na mente de Talasyn também, mas aquele era o medo de uma criança e, portanto, maior que o Eversea. Distanciada daquela infância, ela podia olhar para a realidade objetiva do que realmente estava diante dela.

E a realidade objetiva era que Gaheris a lembrava de Urduja.

"Você está morrendo", disse Talasyn. "Não está?"

Ele não disse nada, e isso foi resposta suficiente.

Ela estava furiosa. Todas aquelas mortes. Todos aqueles ermos. Para quê? "Você está destruindo um mundo no qual nem sequer viverá por muito mais tempo", rosnou para ele.

Os olhos de Gaheris — olhos que eram uma réplica quase perfeita dos de Alaric — brilharam em prata. "Eu", disse ele, "estou preservando o mundo para que meu filho o herde". Então ele falou em voz mais baixa, destinada apenas aos ouvidos de Talasyn. "É um mundo que ele e eu quase perdemos por causa do seu pequeno romance. Felizmente, sua decepção o trouxe de volta ao juízo. É melhor você desistir agora, Tecelã da Luz, pois vigiei cada passo que ele deu desde o dia em que nasceu, e para mim ele sempre retornará".

"Ele pode decidir seu próprio caminho", rebateu Talasyn. "E ele *irá*".

"Oh?" Aquelas feições grotescas se rearranjaram em um simulacro zombeteiro de surpresa. Gaheris inclinou-se para frente, ansioso. "Devemos colocar isso à prova?", perguntou ele com um fio de malícia indolente que deu a Talasyn a impressão de uma armadilha se fechando.

Então o Portal das Sombras irrompeu à existência, uma nuvem repentina e serrilhada de meia-noite, cercando-a e suspendendo-a do chão. Se ela não fosse uma Tecelã da Luz, teria sido retalhada no mesmo instante. Mas a etermancia que corria em suas veias não podia protegê-la da dor que a envolveu por todos os lados, tão lancinante que o mundo nadava diante de seus olhos em poças de manchas negras e calor branco.

Ela era resistente, não imune. Já podia sentir Gaheris aumentando a pressão, refinando o foco. Ela tentou convocar sua própria magia, mas era como tentar segurar a água; seus pensamentos estavam desconexos, dispersos ao vento nas cristas do tormento que a dilacerava. Um grito escapou de sua garganta enquanto as correntes do Portal das Sombras cavavam em sua pele, rompendo vasos sanguíneos, tornando-se mais afiadas a cada instante. Ela fechou os olhos com força, mas, fora isso, não conseguia se mexer. Estava impotente, completamente à mercê do Regente...

Em algum lugar na mente de Talasyn, na escuridão atrás de suas pálpebras, a luz das Ilhas da Aurora brilhava quente em seu rosto. Ela estava de volta ao

cume e o sol nascia entre as névoas, e algo se desdobrava dentro dela.

Pareciam asas.

À sua *mercê?* zombou uma voz interior que era a dela, mas também não; era uma única voz e, no entanto, centenas e centenas de vozes, uma multidão de imagens correndo juntas como cometas na noite, seus fragmentos espiralando para trás em rios de tempo, sol jovem, sete luas, uma linhagem ininterrupta de matriarcas de clãs e rainhas do Domínio, falando nos abismos do espaço etéreo, falando com ela e através dela. *Mas, filha — ele é apenas um homem.*

Talasyn abriu os olhos. E a luz irrompeu.

Capítulo Quarenta e Oito

E tudo o que aconteceu—

—tinha que ter acontecido em questão de segundos. Era simplesmente a natureza do tempo. Mas a mente humana tinha a tendência intrigante de desafiar tais leis e se agarrar a certos momentos, magnificando todos os pequenos detalhes, com os sentidos simultaneamente entorpecidos e aguçados . . . até que você vivesse e morresse entre o agora e o depois, e alguns instantes se tornassem um sonho acordado de mil anos.

Alaric observou as sombras envolverem Talasyn. Ele ouviu o grito dela. Viu o pai rir. Viu um futuro sem ela e o rejeitou. Moveu-se para salvá-la, mas moveu-se devagar demais. Chegou tarde demais.

Ela se salvou primeiro.

O Lightweave fluiu dela como se ela fosse o coração de um Sever. Estilhaçou as amarras em seus pulsos, cortou o turbilhão da meia-noite. Gaheris usou as sombras restantes para puxá-la para mais perto, e ela permitiu que isso acontecesse e — justo quando um triunfo gélido escureceu as feições dele —

Ela *deu um soco* nele.

Em cheio na mandíbula.

Alaric sabia muito bem que sua mulher tinha um soco devastador.

Gaheris cambaleou para trás, a base do crânio colidindo com o encosto. O resto das sombras desapareceu e Talasyn caiu no chão, liberta. Mas ela caiu mal, sobre o cotovelo, e Gaheris foi rápido em aproveitar a quebra de concentração dela. Ele se levantou, estendeu o braço e outra onda de magia tinta atingiu Talasyn, empurrando-a para trás, para além da linha de visão de Alaric.

Quando Alaric se virou, Talasyn estava ajoelhada aos seus pés, o Lightweave sumira, e o Shadowgate estava enrolado em seu torso e tornozelos, prendendo-a no lugar.

Eles se olharam.

"Você sabe o que deve acontecer agora, meu filho", entoou Gaheris atrás de Alaric. "Diante de você está ajoelhada a mulher que quase lhe custou o império. Faça. Vingue-se. Proteja o que construímos juntos."

O cabo da foice de guerra surgiu no punho de Alaric. Sua lâmina em forma de lua crescente então crepitou ao se materializar. Mas ele só tinha olhos para Talasyn, para o rosto sardento dela voltado para ele, para os hematomas que o Shadowgate havia infligido, para as lágrimas que ela se recusava a deixar cair

porque ele, certa vez, a acusara de usar lágrimas para manipulá-lo.

Sua esposa forte e corajosa, a quem ele tanto havia ferido.

Seu pai, a quem ele temia e idolatrava. Desde criança. E era por isso que ele tinha ficado.

Sua nação, com o destino equilibrado no fio de uma navalha.

Haveria algum modo de salvar tudo?

Eu preciso tentar, pensou Alaric. Uma parte dele sentia como se estivesse mergulhando através daquele momento, nas profundezas dos olhos de Talasyn. *Continuarei tentando, assim como ela fez por mim.*

"Pai", chamou ele para o homem atrás de si, "se Alunsina Ivralis morrer hoje, os Nenavarenos lutarão até o último soldado."

"Que lutem", rosnou Gaheris. Ele parecia meio louco. Possuído por um sonho de velas e destruição. Exatamente como *o* pai dele fora, ao final. "Eles nos traíram. Nós os esmagaremos como outrora esmagamos os Tecelões da Luz e então marcharemos pelo Eversea para tomar suas ilhas. *Nós* também lutaremos até o fim."

"Se ela morrer hoje", continuou Alaric, como se o outro homem não tivesse falado, "a magia do eclipse morre com ela. Na próxima vez que Bakun acordar —"

"Isso será daqui a mil anos!", interrompeu Gaheris. As sombras que envolviam Talasyn estremeceram violentamente, refletindo o pico de temperamento de quem as controlava. "Isso não é problema seu nem meu. Aqui, *hoje*, precisamos *vencer*."

Qual é a sensação de olhar profundamente nos olhos de alguém e saber que essa pessoa segura a sua vida nas mãos?

Essa era uma pergunta que Talasyn jamais suspeitara que um dia seria capaz de responder. Os termos de sua sobrevivência sempre dependeram dela mesma desde os anos de seca na infância. Mesmo quando os conspiradores do Domínio a tiveram à mercê, ela lutou para se libertar daquelas cordas, cravou a faca embebida em veneno, que era destinada a ela, no pescoço de Ralya Musal. Mesmo nas inúmeras ocasiões em que sua vida parecia estar no fim, ela sempre fizera o possível para cair lutando.

Desta vez, porém, não.

Desta vez, ela estava imóvel e sem resistir. Buscou nas feições impassíveis de Alaric, sobrepostas pelas mandíbulas do lobo, qualquer sinal de clemência. Pelo homem que ela tantas vezes visumbrara no passado, existindo lado a lado com a lâmina de sua nação. Ela fazia isso em vez de lutar, porque *importava* que ela estivesse fazendo isso em vez de lutar.

Era como pairar na beira de um precipício, preparando-se para saltar, esperando que seu corpo fosse esmagado contra as rochas afiadas lá embaixo.

Ou esperando que ele a pegasse.

De onde estava, um pouco atrás de Alaric, Gaheris estendeu a mão murcha para pousá-la no ombro do filho. O éter que crepitava por toda a foice de Alaric lançava seu brilho ártico sobre os dois rostos. Dois pares de íris faiscavam em prata, e Talasyn se perguntou se aquele estava destinado a ser a última coisa que ela veria na vida.

"Faça isso", repetiu Gaheris. "Ao nosso redor estão os inimigos, mas ao nosso redor também estão os mortos, embora ainda não saibam. A Casa Ossinast triunfará — sobre cinzas, se for preciso". Ele recolheu a mão ao lado do corpo. "*Mate todos eles.*"

"Sim", sussurrou Alaric, com o olhar fixo no rosto de Talasyn. "Que sua alma encontre refúgio nos salgueiros" — ele baixou a cabeça então, com fios de cabelo preto caindo sobre a testa pálida, cobrindo seus olhos — "até que todas as terras afundem sob o Eversea e nos encontremos novamente".

E Talasyn soltou um arquejo, sentindo a parte superior do corpo subitamente livre enquanto as sombras que a prendiam se desprendiam. Demorou tempo demais para que ela percebesse que Alaric, de alguma forma, havia assumido o controle da magia de Gaheris, e quando finalmente percebeu —

As correntes escuras transmutaram-se em quimeras, aquelas criaturas extintas que agora existiam apenas na bandeira de Kesathe. Elas galoparam pelo ar com cascos fendidos, seus corpos semelhantes a enguias chicoteando o espaço entre os três aethermantes. Elas trovejaram, gritando, ao passar por Alaric, que sequer se moveu, nem mesmo para erguer a cabeça. Cravaram suas presas leoninas em Gaheris e o despedaçaram em um turbilhão de luz estelar e obsidiana. E o fim do império.

A primeira vez que Alaric dobrou a aethermancia de outro Forjado pelas Sombras à sua vontade foi na noite do banquete de coroação de Talasyn. Gaheris pretendia puni-lo pelo ataque sardoviano à Cidadela. Enquanto as sombras atingiam Alaric repetidamente, em meio a toda aquela agonia, ele recuara para algum lugar profundo dentro de si, para aquele lugar em seu coração onde sua esposa residia. Ele pensara apenas nela, em seus dedos acariciando seu cabelo no toque mais gentil que já conhecera. E fora essa memória que lhe dera a força para redirecionar a magia de Gaheris.

O Regente ficara encantado naquela época. Como era bom que o filho de alguém fosse tão poderoso e tão obediente. Que alívio era saber que os inimigos

sempre cairiam diante da arma que ele mesmo criara.

Alaric não assistiu à morte do pai. Ele olhava apenas para Talasyn através de suas lágrimas. *Eu aprendi a fazer isso por causa de você,* pensou ele, com ela sendo o único ponto de luz em um mundo que escurecera, enquanto os gritos de angústia e descrença de Gaheris Ossinast sumiam no silêncio. *Você me ensinou como.*

Capítulo Quarenta e Nove

Havia uma certa lógica cruel na maneira como as quimeras enxamearam Gaheris. Mandíbulas tecidas de sombras cravaram-se primeiro em sua têmpora — um ferimento na cabeça, tornando impossível que ele manipulasse o éter. Uma massa ondulante de corpos semelhantes a enguias enrolou-se em carne e osso, imobilizando seus membros, comprimindo seu torso. Caudas atravessaram seus ombros e seu estômago, projetando-se de suas costas em um arranjo vicioso de espigões escuros. E então Talasyn assistiu enquanto as feras retalhavam o Regente, seu corpo desmoronando em meio ao massacre.

As quimeras desapareceram com um último guincho estridente. Deixaram para trás um cadáver enegrecido, mutilado além do reconhecimento. O que restou de Gaheris Ossinast tombou no chão, atrás de seu filho.

Seu filho—

Ela precisava tirá-lo dali.

Esse era o único pensamento que restara a Talasyn enquanto ela se levantava lentamente. Em meio à confusão turbulenta e à descrença horrorizada — em meio à dor do Portal das Sombras que ainda persistia em seu organismo — era a única coisa a que ela conseguia se apegar.

Alaric matara o pai. Ela precisava tirá-lo dali.

Ele estava congelado no lugar, sua foice de guerra inutilizada ainda em suas mãos. Sua forma oscilava e tremia, como se não conseguisse decidir se deveria se transformar em outra coisa ou desaparecer por completo. Ele ainda não havia levantado a cabeça; o prata radiante de seus olhos permanecia parcialmente obscurecido por seus cabelos negros, revelando-se a ela apenas em fragmentos de gelo.

Havia uma parte tensa e inquieta em Talasyn que sentia que ela não tinha o direito de tocá-lo. Mas ela o fez, porque precisava tirá-lo dali.

"Alaric." Suas palmas envolveram as bordas de obsidiana da máscara de lobo. A ponta do polegar direito deslizou pelos dentes esculpidos. Ele não reagiu ao toque dela. Era como se tivesse recuado para algum lugar profundo dentro de si mesmo, onde ela não podia alcançá-lo.

"Alaric", Talasyn disse novamente. "Temos que ir. Eles vão descobrir logo." Aquela era a nau capitânia de Gaheris; sua tripulação era leal a ele. "Não posso deixar você morrer aqui", ela suplicou. "Então... não me deixe morrer aqui também."

Só então seu marido olhou para cima. A foice de guerra desapareceu conforme a luz do espaço etéreo sumia de seus olhos cinzentos. Apesar de sua armadura temível, ele parecia assustado. Como uma criança que fora pega fazendo algo errado.

"Tudo bem", ele crotou. Ele olhava para ela, mas seu olhar era vagamente ausente. "Vamos embora."

Ela o pegou pelo pulso e eles correram. Saíram do aposento sem olhar para trás. Passaram pelos soldados assustados que esperavam do lado de fora, ignorando os lamentos que ecoaram quando o corpo de Gaheris foi descoberto.

Seguindo as instruções proferidas com tensão por Alaric, Talasyn o arrastou para o hangar particular do Regente, mais adiante no corredor. Ali repousava um único bowrider—uma elegante nave kesathese com espaço para apenas dois, projetada para fugas rápidas. Possuía várias velas, mas nenhuma besta; não havia necessidade de armamento quando o passageiro pretendido era Gaheris Ossinast.

Alaric e Talasyn saltaram para o convés do bowrider, e ele assumiu o assento do timoneiro. "Tudo ficará bem assim que chegarmos ao *Deliverance*", ele a tranquilizou baixinho. "Vou navegar o mais rápido que puder e não pararei por nada. Enquanto eu faço isso, preciso que você me cubra."

"Eu vou", ela prometeu. Não iria falhar com ele. Nunca mais.

Infelizmente, no momento em que saíram suavemente do hangar, o alerta já havia sido disparado. Não apenas no *Exalted*, mas por todo o restante da frota kesathese.

Enquanto o bowrider disparava pelo ar em uma tentativa desesperada de alcançar o lado da barricada onde estava o *Deliverance*, o transceptor de aetherwave embutido em seu convés acendeu-se com uma transmissão recebida. A voz de Lisu ecoou pela Estrada da Tempestade, transmitida para todas as naves na frequência kesathese.

"O Regente Gaheris está morto", disse o comodoro. "Ele foi massacrado em seus aposentos no *Exalted* pelo próprio filho. Alaric Ossinast é um traidor de Kesath—e Alunsina Ivralis é sua cúmplice voluntária". Apesar do tom imperioso com que foram proferidas, suas palavras tremiam com uma convicção indignada. "O Regente recebeu o Imperador da Noite e sua consorte de boa-fé, e agora eles o mataram. Cabe a nós vingar o pai de nossa nação. *Abram fogo.*"

Várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. Os couraçados começaram a disparar seus virotes contra a frota nenavarene. Vários esquadrões lobo lançaram-se em linha reta rumo ao *Deliverance*. Outro esquadrão desceu sobre o bowrider em uma massa de velas pretas e prateadas.

Pelo que Talasyn podia ver, os couraçados que deram o primeiro passo pertenciam aos comodoros que pareciam menos satisfeitos com Alaric durante as

sessões do conselho. Os menos satisfeitos com *ela*.

Aquilo era um golpe, provocado não apenas pela lealdade a Gaheris, mas também pelo ressentimento contra o novo imperador e sua consorte.

Contudo, muitos oficiais também eram leais a Alaric. Após o choque inicial, eles se reagruparam, atirando contra as forças do golpe e fechando fileiras ao redor do *Deliverance*. Os kesathese rapidamente caíram em desordem, com seu exército dividido. Talasyn agarrou-se com força enquanto Alaric os guiava através do furor, a aeronave ziguezagueando violentamente para evitar a barragem de projéteis metálicos lançados contra eles. O céu agora era de um roxo profundo; lanternas de fogo eram acesas por toda a barricada, seus orbes de luz oscilando instavelmente enquanto as embarcações às quais estavam presas trocavam disparos laterais.

Uma única coracle lobo superou o resto de sua alcateia e desceu paralelamente ao lado bombordo do bowrider. Talasyn colocou as mãos sobre as de Alaric no leme e, com todas as suas forças, puxou a nave deles—

—*também* para bombordo—

A coracle lobo saltou para fora do caminho para evitar uma colisão, deixando o bowrider livre para continuar sua corrida frenética em direção ao navio de tempestade de Alaric.

"Achei que tínhamos concordado que *eu* ficaria com a direção", ele resmungou.

Talasyn torceu o nariz para ele e então se virou, soltando as fivelas do arnês e ficando de joelhos. O esquadrão de lobos havia se aproximado, espalhando-se em uma formação como uma mão com garras, estendida, alguns acima do navegador de proa, outros abaixo e alguns logo atrás. Todos dispararam ao mesmo tempo, um ataque multifacetado, não deixando espaço para Alaric manobrar.

Talasyn respirou fundo, conectando-se ao éter dentro de si. Ela conseguia fazer aquilo. Ela *tinha* que fazer aquilo.

Ela precisava salvá-lo.

O Lightweave espiralou para fora dela na forma de sete dragões rosnantes. Presos a ela, eles chicotearam pelo ar a partir do poço do navegador de proa em todas as direções, desintegrando cada parafuso de ferro em seu caminho antes que suas mandíbulas douradas se fechassem sobre as coraçais de lobo. Todo o esquadrão desmoronou sob a investida. A canção das Ilhas da Aurora rugiu sobre o Eversea.

Alaric não conseguia decidir se queria beijar a esposa por ser tão linda, poderosa e mortal... ou dar uma bronca nela por ter soltado o arnês e se colocado em uma

posição tão precária em um navio voador em movimento.

Mas, antes que pudesse decidir qual curso de ação tomar, o *Exaltado* começou a se agitar.

Com todas as embarcações kesatheses tão próximas, nenhum dos nove navios de tempestade posicionados sobre a barricada sul conseguiu entrar na briga. Esse não foi o caso da embarcação do falecido Regente, que estava diretamente acima da frota nenavarene. Espirais brilhantes de magia esmeralda da dimensão Squallfast cortaram o crepúsculo enquanto turbinas eólicas eram ativadas, capturando vários balancins do Domínio e dezenas de coraçais de mariposa em um vendaval vicioso.

Talasyn soltou um grito — um som rouco e visceral que Alaric sentiu no próprio peito. O povo dela estava prestes a morrer diante de seus olhos porque ela os havia colocado no lugar menos estratégico possível para salvá-lo de si mesmo.

Tudo aquilo era por causa dele. Era o preço de sua insensatez, pago com o sangue de outros.

Não havia ninguém que pudesse deter o *Exaltado*. As forças de Alaric estavam longe demais, encurraladas pelos insurgentes de Lisu. Houve movimentação do lado sardoviano, com seus próprios coracles e algumas fortalezas flutuantes midzuli correndo em socorro de Nenavar, mas jamais chegariam a tempo. O navio-tempestade já estava posicionando seus canhões; os raios já começavam a faiscar sobre os nenavarenses . . .

O céu acima do *Exaltado* rachou ao meio. Um flash negro pulsou através das nuvens índigo.

Bakun surgiu rasgando o éter com um grito estridente que abalou as estrelas.

Era um pesadelo de asas brancas e presas colossais. Seus olhos reptilianos brilhavam com a luz ametista de outro plano, com pupilas negras e fendas deslizando pelo campo de combate antes de travarem no *Exaltado*. Ele investiu, envolvendo seu corpo opalescente ao redor do navio-tempestade até que toda a estrutura de aço e vidro-metálico ficasse completamente presa em suas espirais.

Alaric imobilizou o bowrider. Se a situação fosse qualquer outra, aquilo seria totalmente imprudente. Nesta situação, porém, nenhum dos inimigos dele e de Talasyn percebeu. Como ele, todos estavam ocupados demais encarando o dragão. Para muitos deles, era o primeiro dragão que viam na vida; Alaric, por sua vez, presumira que jamais o veria novamente.

Nós o fizemos voltar a dormir, era a única coisa em que ele conseguia pensar. Não deveria acordar por mais mil anos. *Como . . .?*

Ao lado dele, Talasyn observava Bakun com uma expressão que, embora

contivesse um toque de descrença, não era tão surpresa quanto *deveria* ser. Não demorou muito para que Alaric passasse a encarar *ela* em vez do dragão. Será que ela realmente—

Outro grito ancestral perfurou seus tímpanos, tão alto quanto montanhas, tão profundo quanto as cavernas da noite. O olhar de Alaric disparou de volta para a fonte do som. A proa do *Exaltado* estava exatamente no espaço entre as mandíbulas abertas de Bakun, as pontas afiadas de seus dentes a poucos centímetros de cravar no casco. Era um quadro macabro de uma serpente prestes a morder o crânio de sua presa desgraçada.

Mas o dragão não mordeu. Em vez disso, ele *soprou*. O Voidfell lavou o navio de tempestade em uma inundação de luz ametista.

A magia se infiltraria em cada fresta e recanto, Alaric sabia. Ele vira aquilo quando o *Nautilus* atacou Ashenheath. Aqueles vapores violetas passariam inofensivamente por toda a matéria inorgânica, mas se agarrariam a cada centímetro de carne viva em seu interior, apodrecendo a pele até o osso. Uma morte de segundos, imersa em putrefação.

O sopro do Devorador de Mundos despertou as frotas de seu torpor. O pânico se instalou e escaramuças eclodiram mais uma vez, uma sucessão de combates aéreos e bordadas. Um novo esquadrão de lobos mergulhou sobre Alaric e Talasyn, e ele forçou o deslizador de proa a um mergulho abrupto e aterrorizante. Eles despencaram para trás de um grupo de couraçados insurgentes que haviam aberto fogo contra os navios do Domínio. Estes últimos estavam se reagrupando, mas ainda permaneciam irremediavelmente flanqueados, e—

E aconteceu quando o primeiro nenavareno morreu. Um dardo de ferro kesathes esmagou a armadura azul e dourada, espalhando sangue pelo convés do balandrau. O soldado do Domínio desabou. Milhas abaixo, como se em resposta, as águas escuras do Eversea se agitaram.

E os dragões *ascenderam*.

Capítulo Cinquenta

Na verdade, havia um canto da mente de Talasyn — o mesmo canto remoto onde ela guardava seus "e se" mais ilógicos — que pensara: *Talvez.*

Talvez isso acontecesse.

Talvez eles viessem.

Ela notara, esporadicamente durante a viagem de três dias da Huktera até o Continente, movimentos na água. Houve momentos em que o Eversea ondulou de forma estranha, contra a direção das correntes.

Ela não mencionara isso a ninguém. Algumas esperanças eram grandes demais para serem ditas em voz alta, assim como alguns medos. E, neste caso, a esperança e o medo eram praticamente a mesma coisa.

Embora fosse instinto de um dragão proteger os nenavarenos, isso não dava a Talasyn — nem a qualquer outra pessoa — o direito de levar essas criaturas à guerra.

Mas eis que eles estavam ali agora. Centenas de dragões de todos os tamanhos e cores, emergindo de sob as ondas, suas asas massivas levando-os até o emaranhado de dirigíveis em questão de segundos. Eles se lançaram contra os insurgentes kesatheses, esmagando coracles entre as mandíbulas, derretendo couraçados com seu hálito de fogo. Parafusos de metal ricocheteavam inutilmente em suas escamas.

Em um momento de clareza penetrante, Talasyn subitamente compreendeu o histórico isolacionista de Nenavar. Interagir com o resto do mundo era arriscar soltar seus dragões sobre ele. As criaturas sempre protegeriam o Domínio, mas o fariam segundo as próprias regras. Como outras forças da natureza, jamais poderiam ser totalmente controladas.

Até mesmo Bakun desafiara a vontade dela, ao fim.

Um dragão disparou por Alaric e Talasyn e obliterou o esquadrão de lobos que os perseguia. Por um momento, pareceu que o bowrider estava livre, mergulhando abaixo do campo de combate, cada vez mais baixo —

Uma nova saraivada de virolas de ferro atingiu a nave vinda de outro esquadrão que espreitava por perto. Impactos diretos foram registrados nos núcleos Squallfast, que se estilhaçaram e começaram a soltar fumaça. O mundo girou violentamente em seu eixo enquanto o bowrider perdia altitude.

Alaric apontou a embarcação condenada para a costa sul antes de soltar completamente o leme. Ele desfez a fivela do arnês e puxou Talasyn para o colo,

enterrando o rosto na curva do pescoço dela.

"O que você está fazendo?", ela exigiu, tentando se virar para agarrar os controles. "Você não pode simplesmente *desistir*—"

O Portal das Sombras floresceu ao redor dela. Ao redor de ambos. Uma esfera de meia-noite riscada por estrelas. O deslizador de arco chocou-se contra o solo com força suficiente para fragmentar-se em dúzias de pedaços, e o impacto arremessou-os para fora de seu centro — mas eles pousaram, ilesos, na areia e nas rochas, com ele sobre ela e seus batimentos cardíacos pressionados um contra o outro enquanto a barreira protetora tecida de sombras desaparecia.

Mal o grito gutural de sua magia havia cessado quando foi substituído por um novo som na quietude zumbindo: um coro de cliques de travas de bestas sendo liberadas.

Espiando por cima do ombro do marido, Talasyn viu vários insurgentes kesatheses machucados e abatidos cercando-os; as ruínas do couraçado do Comodoro Lisu fumegavam mais adiante ao longo da costa. Se voltassem o relógio, os soldados poderiam ser Rapat e sua patrulha, e esta praia poderiam ser as ruínas de Belian.

"Precisamos mesmo parar de ser pegos desse jeito", resmungou Talasyn para Alaric.

Era a vez dela de conjurar um escudo. Um anel de virotes de besta fechou-se sobre eles, apenas para ser engolido por uma esfera de luz dourada. Então, aquela esfera explodiu em outra efusão de dragões radiantes, consumindo os inimigos onde eles estavam.

Assim que a poeira baixou, Talasyn sentiu-se um pouco tonta. A etermancia em formas mais desenfreadas do que meras armas custava-lhe a fadiga rápida. Enquanto Alaric a ajudava a se levantar, o mundo a envolvia em fragmentos, imagens nadando juntas. As sete luas estavam visíveis. Lá no alto, na escuridão estrelada, a silhueta pavorosa de um dragão entrelaçado a um navio de tempestade dobrava-se sobre si mesma enquanto Bakun apertava e apertava, o *Exaltado* rachando em suas espirais como a casca de um ovo, vazando gemas de éter. O restante dos navios de tempestade kesatheses haviam se voltado uns contra os outros, divididos entre aqueles que se juntaram ao golpe e aqueles que permaneceram leais a Alaric; relâmpagos colidiam contra relâmpagos, e as rajadas eram tão ferozes que seus ecos reverberavam até soprarem na praia. Sardóvia e seus aliados haviam avançado contra a barricada e lutavam lado a lado com o Domínio e com as forças de Alaric. No meio de tudo isso, os dragões de Nenavar enfureciam-se, redemoinhos de presas, garras e fogo. As coracolas de lobo dos insurgentes estavam por toda parte, coordenando ataques ao *Nautilus* e à *Manta*, esquivando-se do estalar de mandíbulas de leviatãs . . .

Seguindo em direção à praia.

Alaric agarrou a mão de Talasyn e eles correram para se esconder. Além da linha da maré alta havia uma vila costeira vazia, um punhado de telhados baixos e muros de pedra projetando-se da areia. Era melhor do que nada. Se conseguissem apenas alcançá-la —

Mas ninguém conseguia correr mais que uma coracola a pleno vapor. O rugido dos corações de Vento-Rápido martelava nos ouvidos de Talasyn. Ela olhou por cima do ombro e viu o esquadrão de lobos já quase sobre eles, e mergulhou fundo em suas reservas minguantes para que pudesse praticar etermancia mais uma vez —

Uma chuva de virotes de ferro atingiu a nave de liderança, enviando-a em um espiral descontrolado para fora de rota. Um novo conjunto de velas girou vindo do leste, suas listras vermelhas e laranjas manchadas pelo luar pálido. A fênix de Sardóvia preencheu a visão de Talasyn.

"Vão!", gritou Khaede para ela, do ar. "Eu os seguro!"

Ela girou sua coracola de vespa para enfrentar os lobos que se aproximavam. Com um último impulso de velocidade, Alaric e Talasyn chegaram aos limites da vila —

— e alguém surgindo das sombras arremessou uma carcaça de cerâmica no espaço entre eles, que explodiu assim que atingiu o chão —

Talasyn teve tempo apenas de conjurar o esqueleto mais frágil de um escudo antes que a explosão a arremessasse. Seu corpo foi lançado contra um afloramento de rocha coberto de areia, e a dor momentaneamente a roubou do fôlego. Ela ficou ali, incapaz de se mover, incapaz de ouvir qualquer coisa além de um zumbido agudo nos ouvidos. As estrelas e as sete luas turvaram-se diante de seus olhos.

Eventualmente, ela percebeu um tipo diferente de dor — uma sensação de esmagamento, ameaçando fender seu crânio. Percebeu que o céu noturno estava embaçado porque uma névoa de fluido morno escorrera para seu olho esquerdo.

Ferimento na cabeça, pensou ela, frenética. De forma desconexa. *Más notícias.*

Uma horda de soldados se aproximava e ela lutou para se levantar. Precisava repeli-los, de alguma forma. Precisava encontrar Alaric. Faíscas de magia dourada irromperam inúteis de seus dedos, recusando-se a coalescer, desaparecendo quase assim que surgiam. O inimigo se aproximava.

"Não tenho absolutamente nenhum interesse em fazer isso", reclamou uma voz familiar, em algum lugar à sua esquerda.

"Ileis?"

"*Você* é quem vai aguentar a melancolia de Sua Majestade se ela morrer,

então", retrucou alguém que soava como Sevraim.

Três figuras trajando a armadura da Legião Forjada nas Sombras entraram no campo de visão de Talasyn, enfrentando os soldados que avançavam, um dos quais disparou um virote de besta contra eles. O legionário que ainda não havia falado arremessou uma faca — uma lâmina de trevas crepitantes que desintegrou o virote de ferro em seu caminho antes de mergulhar no peito do homem que disparara.

"Sério?" Nisene gritou para os soldados. O Shadowgate rugiu vindo dela, de Ileis e de Sevraim, com seus olhos brilhando em prata. "*Sério?*"

Enquanto Sevraim e as gêmeas enfrentavam seus adversários, Talasyn inclinou para trás a cabeça, pesada de alívio e exaustão. Pensou, a princípio, que fosse seu próprio sangue obscurecendo um canto da sexta lua de Lir de sua vista, mas depois de piscar o quanto pôde, aquela borda mordida pelas sombras ainda estava lá.

Eclipse.

A queimação a atingiu, pura agonia e inferno. Ela se forçou a sentar, procurando freneticamente por Alaric. E quando o viu —

A explosão o havia lançado de volta para a praia. Ele estava de joelhos na areia, tremores sacudindo seu porte robusto. Uma adaga estava cravada em seu ombro, e o soldado morto que a empunhara jazia caído ao seu lado.

Mas o Comodoro Lisu estava parado diante de Alaric, com o punho de uma espada em ambos os punhos, cotovelos recuados, preparando-se para cravar a lâmina. As silhuetas dos dois homens eram nítidas contra um pano de fundo de navios caindo e campos de raios.

Por experiência anterior, Talasyn sabia que, se ela e Alaric não conseguissem se tocar, a magia levaria vários minutos para arrastá-los a ambos para o espaço etéreo. Mas esse era um tempo que Alaric não tinha. Ela estava longe demais para alcançá-lo, ferida e exausta demais para enviar outra onda de luz. Não lhe restava nada além da queimação, mais quente do que o fogo que rugira sob a pele de um dragão adormecido naquele dia ensolarado em outra praia, tão longe dali, quando a mão de seu marido roçara a dela sobre aquelas escamas velhas e rígidas e tudo parecera conectado.

Porque era isso que o éter fazia. Ele unia todos os seres vivos em uma vasta rede de tempo e espaço. E, nas noites em que o primeiro dragão devorava a lua, o fio tecido entre a luz e a escuridão superava até mesmo a totalidade do tempo e do espaço.

Alaric e Talasyn foram os primeiros etermantes conhecidos como capazes de empunhar a magia do eclipse. Ela pertencia a eles, em toda a sua agonia e suas maravilhas. Aqui e agora, ela não tinha escolha a não ser acreditar que a

magia faria o que ela queria.

E ela fechou os olhos e seguiu a queimação em seu interior, seguindo-a até chegar a algum lugar ainda mais profundo. Ela agarrou a sua extremidade da conexão e segurou com força—

—e ela *puxou*.

Foi como subir torres. Como escalar montanhas. A sensação era a mesma. Mais e mais alto . . .

E a salvação, e a luz do sol, pensou Talasyn, enquanto uma lágrima escapava do emaranhado de seus cílios. *E para sempre, e meu* . . .

O espaço etéreo a tragou. Por um momento, ela ficou sozinha naquela célula trêmula entre dimensões. Ela tropeçou para frente e então foi cuspida de volta. Apareceu de pé diante da figura ajoelhada de Alaric, de frente para Lisu. A lâmina do comodoro afundou em seu estômago.

Ela ouviu Alaric gritar seu nome em um brado rouco. Lisu recuou em choque, mas ainda segurava o punho da espada, o que garantia que ele permanecesse ao alcance de Talasyn. Ela arrancou a adaga de dente de dragão da bainha e — com os últimos e desvanecentes vestígios de força e função motora — cravou-a direto na jugular de Lisu.

O comodoro soltou a espada, cambaleando para trás, gritando. Talasyn desabou na areia ao mesmo tempo que ele, e viu, pelo canto do olho, que ele sofria espasmos, com o sangue jorrando de sua garganta até que finalmente ficou imóvel.

Ela não sabia quanto tempo ficou ali, sangrando e sentindo a vida esvair-se enquanto encarava o céu atingido por raios. Mas não podia ter sido por muito tempo, pois ainda estava viva quando Alaric rastejou até ela e a acolheu em seus braços.

"Não, não, não." Ele balançava a cabeça, com os olhos cinzentos estranhamente brilhantes. Em algum momento, ele arrancara a máscara, e seu lábio inferior tremia. "Tala—*por favor*—"

"Não se mexa tanto", ela o repreendeu. Contrariamente ao que ela esperava, não doía falar. Não doía mais fazer nada. "Seus ferimentos . . ."

Ela quis tocar o rosto dele uma última vez, mas já não conseguia levantar o braço. Seu marido resolveu o problema por ela, agarrando a mão dela e pressionando beijos desesperados em sua palma. "Por que você fez isso?", ele exigiu, com a voz áspera de dor. "*Por quê?*"

Ele estava incoerente, impotente, claramente sem esperar por uma resposta. Mas ela lhe deu uma, assim mesmo, enquanto ele a apertava mais forte e enterrava o rosto em seu pescoço, com os ombros tremendo.

"Porque eu estava cansada demais de não poder escolher você primeiro",

ela murmurou, o hálito roçando a bochecha cicatrizada dele. "E porque eu amo você."

O coração dela não parecia mais pesado, agora que não havia mais palavras não ditas presas dentro dele. Ela deslizou para a escuridão, para algo que se assemelhava à paz. Finalmente segura em seus braços.

Capítulo Cinquenta e Um

Três dias depois que os membros sobreviventes do golpe de Lisu se renderam e Sardovia e Kesath declararam um cessar-fogo, Ideth Vela reuniu-se com Alaric Ossinast no escritório deste, na Cidadela.

A Amirante parecia um pouco contrariada, e Alaric tinha uma boa ideia do porquê. Enquanto os regimentos de Nenavare eram hospedados na Cidadela, com todas as comodidades que o Império da Noite tinha a oferecer, a Allfold de Sardovia tinha que se contentar com as guarnições costeiras, muito mais humildes e superlotadas. Alaric não pediu desculpas por isso; talvez eles estivessem mais confortáveis se *não* tivessem atacado as referidas guarnições, para começo de conversa.

"Não podemos conversar por muito tempo, temo eu", ele disse secamente, após Vela ter se sentado. "Minha esposa ainda está inconsciente. Devo retornar ao lado dela imediatamente."

"Aos negócios, então", concordou Vela. "Por que fui convocada?"

"Enquanto eu recebia cuidados dos curandeiros, você e meus oficiais concordaram em se reunir em duas semanas para discutir os termos do tratado de paz." Alaric esperou que Vela assentisse antes de colocar um pergaminho sobre a mesa e deslizá-lo para mais perto dela. "Compilei uma lista das coisas nas quais não estou disposto a ceder. Sugiro que as revise com seus conselheiros para que saiba o que esperar de mim e da minha delegação. Espero que isso evite que as tensões escalem a um ponto irreversível durante a reunião."

Vela pegou o pergaminho e, em seguida, exibiu um de seus próprios. "Eu também compilei uma lista dos pontos inegociáveis de Sardovia, Vossa Majestade."

Alaric fez um gesto para que ela o deixasse em sua mesa. Depois que ela o fez, ele disse: "Bem que eu poderia lhe dizer agora, Amirante — um dos principais itens na lista de Kesath é o desarmamento das naves de tempestade do vazio."

"Sim. Eu esperava por isso", disse Vela. "Nós também exigimos o desarmamento das *suas* naves de tempestade. E que nossas terras nos sejam devolvidas."

"Feito."

Ela arqueou uma sobrancelha. "Certamente seu Alto Comando terá muito a dizer sobre o assunto."

"É o que minha imperatriz também desejaria. Portanto, está feito", disse Alaric com firmeza. Ele se levantou, apressado em retornar ao leito de Talasyn. "Sairei primeiro. Meu assistente, Nordaye, a escoltará de volta ao seu navio. Com licença."

Justo quando ele chegava à porta, Vela soltou: "Vossa Majestade."

Ele parou, ainda de costas para ela. Ele esperou.

"Khaede e eu gostaríamos de ver Talasyn. Se você estiver de acordo."

A postura rígida de Alaric tornou-se ainda mais tensa. "Estou de acordo." Sua resposta foi curta e forçada. "Podem se coordenar com Nordaye para agendar um horário adequado. Pode ser bom para ela... estar com aqueles de quem gosta."

No caminho de volta para a enfermaria, porém, chegou um relato perturbador via mensageiro skua vindo da costa leste. Ele deu ordens rigorosas a Sevraim para não deixar Talasyn desacompanhada nem por um segundo; então, pegou um coracle de lobo, pois era o meio mais rápido. Quanto mais rápido chegasse lá, mais rápido poderia retornar e esperar que ela acordasse.

Foi uma visão desoladora que o recebeu ao chegar à praia. Todos os dragões de Nenavar haviam desaparecido no Eversea após a batalha — todos, exceto Bakun, que voara para o leste após destruir o *Exaltado*. Naquela extensão de litoral, caso contrário vazia, sob um céu nublado, o Devorador de Mundos descansava sua grande cabeça cornuda sobre as patas dianteiras recolhidas, com as garras cravadas na areia. O resto do corpo estava na água, com as ondas quebrando contra escamas que se erguiam das correntes azuladas como colinas pálidas. Seus olhos violetas eram tão opacos quanto vitrais desgastados por séculos. Ele não se moveu quando Alaric se aproximou a pé; apenas o observou com apatia.

De acordo com testemunhas que estiveram nas linhas de frente, o dragão do vazio não fora ferido durante a batalha. Mesmo as maiores armas de cerco lançadas pelos couraçados do golpe em uma tentativa desesperada de salvar o *Exaltado* apenas ricochetearam nele como se fossem seixos. No entanto, Ishan Vaikar certa vez dissera que o ciclo do Devorador de Mundos, de despertar apenas por uma noite a cada milênio, era uma espécie de estivação, e era assim que ele prolongava sua vida.

Mas aquele ciclo fora quebrado. Elagbi relatara a Alaric como Talasyn acordara Bakun novamente — mil anos antes do previsto — para recuperar sua aethermancy. A energia que o dragão antigo gastara nos últimos dias era insustentável. O tempo finalmente o alcançara.

Alaric pousou a mão timidamente no focinho de Bakun. Aquele era o

leviatã que quase trouxera uma estação morta para Nenavar e para o Continente, a mesma criatura perigosa que cicatrizara permanentemente seu rosto. No entanto, havia uma tristeza brotando dentro dele, inquieta e inexplicável.

"Não sei se você consegue me entender", murmurou ele. "Talvez ela seja a única que consegue falar com você. Mas, caso eu consiga me fazer entender, mesmo que um pouco... há uma parte de mim que deseja lhe dizer para resistir. Minha esposa ficará devastada se você partir." *Ela se apega fácil demais a monstros como você e eu.* "Mas acho... acho que você deve estar exausto, Devorador de Mundos."

O dragão não chegou a se inclinar contra o seu toque, mas também não o devorou, então ele devia estar fazendo algo certo. Na verdade, esse tipo de tatear no escuro, agir por fé cega... era algo que Talasyn faria. O coração de Alaric apertou com uma dor que era, ao mesmo tempo, afetuosa e pesarosa.

Na luz pálida do dia, em uma praia marrom e monótona sob nuvens cinza-metálicas, Bakun já não brilhava como a neve. Ele assumira a brancura fosca de um osso antigo. A morte chegava a todas as coisas ao fim, até mesmo ao Devorador de Mundos, que era matéria de folclore. Até mesmo a Gaheris, que sempre parecera maior que a própria vida.

Alaric estava livre agora. Podia ser dono de si mesmo. E, quando sua hora chegasse, não estaria afogando-se em paranoia e desespero, assassinado por aquilo que, em toda a sua arrogância, não vira chegar. Não deixaria para trás o legado de uma terra devastada, pela qual as próximas gerações teriam de sacrificar sua juventude para defender ou reconstruir.

Este era o presente que sua Lightweaver lhe dera.

O vento intensificou-se e começou a chover. Alaric permaneceu onde estava, movendo a mão de vez em quando para acariciar as escamas do Devorador de Mundos, em um gesto tão consolador quanto conseguia fazer. Era algo terrível morrer velho e sozinho. Ele não tinha certeza se a umidade que escorria por suas bochechas era puramente por causa da chuva. Talvez chorasse também por seu pai — pelo que outrora fora e pelo que poderia ter sido.

Depois de um tempo, pareceu chegar a hora. Bakun ergueu a cabeça, o éter lampejando brevemente em seus olhos. Era a última vez que a luz do Voidfell faiscaria em Lir a partir de sua fonte viva. O dragão olhou para Alaric como se lhe fizesse uma pergunta.

"Sim", murmurou Alaric. "Você a verá novamente em breve. Ela espera por você no Céu Acima do Céu".

Bakun virou-se lentamente. Reuniu energias para um último rugido que abalou os céus. Para os ouvidos de Alaric, era um hino de triunfo, e ele imaginou que a reverberação chegasse até a Cidadela, onde a amada descendente de

Iyaram a ouviria em seus sonhos.

O Devorador de Mundos deslizou para dentro do Eversea, para nunca mais emergir. Alaric permaneceu na praia muito depois de as ondas terem engolido cada último traço da criatura, batendo contra a costa em um réquiem impregnado de sal.

Capítulo Cinquenta e Dois

"Vossa Majestade."

Alaric desviou o olhar de onde mantinha vigília ao lado da cama de Talasyn. Outros três dias haviam se passado desde sua reunião com Vela, desde a morte do Devorador de Mundos. Khaede, Elagbi, Niamha, Surakwel — eles tinham vindo e partido duas vezes, ainda sem qualquer progresso quanto à paciente. E agora Sevraim estava parado na porta do quarto.

"O que foi?", Alaric perguntou cautelosamente, imaginando qual questão burocrática trivial o incomodaria agora — e duvidava que encontraria em si mesmo a vontade de se importar, mesmo que não fosse trivial. Ele havia deixado os assuntos administrativos, mais ou menos, nas mãos capazes de seus oficiais, mas estava bem ciente de que eles estavam ficando ansiosos e precisavam dele no comando. Particularmente com as negociações de paz se aproximando.

Mas, enquanto as horas se tornavam dias e os dias se tornavam uma semana completa com Talasyn ainda recusando-se a despertar do coma, Alaric achava cada vez mais difícil dar a mínima para qualquer coisa que não fosse ela.

Sevraim caminhou em sua direção com passos hesitantes. Parou a um braço de distância, cauteloso, da cadeira ao lado da cama que Alaric mal havia deixado nos últimos sete dias, e retirou algo do bolso, estendendo-o ao Imperador da Noite.

Os olhos de Alaric se arregalaram ao ver sua aliança. O fragmento da oitava lua brilhava intensamente sob a luz do sol que entrava pela janela aberta.

"Eu disse para você se livrar disso", foi tudo o que ele conseguiu pensar em dizer.

Sevraim esboçou um sorriso. "Eu esqueci."

"Você esqueceu", Alaric repetiu, atônito.

"Sim". O legionário coçou a cabeça, olhando para todos os lados, menos para seu soberano. "Devido ao estresse da batalha e à minha, er, natureza facilmente estressável, escapou completamente da minha mente. Peço desculpas e assumo total responsabilidade."

Alaric pegou o anel e fechou o punho ao redor dele. "Obrigado", disse ele finalmente, com a voz estranhamente embargada.

As feições de Sevraim se contorceram em uma careta. "Sinceramente, Vossa Majestade! Não há necessidade de *isso*."

Ele saiu correndo do quarto antes que Alaric pudesse envergonhá-los ainda

mais.

Assim que ele e Talasyn ficaram sozinhos novamente, Alaric retirou uma manopla de couro preto e deslizou a aliança no dedo anelar. Então, removeu a outra manopla também e deixou que ambas caíssem no chão. Ele envolveu o pulso de Talasyn com uma das mãos, enquanto a outra afastava ternamente algumas mechas de cabelo castanho atrás da orelha dela. De acordo com os curandeiros, ela *estava* estável. Ela apenas não acordava.

E... e ela parecia tão impossivelmente frágil sob a ponta de seus dedos. Tanto que a mesma onda de terror que o dominara quando Lisu a apunhalou — ela atravessou Alaric novamente.

"Você perdeu peso", ele murmurou para a mulher que jazia tão mortalmente pálida e imóvel. "Você precisa sair desse estado para poder comer. Eu lhe trarei todo o cacau que quiser se você acordar. Então... acorde."

Ela não acordou, é claro. Quando ela algum dia havia cedido aos desejos dele? Ele engoliu em seco, apertando o pulso dela. "Talasyn", disse ele, "por favor, não me deixe."

Foi como se um cansaço imenso, arraigado nos ossos, caísse sobre ele naquele momento, a represa rompida pelo mero ato de falar com ela. E, uma vez que começou, ele parecia não conseguir parar. "Está tudo um caos, esposa. Há detalhes do tratado de paz com a Allfold para resolver. Os esforços de reconstrução. O que fazer com os seguidores de Lisu que se renderam. Qual será o papel do Domínio de Nenavar... Eu preciso de você comigo para navegar por tudo isso. Eu só soube lutar na vida inteira. Não consigo tirar Kesath *da* guerra se você não estiver ao meu lado. Eu vou estragar tudo e você ficará brava comigo—"

Sua voz vacilou, mergulhando no silêncio. Um silêncio pesado, denso e onipresente, mas ele não conseguia ouvir Talasyn respirar através de tudo aquilo. Em um surto de desespero, Alaric encostou o ouvido no peito dela. Ele captou o som do batimento cardíaco, mas, longe de acalmá-lo, aquilo o preencheu com ainda mais pavor. Estava tão fraco.

"Eu nem sequer consegui beijá-la novamente", ele sussurrou. "Ou lhe dizer que eu também a amo. Ou ser o marido melhor que prometi que seria — aquele que você merece. Como posso fazer qualquer coisa disso se você me deixar agora?"

Ela não tinha respostas para ele. Ele fechou os olhos com força e lágrimas quentes escorreram por suas bochechas, pingando nos finos trajes brancos de paciente dela. Por que ela *não* o deixaria? A pergunta fez seu estômago revirar em auto-aversão. Ele não lhe dera nada pelo qual valesse a pena ficar. Ele havia desprezado todas as tentativas de reconciliação dela, cuspira o amor dela de

volta em seu rosto com as palavras mais cruéis, a levara ao pai, que a torturara — e ela *ainda assim* se sacrificara para salvá-lo, sem pensar duas vezes.

Ela era a Zahiya-lachis do Domínio de Nenavar, mas, com ele, tudo o que ela experimentara fora sofrimento.

"Por favor, acorde", Alaric repetiu, retirando os dedos do pulso dela para envolver a mão dela na sua. "Você não precisa ficar por mim. Eu não espero que fique. Mas seu pai precisa de você. Seus companheiros, seu povo — todos precisam de você. E *você* precisa continuar e ter a vida segura e feliz que deveria ter sido sua desde o início. Não precisa ser comigo." Mesmo enquanto a assegurava disso, ele sentiu algo começar a se despedaçar nas profundezas de sua própria alma diante da mera perspectiva de deixá-la ir.

Não era nada, porém, comparado à dor que a morte dela causaria.

"Não consigo imaginar Lir sem você, Tala." A confissão dele saiu abafada contra as vestes dela. "Tudo era tão vazio até você aparecer. Passei a vida inteira lutando, consumido por um único propósito, e então surgiu você — me fazendo rir, me tirando do sério, fazendo meu coração disparar, me trazendo paz. Às vezes, tudo isso em questão de cinco minutos." Ele balançou a cabeça, maravilhado. "Quando eu estava com você, senti que realmente poderia ser mais do que apenas uma arma. Houve momentos ao seu lado em que eu podia ser apenas um homem que adorava sua esposa. Você me fez tão bem, e sempre me arrependerei de que eu... de que eu não pude lhe oferecer a mesma cortesia de ser bom para você." Alaric tremia agora, com os dentes cerrados na esperança fútil de conter os soluços. Ele não se lembrava de ter chorado tanto assim antes. Por nada. Por ninguém mais.

Nem mesmo pelo pai.

"Deixe-me compensá-la", ele implorou. "Deixe-me construir o mundo que você queria. Vou fazer tudo certo desta vez, eu juro. Só... *por favor*... volte." Ainda segurando a mão dela, ele beijou a têmpora enfaixada. Depois, a pele delicada de seus olhos fechados. Ele não sabia o que mais dizer, com o coração em carne viva, mas os curandeiros opinaram que não faria mal continuar falando com ela. E assim ele prosseguiu. As palavras que se seguiram foram um eco impreciso dos votos que haviam feito um ao outro no altar do dragão. Naquela época, ela era a inimiga. Naquela época, ele jamais suspeitaria o quanto aquele juramento passaria a significar para ele.

"Volte e grite comigo o quanto quiser. Corte minha cabeça, se for esse o seu desejo. Não tem problema. Eu sempre vou amar você", disse ele em um sussurro rouco e quebrado. "Sem reservas, na luz e na escuridão, na vida e além dela. No Céu Acima do Céu, onde seus ancestrais navegam." Ele apertou a mão dela e pressionou os lábios em cada sarda de sua bochecha. "Onde nos encontraremos e

lembraremos, e onde espero que você se case comigo novamente."

Os dedos dela tremularam contra os dele.

Pareceu um milagre.

Capítulo Cinquenta e Três

Ela estava sozinha no coração do inverno, parada no meio de um lago congelado cercado por florestas densas. Todas as sete luas pairavam em um céu cravejado de milhares de constelações, derramando sua luz ártica sobre as montanhas pálidas que surgiam ao fundo das árvores sombrias.

Houve uma guerra ali, outrora. Ela estava muito além do alcance de algo tão frágil quanto a memória, mas sempre havia uma guerra. Naquele momento, porém, havia apenas um silêncio zumbidor — como se ela fosse a última pessoa restante em todo o mundo.

Ela não gostava disso. Não tinha ideia de quem era ou de como chegara ali, mas tinha certeza de que não queria estar sozinha. Seu olhar percorreu o horizonte prateado até avistar uma silhueta escura na margem distante, de costas para ela, imóvel como uma estátua e à espera.

Ela caminhou em direção a ele. O gelo estalava sob seus pés descalços, mas ela não se importava; fraturas cristalinas floresciam como teias de aranha a cada passo enquanto ela diminuía o espaço vazio entre eles, centímetro por centímetro. Não sabia seu próprio nome, mas sabia o dele; era a única coisa que lhe restava. Ela o pronunciou em voz alta, mas ele não deu qualquer indicação de tê-la ouvido.

O vento intensificou-se, soprando fitas de neve pulverulenta através de seu caminho. Ela continuou caminhando e tentou novamente. Ele ainda não se virava . Uma sensação de futilidade começou a esmagar seus pulmões, contudo ela seguiu adiante. Um passo após o outro, através do gelo, da escuridão e do luar. Continuou lutando, através do desespero e da tempestade de inverno, porque era assim que ela compreendia o amor.

Ele estava tão perto agora. Ela estendeu a mão até que estivesse a poucos centímetros da manga dele. Deu mais um passo e clamou o nome dele através da água, através de todos os campos de batalha que marcavam a história deles.

Finalmente, ele ouviu. Finalmente, ele se voltou para ela.

Após despertar do coma, o corpo de Talasyn pareceu chegar à conclusão de que não havia recuperado *completamente* o sono perdido, muito obrigada. Ela oscilou entre a consciência e o torpor nos dois dias seguintes; sempre que estava lúcida, sentia-se cansada demais para falar ou mesmo para manter os olhos abertos por muito tempo, mas seu marido estava sempre no quarto com ela. Às

vezes, ele segurava sua mão, massageando seus dedos suavemente. Às vezes, estava dormindo, encolhido na cadeira pequena demais ao lado da cama, com o rosto enterrado no colchão próximo ao ventre dela. Às vezes, falava baixinho com um curandeiro ou com um de seus oficiais, mas a mente dela estava invariavelmente nebulosa demais para dar sentido à conversa.

Independentemente disso, ele era a primeira coisa que ela via ao acordar e a última coisa em que fixava os olhos antes de eles se fecharem, e por isso ela era grata.

Oito dias após a batalha da margem sul, o sol da manhã atravessou as pálpebras de Talasyn e ela despertou do sono sentindo-se mais ou menos apta a encarar a realidade novamente. Alaric estava parado junto à janela, voltado para ela de perfil, sua silhueta alta e vestida de preto recortada em luz dourada. Ele não usava manoplas, e a apreensão no peito de Talasyn diminuiu ao ver a aliança no dedo anelar dele. Tudo voltou para ela em fragmentos, cada coisa que ele dissera enquanto ela flutuava pelas profundezas de algum mar escuro. Aquelas palavras dele que, finalmente, a puxaram para a superfície.

Tudo o que ela queria era ouvi-las novamente.

"Oi", disse ela. Sua voz estava rouca por falta de uso.

"Olá". A voz *dele* era angustiantemente polida e quase distante, mas a linha de sua boca suavizou-se e um pouco da tensão que emanava dele desapareceu. "Os curandeiros disseram que você começaria a se sentir melhor a qualquer momento, mas eu não tinha certeza".

"Sim, estou me sentindo melhor", ela se apressou em confirmar. "E você?"

"Estou bem", veio a resposta distante dele. Ele ainda olhava pela janela. Este *não* era o reencontro alegre que ela esperava. "Seu pai está fora de si. Mandarei um mensageiro a ele imediatamente. Gostaria também que eu enviasse uma mensagem ao Amirante na guarnição costeira?"

Quando Talasyn não respondeu, Alaric olhou para ela, notou sua expressão confusa e decifrou corretamente o motivo. "A situação ainda é um tanto tensa, dado que nenhum tratado de paz formal foi assinado até agora", explicou ele. "Não podemos ter combatentes de Allfold vagando pelas terras centrais. Alguns dos meus oficiais acham que o mesmo vale para os Nenavarenses, mas argumentei que você estava claramente cumprindo a parte de defesa mútua do nosso tratado. Portanto, seu pai e todos os outros nobres estão na Cidadela em uma... missão diplomática."

O canto dos lábios de Talasyn inclinou-se para cima. "Engenhoso."

Ao ver o sorriso dela, Alaric inspirou bruscamente, com o olhar voltando-se para seja lá o que fosse tão fascinante do lado de fora da janela. "Devo enviar uma mensagem para Vela?", ele repetiu com indiferença. "Tenho certeza de que

deseja vê-la e ver a Khaede."

Talasyn *desejava*, mas Alaric estava agindo de forma estranha e ela queria descobrir o motivo disso primeiro. E queria que ele a abraçasse e a inundasse com todas aquelas declarações doces de antes, as que começavam a parecer cada vez mais um sonho a cada segundo que passava. "Talvez daqui a pouco", disse ela. "Quero falar com *você* primeiro."

"Como desejar." Ele limpou a garganta. "As negociações de paz entre o Império da Noite e a Allfold sardoviana serão realizadas aqui em seis dias. Você é, naturalmente, bem-vinda a observar em seu papel como Zahiya-lachis."

Talasyn congelou. Durante o último ano na corte, ela tivera que aprender a ouvir atentamente o que não era dito, e agora sentia um lampejo de ansiedade se contorcendo em seu estômago. "Apenas... apenas esse papel?"

As mãos de Alaric se fecharam em punhos ao lado do corpo. "Não espero que você tenha qualquer desejo de permanecer casada comigo. Não depois de tudo o que eu a fiz passar", disse ele, rígido. "Caso deseje buscar uma anulação, cooperarei da melhor forma possível. E, depois disso, dou meu juramento solene de que Kesath jamais invadirá o espaço do Domínio. Quaisquer reparações que você julgue necessárias, eu farei. Se você apenas desejar que Nenavar seja deixada em paz, eu obedecerei. Basta pedir, e eu lhe darei." Seu tom tornou-se dolorosamente suave. "Eu lhe darei qualquer coisa que quiser."

Talasyn encarou o teto. A felicidade que a percorreu foi tão imensa — quase *assustadora* — que demorou um tempo até que ela conseguisse falar. "Nesse caso", disse ela finalmente, "eu quero uma lua de mel de verdade. Terá que ser depois das conversas de paz — e provavelmente não poderemos tirar mais do que alguns dias de folga —, mas não me importo, desde que seja em algum lugar agradável, tranquilo e apenas nós dois."

Pelo canto do olho, ela viu o marido quase desabar de alívio. Encorajada, ela continuou. "Quero ser sempre honesta com você de agora em diante e quero que sempre conversemos sobre as coisas e nunca terminemos o dia irritados um com o outro." Alaric afastou-se da janela e caminhou a passos largos até a cama dela, seus olhos cor de ardósia brilhando.

"Quando eu estava recuperando minha magia nas Ilhas da Alvorada, o éter me mostrou uma visão." Talasyn já sorria enquanto dizia aquilo. "Eu vi o futuro. Vi uma criança que se parece com você, mas tem os meus olhos. Quero conhecer essa criança um dia."

Alaric subiu no colchão e a envolveu em seus braços, distribuindo beijos fervorosos por todo o rosto e cabelo dela. "Talvez possamos ter outro com os *seus* olhos também", disse Talasyn contra o peito dele. Ele assentiu, aparentemente tomado por uma emoção que o impedia de falar, estremecendo ao

redor dela enquanto ela acariciava sua bochecha cicatrizada.

"Por último..." Ela engoliu em seco, sentindo-se estranhamente tímida. "Seria bom se você pudesse me dizer que me ama. Estou esperando ouvir você dizer isso de novo desde que acordei."

Alaric acolheu o rosto dela na palma de sua mão grande, erguendo o queixo dela para que seus olhos se encontrassem. "Eu te amo." Ele pressionou os lábios contra os dela, terno e possessivo ao mesmo tempo. "Eu te amo, eu te amo, eu te amo", disse ele com a voz rouca, pontuando cada declaração fervorosa com um beijo ardente. "*Deuses*, como eu te amo."

Capítulo Cinquenta e Quatro

Os dias seguintes foram alguns dos mais idílicos da história da Cidadela. Isso se deveu, em grande parte, aos nenavarenos, que haviam descido sobre a gélida fortaleza de pedra em um turbilhão de charme e reuniões sociais. Os kesatheses jamais souberam o que os atingiu.

Na tarde anterior às negociações de paz, o Imperador da Noite definhava em seus aposentos. Já era o pôr do sol, mas sua esposa ainda não havia retornado. Apenas de camisa e calças, ele se recostava na montanha de travesseiros apoiados na cabeceira, de braços cruzados, enquanto encarava o vazio com melancolia. Embora entendesse que Talasyn estivesse sobrecarregada com praticamente toda a sua corte também residente ali, já passava da hora de os nenavarenos devolvê-la para ele por aquele dia.

Quando Alaric deu a notícia da morte de Bakun, Talasyn chorara com tanta intensidade e por tanto tempo que ele temera que ela perdesse a consciência mais uma vez. Ele fora impotente, incapaz de fazer qualquer coisa além de abraçá-la, amaldiçoando-se em silêncio, jurando silenciosamente aos deuses que cortaria a própria língua antes de fazê-la chorar novamente.

Ela estava melhor agora, mas ele ainda não conseguia descansar tranquilo. Precisava vê-la.

Bem no momento em que Alaric estava prestes a procurar por Talasyn, ela entrou saltitante pelo corredor, lançando-lhe um sorriso conspiratório. "Adivinha quem eu vi se beijando no meu jardim! Eu estava subindo as escadas quando, por acaso, olhei pela janela e lá estavam eles."

"Quem?"

"Lady Niamha e Lord Surakwel."

Alaric bufou. "Bom para ele, mas *ela* poderia conseguir alguém muito melhor."

Talasyn revirou os olhos. "Se Surakwel se comprometer a ficar na corte agora que tem um motivo para isso, vocês dois se verão muito mais. Sugiro que aprendam a conviver."

Alaric deu um sorriso presunçoso. "Sobre o meu cadáver, Harlikaan."

Talasyn soltou um suspiro exasperado e foi sentar-se ao lado dele, fazendo o colchão afundar levemente com o peso adicional. Ela arrancou os saltos dourados e mexeu os dedos dos pés em alívio assim que ficaram livres. Alaric devorava cada movimento dela com os olhos.

Ultimamente, a partida de Bakun e o preço cobrado pela guerra ocasionalmente cruzavam as feições de Talasyn como uma sombra, mas ela parecia determinada a superar tudo aquilo. Era a única coisa que qualquer um podia fazer, na verdade: seguir em frente. Era isso que Alaric precisava lembrar a si mesmo sempre que seus erros do passado voltavam para assombrá-lo. Alguém que não acabasse morrendo por seus pecados precisava expiá-los vivendo.

Vivendo cada momento de tal maneira que o mundo fosse um lugar melhor quando eles *finalmente* o deixassem para sempre.

Daremos um jeito. Alaric tranquilizou a si mesmo com o que rapidamente se tornava um refrão constante. O que quer que estivesse por vir seria superado, desde que ele e Talasyn enfrentassem aquilo lado a lado. Eles eram a lâmina um do outro. A esperança e a misericórdia um do outro.

O refúgio um do outro.

"Agora que a delegação sardoviana chegou, você conseguiu apresentar o Príncipe Elagbi à Khaede?", ele perguntou.

"Sim", disse ela. "E, coincidentemente, hoje descobri que *existe* uma pessoa em Lir que é imune ao charme nenavarense."

Parecia um verdadeiro presente, poder cair nesse padrão de conversa trivial e leve ao final de um longo dia. Alaric estendeu a mão, com os dedos curvados, deslizando as articulações ao longo do braço nu de Talasyn, em parte porque precisava confirmar para si mesmo que ela era real — que *isso* era real — e em parte porque havia poucas coisas no mundo mais adoráveis do que a maneira como ela estremecia ao seu toque.

"*Você* quer ser pega beijando nos jardins?", ele a provocou com a voz rouca.

Ela riu, um som doce que subiu direto para a cabeça dele, e também um pouco mais para baixo. "Claro, por que não" — ela mudou de posição, voltando o corpo inteiramente para os braços que já estavam abertos para recebê-la — "mas talvez em outra ocasião. Agora, prefiro muito mais não ser interrompida."

"Eu vou estrangular quem quer que sequer tente bater à nossa porta", ele prometeu.

"Você é um doce". Embora o tom dela pingasse sarcasmo, seus lábios tremiam com um sorriso mal contido enquanto ela os pressionava contra os dele.

Beijar era tudo o que haviam feito nos últimos dias — beijar, conversar e apenas desfrutar calmamente da presença um do outro. Ele estivera nervoso demais para fazer qualquer coisa além de ir devagar, por medo de machucá-la ou de comprometer a maneira gentil com que estavam se reencontrando, permitindo que as feridas que infligiram um ao outro cicatrizassem. Agora, porém, seu cérebro registrou que ela não estava mais de repouso e que a boca dela se movia

contra a dele com um toque de urgência, e seu corpo foi rápido em responder. Ela tinha gosto de cerejas, que estavam na época em Kesath. Ele estava embriagado.

Mas, antes que ele pudesse sequer saborear o momento, ela se afastou. "Ah, eu esqueci completamente — pedi aos servos que preparassem um banho para mim, deve estar pronto agora..."

Ele era um homem simples com a mente simples. Ouviu *banho*, pensou em *esposa* e seu coração cantou de alegria.

Alaric levantou-se, suspendendo Talasyn em seus braços. Ela riu mais um pouco, golpeando o peito dele com os punhos de forma brincalhona, com as pernas balançando alegremente no ar enquanto ele a carregava para o banheiro adjacente.

Um grupo de servos estava no meio do processo de polvilhar algo na banheira fumegante. Bastou um olhar para o imperador carregando sua consorte nos braços para que fugissem imediatamente.

Talasyn esticou o pescoço para ver o que havia dentro da tina. "Pétalas de rosa?" ela debochou enquanto Alaric a colocava no chão cuidadosamente. "Niamha é uma péssima influência para o seu povo, meu senhor."

"Eles também são o seu povo", ele disse, aproximando-se para beijá-la novamente.

Ele não precisava da ajuda dela para soltar os fechos do vestido e deslizá-lo por seus ombros. Aquilo era memória muscular, e ele estava apenas feliz por poder passar o resto da vida colocando em prática tamanha habilidade, conquistada com tanto esforço. O vestido caiu sobre seus pés descalços, formando uma poça de ouro, e ele contemplou a visão dela e—

E, a princípio, ele pensou que tivesse morrido. Não parecia haver outra explicação possível. Ele morrera e, de alguma forma, todos os seus pecados haviam sido perdoados e ele fora admitido no paraíso do Pai-do-Mundo. Em vez de seda ou renda, o sutiã de Talasyn consistia inteiramente em fios de pérolas brancas, firmemente amarrados e presos na frente por um broche de diamante. Eram pérolas do mar do sul do Domínio de Nenavar, de qualidade impecável e formato perfeito, lustrosas contra a pele oliva dela, emoldurando as linhas delicadas de suas clavículas e o suave vale entre seus seios. Ele estava completamente e totalmente sem palavras, despojado de todas as funções cerebrais superiores, com o olhar vagando do peito dela para o abdômen tenso, a leve curva de seus quadris, o retalho de renda branca entre as coxas — e então subindo novamente, para aquele rosto, aquele rosto extraordinário. Aqueles olhos pelos quais ele incineraria universos inteiros.

Talasyn mordeu o lábio — porque ela *aparentemente* não planejava ter

misericórdia dele tão cedo — então disse: "Tem algo que eu quero tentar."

E ela caiu de joelhos diante dele, envolta em pérolas, renda e luz de lamparina.

"O que..." A voz de Alaric falhou. Ele limpou a garganta e tentou novamente. "O que você está fazendo?"

"Agradecendo ao meu marido por me salvar." Seus dedos ágeis desfaziam os fechos da calça dele com certa dificuldade, pois ele estava ereto desde que ela o beijara de volta no quarto. Mas ela conseguiu, envolveu a base dele com a mão e baixou a cabeça, lambendo os lábios antes de pressioná-los contra a ponta dele em um beijo suave e lento.

Afinal, não estou morto, pensou Alaric, atordoado. *Estou vivo, mas* isso— *isso é o que vai me matar.* Ele não ousava mover um músculo, com medo de espantá-la. O que era ridículo, pois Talasyn não era do tipo que se assustava fácil, mas ele não pretendia arriscar. Ela deixou rastros de beijos úmidos e de boca aberta pela parte inferior do membro dele, olhando para o rosto dele de vez em quando para medir sua reação. Ele estava de queixo caído e com os olhos fixos, relutante em perder sequer o breve segundo de gravar na memória a imagem dos lábios dela sobre si.

Quando terminou de beijá-lo até embaixo, Talasyn fez uma pausa, parecendo incerta. Alaric estava prestes a dizer que estava tudo bem — que aquilo já era mais do que suficiente — quando ela, de repente, mostrou a língua e *lambeu*. Uma faixa longa e quente.

Os joelhos de Alaric quase cederam enquanto ele enterrava as mãos nos cabelos da esposa. A língua dela girava ao redor dele, lambendo e acariciando em um ritmo enlouquecedor e instintivo. "Você é a coisa mais requintada que existe." Ele nem sabia direito o que estava dizendo, apenas que era a verdade. "Tão perfeita — deuses — *Tala*—"

Ela parou novamente, inclinando a cabeça com curiosidade. "Tem certeza?" Havia um pingo de dúvida em sua voz. "Porque eu não sei muito bem o que estou fazendo—"

Ele iria desmaiar se ela não voltasse a envolvê-lo com a boca nos próximos cinco segundos. "Está ótimo", ele roucou, com a polpa do polegar acariciando a bochecha dela. "Porque é você, então é sempre ótimo."

Ela sorriu. E, quando inclinou a cabeça sobre ele mais uma vez, desta vez foi para tomá-lo entre os lábios e sugar, e ele se perdeu.

Havia alguns, sem dúvida, que considerariam degradante que a Rainha Dragão estivesse de joelhos, tão escassamente vestida enquanto seu consorte estava totalmente trajado, engajada em um ato que, à primeira vista, servia apenas ao

prazer dele. Mas Talasyn descobriu que não se importava — como poderia, quando ardia na necessidade de fazer algo por ele, de lhe oferecer algum conforto agora que sua vida estivera em tamanha turbulência ultimamente? Além disso, ele estava completamente rendido acima dela, ruborizado e gemendo a cada leve movimento de sua boca. Este era um tipo diferente de poder, e ela não tinha escrúpulos em reivindicá-lo para si.

E havia prazer a ser colhido ali também. Alaric tinha gosto de seu sabonete com um toque de sal, e Talasyn gostava bastante da sensação de sua boca se moldando ao redor dele, das concavidades formadas por suas bochechas enquanto o recebia mais profundamente. E, sim, *claro* que era um pouco desajeitado; às vezes ela se envolvia tanto que esquecia de respirar e precisava arfar por ar, e houve algumas vezes em que seus dentes o roçaram acidentalmente e ele sibilou. Mas ele sempre a incentivava, sempre a fazia se sentir tão bela, tão digna de desejo, com os dedos embaraçados em seus cabelos e os lábios proferindo carinhos obscenos.

Uma espécie perversa de curiosidade despertou e ela se perguntou quanto dele conseguiria suportar. Ela se endireitou o máximo que pôde, relaxando a mandíbula tanto quanto era possível. Ele deslizou mais alguns centímetros e os olhos dela tremeram com a sensação. Ele não deixou nenhuma parte dela intocada. Ela gemeu ao redor dele e ele praguejou, os quadris movendo-se instintivamente contra os lábios dela, impulsionando o membro para frente. Atingindo o fundo de sua garganta.

Era como cair, a maneira como eles se rendiam um ao outro.

Era como uma prece, a maneira como ele dizia o nome dela repetidamente, como se fosse a única coisa que conhecesse.

Era como o luar, a maneira como ele olhava para ela.

Eventualmente, Talasyn pegou o jeito, conseguindo manter os dentes totalmente cobertos — e não um momento depois, pensou ela ironicamente, embora Alaric fosse atencioso demais para dizer qualquer coisa. E logo a respiração dele estava mais pesada do que ela jamais ouvira, e ele envolvia a nuca dela, pressionando-a para perto, e ele veio em sua boca. O gosto dele lavou sua língua, escorrendo por sua garganta. Ele a observou engolir, as bochechas vermelhas, os olhos cinzentos febris, como se tivesse encontrado algo novo para adorar.

Graças aos corações de Fogo-da-Toca incrustados na banheira de mármore negro, a água ainda estava morna quando Alaric se acomodou nela com a esposa em seu colo. Sua esposa gloriosamente nua, embora ele tivesse lamentado ver o sutiã ir embora. Ainda assim, ele se animou consideravelmente quando ela

montou nele e o beijou até que ambos ficassem sem fôlego. Ela desceu a boca para o pescoço dele, cravando os dentes no músculo de um modo que o deixou semicongelado de novo em instantes. E Talasyn logo cuidou da outra metade, menina esperta que era, esfregando-se ao longo do comprimento dele, com a água do banho tornando tudo fluido, escorregadio e com cheiro de rosas. Tudo isso enquanto devorava a boca dele, pressionando-o contra a curvatura do mármore.

Ele estava satisfeito há tão pouco tempo, mas nunca conseguia ter o suficiente dela. "Preciso de você", ele finalmente disse entre o beijo. Era um súplica rouca, mal articulada. "Por favor."

Como se aquele fosse o sinal que esperava, Talasyn agarrou os ombros dele para se apoiar enquanto a mão dele o posicionava sob a água. Trabalhando juntos, eles o encaixaram em sua entrada. Seus olhares se encontraram, as pupilas dela dilatadas de excitação, e ela empurrou *para baixo* e —

Ah. Amor de sua vida. Recebendo-o até a raiz.

A água quente lambia a pele nua de Alaric, inúmeras correntes suavizantes que compensavam a pedra implacável contra sua espinha enquanto ele se recostava, completamente sob o domínio de Talasyn, que o envolvia apertadamente. Ele não podia fazer nada além de aceitar, com os olhos revirando na cabeça enquanto a Imperatriz da Noite cavalgava sobre ele até quase tirar-lhe a vida. Seus seios pequenos e sardentos saltitavam na frente de seu rosto, adornados com pétalas de rosa, insuportavelmente eróticos. Sua boca salivou. Como se lesse seus desejos em seu rosto, ela se ergueu um pouco mais sobre os joelhos, oferecendo aqueles seios para que ele os sugasse, suspirando quando ele tomou avidamente um mamilo em sua boca.

Ela assumiu um ritmo mais lânguido, movendo os quadris contra os dele como o oceano encontrando a areia em um dia tranquilo, suas unhas curtas arranhando suavemente suas escápulas enquanto ele mordiscava e lambia. Tudo estava envolto em vapor e luz de lamparina. Pela forma como ela o apertava, ele percebeu que ela estava perto, e sua mão deslizou entre seus corpos para lubrificar os dedos sobre ela.

"Venha para mim, Imperatriz." Abafada contra a pele dela, a voz dele oscilava entre um comando rosnado e um súplica rouca. "Eu preciso que você venha. Por favor, amada."

E ela veio, e ele a seguiu, e o éter *cantou*.

Capítulo Cinquenta e Cinco

Aconchegada nos braços do marido sob uma pilha de cobertores macios, com o mundo ainda exalando o perfume de pétalas de rosa esmagadas, Talasyn teve um sonho.

Era um céu radiante como ouro fiado, entrelaçado a uma gaze turquesa; a luz era tão pura que até o ar parecia cristalizar-se nela. Um dragão branco voava alto sobre o mundo, batendo suas vastas asas com alegria. Uma mulher de longos cabelos negros estava na proa de um navio em forma de crescente que navegava pelas nuvens, com a mão estendida em saudação.

Todos se reencontrariam, algum dia.

Quando Talasyn abriu os olhos, havia lágrimas neles. Ela se aninhou na curva do pescoço de Alaric por alguns instantes e depois saiu da cama, antes que acabasse acordando-o também. Hoje marcava o início das negociações de paz; o Imperador da Noite precisava de todo o sono que pudesse ter.

Vestindo um robe de seda, ela caminhou silenciosamente até a varanda de Alaric. Dali, conseguia ver seu jardim, ainda imponente e brilhante sob os raios do sol nascente, mesmo com diversas estruturas ao redor em ruínas. Levaria um tempo para restaurar a Cidadela ao seu estado anterior, bem como o restante do Continente, mas ela acreditava que ela e o marido eram capazes da tarefa.

Ela ainda estava perdida em pensamentos sobre o futuro quando um par de braços fortes a envolveu pela cintura por trás e lábios quentes pressionaram um beijo em sua têmpora. Com o coração transbordando de uma alegria serena, ela se encostou no peito nu de Alaric.

"Não sei se conseguiremos realizar isso, meu senhor", admitiu Talasyn. Levar as negociações iminentes a um ponto em que Sardóvia e Kesath pudessem coexistir pacificamente lado a lado era uma perspectiva assustadora. Complicando ainda mais a situação, estava o fato de que os estados sardóvios anexados nos primeiros dias do reinado de Gaheris estavam divididos sobre se deveriam ou não permanecer no Império da Noite. Seus filhos já haviam crescido como kesatheses. Alaric mantinha-se firme em deixá-los decidir por si mesmos.

"Enquanto estivermos juntos, podemos fazer qualquer coisa", ele disse a ela. A palma da mão dele deslizou pelo ventre plano dela em uma carícia suavizante. "Bem—isso não é inteiramente correto neste caso", ele corrigiu. "É mais que, enquanto *você* esteja comigo, então eu posso fazer qualquer coisa.

Com os regimentos sardóvios e kesatheses dizimados, Nenavar é a última grande frota neste canto de Lir. Você tem todas as cartas na mão, minha senhora."

"Eu acho", disse Talasyn lentamente, "que quando o *Nautilus* e a *Manta* forem desarmados, insistirei que os corações do vazio restantes sejam devolvidos ao Domínio. Isso deve tranquilizar o seu povo."

"*Nosso* povo", ele a corrigiu novamente.

Ela estava prestes a brincar que não achava que conseguiria se acostumar com *isso*, quando, de repente, o bater de asas joalhadas roubou as palavras de sua boca.

O sariman pousou no corrimão da varanda, chilreando para eles. Parecia um pouco desalinhado, mas, fora isso, estava ileso.

"Certo", disse Talasyn. "Este aqui terá que ser levado de volta para Nenavar". Ela estendeu a mão para acariciá-lo, mas, assustado, o pássaro levantou voo novamente, aninhando-se nos galhos da tília no jardim.

Alaric soltou uma gargalhada rouca. "Se você conseguir pegá-la. Eu estou ansioso para ver o poderoso Domínio Huktera embarcar nesta nova missão."

Mas o clima logo mudou para algo solene. O sariman era, afinal, um lembrete de tudo o que os trouxera até aquele ponto — tanto o bom quanto o ruim. Ele a girou em seus braços, com uma expressão grave em suas feições cicatrizadas e belas.

"Me perdoe", disse Alaric. "Por tudo o que fiz que a machucou. Por cada palavra que disse enquanto estava com raiva. Passarei o resto da minha vida compensando você."

Talasyn se aconchegou mais, elevando-se levemente nas pontas dos pés para que pudesse envolver o pescoço dele com os braços e esconder o rosto na curva de sua garganta. "Só se você me deixar fazer o mesmo."

Alaric manteve a esposa em um silêncio repousante enquanto o sol terminava de nascer sobre a Cidadela, seus raios dissipando o frio da névoa matinal. Ele pensou em uma mensagem que recebera na última sennight. Valisa estava enviando um enviado para observar as negociações entre a Allfold e o Império da Noite. O retorno dela ao Continente sem dúvida causaria um alvoroço.

Por sua vez, Alaric realmente não tinha ideia de como reagiria ao ver Sancia Ossinast — agora Sancia Elidan novamente — outra vez. Além de lidar com as complexidades da diplomacia em um mundo pós-guerra, ele e a mãe também teriam que enfrentar o perdão mútuo. A taxa de sucesso para isso parecia assustadoramente baixa; talvez até menor do que a das conversas de paz.

Mas, se havia algo que a mulher em seus braços lhe ensinara ao irromper em sua vida como um raio de sol perdido iluminando a noite eterna, era que ele

não podia deixar o passado defini-lo. Então, acontecesse o que acontecesse a seguir, quer ele e a mãe pudessem se reconciliar ou não — ele aceitaria e deixaria para lá. Contanto que Talasyn estivesse com ele, ele ficaria bem.

"Provavelmente deveríamos começar a nos preparar", disse Talasyn, afastando-se dele com uma relutância adorável.

Tão adorável, na verdade, que Alaric envolveu com o braço a curva de suas costas, puxando-a para perto mais uma vez. "Mais cinco minutos", disse ele, aninhando-se nela. As palavras de pedido de casamento valisantes — das quais sua mãe lhe falara quando criança e que ele lembrava no dia de seu casamento — fluíram de sua língua, como instinto e como verdade.

"As estrelas me guiam de volta ao seu coração", murmurou ele. "O sol nasce no reino que encontrei em seus olhos."

Talasyn piscou para ele. "Poesia? *Você?*"

Alaric abriu um sorriso torto. "Eu te conto depois". Eles realmente *precisavam* começar a se preparar. Além disso, ele agora tinha todo o tempo do mundo para contar tudo a ela.

Ela balançou a cabeça, claramente exasperada pelos modos estranhos do marido, mas sorria levemente enquanto pegava a mão dele e o conduzia para longe da varanda, em direção ao amanhecer de uma nova era — uma na verdade onde quaisquer tempestades que ainda espreitassem não passariam sem serem conquistadas. Onde os ventos sempre os trariam de volta um para o outro.

Epílogo

Cinco anos depois

Um coracle-mariposa deslizou para dentro do hangar particular da Zahiya-lachis com a mesma graça do inseto que lhe dava nome, planando sob um feixe de luar. Os guardas ali postados ficaram em posição de sentido e, em seguida, pressionaram os punhos contra o coração em uma saudação unânime enquanto uma figura esguia em armadura azul e dourada emergia da nave. Seus cabelos castanhos estavam presos em uma trança simples e seus olhos castanhos brilhavam com o triunfo sereno de uma missão cumprida com sucesso.

"Descansar". O tom confiante de Alunsina Ivralis ecoou por todo o hangar. Niamha Langsoune — o braço direito da Rainha Dragão, agora nomeada a Senhora do Rastro da Serpente além de ser a Daya de Catanduc — aproximou-se. Acompanhando o passo de Talasyn enquanto avançavam pelo Teto do Céu, ela informou sua suserana sobre as mensagens que haviam se acumulado durante a ausência da última.

Talasyn estivera fora por vários dias, portanto havia bastantes. Diversas casas nobres espalhadas pelo Domínio escreveram para confirmar a presença na festa de aniversário da Zahiya-lachis, que seria realizada ao final da semana. O alfaiate real queria agendar a prova final do vestido para a referida celebração. E, por último, a Allfold de Sardovia enviara um relatório detalhado e volumoso sobre como utilizaram a ajuda do último trimestre de Nenavar para financiar os contínuos esforços de reabilitação pós-guerra no Continente.

Todas essas mensagens chegaram enquanto Talasyn lidava com uma pequena divisão de navios de guerra estrangeiros que haviam invadido a fronteira sul do Domínio. Abrir uma nação anteriormente isolada para o resto do mundo trazia seu próprio conjunto de dores de cabeça; a notícia sobre os dragões havia se espalhado, e agora os habitantes mais inescrupulosos de Lir queriam colocar as mãos em ossos, escamas ou chifres de dragão. Os nenavarenses foram forçados a desenvolver um protocolo de resposta rápida para esse tipo de situação, embora o maior risco fosse que os potenciais caçadores acabassem mortos.

Talasyn esperava sinceramente que a notícia *também* se espalhasse sobre a ferocidade dos dragões, sua capacidade de destruição imensa — além do fato de que a rainha do Domínio empunhava a Lightweave em defesa deles. Tudo isso seria um dissuasor eficaz. No momento, porém, havia algo mais pesando em sua mente.

"Nenhuma notícia do meu marido?", ela perguntou a Niamha com um leve franzir de testa. O navio de Alaric deveria ter aportado em Port Samout na tarde anterior. Não era do feitio dele deixar de enviar um skua caso estivesse atrasado.

"*Houve* uma mensagem, Harlikaan", Niamha respondeu delicadamente. "O Imperador da Noite partiu de Kesath com atraso, mas deve estar a apenas algumas horas de distância agora. Ele ficou muitíssimo irritado ao saber que você mesma estava lidando com a situação dos caçadores furtivos. A resposta dele quando eu o informei disso foi..."

"Colorida?", Talasyn arriscou.

"Para não dizer que foi obscena", disse Niamha com um farejar desdenhoso.

"Eu cuidarei de Sua Majestade, Daya Langsoune, e farei com que ele peça desculpas a você", prometeu Talasyn. "Ele está muito melhor em pedir desculpas ultimamente". Ela ignorou o olhar cético lançado em sua direção, aquele que dizia tudo sobre o estado da fé de Niamha no julgamento da Zahiya-lachi no que dizia respeito ao consorte real. "Agora, se for tudo, preciso resgatar a ama de leite das mãos da minha filha".

Niamha jogou a cabeça para trás com uma risada despreocupada. "Já que terminei de cuidar do forte, vou para casa. Lorde Mantes escreve que está definhando de saudade. Vou analisar as candidaturas para a sua nova dama de companhia e lhe enviarei as mais promissoras".

"Sinto falta da Jie", disse Talasyn melancolicamente. "Mas não posso ordenar que ela *não* se case".

"Tecnicamente, você pode, Harlikaan", Niamha observou, com um brilho travesso nos olhos.

Talasyn fez uma careta para ela. As duas mulheres se separaram do lado fora da ala residencial e, instantes depois, Talasyn entrou a passos largos no mesmo quarto que usara na época em que era a Lachis’ka.

A ama de leite estava conspicuousmente ausente; em seu lugar, uma nobre de feições marcantes, com fios prateados atravessando seu coque escuro e um livro de histórias sobre o colo vestido de seda, sentava-se em uma cadeira de balanço ao lado da cama, onde a herdeira do trono de Nenavarene dormia profundamente.

"Mandei a ama descansar um pouco mais. Ela parecia precisar", explicou Sancia Elidan. "Ficou acordada até altas horas a insistência de Sua Graça. Foram

observar as estrelas."

O colchão cedeu levemente sob o peso de Talasyn enquanto ela se acomodava ao lado da criança adormecida. Hiraya Ivralis mexeu-se apenas para jogar um braço robusto e pequeno sobre a coxa da mãe e abraçá-la como se fosse um travesseiro, um ato que era instinto, e não um gesto de quem acordou.

"Alaric estava contando a ela sobre as constelações na noite anterior à partida dele", murmurou Talasyn, passando os dedos pelos cabelos pretos e desalinhados da menina de três anos. "Ela sente falta dele."

"Compreendo." A resposta polida de Sancia mascarava a maneira cautelosa com que ela parecia se agarrar a cada palavra de Talasyn. A ex-Night Empress estava sempre faminta por histórias sobre seu filho, mas era dolorosamente aparente que essa fome era temperada pela culpa de tê-lo abandonado.

"Peço desculpas por não estar aqui para recebê-la em sua chegada, sogra." Talasyn falou de forma mansa e amigável, pois Sancia costumava congelar sempre que havia um excesso de emoção ao seu redor, ou quando uma voz era erguida nem que fosse minimamente. "Espero que tenha tido uma viagem agradável vinda de Valisa, apesar de tudo."

"Correu bem o suficiente, Harlikaan — e não se preocupe comigo", disse Sancia. "Eu entendo que você estava ocupada protegendo suas fronteiras."

"Chutando a bunda de caçadores", enunciou cuidadosamente uma voz pequena e suave, em um Comum de Marinheiro hesitante e com sotaque, e foi assim que Talasyn percebeu que a filha havia acordado.

Ela abriu um sorriso radiante, olhando para um par de olhos amarelados que, superficialmente, eram idênticos aos dela, mas carregavam uma solenidade que só poderia ter sido herdada do marido. "Meu amor! Olá, senti sua falta", ela mimou. "Não deixe seu pai ouvir você dizer isso", acrescentou logo em seguida. "Ele pode mandar banir a tia Khaede."

Hiraya aninhou-se ao lado de Talasyn, escondendo o rosto como se aquele breve momento de fala tivesse exaurido todas as suas energias.

"Uma criança tão reservada", comentou Sancia, também sorrindo — como todos tendiam a fazer perto de Hiraya. "Ela puxou isso do meu filho. Ele era exatamente assim nessa idade."

"Eu sempre me pergunto", confessou Talasyn, "sobre as partes da vida dele em que não estive presente. Como ele era antes de eu conhecê-lo."

Sancia mordeu o lábio. Seu olhar tornou-se lentamente distante. Ela estendeu a mão e deu tapinhas na mão de Talasyn, que repousava sobre o ombro de Hiraya. "Ele tem uma família agora", disse ela, e nessas palavras havia uma espécie de paz resignada. Um desapego. "Você deu a ele o que nós nunca pudemos. Obrigada".

O novo navio-almirante de Alaric e suas escoltas de coracles-lobo planaram para dentro de Eskaya ao final da tarde. A luz do dia era sonolenta e dourada sobre aquelas velas negras e elegantes, e Hiraya — recém-banhada e vestida para o jantar, como sua mãe — perdeu todo traço de sua compostura habitual ao avistá-los da varanda.

Ela estava silenciosa como sempre, mas se contorcia, inquieta, animada demais para ser carregada. Tropeçou para frente, puxando impacientemente o vestido de Talasyn enquanto caminhavam para o hall de entrada. A última vez que tinham visto Alaric fora quase um mês atrás, quando ele beijou as duas em despedida antes de partir para o Continente para supervisionar o descomissionamento dos últimos navios-tempestade. Era a separação mais longa de Hiraya de seu pai até então, e ela praticamente tropeçava nos próprios pés na pressa de chegar até ele, mantendo o equilíbrio apenas graças ao aperto firme nas saias da mãe.

Talasyn lutou contra o riso. Hiraya fora excepcionalmente educada desde o berço — nada propensa a birras, o bebê mais fácil que pais de primeira viagem poderiam desejar. Portanto, era revigorante vê-la com tamanha animação. Fizeram mais algumas curvas por corredores dourados adornados com as flores perfumadas do início do verão e então, finalmente, viram Alaric vindo em direção a elas. E Hiraya ergueu a voz pela primeira vez em eras.

"Amya!", ela gritou, correndo o mais rápido que suas pernas curtas permitiam.

As feições severas de Alaric desmoronaram em algo parecido com alívio ao ver a filha. Ele se abaixou e colheu Hiraya nos braços, exibindo um sorriso torto enquanto ela abraçava seu pescoço e tagarelava na língua do Domínio, relatando cada detalhe de sua vida durante a ausência dele. Ele ouvia atentamente, assentindo nos momentos apropriados, ocasionalmente depositando beijos em sua testa e em suas bochechas sardentas.

Era tão parecido com a visão que Talasyn tivera durante sua peregrinação pelo Caminho do Sol. Este era o futuro pelo qual ela lutara. Seu coração inchou com uma alegria tão imensa que pareceu que poderia explodir. Ao se aproximar deles, o olhar de Alaric encontrou o dela por cima da cabeça da filha e ele passou a carregar Hiraya com um só braço; o outro disparou e puxou Talasyn contra seu flanco.

"Lá vem você com esse jeito bruto", ela resmungou, envolvendo a cintura dele com os braços.

"Fiquei impaciente", rebateu Alaric, inclinando-se para pousar a boca sobre a dela. "Senti sua falta", ele murmurou contra seus lábios.

"Eu também senti a sua". Talasyn beijou o marido enquanto ele segurava a

filha, deliciando-se com o calor daquele pequeno círculo. Sua família. Não estava exatamente dentro dos limites da etiqueta cortesã fazer isso *ali*, mas os guardas no hall de entrada estavam acostumados com as demonstrações afetuosas que ocorriam sempre que a Zahiya-lachis se reunia com seu consorte. Nenhum deles piscou.

Não demorou, porém, para que Alaric tivesse que se afastar de Talasyn com um gemido tingido de riso, porque Hiraya começara a puxar sua orelha. "Estou com fome", ela reclamou.

"Eu também", respondeu Alaric distraidamente, fitando a esposa.

Talasyn corou, dando um tapa no ombro dele. Ele sorriu com malícia em resposta enquanto entrelaçava os dedos nos dela, e partiram para a sala de jantar privativa da família real, de mãos dadas enquanto a criança se aconchegava contente contra o peito do pai.

"Sua mãe chegou há alguns dias", ela informou calmamente enquanto caminhavam. "Ela planeja ficar depois da celebração do meu aniversário — um mês, pelo menos, se não houver problema?"

Alaric assentiu. "Ela precisa se recuperar da longa jornada antes de embarcar em outra. E provavelmente quer passar um tempo com a neta."

Talasyn apertou a mão dele. "Ela quer passar um tempo com *você*."

Alaric apertou os dedos dela em resposta, mas não disse nada. Talasyn cogitou convidar Sancia para jantar com eles, mas desistiu. Sempre que Alaric retornava do Continente, estava exausto, sempre perigosamente perto de se trancar com Talasyn e Hiraya, dando ordens estritas para que ninguém mais os incomodasse sob pena de morte. Ele não estava em condições de lidar com a mãe e com a culpa e as recriminações remanescentes naquela noite. Haveria tempo suficiente, no mês seguinte, para continuar o trabalho de curar velhas feridas.

Hiraya cutucou o maxilar de Alaric, forçando-o a prestar atenção nela enquanto contava sobre a nova espada de madeira que ganhara. Talasyn os observava de soslaio, com a mesma sensação de deslumbramento de costume.

Ela não estava preparada para a facilidade com que Alaric se adaptaria à paternidade. Ele estivera tão ansioso e inseguro durante a gravidez dela, embora tentasse esconder, mantendo uma fachada forte e solidária por ela, enquanto ela lutava contra os enjoos matinais, uma barriga do tamanho de uma casa e desejos estranhos em horas impróprias. Mas ela percebia as dúvidas dele da mesma forma que ele percebia as dela, e muitas noites longas foram passadas apenas deitados na cama, conversando sobre tudo, com a mão dele em seu ventre, possessiva e protetora, mesmo que ele estivesse com medo.

E então Hiraya nasceu, e foi como se tivessem apertado um interruptor.

Talasyn jamais esqueceria a expressão no rosto do marido quando ele segurou a bebê borbulhante pela primeira vez — tanto amor, do tipo avassalador que o medo sequer poderia sonhar em igualar. Desde o início, ele teve o dom de acalmar Hiraya nas raras ocasiões em que ela estava inquieta, e interrompia imediatamente todos os deveres imperiais quando ela queria brincar. A pequena Lachis'ka era absolutamente paparicada pelo pai.

Hiraya também tinha Elagbi na palma da mão. O príncipe do Domínio entrou na sala de jantar no meio do prato principal e foi imediatamente até ela, beijando o topo de sua cabeça enquanto a menina fazia o possível para se esgueirar da cadeira e se aconchegar nele.

"Deixe seu avô comer primeiro, querida", disse Talasyn, porque *alguém* precisava ser a figura disciplinadora naquela casa, e tanto Alaric quanto Elagbi provavelmente cairiam para trás se tivessem que negar qualquer coisa a Hiraya. "Ele acabou de chegar da inspeção dos regimentos. Deve estar faminto."

Hiraya torceu o nariz para a mãe, mas obedientemente voltou a usar seu bolo de arroz comido pela metade como colher para sua sopa de feijão-mungo.

Elagbi riu ao se sentar. "Ela está ficando tão grande", comentou com carinho. "Parece que foi ontem que Sua Majestade estava abrindo um buraco no chão de tanto andar de um lado para o outro do lado de fora da sala de parto."

Alaric ergueu uma sobrancelha para o sogro. "Sua Alteza estava andando logo ao meu lado, se bem me lembro."

"Ah, mas *eu*" — Elagbi abanou o dedo — "*não* fui expulso da sala por chamar o curandeiro responsável de charlatão."

"Não, de fato. Só tivemos que convocar *outro* curandeiro porque você quase desmaiou de estresse."

Talasyn revirou os olhos. "Sinceramente, vocês dois foram tão absurdos naquele dia. Não foi para tanto."

Os homens se voltaram para ela com expressões igualmente incrédulas.

"Você ameaçou me jogar na masmorra se eu ousasse tocar em você novamente", Alaric a lembrou.

"Tenho certeza de que não fiz tal coisa", ela disse, primorosamente.

Os cantos dos olhos cinzentos dele se franziram. Ele buscou a mão dela sob a mesa, deslizando o polegar nu sobre os nós dos dedos em uma carícia afetuosa. "Fez sim."

Do outro lado de Talasyn, Hiraya puxou sua manga, manchando o tecido delicado com os dedos sujos de sopa. "Inang, o que é uma masmorra?" Ela pronunciou cuidadosamente a palavra desconhecida em Comum de Marinheiro. "Eu posso ter uma?"

Após o jantar, retiraram-se para o salão dos Zahiya-lachis para desfrutar de canecas fumegantes de chocolate quente doce. Quando a hora ficou tardia, a babá chegou para colocar Hiraya na cama e Elagbi saiu com elas, reprimindo um bocejo.

Não podia ter sido em melhor hora, pensou Talasyn, pois ela e Alaric estavam achando cada vez mais difícil manter as mãos longe um do outro conforme a noite avançava.

Afinal, *fazia* quase um mês. Também não houvera eclipses durante esse período.

No entanto, assim que ficaram sozinhos, tornou-se evidente que sexo *não* era a primeira coisa na mente de Alaric. "Meu amor", disse ele, virando-se para Talasyn enquanto estavam aninhados no sofá, "por acaso escapou ao seu conhecimento que você tem toda a Huktera à sua disposição? O objetivo *disso* é justamente para que você possa evitar correr para cada pequena escaramuça."

Certo. Os caçadores furtivos. Antigamente, Talasyn teria se irritado com a insinuação de que não conseguiria se manter em combate, mas a testa franzida de preocupação no rosto de Alaric era dilacerante, assim como o fato de ele ter esperado até que a filha estivesse fora de alcance para arriscar a possibilidade de uma discussão. Aquilo era algo que haviam acordado logo no início: nunca brigar quando Hiraya estivesse por perto.

"Passei o último mês em cerimônias de posse e reuniões", explicou Talasyn enquanto começava a desabotoar a frente da túnica de Alaric. "Então espero que possa me perdoar por precisar de um pouco de ação — especialmente porque você não estava por perto para governar meus impulsos mais baixos."

Ela o empurrou para trás, deslizando a palma da mão pelo peito dele, montando em sua coxa grossa enquanto beijava lentamente o caminho descendo por seu pescoço. Um músculo saltou em sua mandíbula mesmo enquanto ele desatava com destreza as fitas que seguravam o vestido dela. "Apenas tome cuidado, certo?", ele murmurou.

"Sempre." Ela sugou a pele em seu peitoral, deixando uma marca, e depois outra e outra, deliciando-se com cada arquejo de respiração que conseguia arrancar dele. "Mas você também tem que tomar cuidado."

"Claro." Ele deslizou as mangas do corpete solto dela pelos braços e então foi ela quem passou a ser beijada, os lábios dele traçando um caminho conhecido da garganta ao côncavo das clavículas, até a curva de seu ombro. "Eu sempre voltarei para casa, para você e para a Hiraya."

O nome significava *filha dos meus sonhos* na língua de Nenavar. Desde o momento em que veio ao mundo, nunca houve qualquer dúvida de que Hiraya seria amada. O coração de Talasyn palpitou; o beijo seguinte que ela deu ao

marido foi dolorosamente doce.

Alaric murmurou sua aprovação, os toques leves e provocantes de seus dedos induzindo preguiçosamente os mamilos dela a se tornarem picos rígidos. Os joelhos de Talasyn afundaram no estofado enquanto ela esfregava seu centro úmido, envolto em seda, na coxa musculosa dele, buscando a fonte de fricção mais próxima. Ela permitiu que o instinto guiasse seus movimentos, com as mãos apoiadas nos ombros largos de Alaric para manter o equilíbrio. Havia uma certa decadência ilícita naquilo, com a túnica dele aberta na frente, revelando um peito esculpido marcado por suas mordidas de amor, com o corpete dela amassado e caído na cintura, com a luz do lampião oscilando sobre eles em véus dourados. Logo ela estava corada e ofegante, molhando as calças dele, e ele estava de boca aberta, encarando-a como se ela fosse cada estrela que já existiu.

"Se Kesath e o Domínio soubessem as coisas que fazemos um com o outro", ele disse com a voz rouca. "Se eles pudessem apenas ver você agora".

Ela adorava esse lado dele, esse traço mais sombrio que alimentava o dela. Era apenas nesses momentos que Alunsina Ivralis podia se permitir embriagar-se de poder e supremacia, segura no conhecimento de que o Imperador da Noite estaria esperando por ela ao final. Ele inclinou a cabeça para tomar um seio na boca, e sugou, mordeu e lambeu até que ela desabasse em um soluço, a coluna arqueando-se em um êxtase requintado.

Talasyn teve pouca oportunidade de se recuperar. Alaric a puxou totalmente para o colo, de costas para ele enquanto estava sentado no sofá. As mãos dele desapareceram sob as saias dela e rasgaram sua roupa íntima, e ela ficou rígida ao ouvir o som revelador da seda rasgando-se ao meio.

"Alaric!" ela exclamou. "É a terceira vez este ano—*oh*—" Sua repreensão dissolveu-se em um grito quando ele se embainhou dentro dela, o comprimento espesso e quente dele dilatando suas paredes internas.

"Daria para pensar que os nenavarenos, com toda a sua engenhosidade, seriam capazes de projetar roupas íntimas que resistissem a maridos impacientes", ele provocou, distribuindo beijos na nuca dela, enquanto seus dedos largos se enterravam em seus quadris. "Pensei nisso o mês inteiro, Tala." Ele soltou um gemido sufocado, empurrando-se ainda mais fundo nela. Tão fundo que os dedos dos pés dela se contraíram. "Nunca mais", prometeu ferozmente. "Vamos coordenar melhor nossas agendas da próxima vez. Não posso ficar longe de você por tanto tempo novamente."

"Não pense mais nisso." Ela esticou o pescoço para dar um beijo desajeitado nos lábios dele. "Acabou. Você está em casa. E quando eu governar na Cidadela, também estarei em casa — porque estarei com você."

Deuses, talvez *ela* fosse a sentimental nesse casamento, afinal. Mas ela não

achava que se importasse, não enquanto ele estremecia dentro dela ao ouvir aquelas palavras. Ele enterrou o rosto na curva do pescoço dela, o nome dela escapando de seus lábios enquanto ele gozava dentro dela, os dedos deslizando lubrificados por onde estavam unidos para levá-la a um último ápice.

E então eles desmoronaram juntos no sofá, em meio à luz do abajur, beijos preguiçosos e sorrisos sonolentos, enquanto ambos mergulhavam no torpor do pós-prazer.

Os raios ferozes do sol implacável do verão de Nenavar invadiram as janelas, banhando o rosto de Alaric em um calor melado. Ele piscou grogue para a tapeçaria de estrelas e dragões que decorava o dossel de seda sobre a cama, refletindo que era um milagre ele e Talasyn terem conseguido tropeçar até seus aposentos na noite anterior. Ele estivera exausto, mas havia uma lembrança vaga da porta rangendo ao abrir muito depois de sua cabeça ter atingido o travesseiro, seguida pelo cecear infantil de Hiraya exigindo que ele se movesse...

O mundo desperto lentamente retornou aos seus sentidos. Ele olhou para baixo. Sim, lá estava ela, sua filha de três anos, enroladinha sobre ele como um pãozinho, em sono profundo e soltando rios de baba em seu peito nu. Ele tentou levantar o braço para abraçá-la — apenas para perceber que tal braço estava sendo usado no momento como travesseiro por Talasyn, que estava de costas para ele, mas definitivamente *também* babando.

Alaric sorriu, fechando os olhos mais uma vez enquanto virava a cabeça para, cegamente e sonolento, aninhar-se nos cabelos de Talasyn. Ele não se importaria de ficar ali para sempre com suas duas meninas.

Meia hora depois, o grito gutural de uma magia familiar perfurou a bruma idílica da manhã. Era um som que trovejava nos ouvidos de Alaric e ecoava em seu próprio coração, vasto e reverberante. Ele e Talasyn sentaram-se abruptamente ao mesmo tempo, com reflexos moldados pela guerra, vasculhando o quarto em busca da fonte daquele novo perigo —

Hiraya estava sentada de pernas cruzadas no chão. Seus olhos brilhavam com uma luz prateada enquanto ela estendia as mãos à frente; o Shadowgate era um disco indistinto de fumaça negra aninhado em suas palmas minúsculas. Ela parecia assustada — e com medo. Lançou um olhar desamparado aos pais antes de se voltar para o que havia convocado, encarando a coisa como se segurasse uma serpente venenosa prestes a atacar.

Havia um grito preso na garganta de Alaric. Uma negação que tinha o gosto cortante do desespero. Seu pai e seu avô — cópias espelhadas um do outro, e dele — sorriam em triunfo, a um oceano de distância e anos atrás.

O menino é Forjado nas Sombras. E manifestar-se tão jovem, ainda por

cima — estou satisfeito. Nossa dinastia sobrevive.

Nós o criaremos para ser mais forte que os demais, meu filho. Você será a espada da nação. Seu escudo.

Seu treinamento começa hoje.

Alaric observou tinta e éter pingarem das mãos da filha, enquanto tremores violentos o sacudiam. Não isso. Qualquer coisa, menos esse destino miserável para sua criança doce e inocente, condenada a sofrer os caprichos brutais de um progenitor como ele — alguém que aprendera a ser pai com Gaheris Ossinast.

"Amado." Talasyn pousou a mão no ombro de Alaric. Sua voz, baixa em seu ouvido, começou a abafar as lembranças. A expressão em seu rosto era suave como o amanhecer. "Hiraya precisa de você. Você é o único que pode guiá-la através disso." Seus lábios se curvaram, em uma tentativa de humor irônico para mascarar a tensão. Para mantê-lo calmo. "Preferencialmente antes que ela acidentalmente exploda um buraco no teto."

Alaric respirou pesadamente, com um suor frio escorrendo por sua têmpora. Ele saiu da cama cambaleante, com um corpo que parecia pesado demais para se mover — mas precisava, porque sua esposa assim desejava. Porque sua filha precisava dele. Ele caiu no chão, de mãos e joelhos, e rastejou para frente, seu mundo reduzido a Hiraya, que estava paralisada por medo e confusão, com sua magia das sombras oscilando instavelmente sob a claridade do sol tropical.

Com esta escuridão, você governará um dia.

"Você está indo muito bem, querida", disse Alaric com a voz rouca. Os olhos cintilantes de Hiraya dispararam para ele, o rosto pálido por trás da névoa trêmula em preto e prata. "Eu sei que é assustador. Eu sei." Ele parou a uma curta distância dela e ergueu as mãos; um segundo disco sombrio surgiu, desta vez em suas palmas. "Está tudo bem. Você é como eu, entende?"

Moldado à minha imagem, sussurrou seu pai. *O orgulho da Casa Ossinast.*

Hiraya olhou para as próprias mãos, depois para as dele, e vice-versa. Ela relaxou um pouco. Seu disco, que parecia correr o risco de explodir a qualquer segundo, estabilizou a forma. Tornou-se uma réplica quase perfeita do dele. Aquela demonstração de proeza o gelou até a medula.

Um prodígio. Nossa esperança para o futuro.

Com você, venceremos a guerra.

Alaric forçou um sorriso tranquilizador pelo bem da filha. "Isso é muito bom, Aya. Tudo ficará bem. Eu vou te ensinar. Iremos no seu próprio ritmo. Você não precisa fazer nada que não queira". Sua voz falhou. "Eu sempre estarei aqui".

Ele esperou que ela assentisse e então continuou. "Inspire. Lentamente... isso". Enquanto ela seguia suas instruções, ele a encorajava com o sorriso

intacto, pois todos deveriam sempre sorrir perto de Hiraya. Ela era a criança de seus sonhos. "Agora expire. Bom. E deixe ir".

Ele fechou os punhos sobre o disco e ele desapareceu. Ela fez o mesmo. Toda a escuridão sumiu do quarto. A luz prateada do espaço etéreo deixou gradualmente os olhos de Hiraya, até que voltassem ao castanho quente. Exatamente como os de sua mãe.

Alaric a pegou no colo e a apertou contra si, tropeçando de volta para a cama, onde a depositou no abraço de Talasyn. Hiraya fungou contra a frente da camisola de Talasyn, buscando em silêncio conforto. Alaric envolveu as duas com os braços, sentindo o terror se dissipar ao respirar os aromas familiares delas.

Talasyn beijou o topo da cabeça de Hiraya. "Você foi incrível". Ela se inclinou e beijou a bochecha cicatrizada de Alaric. "Vocês dois". Seus olhos estavam suspeitamente nublados, e Alaric não tinha certeza se os dele também não estavam úmidos.

Os três caíram de volta na cama, aninhando-se sob os cobertores para manter o resto do mundo afastado por mais um pouco. "Faremos o certo por ela", Talasyn murmurou para Alaric, acariciando suas costas, com Hiraya apertadinha entre eles. "Eu não sou Urduja. E você não é filho do seu pai".

Ele deixou que as palavras da esposa o envolvessem, transportando-o para algum lugar quente e seguro. Conforme a mão dela subia, ele virou a cabeça para pressionar um beijo na parte interna do pulso dela, fechando os olhos. Que dádiva era poder se permitir confiar em declarações como aquela. Acreditar que a guerra havia acabado. Deixar que o sol da manhã derretesse os fantasmas da noite.

"Você também tinha três anos quando sua aethermancy se manifestou", dizia a mãe dele, mais tarde naquela tarde. "Você estava chorando porque tinha tropeçado e ralado o joelho. Eu te peguei no colo e você lançou um raio de magia das sombras contra a parede. Me deu um susto terrível e eu quase te derrubei".

"Mas não derrubou", disse Alaric. "Eu lembro".

Ela lançou um olhar hesitante e esperançoso para ele do outro lado de uma mesa repleta de chás e doces. Era sempre estranho vê-la — tinha sido desde que se reencontraram durante as negociações de paz. Por tanto tempo, ela estivera congelada em suas memórias, sem envelhecer mesmo enquanto ele deixava a meninice para trás. Agora havia mechas grisalhas em seu cabelo e vincos nos cantos da boca — linhas de expressão, costumavam chamar. Ele esperava que, neste caso, não fosse mera força de expressão, que Sancia Elidan tivesse

conseguido encontrar alegria desde que escapara de Gaheris.

Uma brisa forte sacudiu as copas das árvores, e pétalas brancas choveram no bosque de plumerias atrás do palácio. Algumas ficaram presas no cabelo solto de Talasyn, emaranhando-se nas mechas castanhas como flocos de neve. Alaric automaticamente estendeu a mão para removê-las; só então notou que ela o encarava, com um olhar suave e sonhador.

"Você estava me imaginando como uma criança de três anos choramingando, não estava?", ele acusou.

Talasyn deu um sorriso sarcástico. "Você deve ter sido adorável."

"Ele era", Sancia confirmou, arrancando uma risada de Elagbi, que estava sentado ao lado dela.

A quinta ocupante da mesa, Khaede, que acabara de chegar de Sardóvia, parecia ter mordido uma ameixa azeda. Para ser justo, era a expressão que ela sempre usava perto de Alaric — quer estivessem batendo cabeça sobre a política internacional no Continente ou se tolerando em um chá da tarde como este em Nenavar —, mas ele tinha a sensação de que, hoje, aquilo tinha menos a ver com ele e mais com o que estava acontecendo a alguns metros da mesa.

Parado à sombra de uma plumeria, Sevraim contava uma história para as crianças. Hiraya olhava para ele, estudiosa e atenta, agarrando-se às suas pernas para se equilibrar; empoleirado em seus ombros estava Nisandros, o filho de cabelos cacheados e olhos cor de oceano de Khaede. Uma criança de seis anos era grande demais para ser carregada daquela maneira, mas Sevraim certa vez brincara com Nisandros que não se importaria de carregá-lo nas costas até que ambos fossem velhos decrépitos. O legionário parecia estar cumprindo sua palavra, permitindo indulgentemente que o menino usasse a altura extra para colher as vagens de sementes roxas que pendiam dos galhos mais baixos.

Talasyn confessara a Alaric que esse era o maior problema de Khaede ultimamente: o quanto seu filho era apegado a Sevraim. Os dois eram praticamente inseparáveis sempre que coincidiam no mesmo lugar. Khaede detestava aquilo, mas tomava cuidado para não deixar transparecer demais — para a criança, ao menos.

Sevraim chegou ao fim de seu conto com um floreio dramático. No silêncio que se seguiu, Hiraya puxou imperiosamente a perna de sua calça, franzindo a testa para ele.

"Deuses, essa carranca", disse Sevraim com um calafrio. "É exatamente a mesma que—" Ele interrompeu a fala, lançando um olhar furtivo na direção de Alaric. Então, piscou para Hiraya. "Mais uma história, Lachis’ka? Mas claro. Devo narrar outro clássico kesathese — a lenda do tigre branco ferido, talvez? Ou há qualquer outra coisa que desperte sua curiosidade?"

Enquanto Hiraya ponderava suas opções, Nisandros tentou enfiar uma vagem de sementes na boca de Sevraim, gargalhando de alegria quando o legionário fingiu mastigá-la.

"Ele realmente se dá muito bem com as crianças, não é?", comentou Talasyn para Alaric.

"Por que não se daria?" Alaric repousou o braço no encosto da cadeira dela. "Elas são as únicas que não mandam ele calar a boca."

Ela abafou um riso no ombro dele. A leveza em seu coração era quase aterrorizante, precisamente por ter surgido de forma tão natural.

"Não seja tímida, Vossa Graça", incentivou Sevraim a Hiraya. "Contarei qualquer história que desejar. Estou completamente aos seus serviços."

Era imperceptível, exceto para quem a conhecia bem, mas as feições de Hiraya iluminaram-se de interesse. "Como meus pais se conheceram?", ela perguntou a Sevraim. "Foi amor à primeira vista?"

"Mudei de ideia." Sevraim segurou os joelhos de Nisandros, travando-os firmemente em volta de seu pescoço. "É hora de fugir."

Ele desapareceu depths no bosque de plumerias em velocidade máxima, com Nisandros gritando de alegria em suas costas. Hiraya piscou e, então, saiu trotando atrás deles.

"Não tropece, Lachis'ka! Por favor!" veio a voz desincorporada de Sevraim, repleta de alarme. "Não ouse sofrer nem um arranhão, ou seu pai vai querer a minha cabeça..."

Sevraim, Hiraya e Nisandros eventualmente encontraram o caminho de volta para a mesa de chá, rindo, sem fôlego e com o rosto corado pelo sol. Mais uma hora se passou em conversas triviais, até que Talasyn se desculpou para ir à consulta que havia agendado com os curandeiros do palácio — um check-up de rotina, ela fez questão de assegurar a todos.

Khaede, porém, quis falar com ela antes que fosse para a enfermaria. As duas mulheres se afastaram do grupo, aproximando-se da borda dos penhascos de calcário que davam vista para Eskaya.

"Sobre o seu convite — a Amirante envia seus cumprimentos e lamenta a ausência", disse Khaede. "Ela está com as mãos cheias supervisionando o desarmamento. Mas ela me pediu para lhe desejar um feliz aniversário."

Talasyn não ficou tão surpresa assim. Em vez de desmontar completamente as estruturas, as duas nações do Continente decidiram converter os navios-tempestade em moradias comunitárias para aqueles que haviam sido deslocados pela guerra. Era sempre um período frenético para Sardóvia e Kesath sempre que um novo lote das grandes embarcações passava pelo processo, razão pela qual

Alaric estivera fora por tanto tempo.

No entanto, Talasyn duvidava que Ideth Vela tivesse comparecido à sua celebração de aniversário mesmo que tal projeto não existisse. Ela enviara aquele convite por cortesia, como fazia todo ano, mas não havia como negar o fato de que sua relação com Vela mudara desde o dia em que os canhões do Domínio giraram para mirar na frota sardoviana.

Talasyn sentiu uma pontada de tristeza, mas nem um único arrependimento. Faria tudo de novo.

"Acho que a Vela só precisa de um pouco mais de tempo", disse Khaede lentamente, como se surpresa com as próprias palavras. "Este foi o melhor resultado após tanta luta. Ela sabe disso tanto quanto eu. Estávamos todos tão consumidos em vencer a guerra que não consideramos o que viria depois. Esquecemos como era a paz. E agora estamos no depois, e ela pode realmente durar. Então..."

Khaede deixou a frase morrer. Havia uma cidade inteira espalhada abaixo dela, gloriosa e cintilante, a joia do arquipélago, mas ela só tinha olhos para a mesa de chá sob as árvores branco-neve, onde Nisandros conversava animadamente com Sevraim, que ocasionalmente estendia a mão para bagunçar o cabelo do menino.

"Haverá sempre uma parte de mim que clamará por vingança", disse Khaede. "Mas não quero que meu filho viva assim." Seu olhar deslocou-se para mais acima na mesa, e Talasyn percebeu que ela agora olhava para Alaric, que tinha Hiraya aninhada em seu colo. "E sua filha é realmente fofa. Mas —" Ela soltou um suspiro indignado. "O pai dela é um *tremendo* babaca, Tal."

Já era natural para Talasyn sair em defesa do marido. "Ele está melhorando."

"Suponho que sim", resmungou Khaede. "Ultimamente, ele tem se limitado a três comentários sarcásticos por reunião. O que dizem por aí é que a esposa e a filha o mantêm feliz."

Talasyn não conseguiu se conter. Ela sorriu. Khaede pareceu vagamente enjoada.

"Às vezes eu me preocupo", disse Khaede. "Ele pode não ser um tirano como aqueles que governaram antes dele, mas quanto disso se deve ao fato de ele ter mudado genuinamente seus princípios? Ou ele apenas quer manter você ao lado dele? O que acontecerá se chegar o dia em que você não estiver mais ao seu lado?"

Talasyn ficou em silêncio por um momento, refletindo sobre a questão. Era algo que ela mesma já havia se perguntado algumas vezes. O vento aumentou, trazendo indícios do frio noturno. Ela observou Alaric inclinar-se sobre a mesa

de chá em direção a Sancia.

"Está com frio?" Talasyn ouviu o som suave da voz dele. "Quer que eu peça para trazerem um xale para você?"

"Isso não é nada comparado às temperaturas de Valisante", respondeu a mãe dele com uma risada sem graça. "Estou bem."

Ele continuou como se não a tivesse ouvido. "Talvez devêssemos entrar."

Ah, um coração como esse... O próprio coração de Talasyn revirou-se com uma dor afetuosa. Se Alaric podia mudar para melhor, então ela poderia mudar um pouquinho para pior e dar o tipo de resposta que Khaede não queria ouvir.

"Se Sua Majestade está fazendo tudo isso puramente por minha causa", disse Talasyn, "isso significa que ele me escolhe. Acima de suas crenças, de seu dever, de seus deuses." O sol estava em seus olhos, o horizonte estendendo-se ao infinito sob seus pés. "E eu também o escolho. Por todos os meus dias."

A atmosfera aconchegante e relaxada do chá fazia as plumerias brilharem ainda mais, e Talasyn mal podia esperar para voltar a ela. Mas primeiro, as prioridades; o cheiro dos tamarindos secos servidos no café da manhã a deixara enjoada de uma maneira familiar, então ela precisava ter certeza de algo.

Após o término da consulta com os curandeiros, ela saiu apressada da enfermaria, com a total intenção de se juntar aos outros no bosque imediatamente. No entanto, antes mesmo de chegar à metade do caminho, ela encontrou Alaric na passagem que levava ao exterior — um corredor ornamentado de pilastras de alabastro e tapeçarias com fios de ouro, sobre o qual pendia um lustre feito de fragmentos de vidro etéreamente finos que tilintavam agradavelmente a cada brisa leve.

Talasyn parou bruscamente, cada centímetro de seu corpo vibrando com a boa notícia. Alaric aproximou-se dela, a testa pálida franzida de preocupação.

"Você demorou. O que precisava tratar com os curandeiros?" Ele a estudou com uma intensidade pensativa e ardente. "Você está bem?"

"Estou bem." Ela entrelaçou os dedos deles, sorrindo para ele enquanto colocava as mãos unidas sobre a barriga. "Na verdade — *ambos* estamos."

Era hipnotizante o jogo de emoções que oscilou em suas belas feições em questão de segundos. Confusão a princípio, seguida por uma compreensão que despertava gradualmente, seus olhos cinzentos arregalando-se e, então, uma descrença atordoada que nunca desapareceu completamente. Mesmo quando foi eclipsada por uma espécie de felicidade atordoada que fez os anos sumirem de seu rosto.

"Mais um—" Alaric caiu de joelhos ali mesmo, no meio do salão dourado, cobrindo o ventre de Talasyn com beijos reverentes enquanto ela acariciava seus

cabelos.

"Você está feliz?", Talasyn se viu perguntando. Sentiu a necessidade de que tudo fosse colocado em palavras.

Ele olhou para ela e lá estava, aquele sorriso torto e raro que sempre a deixava sem fôlego. "A única maneira de eu ser mais feliz seria se você parasse de roubar todo o cobertor, e mesmo assim sentiria falta de ter uma desculpa para tocar você ao tomá-lo de volta", ele respondeu. "O que é uma maneira bem indireta de dizer que você detém meu coração para sempre e que não desejo mais nada."

Alaric levantou-se e ergueu Talasyn em um abraço apertado. A luz do sol refletiu no lustre acima, espalhando fragmentos de ouro por todo o salão, sobre os corpos de ambos. A mente dela era um turbilhão de um presente brilhante e futuros ainda mais radiantes enquanto envolvia o marido com os braços.

"Sim, mais um que algum dia também exigirá uma explicação de como você e eu nos conhecemos", ela refletiu. "Quantas milhas você acha que ainda restam em Sevraim?"

Alaric riu suavemente, roçando o nariz na têmpora dela. "Nossos filhos aprenderão e compreenderão a verdade quando estarem prontos, Imperatriz." Ele beijou a ponta do nariz dela. "E há uma coisa que eu mais desejo contar a eles."

"O quê?"

A boca sorridente dele desceu. As pálpebras de Talasyn pesaram; tudo o que ela via era a claridade do dia enquanto Alaric sussurrava as próximas palavras contra seus lábios.

"Alguém me amou", disse ele. "Foi assim que sobrevivi à guerra."

Agradecimentos

É preciso de toda uma rede de apoio para concluir uma série, e tenho a sorte de que a minha seja composta pela melhor equipe editorial que alguém poderia desejar. À minha incrível editora, Julia Elliott, e sua incansável assistente editorial, Isabella Ogbolumani; às profissionais de marketing Samantha Larrabee e DJ DeSmyter; à assessora de imprensa Danielle Bartlett; à editora de produção Jeanie Lee; à gerente de produção Robin Barletta; aos diretores de capa Richard Aquan e Kerry Rubenstein; à revisora Linda Sawicki; e a Kate Falkoff e Gillian Wise, que cuidam dos direitos autorais como verdadeiras campeãs — conseguimos!!!

É claro que a trilogia Hurricane Wars jamais teria visto a luz do dia se não fosse pela minha agente, Thao Le, e por todas as outras pessoas incríveis da Sandra Dijkstra Literary Agency. Mal posso esperar para ver onde chegaremos a seguir.

Já disse isso tantas vezes, e nunca me cansarei de repetir: foi verdadeiramente uma bênção e uma honra colaborar com a artista de capa Kelly Chong e a ilustradora Virginia Allyn. Serei eternamente grata a vocês duas por darem vida ao meu mundo com suas artes deslumbrantes!

Ao longo da escrita destes livros, tive tantas pessoas torcendo por mim — pessoas para quem enviei trechos ora angustiantes, ora picantes, e com quem vivi aventuras inesquecíveis ao redor do mundo, e que me mantiveram firme com seus memes, lágrimas e apoio inabalável. Pessoas que tenho orgulho e honra de chamar de amigos. Aos meus amados: Torrey; Chloe Hoskyn e seu incentivador número um, Jason; Lydia, Briar; Suchi; Jireh Silva; Nicole Rodrigues Galdo; Mikayla; e Louisse Ang — o fato de mantermos as luvas nos trouxe para perto, e nem mesmo tirá-las poderia nos separar.

Finalmente, à comunidade literária em geral — bibliotecários, livreiros, blogueiros, leitores, criadores — agradeço do fundo do meu coração por acolherem a mim e à minha primeira trilogia tão calorosamente. Ainda tenho inúmeras histórias dentro de mim, e é graças a todos vocês que poderei continuar contando-as.

Sobre a Autora

THEA GUANZON é a autora de best-sellers internacionais e do *New York Times* da série Hurricane Wars. Ela é bacharel em estudos internacionais, com especialização em política internacional e estudos de paz. Além de escritora, é uma viajante ávida, uma fangirl entusiasta, mestre de masmorra e viciada em café gelado. Nascida e criada nas Filipinas, reside atualmente em Metro Manila.

Descubra ótimos autores, ofertas exclusivas e muito mais em hc.com.

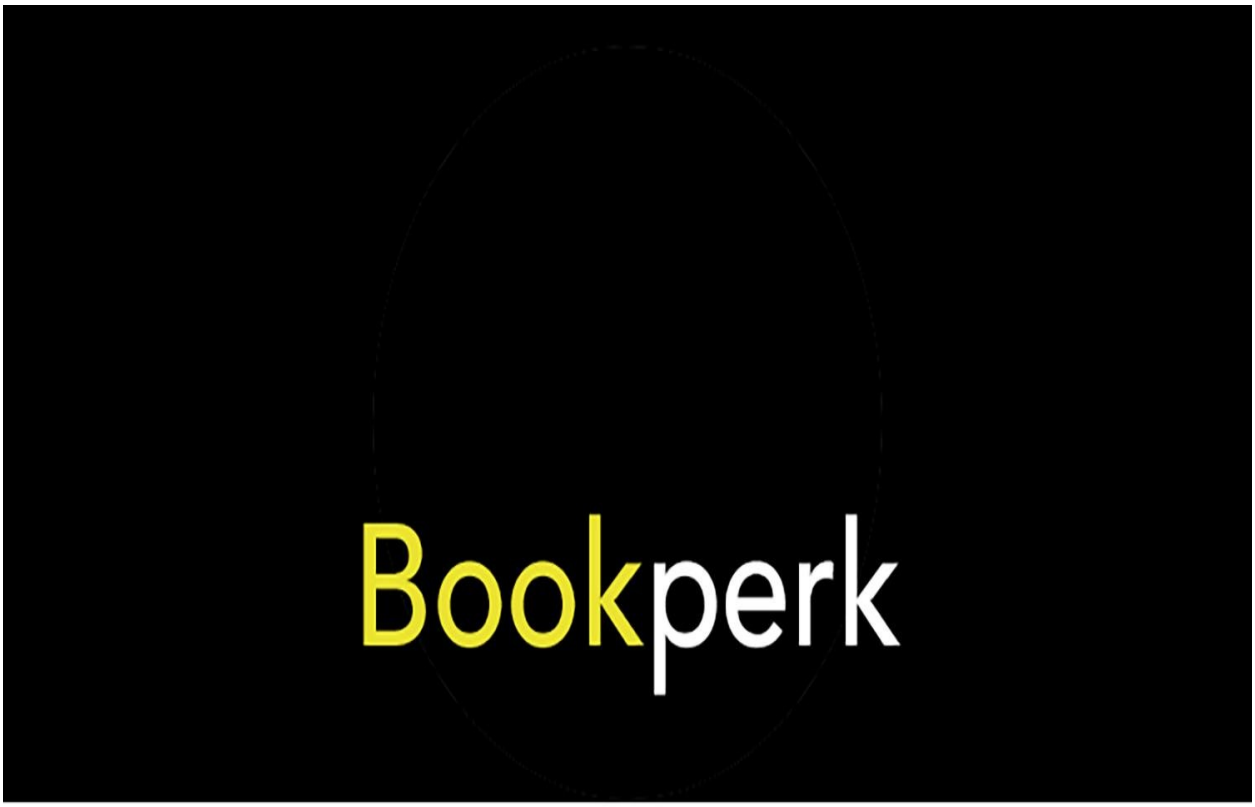
Livros de Thea Guanzon

Série Guerras do Furacão

As Guerras do Furacão
A Ascensão da Monção
Esta Tempestade Estilhaçada

Outros Livros

Tusk Love (Critical Role)
From a Certain Point of View: Return of the Jedi (antologia)



Sign up for Bookperk and get e-book bargains, sneak peeks, special offers, and more—delivered straight to your inbox.

SIGN UP NOW

Copyright

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são frutos da imaginação da autora ou são usados ficticiamente, não devendo ser interpretados como reais. Qualquer semelhança com eventos, locais, organizações ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

ESTA TEMPESTADE ESTILHAÇADA. Copyright © 2026 por Thea Guanzon. Todos os direitos reservados sob as Convenções Internacionais e Pan-Americanas de Copyright. Mediante o pagamento das taxas exigidas, foi-lhe concedido o direito não exclusivo e intransferível de acessar e ler o texto deste e-book na tela. Nenhuma parte deste texto pode ser reproduzida, transmitida, baixada, descompilada, submetida a engenharia reversa ou armazenada ou introduzida em qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, de qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, conhecido agora ou inventado posteriormente, sem a permissão expressa por escrito da HarperCollins e-books.

Sem limitar os direitos exclusivos de qualquer autor, colaborador ou da editora desta publicação, qualquer uso não autorizado desta publicação para treinar tecnologias de inteligência artificial (IA) generativa é expressamente proibido. A HarperCollins também exerce seus direitos sob o Artigo 4(3) da Diretiva do Mercado Único Digital 2019/790 e reserva expressamente esta publicação da exceção de mineração de texto e dados.

Harper Voyager e seu design são marcas registradas da HarperCollins Publishers LLC.

hc.com

PRIMEIRA EDIÇÃO

Design e ilustração da capa por Kelly Chong
Ilustração do mapa e artes de abertura de partes e capítulos por Virginia Allyn

Edição Digital OUTUBRO DE 2026 ISBN: 978-0-06-327737-3
Versão 07162026
ISBN Impresso: 978-0-06-327735-9

Sobre a Editora

Austrália
HarperCollins Publishers Australia Pty. Ltd.
Level 13, 201 Elizabeth Street
Sydney, NSW 2000, Austrália
www.harpercollins.com.au

Canadá
HarperCollins Publishers Ltd.
Harlequin Enterprises ULC
www.harlequin.com
Bay Adelaide Centre, East Tower
22 Adelaide Street West, 41st Floor
Toronto, Ontário, M5H 4E3
www.harpercollins.ca

Índia
HarperCollins Publishers India
4º Andar, Torre A, Edifício Nº 10, DLF Cyber City,
DLF Phase II, Gurugram, Haryana - 122002
www.harpercollins.co.in

Irlanda
HarperCollins Publishers
Macken House,
39/40 Mayor Street Upper,
Dublin 1, D01 C9W8, Irlanda
www.harpercollins.co.uk

Nova Zelândia
HarperCollins Publishers New Zealand
Unidade D1, 63 Apollo Drive

Rosedale 0632
Auckland, Nova Zelândia
www.harpercollins.co.nz

Reino Unido
HarperCollins Publishers Ltd.
1 London Bridge Street
Londres SE1 9GF, Reino Unido
www.harpercollins.co.uk

Estados Unidos
HarperCollins Publishers Inc.
195 Broadway
Nova York, NY 10007
www.harpercollins.com